

TRILOGIA O TERAPEUTA | LIVRO I

*6 milhões de leituras online*

# O TERAPEUTA

CONTE-ME SEUS SEGREDOS

VALENTINA K. MICHAEL



PERIGOSAS

# O Terapeuta

CONTE-ME SEUS SEGREDOS

LIVRO 01

VALENTINA K. MICHAEL

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2017 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

**Revisão:** Bianca Ferreira

**Capa:** Murilo Guerra

**Diagramação Digital:** Valentina K. Michael

1º Edição – Ficção, romance

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte

dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS

Edição Digital | Criado no Brasil.

NACIONAIS - ACHERON

# Sumário

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

# PERIGOSAS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

NACIONAIS - ACHERON



TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

QUARENTA E NOVE

CINQUENTA

CINQUENTA E UM

CINQUENTA E DOIS

CINQUENTA E TRÊS

CINQUENTA E QUATRO

CINQUENTA E CINCO

CINQUENTA E SEIS

EPÍLOGO



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# 10 REGRAS DO CONSULTÓRIO

## Sawyer Graham - terapeuta sexual

Meu consultório é como uma fábrica: há regras a serem seguidas, funciona como engrenagens e não posso desviar um milímetro ou tudo pode sair errado. Naturalmente minhas pacientes recebem uma lista detalhada com 30 regras que devem seguir. Dessas, vou mostrar 10, as mais importantes.

**1ª Regra:** Nunca atendo homens. Minhas técnicas de tratamento são peculiares, portanto, apenas mulheres como pacientes.

**2ª Regra:** Elas são analisadas por mim mesmo. É como uma entrevista, elas, no divã, e eu, na poltrona. Inicialmente como um terapeuta qualquer, afinal preciso saber a gravidade dos problemas, até porque preciso saber em quem e como vou meter meu pau.

**3ª Regra:** Elas assinam um termo de que estão cientes de tudo o que vai acontecer lá. Não quero ninguém me processando. Segundo esse documento, elas se comprometem a obedecer minhas indicações médicas e a vir em todas as sessões que eu prescrever.

**4ª Regra:** A última sessão é teórica para que eu faça uma conclusão do atendimento. Dou algumas dicas sobre: como tomar repositor hormonal; contos eróticos; como renovar a cada dia sem medo ou constrangimento. Fantasiar nunca é demais, faz bem para a saúde mental e corporal.

**5ª Regra:** A primeira sessão sempre é grátis e nunca levei um calote, elas voltam depois. Os valores são definidos assim: começam a aumentar a

partir da segunda sessão e vão subindo gradativamente. Na última, elas pagam uma fortuna, o que compensa a primeira grátis. Cretino malandro, não? Pois é. Não é fácil manter uma posição legal no ranking da *Forbes*. Preciso obter meu lucro de alguém, certo?

**6ª Regra:** Não atendo mais de duas por dia. É simples e básico. Eu transo com elas, então preciso reservar energia para comer alguém por fora. Ou vocês acham que minha vida sexual se resume só ao consultório? Não sejam inocentes.

**7ª Regra:** Não atendo as mesmas pacientes duas vezes. Terminaram as sessões prescritas? Fora, rua. Você é desconhecida para mim. E isso está no termo que assinam. Se voltarem a me procurar, posso pedir uma ordem de restrição e elas têm que pagar uma indenização por quebra de contrato. Não é maldade, é prevenção. Sou famoso e preciso de privacidade.

**8ª Regra:** Não transo com ninguém no consultório. Com certeza pensam que há sexo no

divã. Não. A parte em que eu ouço e analiso é mínima. Durante todo o resto do tratamento eu fodo. Então preciso de um espaço. Há uma porta no meu consultório que leva ao meu estúdio.

É como um ambiente cinematográfico. Tem compartimentos e cada compartimento simula um ambiente. Há quartos de casal, cozinha, sala de massagem, quarto dos espelhos, sala de bondage e, inclusive, um consultório falso com um divã. Nesse sim há sexo.

Por que isso? Porque eu sempre faço com que elas fantasiem. Não adianta tirar o pau para fora e começar. Preciso excitar a mente, fazer com que elas tenham foco e peguem isso como experiência. Uma mulher precisa ser estimulada para ficar com tesão e então transar. Por isso os compartimentos são personalizados.

**9ª Regra:** Elas não podem comentar sobre as sessões com parceiros (maridos e namorados) ou qualquer pessoa próxima da família. Isso para o bem delas principalmente. Até hoje nunca fui confrontado por um namorado ciumento.

**10ª Regra:** Nada de gestos afetuosos. Eu jamais beijo minhas pacientes. Beijo é sinal de intimidade e carinho. Estamos aqui trabalhando para curar um problema sexual e não fazendo amor.

Nada de abraços depois do sexo ou dormir juntos abraçadinhos. Nem lá fora eu gosto de dormir com uma pessoa agarrada ao meu corpo, imagine aqui dentro.

E se eu perceber qualquer sinal maior de proximidade da paciente, posso interromper as sessões por motivos justos e profissionais.

O resto vocês acompanharão agora.

Que comece a terapia.

# PRÓLOGO

Sob olhos atentos, passo a mão por meu peito suado e pego minha calça no chão. Mantenho-me de costas para a mulher que me encara, sentada, ofegante e provavelmente dolorida entre as pernas. Visto a calça, totalmente indiferente aos pensamentos dela que são visíveis em seu olhar.

Essa é a parte boa: não preciso ouvir ou falar depois do sexo. Não tenho que me preocupar em ligar no dia seguinte ou pensar em uma possível perseguição de uma mulher obcecada. Ou elas aceitam que seja dessa forma ou caem fora para deixar a fila da lista de espera andar. Sim, eu tenho uma lista de espera com mulheres que querem ser "curadas".

— Vista-se. Estarei esperando você no consultório — digo, seco. Não de modo rude, mas deixando explícita a distância quilométrica que existe entre nós dois, em questão pessoal.

Ajeito meu pau ainda meio duro dentro da cueca e fecho o zíper. Pego minha camisa e olho para a deslumbrante morena sentada se cobrindo

NACIONAIS - ACHERON



com seu vestido. Ela move os lábios como se fosse dizer algo, mas os fecha imediatamente. Os olhos meio tensos.

Nina Gold é uma atriz famosa, casada com um cineasta também famoso, que veio ao meu consultório dizendo que não conseguia mais sentir prazer com sexo comum na cama, com o marido dela. Ela estava obcecada por assuntos sexuais de cunho mais elevado, como BDSM e ménage, após ler um livro sobre o assunto. Meu dever era ajudá-la a saborear um sexo normal, casual.

É de se espantar o número de mulheres que tem problemas sexuais, e a terapia simples não está mais surtindo efeito em muitas delas.

Mantenho o rosto inescrutável e ela abaixa os olhos, sabendo exatamente o que tem que fazer. Quando desce da poltrona na qual fizemos sexo, eu saio do cômodo.

Minutos depois, enquanto ouço Eva, minha secretária, listando meus afazeres do dia, a morena sai parecendo revigorada.

Escrevo rápido na ficha de acompanhamento e entrego a ela. Espero que Eva saia para dizer:

— Sra. Gold, sua próxima e última consulta é daqui a três dias. Será uma consulta teórica, acho que já ensinei o bastante na prática. — Pareço frio e distante. Ela enrijece visivelmente e dá um passo à frente para pegar o cartão.

Seus olhos estão meio arregalados e eu diria que com um pingão de desespero.

— Dr. Graham... A gente podia negociar mais duas ou três sessões... pago o que for necessário...

Aprecio sua coragem de me propor isso. Ela entrou aqui sabendo de todas as restrições e como meu consultório funciona. Nada de colher de chá. Se ela tivesse me agradado, eu teria proposto o acréscimo de mais sessões e não teria esperado ela propor. Entretanto, assim como muitas, acabou sendo um sexo entediante.

— Sra. Gold, eu sou o terapeuta e decido quando termina. Posso garantir que você está apta a voltar a ter uma vida tranquila.

— Não gosta do nosso sexo? — indagou. A voz soa meio ofendida e até humilhada. Eu sei que minha profissão é arriscada, afinal lido com o ser mais complexo e cheio de emoções: a mulher. Tem

que ter muito jogo de cintura para conseguir driblá-las.

Inclino-me para a frente e uma pulsação de raiva me toma. É sempre assim, elas sempre esquecem. Precisam entender o que se passa aqui dentro. Não gosto de usar punhos de aço, mas, às vezes, elas me obrigam.

— Não existe *nosso* sexo. O que houve foi mecânico, terapêutico. Você sabe. — Meu tom é calmo e pausado e tento expressar isso em meu rosto também. Apesar de estar irritado, não sou nenhum troglodita.

— Agora preciso sair e tenho certeza de que é hora de você deixar o consultório. — Continuo a falar no mesmo tom de voz. — Ligue para mim se tiver algum problema. Posso dar alguns conselhos para você por telefone. Mas nunca venha aqui sem ser chamada ou antes da consulta marcada, tudo bem?

— Sim. — Ela assente relutante, os olhos vidrados em mim.

Levanto-me, mostrando a ela que é hora de ir, ela também se levanta e sai. Assim que me vejo sozinho, me sirvo de uísque e volto para a mesa.

Pego um papel e leio o que Eva digitou. Agito a cabeça em negação, deixando o ar preso sair do meu peito em um arfar resignado, e assino a petição à contragosto. Olho em volta duvidando de que meu consultório precise de uma repaginada, eu gosto dele assim. Volto a mirar o papel, que solicita a visita de um designer de interiores e dou um gole no copo de uísque. Dentro de meia hora, terei a reunião mais importante da minha vida com os donos do Mercury Hotel e decoração é a última coisa em que preciso pensar.

Chamo Eva e peço para ela enviar o papel para a Cooper & Monroe arquitetura e designer.

Assim que minha secretária sai, coço com vontade meu saco e volto para dentro do estúdio onde pratico minhas terapias intensivas na finalidade de ajudar mulheres frustradas. Nada como uma boa trepada receitada como remédio, nada como um bom terapeuta para analisar e ajudar nos problemas desse monte de mulher pirada.

# UM MARIANNE

Essa não foi uma noite legal para mim. Perdi minha amiga para o casamento, briguei com meu namorado, levei um sermão do meu pai e estou voltando para casa sozinha em um táxi, depois de ter sido madrinha de casamento dos meus melhores amigos: Candice, minha escudeira, e Leo, meu amigo de infância.

Foi um casamento lindo, cheio de luzes, flores, muita comida e champanhe de primeira. Reviro os olhos ao relembrar. Por que me sinto uma recalcada? Será que é porque eu tenho quase certeza de que para chegar ao altar precisarei passar por algo complexo como uma gincana escolar?

Ainda nem posso acreditar que Ryan, meu namorado, me deixou sozinha e foi balançar o NACIONAIS - ACHERON

esqueleto com uma oferecida.

O taxista me olha pelo retrovisor e pergunta:

— Noite difícil, filha?

— Vida difícil. — Resmungo e desvio o olhar para a rua iluminada, mostrando que não quero papo.

Estou meio desconfortável, a cabeça dói por causa do penteado equilibrado e duro com a ajuda de muitos grampos e fixador spray.

Também estou meio sufocada por causa do vestido de madrinha cor de rosa claro estilo sereia que estou usando e que, por exigência de Candice, está apertado no busto, fazendo com que eu mal consiga respirar. Ela disse que era para eu parecer peituda. Eu tenho seios normais, médios talvez, considero-os proporcionais ao meu corpo. Não preciso ficar parecendo uma atriz pornô para ser madrinha.

Para completar, estou tonta de tanto champanhe e com elevado teor de açúcar no sangue por ter comido muito bolo. Um belo exemplar de madrinha pós-festa.

Chego em casa, sem arrependimentos de ter impedido Ryan de vir comigo. Na verdade, saí

NACIONAIS - ACHERON

antes, nem esperei meus pais e minha irmã, que vão passar a noite aqui comigo para ir embora amanhã cedo.

Pago o táxi e volto meu olhar para o belo duplex à minha frente. Respiro fundo e fico divagando sobre Candice ter laçado um tubarão da advocacia. Era meu melhor amigo de infância e ela o afanou. Será que ela vai deixar nossa parceria no escritório de designer e arquitetura? Será que Leo imporá isso a esposa? Se ele ordenasse, ela aceitaria numa boa. Está de quatro, caída de amores por ele.

Logo agora que aparecemos em um artigo de uma famosa revista que colocou a Cooper & Monroe como a mais nova emergente do mercado. Balanço a cabeça e o penteado não desarma. Olha que benção!

Entro no apartamento que Candice e eu construímos, ela planejou e eu decorei. Agora que ela casou, ele é só meu. Ela aceitou vender a parte dela para mim.

Minha casa. Unicamente minha. Respiro pesadamente.

Com um movimento simples, jogo a carteira

prateada no sofá e encaro a rosa vermelha na minha mão. Candice a tirou do buquê dela e me entregou, já que, segundo ela, eu seria incapaz de pegar o buquê. Meus lábios se curvam em um sorriso, já sinto saudades da minha amiga.

Guardo a flor dentro de um livro e caminho pela sala enquanto, com movimentos desconexos, sacolejo meus pés para o sapato sair. Levanto um pouco o vestido para facilitar minha corrida até a escada.

Tenho um ótimo quarto, com banheiro, closet e espelho de corpo inteiro. Uma festa para uma mulher. Foi tudo planejado para o nosso bem-estar.

Vou para o closet, mas antes pego o celular e o conecto ao carregador já ligado constantemente na tomada, aperto um botão e o coloco no viva-voz para ouvir as mensagens.

Com um pouco de dificuldade, consigo descer o zíper do vestido até a metade e sento em frente ao espelho no meu pequeno closet. Meu cabelo precisa passar por uma sessão de exorcismo para voltar ao normal.

Malditas cabeleireiras.



Começo a retirar os grampos enquanto ouço, vindo do celular no quarto, a voz de Ryan querendo saber se eu cheguei bem. Pediu para ligar assim que eu ouvisse a mensagem. Ele saiu da festa antes de mim, fez ceninha dando uma de vítima. Vai dormir sozinho hoje, como todas as outras noites. Mas também não iria adiantar se dormisse comigo. Ele sabe minha situação. Fico chateada em não poder dar aquilo que ele quer. Tento pensar que ele não me trai.

Será que Ryan se masturba? Ele tem uma cara de safado... É uma pergunta que ficará sempre subentendida.

Outra mensagem de Ryan, agora pedindo desculpas. Na minha mão já tem 16 grampos. Diabos. Por isso minha cabeça estava doendo tanto.

As mensagens continuam.

*"Srta Cooper, nós adoramos seu artigo."* — Essa é a voz da editora-chefe da revista na qual escrevo quinzenalmente dando ideias sobre designer de interiores. O artigo em questão é sobre como redecorar de maneira simples o quarto de uma criança que entra na adolescência.

*"Passe aqui na segunda-feira para*

*conversarmos.*" — Ela termina, se despede e eu dou de ombros. Outro *bip*, outra voz. Agora é minha mãe dizendo que dormirão na casa de Leo, mas que ela vem me ver pela manhã. Eu sei que eles não vieram para meu duplex porque são grandes amigos dos pais de Leo e devem estar querendo varar a madrugada na farra da terceira idade.

Termino de retirar os grampos, 23 no total, os lanço diante de mim e encaro com desânimo meus cabelos escuros e duros totalmente danificados pelos produtos.

Suspiro e dispo com cuidado excessivo o vestido caríssimo que Candice me obrigara a alugar. Foi tão caro que quase dava para comprar uma TV nova de centenas de polegadas.

Há uma nova mensagem, percebo que é de Candice. Ela não deveria estar na festa?

Vestindo apenas lingerie, corro até a porta para escutar a voz vindo do quarto.

*"Mary, amiga, sei que eu devia ter falado antes, mas acabei esquecendo... (suspiro) Spa, lidar com madrinhas, sofrer pelas flores atrasadas e sentir medo de Leo desistir... você entende, tive*

*um dia cheio. (Risos)" — Eu não estou rindo. Onde ela quer chegar?*

*"Encontrei um trabalho para você, esse é urgente e precisará passar na frente de outros. Vá ao escritório na segunda e veja o envelope que deixei em sua mesa. Por favor, aceite. É para uma pessoa especial, alguém que me ajudou. Devo isso a ele. Agora vou desligar, Leo está saindo do banho e ele está muito gostoso. Você deve imaginar... (voz erótica, mais risos e outra voz ao fundo). Tchau, amiga, Leo mandou um beijo."*

Fecho os olhos e balanço a cabeça ao ouvir a risada safada de Candice. A vadia sempre se dá bem. Respiro fundo, apanhando um roupão desbotado e vou para o banheiro.

Depois do banho, caio na cama e o sono vem como uma marretada. Amanhã é domingo, Ryan provavelmente virá e não tenho como impedir. O cordão umbilical que me liga a Candice foi cortado hoje. Nem tenho como fugir de Ryan. Não tenho muitas amigas íntimas... Tereza talvez... Mas isso seria traição gravíssima contra Candice, é melhor ficar quieta. Pouco antes de sucumbir ao sono, fico pensando em por que preciso tanto fugir

do meu namorado. Eu posso, sim, recebê-lo aqui, mas não quero porque tenho medo de ele querer algo mais.

Eu não falei ainda, mas tenho um medinho básico. Transei com um cara, minha primeira vez não foi legal, foi quase como um estupro e ficou marcado. Virou um trauma.

Por isso, o coitado do meu namorado, lindo e loiro, nunca transou comigo...

Eu tenho medo de ele querer algo mais e eu não poder dar, medo de ele me classificar como frígida como o outro fez anos atrás. Vindo de Ryan, esse desprezo seria mais devastador.



O domingo passou sem grandes problemas. Meus pais me tiraram da cama bem cedo com uma ligação e eu tive que me deslocar até a casa de Leo onde os pais dele estavam hospedados. Tomamos café juntos e, logo após o almoço, levei meus pais e minha irmã ao aeroporto. Ficou decidido que, no mês seguinte, Alice, minha irmã, viria morar comigo. Ela já tinha feito isso durante um tempo,

mas teve que voltar para a Pensilvânia pois minha mãe fez uma cirurgia e precisou dela.

Depois que eles foram embora, Ryan veio me ver, como previ, mas não insistiu em nada. Ele ligou antes dizendo que estava trazendo umas guloseimas.

Depois de assistirmos a um filme de Matt Damon, *Alguma coisa Bourne*, ele foi embora. Fiquei com muita pena, pois queria ter uma relação normal com meu namorado.

Candice praticamente tinha se mudado para casa de Leopold seis meses depois de tê-lo conhecido, e eu ficava de coadjuvante observando a felicidade dela por ter um homem que a amava com o qual fazia sexo constantemente, coisa que fazia questão de deixar clara. Diferente de mim, que estou fadada a carregar esse medo nas costas.



Acordo na segunda-feira e fico sentada na cama fazendo um balanço de tudo que aconteceu em minha vida desde que vim embora para Nova

York. Não sou daqui, na verdade, sou brasileira por parte de mãe, nasci em Minas Gerais e vim para cá aos dez anos. Meu pai é americano, da Pensilvânia, e eles ainda moram lá. Vim sozinha para cá depois que consegui uma bolsa em uma faculdade daqui.

Tenho uma linha do tempo satisfatória: entrei na faculdade, me formei com honras, encontrei uma amiga que é como minha irmã, nos juntamos em uma sociedade e construímos um escritório de consultoria, arquitetura e decoração, encontramos homens perfeitos, ela se casou e eu... fiquei parada no tempo.

Meu pescoço dói quando eu viro e olho para o relógio. Vejo que marcam 8h37. Não ligo para isso, pois sou dona do meu próprio negócio. Alan que segure as pontas sem Candice e eu por lá. Resolvo ir ao escritório apenas depois do almoço.

Isso me faz pensar que, nesse momento, Candice deve estar enrolada em um corpo quente, masculino e cansada da farra da noite.

Pulo da cama e corro para o banheiro sentindo uma ponta de inveja de Candice. Queria também poder ter um sexo tranquilo e tal...

Imagino como deve ser agradável acordar

aninhada a um corpo masculino.

Eu nunca dormi com Ryan ou qualquer outro homem.

À tarde, já com o cabelo impecável, caminho até o closet de sutiã e calçola. Sim, eu uso calçola (daquelas que parecem cueca) para trabalhar. De algodão e confortável. Não vou andar o dia todo de fio dental.

Com meias de lycra em tom médio, escarpin preto salto quinze e um conjunto de terninho e saia cinza, vou até o quarto e recolho alguns utensílios necessários para jogar na bolsa. Batom, BlackBerry, carregador de celular, caneta, grampos, presilhas, maquiagens em geral. Saio correndo, voltando em seguida para pegar as chaves do carro.

Minha vida até que não é nada má. Sou minha própria chefe, tenho um carro bonito e casa própria. O que mais eu poderia pedir?

*Um homem.* — Meu inconsciente reclama.

Ignoro essa voz interior. Eu tenho um homem em minha vida. Ryan é meu, pronto. O que mais eu poderia querer?

*Transar com Ryan.*

Ah claro! Reviro os olhos para mim mesma. Às vezes ninguém precisa me colocar no meu lugar ou dar sermões em mim. Eu mesma me encarrego disso. Dou uma última olhada no espelho do carro enquanto espero no semáforo.

Meu escritório fica em Williamsburg, Brooklin, e eu moro no Soho. Não acho muito longe e nunca trocaria quaisquer dos dois locais por ouro algum. Seria mais fácil Candice e eu encontrarmos água em Marte do que conseguir esses lugares. E isso aconteceu graças aos pais dela e a Leopold.

Estaciono na minha vaga. Sim, eu tenho uma vaga, afinal sou dona de quase todo um andar desse prédio. Dividimos um andar com um escritório de contabilidade, que é de um amigo nosso. Ah! Candice também é proprietária, lógico.

Saio do elevador desfilando, e dou um *olá* contagiante para meus funcionários.

Já na minha sala, meus olhos pousam imediatamente em minha bela mesa ultramoderna de pinho e noto um envelope pardo tipo ofício. O trabalho que Candice me arrumou.

Aquela safada só queria se certificar de que



eu não iria para um cruzeiro pelas Bahamas, só poderia ser isso. Eu já estou atolada de trabalho até depois do apocalipse e mais um serviço de última hora seria terrível para minha viagem planejada há anos. Não é todo dia que as pessoas podem conhecer as Bahamas. Nem tanto por causa do dinheiro, mas por falta de tempo, já que trabalho até durante as férias.

Sento-me e olho o envelope, lacrado. Sem muita pressa, eu o abro e dentro há apenas uma folha de papel timbrado... O que é isso? Não estou acostumada a esse tipo de pedido tão formal. Olho espantada para a insígnia no cabeçalho do papel e as inscrições logo abaixo:

*S. Graham Psicanalista*

Solto a folha sem nem mesmo saber o que dizia e digito o nome na barra de pesquisa na internet.

Milhões de páginas aparecem, elevo a setinha do mouse e clico em imagens. A página se abre e me deparo com um ser viril de parar o trânsito. Pego rápido meus óculos de leitura e olho mais de perto, como aquelas velhinhas que chegam

bem perto e ainda franzem o nariz para visualizar melhor. Preciso ter certeza de que aquilo não é uma criação artificial, computadorizada. Clico em "sugestões" e milhares de imagens de um homem alto, com cabelos pretos, pele bronzeada e um sorriso dilacerante me deixam hipnotizada.

Em quase todas as fotos, ele exhibe o mesmo sorriso safado, muito seguro de si mesmo. O cara é tão bonito que chega a ser ilegal. Não é aquela beleza bonitinha de homem riquinho bem penteado. É aquela beleza viril, com cara de homem, daqueles que fazem uma mulher tremer só de olhar. Queixo quadrado, boca hipersexy, cabelos negros e fartos. Um clichê de tão belo.

Há fotos tiradas de paparazzi que mostram ele correndo no Central Park sem camisa, apenas de bermuda, óculos escuros e o cós da cueca aparecendo. Quase morro e por um motivo justo.

*Ele tem tatuagens!*

Acho que encontrei o significado personificado da palavra pecado.

Isso é justo para com as mulheres, Deus?

Não consigo parar de clicar em *próxima página* para continuar vendo.

E vejo fotos dele no Red Carpet, devastador, de terno, sentado em uma poltrona perto de um divã, seminu em uma campanha de perfume, cruelmente lindo em uma propaganda de relógios.

Inclusive, disfarçadamente, salvo uma ou duas fotos no computador, simplesmente não consigo resistir. Talvez coloque como papel de parede na minha área de trabalho.

Chego até a página 5 e só paro quando recebo um beliscão de repreensão de mim mesma. Agora é hora de saber o que esse ser erótico faz da vida.

Descubro que Sawyer Graham é terapeuta das estrelas. Por isso não o conheço, não perco meu tempo fuçando a vida das celebridades. Segundo várias matérias, ele tinha conseguido colocar no eixo mulheres que estavam à beira da loucura. Nomes de peso apareceram diante dos meus olhos, mulheres que o mundo conhece. Mas não estou interessada nelas, o cara tem uma página na *Wikipédia*. Isso não é tão espantoso, já que atualmente qualquer um tem uma página lá. Ele já esteve na Helen, no Jimmy e em quase todos desses *talk shows* populares.

Nem acredito que tenho a possibilidade de trabalhar para uma celebridade. Um solteirão milionário que se dá bem à custa dos problemas das mulheres. Mas não qualquer mulher, apenas as que conseguem pagar o preço exorbitante da consulta.

Minha mente para por dois segundos quando vejo o preço médio da consulta. Ele é o quê? O gênio da lâmpada?

Vejo mais algumas informações, como os prêmios que o doutor ganhou como filantropo e psicanalista bem-sucedido, sua presença fiel na mídia, aparecendo sempre aparece em várias revistas. Parece que é conselheiro sexual em duas delas.

Bem, sobre ele eu já sei o bastante.

Desligo o computador para não ter distrações e pego o papel que Candice tinha deixado para mim.

O cara precisa de uma reforma no consultório dele. Desde novos carpete e pintura à troca de persianas e móveis. É um trabalho difícil, mas, se eu aceitar, elevará o meu nome no mercado. Cifrões explodem em meus olhos igual desenho animado. É muito dinheiro em jogo. Por

isso não devo recusar, principalmente porque é um amigo de Candice.

Permaneço sentada na cadeira movendo-a de um lado para o outro com a haste dos óculos na boca.

*Pense, Marianne, pense.*

Em todas as minhas razões para aceitar, nenhuma fazia alusão ao dono do imóvel. Bem, eu nunca olho a aparência dos meus clientes, até porque isso é o mínimo detalhe. No caso dele não é nada mínimo. O homem é gostoso ao extremo.

Aquele cara deve ter entrado duas vezes na fila da distribuição de beleza quando estava sendo criado. Eu nem sabia que existiam terapeutas novos e bonitos por aí.

Se eu não aceitar trabalhar para esse homem, Candice não ficará contente... Ela com certeza já deve ter prometido a ele que eu aceitaria o serviço. Sem falar que esse deve ser o terapeuta que cuidou dela. O que eu não entendo é esse temor dentro de mim. É apenas um serviço qualquer, não é? Ir até lá, fazer um gordo orçamento e pronto.

*Dinheiro, Marianne, ele tem dinheiro.  
Dinheiro e fama.*

Sem titubear, pego o telefone na minha mesa e ligo para o número que está no papel.

Após o terceiro toque e algumas batidas falhas do meu coração, alguém atende. Uma voz de mulher.

Espero ela se identificar dizendo que se chama Eva e que aquele telefone é do consultório do Dr. Graham.

— Oi, aqui é Marianne Cooper, eu recebi um pedido do Dr. Graham para um orçamento de reforma no consultório dele.

— Claro, ele já me deixou a par disso. Estava esperando sua resposta.

— A que horas eu posso ir dar uma olhada no lugar?

— Se tiver um tempinho, nesse momento seria uma boa hora, já que ele não tem paciente agora.

Penso um pouco. Abro a aba da minha agenda no computador e vejo que dá para eu arrumar uma brechinha aqui.

— Estou a caminho. — Decido rápido. — Muito obrigada.

Desligo o telefone e aperto um botão.

— Gaby, peça a Alan para vir aqui até minha sala.

Enquanto espero, guardo os óculos, visto o paletó e ele chega.

— Alan, estou de saída. Sei que você está cuidando das coisas de Candice, então deixo você tomando conta de tudo. Gaby ainda não consegue sozinha.

— Vai sair? Acabou de chegar. — Ele me olha com um pouco de revolta. — Não vou dar conta de dois escritórios.

Alan é assistente exclusivo de Candice, é primo dela e está no último ano da faculdade de engenharia civil, vai ser um ótimo construtor. Gosto muito dele, da sua eficiência e já tentei várias vezes roubá-lo para mim. Candice é uma egoísta. Sorte a minha que Alice está chegando para ser minha assistente.

— Não precisa cuidar. Gaby vai transferir as ligações importantes para meu celular, você precisa ficar apenas... gerenciando. Até mais, meu querido. — Ando depressa até ele, dou um beijinho em seu rosto lívido, pego casaco, bolsa, chaves e saio

rapidamente. Passo pela sala e aviso a Gaby que estou saindo.



Sei que aqui é vida real, mas não deixo de pensar no que posso encontrar nessa tarde. A imagem de um grande clichê que sempre encontro em livros cobre minha mente: Um homem muito rico, gostosão, que tem sérios problemas resultantes de algum trauma e agora só consegue se relacionar de modo estranho. Por que ricos não conseguem lidar com problemas e qualquer coisa os deixa traumatizados? Uma questão para ser estudada com calma.

*Olha só quem fala de trauma.* Bem, todo mundo tem essas vozes antipáticas soprando no ouvido, né?

Broadway? Essa área de Manhattan é mesmo um bom lugar para se montar um consultório para mulheres famosas e desequilibradas.



Na recepção, uma jovem me informa que o consultório do Dr. Graham fica no oitavo andar. Uma placa de metal atrás do balcão dela também informa isso.

Ao chegar noto que, quase como eu, o Dr. Graham é dono de um andar inteiro daquele prédio. Eu disse quase. O ponto positivo para ele é que o espaço fica no Upper West Side, o meu é no Brooklyn.

Estou diante do lugar mais luxuoso e aconchegante que já vi. O homem tem muito bom gosto. E fico me perguntando, com tantas designers famosas, por que ele foi atrás justamente da minha agência, no Brooklyn? Deve ser mesmo muito amigo de Candice.

Isso tudo, toda essa riqueza e opulência, combina bastante com a imagem do homem que vi na internet. Com uma análise rápida e perspicaz, pondero mentalmente que ele não precisa de muita mudança na decoração. Mas quem sou eu para discutir com uma celebridade possivelmente birrenta?

Na primeira sala, bem espaçosa com sofás modernos brancos e carpete chumbo, eu encontro

uma mulher muito bonita e bem vestida sentada atrás de uma mesa de vidro. Ela sorri para mim e retribuo o sorriso.

— Oi, telefonei mais cedo. Sou Marianne Cooper, a designer. — Estendo a mão e a cumprimento.

— Claro, o Dr. Graham já está vindo. Sente-se e aguarde. Aceita alguma coisa, Srta. Cooper?

— Uma água, por favor.

Ela sai com um sorriso nos lábios, eu me sento olhando tudo ao redor e faço algumas anotações mentais. Se todo o andar for redecorado, eu terei muito serviço pela frente e no fim uma boa quantia em minha conta. O que tenho que fazer agora é me concentrar para parecer muito equilibrada quando o deslumbrante terapeuta chegar. Fico me perguntando como Candice tem esses amigos gostosos e nunca me disse nada. Traidora.

Acho que chegou a hora de colocar meus nervos à prova.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# DOIS

## SAWYER

A reunião foi um sucesso. Tenho vontade de dar um salto mortal de alegria. Eu consegui! Meus advogados fizeram um bom trabalho e acabo de adquirir o Mercury Hotel. Foram meses de negociações, vínhamos nos reunindo e não chegávamos a um consenso, foram meses cobiçando aquele lugar. Agora é só jogar na imprensa, com certeza meu nome vai ajudar a reerguer o lugar que tem tanto valor sentimental para mim.

Cumprimento os dois herdeiros, antigos donos, com apertos de mãos. Peço licença e saio rapidamente da sala, pois preciso contar as boas novas a Jill. Ela estava ansiosa como eu. Não quis vir comigo para assinar o contrato de venda, pois

não gosta dessas firulas.

Saio da sala de reuniões, desço de elevador, passo pelo enorme hall de entrada e saio do, a partir de agora, meu hotel. Já está tudo combinado para que o lugar seja fechado hoje e sejam iniciadas as reformas de reabertura, com um novo nome. Ainda quero manter segredo para todos.

Lá fora, um carro preto me espera. O homem de terno ao lado dele abre a porta e eu entro. Agradeço com um rápido gesto de cabeça. Ele se afasta e eu arranco.

— Jill, consegui. O hotel é oficialmente meu! — Anuncio assim que ela atende minha ligação.

— Ah, Sawyer! Estou feliz por você. Mas sabe que ainda mantenho um pé atrás com essa sua decisão.

— Tem que me entender, Jill. O hotel representa muito para mim e o consultório está me dando problemas.

— Problemas que você criou.

— Mas não se preocupe. Vou contornar esse problema e continuar com as terapias.

— Poxa, Sawyer, vai virar um empresário?

Logo você?

— Não. Esse assunto de novo, não, já falei com você.

— Tudo bem. Vem me ver?

— Sim. Vou passar aí agora para almoçarmos.

Mesmo Jill reprovando minha nova aquisição, estou muito feliz. Feliz demais, como nunca estive.

As coisas que os homens mais adoram: mulher, bebida, farrear com amigos e um bom carro.

Vou agora fazer um filtro. Disso tudo, aquilo que os homens mais amam: mulher.

Eu, por exemplo, tenho o emprego que muito homem mataria para ter: sou pago, muito bem pago para comer mulheres. E não sou um garoto de programa.

Sou terapeuta e uso meu pau para curar as loucuras delas. Há mais de sete anos, isso funciona perfeitamente. Nunca tive reclamações. Quero dizer, já tive. Elas reclamaram que não queriam acabar as consultas.

Essa minha vida não foi planejada, aconteceu por acaso, se espalhou como câncer, a notícia correu e cada vez mais a fila de mulheres aumentava em minha porta. Em um estalar de dedos, eu estava estampando capas de revistas.

Para marcar uma consulta comigo, a mulher deve passar quase por um processo seletivo. Minha secretária faz uma entrevista prévia e depois me passa os dados, com todas as informações possíveis. E aí eu decido se aceito ou não. Geralmente passo as gostosas na frente, não sou bobo.

Seguindo arduamente minhas próprias regras, consegui transformar meu consultório em um dos mais famosos. Foram anos satisfatórios e muito gostosos. E o melhor de tudo, é que a maior parte da sociedade não sabe o que rola porta adentro do consultório.

Às vezes fico me perguntando quantos litros de porra já gastei nesse consultório, quantas camisinhas já foram usadas e quantas lágrimas já tive que suportar.

Sim, lágrimas. Algumas choram enquanto contam os problemas e outras choram por não

querer se libertar do consultório. Mas jamais posso reclamar de nada, minha vida é perfeita do jeito que é. Além de tudo, sou livre, bebo quando quero, saio quando quero, sou rico, e o melhor: a cada dia traço uma mulher diferente. Algumas vezes, como duas por dia.

Olhem meu sorriso largo de satisfação, enquanto analiso minha vida.

Eu fiz muita coisa de procedência duvidosa até chegar onde estou, nada que tenha me deixado traumatizado, graças a Deus. Eu não tenho traumas, sou um cara tranquilo e apesar de agora ver minhas escolhas passadas como um erro, elas foram necessárias para me dar essa vida de luxo e me fazer amadurecer em relação ao ser humano. Hoje entendo melhor a mente de um ser humano — principalmente das mulheres —, não tenho vergonha ou resignação, qualquer um pode saber o que eu fui, basta saber procurar o nome certo e associar as duas pessoas.

Apesar de muitos julgarem vulgar o que eu fiz, eu acho algo normal e Jill sempre me disse que se eu revelasse tudo em praça pública ajudaria a catapultar minhas novas escolhas de carreira. Estou



pensando seriamente nisso. Nos dias atuais, alcançamos um patamar de evolução muito agradável, muita gente tem mente aberta para essas coisas.

Passo no apartamento dela, conto como foi o negócio e ela fica feliz por eu ter conseguido uma boa barganha, pois não foi tão caro como achamos que seria.

Encontrar Jill é o melhor relaxante que existe para mim. Ela é a única mulher com a qual mantenho uma relação normal, com sexo normal, encontros normais e conversa normal. Sempre que minha cabeça está cheia e meu corpo está rígido de tensão, eu me encontro com ela. Ela é muito mais que apenas isso, eu sei, mas a própria Jill não gosta de méritos e rótulos. Odeia quando um dos rapazes diz que ela é minha namoradinha.

No mundo normal, eu diria que somos namorados. Ela foi a responsável por me ensinar a me fechar para qualquer sentimento que pode desgraçar a vida de um homem.

O amor é um deles.

Jill é igual a mim, não acredita em romances

e amor, por isso a gente se dá tão bem. Ela é minha amiga de foda.

Depois do almoço, me despedi dela, pois Eva ligou há pouco dizendo que a tal designer iria ver meu consultório. Não estou com saco para essas coisas, ainda mais para aguentar essas riquinhas cheias de merda na cabeça. Mandarei ela ir se foder na primeira oportunidade que tiver. Odeio frescuras.

Paro meu alfa romeo conversível na minha vaga do estacionamento e vou na direção do elevador.

Geralmente, nós, homens, estamos pouco nos importando para essas futilidades como decorações, mas Jill insiste que eu preciso manter uma boa aparência no meu consultório. Eu encontrei Candice por acaso há alguns dias e ela comentou algo sobre ter sociedade com uma designer. Pronto, nem precisei procurar.

Só aceitei a reforma por causa das minhas pacientes, elas são bem exigentes. Penso na que estou tratando agora, uma atriz casada que não sabe como entreter o marido na cama. Todas sempre são assim, algumas nem têm problemas sérios, apenas

querem se consultar com o terapeuta tão falado. E não consigo deixar de ficar lisonjeado em saber que tenho uma lista de espera de mais ou menos seis meses. Todas querendo uma trepada do paraíso.

Ao chegar no oitavo andar, Eva me recebe com um sorriso.

— Dr. Graham, a Srta. Cooper está à sua espera. — Ela indica discretamente uma jovem que se levanta com um sorriso nos lábios nem um pouco abalada ao me ver.

*Caralho! O bagulho aqui é sério.* Quase fui nocauteado pela aparência da mulher, o jeito que ela deu o primeiro passo, o modo como os seios dela sobressaem na roupa, os cabelos bem arrumados, os olhos muito expressivos e a boca evidentemente sensual.

Sei que parece presunçoso da minha parte esperar que as mulheres fiquem tensas quando me veem. Sou um terapeuta famoso e minhas artimanhas no consultório vão de elogios a boatos maldosos na alta sociedade. Visivelmente a srta. Cooper não me conhece.

— Dr. Graham. — Ela pronuncia meu nome com um sorriso, anda até mim e estende a mão

delicada em minha direção. É muito equilibrada, percebo. Como filho da mãe que sou, me recuso a mandar ela ir se foder. Definitivamente a palavra foder não teria bom resultado associada a essa mulher. Sinto um leve arrepio na nuca.

— Sou Marianne Cooper. — A voz dela parece de uma garota da previsão do tempo tamanha é a solenidade.

— Mary Anne? — pergunto.

— Não. Junto, um só nome. Marianne.

Balanço a cabeça assentindo.

A roupa que ela usa não é nada sensual, um terninho, acho. Mas deixa uma pulga atrás da orelha dos homens que a veem. Os cabelos escuros estão presos em uma espécie de penteado e a maquiagem é mínima.

Ela precisa de ajuda. Detecto nesse mesmo momento que ela é um caso de mulher mal comida. Não estou sendo arrogante, mas prático. Posso estar adiantando um diagnóstico, mas ela não parece ter uma vida sexual ativa. Eu lido com mulheres e sei separar as experientes das iniciantes.

Ergo minha mão e seguro a dela. Não pude deixar de notar uma aliança de prata. *Noivado?*

*Compromisso?* Não é casada, já que a aliança não está na mão esquerda e a secretária a apresentou como senhorita. Revendo meus pensamentos, decido que se eu fizesse algo por ela estaria ajudando na verdade o coitado do homem que, de algum modo, está preso a essa mulher gostosa para cacete e aparentemente frígida.

— Esperava alguém um pouco mais velha.  
— Franzo a testa e revelo, mas não há frustração em minha voz. É mais um comentário avulso.

Ela dá um sorriso encantador.

— E eu esperava um homem de cabelos brancos. Tipo o *Harrison Ford*.

Não deixei de rir desse comentário. Definitivamente ela não me conhece. Dou mais uma singela olhada no corpo gracioso a minha frente e falo com a voz de âncora do jornal da noite.

— Por favor, me acompanhe, Srta. Cooper.  
— Meneio a cabeça, dou um passo para o lado e ela passa por mim exalando um aroma que parece algo comestível, doce, viciante. Quando vejo a bunda dela sinto vontade de jogar a civilidade para o alto. Meu pau parece gritar: "Vamos comê-la, Graham,

por favor!"

Faço um sinal e peço para Eva nos servir um café; espero Marianne entrar e fecho a porta.

— Fique à vontade. — Indico uma poltrona em frente à minha mesa. Ela olha para a cadeira, mas não se move, então tiro meu casaco esportivo *Diesel* e penduro-o nas costas da minha cadeira executiva. Arregaço as mangas do suéter.

— Como pode ver, o lugar precisa de uma nova roupagem. — Mostro em um movimento rápido todo o consultório. Ela não está olhando para mim, ainda de pé olha tudo ao redor. Os olhos não são de uma profissional estudando possíveis escolhas, é um olhar curioso. Percebo que ela ficou levemente ruborizada quando olhou para o enorme divã do outro lado.

Divã, foder, srta. Cooper. Melhor deixar essas palavras bem longe uma da outra.

— Não é preciso mudar muito. É um ótimo lugar — diz, meio sem jeito.

— Obrigado.

— E fica na Broadway. — Ela dá um breve gingado eufórico. Meus lábios repuxam e eu estou vidrado. Como uma mulher de terninho pode me

deixar assim?

— É — concordo, admirando-a.

Eva chega com a bandeja de café, nos serve e sai. Marianne senta-se e me encara. Coloca uma mecha de cabelo imaginária atrás da orelha, afinal, não tem um fio fora do lugar.

Por que mulheres fazem isso de colocar mecha imaginária atrás da orelha? T.O.C ou psicopatia mesmo?

— O que o senhor deseja afinal?

Fico meio confuso com essa pergunta, pois meus sentidos mais pervertidos me dizem o que eu desejo: jogá-la em cima dessa mesa e satisfazê-la até ver um brilho nos olhos, até poder ver esses cabelos tão arrumados ficarem muito despenteados com minhas mãos.

Faz muito, muito tempo mesmo, que eu me senti atraído por uma mulher. Não que eu esteja atraído por essa, apenas curioso para saber como uma pessoa tão reservada reagiria a uma boa pegada de macho.

Marianne Cooper é como um bônus, quando a vi senti uma vontade incontável de fazer dela a minha paciente. Se ela ao menos estivesse com

NACIONAIS - ACHERON

algum problema amoroso... Olhando para ela toda comedida, sei que mesmo se tiver problemas, jamais admitirá a um estranho.

— Bem, eu estive pensando que talvez você pudesse redesenhar todo o ambiente. — De propósito elaboro uma voz rouca, baixa e bem sensual. Ela olha para mim e continua indiferente. Será possível que essa mulher não vê como eu sou carne de primeira? Não estou sendo um arrogante cretino, mas as mulheres costumam ficar deslumbradas comigo, estou começando a ficar preocupado. É minha reputação em jogo aqui!

Um pensamento me ocorre: talvez ela não goste de homens. Sim, essa é a única explicação para ela me ignorar.

— Pensa em mudar os móveis? — Ela pergunta, passando a mão pela mesa, admirando o material.

Queria que passasse a mão em mim, admirando o material.

— Sim, menos essa mesa. Gosto dela.

— Claro, é muito bonita. Vou fazer umas anotações e te mostrar nosso portfólio.

Com as mãos plantadas sobre a mesa, fico

NACIONAIS - ACHERON



parado olhando ela tirar um bloco e caneta de dentro da bolsa. Ela os coloca lado a lado sobre a mesa bem alinhados. Eu recosto para ver o que ela pretende. Depois tira uns óculos de uma caixinha, passa uma flanelinha pelas lentes e os coloca ao lado do bloco. Guarda a caixinha dos óculos, fecha a bolsa, pega os óculos, coloca, e, em seguida, pega o bloco e a caneta. Ela olha e percebe que eu estou presente e que assisto entediado o ritual que ela fez.

— Óculos de leitura. — Explica. Os lábios se abrem em um sorriso de desculpas e o dedo empurra a haste de metal no nariz.

*E agora eu quero foder você com esses óculos para que aprenda a ser mais espontânea e a reparar em mim.*

Droga de ego masculino ferido por uma palerma.

— Perdoe minha indiscrição, Srta. Cooper, mas quantos anos tem? — Continuo recostado na cadeira observando-a.

— Vinte e cinco. Farei vinte e seis no fim de maio.

— Hum... — Faço um gesto anuindo e continuo secando-a com meus olhos. Ela já está

vermelha como um pimentão. Sim... Enrubescida pelos meus olhos nada discretos. Estou conseguindo alguma coisa afinal.

—Trabalha nisso há muito tempo?

— Há dois anos. — Os lábios tremem e eu gosto de ver aquilo. Noto o desconforto dela quando descruza as pernas e torna a cruzá-las do outro lado.

— Voltando aos negócios, o senhor já pensou em continuar com esse estilo de persianas ou quer mudar para algo mais moderno?

Ela está mudando de assunto, ou melhor, não me dando assunto.

*Tentando se esconder de volta na mulher centrada e indiferente srta. Cooper?* Eu não vou permitir. Quero ver por baixo de toda essa encenação o que realmente existe.

Qual é pessoal? Esse é meu trabalho, desvendar e ajudar pessoas.

— Conduz sozinha um escritório? — Questiono ignorando o que ela falou sobre persianas.

Os lábios de Marianne se entreabrem e ela me encara confusa.

— Tenho uma sócia. Acho que o senhor já a conhece, Candice Monroe.

— Hum... sim. — Torno a murmurar. Ela olha para o bloco ainda em branco e dá um sorriso amarelo para mim. Empurra a armação dos óculos com o dedo indicador, pigarreja e eu sei que ela vai falar de novo.

— Estive pensando em fazer um painel daquele lado com uma estante...

— Casada? — Eu a interrompo apontando para a aliança.

O caderninho quase cai da mão dela. Presencio um pingo de aflição junto com rubor no rosto delicado. Talvez seja porque eu não estou deixando-a falar e nem vou deixar que se enverede por outro assunto, uma rota de fuga, enquanto eu não souber com quem estou lidando. Ela olha para a aliança no dedo como se só então lembrasse dela ali.

— Não. É um anel de compromisso, eu namoro. Hoje em dia não se costuma usar alianças de namoro, mas meu namorado tem esses costumes românticos. — Ela explica.

*Namoro. Menos mal. Eu me contento.*

— Ele não mora aqui por perto, não é mesmo? Vocês não se veem regularmente. — Jogo a isca.

— Claro que não. Ryan... Meu namorado se chama Ryan. — Ela esclarece e continua: — Mora bem perto de mim. A gente se encontra quase todo dia.

Encontram-se sempre? Agora estou intrigado.

Inclino-me para frente e fixo meus olhos nos dela. Hora de usar a voz de terapeuta.

— Srta. Cooper, sou terapeuta e cuido de problemas amorosos e sexuais de mulheres, o fato é que agora estou completamente confuso. Não parecer ser uma mulher... bem, de imediato, achei que não tivesse experiência sexual.

Agora eu toquei na ferida dela. Vejo surpresa e depois indignação passando nos olhos claros, que, por um momento, parecem quase verdes. Fica me olhando por algum tempo sem responder. Por fim, abaixa os olhos e tira os óculos.

— Primeiramente, não creio que uma pessoa seja capaz de saber se outra transa ou não apenas olhando para a cara, segundo, não vim para

me consultar, Dr. Graham. Vim para fazer meu serviço. A minha vida íntima com meu namorado não te diz respeito.

*Uau! Isso foi um soco simbólico? Não conseguiu me nocautear.*

— Talvez se você viesse em uma consulta experimental sua vida seria do meu interesse. Eu posso ajudá-la em qualquer problema que estiver passando no relacionamento. Desde timidez e falta de desejo à intolerância com fantasias que os homens têm.

— Não sei onde o senhor quer chegar. — Ela desafia, curvando o pescoço de lado.

Eu sei onde quero chegar. Há um letreiro em neon brilhando na testa dela escrito: "*Desafio*". E eu adoro desafios.

— Pelas suas expressões e aparência, parece ser uma mulher centrada, e bem provavelmente, tímida na cama. Já disse a seu namorado do que gosta? Já perguntou a ele do que ele gosta? Como, onde, em que circunstâncias, onde ele gosta de apalpar e onde gosta de ser apalpado?

— Eu não vou discutir sobre isso. Além do mais, chega a soar machista. Então é apenas o

homem que precisa de prazer na cama? As mulheres são apenas objetos como em filmes pornô? — Ela assume um ar meio revoltado, meio intrigado.

*Filmes pornô. Ela não sabe o que diz.*

— Está totalmente enganada, Srta. Cooper. Quando o sexo não é mais casual e o casal entra em um relacionamento sério, passa a ser de grande necessidade que o casal se conheça. Você conhecendo os desejos dele e ele os seus. Na cama, satisfaça e fique satisfeita. Isso eu ensino a minhas pacientes. Sou totalmente contra machismo e feminismo extremista, e não gosto de ver mulheres como objetos. Isso abrange também os filmes eróticos. Ou você acha que aquelas atrizes são amarradas e obrigadas a trepar em frente a câmera? Elas estão lá por que gostam e sentem tanto prazer quanto o homem.

Termino meu discurso e fico olhando ela absorver minhas palavras. Marianne pensa e agora dá a tréplica sem muita ênfase.

— Mas é um estereótipo machista. Mulheres não assistem pornô. Os filmes são feitos exclusivamente para homens.

A danada conseguiu desviar o foco da vida íntima dela e está querendo debater sobre pornografia como se debate política ou religião. Decido dar corda para ela, vou deixá-la à vontade e ver se ela consegue se enforcar sozinha.

— Em parte está correta. Mulheres precisam de muito mais que apenas um vídeo erótico para ter um bom orgasmo e não estou falando que precisam de um homem. Mas usar a imaginação é muito mais prazeroso para elas do que ver sexo explícito num vídeo. — Ela abre a boca para falar mas levanto minha mão. — Entretanto, mulheres gostam e sentem-se excitadas ao ver um vídeo pornô. Apenas por causa da sociedade não admitem.

Ela permanece calada me olhando. Ela já teria assistido algum vídeo pornô?

— Já assistiu a algum vídeo erótico, Srta. Cooper? — Cruzo meus dedos sobre a mesa esperando uma resposta dela.

— Claro que não. — A voz como um grasnar, como se isso fosse um insulto.

— Por que o espanto? É algo normal. Casais usam para apimentar a relação.

— Não meu namorado e eu. — Ela levanta-se irritada. — Vim aqui para tratarmos de negócios, se não quer meus serviços, então nossa conversa acaba aqui.

Interiormente eu bato palmas para ela. Forte e decidida, mulher intrigante. Está toda presa em uma casca. Eu tenho que ajudá-la a sair disso tudo ou não conseguirei mais colocar a cabeça no travesseiro para uma noite sossegada.

*Como eu sou altruísta.*

— Tudo bem. — Levanto-me também. Dou a volta na mesa e fico de frente para ela descansando as mãos nos bolsos da minha calça. Ela olha meus sapatos italianos e sobe os olhos pelas minhas pernas, tronco e rosto. Para, por milésimos de segundo no meu peitoral suculento, tenho consciência da minha gostosura. Isso tudo ela faz quase na velocidade da luz, mas eu sou especialista em conseguir desvendar e ler o que uma mulher sente. Sei que ela está me despindo com os olhos, nem tudo está perdido. Decido mantê-la por perto. É melhor aceitar os serviços dela.

— Vou pedir a Eva para te dar algumas



fotos e plantas de todo esse andar.

— Não quer dar uma olhada no portfólio? Precisa escolher cores, texturas...

— Faça um projeto, procure por móveis, tecidos, texturas, tudo o que precisar e me mostre depois.

— Claro. — Ela anui.

Volto a minha mesa e pego um cartão de visita onde se lê:

**Dr. Sawyer Graham**  
**Psicoterapia e psicanálise sexual**

— Quando a reforma estiver pronta, repense sobre a minha proposta. — Digo e minha voz é novamente séria, de terapeuta. Ela pega o cartãozinho e o olha. — Deixe-me ajudá-la. Tenho certeza de que o relacionamento com seu namorado alcançará proporções surpreendentes.

— Mesmo se eu quisesse, Dr. Graham, não posso pagar. Se eu um dia precisar, procurarei alguém nas páginas amarelas da lista telefônica. — Marianne diz entre um sorriso brincalhão, dá um tapinha amigável no meu braço. Porém, quando vê

que não estou rindo, desfaz o sorriso imediatamente.

*Não estou rindo para você, baby. Não vê que estou contrariado?*

Ela fica séria e me estende o cartãozinho de volta.

— Por isso, eu dou uma primeira consulta grátis, experimental. — Não pego o cartão de volta. — Se você gostar, pode marcar outra e os preços aumentam gradativamente até chegar ao total. Fique com o cartão. Pense nisso, faça pelo homem que você ama.

Uau! Até eu estou me convencendo com minhas próprias palavras. O que um safado patife não faz para levar uma garota para a cama? É apenas isso que eu quero dela: sexo. Muito sexo que fará a gente suar, ofegar e tremer.

# TRÊS

## MARIANNE

Não consegui trabalhar o resto do dia, não consegui analisar as plantas que Eva me deu e nem pesquisar modelos para redecorar o consultório. Tive que ir para casa, sob protestos de Alan.

Não conseguia parar de pensar no doutor Graham. Na sua beleza, na segurança das suas palavras. Como ele poderia saber?

Eu transei uma vez na vida, foi horrível, tenho pânico até hoje só de lembrar, mas não achei que minha falta de diversão na cama fosse tão visível.

Eu me sentei, rígida, no meu sofá vermelho na sala, olhando para a TV desligada. Além de tudo, a beleza dele não me deixa raciocinar. Eu precisei de muita concentração para demonstrar controle diante dele. Não iria tropeçar e cair aos seus pés, nem gaguejar e muito menos tremer.

Mesmo assim, ele viu alguma coisa em mim.

Com os olhos semicerrados, penso: como filmes eróticos são usados por casais? Que idiota! Levanto e subo até meu quarto. Troco de roupa, desço para a cozinha, faço um chá e vou para a frente do computador ver se consigo algumas opções para um autêntico consultório terapêutico.



Terça-feira chego cedo na empresa, pois tenho algumas visitas a clientes além da ida até a sede da revista de decoração de interiores, pois não consegui ir no dia anterior. Passei muito tempo montando um plano de design para o consultório do doutor Graham e já posso ligar para Eva marcar meu retorno.

— Já soube da nova, Mary? — Alan vem até minha mesa e joga um jornal em cima dela. Pego e vejo a notícia: *"Mercury vendido! O novo dono, ainda anônimo, fechou para redecorar e reabrir em breve."*

— Já imaginou se escolhe a gente para redecorar? — Alan sonha e eu jogo o jornal para o lado.

— Não sonho tão alto, Alan. — Penso em dizer a ele que tenho um contrato prestes a ser assinado por uma celebridade, mas deixo a notícia para depois. Doutor Graham ainda não assinou nada, então, melhor não comemorar antes da hora.

— Não custa sonhar, né? Vai ver o senhor Peter ou quer que eu vá? — Ele me faz lembrar de um cliente que deveria ver às nove.

— Não. Você fica tomando conta de tudo. Eu irei vê-lo e depois vou para outro cliente.

— Quem? Não vi nada na sua agenda.

— De última hora. — Empurro minha pasta para ele. — É um consultório de terapeuta, veja o que acha das minhas ideias. — Ligo o computador para ver os e-mails, enquanto Alan olha os rascunhos que fiz.

— Maravilhoso, mas não gostei dessas poltronas. É doutor ou doutora?

— Doutor.

— Velho ou novo?

Penso no moreno alto de olhos verdes e sorriso matador.

— Hum... novo, eu acho.

— Eu trocaria as poltronas por uma cor mais clara. Mas gostei dessa nova parte mais alta, em que ficará o divã, para as análises. Posso ir com você?

— Não, Alan, você precisa cuidar de tudo aqui. — Levanto e tomo a pasta da mão dele, que sai da minha sala revirando os olhos. Olho a foto do hotel no jornal, é belíssimo, eu sempre o achei fantástico. Ele tem um design maravilhoso. Fico com preguiça de ler a matéria e jogo o jornal na gaveta. Pego o telefone e consigo marcar com Eva para 9h30. Doutor Graham estará me esperando.



Sawyer Graham além de bonito, é terapeuta. E o que terapeutas fazem? Analisam o tempo todo. Eu estava lá, andando pelo consultório dele, explicando o que pretendo fazer e ele apenas de pé,

recostado na mesa com as mãos nos bolsos da calça, me analisando. Terapeutas não deveriam ser tão provocantes e olha que ele está apenas parado, com sua calça social e seus sapatos pretos e lustrosos, provavelmente italianos.

— Não acho que precise mudar a planta do consultório. É perfeitamente dividido. A não ser que o senhor queira. — Olho para ele.

— Quero. — Ele fala, depois balança a cabeça e se corrige: — Quero dizer, não precisa.

— Ótimo, isso será bem mais fácil. — Viro as costas para ele. É mais fácil se eu não olhar — Em mais ou menos duas semanas, se o senhor aprovar o projeto, posso entregar o consultório reformado.

— Já está aprovado. Quer um café?

Viro para ele e doutor Graham me analisa, quase sem piscar.

— Ah! — Olho no meu relógio. — Tenho um cliente para visitar às 11h. Deixarei o contrato com orçamento para que leia e assine. Cobramos metade do valor como entrada. — Espero uma possível negociação, mas os lábios dele apenas dão uma leve curvada para o lado.

Juro que fiquei com um pouquinho de medo e saí correndo do consultório. Tinha uma mulher maravilhosa na sala de espera, uma paciente. Não sei como essas mulheres conseguem se tratar com um terapeuta que analisa daquela forma, com aqueles olhos verdes. Eu não teria capacidade mental de me deitar num divã e ficar contando minha vida para um homem desses.



## SAWYER

Decidi manter Marianne por perto. Trabalhando para mim, eu poderia analisar quieto no meu canto. Teria ela sempre por perto e, no fim, poderia tentar uma aproximação. Durante toda minha vida, tive que ralar para conseguir o que queria. Algumas coisas vieram de mão beijada, como meu consultório e meu modo de atuação. Mas isso é história antiga, que, para mim, deve se manter no passado.



Depois que Marianne saiu, com sua bunda empinada dentro de uma saia estilo secretária, recebi Trinna Verona, uma das minhas pacientes.

— Bom dia, doutor.

— Bom dia. Como está?

— Muito bem.

— Está fazendo em casa os exercícios que receitei?

— Sim. Eu me sinto cada vez melhor. Ontem consegui fazer sexo com meu namorado e foi tranquilo.

Trinna tem *dispareunia*. Sente dor durante ou após o sexo. É mais recorrente em mulheres entrando na menopausa, por causa do ressecamento da vagina, mas esse não é o caso de Trinna. O caso dela é puramente psicológico, falta de relaxamento. Ela fica nervosa demais e não consegue se excitar e nem chegar a um orgasmo. Mas eu consegui fazê-la gozar. Nas primeiras consultas, eu fui de leve, indo devagar para ela se acostumar. Nada de penetração. Isso só aconteceu na quarta consulta. Hoje é a sétima.

— Está pronta? — Sorrio para ela.

— Sim. — Já está rosada.

— Siga-me. — Caminho em direção à porta que leva ao meu estúdio de terapia.

Eu estudo muito cada caso, para ter uma saída adequada a cada uma. Há coisas que não posso fazer, aí eu encaminho para algum ginecologista, como Trinna, que faz acompanhamento com uma médica que eu indiquei.

No meu estúdio tem vários compartimentos, salas diferentes para ajudar nas fantasias das pacientes. Levo Trinna para a sala branca. Ela precisa ter apenas um foco. Nada pode chamar a atenção dela. As paredes são brancas e os móveis também.

— Tire a roupa, Trina. — Peço, com uma voz mansa. Ela assente, deixa a bolsa numa cadeira branca e começa a se despir com as bochechas muito rosadas.

— Sem nervosismo. Já fizemos isso. Respire fundo e tente se concentrar no sexo. Esvazie sua mente, não pense em outra coisa lá fora. — Continuo falando de pé, observando-a enquanto se despe. — Tire tudo e se sente na mesa. — Aponto para a mesa alta.

Ela termina e senta.

— Agora olhe para mim. — Ela me olha e eu começo a me despir sem quebrar nosso contato visual. Trina respira fundo e fica firme e forte, não desvia o olhar. Fico de cueca e vou em direção à mesa.

— Hoje iremos usar apenas dedos e boca. Vou precisar de sua total atenção. — Pego uma faixa e mostro para ela. — Vou vender você, coloque de lado todos seus pensamentos nesse momento, se concentre no seu tesão, deixe sua vagina relaxar e depois vou querer que repita isso na sua casa com seu namorado, entendeu?

— Entendi.

— Ok. Vou chupar você e a farei gozar. Depois iremos a um novo orgasmo, em um sessenta e nove terapêutico. — Rio por dentro, mas me mantenho sério. Sessenta e nove terapêutico, essa foi boa. Eu sou a pessoa mais escrota que já vi.

Ela balança a cabeça assentindo e dou um tapinha no rosto dela.

— Boa garota. Vamos começar.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# QUATRO

## MARIANNE

Duas longas semanas tinham se passado. Estou atarefada com a reforma no consultório do doutor Graham e outras obras que já estavam em andamento quando aceitei o pedido de Candice.

Eu quase nunca vejo o doutor, sempre está muito apressado quando aparece por aqui. E quando preciso de alguma opinião dele, trocamos poucas palavras apenas relacionadas à reforma. Além disso, a maioria das coisas fica com Eva e, quando eu chego, ela me repassa as opiniões do patrão. Sabe aquela história: eu posso ignorar você, mas não quero ser ignorada? Está acontecendo comigo.

*Por que ele não voltou a me oferecer tratamento?*

Ele está me evitando. Duas vezes flagrei Graham olhando para mim, absorto em pensamentos, me analisando. Mas, quando eu devolvia o olhar, ele não dizia nada, apenas acenava e voltava a fazer o que estava fazendo antes.

Quando recebia alguma paciente, eles se trancavam depois de uma porta que havia no consultório e eu e os homens que estavam trabalhando lá não escutávamos nada. Ele tinha dito que eu não deveria redecorar aquela parte onde ele sempre levava as pacientes e isso atiçou minha curiosidade. O que tinha atrás daquela porta?

Desde que comecei a reforma, nove mulheres foram lá, dentre elas, uma cantora. Fiquei de plantão esperando que saísse para pedir um autógrafo. Não estou nem aí se ela ou o doutor pensaram mal de mim, o importante é que vou poder exibir o autógrafo em um quadro no meu escritório. Candice vai chorar de inveja.

Estou trabalhando apenas no consultório principal e na entrada onde Eva fica. A propósito, essa tinha se transformado em uma grande amiga. Ela me confirmou outro dia que o Dr. Graham

nunca deu em cima dela. Apenas insinuou que, se ela quisesse, poderia se tratar com ele.

Aquele homem acha que todas as mulheres têm problemas mal resolvidos e precisam de terapeutas? Ele precisa de um terapeuta para resolver esse complexo de Narciso. É muito vaidoso o maldito. Vaidoso e bonito, sabe se vestir e sabe que pode causar um turbilhão nas mulheres que o rodeiam. Por sorte, sei mascarar o que sinto.

No primeiro dia que fui lá, eu pensei em tudo o que ele tinha me dito. Cheguei à conclusão de que ele é muito bom no que faz, sabe mesmo analisar uma mulher, sabe que tenho problemas no meu relacionamento. E meus problemas só aumentavam em relação a Ryan.

Ryan sempre diz que está tudo bem, que vai esperar o tempo certo. Mas eu via que ele não estava bem. Ele não é um homem promíscuo, mas, como todo homem sadio, quer algo mais no relacionamento. Ele é mais velho que eu, bem mais vivido e tem boa experiência com mulheres, não está acostumado a ser privado de sexo de uma hora para outra. Candice costumava transar com os caras que conhecia já no segundo encontro. Vou fazer um

ano de namoro e ainda não deixei o meu namorado colocar a mão em mim. É sim por medo. Medo do que eu posso fazer, medo dele me detestar em seguida como Charles me detestou. Medo da represália que pode vir se dormirmos juntos. Eu tenho medo de sexo. Esse é o meu problema.

Um terapeuta seria minha solução? Ele seria mesmo capaz de me ajudar a aprofundar meu relacionamento com Ryan?

Esse pensamento me ocorreu todas as vezes que eu vi o Dr. Graham cruzar a sala quando eu estava por lá trabalhando. Também pensava nisso toda vez que via uma mulher bonita sair de dentro da tal porta, com um sorriso nos lábios. Ele seria mesmo a solução para os problemas das mulheres? Se é tão cotado, talvez, sim.

Sem falar que deu certo com Candice. Sim, ela já se tratou com doutor Graham. Ela nunca conseguia arrastar um homem para o altar devido a sua obsessão por controle e perseguição que fazia os homens fugirem. Após cinco sessões com Graham, ela conseguiu segurar Leopold e juntos formavam um belo casal. Ela conseguiu engolir suas compulsões e ter um relacionamento sadio.



Se ele pôde consertar Candice, por que não poderia me ajudar com alguns conselhos sobre sexo?

Olho minha imagem no espelho. Solto os cabelos e me sinto ótima para um jantar com meu namorado. Só podemos sair para jantar mesmo, sinto tanto por isso. Eu gosto mesmo de Ryan e tenho que segurá-lo de alguma forma. Sei que posso perder algo valioso se continuar evitando-o.

Suspirando, pego meu celular e aperto a discagem rápida. Candice atende após o segundo toque.

— Diga, Mary.

— Candice, estou com uma dúvida... Estive pensando... se você poderia... se poderia... — começo a gaguejar.

— Marianne, diga logo de uma vez.

Imagino Candice do outro lado, impaciente, batendo o pé e massageando os cabelos.

— Estou com problemas no meu relacionamento, você sabe, e quero saber se você recomenda o terapeuta que a ajudou. — Digo tudo em um fôlego só. Fez-se silêncio do outro lado da linha. Fico inquieta esperando que ela responda.

Dentro de mim, julgo meu impulso de ligar para Candice e perguntar isso a ela. Foi certo? Estou raciocinando direito? Pelo silêncio dela, é possível que eu não tenha agido corretamente.

— Candice?

Com certeza, eu disse algo indevido.

— Já conhece o Dr. Graham, não é? Está trabalhando para ele — afirma com a voz receosa.

— Sim, conheço. Mal o vejo, mas sei quem é. Foi ele que ajudou você, não é mesmo?

— Foi, mas acho que deveria procurar alguém menos intenso, Marianne.

— Como?

Sento-me na cama.

— Acho que não consigo explicar. — Noto estresse na voz dela. — O tratamento do Dr. Graham vale a pena, mas não sei se é o certo para você. Ele pega pesado, digamos assim.

— Pega pesado?

Agora estou intrigada. A imagem da cantora saindo feliz da porta misteriosa junto com o Dr. Graham me vem à mente. *Pega pesado como?*

— Escute, Mary, Leo tem muitos amigos

que são analistas e terapeutas, vou passar por e-mail os nomes deles e você escolhe um. Deixe Graham de lado.

— Não gostou do tratamento dele? — Insisto. Há silêncio do outro lado da linha e um pequeno suspiro.

— Gostei. Mas ele é daqueles que quer resultado imediato. Você vai pagar uma fortuna ao Graham inutilmente. O seu problema, amiga, é para ser estudado com calma. Não à base de ferro e fogo.

Deixo meus pensamentos voarem livres, estou curiosa, o que ele faz de tão intenso assim? Ferro e fogo? Bem, sou uma garota muito centrada e chego a ser chata em alguns aspectos. Acho, aliás, tenho certeza, que não quero me enfiar no consultório luxuoso de um terapeuta sabendo que ele leva as terapias de um jeito meio... bruto seria a palavra? Estou mesmo com medo depois do que Candice diz. Sem falar que posso perder meu dinheiro. Meu suado e sofrido fundo para urgências.

— Claro, Candy. Isso mesmo que pensei. Aceito, sim, sua lista com outros profissionais. Já

desisti do Dr. Graham.

— Ótimo Mary, um tratamento com um profissional será ótimo para você, poderíamos ter pensado nisso antes. Vou conversar com Leo. — É impressão minha ou Candice respirou aliviada?

— Falando nisso, como anda sua lua de mel, vadia? Quando vai voltar?

— Calma, sua invejosa. Voltaremos amanhã. Quero te ver para contar tudo, tudo mesmo.

— Eu mal posso esperar. Ryan está me deixando louca. Preciso sair um pouco e espairecer.

— O danado ainda está querendo trepar com você?

Reviro os olhos e dou um tapa na testa.

— Candice! Isso soa tão vulgar.

— Eu sempre fui assim, Marianne. E você não vai acreditar no que um homem certinho como Leopold faz e diz entre quatro paredes.

— Sério? Dizem que os certinhos são os piores. Já fico com medo do que Ryan possa falar comigo.

— Eu vou querer saber cada palavra sórdida

que aquele loiro gostoso falar para você.

— Candice! Você está casada. —  
Repreendo-a.

— Mas não estou morta. Acho sim que ele é um gostoso e aqui vai um conselho: procure logo ajuda, e dê logo para ele antes que outra faça isso.

— Vou desligar. Não quero ouvir você cobiçando meu namorado. Ficou mais bocuda depois que casou.

— Nós nos vemos no sábado? Amanhã Leo e eu vamos descansar da viagem.

— Nos vemos no sábado.

— Um beijo, Mary.

— Tchau, Candy.

Fico por um instante remoendo as palavras de Candice. A minha curiosidade alcançou proporções imensas, ultrapassou o temor. Que tipo de tratamento severo seria esse que Graham pratica?

Levanto e pego minha bolsa. Não contei a Candice que ele tinha sido atrevido e dito aquelas coisas para mim. Acho que não contarei para ninguém.

Saio e fecho a porta. *Graham na minha mente*. Creio que eu posso imaginar razoavelmente como ele é intenso. Não no seu consultório... Mas em um momento mais... particular. Entro no carro e dirijo pela noite sozinha. Eu tinha dito a Ryan que não precisava vir me buscar. Hoje eu darei a ele uma esperança para a gente.

Durante o jantar, conto a ele sobre querer começar uma terapia. Ele me perguntou se era com o Dr. Manhattan. Acabei rindo quando ele nomeou Sawyer assim. Isso não veio dos quadrinhos? Aquele cara azul...

Lógico que não, Sawyer é para as ricas.

Ryan ficou meio desconfiado e eu disse que Candice vai me recomendar alguns terapeutas de confiança. Eu o fiz prometer que terá paciência comigo. Ele concordou. Estou me sentindo mais aliviada e esperançosa. Vai dar tudo certo.

Mais tarde, saímos satisfeitos e parecendo um casal normal. Eu segurava o braço dele enquanto íamos em direção ao meu carro. Ele me beijou tão doce e carinhosamente que quase chorei. Ficamos um tempo abraçados e quando nos afastamos ele acariciou meu rosto.

— Pegue a lista que Candice mandar e leve para o Dr. Manhattan ver. Ele é terapeuta, talvez conheça algum nome da lista e possa te dar uma boa referência.

— Verdade, tem razão. Farei isso na próxima vez que o vir.

E isso aconteceu dois dias depois do jantar com Ryan.

Eu decidi me arrumar diferente. Nada de terninhos. Vesti uma calça jeans, calcei sapatilhas e coloquei uma jaquetinha básica por cima de uma blusa branca.

Solto meus cabelos. Odeio meus cabelos soltos. Apesar de serem macios, eu os acho grandes demais e a cor é estranha. Candice sempre disse que é cor de lama, Ryan os considera cor de chocolate. Estou pensando em pintá-lo de loiro e cortá-lo na altura dos ombros, acho que ficaria bacana. Penteio com cuidado e com os dedos, amasso as pontas para encorpar os cachos naturais.

Passo uma sombra, delineador nos olhos e um batom claro nos lábios. Respiro fundo e sigo para a avenida dos teatros. A famosa Broadway,

onde fica o consultório de Sawyer. Nem me espanto com uma coisa dessa.

Olho mais uma vez no espelho antes de descer do carro. Quero passar a impressão de mulher independente que é amada e feliz. Aquele terapeuta arrogante não terá o que falar de mim.

O serviço no consultório dele já está terminando. As paredes já estão pintadas, o carpete trocado e os móveis estão sendo montados. Assim que tudo estiver pronto, eu darei os últimos retoques.

Visivelmente Eva e Sawyer não me esperavam. Chego e ele está meio inclinado sob a mesa dela, exibindo seu jeans preenchido por uma bela bunda, enquanto dá algumas ordens para Eva. Parece preocupado, e ela também. Ele entrega um envelope à secretária e ela o coloca em uma pasta. Assim que entro, Eva me vê. Eu não me apresentei na recepção lá embaixo, como entro e saio daqui constantemente ao longo das duas últimas semanas, já tenho passagem liberada. Aceno para ela com um sorrisinho discreto.

Graham vira-se para olhar quem tinha chegado. Eu noto como os olhos surpresos dele



passam depressa por todo meu corpo com um brilho intenso e depois voltam para meu rosto. Com certeza ele está surpreso por eu não estar de calça ou de saia sociais e cabelos presos em coques severos ou rabo-de-cavalo.

Olho ao redor, a sala de Eva está ótima. Já foi concluída. Passo a mão no novo sofá marfim, sentindo a textura. Era exatamente o que eu tinha pensado. Olho para a parede atrás e vejo um quadro que eu não tinha visto antes.

— Ficou muito bom — diz Sawyer.

Levanto os olhos e ele está perto de mim. Fico sem saber a que ele se refere. Se ao meu visual descontraído ou a sala recém-reformada.

— Obrigada. — Agradeço a qualquer uma das duas coisas a que ele tenha se referido. Aponto para o quadro.

— Muito bonito.

— Trouxe da minha coleção particular. Achei que ficaria melhor aqui.

Não estou mesmo surpresa por ele ter uma coleção particular. Torço para não ser de um artista famoso e valer milhões. Se for isso, estou diante de um desses milionários cheios de frescuras e mimos.

Como se ouvisse o que estou pensando, ele se aproxima mais.

— Um legítimo Van Gogh. — Revela com a voz cheia de orgulho. — Consegui em um leilão. Foi uma luta acirrada com um colecionador australiano.

*Sim. Ele é um desses playboys mimados.*

— É lindo. — Viro-me para ele e ao mesmo tempo coloco uma mecha de cabelo cor de lama atrás da orelha.

— Dr. Graham, eu poderia pedir um minuto do seu tempo? Só preciso que me dê um conselho. — Peço e, para minha surpresa, não preciso usar a carinha triste que tinha ensaiado. Ele é um homem muito ocupado e eu tive medo que dissesse não.

— Claro, venha.

Ele me conduz até o consultório, eu toda arrepiada pela mão dele apoiada nas minhas costas mesmo através das camadas de roupas. Será que ele percebeu? Olho em volta e está quase tudo pronto. A estante está sendo montada, há várias caixas lacradas no chão. São os móveis novos.

Hoje Sawyer irá a um desses almoços importantes, depois tirará a tarde de folga e pediu

que eu desse folga aos homens.

— Amanhã, provavelmente tudo estará no lugar. — Eu me desculpo meio sem graça apontando para as caixas. Ainda não consigo encará-lo. Vejo pela minha visão periférica que estou sendo estudada atentamente por um par de olhos verde musgo.

— Está tudo bem. Sente-se. — Ele indica uma cadeira, dá a volta e se acomoda em frente a mim.

Eu sento, abro a bolsa e tiro a lista de nomes que Candice me mandou. Tem uns seis nomes de homens.

— Dr. Graham, eu decidi seguir seu conselho. Pensei muito e vejo que preciso mesmo de ajuda.

Juntando coragem, eu o encaro. Olhos nos olhos. Ele sorri.

— Que bom. Aceitação é o primeiro passo.

— Minha sócia me mandou nomes de alguns profissionais por e-mail. — Empurro o papel para ele. — E pensei que talvez você pudesse dar uma olhada. Pode me indicar algum deles?

Ele segura o papel, mas não olha para ele.

Seus olhos estão sobre mim. Fixos, parecem duas esmeraldas brilhantes, as sobrancelhas meio levantadas. Luto bravamente para permanecer inalterada, como da primeira vez que vim aqui.

— Por que está fazendo isso?

Seu sorriso havia morrido em seus lábios. Uma máscara de aspereza cobriu o rosto belo. Estou acuada.

— Oi? — pergunto sem entender.

— Sou terapeuta. Por que não posso ajudá-la?

— Eu... Há vários motivos, Dr. Graham. Um deles é o dinheiro. Ryan e eu estamos economizando para nos casarmos um dia. Vou pagar um terapeuta que esteja dentro do meu padrão de vida.

— Garanto que comigo custará pouco mais do que com qualquer outro.

*Até parece! Um terapeuta que foi capa de revistas como People e Forbes? Faça-me rir.*

— Mesmo assim, eu insisto, Dr. Graham. Preciso apenas de sua opinião sobre esses nomes da lista.

Aponto para a lista mais uma vez. Ele nem olha. Mal-educado. Olhe pelo menos, me dê atenção. Que saco!

— Qual é o outro motivo?

— Como?

— Você disse que há vários motivos. Quais são os outros a não ser o dinheiro?

Meu corpo enrijece e começo a me sentir aflita. Cheguei aqui tão calma, ciente de que iria apenas ter uma conversa agradável, mas ele está começando a me deixar confusa. Como posso dizer que ele é intenso demais para mim? Tenho que procurar as palavras certas para não ofendê-lo.

— Dr. Graham, Candice, minha sócia, acha que eu preciso de alguém que vá me acompanhar por um bom tempo, meu caso é mais difícil e ela tem certeza que seu tratamento não serve para mim.

— Então ela é terapeuta para diagnosticar você?

A pergunta dele foi arrastada de sarcasmo. Fico mais tensa. Ele está me acuando cada vez mais.

*Eva, chame a emergência.*

— Não... Mas ela se consultou com o senhor e... conhece seu tratamento.

Essa última parte da minha fala soa tão fraquinha que me sinto uma tola. Acho que deve ser por causa desses olhos acusatórios me deixando sem voz.

— Ela disse qual era o tratamento?

— Não. Apenas disse que o senhor quer resultados imediatos e em apenas cinco sessões

— Isso ocorreu no caso dela. Pelo amor de Deus, Marianne. — Ele levanta o tom de voz — Todos nós sabemos que cada pessoa é diferente, com problemas diferentes e merece tratamentos de proporções diferentes. Preciso analisar seu caso para determinar quanto tempo de tratamento vamos ter. Candice não sabe do que está falando.

Ele se recosta. Está todo poderoso e gostoso em sua cadeira. Estou desconcertada por não conseguir raciocinar perante tanta beleza. Onde está minha parte racional quando mais preciso dela? Tenho várias Mariannes dentro de mim (ou melhor, todas nós mulheres temos várias versões diferentes de nós mesmas interiormente) trabalhando todas juntas, com personalidades diferentes, e justo a que

eu estou precisando não está disponível no momento. Encaro-o sem medo e depois meus olhos escorregam para a lista na mesa.

— Não acha que algum dos profissionais dessa lista poderia me ajudar com um orçamento mais acessível?

Aponto para a lista que está na mesa entre nós dois e que ele ainda não olhou.

Sawyer olha rápido para o papel, mas não o suficiente para ler o que está escrito. Pega, dobra e me entrega de volta.

— Não vamos insistir nisso. Garanto que sou o melhor para tratar o problema que você tem.

— Eu não...

Tento dizer, mas ele me faz parar com um gesto.

— Acredite, você vai gastar muito mais dinheiro com esses terapeutas de tratamentos longos e talvez sem resultado positivo. Admito que minha técnica é mais intensa e por isso o tempo de duração é menor.

— É claro que você garante resultado positivo. — Faço um ar de chacota. Se ele pode zombar, eu também posso.

NACIONAIS - ACHERON

— Ainda não tive reclamações. — Ele dá de ombros com um sorriso elegante.

— Eu preciso pensar...

— Pensar em quê? Você já não está com a ideia fixa de procurar um terapeuta? Pois está sentada diante de um.

— Eu tinha pensado em outro qualquer, um desses que Candice me indicou.

Ainda com medo não sei de quê, balanço a lista timidamente na minha frente.

— Escuta, hoje estou com um pouco de pressa, tenho negócios a tratar. Estou iniciando um novo negócio e requer muito do meu tempo. — Ele olha para o relógio.

Eu entendo a deixa e levanto. Pego a bolsa e espero ele dar a volta na mesa.

— Posso marcar um horário para a gente conversar sobre o seu problema? — Ele indaga. Está perto demais. Posso sentir seu cheiro, e não quero senti-lo, minha mente precisa se focar em muitas outras coisas e o cheiro de um homem bonito é a última coisa que quero pensar. Dou um passo para trás.

— Eu... eu ligo se decidir alguma coisa. —



Dou um tapinha amigável no ombro dele e quando encontro os olhos verdes frios, afasto minha mão tão rapidamente que é como se tivesse tocado no fogo. Exatamente como da outra vez que estive aqui e tentei uma aproximação amigável tocando no braço dele.

Tão bonito e tão idiota. É nítido que não tem um pinga de senso de humor. Torno-me mais solene.

— Muito obrigada, Dr. Graham.

Saio quase correndo da sala e dou um rápido tchau para Eva. Em segundos, estou dentro do elevador e, logo depois, dentro do carro fugindo daquele homem que me deixa totalmente entregue, sem reação, confusa e aflita.

# CINCO

## SAWYER

Estou tão fodido. Acabo de receber uma notificação sobre um segredo que guardo, um problema que achei que conseguiria contornar e ficar por isso mesmo. Mas tudo foi descoberto e eu vou ter que encarar a lei e dar explicações plausíveis. Logo agora que tudo estava dando certo...

Pelas janelas da suíte do Mercury Hotel, agora batizado como Kayla Plaza Hotel, olho a cidade escurecer lá embaixo. Apesar da notícia não muito boa que recebi sobre um dos meus segredos, a reforma do hotel está um sucesso. Logo poderei abrir numa bela festa de reinauguração.

Entretanto, mesmo que o preço do hotel tenha sido uma barganha, não me sinto exultante. Eu vou me aposentar do consultório, cacete! Tão cedo... só comi metade de Manhattan e do resto do

país. Ainda é pouco.

Esse é outro assunto que não quero entrar em detalhes, mas é tudo que conheço. É tudo o que venho fazendo desde os 18 anos. O que vou fazer a seguir?

Houve coisas antes do consultório, que não vêm ao caso e das quais poucas pessoas têm conhecimento.

Exalando profundamente, eu procuro minha parte racional.

A imagem de uma jovem delicada me veio à mente. Marianne quer um futuro seguro com o namorado, está buscando uma maneira de ser feliz com o homem de quem gosta e eu não estou respeitando o sentimento dela, a única coisa que sinto é uma necessidade urgente de desvendá-la e descobrir do que ela precisa, afinal. E claro, o mais importante: conseguir curá-la de qualquer mal que esteja sentindo com meu método eficaz, sexo.

Pronto, minha parte racional ficou por 15 segundos e foi embora. Preciso urgentemente encontrar uma forma de comer Marianne. Estou louco e obcecado por aquela bunda.

Ouçõ a porta do banheiro bater e Jill sai

enrolada em uma toalha com os cabelos loiros molhados caindo pelas costas.

*Jill.*

Há tanto tempo eu a tenho ao meu lado, é como fazer sexo com uma amiga. Apenas por fazer, prazer momentâneo. E o fato de eu enxergar isso me preocupa muito. Eu sou um vagabundo patife sem importância para o mundo, sempre fui assim desde muito novo e por que devo me importar em tentar mudar agora? Apenas por ter conseguido comprar o hotel que minha irmã gostava e dado o nome dela ao lugar? Isso tinha sido o mais perto de humanidade que eu cheguei desde que ela se foi.

Sinto os braços envolverem meu corpo nu. Olho e sorrio para Jill.

— Está muito pensativo. Não gosto quando fica assim. — Ela diz me dando beijinhos nos ombros.

— Eu consegui o hotel. Isso é motivo para pensar.

— Venha, deite-se e vamos continuar a comemorar sua nova aquisição.

Viro-me de frente para ela.

— Jill, eu comprei esse hotel e acho que  
NACIONAIS - ACHERON

talvez um dia vou querer colocar os pés no chão, deixar toda a putaria de lado. — Considero em um tom reflexivo.

Ela acaricia meu braço, pensativa. Há incerteza nos olhos azuis.

— E pretende me abandonar?

— Pretendo abandonar a vida que levo. Tem a intimação, lembra?

— Deixar tudo? Tanto o consultório como a...

— Os dois, Jill. Além de estar impedido, estou mesmo repensando sobre essa minha vida.

Saio de perto dela e ando em direção a cama.

— E será que na sua nova vida vai ter espaço para uma garota? Uma única? — Ela me segue e acaricia minhas costas. Seu sotaque é britânico e, às vezes, sua voz fica muito melosa, algo que Jill usa quando quer seduzir, mas sabe que não funciona comigo.

Eu me arrasto na cama, ela me alcança e deitamos juntos.

— É o que espero. — Reflito.

— Venha, não vou exigir sexo de você. Deve estar exausto de fazer isso sempre com várias garotas.

Ah, gata. Sexo é uma coisa da qual nunca vou me cansar. Ficar com garotas diferentes todos os dias é o paraíso... algo que não poderei ter mais.

— O consultório está em reforma. — Sei que não adianta mais nada a reforma, mas já tinha contratado os serviços de Marianne e não queria perdê-la de vista.

— Em reforma, como eu sugeri? Por que não me disse antes? — Ela abre um sorriso e fica eufórica. — Você poderia mantê-lo clandestinamente. — Pensativa, ela acaricia meu peito.

— E acabar com meu nome? Não mesmo.

— Mesmo assim, quero ver como está ficando.

— Claro. Passe por lá qualquer dia desses. — Dou de ombros e ajeito os travesseiros atrás das minhas costas.

— Qualquer dia desses? Já acabou mesmo com sua extensa lista de pacientes?

— Eu disse que estou de férias. Talvez eu  
NACIONAIS - ACHERON

consiga dar uma reviravolta. Não sei se alguma coisa é definitiva.

— Então está livre daquelas ricas safadas.  
— Ela fica toda manhosa, passando o pé na minha perna. — Gosto disso.

— Tem uma mulher que estou querendo que seja minha paciente. — Penso em Marianne. — Tenho fortes suspeitas de que ela não faz sexo com o namorado.

Coloco meus braços atrás da cabeça e Jill se aconchega ao meu corpo fazendo carícias no meu mamilo. Abaixo meus olhos para ver os dedos dela.

— Então, como bom samaritano, você vai transar com ela para ela conseguir dar para o namorado?

— Tecnicamente é isso. Mas não sei se ela vai aceitar quando descobrir como é minha terapia.

— Ela não sabe? — Jill para de me acariciar e me olhar meio perplexa, meio irônica. Eu me viro para ficarmos de frente.

— Sabe aquelas pessoas superchatas, certinhas e cheias de não-me-toques? É ela.

— Chata, mas que você ficou com vontade de comer?

— Não me julgue. Você não viu a bunda que eu vi. — Jill me encara, parecendo emburrada e inquisidora. — Além do mais, ela é intrigante.

Ela se apoia no cotovelo olhando para mim.

— Ei, preste atenção. Fuja desse tipo de mulher. Eu sempre disse para você não se envolver com mulheres inexperientes ou muito novas. Elas têm mais chance de se apaixonar.

— Não há paixão, nem qualquer ligação entre a gente. Acho até que ela me odeia.

— Jesus! Mas depois que ela descobrir os prazeres carnavais com um homem bem mais experiente... eu não quero nem ver onde isso vai dar. Conselho de amiga: fuja dela. Não vale a pena.

— Não sei. Meu desejo está no limite. Hoje eu a encontrei. Ela faz com que eu não consiga raciocinar, eu preciso descobrir o que, afinal, aquela mulher quer da vida.

— Procure-a longe do consultório, leve-a para a porra de um motel, satisfaça seu tesão e vire as costas para o bem da menina. Ela vai se casar um dia, pense nisso, Sawyer. Ela é uma mulher comum, não é como nós dois, imunes a sentimentos.



Fico calado pensando nisso. Jill tem toda razão. Só de olhar para Marianne posso ver que ela é muito inexperiente. O risco da paixão existe, não para meu lado, paixão e amor são coisas impenetráveis para mim. Mas é arriscado para a pobre Marianne que, provavelmente, ainda não conhece os prazeres que um homem poderia lhe dar. Ainda.

Qual será o problema dela? Essa curiosidade está acabando com meu psicológico.

A ideia de Jill nunca dará certo. Em hipótese alguma Marianne aceitará um convite para sair comigo. Se isso acontecesse, eu poderia desfrutar dela por alguns dias e depois sair fora. E se ela por acaso aceitasse ser minha paciente, haveria várias restrições que não deixariam que eu desfrutasse de uma boa transa com ela. Todas aquelas regras.

Jill se aconchega ao meu corpo e ficamos calados, acho que ela dormiu. Tivemos uma tarde e tanto. Ela, no trabalho, e eu aqui, no hotel, instruindo sobre a reforma. Depois nos encontramos e festejamos muito com bebida e sexo. É bom me divertir com Jill, não por causa do

sexo mas por sermos íntimos e ela ser alegre, alto astral.

Deixo-a dormir e meus olhos paralisam admirando as sombras no teto provocadas pela claridade da noite que entra pela janela. Sou um cretino egoísta, apesar das advertências que acabei de ouvir sobre não me envolver em um tratamento com Marianne, eu não consigo parar de pensar nela, sei que é apenas a cabeça de baixo pensando mais alto e por isso sinto raiva. Eu preciso, mais do que nunca, ser racional, pensar com cuidado e talvez deixar ela livre. Tenho que deixar outro terapeuta de verdade fazer um tratamento de verdade, não uma introdução à perversão.

É fato, decido que minha vida é esta. Ao lado de Jill e comendo mulheres para ganhar muito dinheiro. No dia em que puder parar, serei um homem livre e sozinho.

Marianne irá receber uma lista de melhores terapeutas da cidade. Ela e o namorado merecem uma vida normal. Uma vida que nem sei se posso dar a mim mesmo.

De manhã, Jill sai bem cedo. Hoje não tenho

muito o que fazer. Ontem conversei com Eva e a despedi. Disse que precisava dar uma trégua em tudo. Ela compreendeu e me disse que quando eu voltasse a abrir o consultório, a avisasse. Não vou voltar a abrir, não posso a não ser que eu queira ser preso. Já paguei uma fortuna de fiança. Tudo se resolve quando se tem dinheiro, bons advogados e mulheres ricas e gratas dispostas a me ajudar.

Quando acordo já são quase nove horas. Tenho que levantar e ir buscar alguns contatos de terapeutas para Marianne, como prometi a mim mesmo.

Vou ao banheiro e tomo aquela ducha revigorante. Eu me sinto leve e tranquilo, sempre fico assim quando estou no hotel.

Depois ligo para Arthur, gerente do hotel e meu braço direito, para que ele faça um levantamento dos melhores terapeutas da cidade, profissionais de confiança. Marianne não sai da minha cabeça, mas, pelo bem dela, é melhor deixá-la livre.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# SEIS

## MARIANNE

— Candice, hoje eu acordei radiante. Pretendo ir atrás do primeiro terapeuta da lista que você me deu.

Jogo-me no sofá com o celular no ouvido. Passo as costas da mão na testa limpando o suor, estou ofegante do trabalho doméstico. Quem precisa de academia quando tem uma casa para limpar?

— Que bom, Mary. Ainda vê Sawyer Graham?

— Não mais. Meu serviço terminou na semana passada. Já deve ter uns quatro dias que não o vejo. — Sim, quatro dias exatos. Não consigo parar de contar, já que fiquei de dar uma resposta a ele. Eu me acovardei mesmo, fugi enquanto tinha tempo.

— O que ele disse sobre o resultado final do  
NACIONAIS - ACHERON

seu trabalho?

— Disse que ficou ótimo, parece ter gostado. Não sei, homens conseguem esconder seus sentimentos tão bem.

— É isso mesmo. Ele te pagou?

— Claro, Candice. Eu imagino que ele seja um monte de coisas, menos caloteiro. O dinheiro já está depositado em minha conta.

— Isso é o que importa. Dr. Graham é página virada? — Noto um tom preocupado na voz dela.

— Virada e com um ponto final — digo, ignorando o tom dela.

Olho para minhas unhas que precisam ser refeitas. Serviços domésticos acabam com as lindas unhas de uma mulher.

— Ótimo. Vai para o escritório agora?

— Mais tarde. Antes vou terminar de arrumar o apartamento. Alice chega na semana que vem e quero deixar tudo em ordem.

Passo o olho pela sala toda desarrumada, alguns móveis fora do lugar e materiais de limpeza espalhados. Para iniciar a faxina, tenho vigor, mas,

ao colocar tudo de volta no lugar, a preguiça me possui de tal maneira que sinto vontade de ligar para uma empresa de faxina e deixar que terminem tudo.

— Que bom, Mary. Uma companhia para você. Não quero minha amiga sozinha em casa assistindo séries antigas ou jogando The Sims no computador.

— Eu amo construir em The Sims. —  
Rebato.

— Sei. Deixe isso para seus futuros filhos. Vou agora, porque alguém nessa sociedade precisa trabalhar. — Declara a sem-vergonha que ficou vinte dias de folga com o marido enquanto eu trabalhava como uma louca.

— Até mais, bandida.

Ela ri, eu desligo o telefone e pego a flanela para continuar espanando a poeira da casa.

Para embalar minha faxina, ligo o aparelho de som e começo a rebolar ao som de Beyoncé.

Estou descalça com um short jeans curto e uma camiseta grande demais que era de Leopold e acabou ficando no antigo quarto de Candice. Eu adoro essa camiseta, é branca, fresca e muito

folgada. Eu a escondi no meu quarto no dia que Candice veio buscar as coisas que tinham ficado para trás.

“Crazy in Love” começa a tocar.

— Essa é velha, não é, Bey? — Eu paro e olho para o aparelho como se estivesse falando com a cantora. Vou para mudar para a próxima faixa, mas desisto. Essa música tem uma batida tão empolgante que aumento o volume e começo a cantar junto com o som.

Em meio a música, ouço o barulho da campainha. Abaixo o volume do aparelho e fico esperando. Semicerro os olhos em direção à porta e não ouço mais nada. Talvez seja apenas ilusão minha. Estou prestes a voltar a aumentar o volume quando ouço batidas na porta de novo e corro para atendê-la. No meu pensamento está Alan, primo e assistente de Candice. Com certeza, ela havia gentilmente mandado algum trabalho para mim, não pode ver ninguém sossegada. Se é que fazer faxina na casa é sossego. Destranco as duas fechaduras e abro no limite que a correntinha permite. Quase caio para trás quando vejo quem é.

— Oi. — Sawyer me cumprimenta com um



sorriso. Eu não respondo. Como poderia falar? Ele está deslumbrante usando um pulôver branco com calça jeans e um sapato preto esportivo com cadarço e os cabelos pretos desalinhados, enquanto eu pareço uma desabrigada. O que esse homem está fazendo na minha porta? Que Deus tenha misericórdia de mim!

— Passei no seu escritório, mas a secretária me disse que você não foi hoje. Ela me deu seu endereço.

Oi? Passou onde? Me amarrota que estou passada. O doutor Sexy Desejável foi me procurar no meu trabalho?

— Entendo. — Entoo uma voz natural e ridiculamente falsa. Como se terapeutas gostosos fossem me procurar todos os dias.

— Posso entrar? — Ele pergunta apontando para dentro, todo carismático.

*Não.*

— É chato ficar conversando através dessa fresta. Odeio essas correntes. — Ele explica em meio a um sorriso e aquilo me desarma. Concordo de imediato, sem pensar muito no que estou fazendo.

Eu achei que estava livre deste homem, em que ele está pensando aparecendo aqui? Nem temos mais nada para conversar. Será que algo no consultório dele desmoronou e ele veio reclamar?

Encosto a porta, tiro a corrente que a prende e abro para ele entrar.

— Não repare. Estou limpando a casa — digo em tom de desculpas. Corro e começo a tirar as coisas do caminho, desligo o som. — Minha irmã está chegando e preciso arrumar...

— Dá pra perceber. — Ele vira-se e me encara. — A faxina.

— Sente-se. O sofá está limpo. — Indico meu lindo sofá vermelho. Que sorte ter acabado de comprá-la. Está novinho.

Ele senta-se. Os dedos segurando os óculos escuros. Percebo que quero vê-lo de óculos escuros. Deve ser maravilhoso.

— Bonito apartamento. É grande. — Sawyer conclui após analisar tudo ao redor. Bem minuciosamente, eu diria.

Bonito corpo. É grande.

Abano a cabeça revoltada diante dos meus pensamentos libidinosos.

NACIONAIS - ACHERON

— É. Candice e eu o projetamos e construímos. Quando ela se casou vendeu a parte dela para mim.

— Pretende morar aqui com seu namorado?

Apoio-me em uma poltrona. Não sento. Estou aflita demais para sentar.

— Sim. Ryan tem a própria casa, mas ele gosta daqui. Aceita beber alguma coisa?

Por que diabos eu perguntei isso? Acho que aqui nem tem nada para um cara famoso beber. Eles bebem água? Deve ser uma daquelas águas vulcanizadas de não sei onde.

— Não, obrigado. — Ele dispensa com um gesto simples, mas que tem uma consequência vergonhosa no meu corpo. — É mesmo um lugar muito bonito. — Ele dá mais uma olhada ao redor e depois seus olhos pousam em mim. Sinto-me constrangida por causa da roupa que estou usando.

— Fique à vontade. Vou me trocar.

Ameaço sair, mas as palavras dele me detêm:

— Fique. Você está ótima.

Eu volto e olho para ele. Sawyer se levanta

e eu gelo.

Por favor, não se aproxime.

Ele para a poucos passos de distância.

— Marianne, preciso da sua resposta. Quero logo dar início ao tratamento com você. Vou aproveitar que tirei algumas semanas de férias para mim.

— Está de férias?

O cara acaba de dizer que quer tratar meus traumas e a única coisa que meu cérebro processa é que ele está de férias.

— Sim, ando trabalhando demais e resolvi remarcar as consultas para depois da Páscoa.

— Daqui a um mês. — Reflito, consultando um calendário imaginário.

— Sim. — Ele assente. Os olhos parados, meio estilo analista, acho que pescando cada simples gesto na minha expressão. Eu fico muda e o analiso também. Os braços cruzados e os olhos meio saltados. Devo estar muito estranha. Pelos olhos sérios e desconfiados, acho que ele espera que eu diga algo.

— E então? — indaga ele.

— Então o quê?

— O que me diz da gente conversar para eu entender a extensão do seu problema?

— Bem, hoje eu não...

— Vista uma roupa. Podemos ir a algum lugar para conversar. Será rápido.

Eu fico estarecida olhando para ele tentando convencer a mim mesma. Tentando ou conseguindo? Acho que ele não precisa se esforçar muito para ter uma mulher, se eu, que estou apenas em uma relação terapeuta-paciente, já estou caidinha, imagine como as outras mulheres ficam quando ele propõe que sejam amantes?

Tá legal, é uma conversa, nada mais. Eu posso fazer isso, conversar com ele sobre meu medo de sexo. Sim, e posso conversar com ele. É um profissional que estudou e vive disso. Ah, que alívio. Obrigada, pensamentos positivos.

Dou um sorriso.

— Tudo bem. Espere dois segundos.

Não espero ele responder. Saio correndo para a escada.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# SETE

## SAWYER

Eu juro pela alma da minha irmã que eu tinha selecionado uma lista de terapeutas de confiança para indicar a Marianne. Eu vim a casa dela nessa manhã para entregar o papel. Mas quando eu a vi, do jeito que ela é ao natural... sem sutiã por debaixo da camisa grande. Ui, que delícia. Meu pau se avolumou na cueca.

Marianne não se parece em nada com as mulheres com quem costumo me relacionar. Ela é curvilínea, tem cabelos escuros e não precisa de maquiagem para ficar bela. Sem falar da bunda, essa potência toda que me deixa de cueca melada.

Do jeito que estava, desarrumada, com uma camiseta muito grande e cabelos presos, ela estava muito sensual. Altamente comível com as pernas à mostra que eu sempre tive curiosidade de ver. E no

momento em que consegui, não me decepcionou nem um pouco.

E toda essa sequência de acontecimentos fez com que eu negasse qualquer coisa que vim fazer aqui no intuito de exorcizá-la da minha mente. Quando a vi, o egoísmo voltou com força ao meu corpo. Eu só tento me convencer de que ela ama muito o namorado e que não corre perigo de se apaixonar por alguém como eu. Ela é esperta, isso não acontecerá.

Marianne desce pouco depois usando um vestido de verão e cabelos soltos. Arrepiei. Golpe baixo, garota.

Ela pega a bolsa e abre a porta.

— Vamos?

Eu saio e ela me segue. Fecha a porta e entra no meu carro.

— Aqui é um lugar tranquilo — murmuro, colocando o cinto e ligando o carro.

— Não é como o lugar que você mora, mas é bom. — Ela dá de ombros.

Sorrio para ela.

— Sabe onde eu moro?



— Faço uma ideia de onde.

Dirijo até um bar que sempre frequento. Se Marianne soubesse que meu apartamento fica bem perto daqui...

Paro o carro e abro a porta para ela descer.

Marianne se mantém toda fechada e distante de mim desde que entrou no carro. Apesar de isso ter me deixado meio puto, compreendi. Ela é um pouco tímida ou está receosa.

Acomodamo-nos em uma mesa sossegada e afastada. Ela orgulhosamente pede um suco de tomate ao garçom. Dou um sorriso e peço um suco também, mas, com um gesto, peço a Ozzy, o garçom, para "batizar" meu suco com álcool.

Ela mantém o mesmo olhar intrigante e desconfiado para mim, como se quisesse me desvendar.

Jamais, gata. Sou eu quem desvende as pessoas.

Começamos a falar que o dia está frio e depois falamos um pouco sobre essa região da cidade, até deixar o silêncio prevalecer.

— Quer me contar? — pergunto.

Ela fica calada enquanto nossa mesa é servida. Marianne pega o copo de suco e dá um gole. Fico estático vendo os lábios dela indo ao encontro do líquido vermelho. Ela termina e dá uma discreta lambida no canto do lábio.

Ah, cacete!

Meus pensamentos em relação a ela me desconcertam. Abro minhas pernas para aliviar a pressão e tomo um generoso gole do meu suco alcoólico.

Noto que ela está tomando coragem. Permanece bastante tempo de cabeça baixa, ali dentro deve estar acontecendo uma luta acirrada. Dou tempo a ela, bebo mais um pouco de suco. Ela olha para tudo, menos para mim. Continuamos calados até que ela suspira e levanta os olhos meio dourados. Não consigo parar de olhar para esses olhos cor de mel. Sorte que ela dificilmente olha para mim ou então saberia o quanto eu a olho.

— Houve um homem, Charles. O único homem com o qual eu dormi. Uma única vez em toda minha vida. — Ainda bem que estou perto e o bar vazio, ou não teria escutado o que ela disse. Foi um sussurrar. Relutância em cada palavra.

Balanço a cabeça, anuindo, dando força para ela continuar. Estou perplexo. Bem, pelo menos ela não é virgem como imaginava que fosse. Um peso a menos. Quanto ao fato de ela ter feito sexo apenas uma vez em toda vida, isso me deixou meio nervoso.

— Foi depois da formatura dele, fomos a um bar, a gente já estava saindo há algum tempo. Ele conseguiu me levar para o apartamento dele e chegando lá...

Marianne para. O olhar desvia do meu. O guardanapo que ela dobra em várias partes parece atrair seu interesse. Percebo que ela começa a ficar agitada.

Antes eu não conseguia imaginar uma pessoa com medo de sexo, mas, depois do consultório, já vi de tudo. E agora estou diante de mais uma com esse trauma.

— Continue, por favor, Marianne. Finja que não estou aqui, baixe os olhos e apenas coloque tudo para fora.

Ela me encara, depois assente e volta o olhar para a mesa.

— Eu não estava pronta, estava confusa,

com medo e não foi bom para mim. Ele me tratou como uma vadia. Fez com muita força, sem se preocupar se eu já tinha feito ou não aquilo. Desde então sou o que sou. — Ela concluiu com um breve levantar de ombros. Ainda assim evita me encarar.

Então será mais difícil do que eu poderia imaginar. Ela tem um transtorno de aversão sexual, como eu conseguirei fazer alguma coisa na primeira consulta? Eu sempre tenho que mostrar as mulheres do que eu sou capaz na consulta grátis e então elas voltam. Mulheres com problemas no relacionamento, que encontram no sexo comigo uma forma de válvula de escape. Vejo que terei que suar para conseguir que Marianne fique nua em meus braços. E a visão rápida dela sem roupa me faz agir no impulso.

— Marianne, se deixasse eu ajudar você...

Ela olha para mim. Sou um bom analista e percebo a tristeza em seus olhos, a tristeza trazida pelas lembranças.

— Eu aceito. — Anuncia com firmeza.

— Bem, não é assim — digo mansamente.  
— Antes a gente precisa ir ao meu consultório para você ficar por dentro das minhas técnicas de

tratamento. — Falo cada palavra com cuidado para ela não ter medo.

— Entendo. Bem, eu tenho a manhã de folga. Se você estiver disponível, a gente pode discutir isso logo. Preciso saber de preços, tempo de tratamento, essas coisas.

— Claro. Quer ir agora?

— Sim, por favor.

Ela sorri discretamente. Olho para a mesa, ela provou apenas um gole do suco.

Conduzo-a para fora. Marianne entra no carro e eu dou a volta e me sento na direção. Tenho certeza de que ela irá me insultar até o último fôlego quando descobrir tudo. Vou precisar de uma boa lábia para persuadi-la a aceitar. Nunca nenhuma precisou ser persuadida, mas Marianne precisa de ajuda e eu misturarei a sede com a vontade de beber água. Vou ajudá-la e, ao mesmo tempo, vou saciar meu desejo faminto e ardente.

# OITO

## MARIANNE

Lá estava eu novamente no consultório do Dr. Graham. Fazia quatro dias que eu não via o lugar desde que fui embora após concluir meu trabalho. Ficou muito melhor após a reforma, modéstia à parte. Resolvi usar cores claras nas paredes, mesmo que não tenha muita parede à mostra. É quase todo rodeado por imensas janelas que decidi manter. Também há novas persianas, lustres e abajures.

Do lado da mesa de Sawyer, havia uma estante feita também sob medida, repleta de livros e enfeites neutros que mantinham a masculinidade do lugar. Com a ajuda da lareira atrás do conjunto de divã e poltrona em que eram feitas as consultas, a sala ficou muito aconchegante.

Apesar de tudo, estou tranquila. Não tenho

porque ficar nervosa, ele é como um terapeuta qualquer, que está se prontificando a me ajudar. Entretanto, me deixa insegura o fato do meu possível terapeuta não ser um velho magro e de cabelos grisalhos. E sim um homem na casa dos trinta que tem um corpo divino, lindo de morrer. Isso causa um ódio encalacrado aqui dentro. Eu não vou conseguir me concentrar na terapia. Simples assim.

Olho para as costas largas dele enquanto pega bebidas. Tento não fazer qualquer observação sobre a bunda dele. Uau!

Recomponho-me. Pai do céu! Estou olhando para o traseiro de um homem. Se ele me flagrar, pode me acusar de assédio sexual? Fico tensa. Tenho que distrair meu olhar curioso. Ele vira-se, indiferente ao meu olhar e me entrega um copo, em seguida, senta atrás da mesa com outro copo.

— É conhaque de fruta. Não passa por envelhecimento e é consumido gelado. Prove.

Ele ergue seu copo me induzindo a provar também. Eu olho o líquido claro demais para ser conhaque. Mas como não bebo nenhum dos dois, envelhecido ou novo, levo a bebida aos lábios. É

realmente muito boa. Dou um sorriso educado.

Graham descansa o copo na mesa e olha para mim com interesse nada disfarçado. Esses olhos têm efeitos alucinógenos, como o absinto, que tem a mesma cor de seus olhos. Sinto-me tomando essa bebida quando sou penetrada por esse olhar.

Meio relutante, olho para meu copo que já não está mais na minha mão e tenho vontade de pegá-lo novamente para ter algo para me distrair.

— Marianne, creio que Candice não te contou nada a respeito do que eu faço aqui.

Encaro-o desconfiada. Realmente preciso do meu conhaque de volta. Torno a pegar o copo.

— Não. Apenas disse que você era muito intenso.

— Sei. — Ele assente e bebe também mais um gole do tal conhaque não envelhecido.

— Não quero saber em que sentido ela usou essa palavra. — Revelo meio temerosa e ele continua me encarando com esses olhos perturbadores causando calafrios em mim.

— O método que eu uso é bem complexo. Eu faço com que as pacientes possam escolher e

NACIONAIS - ACHERON



tenham força em uma relação a dois. — Ele pigarreia antes de continuar. — Eu preciso fazê-las acreditar em si mesma em primeiro lugar. Nada de teorias, vou direto à prática. É um tratamento íntimo, eu diria.

A voz dele é suave, mas noto apreensão em cada palavra que diz. Receio, talvez. Os olhos verdes buscam nos meus a todo instante uma expressão do que eu sinto. Estuda-me avidamente. Eu posso ver isso nas pupilas se mexendo.

— Íntimo como? — pergunto, tentando esconder meu nervosismo. Quero que minha voz soe mais como curiosa do que apavorada.

Ele fica sério, os lábios em uma linha fina, o rosto carregado.

— Marianne, eu não quero que veja isso como algo pervertido. Eu sou profissional, não há nenhum tipo de aproveitamento ou sentimento envolvido.

As mãos grandes gesticulam sobre a mesa, eu olho para elas e depois meus olhos sobem para encontrar o rosto à minha frente. Não estou entendendo onde ele quer chegar com esse papo todo.

Dr. Graham não termina de falar. Levanta-se, vai a uma estante e pega um envelope. Traz, abre na minha frente e tira alguns papéis de dentro.

— Há regras a serem seguidas. Regras que manterão você, principalmente você, em segurança. Eu quero deixar bem claro que faço isso há anos e nunca tive resultado negativo.

Ao terminar, empurra as folhas na minha direção.

— Leia. — Ordena e eu fico trêmula. Olho para ele, depois para os papéis e para ele de novo.

— Leia, Marianne. — Ele torna a pedir. É notável a sutil autoridade na voz.

Abro minha bolsa, tiro meu óculos e os coloco. Olho os papéis sem pegá-los. É um contrato. Cacete! Contrato? Que assunto batido, esse homem é todo clichê.

Faço uma prece rápida pedindo para que não tenha cláusulas que me obrigue a levar uns safanões e espancamentos. Dizem por aí que uma boa surra resolve muita loucura e se esse for o tratamento dele? Bater nos pacientes para que aprendam a agir como gente? Estou me sentindo ameaçada.

E eu nem estou lendo na verdade, não consigo processar as letras em meu cérebro, é como se eu fosse disléxica. Levanto os olhos do papel.

— Diga do que se trata. Estou muito nervosa — confesso. Sawyer me encara por algum tempo.

— Você tem todo o direito de sair correndo. Só peço que não saia contando a ninguém sobre o que comentamos aqui.

*Tenho cara de fofoqueira, doutor?*

— Não vou contar — afirmo. — Quero saber que grande mistério é esse.

— Marianne. Eu vou ajudá-la a se preparar para seu namorado. Eu vou ajudá-la a encarar de frente qualquer outro homem e para isso a gente vai precisar praticar atividades íntimas. — Ele espera um pouco e eu continuo com cara de molusco olhando-o sem entender. — Nós vamos precisar fazer sexo. — Sem paciência, ele revela à queima-roupa.

Sexo? Tudo bem, já cai na brincadeira. Onde estão as câmeras?

Ambos ficamos calados, a respiração suspensa. Ele mantém os olhos fixos nos meus. Os  
NACIONAIS - ACHERON

dele cheios de expectativa claramente precisando de uma resposta. Os meus... Não sei direito, na verdade acho que nem entendi direito. Sexo? — Rio por dentro. O cara tem senso de humor.

— É sério. — Ele reforça cheio de convicção. O sorriso que tinha começado a se formar nos meus lábios, vindo do meu interior bem-humorado, morreu antes mesmo de nascer.

— Desculpe-me, não entendi direito. Sexo? Nós quem? — Olho rápido ao redor como se estivesse procurando outra pessoa.

— Você e eu, Marianne.

Então eu tinha ouvido direito. Nesse momento, um cubo de gelo poderia parecer mais quente do que meu corpo. Meu braço direito começa formigar e eu suspeito de AVC. É aceitável sentir um AVC depois de ficar sabendo que seu futuro terapeuta pretende fazer sexo como terapia? Não sei qual é pior: a surra ou o sexo.

— Faz sexo com suas pacientes? — indago, chocada. Ao mesmo tempo ganho coragem e abro a boca para insultá-lo. — Você é um...

— Não. Nada de insultos. — Ele me adverte com dureza. Acho melhor obedecer, afinal, estou

em desvantagem. Se ele tentar correr atrás de mim... me alcança fácil.

— Eu não obrigo ninguém. E não é sexo simplesmente. Há muita informação em volta.

— Pois vá fazer isso com a puta q... — Não termino de dizer e não me levanto. Quero que ele brigue comigo, quero discutir esse assunto não sei por quê. Não tenho interesse algum em fazer essas coisas, mas isso é quase como um insulto. E o que mais me irrita é que o canalha se mantém impassível.

— Bem, eu sempre dou um dia para a paciente pensar se quer ou não o tratamento...

— Tratamento? — Interrompo assim que ouvi a palavra que não combina com essa situação bizarra. — Chama isso de tratamento? Você devia ir para cadeia, seu cretino safado.

Ele faz um gesto para eu me calar. Apesar da hostilidade que aquele gesto representa, ele ainda se mantém calmo. Mas as sobrancelhas dele estão baixas e unidas.

— Se não estiver interessada, por favor, retire-se. Não abri meu consultório para ser criticado.

— Como pode achar que é o dono do mundo e que mulheres vão ser curadas apenas por ter dormido com você? — Meu olhar horrorizado encontra o dele ainda calmo. Ainda.

— Não tem nada a ver com sexo. Tem a ver com isso. — Ele dá uma batidinha na própria cabeça com o indicador. — A mente é a parte mais erótica do corpo. Durante o tratamento, eu farei você renascer para uma nova vida, para um novo homem que venha a lhe desposar, no caso, Ryan. Você se sentirá segura para conquistar qualquer homem ou entrar em qualquer relacionamento.

Eu?

Dou duas gargalhadas interiormente. Até por que, mesmo interiormente, eu não consigo dar mais que duas gargalhadas. Minha Marianne interior, a sensata e racional que comanda tudo, não me permite ser engraçadinha. Ela mantém meus pés fincados no chão a todo o momento.

Sempre fui muito eficiente em toda a minha vida, prudência e disciplina são meus lemas. Aposto apenas no real, nada de voar feito uma adolescente boba. Como eu poderia um dia vir a conquistar o homem que quisesse?

— E como vai fazer esse milagre?

— Terá que assinar o contrato e comparecer na primeira sessão para saber. — Ele inclina-se para frente e cruza os dedos sob a mesa.

Aham! Bonitão e engraçadinho. O que mais ele pode ser? Explorador de garotas indefesas? Vai ficar na mão por que eu não sou indefesa como a tola da Candice que se deixou levar por essa história ridícula de sexo terapêutico. Estou besta em saber que minha amiga fez sexo com ele. Por isso ela não queria que eu viesse, acho que com medo de eu descobrir.

Levanto-me depressa.

— Isso é errado, acho que não preciso avisá-lo, já é grandinho demais para saber. — Pego minha bolsa. Penso que ele vai levantar e vir atrás de mim. É impressionante como nada o abala. Continua tão relaxado como antes. Apenas olha para mim como se tivesse certeza do futuro. Engulo seco ao olhar para todo aquele pedaço de mau caminho sentado à minha frente. Força, Marianne! Ele é apenas um homem idiota, desses que você tem asco. — Eu não vou fazer isso... Até mais. — Viro-me decidida.

— E como pretende ter a primeira vez com Ryan ou com qualquer outro sendo que está morrendo de medo de um homem? Não será melhor curar esse medo antes? Comigo.

Paro de andar. Fico feito estátua e nem sei quem deu ordem para meu corpo se voltar para ele.

— Não! Eu não vou trair meu namorado! Isso é uma perversão sem limites, você deveria ser caçado, ser punido! — grito, apontando o dedo acusadoramente para ele. Sawyer ainda está impassível.

Sexo terapêutico? Eu não consigo parar de rir nervosamente.

— Terminou?

O tom de voz é grave e cortante como uma adaga.

Merda! Ele levanta-se também. Olho para porta calculando um meio de fuga. Se houver qualquer aproximação desnecessária demais, sairei correndo.

— Ninguém jamais reclamou e isso está longe de ser traição. Não haverá nenhum sentimento envolvido. Encare como uma forma de se transformar em uma nova mulher. Seu namorado



não precisará saber jamais. Será um segredo nosso.

— Mas se exijo confiança e lealdade em uma relação, também tenho que agir dessa forma. — Um rompante de revolta toma meu corpo e eu o enfrento. — Como você pode colocar a cabeça à noite no travesseiro sabendo que pode ser culpado por destruir lares?

— Pare de me acusar, droga! — Ele grita, perdendo o controle, e eu me calo, aterrorizada. Agora qualquer um pode perceber a raiva nos olhos dele. — Não sabe de porcaria alguma e fica formulando questões. Me julgando.

Ainda estou paralisada. Ele passa a mão pelo rosto e depois pelos cabelos. Para não me desconcentrar, dou uma volta pela sala. Ainda não consigo digerir essa informação louca. Ele quer fazer sexo comigo para me curar do medo do sexo. Seria cômico, se não fosse trágico.

— Marianne... — Ele me chama com a voz calma. — Escute, se você for atrás de outro profissional, ele vai curá-la, mas com o método tradicional de psicanálise. Vai demorar meses, talvez anos, acha que Ryan vai esperar tanto tempo?

— Ele não é um pervertido como você. Ele me entende.

Vejo que ele se controla para não estourar mais uma vez. Acho melhor parar de provocá-lo dessa maneira.

— Eu sei que entende. Mas chega um dia que qualquer um cansa. Você não cansaria?

Ele caminha até mim e tenta tocar no meu ombro.

— Afaste-se de mim! — grito histericamente. — Não vou para a cama com você!

Ele afasta-se e vira-se em um rompante, fica de costas para mim, apoiado com as mãos espalmadas na mesa, o corpo levemente curvado para frente e de cabeça baixa. Sei que ele está fazendo força para não ser bruto comigo. Apesar dessa bizarrice toda, ele foi paciente desde que entrei aqui.

— Quero ir embora, Sawyer.

Minha voz soa fraca, não como eu gostaria que tivesse saído. Não há decisão na minha fala e qualquer um pode perceber isso. Ele continua calado e de costas para mim.

Depois do que pareceu séculos, ele respira  
NACIONAIS - ACHERON

fundo, volta-se para mim e me encara. Depois recosta na mesa e cruza os braços. Torno a ver o corpo dele, é mesmo incrível.

—Tudo bem. Eu já sabia que seria quase impossível tentar meu tratamento com você. Muitas pessoas veem o sexo como uma coisa enorme, terrível até. O que eu faço aqui é considerado sexo, mas não é aquela coisa de troca afetiva entre um casal. O que viríamos a fazer aqui nunca iria se comparar ao que você vai fazer com Ryan, pois com ele você vai compartilhar. Aqui apenas aprenderia a superar todos os anseios. Haveria sessões em que não faríamos sexo, eu acompanharia seu progresso e, no final, tenho certeza de que sairia daqui confiante com seu corpo, com a mente madura e cheia de ideias.

Ele termina de explicar, enfia a mão no bolso e tira um papel.

— Hoje quando fui à sua casa estava disposto a entregar isso para você. É uma lista de terapeutas que eu conheço e confio.

Sawyer mantém a lista entendida na minha direção. Continuo parada.

— Fique tranquila. Eles não fazem sexo

com pacientes, é tratamento normal. — Esclarece. E por causa do peso na voz grave eu sinto uma ponta de culpa. Agora vejo a minha frente um homem extremamente educado e ético. Será que ele não pode fazer o tratamento convencional comigo? Afinal formou-se para esse ofício. Deve saber como agir se portando apenas com sessões de conversas e conselhos. Olho mais uma vez para a lista na mão dele.

— Você não pode fazer um tratamento normal?

— Não. Não gosto muito de ouvir e dar conselhos. Penso que se eu te mostrar e te ensinar a agir com um homem, seu rendimento será muito maior.

— As outras não ficaram aterrorizadas como eu? — Não estou mais louca de raiva, puta da vida por ter descoberto isso, ainda fico com um pé atrás e, para completar, minha voz quase não sai. Nunca gaguejei tanto.

*Oi, voz, pare de ser estupidamente rouca!*

— Não, ao contrário. A maioria vem porque sabe o que faço.

— E por que faz isso?

— Marianne, eu não mato pessoas. Apenas ensino mulheres a ter uma vida sexual melhor. Entenda isso de uma vez.

— Como eu posso entender se... Deus! Eu fiz sexo uma única vez na minha vida e foi terrível. Não posso simplesmente vir e dormir com o primeiro estranho que encontro.

— Você está sendo muito irritante. — Então vai a um frigobar embutido na estante e pega uma garrafinha de água mineral. Serve um copo e me entrega.

— Sente-se e acalme-se antes de partir. Você está muito agitada.

Olho para o semblante taciturno dele. Ele se fechou completamente para mim. Recebo o copo com dedos trêmulos, tendo o cuidado de não tocar nos dedos dele e sento-me no lugar que estava antes. Sawyer retoma seu lugar à minha frente, me analisando descaradamente, o sem-vergonha.

Coloco o copo na mesa e pigarreio. Se estivesse em um estado mental normal, já teria ido embora há tempos, mas essa Marianne tola e curiosa queria saber mais disso tudo. É a coisa mais bizarra que já ouvi, sei que existe de tudo no

mundo: gente que gosta de fazer sexo com cadáveres, outros com animais. Entretanto, nunca tinha sonhado que um desses pervertidos cruzaria meu caminho e se ainda estou aqui, sentada, prestes a soterrá-lo com perguntas, é devido a uma parte dentro de mim achar a ideia muito excitante.

— Como consegue suas pacientes? — pergunto. Acabei de fazer uma seleção mental, um top 5 das melhores perguntas.

— Algumas vêm indicadas por ex pacientes, outras vêm como você. Eu as descubro. Assim como aconteceu com Candice.

Ele se mostra prestativo ao responder. Minha cabeça balança para frente anuindo o que ele falou.

— Como consegue fazer sexo com tantas mulheres durante um dia?

Ele respira fundo e se mexe na cadeira. A forma como exala revela que estou deixando-o desconfortável.

— Nunca marco as vezes marco duas por dia E, como já disse, nem toda sessão envolve sexo. Em uma relação não há apenas isso. Uma relação tem sedução, você precisa seduzir seu parceiro

todos os dias e eu ensino isso na prática e na teoria. Sexo tem suas peculiaridades, qualidade é melhor que quantidade.

— Então você acha que se fizermos sexo, perderei meu medo?

Ele recosta na cadeira.

— O que você define como sexo?

— Bem...

Só digo isso e fico muda. O que eu vou dizer? Não sei nada sobre sexo. Quero dizer, meu conhecimento é básico, leitura em romances e revistas femininas. Não sou uma chatinha tímida que acha esse assunto um tabu.

Sexo para mim: apenas sei que existe e não gostei nem um pouco de experimentar.

— Quando ocorre penetração? — Impaciente, ele dá um empurrãozinho.

— Sim. — Eu confirmo. Devo estar da cor de tomate.

— Então você precisa mesmo de ajuda. Existem várias maneiras de sexo e se você já é inexperiente na parte da penetração, imagina nas outras. — Ele dá um sorriso sarcástico me

provocando.

Permaneço calada sem saber o que dizer. Posso discutir religião, política e até futebol. Mas sexo... jamais.

— Marianne, quando for ao ponto máximo com um homem, você precisa dar a ele o que ele quer e precisa exigir dele o que você quer. Você precisa conhecer para saber o que exigir. Se você for dormir com seu namorado, com essa pouca experiência, além de ficar com mais medo vai conseguir apenas afugentá-lo. Sabe por quê? — Permaneço estática e pálida esperando ele continuar.

*É para eu responder?*

— Todo mundo um dia foi inexperiente, mas você é uma inexperiente traumatizada. Toda vez que transarem, você se sentirá desconfortável por ter uma grande tensão em seu corpo e conseqüentemente não vai conseguir ter prazer, apenas dor. Aos poucos, vai se afastar dele por ter mais medo e inevitavelmente... — Sawyer dá de ombros antes de continuar — inevitavelmente ele vai procurar quem o satisfaça. — Completou por fim.



— Acha que eu sou gélida na cama?

— Não. Acho que você não sabe como ser quente. Toda mulher pode ser quente, são seres humanos normais e iguais fisiologicamente. Não existe essa história de uma ser mais quente e outra mais gélida, o que existe são as que sabem o que fazer e as que não sabem. Cada uma faz sua imagem. Se duas pessoas se entregarem por completo em uma relação sexual não tem como um dos dois permanecer inalterado.

Desvio meus olhos dos dele. O cara está me convencendo. Eu já estou quase pegando a caneta e assinando esse troço. Claro que tenho que ler antes. Resolvo então dizer a ele o que possivelmente eu diria a um terapeuta que apenas me ouvisse.

— Eu o namoro há pouco menos de um ano. Ryan é professor de história e eu o conheci há mais ou menos oitos meses. Ele é um cara bom, amigo, que me compreende. Eu gosto dele e o respeito, assim como quero respeito de volta e isso seria imperdoável.

— Imperdoável?

— Eu acho que não gostaria de descobrir que meu namorado está fazendo terapia sexual com

alguma vadia por aí. — Torço os lábios em um gesto de escárnio.

— Então eu sou a vadia?

Eu levanto os olhos ao ouvir ele perguntar com uma voz cheia de divertimento. Me deparo com um sorriso, o mais estonteante que já vi. Que bom vê-lo sorrir, respiro aliviada. Tem um sorriso muito bonito, doutor.

— O senhor se enquadra nessa classe. Digamos que você seja primo em primeiro grau da vadia.

— Um garoto de programa? — Ele pergunta bem-humorado.

*De altíssimo nível.*

Um que provavelmente eu jamais poderia pagar. Quanto cobra um garoto de programa?

— Não chega a tanto. Afinal um prostituto não vai ensinar técnicas infalíveis de acasalamento — respondo mascarando meu verdadeiro pensamento.

— Acasalamento?

Os lábios dele se abrem mais ainda em um sorriso. Os olhos semicerrados, pois o sorriso

chegou até eles.

— Eu gosto dessa palavra.

— Deus! Soa como um dos documentários da Discovery.

Ele está de volta. O mesmo Sawyer Graham simpático que contratou meus serviços semanas atrás. Com dedos leves, empurra os papéis novamente para mim.

— Leve e leia com atenção. Assim que você ler tudo, saberá que não passa de algo fútil que nem merece ser considerado como traição.

Olho para as mãos dele cruzadas sobre a mesa. Sem aliança.

— Vamos sentir prazer? — pergunto impetuosamente.

Na verdade, estou sentindo prazer só em olhá-lo.

— Claro, não há como não sentir.

— Hum...

Fico pensando em outras coisas. Coloco tudo que vem à minha mente para fora.

— Vai ter sexo na primeira sessão? — Interrogo com o cenho franzido e o rosto

ruborizado. Estou aflita.

— Marianne, pare de ver isso como sexo. É um tratamento, eu sou o remédio. Não será tão amargo. Veja só, sua amiga está feliz e casada. Realizada.

A voz agradável como de um lobo em pele de cordeiro seduzindo para a toca dele me causou arrepios — sem falar naquele sorriso cínico e presunçoso.

Esse som grave que ele chama de voz para se comunicar é simplesmente só mais uma técnica de acasalamento que o macho usa para atrair a fêmea. Ver isso tudo do ponto de vista de um documentário sobre animais deixa as coisas mais leves. Desvio os olhos e encaro os papéis que ele empurrou para mim.

— Contrato?

— Sim. Serve apenas para proteger nós dois. E sim, é válido em um tribunal.

— É sobre o quê? — pergunto sem tocar no papel.

— Ao assinar o contrato você fará exames de sangue mostrando que está tudo bem e concordará em participar das sessões que eu  
NACIONAIS - ACHERON

estipular, se mostrará obediente nas consultas, aberta a qualquer nova experiência que o terapeuta, no caso eu, prescrever. Será para seu próprio bem, você usará tudo o que aprender aqui, posteriormente, com suas novas conquistas. Deve sempre lembrar que eu sou o especialista e não farei nada que vá prejudicar sua moral ou seu corpo. Deve apenas confiar.

— Parece opressor.

Ele ignora e continua:

— O contrato também diz que no fim das sessões estipuladas, você não pode mais voltar a me procurar. Nunca atendo a mesma paciente duas vezes.

Essas palavras deixam meu rosto pálido e percebo que os pelos da minha nuca se eriçaram.

Por que não posso mais procurá-lo? Não que eu quisesse, mas não existem acompanhamentos médicos para saber se o paciente está progredindo?

— Não? E se eu precisar de mais sessões?

— Não vai precisar.

A convicção é absurda na fala dele.

# PERIGOSAS

— Garante então um tratamento permanente?

— Garanto.

— Mas e se no final das sessões eu ou outra cliente alegar que não está curada?

— Marianne, eu sou um terapeuta. Vou saber se está mentindo só para se dar bem.

A humildade passou longe. Então fazer sexo com ele é me dar bem? Eu achava que ganhar na loteria era me dar bem.

— Você tem namorada? — pergunto no calor do momento.

— Minha vida pessoal nunca será discutida. Essa é uma das cláusulas. — Ele aponta para o contrato na minha frente.

— Eu ainda não assinei nada. — Dou de ombros.

— Mesmo assim, esse assunto não será tratado.

— Mas minha vida pode ser escancarada?

— Você é a paciente. — Agora ele dá de ombros. — Devo ficar a par de cada mínimo detalhe de sua vida para termos um bom resultado.

## NACIONAIS - ACHERON

— Ela não fica com ciúme do que você faz? Ou ela não sabe? — Insisto. Eu me sinto uma rebelde tentando quebrar uma regra.

Ele suspira começando a perder a calma e passa a mão nos cabelos pretos.

— Não tenho compromisso algum, Marianne. Mesmo se tivesse, não devo nada a ninguém e não vejo nada demais com o tratamento que faço aqui. Nem teria tempo e disposição para um compromisso.

— Eu jamais ia querer um namorado que fizesse sexo terapêutico com milhões de mulheres de toda espécie.

— Não de toda espécie. Apenas as que podem pagar.

Ele está fazendo chacota com minha cara, percebo. Então o doutor quer ser engraçadinho?

— Ou aquelas que apenas experimentam a sessão grátis e te dão o calote.

Como eu vou fazer. Não completo em voz alta, deixarei subentendido.

— Nenhuma ficou apenas na sessão grátis. Todas voltam.

Não. É. Possível. A presunção chegou e parou nesse homem.

— Você é muito convencido. E se eu assinar e não quiser comparecer a segunda sessão?

— A escolha é sua. E você pagará uma multa por quebra de contrato. Mesmo eu estando ciente de que você voltará na sessão seguinte. E na seguinte também, até acabar o número que eu estipular. E pagará o preço que for preciso para ficar até o final.

O lindo rosto odioso à minha frente me deixa desestruturada.

Saí dali nervosa querendo meter a mão na cara daquele imbecil. Dentro da minha bolsa está um contrato que deve passar longe dos olhos de Leopold, que é advogado. Devo perguntar a Candice? Tenho que perguntar. Mas, no fundo, não quero que mais uma opinião me influencie, pois já tenho Sawyer para me influenciar. Se Candice tiver uma opinião negativa, isso vai me deixar nervosa, se for positiva, posso ficar na expectativa. É melhor ler e agir por conta própria, sou adulta. Além disso, não há como o doutor me coagir para continuar. Se eu for, será apenas na primeira sessão grátis. Está



PERIGOSAS

decidido. Afinal, de graça, até injeção na testa.

NACIONAIS - ACHERON

# NOVE

## SAWYER

Hoje faz uma semana que eu não faço sexo. Isso é um bom tempo para um homem que sempre teve uma agenda lotada como eu, cheia de mulheres esperando para ser curadas.

Sempre achei que não conseguiria segurar o pau dentro das calças por mais de três dias, mas a minha surpresa é que consigo ficar por uma semana a mais se for preciso — mesmo sentindo os sintomas de um homem com abstinência: pau endurecendo a todo instante, bolas doloridas...

São coisas novas que eu não tinha experimentado ainda. Desde que ativei minha vida sexual, nunca passei mais de três dias sem sexo.

Entretanto, não achei que fosse bom descansar, eu sempre descanso do consultório, mas

NACIONAIS - ACHERON

nunca deixei de ter relações. Jill e Beatrice — outra amiga de longos anos — sempre se certificaram disso.

Eu conheci Jill em um trabalho. Desde então ela se tornou minha ouvinte, minha terapeuta. Ela sabe de toda a minha vida, de todo o meu passado sórdido, ela também tem um passado feio e por isso a gente se dá tão bem. Nada de romance, somos amigos. Amigos que trepam vez ou outra quando ela está disposta.

Banindo Jill da minha cabeça, saio da cozinha e entro na sala. Estou em casa.

Meu apartamento é o melhor lugar que existe. Tem vista para o Central Park, uma sala enorme com sofás grandes e gostosos de cair com uma cerveja na mão e passar a tarde.

Não sou muito materialista, comprei esse apartamento de Beatrice, era a casa dela, por isso ele é bem grande. Tem uma cozinha enorme, três quartos e ainda um escritório que quase nem uso, mas mandei fazer algo como uma biblioteca e guardo lá umas porcarias.

A minha parte, meu lugar, meu cantinho, é a sala. Mandei instalar uma aparelhagem de áudio e

vídeo que é foda pra caralho. Tipo aquelas de encher os olhos de água. Quando ao rapazes vêm aqui para jogar, eles piram nesse meu sistema de diversão.

Coloco a bandeja na mesinha de centro com o café que acabei de preparar. Fiz um sanduichão desses caprichados que deslocam o maxilar para morder.

Provo o café e o cheiro forte parece abrir meu apetite, dou uma mordida em um dos meus sanduiches e Jill volta para a minha mente.

Contei ontem à noite para ela, pelo telefone, sobre o encontro que tive com Marianne, minha aspirante à paciente. Também contei que enfim sei quais são os problemas dela. Jill não gosta da ideia, disse que eu nunca tinha me importado com outra, nunca tinha insistido duas vezes para levar uma mulher além do consultório.

Ela está certa, Marianne é muito diferente. Não é arrogante como as mulheres ricas que frequentam o consultório, não é experiente como as que eu conheço. Na verdade, eu, em toda minha vida, não conheci alguém tão inocente e ao mesmo tempo independente como Marianne, acho que ela

não vai topar fazer umas fantasias pecaminosas que passam em minha mente.

Sei lá, fico pensando nela de quatro com aquele bundão pra cima, penso em como posso segurar os cabelos dela e meter com todo vigor por trás...

Merda! Que delícia.

Isso tudo sem falar no problema tão difícil que ela tem. Foder é a coisa mais deliciosa do mundo e ela tem medo.

Eu torço muito para que ela aceite se consultar comigo. Estou praticamente louco para ensiná-la coisas novas e explodindo só de pensar nisso. Olho para baixo e meto a mão no meu pau duro, ajeitando-o na cueca.

O fato de Marianne não me conhecer também ajuda bastante. Fico perplexo por ela nunca ter ouvido meu nome, afinal cuidei da amiga dela, se ela tivesse procurado mais fundo na internet, como disse certa vez que fizera, ela não teria sequer ido trabalhar para mim. Todavia, poucos conseguiam essa proeza, já que não encontraria nada demais sobre o renomado Sawyer Graham, mas se soubessem outro nome e o

pesquisasse...

Respiro fundo e ligo a TV. Esses pensamentos me deixam aflito.

Se Marianne soubesse...



## PRIMEIRA CONSULTA: PARTE 01 – ANÁLISE

Às três da tarde, dois dias depois, Marianne me telefona dizendo que queria marcar um horário. Fico atônito, meu corpo em alerta total. Não sei por que me sinto dessa forma, ela é uma paciente qualquer.

Sem demonstrar o contentamento que estou sentindo, digo que estou saindo de casa e que podemos nos encontrar no consultório.

Já pensei bastante sobre o problema de Marianne e hoje dividirei a sessão em três partes.

Para conhecer os problemas dela, fazê-la conhecer o próprio corpo e prepará-lo para me receber. Geralmente, faço sexo na primeira consulta, principalmente com as que vão ao consultório já sabendo desse fato, mas, com Marianne, não dá. O problema dela é sério e trauma não se conserta com uma trepada logo de cara.

Mesmo assim, tenho um único pensamento na cabeça: eu, pelado, em cima dessa mulher que mal conheço.

Despreocupadamente e feliz, vou para o banheiro e tomo uma boa chuveirada. Ao me vestir, opto por algo casual que deixe Marianne mais à vontade. Nada melhor que calça jeans e camisa apenas. Passo os dedos por meus cabelos. São lisos e não preciso ficar penteando. Apenas jogo-os para trás.

Pego carteira, celular e chaves do carro.

Dirijo meu Alfa Romeo, sem culpa ou ressentimento, nunca os tive, não é agora que os terei. Principalmente não por ajudar uma linda jovem a seguir em frente com sua vida, tendo minha benevolente ajuda e do meu amigo preso nas calças.

Quando chego, vejo que Marianne já me espera. Demorei um pouquinho de propósito. É bom deixar uma bela mulher esperando no térreo do prédio. Fazê-la pagar, afinal estou esperando há quase um mês para poder comê-la.

Dou um olá e faço um gesto delicado e muito sugestivo para que me acompanhe, subimos de elevador e abro a porta para ela. Eva não está, Marianne acha que estamos de férias, mas, no momento, não estou podendo exercer minha profissão. Ao entrarmos, indico a cadeira em frente à mesa, onde ela já havia se sentado algumas vezes.

Meu plano: ignorá-la por enquanto. Agir com profissionalismo, abrir as pernas dela e mandar ver... logo, logo.

Sento-me em frente a ela, sem deixar de notar como ela está aflita, e suponho que seja por minha causa. Ou é apenas o fato de que vai fazer sexo com um estranho. Para muitas mulheres isso não é problema, mas ela já tem um trauma e eu prefiro compreender a aflição dela. Entretanto, toda essa apreensão, de certo modo, me deixa inquieto também.

Eu não vou matá-la ou violentá-la, será um



acordo mútuo. Enquanto ela finge prestar atenção em uma foto minha na mesa, eu a analiso. Marianne não está exageradamente maquiada, usa apenas alguma coisa preta ao redor dos olhos, uma linha fina, os cílios são grandes, mas são dela mesmo, os cabelos estão soltos partidos de um lado da cabeça e jogados sobre o ombro dela. Fico revoltado por não conseguir ver as formas dos seios dela, mas prefiro-a assim, escondida, me intrigando, do que vulgar com os seios quase pulando para fora.

— Leu o contrato? — pergunto com a voz baixa e calma para poder tranquilizá-la.

— Li — responde, lacônica.

— E...

Mantenho meu olhar firme sobre ela. Marianne brinca com os dedos ou algo no colo. Não dá para eu ver daqui.

— As cláusulas estão aceitas — diz ela, tentando parecer indiferente, mas vejo em seus olhos que está quase desmaiando. É bom saber distinguir o olhar de uma mulher. Muitos não conseguem. Eu também não sabia, mas com tantas mulheres entrando e saindo desse consultório,

acabei me tornando um especialista no assunto.

— E...

Ela me olha com receio. Abaixa a cabeça e pensa um pouco antes de abrir a bolsa e tirar o envelope.

— Dr. Graham, eu li que se eu não quiser mais, a qualquer momento entre as sessões...

— Estará livre para ir embora. — Interrompo-a antes dela terminar. — Mas sabe que se desistir no meio terá que pagar uma taxa por quebra de contrato não é?

— Sim, sei. Só quero que saiba que se eu não aprovar essa primeira sessão, não voltarei nas demais.

— Claro.

Parecendo um empresário em uma reunião de negócios, concordo com seriedade. Por dentro, meu malandro interior ri da cara dela. Nem volta mais? Qual a chance?

— Eu pensei muito ontem à noite e... devo estar louca por concordar com isso.

*Isso!!!*, comemoro.

Ela tira os papéis do envelope e olha para

eles me entregando com relutância. Vejo que ambas as cópias estão assinadas. Junto em uma pasta com a logomarca do laboratório que eu exijo no contrato. Abro e analiso todos os exames dela. Está perfeitamente limpa, como eu imaginava. Abro uma gaveta na mesa e tiro uma pasta igual. Entrego a ela.

— São os meus exames. Nós dois temos que estar seguros de tudo. — Ela ergue a mão delicada e pega a pasta. Noto que tem dedos perfeitos, finos e tem unhas bem-feitas, meio brilhosas, como se tivesse passado uma base transparente, nada de esmalte escuro. Cruzo meus dedos sobre a mesa e espero que ela leia. Como quase nunca minhas pacientes são médicas, eu peço ao laboratório uma conclusão detalhada de cada exame que eu faço. Desde os de sangue aos de urina. Marianne é esperta e lê atentamente.

Não me canso de olhar para ela. É muito linda e o cheiro que emana dela é inebriante, não tem como não ficar feliz de ser tecnicamente o primeiro homem dela. E esses óculos retangulares de executiva? Acabam com minha saúde peniana.

Marianne termina de ler, tira os óculos e me

devolve a pasta.

— Tudo certo?

— Sim. — Ela assente. Recebo a pasta de volta e guardo junto com a dela. Pego uma caneta e me apresso em assinar também, vai que ela resolve mudar de ideia.

— Essa cópia fica com você. — Entrego a ela. Guardo a minha e encaro Marianne. Surpreendentemente, ela não desvia o olhar.

*Profissionalismo, doutor.* — Faço um lembrete interiormente.

— Marianne, eu dividi a sua sessão em três etapas. Na primeira parte, vou conhecer você, preciso saber de tudo a respeito de sua vida íntima com seu namorado, o seu passado também. Na segunda, quero que você se conheça, e na terceira, farei você sentir. Hoje teremos apenas a análise. Amanhã, a segunda e a terceira partes.

— Amanhã? Mas eu achei que...

— Sim. O normal é uma sessão. Faça de conta que dividi a primeira sessão em duas partes. Continua grátis, como se fosse a primeira. Tudo bem?

Ela apenas assente. Preciso dizer a ela que  
NACIONAIS - ACHERON

não gosto disso. Quero que ela fale e olhe para mim e não se comporte como uma estátua. E de preferência não morda esses lábios rosados na minha frente.

— Tudo bem? — pergunto.

— Sim — responde.

Levanto-me.

— Deite-se ali. — Indico o divã a ela.

— Então isso não é apenas decoração? — Ela fala sentando-se, meio sem jeito, na cama reclinada.

— Claro que não. — Sento-me em uma poltrona de frente para o divã com cuidado para não deixar que ela perceba minha ereção. Pego um caderno tipo ata e uma caneta que já estavam preparados em uma mesinha ao lado.

— Escreva seu nome completo, data de nascimento e a data de hoje. — Entrego a ela e, sem dizer nada, ela pega, escreve e me devolve.

— Todo seu progresso vai ser anotado aqui. — Indico o caderno para ela — E agora, vamos dar início a uma série de perguntas. Quero sinceridade, preciso da verdade ou então nossos esforços serão em vão. Entendeu, Marianne?

— Sim.

— Posso começar?

— Pode. — Ela diz sem titubear.

— Pode me falar um pouco da sua vida particular? Da sua família, de suas origens, como foi sua formação ao longo do tempo?

Ela se mexe, respira fundo e começa.

— Nunca tive o que reclamar. Tenho pai, mãe e uma irmã. Nasci no Brasil e vim para os Estados Unidos aos 10 anos. Meu pai é americano e minha mãe, brasileira. Durante a adolescência, eu não tive namorados, era muito quieta, gostava de ler e de me divertir com meninas da minha idade. Vim para Nova York aos dezoito, fiz faculdade e abri meu próprio negócio na companhia da minha melhor amiga... e só.

Noto que ela está sendo meio evasiva. Queria saber mais, porém, decido deixar para outra hora.

— Então não teve nenhuma experiência marcante durante a infância e adolescência?

— Não.

— Quantos anos tinha quando fez sexo pela

primeira vez?

— Dezoito.

Anoto.

— Antes disso como era sua vida?

— Melhor.

— Melhor como?

— Eu não vivia preocupada em ter que ir para cama com algum homem em algum momento de minha vida. Em ter isso como um dever, uma obrigação. Ao contrário, eu via o sexo com outra perspectiva. Eu sentia desejo de ter logo minha primeira vez.

— Vê o sexo como uma obrigação?

— Agora que tenho namorado... sim.

Anoto.

— Como é sua relação com seu pai?

— Por quê? — Ela se inclina e olha para mim.

— Apenas me responda. É algo difícil ou vocês são muito ligados?

Ela relaxa e vejo um leve curvar de lábios quando ela lembra do pai. Eu perguntei sobre isso porque muitas garotas que tiveram uma

convivência difícil com o pai se sentem inibidas na vida sexual ou buscam nos relacionamentos o carinho que não tiveram do lado paterno.

— Eu amo meu pai. Temos uma relação perfeita. Não sei em que você está pensando, mas ele nunca me mimou demais e nunca me repreendeu demais. Papai sempre deu a mim e a minha irmã liberdade e limites que uma garota precisa.

Descarto a ideia de trauma familiar. Escrevo observações sobre isso.

— Vamos voltar para o assunto sexo. Certo?  
— pergunto e ela assente. — Tinha fantasias eróticas antes?

— Sim.

— Com o que ou com quem?

Ela parece perturbada.

— Dr. Graham... eu preciso mesmo...

— Sim, Marianne, você precisa responder. Sou profissional, trabalho com isso. Nada do que me disser vai me deixar surpreso.

— Ok.

Ela respira entrecortadamente e responde:



— Sempre tive atração por homens mais velhos. Tinha fantasias com meu professor de física — diz em um sussurro.

— Fale sobre essas fantasias.

— O quê?! — grita com a voz esganada.

— Preciso saber sobre seus desejos para trabalhar com eles. — Explico. Noto o rosto dela ruborizado. Entendo isso, falar de sexo ainda é um assunto complicado, ainda mais falar sobre intimidades para uma pessoa desconhecida.

— Bom... não é nada demais. — Ela ajeita os cabelos meio desconcertada. — Apenas o achava bonito e ficava imaginando como seria ir para cama com ele. Tive uma colega que conseguiu essa proeza e disse que ele era muito bom no que fazia.

*Não tanto quanto eu,* penso com o ego inflado.

— Você se tocou pensando nele?

— Não, claro que não. Que mente poluída você tem! — Os olhos dourados dela me repreendem. Não consigo imaginar alguém com a mente mais estreita do que Marianne. Minha simples pergunta foi o suficiente para deixá-la

horrorizada. Imagina quando ficar frente a frente com o verdadeiro Sawyer Graham e sua boca porca de verdade? Só estou sendo comedido para não a afugentar.

— Isso não é mente poluída, Marianne. Preciso saber se você tocava o próprio corpo quando pensava nele.

— Não. — A resposta é rápida.

— Hum... — resmungo e anoto algumas coisas. — Pode me dizer o que ele fazia com você em suas fantasias?

— Pelo amor de Deus! Não me faça falar sobre isso. — Ela implora.

Engulo um palavrão.

— Por que não? Era algo muito sujo?

— Não. Porque eu... não posso falar. Não quero falar. É uma coisa minha e o senhor precisa respeitar.

— Tudo bem. — Engulo outro palavrão — Trabalharemos isso mais tarde.

Faço uma anotação bem grande. Marianne precisa de uma iniciação que nunca fiz antes. Ela precisa conhecer pelo menos o que é uma fantasia

sexual antes de fazer sexo comigo. Ainda bem que já preparei tudo para começar com ela. Pulo para a próxima pergunta.

— O fato de estar com Ryan tem algo a ver com sua fantasia com o tal professor?

— Talvez tenha. Ryan é professor e é seis anos mais velho que eu. Acho que isso me encantou no início.

— Já pensou em algum momento que talvez você esteja vendo em Ryan apenas uma fantasia e não um caso amoroso?

— Como ousa? — Ela se ergue, depois se senta e olha indignada para mim.

Inferno. Que saco! Já estou perdendo a paciência. Que mulher enervante.

— Apenas responda, Marianne.

— Claro que não. Eu gosto de Ryan — responde, bruta.

— Você o ama?

Ela mantém seu olhar em mim com olhos arregalados, como se tivesse sido pega no flagra. Os lábios se contorcem. Já me deu a resposta: ela não ama o namorado.

— Quer passar essa pergunta?

— Então tenho a opção de passar? — Ela faz uma linda careta de deboche. Fico me perguntando como seria comê-la debaixo do teto espelhado do quarto de um ambiente especial que tenho ali dentro.

— Não. Apenas já obtive a resposta sem você ter falado nada.

— Seu creti...

— Não. Nada de insultos. — Aconselho com uma voz amigável. — Por favor, deite-se e relaxe.

Ela fica tensa, me olha torto e, após um momento de hesitação, se reclina para trás deitando-se no divã.

— Posso continuar? — pergunto e ela diz um tímido "pode".

— Quantos anos tinha seu primeiro parceiro?

— Vinte e quatro.

— Era seu namorado?

— Não. A gente estava se conhecendo.

— Gostava dele?

— Talvez. Charles era muito desejado pelas garotas da faculdade e eu acho que me influenciei com isso. Queria ter minha primeira vez com alguém bem experiente. Eu estava no meu primeiro semestre e ele se formando.

— Ele era experiente?

— Ele era um porco nojento. Acho que por causa de homens como Charles muitas mulheres viram lésbicas.

— Marianne, esse é um comentário preconceituoso. Ninguém vira ou deixa de ser gay. Eu devo alertá-la que por causa de caras como Charles muitas mulheres passam a vida amarguradas com medo de homem, como você.

— Eu não sou amargurada. — Ela se revolta.

— Mas tem medo de homem.

— Não tenho medo de homem. Tenho medo do que pode acontecer intimamente com um homem.

— Por que tem tanto medo? Eu preciso entender.

— Eu já te disse. Foi ruim para mim. É como se você fosse andar de avião pela primeira  
NACIONAIS - ACHERON

vez, estivesse todo eufórico porque todos dizem que é bom. E então bem no dia que você vai algo acontece, você vê que não é tão bom assim e fica com receio de entrar no avião novamente.

Bela comparação.

— Já contou isso a Ryan?

— O suficiente.

— A mais alguém?

— Candice e, agora, você.

— Entendo.

Fico alguns instantes em silêncio fazendo minhas anotações. Preciso deixar tudo anotado para estudar com calma o caso dela mais tarde. Vai ser mais difícil do que eu imaginei. Não posso já ir com tudo para cima dela. E eu achando que já ia chegar tirando o pau para fora e mandando ela dar uma mamada. O caso de Marianne exige muita calma. Não sei se cinco sessões seriam suficientes. O desafio de tirar o medo dela está me corroendo.

— Como define sua orientação sexual?

Isso é uma hipótese. Talvez Marianne tenha tanta repulsa de fazer sexo com homem porque é homossexual e não sabe, é inconsciente. Torço para

não ser.

Ela me olha meio sem jeito.

— Está tudo bem. Pode me falar. Sou seu terapeuta. — Minha voz sai tão afável que até eu admiro.

— Sou hetero. Gosto de homens.

Que alívio! Assinto com um movimento breve e passo para a próxima pergunta. Vou acreditar nela por hora.

— Marianne me conte como foi quando chegou ao orgasmo.

Eu suspeito de que ela nunca teve um orgasmo. Mas talvez tivesse tido um ou dois enquanto dormia ou quando se tocou em algum momento da vida.

— Orgasmo?

— É.

— Bem...

— Você já teve algum orgasmo, não é?

— Sim, claro. — Ela desvia o olhar.

— Então me conte como foi. Estava tocando onde quando gozou?

Ela fica paralisada, sem fala. Noto a linda

pele do rosto ficar pálida. Puta merda! Ela nunca teve um orgasmo.

— Sei que não chegou ao orgasmo com Charles, mas provavelmente já deve ter tido algum usando meios próprios.

Ajudo-a a raciocinar.

— Meios próprios?

— Sim, com isso. — Levanto minha mão e gesticulo os dedos.

— De novo com isso? Céus! Eu... não costumo fazer isso... acho constrangedor.

— Constrangedor? Apenas você e você mesma?

— Sim. É constrangedor eu ficar no quarto tocando minhas partes íntimas como se fosse uma solteirona desesperada por sexo. Eu não preciso disso.

— Meu Deus! Você tem a mente muito fechada. Temos que trabalhar na sua mente antes de dar um passo maior. Eu acho que menos de dez sessões não vai adiantar nada.

— Não sei ainda se vou continuar com isso. Disse que viria apenas na sessão experimental e



aqui estou eu.

— Certo.

É o que veremos. Levanto-me, vou até a estante e pego uma caixa em um compartimento. Algo que já deixo preparado para eventualidades. Entrego a Marianne.

— O que é isso? — Ela indaga antes de receber.

— Dever de casa. Vou te liberar agora, não dá para continuarmos por enquanto.

— Já?

— Sim. Como já expliquei, faça de conta que eu dividi a primeira sessão em duas partes e não volte amanhã. Volte daqui a três dias, ou melhor, espere que eu te ligo marcando um horário, saberei quando já estiver pronta. — Abro a caixinha e ela espia dentro. — Já ouviu falar de pompoarismo?

— Mais ou menos. — Ela levanta os olhos e me encara, desconfiada.

— Aqui dentro tem tudo o que você vai precisar. Coloquei até um manual elaborado para ajudar. Faça em casa, sozinha, em seu quarto. Não tente ultrapassar seus limites, comece aos poucos.

NACIONAIS - ACHERON

Depois que começar, seus músculos ficarão mais relaxados e flexíveis, vai ter mais prazer durante o sexo e mais disponibilidade.

— Doutor, eu não sei se...

— Marianne, não importa se você vai ou não continuar as consultas. Prometa que vai começar a treinar com isso que estou te dando, é essencial para você praticar antes de darmos um passo maior. — Ofereço a caixinha a ela. Relutante, Marianne recebe, olha as bolinhas de prata, os cones de todos tamanhos e fecha a tampa.

— Não use ainda os objetos. Faça apenas os exercícios todos os dias, seguindo rigorosamente o manual. Algum problema?

Ela não responde. Guarda a caixa na bolsa e só então me olha.

— Sem problemas.

# DEZ

## MARIANNE

Conto para Candice ou não? Essa é minha maior dúvida quando chego ao meu apartamento e fico olhando para a caixa em cima da cama.

Tenho medo de abrir e então aumentar a certeza de que estou mesmo fazendo essa loucura. Onde está minha racionalidade quando preciso dela? Quer dizer, onde estava minha racionalidade quando eu aceitei começar essas consultas?

Eu tinha lido o contrato e passado uma noite inteira pensando se fazer sexo com um desconhecido seria a saída para os meus problemas. No início eu tive ódio, depois medo e depois da aceitação veio a curiosidade. Então pensei: "Se eu for e consegui mesmo transar com ele, então pronto. Estarei curada sem precisar participar das outras sessões."

O que mais me deixa incomodada é a traição, que está enorme e pairando sobre esse contrato. Meu Deus! Isso é muita sacanagem com meu namorado, eu ia morrer de ódio se o Ryan fizesse sexo com uma terapeuta. Entretanto, se eu não tomar alguma providência, ele vai acabar fazendo sexo com alguém. E não venham me dizer que eu poderia tentar transar com meu namorado e perder o medo. Eu já tentei várias vezes e desisti porque isso só deixava o coitado do Ryan mais frustrado. Todas as vezes que tentamos, ele dizia que estava tudo bem, mas ficava emburrado, ia embora e eu chorava.

Por isso, engoli essa questão de traição e decidi seguir com essa loucura.

Me sentindo muito indisposta e apavorada, troco de roupa, vou para a cozinha comer alguma coisa, e depois vou analisar essa caixinha.



Quando a abri, senti meu estômago dar uma reviravolta. Engoli em seco e peguei cada um dos

pequenos objetos lacrados em suas embalagens, tudo novinho. Á dois deles com várias bolas ligadas como um colar, são de tamanhos diferentes. O famoso “colar tailandês”.

Há também pequenos plugs de diferentes tamanhos e pesos e um livreto como um manual de instruções.

Eu já tinha ouvido falar sobre esses exercícios, Candice fazia sempre e, segundo ela, ajuda em muita coisa principalmente em aumentar o prazer na hora do sexo. Fortalece a musculatura da vagina, ajuda a quem tem retenção de urina, infecção urinária frequente ou sente desconforto durante o sexo. Com esses exercícios, irei descobrir músculos que eu não sabia usar antes.

Pego o manual e começo a ler. É muito detalhado e pede que a pessoa comece sem os objetos. Antes preciso fazer exercícios básicos de preparação: agachar com as mãos na cintura e o tronco ereto, ou, deitada, flexionar os joelhos com uma almofada no meio das pernas. Depois posso trabalhar os músculos vaginais, fazendo simples contrações como se estivesse prendendo o xixi. Tenho que fazer esse movimento durante todo o

dia, contraindo a vagina, imaginando uma pequena bolinha na entrada e que eu tenho que puxá-la para cima usando os músculos vaginais. E quando chegar ao limite, ir descendo a bolinha imaginária novamente até o fim. Assim, exercito os três anéis vaginais, internos.

Segundo o manual que Sawyer me deu, dentro de uma semana treinando regulamente, poderei passar para os pesinhos e o colar tailandês. Mas isso com a supervisão de um profissional. Fiquei morta de vergonha ao imaginar o doutor gostosão treinando minha vagina.

Tive dúvidas sobre começar ou não. Pensei muito, li bastante, pesquisei sobre o assunto na internet, e acabei decidindo seguir as “prescrições médicas” e comecei a treinar passo a passo como mandava o manual.

Quatro dias depois, doutor Graham me ligou dizendo que eu já estava pronta para voltar a segunda etapa da consulta.

Eu nem pensei sobre se iria ou não. Ele marcou o horário e fui correndo. Estava há quatro dias contraindo e soltando minha vagina sem parar. Em casa, no trabalho, assistindo televisão, visitando

clientes. E nem contei a Candice que eu estava me contraindo para transar descaradamente com o mesmo terapeuta que a ajudou. A safada transou com o gostoso e não me contou nada. Eu me sinto no mesmo direito de não contar nada a ela também. Não ainda.



## PRIMEIRA CONSULTA: PARTE 02 – CONHECENDO O PRÓPRIO CORPO

Estou mesmo tentando isso. Não posso pensar muito, senão voltarei atrás no mesmo momento. Desde que entrei aqui nesse consultório, um vácuo se apossou do meu peito. A pessoa recebe exames de sangue de um homem, provando que vai haver sexo e qual a reação?

a) Fugir para as montanhas.

b) Chamar a polícia.

c) Ler tudo com calma e vê-lo assinar o

contrato?

A tola aqui ficou com a última alternativa. E desde o momento em que ele assinou, não tive mais vontade própria. Algo dentro de mim não quer mais sair correndo.

Certa vez mamãe disse que sou uma garota tão estranha que chega a ser sufocante. Disse essas palavras quando eu fiquei emburrada por eles terem convidado um primo meu para passar o final de semana em casa. Naquela época eu estava com 16 anos, usava aparelho ortodôntico e já era superequilibrada, sem aventuras amorosas e flertes desnecessários.

Hoje não sou mais aquela garota. Estou prestes a transar com um homem que mal conheço, mas sei o tipo sanguíneo dele por que vi em seus exames. Estamos sozinhos e não tem mais como eu escapar. Deus! Sinto um leve tremor. Essas coisas passam diariamente no noticiário, mulheres que se enfiam em lugares desconhecidos com homens desconhecidos e acabam desaparecidas.

Estou me sentindo no filme do Christian Bale em que ele mata as mulheres em seu apartamento. Era igualmente sedutor e instigante



como Sawyer.

Assim que cheguei, ele já me esperava. Nos cumprimentamos e não tivemos muitos rodeios. Ele me perguntou se eu estava fazendo os exercícios, respondi que sim, e logo, bem apressado, ele disse que já iríamos começar.

Sou conduzida até uma das portas pela qual sempre tive curiosidade. Um impulso de euforia toma conta de parte de mim. A parte que não liga se estou ou não correndo perigo.

A porta se abre e lá dentro é enorme. Não tinha ideia da proporção daquele lugar. Ouço o clique da porta se fechando atrás de mim. Sinto que ele está ao meu lado esperando enquanto eu analiso com cuidado o enorme estúdio. Sim, parece um estúdio com vários cenários para gravações de filmes. Arrisco alguns passos cuidadosos.

É tudo branco. Paredes, teto e piso. Todo o lugar é cheio de compartimentos separando um ambiente do outro, alguns fechados. Os que posso ver, são réplicas de partes de uma casa e não acredito no que vejo. Uma cozinha?

Também há um quarto de casal e uma área de serviço. Em outro, havia um quarto com muitas

câmeras. Isso nos compartimentos abertos, pois há um corredor com diversas portas que só Deus sabe o que há dentro. É melhor eu ficar de olhos bem abertos com esse homem.

— São para ajudar mulheres com problemas como o seu. Acredita que existem mulheres que se recusam a fazer sexo com o marido na própria cama deles? Outras que têm fetiche em ser filmadas.

— Eu não quero ser filmada. — Viro-me para ele revelando minha opinião de modo rápido. Vai que esteja passando isso pela mente perturbada dele.

— Claro, não irei fazer isso. Seu tratamento é mais básico. — Ele me olha com interesse e sinto-me derretendo sob os dois círculos verdes de seus olhos.

Atenção, cientistas! Descobri o causador do derretimento das geleiras.

— Como seu problema é o medo de sexo, eu vou precisar prepará-la antes. Isso vai demorar um pouco, até eu decidir que está pronta.

Tem um nó na minha garganta que não permite minha voz sair. Só consigo balançar a

cabeça em concordância.

Ele caminha e abre uma porta, é um banheiro muito luxuoso, ou melhor, é uma sala de banho. Não há vaso sanitário e o que prevalece é uma banheira grande que borbulha. Hidromassagem.

O ambiente é todo decorado de mármore branco e marrom, um luxo.

— Com a temperatura elevada da água, você vai relaxar e sua pele ficará sensível ao toque. Marianne, lembre-se de ficar calma, isso aqui acima de tudo é um tratamento psicofisiológico. Será como uma aromaterapia para ajudar você a relaxar. Deixe seu corpo flutuar. Essa é a segunda etapa da terapia e quero que você continue conhecendo seu próprio corpo, como começou a fazer no pompoarismo.

Balanço a cabeça. Estou tentando parecer normal, mas sei que minha tensão é tão singela como um elefante em uma loja de cristais.

— Tire as sandálias. — Ele me instrui. Eu caminho e sento em uma espécie de poltrona branca muito macia. Inclino-me e tiro minhas sandálias, ele as pega e leva para um canto.

— Desamarre os cabelos.

Olho desconfiada para ele e faço o que pede.

Ele fica por alguns instantes me olhando. Enrubesco na mesma hora. Meu coração parece que vai sair pela boca. Engulo em seco, esperando mais ordens.

— Marianne, tente relaxar, vou precisar que fique muito relaxada. Por isso quero analisar as mudanças do seu corpo. Não vou tocar em você, a gente não vai ter nenhuma proximidade ainda, você precisa ser preparada e eu vou mostrar a você tudo o que uma relação sexual representa e como uma mulher necessita de tempo para estar pronta.

Eu estou de frente para ele. Balanço a cabeça concordando com o que ele fala.

— Tire sua roupa e fique apenas de lingerie.  
— Incita com um tom sério. Não consigo ver nenhum vestígio de safadeza nos olhos dele e isso me deixa mais segura. Talvez eu esteja apenas supondo coisas. Afinal é difícil imaginar que um homem desse, tão deus grego e cheio de si, pudesse um dia ter desejo por uma insossa como eu. Começo a desabotoar minha camisa. Se em algum

momento eu irei praticar atividades ilícitas com ele, por que não poderia ficar apenas de calcinha e sutiã?

Lógico que comprei um conjunto caro, de renda, justamente para essa ocasião.

Tiro a camisa sem conseguir encará-lo, depois tiro a calça de alfaiataria, fazendo um lento movimento para os lados com meu quadril, paro imediatamente. Ele poderia pensar que eu o estava seduzindo. Longe de mim fazer isso, ou melhor tentar fazer.

Tenho que lembrar de sensualizar em frente ao espelho para ver como me saio.

Estou trêmula de vergonha. Ele já viu tantos corpos perfeitos, me sinto diante de um parâmetro de qualidade. Tiro a roupa e ele se apressa em pegá-la das minhas mãos. Coloca-as no sofá branco. Quando se vira eu estou com os braços cruzados tampando meus seios ainda cobertos pela renda cara do sutiã. Ele balança a cabeça em negação, mas não diz nada. Vai até um armário e pega algo em um saco plástico.

— Vou sair e você troca a sua lingerie por essa. É nova, é apenas para não molhar a sua.

Eu pego o saco plástico e olho a roupa íntima preta. Ao menos não é branca, ou iria marcar tudo.

Termino de me vestir e Sawyer pergunta se já estou pronta, digo que sim e ele volta. Passa direto e nem olha para o meu corpo. *Nada de atitudes duvidosas, o homem é mesmo sério*, minha Marianne racional me lembra.

Ele vai até a banheira e mexe nas torneiras, observo ele pingar algumas gotas de vários frascos dentro da água. A cada coisa que pinga, ele chacoalha a água e pega outro vidro. Acho que misturou uns três tipos de aromatizantes.

— Mirra, ylang ylang e amêndoas. — Ele revela a receita para o cheiro que evapora da água ainda me ignorando.

— Entre e se acomode — diz Sawyer, pegando uma toalha e secando os braços.

Vou para perto da banheira e toco na água. Está em uma temperatura muito agradável. Sawyer segura minha mão e me ajuda a entrar. Sento e depois me reclino para trás colocando a cabeça em uma espécie de almofada. Ele caminha para trás de mim e ajeita meus cabelos para fora da banheira.

— Feche os olhos agora. — A voz comanda em um sussurro e eu fecho. É incrível como minha pele começa a ficar leve e relaxada com a água temperada. Melhor do que um SPA, já que lá você não tem um homem bonito comandando seus banhos.

Ouç-o se mover ao meu redor e, aos poucos, um aroma aconchegante toma conta do ambiente, acho que é jasmim ou gengibre. Abro os olhos, o banheiro está meio escuro e tem velas acesas ao meu redor. Sawyer termina de acender as velas e desliga a hidromassagem da banheira.

— Ficarei sentado aqui atrás — sussurra.

— O que eu faço agora?

— Quero que comece a se banhar sabendo que eu estou vendo. E vou apreciar, afinal, sou homem e não há como não gostar. Com isso, Marianne, você vai saber que pode despertar o interesse de quem quiser. Quero despertar seu poder feminino. Todas o têm, mas poucas sabem usá-lo. Pode começar, eu a guiarei apenas com minha voz.

Eu começo meio relutante a passar a mão pelo meu pescoço.

— Comece bem devagar, pegue água na mão e salpique pelo seu pescoço. Sempre respire fundo e pense distante. Deixe sua mente vagar, seus problemas ficaram lá fora e aqui dentro há apenas você e minha voz.

É impressionante como meu cérebro reage a voz dele orquestrando todos os meus movimentos para fazer o que ele diz e, em um instante, estou desligada do mundo, meus olhos fechados, o cheiro delicioso invadindo meu corpo e a água quente acariciando meus poros. Além de saber que estou sendo observada por um homem capa de revista.

— Desça sua mão da base do pescoço até o espaço entre os seios. Sinta seu toque e pense em como seu corpo pode reagir ao toque de um homem, acaricie levemente, nada brusco.

Faço o que ele manda e me arrepio toda, na mesma hora. Sei que é minha mão, na verdade, nunca pensei que poderia sentir coisas com minha própria mão. Mas, de olhos fechados, com essa voz sussurrando atrás de mim, não é apenas minha mão que está me dando esse arrepio no bico do peito.

— Imagine que, se for um homem, pode ser bem mais gostoso que seu próprio toque. Cada



centímetro de pele, cada curva de seu corpo, esconde um ponto de prazer, de excitação. Se você abrir cada uma de suas barreiras, se você se permitir redescobrir o prazer sexual, esses pontos serão perceptíveis por você e por seu parceiro. Um parceiro que saiba cultivar o corpo de uma mulher. — Sawyer continua sussurrando e meu estômago fica leve, uma ondinha de sensações gostosas se forma no meu ventre. Meus movimentos são lentos e impressionantemente controlados. Desço minha mão molhada até a entrada do sutiã e volto para o pescoço. Pego mais água, molho minha pele e, com a ponta dos dedos, toco meu mamilo e ele está enrijecido, sinto um arrepio gostoso quando eu o pressiono.

Um som baixo, como um gemido, se espalha por todo o ambiente. Não pude controlar, nunca senti meus seios tão sensíveis e suplicantes por um toque. Volto para o outro seio e repito o movimento algumas outras vezes até Sawyer pedir para parar.

— Sente-se confortável para se tocar mais embaixo? — pergunta ele.

— Não. Não ainda.

— Tudo bem. Essa vai ser sua tarefa de casa, fará sozinha no seu banheiro. — Sawyer levanta e me diz que vai sair do banheiro e que é para eu me trocar. Ele diz que eu já tive o bastante por longos quinze minutos na banheira, mas parece que foram apenas dois. Saio sentindo um torpor delicioso em todo meu corpo, me enxugo e visto minha lingerie de volta.

Ele volta e, com um breve sorriso, me leva para fora. Entramos por outra porta. É um quarto muito aconchegante. A cama King Size está forrada com lençóis de cetim pretos. É tudo preto e branco. Tem todos os móveis de um quarto. Tudo de madeira escura e muito moderno. Há até objetos decorativos, como estátuas de cristal em cima de uma cômoda, livros e abajures em cada criado-mudo e um despertador digital. Acho que esse é um dos únicos ambientes que tem janelas grandes e de armação de madeira branca. As persianas estão arriadas. Se parece muito com um quarto masculino e fico um pouco animada pensando sobre se essa é uma reprodução do quarto dele.

— Imagine que está no quarto de um homem desconhecido. É excitante, não é? — Ouço a voz atrás de mim. É como se ele tivesse lido meus NACIONAIS - ACHERON

pensamentos.

— Sim. — Balbucio.

— Vamos começar aqui. Tudo bem?

Concordo, e ele fica esperando eu passar para fechar a porta.

— Por favor, fique à vontade — diz enquanto pega um controle remoto e cerra as cortinas, aponta para a parede e regula o ar em uma boa temperatura, apaga a luz central e acende quatro luzes indiretas em cada um dos quatro cantos do teto. O quarto tornou-se muito sensual com aquela luz tênue. Sawyer fica de costas, mexendo no celular, depois descansa o aparelho em uma base eletrônica e uma música começa a tocar pelo quarto, vinda de caixas acústicas embutidas.

Ainda estou de pé esperando novas ordens. Ele arrasta uma poltrona para perto da cama e a ajeita contra a cabeceira. É maravilhoso vê-lo caminhar pelo quarto arrumando-o.

— Quero que preste atenção, Marianne. Você vai se deitar nessa cama, apenas de roupa íntima, de barriga para cima. Os braços abertos e as pernas juntas. Como em uma cruz, entende?

Faço que sim e me deito na cama do jeito

que ele me instruiu. Tento não reclamar, apenas quero ver onde isso vai dar. Mentalmente analiso meu corpo e tenho certeza de que estou até bacaninha, nenhuma celulite indesejada. Mesmo assim fico levemente envergonhada, afinal, esse homem deve ter visto os melhores corpos que o dinheiro pode comprar. Ele pega o caderno, a caneta, e senta-se na poltrona ao lado da cama, bem perto de mim.

— Não quero que se mexa, não pode tentar tocar seu corpo, nem se cobrir, não pode olhar para mim. Se tentar, serei obrigado a vendá-la. Depois vai saber por que não pode me olhar. Entendeu? — questiona calmamente. Eu balanço a cabeça dizendo que sim.

— Responda, Marianne.

— Sim, entendi.

— Ótimo. Começa agora sua terapia.

# ONZE

MARIANNE

Ficamos em silêncio. Agora entendo por que ele desligou a luz forte e principal. Eu ficaria olhando para o teto e a luz poderia me incomodar. Pelo menos acho que é por isso.

Ouço o barulho da caneta riscando rápido o papel, ele está escrevendo.

— Vamos agora trabalhar sua imaginação, você vai fantasiar. Como disse, a mente feminina é a maior área erógena. Como você nunca se masturbou e não teve uma boa primeira vez, vou começar a despertar seu corpo apenas com a voz. Fique atenta a tudo o que eu disser e me responda sem nenhum constrangimento — diz tudo isso sem pedir resposta e então se cala. A música de fundo

NACIONAIS - ACHERON

parece conhecida.

Ouço ele se mexer na poltrona e depois o barulho de algo caindo no chão. Acho que tirou os sapatos. Isso tudo é tão errado... tão excitante... meu coração dispara, como sempre disparou quando o assunto é sexo.

— Vamos começar. — Ele fala e eu me concentro. — Quero que limpe sua mente. Não pense em nada, feche os olhos e ouça minha voz. — Ele se cala e me dá um tempo para que eu limpe minha mente. Após alguns minutos, volta a falar, com a voz mais baixa e suave, com uma rouquidão, como a que usou no banheiro. Faz um contraste sensual com o som ao fundo. Não consigo lembrar qual música é, apesar de saber quem está cantando. Como se soubesse (pra variar) o que estou pensando, ele pergunta em tom de chacota:

— Sugestiva, não é?

Sim, era. A música falava sobre cura sexual.

— Marvin Gaye? — pergunto.

— Sim.

— Coloca músicas para suas pacientes?

— Apenas uma até hoje. Agora feche os olhos.

Fico sem saber se eu sou a segunda ou a primeira. Odeio pessoas evasivas...

*Você é uma pessoa evasiva.* — A minha Marianne divertida me lembra. A racional está amordaçada, pois ela jamais permitiria que eu me enfiasse num consultório para transar com um terapeuta gostoso, tatuado e desconhecido.

Eu a ignoro, fecho os olhos e torno a devanear embalada pelo som.

— Comece imaginando um homem, qualquer um. Pode ser eu mesmo. Mas, se não quiser, pode pensar em Ryan. Por isso não quero que me olhe, para não influenciar sua mente.

Maldito arrogante. Com ele aqui tão perto falando com essa voz, acha mesmo que conseguirei pensar em outro homem?

Em minha mente, uma silhueta começa a se formar. É Sawyer. Ele está parado, sem fazer nada, como um robô esperando ordens. Mentalmente passo os olhos pelo corpo dele e, sem querer, dou um leve suspiro.

Desde quando suspiro dessa maneira? Geralmente eu fazia isso apenas para a TV.

— Agora vocês dois estão em um lugar  
NACIONAIS - ACHERON

vazio. Pode ser um quarto. Há uma luz tênue e vocês estão separados por passos de distância. — Sawyer para de falar, espera eu imaginar antes de prosseguir. — Ele olha fixamente em sua direção e, mesmo com a pouca luz, você consegue ver o que os olhos dele pedem.

Pode apostar que ele está mesmo olhando para mim, doutor.

— Ele está se despindo para você, Marianne. Sente alguma coisa quando tem esse pensamento?

— Sim — respondo imediatamente.

— Ruim ou bom?

— Eu...

— Não titubeie. — Ele adverte. — Vou ajudá-la. Olhe para mim.

Ele pede e eu viro meu rosto de lado, ele está inclinado para a frente. Assim que o encaro, ele senta-se ereto e começa a desabotoar a camisa branca com muita lentidão e cuidado. Ele me cara e me sinto prisioneira daqueles olhos verde-musgo. Com cautela, desço meu olhar por sua boca, queixo, pescoço e...

Agora fodeu tudo.



A camisa está toda aberta e, pela primeira vez, pude ver a pele do peito bronzeada e coberta por uma fina camada de pelos negros. O torso dele é muito simétrico, tem até aqueles gominhos no abdômen.

Isso é real? Será que ele me deixa tocar?

Estremeço e sinto um comichão gostoso invadir meu corpo. Meu coração acelera. Nunca tinha sentido isso por homem algum e eu vi apenas o peito dele!

— Agora não olhe mais para mim. Fique como estava. — É mais uma ordem que um pedido. — Pense no que viu. Fiz isso para lhe dar uma imagem, preciso de progresso, tudo bem?

— Sim — respondo, sem conseguir tirar a imagem do peitoral forte e despido da minha mente. Estou atônita. Acho que existem mulheres capazes de se endividar com empréstimos só para poder transar com ele. E agora entendo todas elas.

— Agora quero que volte àquele pensamento anterior, pois vou perguntar novamente.

Assinto, lembrando-me do homem se despindo e, depois de alguns segundos, ele

pergunta:

— Sente alguma coisa quando tem esse pensamento?

— Sim.

— Boa ou ruim?

— Boa.

— Ótimo. Vou me certificar disso mais tarde, se o que sente é mesmo bom.

— Como assim? — Abro os olhos.

— Você me disse anteriormente que não é lésbica, que gosta de homens, eu preciso descartar essa hipótese e conseguirei fazer isso apenas com provas.

— Não acredita em mim? — Olho para ele.

Droga! Não posso olhar.

— Não. E não volte a olhar, Marianne.

Sem dúvida isso foi uma ordem. Ouço a caneta riscar, ele volta a escrever. O que ele tanto escreve? Estaria confabulando contra mim? Deixo de pensar nisso, pois a voz começa a me induzir numa viagem erótica.

— Marianne.

— Oi.

— Preciso de sua total atenção.

— Sim.

— Quero que pense que o homem que você está imaginando acabou de se despir ficando apenas de cueca. Ok?

— Sim. — É o senhor que está de cueca na minha mente, doutor.

— Ok. Ele está indo na sua direção. Você está com medo, pois pode perceber o olhar de predador dele. Se esse homem conseguir alcançá-la, ele não será piedoso, a levará para cama, saciará a vontade dele e fará você tremer de tanto gozar. Ele quer comer você em todas as posições; deixar você de quatro e meter fundo, até as bolas, e, mesmo que você tenha vários orgasmos, ele não vai parar até gozar dentro de você e, logo depois, se mover bem devagar sentindo a viscosidade do esperma dele em seu interior.

Ele para de falar. Estou chocada com a intensidade da narração. Meu coração está acelerado com as imagens de Graham apenas de cueca com aquele tórax poderoso vindo sedento em minha direção. Se um homem desse tamanho me pega, vou ficar acabada na cama, mas meus

sentimentos não são de pânico. Mordo os lábios para impedir um suspiro.

— Agora, você se afasta, aflita, pensando que não conseguirá dar conta dele. Ele continua vindo e, por azar ou sorte, não há mais para onde fugir, você está encostada em uma parede.

Deus! A voz de Graham bem perto de mim, rouca e baixa, fazia uma onda de arrepios percorrer meu corpo. Estou sentindo algo que era desconhecido para mim até então. Na minha mente, as imagens são muito vivas.

— O homem chega bem perto e você pode sentir a respiração calma dele. Consegue sentir o calor advindo dele e o cheiro másculo emanando do corpo seminu à sua frente. Ele segura seus braços na lateral do seu corpo, dá um passo à frente e vocês se tocam. Você pode sentir a pele quente dele e como ele está excitado. O homem pega sua mão e coloca em cima do pau dele sobre a cueca. Está quase explodindo por sua causa. Você o encara e não consegue tirar a mão de cima do volume enorme dele. Em instantes, isso tudo estará dentro de você, preenchendo-a deliciosamente, levando-a às alturas e você sabe disso. Então você se

pergunta: "Será que ele vai me machucar?" "Será que vai ser horrível como Charles?" E ele parece entender e sussurra ao pé do ouvido: "Você está lidando com um homem, gata. Não com um moleque. Depois disso, não vai querer mais nada."

Uau! Puta que pariu. Agora estou toda tremendo. Meu ventre dá uma leve reviravolta e sinto um arrepio em meus mamilos.

Marvin canta ao longe intensificando meu torpor.

Estou presa dentro da minha mente em uma fantasia erótica com Graham. Ele sabe que estou imaginando-o?

Meus dedos apertam os lençóis da cama e mordo os lábios.

— Não mexa os braços, continue imóvel para que eu possa analisar seu corpo. — Ele fala e escreve um pouco mais. Pigarreia e continua a narrar: — O homem tocou seu lindo e delicado pescoço, Marianne. A mão dele é grande e você quer fugir, mas suas pernas estão trêmulas porque não é mais medo, é desejo. A mão dele cobre com facilidade o seu pescoço, mas não é um gesto hostil. É sensual e logo não está mais lá, pois ele a

desceu com muito cuidado. Os dedos dele são como pétalas na sua pele, mas você pode sentir como sua mão é grande e pesada. Bem descaradamente, ele encosta os lábios no seu pescoço e passa a língua em toda a extensão da sua pele até chegar ao queixo. Você solta um suspiro, pois não sabia que era tão gostoso sentir a língua quente de um homem fazer isso. Você pergunta a si mesma em quais outras partes poderia sentir prazer. E ele lhe mostraria todas elas.

Solto o ar pela boca, comprimo os lábios sentindo meu corpo se manifestar por causa da narrativa. Minha mente trabalha a mil por hora me dando as imagens e isso atinge diretamente meus seios e minha vagina.

— Enquanto ele chupa seu queixo, a mão paira por cima da sua blusa fina e você sente uma deliciosa contração na boceta. Não está usando sutiã porque não teve tempo de colocá-lo. O homem sabe disso e a blusa fina não impede que ele envolva um dos seus seios com a mão. Esse cara quer deixar você dolorida, quer chupar tanto seus seios que vai deixá-los vermelhos, ele quer fazer você gozar apenas chupando sem parar, esfomeado. Meio pitoresco, meio selvagem. Ele é

NACIONAIS - ACHERON

insaciável, Marianne, e alguns dizem que ele não tem escrúpulos, mas sabe apreciar uma mulher na cama.

"Quando você inclina a cabeça para trás, ofegante, ele aproveita o momento e segura sua cabeça com a outra mão contra a parede. Seus olhos se encontram e você quase cai, desequilibrada, ao ver o que ele quer, sem saber se pode saciá-lo. Ele aproveita para cobrir seus lábios com os dele. Não a beija, apenas morde de leve os seus lábios rosados e, com a língua, contorna lenta e demoradamente sua boca. Você geme, pois uma das mãos gulosas dele desliza por baixo da sua camisa e apalpa seu seio macio com facilidade. Os dedos dele são práticos e rápidos, alternando movimentos circulares, pinçando o mamilo duro e puxando-o. Você acha que vai desmaiar e percebe que esse é um jeito muito bom de ser acariciada. Seu corpo não é apenas um lugar com orifícios para um idiota qualquer se aliviar. O homem sabe como cultuar de verdade o corpo de uma mulher, ele sabe como olhar, tocar e degustar bem devagar, sabe dar prazer. Pense, Marianne, pense em um corpo masculino prendendo-a contra a parede. Com o quadril projetado para a frente, ele esfrega o pau

NACIONAIS - ACHERON

preso dentro da sua cueca contra seu ventre. Pense nessa sensação, Marianne. Pense nesse membro duro que pode satisfazer seus desejos, no quanto você vai gemer de prazer quando ele a penetrar fundo e devagar."

Estou ofegante e sentindo palpitações, isso é demais para mim. Acho que nem é tanto pela narração, mas sim pela voz rouca dele. Incrível como conseguiu me acender apenas com a voz. Mexo minhas pernas esfregando uma na outra. As imagens eram muito nítidas em minha mente porque eu ouvia a voz sensual dele, sentia o cheiro dele e quase podia sentir seu toque. É como se ele estivesse mesmo me pegando daquele jeito, com força e decisão. Em um momento longínquo daquele devaneio, pensei que fazer sexo com Graham não deveria ser tão ruim.

— Marianne, agora que está como gelatina nos braços dele, o homem lhe deu um beijo de arrancar o fôlego e tirou sua blusa. Imediatamente, sem você perceber, ele a pega no colo e a leva, com cuidado para a cama. Pense nos lençóis brancos e em você deitada vestindo apenas uma saia, ofegando enquanto o homem vem ao seu encontro. Ele sobe na cama e a puxa para os braços dele. Ele

NACIONAIS - ACHERON



está de joelhos e facilmente faz com que você enrosque as pernas no quadril firme, deixando-a em uma posição agradável, vulnerável a ele. Você sente a ereção potente dele quase rasgando a cueca e geme cravando as unhas nas costas largas enquanto o homem dá fortes chupões em seu pescoço. Ele não se importa se vai deixar marcas em você, na verdade ele quer isso. A boca dele caminhou avidamente pelo queixo até parar na boca, mas, mais uma vez não a beija, apenas encosta os lábios e os esfrega contra os seus. Você tenta puxá-lo para o beijo completo, na verdade, está desesperada por isso. Entretanto, o homem age mais rápido e, com um movimento, a empurrou para a cama. Ele está em cima de você com um sorriso que prometia o que faria a seguir.

“Vou comer você com vontade!”, promete. Um frio cobre sua espinha, pois acha que não está preparada, então o homem baixa a boca até seus seios fazendo-a gemer alto. Ele chupa cada mamilo com muita calma, degusta com maestria, te dá tempo de acostumar e quando percebe o quanto está entregue, mete a mão por baixo de sua saia... fica satisfeito ao te encontrar ensopada e latejante. Ele pensa em abocanhar sua boceta e em seguida

NACIONAIS - ACHERON

sentir toda a sua maciez com seu pau grosso, até o fim, até você estar devidamente preenchida. Você segura forte os lençóis da cama e grita, e ele começa torturar você com os dedos, sem tirar sua calcinha. E você quer muito mais que apenas dedos. Ele não para, continua a tortura até você implorar."

Definitivamente estou entorpecida, Graham está conseguindo grandes progressos apenas com a voz. Mordo os lábios e ainda estou com os olhos fechados. Nunca tinha ficado molhada dessa maneira. A música de Marvin acabou e já está em outra. Uau! A melodia embala meu corpo suavemente, sinto necessidade de algo mais, algo que não sei nomear.

— Sente isso, Marianne? — Graham pergunta com uma voz baixa quase um sussurro no meu ouvido. — Só me responda, não abra os olhos.

— Sim. — Murmuro.

— Isso é bom.

Eu percebo que as palavras dele saíram junto com um riso.

— Agora o homem levanta sua saia e acaricia, com o polegar, por cima da calcinha, seu

clitóris bem durinho. Você se contorce mais e ele intensifica a carícia com o dedo, ora apertando, ora fazendo movimentos firmes e circulares brincando com seu clitóris. A outra mão trabalha fazendo o mesmo com seus seios e sua boceta pisca como um farol pedindo por mais, pedindo um prazer maior.

"Você tenta tirar a calcinha, pois quer que ele acaricie sua pele, sabe que precisa daquilo, mas ele não permite que a tire. Abaixa e toma sua boca em um beijo para acalmá-la e distraí-la. Enfim tira a sua calcinha com muita lentidão, seu corpo molhado e preparado para ele. Você não sabia, mas sempre estaria preparada. Bastava ter alguém que soubesse deixar você relaxada.

Instintivamente abre as pernas e ele tira a cueca. Agora imagine o homem nu, duro de desejo, o pau esticado, empinado, melado do pré-goço. Ele inclina-se e com o pau rígido faz um movimento de pincelada na sua boceta quente de desejo. Você quase vai à loucura. Ele continua o movimento, bem lento, despreocupado, ora bate a cabeça pulsante e rosada contra seu clitóris sensível, ora pincela. Você choraminga implorando, levanta a cabeça e pede que ele te coma. Pede que ele a embale em um ritmo que a leve ao paraíso. Você

NACIONAIS - ACHERON

está disposta a sentir todo o prazer que ele pode te dar. Você quer esse homem já, mas ele é muito sádico e gosta de fazê-la sofrer."

Sem sentir, solto um gemido lamurioso.

— Marianne, abra os olhos.

Em meio ao meu passeio pelo mundo do erotismo até então desconhecido por mim, ouço a voz firme e rouca bem perto, um comando. Ofegante, sinto os mamilos dos meus seios enrijecidos de desejo e abro os olhos.

— Olhe para mim. — Ele pede e viro meu rosto. Meus lábios estão secos e minha pulsação bate forte em um ponto do meu pescoço.

— Essa é uma fantasia sexual. Você nunca se deitou nua em sua casa, sozinha no seu quarto e pensou em uma cena desse jeito que eu descrevi? — Sawyer pergunta inclinado para a frente. A camisa aberta revela parte do seu peito musculoso. Nos olhos de rapina, algo como curiosidade, longe do profissionalismo.

— Não, nunca... — Gaguejo com um fio de voz.

— Então para uma primeira vez você está de parabéns, olhe só seu corpo. — Ele levanta da  
NACIONAIS - ACHERON

poltrona e senta na cama. — Mamilos intumescidos... — aponta sem tocar o dedo em mim —, respiração ofegante, mãos segurando os lençóis e as pernas esfregando-se uma na outra.

— Eu...

Na verdade, eu tento dar uma explicação lógica para isso, mas não há respostas. Cientistas ainda não fizeram uma pesquisa que ajudaria o mundo a entender "por que Marianne fica excitada com a voz do terapeuta".

— Não. — Ele me interrompe quando eu tento explicar. — Eu fiz de propósito, você precisa sentir isso tudo e ser preparada de todas as formas para não ter medo do sexo. Mente e corpo devem estar preparados. — Ele levanta-se da cama. Não senta na poltrona, eu levanto o pescoço para procurá-lo pelo quarto.

— Agora feche os olhos novamente e volte ao seu sonho erótico. Vamos aprofundar seu treinamento. — Há algo na voz dele que fez um friozinho se apossar do meu baixo ventre.

Eu fico aflita. O que ele quer dizer com aprofundar o treinamento? Definitivamente este homem precisa ser a próxima pesquisa dos

cientistas.

— Volte a pensar, o homem a havia deixado na cama. Você está frustrada. Não abra os olhos. — Sawyer pede quando me vê olhando para o lado.

*Onde ele está?*, pergunto a mim mesma.

Ouçó a voz dele, mas não vem mais da poltrona. Fico inerte e, ao mesmo tempo, estremeço.

— Você quer que o homem volte?

— Sim — digo sem medo. Pois, na verdade, eu quero voltar a pensar, a sonhar com aquilo.

— Abra os olhos, Marianne. — A voz me ordena e eu abro. Então me deparo com a personificação do meu sonho ali bem na minha frente. Sawyer Graham apenas de cueca me olhando. Ou melhor, me dissecando.

Ai, cacete! Quase evaporei.

# DOZE

MARIANNE

— Vou fazer com você o mesmo que o homem dos seus devaneios fez. Se você se sentir estranha e desconfortável, me avise que eu paro. Tudo bem?

— Sim — concordo, trêmula. Ele apoia um joelho na cama e sobe como um leopardo vindo para me atacar. Não consigo desgrudar os olhos dessa imagem. É muito mais erótica do que eu tinha imaginado, a minha fantasia não chega nem perto da realidade. O corpo de Sawyer não é nem parecido com o que eu formulei. Ele tem tatuagens em um dos ombros indo até um pouco abaixo do braço e tomando parte do peito. Ele é enorme, muito grande, muito excitante, parece um daqueles garotos de programa de alto nível, parece irrereal tamanha é a beleza de seu corpo. Minha mente

calcula rápido que ele deve ter uns 1,90m e 90 quilos. Agora eu percebo por que as safadas das pacientes dele voltavam depois da primeira consulta. Eu já estou querendo voltar. Sei lá, diria que tinha esquecido meu fone de ouvido ou a presilha. Quem nunca?

Ele vem lentamente e com uma delicadeza impressionante afasta as minhas pernas, uma de cada vez. Caminha de joelhos até o meio delas e fica olhando para mim. As mãos massageando cada uma das minhas pernas. Um sorriso se formou nos lábios másculos e eu me sinto fraca. Passa os dedos por elas como se fossem de ouro, vai da panturrilha até a parte sensível atrás do joelho e a parte superior da coxa. Com o polegar, ele faz alguns círculos atrás do joelho e deixa novamente aquele local. Me arrepio toda. Nem sabia que essas partes do meu corpo eram tão sensíveis. Mordo os lábios e não me atrevo a fechar os olhos. E sou doida de perder uma cena dessas? Um homem desse me apalpando é uma imagem para a posterioridade.

— Venha aqui. Fique de joelhos. — Ele pede bem de mansinho, a voz acariciando cada pedacinho do meu corpo. Vou até ele meio sem jeito. Ele se aproxima e nossos corpos se tocam, ele

NACIONAIS - ACHERON



tem um peitoral bem grande. As respirações se misturando e lógico que a minha bem mais alterada. Aproveito para dar uma olhada de perto no material à minha frente. “*Carne de primeira.*” Discretamente aspiro o cheiro dele e me arrependo. Por que tinha que cheirar à colônia caríssima e virilidade?

Ele levanta uma das mãos e mergulha os dedos nos meus cabelos jogando-os para trás, como se os penteasse, em seguida, acaricia minha orelha, depois os nós dos seus dedos descem pelo meu maxilar chegando ao queixo segurando-o com o polegar e o indicador. Como estivesse pensando alto, ele diz bem baixinho: "Linda, muito linda."

— Não se preocupe. Não haverá beijos. — Ele comunica.

Eu devia saber que isso é tudo muito profissional. Claro que ele não iria querer me beijar e nem eu queria.

*Aaaah!*, grito desesperada por dentro. Mas a quem estou tentando enganar? Não consigo parar de olhar para essa boca. Estou vidrada. Acho que é assim que um cachorro se sente em frente a uma loja de frangos assados. Só olhando sem poder

tocar.

O polegar dele abandona meu queixo e desce lentamente para o pescoço fazendo uma carícia na pulsação forte. Ele me surpreende ao inclinar a cabeça e pousar seus lábios bem levemente na minha pele. São úmidos e quentes, ele suga de leve o ponto ali pulsante.

Sawyer não tira a boca da minha pele. Continua beijando meu pescoço enquanto consegue soltar meu sutiã com apenas uma das mãos.

*O quê? Com uma única mão?* Não sei como consegue fazer isso apenas com um rápido movimento. Nem eu consigo tirar meu sutiã tão rápido. Ele afasta os lábios do meu pescoço e olha com satisfação não velada para meus seios.

Então percebe meu desconforto. Eu não sei que sensações se escondem neles, na verdade, eu não sei nada sobre meu corpo, não sei como eu irei me comportar (sim, isso é deprimente). Só o fato de ele estar seminu, todo gostoso perto de mim, já me deixa à flor da pele.

— Algum problema? — pergunta.

— Eu nunca... Ninguém nunca... — Tento dizer, mas ele entende, pois balança a cabeça.

Desce os dedos pelo meu pescoço e toca, apenas toca, um dos meus seios.

— Você não sabe mesmo? — indaga e continua acariciando meu mamilo com os nós dos dedos. Tão vagaroso... Tão excitante... — Não tem ideia do tamanho do prazer que esconde aqui? — Ele toca com polegar um dos meus mamilos e aperta. Eu engulo um gemido para não parecer uma tola. Fico calada, pois se eu abrir a boca ele vai saber tudo que eu sinto. Posso fazer isso sem gemer como um animal preso em uma cerca.

— Não precisa responder. — Ele sussurra. — Vou te mostrar como abrir essa caixinha de surpresa que é seu corpo. Hoje vou mostrar você o básico do básico. Vou fazer você gozar, usando carícias superficiais.

Enfim, segura meus seios, cada um em uma das mãos. Parece estar gostando. Eu estou gostando. Maldita Marianne safada. Tento reprimir a mim mesma. Isso me classifica como uma depravada? Acho que sim. Ainda bem que aqui não tem uma enquete.

Ele me empurra e eu deito. Sawyer está em cima de mim.

— Vou começar, se ficar incomodada, diga.  
— Mais uma vez ele avisa e ainda com os olhos grudados nos meus, vai se abaixando até não termos mais contato visual.

Os lábios de Graham são macios na pele dos meus seios. Ele apenas dá alguns beijinhos. Eu suspiro, engolindo outro gemido. Vou terminar com isso sem gemer. Garanto para mim mesma. Porém, o que eu não contava é que isso tudo é apenas a pontinha do iceberg. Os beijinhos evoluíram e agora ele passa a língua ao redor de cada mamilo. Com muita calma como se reverenciasse meu corpo. Como quando um sorvete está derretendo em sua mão e você bem calmamente lambe apenas as bordas. *Tirem as crianças da sala!*

É inevitável. Inclino a cabeça para trás, os olhos fechados e sensações nunca antes conhecidas em meu corpo.

As lambidas evoluíram também e agora ele dá leves chupões ao redor dos mamilos, eu perco o ar quando ele, enfim, suga e mordisca um deles. O doutor não se detém, continua chupando-o e saboreando-o como se fosse a mais deliciosa cereja.

Eu me assusto ao perceber que é mais delicioso do que meu cérebro meio virgem conseguiu formular. Sem autocontrole, acabo com meus dedos afogados nos cabelos dele. São tão macios...

Sawyer para por alguns momentos, brinca com a língua em movimentos rápidos e volta a sugá-los. Continua as chupadas, uma mão acaricia o outro seio e isso vai intercalando, ora a boca em um, ora a mão.

*E eu?*

Estou indo às nuvens, com calafrios e inquietação interior, isso que sinto jamais poderá ser comparado ao terror de quando estive com Charles. Conforme as carícias ousadas vão continuando, algo forte se inicia aqui dentro. Sinto algo tão devastador, revelador, arrebatador, os adjetivos não importam. É muito delicioso o que começa a se formar e acho que vou entrar em combustão. Esfrego uma perna na outra e dos meus lábios saem um gemido alto sem que eu consiga controlar. Já tinha caído por terra a ideia de fazer isso aqui sem gemer, é tudo muito bom.

Ele para com as carícias, mas não porque estou em ponto de ebulição, ou melhor, calefação.

Ele interrompe para segurar meu rosto com uma das mãos e usar a outra para se apossar sem piedade da minha parte íntima dentro da calcinha. Os olhos dele pousam nos meus esperando minha reação quando a mão se afunda esfregando a minha vagina pulsante.

— Sawyer... — resmungo o nome dele em um gemido grotesco.

— Quer que eu pare?

— Não mesmo. — Nunca achei que uma mulher como eu pudesse sentir coisas desse tipo, apesar do leve constrangimento em tê-lo apalpando meus seios e tirando minha calcinha, eu quero mais, quero que ele continue. Quero (por mais estranho que pareça) essa potência toda em cima de mim.

— Apenas sinta. Está aqui para conhecer tudo que lhe foi negado. Hoje vou te reiniciar, sou o remédio e estou aqui para você.

Eu respiro fundo olhando nos olhos dele. Ele também se mantém compenetrado, é como um encantador de serpentes.

A mão ainda mantém meu rosto paralisado enquanto a boca dele paira sobre a minha, tão perto,

quero beijá-lo, pois as sensações que estão fazendo meu corpo tremer me deixam fora do juízo perfeito. Ergo a cabeça do travesseiro para beijá-lo. Ele desvia a tempo e dá um sorriso.

— Nem pense nisso. — Me repreende em tom brincalhão.

E acho que para me punir ou acalmar, o polegar dele começa a friccionar minha parte íntima entre as pernas. Arfo de boca aberta e ele morde meu queixo. Instintivamente minhas mãos vão para os braços dele.

*Uau! Que braços, doutor!*

Eu seguro forte, é muito gostoso segurar essa pele quente e sentir os músculos flexionados. Mas eu não me aventurei a apalpá-lo mais, apesar do desejo me corroendo. Sinto-me muito constrangida para isso. Não estamos fazendo sexo por diversão, ele está me ajudando. Deus! E que ajuda...

Sawyer se afasta, abre mais minhas pernas, tira minha calcinha e começa, bem devagar, lentamente, a girar o polegar contra minha vagina. Ele faz isso olhando para mim. Seu dedo rola por meu clitóris, espalha minha própria lubrificação e

continua me torturando, bem lentamente.

— Vê isso, Marianne? Sua boceta está respondendo, seu corpo está respondendo. — Ele enfia de leve a ponta do indicador e sinto que vou explodir, agora é oficial, vou sim, explodir em milhões de pedacinhos. — Tão quente, molhadinha. Você faz qualquer homem babar. Meu pau está todo babado. — Sawyer continua murmurando. O dedo vai se afundando mais e seu polegar não para de manipular meu clitóris.

— Olha como você está pulsando! E eu quero te mostrar mais. Colocar a cabeça do meu pau aqui, bem de leve, para ver você reagir com tesão. Para sentir sua boceta tentar sugá-lo para dentro. — Agora ele tira e coloca o dedo mais rapidamente. Eu me contorço toda, meus seios estão doloridos, uma combustão vem se formando na minha vagina e subindo. Sawyer continua: — Quero avançar devagar, fazer você sentir cada pedacinho, te fodendo sem pressa, para você sentir todo o seu interior se abrir, se moldar ao meu pau. E quando chegar bem dentro, lá no fundo, que você se sentir toda completa, apertada e bem preenchida, vou me movimentar de leve.



Essa bomba atômica sempre morou aqui dentro de mim? Com apenas um dedo me penetrando e o outro fazendo movimentos deliciosos em meu clitóris, com essas palavras safadas, Sawyer consegue fazer todo o meu corpo tremer, convulsionado de prazer. Eu grito, enlouquecida. Ele desce os lábios para um dos meus mamilos

— Deus! Que ótimo! — Berro, sacudindo a cabeça, quando ele suga forte e continua com os movimentos dos dedos lá embaixo. Ele enfia todo o dedo, depois tira, faz uns movimentos do lado de fora e torna a meter, essa fricção causa algo em mim. É como se o coração tivesse batendo mais rápido, comprimido pelos pulmões quase sem ar. O estômago parece uma bexiga de ar, meus membros estão quentes e arrepiados. A sensação desgobernada vem subindo, se formando ao redor do dedo dele e subindo pelo meu ventre. Seguro nas costas dele enquanto grito por algo que eu nunca tinha sentido e que agora que senti pela primeira vez, quase desfaleci. Grito e estremeço enquanto Sawyer chupa meu seio e enfia devagar o dedo em mim.

E nesse instante descubro que eu não sou  
NACIONAIS - ACHERON

gélida. Depois de sentir algo como isso? Seria isso o orgasmo tão falado? Se for... Céus! Olha o que eu perdi todo esse tempo!

Meu corpo ainda pulsa em espasmos, me agarro forte ao corpo de Sawyer como se pudesse cair de um penhasco e ele fosse o único apoio. Ele permite que eu o abraço até que começo a me acalmar. A música acabou e outra começa, tocando ao longe. Não consigo distinguir.

— Eu lhe apresento o orgasmo, Marianne. — Ele diz com um sorriso presunçoso e os lábios bem perto dos meus. — Quer parar por aqui? Marcar o próximo passo para a próxima consulta?

Ele leva o dedo que enfiou em mim aos lábios e chupa, bem descaradamente. Eu fico hipnotizada. Não consigo raciocinar direito, estou quase inconsciente debaixo dele. Certa vez li que orgasmos tiram brevemente a consciência da pessoa. Então isso não é de se preocupar. Porém, de uma coisa eu sei: não voltarei aqui, então é melhor aproveitar enquanto é grátis. Preparem-se, garotas! Hora da desforra.

— Não. Não quero ir. — Sou concisa. Nossos olhos fixos um no outro.

— Ótimo. Você está usando algum tipo de anticoncepcional, como instruí?

Ele consegue fazer com que até essa pergunta seja erótica.

— Não... — Gaguejo.

— Imaginei. — Ele diz, sorrindo. Afaga meus cabelos como se eu fosse um felino e levanta-se. Vai ao criado-mudo, pega alguma coisa e volta para a cama. Eu não pude ver o que é.

Com a maior naturalidade, ele abaixa novamente em cima de mim, ficando apoiado nas mãos.

— Você sentiu apenas sensações exteriores, Marianne. Quero mostrar a você um novo caminho, quero que saiba da existência de partes e músculos do seu corpo que jamais conheceu como se deve. Não fique assustada e me diga sem titubear se algo lhe incomodar muito. Entendeu?

— Sim.

Ele balança a cabeça e me fita por algum momento. Passa a língua nos lábios e abaixa a cabeça.

*Começou.*

Ele morde meu queixo, beija meu pescoço e faz um torturante caminho com os lábios e língua até meus seios que já começam a intumescer. Eu imagino esses lábios nos meus e o sangue ferve. Meu corpo recomeça a se manifestar de desejo por mais daquilo que acabei de ter.

Gemo sem relutância quando ele percorre uma mão grande pelo meu abdômen e poussa-a entre minhas pernas. Seu polegar fricciona delicadamente meu clitóris, que eu nem sabia pra que servia, mas Sawyer sabe. Como eu pude ser tão descuidada esse tempo todo? Me sinto ridícula em não saber nada dessas coisas; sobre meu próprio corpo.

— Assim que você deve sempre estar, pronta. Vai sentir o que deve sentir.

Sawyer tira a cueca, exibindo um pau enorme, não consigo desgrudar os olhos. Então pude ver o que ele pegou na gaveta. É um preservativo. Suspiro excitada ao vê-lo abrir o pacote e cobrir seu enorme pênis grosso, com uma agilidade impressionante. Isso tudo vai entrar em mim?

Gentilmente, ele abre minhas pernas e

inclina-se para ficar quase deitado por cima. Seus braços estão sustentando seu peso. Em um lapso, desejo que ele deite por cima de mim para que eu sinta o peso e o calor dele mas sei que isso não é possível. Não estamos fazendo amor.

A boca quente e tentadora sobe pelo meu maxilar e chega a minha orelha prendendo o lóbulo nos dentes e eu gemo de novo. Nem estou me importando. Na verdade, não gemi pela mordida na orelha e sim por estar sentindo aquela coisa dura entre minhas pernas. Mordo forte meus lábios e meus dedos pressionam a pele dele na mesma intensidade.

*Nossa! Ele tem um cheiro tão bom.*

— Por favor... — Eu nem sei ao certo pelo que estou implorando. Só quero aliviar isso tudo dentro de mim. Ele sorri.

— Calma — murmura. Em seguida fica de joelhos entre minhas pernas e segura o pênis de um modo que eu veja. O safado quer que eu olhe o tamanho dele. A camisinha está toda desenrolada encapando-o até a base.

*Será que sou guerreira o suficiente para aguentar isso tudo?*, torno a me perguntar.

Não sei o tamanho de Ryan, o de Charles não é nem de longe como esse na minha frente.

Sawyer dá algumas batidinhas com a cabeça grossa do seu pênis na entrada da minha vagina, como ele descreveu na minha fantasia. E como se isso não fosse suficiente, ele usa dois dedos e afasta um pouco meus lábios vaginais para que eu possa senti-lo mais profundamente. Os dedos abrindo e o pau friccionando. Ele não consegue tirar o sorriso de satisfação dos lábios e isso me deixa louca, pronta para uma camisa de força.

Após enfiar dois dedos em mim e verificar em que situação estou, ele segura uma das minhas pernas e com a outra mão empurra seu membro duro contra mim. Sinto uma pressão na entrada. Gemo e seguro firme no quadril dele, não de dor, a dor é pouca, apenas um ardor conforme ia me abrindo para ele passar. Sawyer é muito gentil e faz tudo muito lentamente, parando aos poucos e esperando eu respirar e penetrando novamente.

— Relaxe, confie em mim. Não se contraia ou será ruim. — Ele murmura, os olhos atentos às minhas expressões faciais. Eu engulo seco e tento relaxar conforme ele vai passando, centímetro por

centímetro até bater fundo. Fiz sexo apenas uma vez e ainda não estou totalmente alargada, ainda mais para um homem grande como ele. Sinto-o bem apertado, meus músculos o abraçando fortemente. Enquanto está parado para eu acostumar a tê-lo quase todo dentro de mim, sua mão sobe carinhosamente por meu abdômen até chegar aos meus seios.

— Use as técnicas dos exercícios que estava fazendo. — Ele pede.

*Ele tinha que fazer essa voz...*

— Sawyer... — Começo a contrair contra o pênis dele.

— Relaxe. — Afunda o rosto no meu ombro e murmura contra minha pele. Em seguida dá uma breve chupada no meu pescoço. — É a tensão que deixa o sexo ruim para as mulheres, relaxe e sinta. Temos que tentar, você tem que me deixar te guiar. Respire fundo, concentre-se em minha voz.

Algo que eu não sei explicar, talvez uma dor deliciosa ou uma carícia interior, faz todo o meu corpo se arrepiar quando ele dá uma mexida circular com o quadril e o pau afunda mais um pouco; essa sensação vai da minha vagina até o

ventre e acende meus seios e nuca.

Acho que relaxei a musculatura vaginal e ele deve ter sentido, pois abaixa-se mais em cima de mim e morde de leve minha orelha. Sinto os pelos do seu peito roçando nos meus seios. E isso é delicioso demais.

— Pronta? — Ele me pergunta. Os olhos sempre grudados nos meus em busca de qualquer sinal.

— Sim, por favor. — Eu suplico e ele começa a se mexer. Primeiro retira-se todo e coloca novamente, eu uivo como uma loba. É alucinante senti-lo chegar ao fundo cada vez mais; sentir os testículos dele tocando minha pele e saber que não há mais nada para fora, a resposta para uma pergunta anterior é sim, eu consigo aguentá-lo.

Ele repetiu o movimento de "tira e coloca" mais duas vezes com muita calma me fazendo ficar frustrada por mais. Será que ele não percebe que eu quero sentir tudo que me fora tirado esse tempo?

— Sawyer... Por favor. — Eu imploro segurando firme nas costas dele. Meu quadril se movimenta para cima de encontro ao dele, tentando algo mais profundo.



— Não seja apressadinha. — Ele rosna e prende meu quadril facilmente para eu não me mexer. As pernas grandes e musculosas, pernas de atleta, se embolam com as minhas e de algum jeito ele as segura contra a cama. Estou presa. Maravilhosamente presa.

— Você é apertada, baby! Sei que vai aguentar meu pau. Hoje quero apenas te mostrar. — Ele murmura bem perto, sinto o calor do hálito dele e quero beijá-lo.

Que homem gostoso, meu Deus! Acaricio os pelos ralos do peito dele e decido que gosto de homens fortes e com tatuagem. Estilo MMA, como esse em cima de mim. Uma mulher, mesmo que comprometida, pode ter fetiches.

Consigo ficar parada e ele começa a movimentar os quadris em uma dança muito erótica, muito bem ensaiada. É claro! Ele está acostumado a fazer isso.

— Gosta? — Ele segura meu pescoço e me faz virar para encará-lo. — Veja, sinta, toque. É tudo seu para conhecer. Você é a prioridade aqui.

— Sim. — Eu murmuro. Daquele jeito: meio boba, vidrada e abobalhada, mirando os lábios

dele. Um gemido constante na minha boca por ele estar me matando, indo nesse bate e soca tão dolorosamente lento...

*Ah! Se eu pego essa boca...*

— Boa garota.

Abrindo mais minhas pernas, socou com mais firmeza. O ritmo dele ganhou uma velocidade boa. Não é rápido, mas é alucinante. Nessa hora nada mais importa. Não existe Marianne nem doutor Graham, não existe Ryan nem Charles, é apenas meu prazer, meu momento.

As investidas estão mais macias e eu o recebo tão adequadamente que meu corpo todo vibra a cada vez que ele toca bem fundo. Eu não sei quem tinha me ensinado, mas cruzei minhas pernas em volta do quadril dele e Sawyer sorri. Vi nos olhos verdes escuros que eu não estou sendo tão insignificante para ele, é muito excitante e sexy ouvi-lo dar aqueles gemidos baixos com a voz grave enquanto se movimenta, agora mais rápido, mais forte e mais profundo, minha vagina suga avidamente o pau dele que nem sai mais de dentro.

Sawyer se vira, me abraçando e rola na cama e se senta na ponta dela.

— Desse jeito você vai sentir minhas socadas mais profundas. — Eu seguro em seus ombros, ele firma os pés no chão e começa a impulsionar para cima. Arregalo os olhos quando a primeira socada me atinge bem fundo. E ele continua arremetendo em meu interior escaldante e molhado. É muito delicioso cada vez que ele soca fundo e chupa meus seios. Abraço-o bem forte, uma mão dele está na minha bunda e a outra na minha cintura. E eu forço para baixo sentindo a grossura dele me abrir, seu pau passando quente dentro de mim, indo até o fundo, bem fundo, quente, grosso, forte, me fazendo berrar alucinada de prazer.

— Ah! Que delícia de boceta! — Ele rosna. — Cacete! Você é muito apertada. Que delícia! — Ele tira todo de dentro de mim, fazendo nós dois soluçarmos. Estou em brasas e vazia agora.

— Fique de costas. — Comanda e eu fico de costas, ele me puxa e me faz sentar de costas no colo dele. Passa a cabeça do pênis contra minha vagina em chamas e me puxa para engolir devagar seu enorme pau. Depois de sentada e acomodada, ele me abraça com seus poderosos braços, estou bem apertada, abraçada por esse homem forte, NACIONAIS - ACHERON

cheiroso e quente começando a suar. E então ele começa novamente a impulsionar os pés no chão, metendo forte, mas não muito rápido. Cada socada me faz entalar de tanto prazer, a deliciosa dor das arremetidas me leva a um patamar tão alto que começo a me contorcer. Ele continua por vários minutos, alcançamos um nível colérico.

Está todo atolado, socando até a base, as bolas acompanhando, batendo do lado de fora. Ele tem uma pegada forte, sabe o que faz e, no modo popular, eu posso dizer que ele fode muito gostoso. Tão grosso e grande e eu ainda louca por mais e mais.

Sawyer sai abruptamente. Ofegante, me leva para a cama, empurra meus joelhos para cima quase tocando nos meus seios. Então ele me penetra, cai em cima de mim e recomeça.

Sawyer grunhe no meu ouvido e meus dedos seguram forte no corpo dele, a respiração e o coração acelerados, o calor emanando do corpo forte, uma mão grande na minha garganta e, como um animal guloso, ele chupa vorazmente meus seios e mantém as socadas aceleradas. E lá vem de novo a destruição de uma nova bomba. O pau entra

e sai vigoroso, me dando motivos de sobra para derreter como um gelinho no fogo. Sem conseguir mais suportar, dou um grito e me dissolvo em gozo em torno dele. Vejo o sorriso de satisfação nos lábios sensuais e quero mais uma vez beijá-lo.

*Por que não posso?* Estávamos fazendo algo bem mais profundo.

Sawyer passa a mão na minha testa, jogando meus cabelos para trás e continua se movimentando dentro de mim, agora mais forte e depois de uma estocada funda, para e fica rígido enquanto geme e libera-se também. Quase gozo outra vez só por ver o corpo másculo sentir as reações da liberação.

*Quero levá-lo para casa!* — Uma voz pervertida dentro de mim grita olhando perplexa para o homem que acabou de me comer e eu estou pagando por isso. Nem gosto de pensar que isso é quase como pagar um prostituto.

Ele sai de dentro de mim e cai pesadamente de costas para a cama. Eu não consigo mover uma perna.

Uau! Isso foi... isso é... *avassalador!*

Depois de algum tempo deitados nus lado a lado, ele se levanta. Retira o preservativo e o joga

em uma lixeira.

Pega a cueca e veste. Noto como o corpo dele está meio brilhoso de suor. Fico excitada só de olhar. Fácil, fácil eu me entregaria uma segunda vez. Durante muito tempo fui uma sonsa com cara de *"forro o vaso sanitário com papel higiênico antes de sentar"*. Agora que descobri o que é gostoso na vida, quero mais é me jogar de cara.

Pelo gesto dele, percebo que é hora de ir embora. Sento-me abalada, eu tinha acabado de ter feito sexo e tive dois orgasmos. Sim, eu fiz sexo com um homem e achei maravilhoso. E não foi sonho, só para avisar.

Não vou falar com Sawyer que estou curada em apenas uma consulta. Afinal eu tinha gostado da coisa toda e não me tornado experiente.

Visto minha lingerie e pego minha roupa. Ele já vestiu a calça e abotoa o cinto.

— Marianne, não pense que só porque gostou de transar comigo, você já está curada. Uma única vez não vai te preparar, te treinar para o dia que for ter uma noite de verdade com seu namorado. Hoje você não viu nem um décimo do que é um bom sexo.

É muita pretensão dele dizer que eu gostei sem nem ao menos ter me perguntado. Não suporto tanta vaidade.

Sawyer abaixa, pega a camisa, veste e sem abotoar vem para perto de mim. Penso por um segundo que ele vai me abraçar ou algo assim, mas apenas me entrega a sandália. Eu fico meio sem graça, pego das mãos dele e as calço. Nem vi quando ele trouxe minhas roupas do banheiro.

Em seguida, com dedos trêmulos, começo a abotoar minha camisa de seda. Ele se afasta e fica esperando, me olhando com olhos famintos. Assim que eu termino ele abre a porta do quarto de simulação e eu o sigo, fomos de volta para o consultório. Noto que ainda está descalço e com a camisa parcialmente aberta. Se essa é uma tentativa para me tirar do sério, conseguiu.

Ele senta-se despreocupadamente atrás da sua mesa. Leva as duas mãos aos cabelos jogando-os para trás. É incrível como não se abalou um tantinho sequer — pelo menos não aparenta. Enquanto eu... Nossa, eu estou quase saindo voando descontrolada feito uma bexiga furada.

Sento-me na frente de leve minha vagina

contraí, está meio dolorida. Eu nunca achei que poderia achar uma dor gostosa. Não é bem uma dor, é uma deliciosa lembrança do que aconteceu.

Olho para o rosto corado e tranquilo. Os cabelos bem desalinhados como eu tinha visto algumas vezes quando ele saía da porta junto com alguma paciente. Agora eu sei por que ele quase sempre está com os cabelos assim e minhas mãos formigaram com a lembrança dos fios negros entre meus dedos, da pele bronzeada e dos músculos rígidos. Também percebo agora que ele tem razão sobre ser o remédio. E não é nem um pouco amargo. Infelizmente ele tem toda a razão em ser presunçoso.

— Marianne, vou marcar uma nova consulta. Você decide se quer ou não voltar. Eu a aconselho a não desistir. — Ele levanta os olhos e me pega no flagra. Estou tão ridícula com esses cabelos pós-bomba-atômica, provavelmente o rosto vermelho e os olhos arregalados.

— Eu acho que é melhor não prosseguirmos — digo meio cautelosa. Ele parece intrigado, se recosta na cadeira. O movimento faz a camisa dele abrir mais e deixar o peito visível.



— Posso saber o motivo? Você não é daquelas que quer apenas tirar um pedacinho do bolo e fugir. — A voz dele é recheada de desconfiança. Os olhos semicerrados me encaram talvez tentando me analisar como um bom terapeuta que é.

— Não, não sou.

— Também não está pronta para ir para cama com Ryan. Eu sei disso.

— Mas hoje... eu vi que o sexo não é como eu pensava que fosse...

— Não está curada. — Ele me interrompe quase tempestivo. Eu o acho meio grosso. — Precisa de experiência, precisa saber das coisas, conhecer o que pedir e oferecer na cama. Eu apenas fiz você ver o sexo com outros olhos para a gente poder trabalhar melhor. Temos um longo e árduo caminho pela frente.

Eu fico pensativa tentando digerir as palavras, mas é inútil. Meu cérebro está cheio de coisa e a deliciosa "sessão de terapia" é a única coisa que eu consigo pensar. E eu não posso pensar nisso já que preciso parar.

Eu quero parar. Devo parar. Candice tinha

me avisado e tinha razão. Era muito intenso, quase surreal. Eu sou boba e fraca e se eu começar a gostar desse homem? Ele é um homem facilmente apaixonante e eu tenho que ser esperta para cair fora enquanto é tempo.

— Dr. Graham, para não parecer que sou uma caloteira...— Eu abro minha bolsa e pego meu cheque. — Vou lhe pagar o preço da segunda consulta. Ou o senhor prefere que eu deposite?

— Pelo amor de Deus! — Ele esbraveja e arqueja como se eu tivesse lhe mostrando um escorpião — Não seja tola, Marianne. Não quero que pague por nada. A primeira consulta é grátis sem negociação.

Eu fico sem reação parecendo mesmo uma tola com aquele talão de cheque na mão.

— Mas...

— Nada de mas. — Sawyer pega uma ficha quadrada pouco maior que um cartão de visita, escreve alguma coisa e me entrega. — Marquei seu retorno para daqui a três dias.

Ele está nervoso, é perceptível e o tom de comando me incomoda. Não gosto muito que mandem em mim, acho isso enervante. Pego o

cartão só por educação.

— Eu agradeço, então, por tudo o que fez por mim. Mas não voltarei. Hoje mesmo ligarei para Ryan. — Paro de falar e penso. Sim, é isso que eu quero. *Ryan!*

Começo me sentir eufórica. Eu vou enfim segurar meu homem. Dar a ele o que precisa e, em seguida, poder dormir sossegada, talvez com ele, na casa dele, ou ele na minha casa.

— Enfim poderei dar a ele a noite que merece. E devo isso ao senhor, Dr. Graham. — Ressalto, fantasiosa.

Vejo a expressão dele mudar. Está de cara fechada, olhos inescrutáveis. Mas por que essa cara? Por eu ser a primeira a dar o calote nele?

— Pretende então insistir nisso? — ,pergunta sério. As sobrancelhas petulantes levantadas.

— Sim, pretendo. — Enfrento-o. Submissão é uma palavra que não me define. — Eu já não tenho mais medo de sexo e minhas expectativas são as melhores. Eu devo mesmo te agradecer, Sawyer.

— Doutor Graham, por favor. Pode deixar a sala, seu horário acabou. — Ele me corrige e me

indica a porta. A voz rude me faz gelar, o olhar verde friamente ríspido.

Putá merda! O caldo entornou.

— Bom, acho que isso é tudo então. — Eu me levanto realmente ofendida por ele ter sido bruto comigo ao me corrigir com essa truculência toda. Eu não quero continuar e pronto. Tá, eu quero, mas estou fazendo isso pelo meu bem. Ele disse que não iria me obrigar. Tinha feito a parte dele, eu gostei muito, mas isso é tudo.

Curvada sobre a mesa, eu escrevo rápido no cheque e arranco a folha jogando na frente dele.

— O que quer, Marianne? Fazer eu me sentir um garoto de programa? — Ele sibila. Os olhos fervendo de algo que acho ser raiva. — Eu sou um profissional e isso aqui não é bordel.

Prefiro não revidar. Ele está sendo um cretino comigo e quero bater nele. Bater, beijar e depois fugir.

— Adeus, DOUTOR Graham. — Dou ênfase ao "doutor" e saio logo sem dar tempo para que ele fale algo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# TREZE

## SAWYER

A noite chegou rápido e eu não consigo me concentrar em nada. Estou irritado e revoltado, o ódio queima dentro de mim, parece vir das costas ou da espinha, não sei...

*Cretina!*

Jogo a palavra ao vento. Estou torcendo interiormente para o fracasso de Marianne, quero que ela sofra um grande desconforto quando for dormir com o namorado.

Será que não senti o que eu senti quando fizemos sexo mais cedo? Eu não sentia esse desejo ardente de beijar minhas pacientes, não sentia a necessidade possessiva de aninhá-las quando

terminava o sexo, não sentia vontade de repetir e quando eu cheguei ao clímax junto com Marianne em uma gozada magnífica que fazia tempo que eu não sentia igual, caí ao lado dela na cama e fiquei olhando para o teto, me controlando o máximo para não abraçá-la. Tive que levantar, pois meu pau ainda estava duro e minhas bolas ainda cheias pedindo por mais liberação.

Algo estava muito errado ali. Eu coloquei a culpa nos dias sem sexo, essa era a única explicação plausível. Eu não sentia aquela vontade de recomeçar o sexo nem mesmo com Jill e antes mesmo de conseguir meu intento de foder com Marianne, tive que me controlar arduamente quando estava sussurrando a porra da história para prepará-la. A visão do corpo dela reagindo a cada palavra era devastadora. O corpo dela é magnífico, tão natural, morena clara, brasileira e eu tinha que olhá-lo e continuar a me manter profissional. Apenas olhar e demonstrar desinteresse. Ela se assustaria se soubesse o que eu queria urgentemente fazer naquela hora, tê-la embaixo de mim, gritando e implorando por mais.

Quando enfim o momento chegou, eu tentava pensar em diversos assuntos que não

NACIONAIS - ACHERON

fossem Marianne e seu cheiro delicioso. Eu estava com ela nos braços, estava fazendo o que vinha desejando desde que a vi e não podia liberar ali toda a minha energia como eu fazia com as outras. Tive que ir com calma, rezando para conseguir, para não perder a compostura, tinha que parecer a porra de um profissional.

E como se já não bastasse tudo isso, o fato de ela tentar me beijar apenas aumentou meu descontrole, na minha mente continuava a árdua luta para ter outros pensamentos. Passei mentalmente por tudo para desviar o foco daquela mulher e conseguir me controlar até o último momento.

Aquela descarada metida não sabe o que está perdendo. O papai aqui pode dar a ela a melhor trepada da vida de qualquer mulher e mesmo assim ela se recusa, se faz de difícil. E pensar que ela nem chupou meu pau.

Odeio mulher que gosta de chocolate e diz que não come porque engorda. No caso, eu sou o chocolate.

Zapeio pelos canais na TV enquanto minha mente paranoica não consegue se distrair das



lembranças de hoje mais cedo.

"Ainda posso ter mais e mais desses momentos e os próximos prometem ser mais calorosos", pensava deitado ao lado dela. Eu pretendia possuí-la em várias posições, de várias maneiras, queria sexo oral e anal além de foder os peitos dela. Queria que ela me acariciasse, queria tudo que tinha direito. E, então, ela cortou meu barato.

*Transar com o namorado.* Penso com escárnio e dou uma risada amargurada por dentro. Jogo o controle remoto da TV na mesinha e levanto do sofá. Dou uma afagada no meu pau que já está duro dentro da cueca.

Será possível que depois de todos esses anos hoje seria obrigado a bater punheta? Nunca precisei disso, exceto na juventude quando Amanda me ensinou.

Marianne virá correndo na próxima consulta. Eu me convenço depois de um impulso positivo. Será horrível a noite com Ryan, será tedioso e ela sentirá falta do que eu dei a ela. Quero ter essa certeza.

O pensamento de que talvez ela já tivesse

tido o bastante de mim, uma carne de primeira, me veio à mente. Não. Impossível. Ela não poderia estar saciada, pois eu que sou o cara, o experiente, o mestre, ainda não estou.

A questão de eu querer mais não é de se preocupar, sei que eu estou nesse fogo por ela ser novidade, eu nunca trabalhei com inexperientes.

Marianne está em forma, tem uma inocência intrigante e é apertadinha. Cacete! Nem dei umas boas chupadas naquela boceta, isso tudo me deslumbrou. É como ir a um parque temático pela primeira vez, no início é puro deslumbramento e depois, com tempo, enjoaria e deixaria para lá. É assim que acontecerá, ela vai voltar, eu tenho certeza, e quando voltar, eu darei motivos suficientes para continuar, e ela receberá uma dose um pouco maior do bom e velho Graham. Em seguida, eu a mandarei embora como fiz com todas as outras pacientes.

Estava tão absorto em meus pensamentos que tenho um sobressalto quando a campainha toca. Eu tinha pedido que Jill viesse me ver, estou precisando de uma válvula de escape. Tenho que

aliviar a tensão no meu corpo, o desejo de sexo que não foi totalmente satisfeito com Marianne.

— Oi, querido.

Jill entra com uma voz cantante. Um vestido curto vermelho agarrado ao corpo, sandálias altas e os cabelos loiros soltos. Noto que estão mais claros, me curvo e recebo o beijinho que ela me dá. Jill é a única que eu deixo me beijar. Eu acredito que beijos e outras trocas de carinho, como abraçar alguém depois do sexo e dormir juntos, criam um certo apego por aquela pessoa. Quando o sexo é mais casual, profissional, não há perigo de envolvimento. O que eu faço com minhas pacientes não é diferente do que um garoto de programa faz.

— Problemas?

Ela pergunta jogando a bolsa em uma poltrona e vai para a cozinha. Eu a sigo.

Vislumbro a bunda dela quando se curva levemente para pegar uma cerveja na geladeira. Essa mulher é mesmo de tirar o fôlego, por anos me saciou devidamente. Olhando-a, eu me repreendo. Muitos homens matariam para ter uma loira gostosa igual Jill e eu aqui não dando valor. Sei que ela não quer nada comigo, apenas sexo, eu devo me

contentar com isso e não ficar perturbado com uma doida petulante que me dispensou sem qualquer desconforto.

— Não. Apenas queria passar o tempo com você.

— Ou seja, quer trepar, não é?

Ela vem sorrindo, enlaça meu pescoço com os braços e me puxa para um beijo.

— Desculpe, loira, mas você sabe como eu sou.

— Não se desculpe. Eu fico feliz em saber que liga para mim quando quer companhia.

Fico parado apenas abraçando-a enquanto Jill devora meus lábios com muita prática. Ela sabe o que faz, assim como eu. Sinto o gosto de álcool no hálito dela e afasto os lábios.

— Andou bebendo? — pergunto ainda a segurando em meus braços.

Ela me olha com um pouco de receio e afasta-se de mim. Joga a sandália para o lado e sobe as escadas abrindo uma latinha de cerveja. Chego ao quarto e Jill está sentada na cama.

— Eu estava com umas pessoas. Vim assim

que me ligou. Agora venha, vou acabar com seu tédio. — Jill coloca a latinha no chão, agarra minha camisa e me puxa. Com uma risada maquiavélica, abre minha calça. Dá uma chupada generosa por cima da cueca, passa o nariz cheirando e depois puxa para baixo me liberando duro, meu pau salta como aqueles bonequinhos de caixinhas de surpresa.

— Uau! Você está mesmo necessitado. — Ela dá um sorriso, joga os cabelos para trás e lambe os lábios com um olhar de prazer. Eu sei muito bem que esse gesto é artificial para deixar homens com tesão. Não me causou muito tesão e fico frustrado por causa disso. Ela abocanha meu pau e eu fecho os olhos inclinando minha cabeça para trás enquanto ela faz o trabalho dela. Muito bem cronometrado, sabendo como proceder.

Primeiro lambe minhas bolas, chupa meu saco para dentro da boca, com muito cuidado para não me machucar. A língua faz contornos o membro (o que, em outra ocasião, seria delirante) e sobe por toda a extensão dura. Ela massageia meu pau, como se tivesse me masturbando, olha para mim e sorri, depois engole até eu sentir sua garganta. Seguro os cabelos, enrolados em meu

NACIONAIS - ACHERON

pulso e dou algumas socadas firmes dentro da boca dela. Esse meu gesto é meio grosseiro, uma coisa que muitos homens não fazem e muitas mulheres não gostam. Entretanto, Jill está acostumada e eu curto foder uma boca.

Como seria poder fazer isso com a boca atrevida de Marianne?

Espanto esse fantasma da minha mente e me concentro no agora, no real. Eu tenho a melhor gostosa à minha disposição, não preciso ficar pensando em uma inexperiente cretina. Com esses pensamentos me perturbando, decido deixar a boca dela de lado. Eu a empurro jogando-a na cama. Às vezes sexo mecânico demais deixa as pessoas também mecânicas. Eu já sei todo o processo que tenho que cumprir, principalmente com Jill. Primeiro ela me chupa, depois eu chupo ela, em seguida, eu a penetro, e, por fim, gozo no corpo dela e ela fica toda fogosa com aquele olhar artificial, fingendo-se encantada e surpresa com minha ejaculação.

Às vezes ela chega ao orgasmo, mas, na maioria das vezes, finge, e eu sempre adivinho. Ainda mais quando é como hoje, ou seja, quando

vem de outro lugar em que estava com amigos. Sei muito bem que Jill já tinha feito algumas sacanagens antes de vir para cá. Mas isso tudo é o que eu conheço, é assim que eu me relaciono. Isso até eu conhecer uma certa mulher inexperiente que fez o meu costumeiro sexo mecânico se transformar em algo bem mais forte.

Jill abre as pernas e acaricia a boceta, dando um sorriso maroto. Eu só não arrisco colocar minha boca ali, pois posso acabar provando o pau de outro cara.

Agora quero provar ao meu corpo e a mim mesmo que o sexo pode ser igual com qualquer mulher. Boto uma camisinha e monto em cima de Jill, despejando nela minha frustração. Ela ri, grita, me bate e pede que foda com mais força.

Fizemos sexo que me aliviaria e tiraria qualquer suposição idiota da minha cabeça.

Mais tarde, deitado, olhando para o teto, soube que estava errado. Jill já tinha ido embora, repetimos o sexo mais uma vez no banheiro. Igual ao primeiro, igual aos outros.

Olho para o relógio e já são duas da manhã. O sexo que serviria para me deixar relaxado fizera

o contrário, fez com que eu repensasse em tudo, em como anda minha vida, comendo mulheres desordenadamente e fazendo fortuna com isso. Não sou diferente de um prostituto.

Sorrio sozinho quando lembro de Marianne dizendo que eu não sou uma vadia destruidora de lares mas sou o primo da vadia. Se ela soubesse que além do consultório existem mais outros bicos por fora.

Levanto, substituindo o sorriso idiota por uma carranca. Que inferno! Por que eu simplesmente não deixo aquela mulher sem sal e problemática de lado e volto a viver minha vida? Jill é praticamente minha, eu tenho as melhores mulheres à minha disposição, não preciso remoeir o encontro com uma puritana arcaica. Ela não é meu tipo de mulher preferido. Gosto de loiras, de mulheres avantajadas com grandes seios e pernas fortes. Mulher que me seduz, que gosta de sacanagem tanto quanto eu. Pelo menos eu achava que gostava.

Vou para a geladeira, pego uma cerveja e sento no sofá em frente à TV. Certamente ela voltará, torno a me convencer. Já está ficando chato



o tanto que minha mente tenta se convencer disso. Eu tenho certeza de que Marianne não irá conseguir transar com Ryan. Não antes de eu liberá-la do tratamento.

# QUATORZE

MARIANNE

Vestindo um roupão, saio correndo do banheiro e vou para a cozinha olhar se a carne está no ponto. Abro o forno e espeto com um garfo. Enfim, está assada. Desligo e corro de volta para o quarto.

Na cama, um vestido preto me espera. Eu o comprei hoje pela manhã junto com sapatos em um tom de rosa escuro. Corro para a gaveta de lingerie, ignoro minhas calcinhas de algodão e as de estilo cueca que uso em casa ou para trabalhar. Havia comprado uma nova para essa noite. Antes de abrir a gaveta, olho para o relógio na cabeceira. Já são sete horas. Tenho uma hora para arrumar tudo antes de Ryan chegar.

Acho que tenho algum tempo para passar hidratante no corpo e um perfume que eu só usava em ocasiões especiais, caríssimo, que Candice tinha

me dado no Natal.

Vestindo lingerie e meias, calço os sapatos e me sento em frente ao espelho para a maquiagem e o cabelo. Sim, eu tinha também passado no cabeleireiro. Só não aderi ao estilo loira porque Marcus, meu cabeleireiro, não deixou. Ele apenas deu uma clareada no meu castanho lama e cortou um pouco. O comprimento está no meio das costas. Eu gostei.

Já penteada e devidamente maquiada, coloco o vestido e olho mais uma vez no espelho para ter certeza. Até que sou gata. Dou um até logo para mim mesma e saio rápido para a cozinha, tenho que preparar a mesa. Enquanto faço isso, mentalmente coloco mais um tijolo no grande paredão que mantém longe as lembranças do sexo que tive ontem pela manhã. Não quero e não posso pensar nisso. Hoje será o primeiro dia da minha felicidade e, por mais que eu queira esquecer, é tudo graças a Sawyer.

Sem conseguir me controlar, penso nele e me inclino sobre o balcão com os olhos fechados esperando passar esse devaneio infernal que desde ontem não me deixa em paz. Eu estou me sentindo

culpada por tê-lo enganado. Mas não devo sentir, afinal eu já tinha deixado claro que iria a apenas uma sessão da terapia.

E que terapia!

Meu corpo responde de imediato quando me lembro mais uma vez. Braços fortes me aninhando, corpo maravilhoso e grande... Grande em todos os lugares. O sexo foi arrebatador, maravilhoso e eu espero superar isso com Ryan para esquecer de uma vez por todas os momentos de delícias que tive com Sawyer ontem. Ryan vai superá-lo, tenho certeza.

Expulsando pela milésima vez aquelas imagens da cabeça começo a arrumar a mesa com direito a castiçais e taças de cristal.

Pouco mais tarde, abro a porta para Ryan. Ele traz vinho e flores. Recebo o que ele trouxe e o beijo. *Olha para isso, Graham, ele me deixa beijá-lo.*

— Você está linda. Seus cabelos estão maravilhosos — diz Ryan, levantando a mão e fazendo uma carícia nas minhas madeixas.

— Obrigada. — Agradeço quase saltitante e o levo para dentro. — Abra o vinho para a gente, eu

vou colocar as flores em um vaso — digo enquanto caminhamos juntos para a cozinha. Encho um vaso com água e coloco as flores. Ryan encontrou o abridor, já está servindo o vinho e me entrega uma taça.

— A nós — digo.

— A nós. — Ele confirma, brindamos e bebemos um gole. Eu estou radiante de verdade mesmo. Não por estar prestes a transar com ele, mas por fazer uma coisa que mulheres normais com namorados normais fazem. É isso que eu quero: uma vida normal, ter um namoro normal e depois casar. Eu sonho com isso e não conseguiria se ainda fosse uma medrosa.

*Um brinde ao Dr. Graham.*

— Você parece muito contente. — Ele me envolve nos braços.

— E estou. — Dou um sorriso contagiante. Eu penso satisfeita que hoje nós iremos concretizar nosso relacionamento. Dou um beijo nele e me afasto.

— Vamos jantar.

Ele se senta enquanto eu trago a carne e a salada.

— O cheiro está ótimo. — Ryan elogia olhando com brilho nos olhos a comida disposta a mesa.

— Modéstia à parte sou uma boa cozinheira. — Sento-me e sirvo batatas e carne com molho para ele e para mim. Espero ele provar, meus olhos na expectativa. Ryan prova e dá um sorriso como resposta.

— Você vai fazer seu marido muito feliz — comenta, sorridente.

— Não fique empolgado. Eu não vou cozinhar todos os dias. Tenho uma profissão.

— Que droga! Pelo visto, eu não vou engordar.

— Você não precisa engordar. Está em boa forma.

— Obrigado. Estou lisonjeado. — Ele agradece com um sorriso e volta a comer.

Comemos e conversamos sobre tudo. Ele me conta sobre o trabalho eu comento algumas coisas sobre o meu. Logo depois retiro a comida e sirvo a sobremesa. Fiz exatamente o que ele gosta: trufas de chocolate com recheio de mousse. Depois de me ajudar a tirar a mesa, Ryan me conduz até o

sofá vermelho da sala.

— Você se consultou com o terapeuta?

Ele se acomoda de lado no sofá.

— Sim. Estou em tratamento. — Minto. Eu não estou mais em tratamento. *Acho que você nunca esteve na verdade.* Minha Marianne maldosa tenta jogar uma bigorna na minha consciência, mas eu desvio a tempo. Não vou me sentir culpada por ter feito sexo com outro homem. Foi para o bem do meu relacionamento, me convenço.

— Algum resultado positivo? — Percebo expectativa na voz dele.

— Você está aqui para isso. — Dou uma piscadinha sugestiva.

— Então me trouxe aqui para eu servir de cobaia? — Indaga, me aninhando em seus braços e acariciando meus cabelos.

— Você se importa? Preciso saber se o tratamento está dando certo.

Olho para ele com uma expressão de "me desculpe".

— Claro que não me importo. Pode me usar o quanto quiser.

— Então vamos aproveitar hoje, pois minha irmã chega amanhã.

— Alice vai voltar? — pergunta, interessado.

— Sim. Vai trabalhar comigo enquanto faz um curso. — Esclareço e puxo o pescoço dele para beijá-lo. Ryan reage e começa a me beijar com furor. Ele está na seca há tempos, coitado.

— Vamos para o quarto. — Eu sussurro entre os lábios dele.

Levanto e o puxo pela mão. Subimos as escadas quase correndo e, ao chegar ao quarto, Ryan se apressa em desabotoar a camisa, a tira, jogando-a longe. Eu puxo o zíper lateral do meu vestido e ele desliza por meu corpo, deixando uma roda de tecido em meus pés. Então Ryan me abraça.

Acho tudo meio estranho. Não tivemos momentos de preliminares antes disso, onde estão os beijinhos, carícias e massagens?

Observo-o se despir. Ele não é tão forte e formoso como Graham, meu namorado é charmoso com esses cabelos loiros, tem um corpo definido, porém é mais magro que Sawyer e também não tem



tatuagem e os pelos do peito são claros.

*Meninas! Chega de comparar o meu homem com outro cara.* Eu ralho com as Mariannes interiores.

Afago o peito dele, Ryan me beija com ânsia e me empurra para a cama. Caio deitada de costas muito surpresa por ele não ter esperado eu me acostumar com o corpo dele. Na mesma rapidez, ele se apressa em terminar de tirar a calça.

— Está preparada?

— Sim. — Eu respondo. Pelo menos eu acho que estou. Será que estou preparada? Espera! Acho que sim, não foi difícil fazer com Sawyer. Não será difícil fazer com Ryan. Fico apreensiva, respiro fundo e tento relaxar. Tenho que aproveitar esse momento, só isso.

Ele deita-se ao meu lado apenas de cueca. Começa a acariciar meus seios, sem parar de me beijar. Tento me concentrar e relaxar.

— Tomou as devidas precauções? — Ele murmura entre o beijo.

Eu percebo a que ele se refere.

— Comecei um anticoncepcional hoje. Porém, é melhor esperar por uns dois dias para ter  
NACIONAIS - ACHERON

certeza.

— Tudo bem. — Ele abaixa e volta a me beijar.

Estou meio confusa, não quero me sentir aflita, Ryan é meu namorado, ele não irá me machucar como Charles fez. Se eu confiei em um estranho como Sawyer por que não posso confiar nesse homem que eu conheço há quase um ano?

Ryan tira meu sutiã e cai de boca nos meus seios, apesar do prazer gerado por seus lábios eu não consigo ainda relaxar meu corpo tensionado. Estou começando a ficar desesperada, mas não vou cortar o barato de Ryan, eu criei todo esse circo e, se não for adiante, ele ficará magoado. Seguro as rédeas das minhas emoções e os braços dele. Ryan continua acariciando meu seio enquanto a outra mão puxa a calcinha. Ele faz as mesmas carícias que Graham tinha feito, porém não tão intensamente, o dedo dele se aprofunda, eu gemo começando a fazer efeito. Quero que ele continue para dar mais tempo de eu me acalmar. Eu não digo nada a ele com vergonha de pedir mais, nos pensamentos dele, essa é a primeira vez que durmo com um homem depois da minha primeira vez.

Eu achei que ele fosse continuar com os dedos lá embaixo e a boca nos meus seios, mas fico pasma ao vê-lo tirar a cueca, colocar um preservativo e se posicionar em cima de mim.

Como assim? Que pressa é essa? Já?

— Está tudo bem? — Ele está ofegante, sua pele quente.

Balanço a cabeça que sim e ele aceita. Sawyer não aceitaria apenas um gesto, e ele saberia que não está nada bem. Mas que droga! Por que não paro de comparar meu namorado com aquele terapeuta safado?

*Foco, Marianne, no que está acontecendo.*

Ryan lambe e chupa meus seios mais uma vez e eu arfo. Ele poderia ter continuado, eu estava relaxando, mas ele se concentrou no mais importante. Lembrei de Sawyer dizendo que a penetração não era tudo. Que poderia chegar a orgasmo sem isso e ele me mostrou que podia.

Bem lentamente, com cuidado, Ryan começa a me penetrar depois de ter colocado camisinha. O tamanho dele é de normal para grande, mas não tanto quanto Sawyer. Eu tento imaginar como ele consegue comportar toda aquela

virilidade soberba dentro das calças. Pensar isso me dá um arrepio e como se acordasse de supetão eu me detenho, por que estou pensando em Sawyer enquanto estou transando com outro homem? Eu vou para o inferno por ter traído meu namorado.

— Tudo bem? — Ryan me pergunta e eu fico aliviada de ele ser carinhoso. Apesar de fazer tudo com pressa, não me dando tempo de acostumar com ele. Novamente respondo com um gesto.

*Olha o que ele aceita, Sawyer Graham: minhas respostas silenciosas.*

Ele me beija e começa a se movimentar. Agarro o corpo dele, abraço-o, sentindo o prazer gerado pelas arremetidas ritmadas.

Ele se move e vai aumentando o ritmo. Evito tocá-lo em outras partes que não sejam braços e abdômen, assim como evitei tocar Sawyer. Não sei por que isso, mas não consigo tocar em outras partes. Fico com vontade de apalpar a bunda de Ryan, mas me contenho.

Seguro nos braços dele e me deixo embalar. Ele ofega, geme e eu não consigo chegar ao orgasmo, estou muito tensa, esse momento está

sendo apenas para ele, mesmo assim, estou excitada, mas não sei se conseguirei chegar lá. Para disfarçar, dou alguns gemidos altos fingindo que cheguei ao orgasmo.

Meu Deus! Que pilantra eu sou. A primeira vez que finjo um orgasmo. Eu acho que Ryan não percebeu e, quando ele acha que eu cheguei lá, termina com espasmos fortes e cai por cima de mim, e eu abraço o corpo dele.

Depois que estava totalmente refeito, ele deita de costas e me puxa para me aninhar ao peito dele.

— Foi bom para você? — pergunta meio preocupado. Meu "sim" sai tão relutante que ele desconfia. Começa a se desculpar meio sem jeito: — Me desculpe. Eu estava tão ávido que ...

— Não. Está tudo bem. Eu ainda estou começando. Quando terminar o tratamento, serei uma sereia na cama. Eu que devo te pedir desculpas por ser essa mulher gélida.

— Não diga isso. Você não é gélida, só não teve nenhuma experiência depois do cretino que a deixou assim.

Não tive... Droga! Se ele sonhasse que eu

me acabei nos braços de outro homem ontem mais cedo. Estou me sentindo uma vadia traiçoeira.

— Quer que eu vá embora?

— Fique mais um pouco. Eu só não estou acostumada a dormir com um homem. Será que pode me perdoar?

— Claro. — Ryan virou-se e me beijou nos lábios.

Bem mais tarde, quando ele já tinha ido embora, eu fui para a cozinha terminar de arrumar a bagunça que fiz para preparar o jantar. Arrepios fortes e um desespero interior me tomaram. Eu recosto na geladeira e aperto a garganta tentando suprimir a vontade de chorar. Não entendo por que eu sou desse jeito, por que eu tenho esses problemas e por que não consigo aproveitar a noite com meu namorado. Tenho tanto medo de ele se cansar de mim e eu acabar sozinha fazendo tricô.

Com os pensamentos em confusão, a frustração me afogando, eu deslizo pela geladeira chorando convulsivamente no chão.

O que eu posso fazer? Procurar Sawyer novamente está fora de cogitação. Eu praticamente tinha brigado com ele, pelo menos é o que eu sinto.

Eu poderia engolir meu orgulho e ligar, mas e se ele não quisesse me ver? Não parecia muito amigável quando eu deixei o consultório dele. E se ele me humilhar? Eu não aguentarei.

Em meu interior, todas as Mariannes estão sentadas caladas, como se fosse um minuto de silêncio pela minha depressão. Nenhuma luz brota em minha mente, não sei que rumo tomar.

Decido que amanhã mesmo irei marcar um novo encontro com Ryan. Vou transar com ele até ficar boa de cama. Um dia eu consigo.

Depois de algum tempo me sentindo uma tola e me culpando por tudo, até pelo aquecimento global, levanto e vou para o quarto. Alice chegará no dia seguinte, e eu devo estar descansada para recebê-la em casa.



Alice é dois anos mais nova que eu. Eu a acho mais bonita, mesmo que eu tenha seios maiores e seja mais alta. Acho que o carisma dela a

faz mais bonita. Alice puxou a mamãe, seus cabelos são lindos, castanhos também, porém mais claros. Quando sai ao sol, parece loira.

Ela chegou toda alegre me contando fofocas lá da cidade, já faz uns três anos que eu não vou lá. Sinto-me nostálgica. Também me trouxe presentes que mamãe mandou e várias recomendações como se nós duas fossemos crianças indo dormir na casa da amiguinha.

Conto a Alice que estou me entendendo com Ryan enquanto faço café para nós duas. Ela fica empolgada em revê-lo e rever o resto do pessoal. Quer saber mais do meu namoro, afinal estive aqui por dois dias para o casamento de Candice, nem conversamos direito.

— Ryan continua o mesmo cavalheiro de sempre. — Eu informo.

— E ainda continua bonito, claro. — Ela emenda me dando um olhar brincalhão.

— Claro. Esqueceu que sua irmãzinha tem bom gosto? — Levo o café para a mesa. Ela havia colocado xícaras e pãezinhos que acabara de esquentar no forno.

— E Nate? — pergunto pelo namorado dela.



— Nathaniel nunca esqueceu aquela vaca. Eu o deixei e ele não ficou triste por isso. — Alice sibila com ódio estampado nos olhos escuros.

— Cretino.

— É. Os homens são todos iguais. — Ela dá de ombros e toma um gole do café.

*Alguns são mais gostosos... como o terapeuta,* minha Marianne intrometida fala na minha mente. Dou um gole no café, olhando para a minha irmã. Mal posso acreditar que minha solidão acabou. Amo demais minha irmã e tê-la aqui será como ter um pedacinho de casa. Mamãe e papai bem que podiam se mudar de vez para cá, mas aquele velho teimoso não larga aquela cidade por nada.

Alice se vira para me encarar, animada, quando eu falo sobre os progressos do escritório de designer e arquitetura e sobre como será o trabalho dela.

A partir de hoje, vejo um novo caminho em minha vida.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# QUINZE

## SAWYER

Dois dias tinham se passado. Dois dias desde que eu ajudara Marianne Cooper a combater o medo do sexo e ela me deu um calote em troca. Eu olho para o nada, é noite e não ouço o que Jill conta alegremente, algo sobre o trabalho dela.

Amanhã seria o dia da nova consulta de Marianne e ela deve ter se dado muito bem com o namorado para não ter entrado em contato comigo novamente. Acho que sou fraco para rogar praga, eu a amaldiçoei, mas não deu certo. Esperei que assim que ela fracassasse ligasse desesperada para mim, mas não aconteceu. Amanhã, estou sem paciente algum, primeiro porque há algo que me impede de fazer isso e, enquanto não resolver esse problema, não posso voltar a marcar novas consultas. Isso está me deixando louco, afinal já

tinha uma rotina pré-estabelecida de casa para o consultório.

Por outro lado, é bom não marcar novas pacientes por que estou precisando descansar e dar mais atenção ao novo negócio que eu estou iniciando. O hotel está indo muito bem e espero que o lucro venha assim que eu o reabrir. Eu tenho uma boa fortuna guardada que sobrou da compra do hotel e essa grana será investida em algo. Logo. Urgente. Preciso fazer meu pé de meia para me aposentar de vez da vida mundana.

— Você escutou o que eu disse? — Jill me pergunta. Estamos em meu apartamento.

— Desculpe, Jill, não ando muito atento ultimamente. Eu nunca fui empresário antes e isso está me tirando o sono.

— Será apenas isso?

— Claro. Que outro motivo teria?

Eu me levanto para ela não ver nada suspeito em meus olhos.

— Você não faz mais a barba? — Jill pergunta se levantando também.

Instintivamente passo a mão no rosto. Está mesmo áspero. Esses dois dias que se passaram eu  
NACIONAIS - ACHERON

não saí muito de casa. Há uns cinco ou seis dias não me barbeio.

Ficar em casa bebendo cerveja, seminu e esparramado no sofá e barbudo é zoadado demais. Tudo isso por causa de uma frustração idiota? Fala sério! Sou macho e velho demais para essas coisas.

— Resolvi tentar mudar de visual. —  
Minto.

— Não gosto de homem com barba. Faça imediatamente. — Ela ordena e liga a TV pulando no sofá. Vou para a cozinha pegar uma cerveja.

Eu tenho que criar coragem e voltar para a academia ou ficarei com uma pança de tanto tomar cerveja e ficar dentro de casa. Levanto minha camisa e dou uma olhada em meu abdômen. Ainda tenho alguns dias de tranquilidade sem precisar me preocupar com minha forma. Eu cultivei esse corpo arduamente e mantê-lo assim requer dedicação. Não posso perdê-lo por preguiça. Acho um milagre Henrique não ter ligado para mim ainda com as suas chantagens psicológicas.

Henrique é um grande amigo, de longa data, e é dono da academia que frequento. Nelson, Larry, ele e eu formamos um quarteto, estamos juntos

desde que entrei na casa de Amanda pela primeira vez. Henrique é o irmão que nunca tive.

Volto para a sala e me sento ao lado de Jill. Ela deita e coloca os pés no meu colo.

— Estou cansada, meu dia foi exaustivo.

Ela se espreguiça como uma gata manhosa. Sei muito bem o que ela teve hoje para se sentir cansada.

Permaneço calado fingindo que estou assistindo. Jill está jogando verde para colher maduro. Ela quer dormir comigo, tem algum tempo que eu não durmo com uma mulher. Só ocorreu nas vezes em que Jill cismou de dormir aqui e quando tive um relacionamento com Beatrice, a famosa atriz premiada, que já foi minha amante e paciente.

A sorte chegou com o toque do celular que me livrou de responder ao comentário de Jill.

Olho no visor. Não quero me sentir exultante por causa do nome que vejo. Saio da sala e corro para a cozinha.

— Dr. Graham...? — A voz relutante, um pouco baixa e tímida, acende todo meu corpo. Chegou a hora que eu esperei.

— Sim, sou eu. — Respondo fingindo que  
NACIONAIS - ACHERON

não sei quem é.

— Aqui é Marianne Cooper, eu... dois dias atrás estive em seu...

— Eu sei quem é você, Marianne. O que você quer?

Perfeito. Minha voz tem o tom que eu quero. Eu quero que ela veja como estou irritado, ou pareço irritado. Na verdade, estou meio exultante e isso não é bom.

— Bem... Dr. Graham... eu tentei falar com...

Ela para, pigarreia e respira fundo.

— Eu tentei falar com Eva, mas...

— Eva e eu estamos de férias. O consultório está fechado. — Esclareço com a mesma voz esnobe e fria.

Sofra, cretina! Sofra, implore para que eu a aceite de volta. Como eu adoro isso.

— Ah! — exclamou quase como um arfar, porém de desânimo. — Desculpe então por ter... por estar importunando o senhor.

— O que você quer ligando para meu celular uma hora dessas da noite? — Agora meu

tom é bruto, bem ríspido. Estou despejando, pelo telefone, esses dois dias de frustração e raiva.

— Esqueça Saw... digo, Dr. Graham. Eu imaginei coisas.

Dizendo isso, ela desliga na minha cara.

*O tiro saiu pela culatra, é o que vem à minha mente.*

Fico feito um tolo com o celular no ouvido. Marianne desligou na minha cara. Ninguém nunca tinha feito isso comigo, ainda mais uma mulher. Esperei dois dias inteiros para ela me ligar e, quando ligou, eu pus tudo a perder. Isso não importa, ela não tem o direito de ser rude comigo.

Aperto um botão no celular e a ligação recomeça. No terceiro toque, ela atende.

— Não volte a desligar na minha cara ou eu vou até sua casa mostrar a você boas maneiras. — Falo mesmo. Danem-se os modos profissionais e éticos.

— Eu... eu me despedi, você estava chateado por eu ter te importunado a essa hora.

— Chega de tentar se explicar e me conte por que ligou.



— Eu...

Ela para, parece ofegante. É uma reação que eu esperava mesmo vindo de uma pessoa que se proclamava, o tempo todo, tão decidida.

— Fale, Marianne. — Ordeno e a Marianne submissa que existe dentro dela responde como uma boa menina.

— Bem, não vai adiantar muito já que você está de férias e o consultório fechado.

— Está insinuando o que eu estou pensando?

— Eu não sei em que está pensando, Dr. Graham. E nem estou insinuando nada.

— Mas ligou por algum motivo. Diga. Tenho o direito de saber não tenho? Já que o celular é meu.

— Claro. Eu queria apenas confirmar se minha consulta para amanhã estava de pé. Mas como já adiantou que o consultório está fechado... desejo uma boa noite ao senhor. Obrigada pela atenção e adeus, Dr. Graham.

Ela tornou a desligar.

Então ela quer brincar comigo. Tornou a

desligar na minha cara mesmo após ter feito um dispensável floreio para se despedir. Isso não explica ter desligado sem esperar eu responder. Volto para a sala.

— Vou dar uma saída. — Anuncio a Jill.

— Para onde? Quem estava ligando?

— É apenas algo no hotel. Provavelmente vou dormir por lá. Se quiser ficar aqui tudo bem.

— Eu vou com você. — Ela fez menção de se levantar.

— Acho melhor não, Jill. Esses problemas são demorados e você disse que está cansada. Tem comida na geladeira, pode ficar à vontade.

Não dou tempo a ela de responder. Corro para o quarto e começo a me vestir.

No meu juízo normal, jamais faria isso, mas eu não estou em meu juízo normal desde que a *Srta. Não Me Toque* atravessou meu caminho.

# DEZESSEIS

MARIANNE

Eu não sei o que deu na minha cabeça de ter ligado para Sawyer pedindo para manter a consulta que tinha marcado. Acho que o telefonema de Ryan tinha me dado forças para isso.

Acreditem: Ryan me ligou e disse que vai viajar por alguns dias para dar uma palestra junto com outros professores em escolas de crianças carentes. Ele nem mesmo tinha se dado o trabalho de aparecer para dizer isso pessoalmente, a gente tinha feito amor e ele apenas me ligou. E para piorar tudo, disse que eu precisava continuar com o tratamento no terapeuta. Foi como se dissesse silenciosamente: volte a se tratar que você ainda não está pronta para mim.

Esses dias, foram exaustivos para mim. Psicologicamente, quero dizer. Me abri com Candice, contei sobre minha primeira noite com Ryan e ela me consolou, dizendo que eu ainda sou

inexperiente e que não é para esperar um sexo com acrobacias. Me lembrei do sexo delicioso com o doutor, fiquei ruborizada e calada. Candice tem complexo de protetora, ela sempre acha que eu estou em perigo. Já disse que não aprovava que eu fizesse terapia com Graham e, por isso, estou escondendo esse segredo da minha melhor amiga.

Quanto a Ryan, nem desconfia que eu estou me "tratando" com o Dr. Perverso Graham. No pensamento dele, eu estou começando a melhorar, mas preciso me esforçar mais, ou seja, não tinha gostado de fazer sexo comigo. Assim que terminei de falar com ele, cá sentada estática no sofá. Meu namorado poderia querer se afastar de mim, terminar comigo.

Não! Isso não. Justo agora que estou quase conseguindo me casar. Que droga! Já vou fazer vinte e cinco anos. Um desespero me tomou e, no calor do momento, peguei o telefone e liguei. Alice estava no quarto dela e eu fui para a sala. Sabia que já era noite, nove horas e poderia estar sendo importuna ligando para o celular de um estranho.

Esperava que Graham estivesse chateado, mas não tão ressentido como se mostrou. Eu me

arrependi de ter ligado para ele no momento em que ouvi sua voz. Desliguei na primeira oportunidade que tive, depois desliguei de novo quando ele ligou. No dia seguinte, quando ele estiver mais calmo, vou ligar e pedir desculpas... ou não. Acho melhor não ficar mantendo contato com esse pessoal rico e meio pirado. Subo as escadas e bato na porta de Alice.

Ela está em frente ao computador e minimiza a tela assim que eu entro.

— Oi, irmãzinha. — Ela me cumprimenta com simpatia.

— Não vai jantar? — Me recosto no batente da porta. — Você não comeu nada.

— Fiz um sanduíche. — Ela aponta um prato perto da mesa do computador.

— Eu estava pensando em pedir uma pizza — digo, dando de ombros.

— Não está tarde? Já é quase hora de ir dormir. — Ela olha de relance para um relógio digital no criado-mudo.

— Ainda são nove horas, Alice. Durma cedo que amanhã a quero bem-disposta lá no escritório.

— Sim, senhora, chefe. — Ela fez uma continência debochando de mim, eu reviro os olhos e fecho a porta indo para a cozinha.

Dez minutos depois, vou para a sala com um sanduíche de peito de peru e salada, junto com um refrigerante em lata, tudo em cima de uma bandeja. Coloco-a na mesinha de café, sento-me no sofá e começo a procurar algo na TV. Em um canal, vejo que um filme bom está sendo reprisado, eu já tinha assistido, mas é a melhor coisa que está passando. Aumento o volume e coloco a bandeja no colo, dou uma generosa mordida no sanduíche, sentindo o gosto do molho caseiro que preparo para sanduíches. Eu posso me dar o luxo de comer sanduíches e pizzas, não tenho problema com a balança, me cuido apenas por causa da saúde.

Antes da segunda mordida, ouço a campainha. Fico feito estátua, ereta, paralisada no sofá. Meus olhos arregalados como em um daqueles filmes de terror que a jovem está sozinha em casa e ouve um barulho. Tenho certeza de que estou branca como um fantasma, se é que fantasmas são brancos. A campainha toca de novo, bebo um gole exagerado de refrigerante para ajudar a descer a comida entalada na garganta.

NACIONAIS - ACHERON

Há apenas três pessoas que ousariam vir a minha casa à noite sem avisar. Ryan não poderia ser, pois está viajando, Candice seria pouco provável, ela não apareceria assim de uma hora para outra. Sem falar que tem a chave da casa; ainda não troquei a fechadura. E a última pessoa eu rezei para que não fosse. Talvez sejam mórmons. Eles passam a noite nas casas? Torci para que fosse. De súbito, um medo me atingiu. O doutor não seria tão ousado... Preferi ficar na opção Candice.

Coloco a bandeja na mesinha e levanto apressada, limpando a boca, antes que Alice viesse ver quem era. Corro para a porta, destranco as duas chaves

Abro até onde a correntinha presa permite. Sim, é Graham. Ele me olha com aqueles olhos verdes frios. Parece uma aparição sexy ambulante pela noite. Gelo na mesma hora. Ele está como sempre: um colírio para os olhos.

Caralhooo! Aquela barba, não. Acho muito sexy homens com barba por fazer e a de Sawyer está do jeito que faz meu corpo acender como luzes de Natal.

Eu devo me manter longe desse homem que é uma perdição, me arrependo amargamente de ter ligado para ele. Ou melhor, de ter aceitado reformar o consultório dele.

— O que está fazendo aqui? — pergunto. Estou segura em minha casa e ele não pode fazer nada.

— Quero falar com você. Abra a porta, por favor — diz, virando-se, olhando para os lados na rua e passando a mão pelos cabelos.

— Eu...

— Marianne, eu já estou triplamente irritado. Primeiro por você ter abandonado o tratamento sem nem mesmo ter começado, segundo por ter desligado duas vezes na minha cara e agora por ficar me mantendo aqui fora me olhando dessa fresta. Você sabe como eu odeio essa droga de corrente. — A reação meio explosiva dele faz meu corpo vibrar. Não sei se de atração ou raiva. Quem ele pensa que é para me coagir?

— São instaladas nas portas para manter invasores fora.

— Então eu sou um invasor? — O olhar atônito e ofensivo de Graham me faz recuar



mentalmente nas provocações.

— Não sei o que é. Não acha que já é tarde para vir tirar satisfações de mim?

— E não é tarde para me ligar?

— Dr. Graham, minha irmã está em casa, eu não vou deixar o senhor entrar. — Digo com a mesma frieza que ele me tratou no telefone.

*Saia daqui, intrometido. Não é bem-vindo. Pelo menos não na minha casa.*

Sawyer me olha perplexo. Vi a raiva dele aumentar. Será que estou agindo certo ao instigar raiva em um estranho?

— Então venha comigo e abra essa droga de porta. — Ele ruge entredentes.

— Eu não posso abrir, já é...

— Abra a porta, Marianne. — Ele fala mais alto. Com medo de que ele faça uma cena, eu respiro fundo e abro. Alice não pode sonhar em ver um homem em casa a essa hora. Não qualquer homem, um celebre terapeuta que tem mais de 4 milhões de seguidores no Twitter.

Sawyer entra e olha por toda a sala. Não sei o que procura.

— Eu não posso sair, estou com minha irmã e estou vendo um filme. — Aponto para a TV.

— Por que não quis falar comigo? — Ele ignora totalmente o que eu tinha acabado de falar e pergunta se posicionando à minha frente em uma posição de ameaça. As pernas levemente abertas e as mãos na cintura.

— Eu falei...

— Não falou, Marianne. Você não conversou comigo. Desligou na minha cara duas vezes.

— Eu me despedi da segunda vez. — Tento argumentar, mas pela expressão dele irá dispensar qualquer coisa que eu disser.

— Mas eu liguei para você, não acha que seria educado esperar que eu desligasse?

— Dr. Graham, eu não sei para que isso tudo. Você disse que o consultório está fechado, não faz sentido algum vir a minha casa.

— Eu posso abri-lo se é o que você quer.

— Não quero — digo com firmeza e cruzo meus braços na frente dos meus seios. Lembro-me que estou sem sutiã e enrubesço com o pensamento. Sawyer é perspicaz, ele poderá perceber meu corpo

traíçoeiro.

— Não? — pergunta. A voz cheia de sensualidade. Dá um passo e aproxima-se de mim. Instigando-me apenas com um olhar. Não é à toa que 4 milhões de pessoas seguem ele na rede social.

Não corro, continuo parada encostada no sofá. Por via das dúvidas, dou uma olhadela na escada, porta da cozinha e saída. Fotografando em minha mente os meios para uma fuga.

— Por favor... Preciso que saia. Minha irmã está em casa. — Minha voz está pateticamente fraca e vai perdendo força conforme as palavras saem e ele se aproxima. Sawyer estende a mão e eu me encolho toda, ele limpa mostarda no canto da minha boca. O gesto me deixa como uma estátua pegando fogo em dias de sol.

— Não vou sair, Marianne. Quero conversar com você, se não for aqui, venha comigo ao meu consultório.

— Eu já disse que não vou a lugar algum com você a essa hora. — Dou um breve chilique. As mãos fechadas em punhos os cabelos balançando e um pé batendo no piso. Ele exhibe um

sorriso convencido. Deve estar adorando meu desespero.

— Então quer que sua irmã escute nossa conversa? Por que não vou sair antes de entender tudo o que fez você criar coragem para me ligar. — Ele senta-se no sofá e crava os olhos no meu sanduiche.

Droga! Não sente aí! Não se acomode em minha casa, pelo amor de Deus. Engulo seco e olho para a escada com medo de Alice descer. Eu tenho que tirar esse homem da minha casa. Ele é sufocante, parece tomar todo o ar, preenche todo o ambiente com sua masculinidade e virilidade evaporando de cada poro do corpo dele.

— Só conversar? — pergunto.

— Sim, sua consulta é amanhã, a menos que queira adiantar para hoje.

Ele está mais calmo e até me dá um sorriso daqueles de tirar o fôlego.

— Então a gente pode conversar amanhã. Eu apareço lá, pode ir embora agora. Tem a minha palavra.

— Você me deu algum motivo para eu confiar na sua palavra? Desde que me conheceu, só

NACIONAIS - ACHERON

sabe fugir e dar pra trás. Vamos agora, ou sente-se e vamos conversar aqui.

Eu fico pensando que posso conversar com ele e em seguida dispensá-lo, mas e se Alice descer e vir um homem sentado na sala? Não qualquer homem, este homem. Minha irmã é moderna e antenada, será que ela já ouviu falar sobre o que ele faz? Acho que não é hora de arriscar.

Respiro fundo.

— Tudo bem, vamos a um barzinho. Só vou trocar de roupa.

— Não precisa, você está ótima assim. — Ele levanta-se de prontidão.

Olho para minha camiseta e shorts curtos. Não estou boa. Faço que não com a cabeça e vou depressa ao quarto.

Visto um jeans e uma blusa tomara que caia, vejo no espelho que pareço muito sedutora. Coloco uma jaqueta por cima e saio depressa.

Abro a porta de Alice e ela ainda está no computador, fala com alguém no celular.

— Quem estava na porta? — pergunta.

— Alice, estou saindo com Candice. Volto

mais tarde. Durma.

— Tá.

Ela faz um gesto por cima do ombro como se dissesse: "Pouco me importa" e volta a falar animadamente no celular.

Corro pela escada.

Graham me espera na sala.

— Vamos, temos que voltar logo. — Saio depressa, espero ele sair e puxo a porta em seguida.

# DEZESSETE

## SAWYER

Estou no carro com Marianne. Quero ver a rebeldia dela agora em um local inóspito. A levarei para um lugar onde eu lidero, ela está precisando disso: ser domada. Eu não tenho obsessão para ser dominador de ninguém, mas, no caso dela, meus instintos mais primitivos me sufocam, me provocando para que eu tome as rédeas do controle e imponha firmemente minha vontade sobre ela. Nunca tinha me envolvido com alguém tão intrigante e esse pensamento me torna um homem primitivo. Nem ligo para a impressão que posso passar.

Ela está calada, pálida. Eu nem me importo, daqui a pouco ela estará corada, tenho certeza.

NACIONAIS - ACHERON

Olho de esguelha e noto o desconforto na bela jovem ao meu lado. As luzes da cidade passam fazendo reflexos nos cabelos soltos dela e isso é impressionante. Eu tinha notado na mesma hora como ela está diferente, o cabelo parece um pouco mais claro e menor. Aquela nova imagem que, com certeza, ela criou para o namorado produziu um efeito devastador em mim. Estou animadinho como nunca fiquei antes e vocês são testemunhas do tanto de mulher que já peguei. Mas que porra é essa que sinto por essa maluca?

Ela morde os lábios e sinto meu corpo acordar do sono de dois dias. A última vez que fiz sexo foi de manhã com Marianne e a noite com Jill.

Deixo as olhadelas de escanteio e olho fixamente para ela quando paramos em um semáforo. Quero chamar a atenção dela. Aperto um botão no painel e escolho uma música.

— Gosta de Bon Jovi? — pergunto.

— Quem não gosta? — Ela responde levemente humorada.

“Bed of Roses” começou a tocar. Acho essa música perfeita, sem falar que irá acalmá-la... ou talvez não. As músicas de Bon Jovi tocam a alma e



dá vontade de viver uma paixão arrebatadora, mesmo sabendo que o resultado pode ser se foder no futuro. E esse tipo de fundo de poço eu quero longe da minha vida. Todo mundo já deve ter ouvido a célebre frase: Mulher é igual álcool, no início é ótimo, mas depois só dor de cabeça.

Eu não sei se Marianne sabe que eu a estou levando para o consultório. Não posso levá-la para locais públicos, eu não saio com ninguém, nem mesmo com Jill. Eu tinha sido fotografado uma ou duas vezes com amantes fora do consultório, entretanto não faço mais isso. Nem amantes nem sair com mulheres. Minha vida é falada demais para as pessoas comentarem sobre quem eu peguei ou deixei de pegar. Além disso, eu não preciso de amantes quando estou tão bem servido de uma variedade impressionante de mulheres.

Enquanto Bon Jovi canta sobre querer deitar a amada em uma cama de rosas, eu continuo meu balanço mental cortando a cidade no carro junto com Marianne. — Os sete anos passados foram necessários para eu juntar o que tinha conseguido até hoje, ganho uma grana preta com mulheres ricas. Mulheres que não têm satisfação sexual com parceiros, mulheres que se sentem exploradas ou

NACIONAIS - ACHERON

aquelas que não conseguem nada na cama, como Marianne. Descobri que podia ajudá-las e fiquei famoso quando comecei no consultório com 25 anos. Com a fama veio muito mais: capas de revistas, entrevistas em programas famosos e até convites para noites de gala em eventos como Oscar, Tony Awards e festival de Cannes. Tornei-me amigo de várias celebridades e por isso não tenho do que me arrepender.

Antes dos vinte e cinco anos, antes de ser terapeuta, também não havia nada que fizesse eu me arrepender, apesar de serem bem mais delicados de se relembrar. As coisas que fiz ficaram eternamente gravadas e eu não tinha como limpá-las. Apenas seguir em frente tentando esquecer. *Tentando*. Pois, desse passado, antes da carreira de terapeuta, eu trouxe alguém comigo. Jill não me deixa esquecer o que eu era de verdade, ela ainda tenta a todo custo me arrastar de volta, mas eu já estou velho para essas coisas. Porém, sei que se decidir aceitar a proposta dela, terei uma boa grana em jogo.

Olho para Marianne, ela é complicada, mas é humana, uma mulher normal que tem sentimentos, eu não posso continuar agindo assim

NACIONAIS - ACHERON

como se ela fosse igual a Jill. Fico gelado ao pensar na possibilidade de uma jovem linda como Marianne acabar apaixonada por um bicho pervertido como eu. Mas como parar se ela não permite? A atração que mantém sobre mim é muito poderosa, mesmo sem saber ela me seduz ao limite e eu estou mais e mais atraído por ela, como um mosquito rondando uma lâmpada acesa.

Parece que meu subconsciente vê em Marianne a humanidade e segurança que eu passei a vida toda procurando, desde os quinze anos quando tudo aconteceu. Não quero voltar a essa parte do meu passado, desvio bruscamente meus pensamentos dessas lembranças.

— Para onde está me levando? — Ela faz a pergunta já sabendo a resposta, por isso, não preciso tentar fingir.

— Vamos para um lugar onde podemos conversar com calma e a sós.

— Estou com fome, estava jantando quando você entrou em minha casa e me arrastou para cá.  
— Ela esbraveja. Abaixo o som da música.

— Não seja por isso. Quando chegar lá, peço algo para a gente comer.

— Lá onde, Sawyer?

— No meu consultório. — E então chegamos. Entro na garagem do prédio, estaciono na minha vaga e saio para abrir a porta para ela.

— Vai me consultar agora? Hoje?

Marianne não desce do carro, me interroga com os olhos arregalados. Essas atitudes dela são enervantes, mas eu consigo suportá-las e sair ileso.

— Vamos conversar sobre seu problema, tudo bem?

Troco minha voz grave por um quase sussurro. Ela parece se render e sai do carro. Esse é o segredo com Marianne: manter a sugestão de uma dominação bem longe, para ela se sentir no controle. Seguro no cotovelo dela e a levo para dentro do elevador.

Ficamos calados, sem nem olhar para o lado. O clima pesa e poderia ser cortado com uma lâmina de tão denso que está. Tenho certeza que ela sente o mesmo, pois se mexe inquieta ao meu lado. Nenhum dos dois arrisca olhar para o lado. Finalmente chegamos e saímos. Precedo-a e abro a porta do consultório, entro na frente para desarmar o alarme e ascender as luzes. Marianne entra em

seguida e eu fecho a porta.

— Fique à vontade. — Falo e pego o celular no meu bolso. — O que prefere comer?

— Não precisa se incomodar. — Ela dispensa com um gesto da mão. — Como alguma coisa quando voltar para casa.

— Não seja boba. Não sabemos quando vamos sair daqui.

— Como assim? Iremos conversar, não dormir juntos.

— Talvez. Gosta de comida árabe? Sei de um lugar que vende umas esfirras deliciosas.

Ela suspira irritada por eu não ter dado ouvido ao que ela disse. Se eu for escutar tudo que Marianne diz não conseguirei dar um passo sequer. Ela censura tudo, nega tudo. É difícil conviver com uma pessoa assim. Se não fosse tão gostosa, eu já a teria deixado de lado. Viro de costas e ligo para o restaurante para fazer o pedido.

— Deite-se no divã, por favor, Marianne — digo depois da ligação.

— O que está acontecendo aqui? Eu vou me consultar agora? Com direito à comida árabe? — Ela se levanta da cadeira com um olhar confuso, os

NACIONAIS - ACHERON

olhos como sempre arregalados. Olha discretamente para a porta. Se ela sonhar em fugir, eu juro que a farei se arrepender.

— Sente-se, por favor, Marianne.

Ela me encara com os braços cruzados. Não me rendo. Posso ficar olhando nos olhos dela a noite inteira. Ela não parece ter a mesma disposição. Mostrando-se vencida, joga a bolsa na poltrona em que costumo me sentar e deita-se no divã com aquele biquinho teimoso nos lábios. Mais um arrepio no meu corpo. Quero chupar esse bico atrevido, mas não posso, pois, as regras não permitem. Malditas regras que eu mesmo criei!

Sento-me na poltrona mostrando muita calma. Pelo menos isso eu sei fazer. Sou um ator e sei interpretar qualquer sentimento, fico pasmo ao ver que perto de Marianne dificilmente consigo ser omissos e hipócrita. Sem saber, ela aviva sentimentos em mim que eu nem conhecia.

Escrevo no caderno a data e olho para Marianne deitada à minha frente, mostrando-se confortável.

— O que você queria quando ligou para mim, Marianne?

— Achei que isso fosse pessoal não algo para tratar em uma consulta.

— Apenas responda o que te perguntei. Pode acreditar, vai fazer parte da consulta.

— Era sobre isso, merda! — Ela senta-se em um pulo. A voz elevada. — Você sabe muito bem que eu liguei para confirmar a consulta. Por que está se fazendo de tolo?

Eu a encaro e sei que há faíscas furiosas nos meus olhos. Descanso o caderno na perna e bato a caneta na cabeça. Fecho os olhos e deixo todo o ar do pulmão sair. Espero a calma voltar e abro os olhos novamente. Estou me segurando para não pular em cima dela e ensinar boas maneiras.

— Quer mesmo ir por esse caminho, Marianne? Me provocando? Acha que eu me esqueci da maneira como vem me tratando desde que eu lhe apresentei meus métodos de tratamento? Me insulta, se rebela e curte com a minha cara.

Ela me fita estatelada. Apesar de eu não ter gritado, a minha revolta estava expressa em cada palavra. Definitivamente já deixei o profissionalismo para trás há muito tempo. Descanso minha perna esquerda no joelho direito e

a analiso com um olhar não muito caloroso.

— Você me arrastou até aqui. — Ela acusa, não mais aos gritos. De cabeça baixa sem conseguir me olhar.

— E por que me ligou, poxa? — Eu levanto a voz fazendo-a me encarar novamente.

*Não perca a paciência*, aconselho a mim mesmo.

E se eu perder o mínimo de compostura que estou tendo, vou acabar fazendo uma loucura. Beijando-a, por exemplo, e isso seria uma tragédia. Uma deliciosa tragédia.

— Não deu muito certo com Ryan. É isso que quer ouvir?

— Muito bem. — Eu digo mais calmo. Não por ela ter baixado as defesas, mas por confessar que não tinha dado certo com o namorado. — Chegamos ao ponto que eu queria. Agora deite-se, relaxe e me conte tudo o que aconteceu que a fez me ligar para confirmar sua consulta de amanhã. Eu preciso conhecer seus pontos fracos, as coisas que te dão medo e as que te dão coragem.

Ela olha para mim, percebo uma dualidade nos olhos dourados. Parece tensa, mas quer

NACIONAIS - ACHERON



transmitir tranquilidade, gosto dessa força de vontade que ela tem em tentar mascarar o que sente perante mim. Coloca uma mecha do cabelo atrás da orelha e com o rosto rubro de timidez deita-se novamente. Eu tinha falado de um jeito bruto com ela e fiquei com medo de ela pegar a bolsa e sair, não antes de meter a mão em minha cara devido a personalidade bravia (e ainda oculta) dela. Confesso que me surpreendi quando ela me olhou obedientemente e se deitou. Estou sendo um canalha, não gosto de tratar uma mulher tão agradável de maneira rude.

Leva apenas alguns instantes para que ela comece a narrar o que tinha acontecido que a influenciara a pensar em continuar o tratamento.

— Eu estava eufórica para ver Ryan depois que saí daqui. Era meu sonho começando a nascer.

— Sonha em dormir com seu namorado? — pergunto, escondendo o deboche. Penso quais seriam as opiniões dos meus amigos ao ouvir isso.

*Faça o favor, homem, seja profissional pelo menos no divã.*

— Não. Estou falando de levar uma vida normal, da possibilidade de um dia ter um marido e

filhos. Não necessariamente com Ryan, pensei que já que consegui ir para cama com você...

— E foi bom quando esteve comigo?

Ela para meio perturbada por eu tê-la cortado entrando em um assunto bem diferente. Vejo a garganta dela se mover mostrando que engoliu a saliva. Para mim, isso é muito importante. Eu preciso saber o que ela pensa. Como terapeuta e como homem, claro. É meu desempenho que está em jogo. E sinceramente? Estou mais preocupado com o que ela pensa sobre o sexo comigo do que com minha profissão.

— Eu não tenho um método de comparação. Comparar com Charles chega a ser desproporcional, mas sim, foi muito bom. E eu tinha certeza de que seria igual. Aliás, seria melhor, pois, com ele, haveria um sentimento envolvido. Com você foi tudo mecânico, o que você sempre faz com todas e foi bom... mas...

*Faz com todas?*, Rio sarcasticamente por dentro. Ela não sabe um terço. Nada do que tinha acontecido dois dias atrás tinha sido mecânico. E até agora me tira o sono quando eu lembro que meu corpo ainda não se sente nem um pouco saciado

dessa pele macia, do seu interior apertado e dos olhos lacrimejantes quando chegou ao orgasmo duas vezes.

— Chegou a fazer sexo com ele?

Vivo um momento de tensão esperando ela responder. Marianne desvia o olhar e percebo que lá vem chumbo.

— Sim.

Ela responde e eu engulo em seco. Merda, ela transou com outro! E me pergunto por que me preocupo com isso.

— Como foi para você?

— Não sei explicar.

Inferno! Mas eu quero saber os mínimos detalhes, preciso saber do que ela gostou no sexo com o namorado para depois que eu souber poder fazer melhor que ele e não dar a ela nenhuma chance de pensar em terminar o tratamento antes da hora. Preciso transar mais com essa mulher. Meu Deus! Que sina é essa minha?

— Pode me contar como foi? Quando chegou ao orgasmo e quantos teve?

É quase uma obsessão para mim e continuo

a pressioná-la. Acho que ela não percebe meus olhos parados como se fossem de vidro, não percebe minha expectativa.

Marianne decide manter o silêncio. Olho para o rosto lívido. Os lábios rosados, que me dão um frio no estômago, estão trêmulos. Ela passa a língua para lubrificá-los. Mudo de posição na poltrona numa tentativa de diminuir a pressão na minha calça. Estou totalmente desconfortável.

— Eu...

Marianne tenta me falar, mas não consegue. Ela fica de cabeça baixa. Seus cabelos cobrem seu rosto e ela apressa-se em jogá-los para trás. Eu quero afundar meus dedos nesses cabelos macios, mas me controlo.

— É por isso que estou aqui, Sawyer. Eu não consegui com Ryan. Quero dizer, chegamos a transar, mas... foi decepcionante. Estou frustrada e acho que o frustrei também.

Uma lágrima desceu dos olhos dela e eu não pude mais ficar sentado apenas olhando. Nunca tinha feito isso, pacientes choravam rios na minha frente e minha única reação era passar-lhes um lenço. Eu nem sei como agir humanamente em uma

situação assim. Surpreendendo até mesmo a mim, sentei ao lado dela e a puxei para perto de mim.

— Um ombro amigo nunca é demais — digo para disfarçar meu gesto íntimo.

Ela continua chorando, os dedos agarrados na minha camisa.

— Continue comigo, Mary, e eu a ajudarei a superar tudo isso. Aceite a ajuda.

Ela permanece calada apenas fungando e soluçando. O choro vai parando, mas eu continuo perto dela dando meu ombro para ela chorar. A última pessoa que eu acalentei morrera anos atrás, nem mesmo Jill jamais chorava. Não na minha frente. Acalentar é uma prática nova para mim.

Minutos depois o interfone toca.

— A nossa comida chegou. Vamos comer.  
— Eu sussurro e dou um beijo no alto da cabeça dela. Levanto-me e vou até a porta. Volto com as sacolas e as coloco sobre a mesa. Marianne tinha se levantado e limpava os olhos com um lenço. Não olho para ela, ela precisa de um tempo.

— Há um banheiro na porta à esquerda. —  
Eu digo mesmo sabendo que ela conhece o banheiro. De costas para ela, coloco os dois pratos  
NACIONAIS - ACHERON

que vieram junto com o pedido sobre a mesa e as caixinhas com as comidas que pedi para ela experimentar, aquelas que eu mais gosto. Pego copos em um bar embutido na estante e abro o vinho. Minutos depois, a porta do banheiro se abre e Marianne aproxima-se.

— O cheiro está ótimo. — Ela olha para as coisas na mesa. — Você não devia ter comprado tanta comida.

— Eu não sabia se você ia gostar das esfirras. Pedi um pouco de cada coisa.

Ela sorri com simpatia e senta-se na cadeira que indico. Sento-me a frente dela na minha cadeira, no lado oposto da mesa.

— Desculpa — disse ela após ter mordido um pedaço generoso de esfirra. — É uma delícia. — Completou com outra coisa totalmente desconexa da que tinha dito antes. Me pedira desculpas pelo que? Pela esfirra ser uma delícia?

— Quero um pouco disso. — Ela indica o que eu estou comendo, o *kebab*. Um tipo de carne cortada bem fininha servida em pão árabe. Abro uma nova embalagem e o coloco em um prato. Passo para ela, espero ela provar e aprovar o prato.

Volto a comer, fissurado nos lábios femininos à minha frente mastigando com gosto.

— Desculpas pelo quê? — pergunto.

— Ter me descontrolado dessa maneira. Eu não devia ter...

— Chorado?

— É. Você deve me achar uma palhaça.

Faço um gesto dispensando o comentário dela.

— Pare com isso. Sou um terapeuta. Acha que ninguém nunca chorou aqui?

Ela respira parecendo aliviada por não ter pago um mico no meu consultório.

Voltamos a comer. Ela não come todo o *kebab*, me disse que quer provar mais coisas.

— Esse é um clássico. — Passo para ela um pouco de *tabule* junto com carne grelhada. — Parece uma salada. É delicioso.

Ela prova e dá um sorriso gratificante.

— Sawyer! É delicioso.

*Isso mesmo, gata. Sawyer é delicioso.*

Meus pensamentos ridículos me fazem sorrir, ela não percebe e volta a comer. Eu fico

satisfeito com o contentamento dela. É difícil agradar uma mulher com comida árabe. Jill odeia.

Ficamos mais uma vez calados até que ela resolve quebrar o silêncio. Olho para Marianne e ela está vidrada em algo em cima de uma peça de escritório. Olho para trás.

— O que foi?

— Não tinha visto aquilo.

Ela aponta para minha cafeteira expresso.

— É uma cafeteira expresso. Sou movido a café e cerveja. Não que ela faça cerveja. — Esclareço, bem-humorado. Marianne acaba rindo. Limpa os lábios, se levanta e analisa de perto o eletrodoméstico.

— Claro que eu já vi uma cafeteira na vida, mas essa é diferente. Parece uma obra de arte.

Essa bunda virada para cá é uma obra de arte. Que visão privilegiada...

— Eu tenho uma em meu apartamento e trouxe essa agora para cá. — Explico. Ela olha para mim e volta-se para o objeto.

— A minha faz apenas café. Se eu quiser tomar um cappuccino, tenho que comprar. Nunca



tive a ideia de comprar uma dessas.

Eu viro a cadeira para olhá-la.

— Essa daí faz muitas bebidas deliciosas. Como cappuccino, chocolate quente, café com leite, café expresso. Basta ter as cápsulas.

Ela dá uma última olhada. Fico impressionado por Marianne se impressionar com uma cafeteira. A maioria das minhas pacientes nem toma café. Muito menos olharia para um eletrodoméstico sem fazer cara de repúdio. Ela volta a sentar.

— Então você toma muito café e muita cerveja. — Ela afirma como se estivesse memorizando essa informação. Torna a pegar a comida depois que afirmo com um movimento de cabeça. Ficamos alguns segundos mastigando, até ela me olhar e eu me preparar para mais alguma pergunta elaborada por algum pesquisador que mora dentro da cabeça dela.

— Por que faz isso? — Ela limpa os lábios e bebe um pouco de vinho. Minhas calças mais uma vez se tornam instantaneamente apertadas demais para comportar toda minha rigidez, pois eu fico querendo ser o guardanapo ou o vidro do copo que

tocam nos lábios cor de cereja dela. Se não beijar esses lábios antes de morrer acho que minha alma nunca terá descanso. Ela já não tem descanso desde que vi Marianne pela primeira vez. Tão linda... Está divina sentada com as pernas dobradas na cadeira e o cabelo caídos nos ombros, o rosto sem nenhuma maquiagem. Ela deve ter lavado o rosto no banheiro. Fico com tanta vontade de levá-la para meu estúdio e transarmos até ela implorar por descanso. Então eu recomeçarei e ela pedirá que eu não pare nunca.

— Fazer o quê? Beber cerveja e café? Ou ter uma cafeteira expresso no meu consultório?

Arqueio a sobancelha com um ar de divertimento. Consigo esconder meus anseios secretos. Se Marianne souber como eu quero que ela se submeta às minhas vontades obscenas...

Ela fecha a cara diante da minha expressão de falsa inocência.

— Não. — Ela discorda com um gesto. — Isso com as mulheres. — Indica o consultório ao seu redor. — Quando teve essa ideia de terapia sexual? Por que essas coisas não são ensinadas na faculdade.

Eu a encaro profundamente. Marianne está tão à vontade. Nem sabe quem eu sou e mesmo assim está bem tranquila compartilhando comida árabe com um estranho rico e devasso.

— Quando me formei, conheci uma pessoa que me ensinou tudo que sei sobre sexo. Tudo sobre a mente feminina.

Eu escondo a formação a qual eu me refiro. Querem saber um segredo bem cabeludo? Cheguem mais pertinho que vou contar: nunca frequentei uma faculdade de psicologia ou medicina. Sou um charlatão. Não sou terapeuta oficialmente. Aconteceu algo na minha vida que me transformou num terapeuta, foi um acaso que me deixou famoso. Agora eu fui denunciado e estou em sigilo, respondendo processo na justiça, pois o que fiz é crime. Meu consultório está interditado por prática ilegal. Mas não contarei essas coisas a uma paciente. Ainda mais para Marianne.

— Teve um professor?

— Professora. — Corrijo e me lembro de Amanda. Amanda é passado, eu não a vejo há uns três ou quatro anos quando parei de frequentar a

agência dela, quando o trabalho que ela me oferecia deixou de ter utilidade para mim. Ela ficou puta da vida, afinal eu era sua galinha dos ovos de ouro, me rogou praga e disse que eu jamais seria feliz, me prometeu também que, se um dia eu descobrisse a felicidade, ela faria questão de destruí-la. Ou seja, nosso adeus não foi muito amigável assim como com Beatrice, outra pedra no meu sapato.

— Uma mulher? — Marianne sorri, parecendo vitoriosa, para de comer e bate palmas — Então uma mulher ensinou tudo isso ao grande e egocêntrico Sawyer Graham? — Ela pega o copo e o levanta no ar comemorando. Me olha petulante e debochada por cima do copo. Eu sorrio de leve. Não por ela ter falado isso, afinal isso em meus lábios é um sorriso de contentamento. Eu estou aqui, às dez da noite com uma mulher, e pasmem: conversando. E me sinto muito bem com isso. Eu converso com Jill e nem sempre fazemos sexo, mas com Marianne é diferente, eu quero ouvir cada palavra que ela dirá, eu fico verdadeiramente interessado com as perguntas que ela elabora, é inteligente e descontraída quando quer (isso é fato) mas até nas birras e rebeldias ela acaba se tornando adorável.

— Como acha que eu iria conseguir desvendar uma mulher? Ela me ensinou como enxergar nesses olhos que só vocês possuem. Dizem que dá para ver a alma da mulher nos olhos dela.

O deslumbramento das minhas palavras a deixa parada me observando com o copo de vinho no ar, entre a mesa e os lábios.

Como mais um pouco, bebo vinho e limpo os lábios. Ela também volta a comer.

— Era sua namorada? — indaga, curiosa.

— Tecnicamente.

— Ainda é?

— Eu já lhe disse que não tenho namorada.

— Disse que não tem compromisso.

— E não é a mesma coisa?

Recosto na cadeira, encarando-a, embebendo meus olhos de tanta beleza.

— Não. Nem sempre um homem que namora se sente compromissado. Os infiéis por exemplo. — Ela faz uns trejeitos com as mãos gesticulando enquanto fala.

— Então acha que sou um homem que

tenho namorada e sou infiel?

Ela dá de ombros e continua comendo.

— Há quanto tempo atua como terapeuta?

— Volta a perguntar mudando de assunto quando achei que o silêncio iria embalar nosso jantar.

— Sete anos.

Putá merda! Dei essa informação sem pensar. Se ela fizer as contas...

Marianne me olha com interesse e ela fez as contas. Posso ver em seus olhos.

— Só sete? O que fazia antes de ser terapeuta? Você tem o quê? Trinta anos?

Como eu iria contar a ela que antes eu era... Eu não tinha uma vida comum?

— Trinta e dois e eu fazia bicos.

— Então conheceu essa mulher sete anos atrás? Tipo... na faculdade?

— Sim.

— Ela já veio ao seu consultório?

— Sim.

— E por que não se veem mais?

— Por que o questionário, Srta. Cooper? — Inclino-me para frente. O gesto não a intimida.

— Nada. Eu só estou aproveitando que você está falando.

— Sei.

Sirvo mais vinho no meu copo.

— Já namorou firme? — pergunta.

— Nunca precisei. Agora chega de perguntas, eu lhe disse que minha vida particular não estaria em discussão.

— Não estamos em uma consulta. É um jantar de amigos.

— Mesmo assim. Você não é íntima o suficiente para saber detalhes.

Um canto da boca dela repuxa e eu achei que minha resposta meio rude a deixaria chateada.

— Só me responda mais uma coisa.

Respiro fundo começando a ficar exasperado.

— Manda.

— Por que nunca precisou? Todo mundo precisa de alguém.

— Eu não. Afinal eu sempre fui cercado de mulheres. Para que deixar um leque de opções por causa de apenas uma?

— Pelo simples fato de que essa uma te amaria e se importaria com você, com seus problemas e conquistas, te aceitaria até em seus piores defeitos. Já esse leque de opções nem se importa se você tem uma casa para voltar quando o dia termina.

Isso. Uma lição de moral é o que eu preciso. E atingiu bem no ponto certo. Na mesma ferida que eu vinha cutucando nos últimos meses. Sim, Marianne, eu sinto falta de alguém que se importe comigo. Nunca tive essa pessoa. Desde os 15 anos nunca tive alguém para me abraçar com amor e perguntar como tinha sido meu dia. Nunca tive alguém que sentasse ao meu lado sem segundas intenções. O sexo.

Por causa da única pessoa que amei mais que minha vida, eu caí no fundo do poço na adolescência e nada do que eu fizesse, comprando hotel, deixando essa vida, namorando Jill e até mesmo me casando a traria de volta. Kayla, minha irmã, está morta e levara minha alma.

— Bom, acho que eu tenho que te levar em casa. — Eu me levanto e começo a juntar as caixas vazias de cima da mesa. Geralmente pensamentos



existenciais me perturbam um pouco.

Ela fica surpresa me olhando. É nítido como meu humor mudou tão depressa. Marianne tocou em um ponto que costuma me machucar.

— Está magoado?

— Não, Marianne. Apenas temos que ir.

— Eu achei que minha consulta seria agora.

— Eu também achei. Mas você está muito sensível. Vá dormir, volte amanhã no horário que eu tinha marcado anteriormente.

— Tudo bem. — Ela se levanta e calça as sandálias. — Eu preciso mesmo de um tempo para pensar.

— Não vai formular bobagens e conspirar contra o tratamento. Aceite continuar com isso. Você mais que qualquer pessoal sabe que teve resultado positivo, afinal não conseguia sequer se deitar com Ryan. — Tento convencê-la.

— Tem razão. Foi um grande passo.

Ela assente e caminha para a poltrona onde a bolsa está.

— Eu preciso te perguntar uma coisa — digo.

Ela se vira e olha para mim.

— Diga.

— Você se importaria de usar algum tipo de anticoncepcional?

— Na verdade já estou usando. Eu fui a um ginecologista antes de dormir com Ryan.

— Isso é bom. Eu iria te indicar um bom médico, mas já que tem um, não precisa.

— Sim. — Ela perde o ar discretamente. — Eu tenho.

— Então isso é tudo.

Mais tarde, eu a deixo na porta da casa dela. Marianne não deixar que eu desça para abrir a porta. Sai depressa, mas, antes de entrar, coloca a cabeça dentro da janela do carro.

— Obrigada. Eu realmente precisava desabafar.

— Aproveite, amanhã não será desabafo. — Lanço uma indireta maliciosa e ela enrubesce. — Agora entre e durma, Marianne. Tem que estar descansada amanhã.

Ela concorda, me dá tchau e entra. Eu ligo o carro, os pensamentos turvos. Dirijo sozinho pela

noite. Sem música, apenas o silêncio é minha companhia. Mais uma experiência inédita para mim. Não consigo me lembrar quando foi que tive uma noite tão agradável que não tivesse sexo envolvido.

Chego cansado ao meu apartamento. Cansado, com o estômago cheio e ideias para o dia seguinte. Vou até a sala, abro uma estante, procuro e acho o que quero. Isso será bom. Levarei para Marianne.

Bocejo e vou para o quarto. Eu sou uma coruja, gosto de dormir tarde e não me lembro da época que eu sentia sono antes da meia-noite. Hoje é um desses dias. Acendo a luz do quarto e Jill se espreguiça manhosa na cama, vestindo apenas sutiã e calcinha. Parece uma ninfa safada, uma fantasia sexual viva. Ela não economizou dinheiro para ter o melhor corpo que podia.

— Oi, querido. Demorou.

— Jill?

Lembro que eu disse que ela poderia ficar. Droga, se eu lembrasse teria ido para o meu hotel.

— Estava esperando você. Parece exausto e triste. Vamos fazer algo para acabar com isso?

Exausto, sim, triste, nem um pouco.

— Estou bem, Jill. Só estou com sono.

Não estou disposto a gastar munição à toa com Jill. Quero guardar meu tesão para aliviar amanhã com Marianne. Começo a me despir depressa ficando apenas de cueca. Pego uma calça limpa na gaveta e visto. Vou ao banheiro escovo os dentes e volto. Pelo jeito, hoje terei companhia na cama. Jill está totalmente desperta.

— Venha, estou em brasas. — Ela diz abrindo os braços para mim.

— Jill, eu quero apenas dormir... estou mesmo cansado. E eu gosto de aproveitar quando tenho sono.

— Saw! Está me dispensando?

Sim, estou.

— Não, loira. Durma também. Vamos fazer uma coisa diferente para variar. — Deito ao lado dela, dou um beijinho nos lábios carnudos e ajeito os travesseiros na minha cabeça. Apago o abajur. Ela me olha como se eu a estivesse insultando.

Eu não me importo com o que ela pensa e caio em sono profundo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# DEZOITO

## SAWYER

Acordo com alguém batendo em minha perna. Abro os olhos assustado e olho para a mulher parada à minha frente.

— Que porra está acontecendo com você? Nunca dormiu tão cedo, nunca dormiu tanto. Está aí desacordado há oito horas seguidas.

Eu processo as palavras de Jill e me sento na cama. Nunca mesmo tinha dormido tanto, meu corpo está relaxado, suspeito que esse sono pode ser causado pela falta de exercício. Será? Hoje mesmo irei para a academia. Espera! Hoje não vai dar, tenho a consulta de Marianne. Será daqui a pouco, às dez da manhã. Ela prefere pela manhã para poder trabalhar à tarde.

Com promessas de uma manhã satisfatória, pulo da cama. Fico perplexo comigo mesmo, por

NACIONAIS - ACHERON

estar feliz só porque vou fazer sexo. Mas não qualquer sexo, não com qualquer uma. Hoje pretendo levar Marianne a um lugar tão alto que ela vai suplicar querendo mais. O que tenho que fazer é tomar banho, preparar o café e depois ir ao consultório. Já são oito da manhã.

De pé no quarto, me espreguiço e caminho para o banheiro. Jill para na porta e fica me olhando enquanto urino.

— Onde esteve ontem à noite? — indaga com olhos ávidos buscando em mim uma atitude suspeita.

Eu termino e viro para ela. Os olhos azuis me analisam.

— Eu disse que tinha negócios a resolver, Jill.

— Com alguma vadia?

— Mesmo se fosse, você não tem direito algum de me perguntar, lembra? — Coloco o creme dental na escova e me viro de costas para ela.

*Marianne está longe de parecer uma vadia. Marianne é a descoberta do século para mim. Jill, você não sabe de nada.*

— Como assim não tenho direito? Você está

NACIONAIS - ACHERON

saindo com outra pessoa?

Não respondo, afinal, estou com a boca ocupada. Termino de escovar e olho para ela.

— Sou eu quem deve perguntar o que está acontecendo com você. Nunca foi desse jeito, por que isso agora?

Ela me olha irritada. Deduzo que ela deve estar naqueles dias, é melhor não provocar.

— Desculpe, loira, estou cheio de problemas. — Vou até ela e dou um beijinho em seus lábios. — Você sabe que administrar empresas não é meu forte e o hotel está dando muito trabalho.

— É, eu entendo. — Ela dá um breve sorriso e sai do banheiro.

Está vendo como eu consigo facilmente dobrar uma mulher? Sou um gênio. Tiro a calça, a cueca e entro no box para tomar uma chuveirada.

Jill deve mesmo estar naqueles dias, pois não quis entrar comigo no banho.

Assim que tomamos café, eu a levo até o apartamento dela e de lá sigo para o hotel. Apesar de me deixar de cabeça quente, aquele novo empreendimento vai me dar lucro e me fazer tomar gosto para as finanças, assim espero. Veio na hora

NACIONAIS - ACHERON



exata. Preciso me sustentar de alguma forma, já que não posso mais atender no consultório.

O Kayla Plaza ainda não é uma rede sete estrelas, mas é de luxo e minha intenção é expandir o nome em outros hotéis, pousadas e resorts. O dinheiro que tenho guardado já dá para um bom pontapé nos meus planos. Eu não sei ao certo quando, em que parte de minha vida, tive essa ideia, de investir o dinheiro em alguma coisa. Foi tudo muito de repente. O dono do hotel o colocou à venda e eu vi pela internet o anúncio. Nem passava pela minha cabeça em me tornar empresário, mas ao ver o hotel por qual Kayla, minha irmã, se apaixonou quando era viva, eu não titubeei. Não poderia permitir que algo tão lindo fosse vendido e talvez reformado com outro visual ou até destruído para a construção de alguma outra coisa.

— Sr. Graham.

Alguém me chama e eu paro. É meu gerente.

— Diga, Arthur.

— As duas revistas... para as quais o senhor ficou de dar uma resposta ligaram pedindo para confirmar sua entrevista. Posso marcar?

Nem preciso pensar, minha agenda está desocupada mesmo.

— Marque para quando quiser. — Volto a caminhar e ele vem ao meu encalço.

— Onde prefere que seja a entrevista, senhor?

— Aqui. Quero passar a imagem de um empresário e não de um terapeuta. Acerte tudo com eles e me deixe a par de suas negociações.

— Sim, senhor.

Enquanto sigo para o escritório, eu me lembro da primeira vez em que botei meus pés aqui. Tinha 15 anos e Kayla, 13, foi pouco antes de tudo acontecer. Viemos aqui porque era o local de trabalho de minha mãe, que era recepcionista. Nunca tínhamos ido ao trabalho dela ou do meu padrasto, mas tivemos que passar no hotel para pegar o dinheiro da escola que ela tinha esquecido.

Enquanto eu seguia para o imenso balcão onde minha mãe trabalhava uniformizada, Kayla ficou no meio do hall olhando tudo. Os gigantes jogos de janelas, os lustres de cristais, as colunas de sustentação adornadas de dourado e branco e os móveis que ilustravam uma época distante. Na

época eu não sabia, mas agora tenho perfeita ciência de que é um hotel georgiano.

Kayla ficou muito encantada e me disse que um dia queria passar ao menos uma noite em um lugar daquele. Dissera que era a personificação de seus sonhos. Ela nunca passou um dia naquele hotel, pois, um mês depois, estava morta.

Dezessete anos depois, vi o anúncio de venda e não esperei para dar o primeiro e mais alto lance. O antigo dono tinha morrido e deixado o lugar para os dois filhos, que preferiram vender e dividir o dinheiro.

Fico satisfeito ao olhar os últimos balanços da reforma do hotel. Pego o telefone e peço para Arthur vir ao meu escritório. Ele chega em poucos instantes. Digo para ele me deixar a par de tudo, dou carta branca para ele tomar decisões sobre as entrevistas para os empregados, ele pode decidir sobre quem vai ser contratado e demitido.

Assim que terminamos, ele sai e eu recosto na cadeira olhando tudo à minha volta. Está indo muito bem. Estou fazendo umas reformas melhorando a estrutura e reabrirei em uma festa luxuosa, com cara de reinauguração. Por ter o nome

conhecido no meio das celebridades, tenho certeza de que serei agraciado com grandes nomes no dia da reabertura.

Ser famoso tem seu lado positivo. Com a fama do meu novo hotel em alta, logo poderei começar a construir ou comprar outro. Penso em criar diversas pousadas no mesmo estilo em cidades menores, é um projeto audacioso, mas que poderá dar certo.

Às dez horas, saio do hotel depois de ter feito um tour com Arthur pelas dependências olhando cada mínimo detalhe. Quando verifiquei que tudo estava em ordem, me despedi e fui para o meu consultório.

Quando me aposentar, venderei aquele imóvel, que, por sinal, fica aqui perto. É outra garantia de lucro. Penso na minha aposentadoria iminente. Poucos meses atrás, eu teria ficado revoltado por estar sendo obrigado a deixar minha profissão, mas agora sinto apenas alívio. Acho que já deu o que tinha que dar, não posso me comprometer, não posso sonhar em ser preso e acabar com minha reputação, é melhor eu sair com pinta de terapeuta do que de enganador. Adeus,

hotel famoso, se essa bomba explodir na mídia.

Não preciso mais praticar sexo com mulheres desconhecidas, pelo menos não por dinheiro. Mesmo assim estou arriscando tudo ao receber Marianne no meu consultório.

Arrumo tudo para esperá-la e, dez minutos mais tarde, ela chega. Está linda como sempre, com um visual simples e nada apelativo. Usa um vestido que balança enquanto ela se move. O comprimento fica um pouco acima dos joelhos e o decote no seio não é muito extravagante.

— Oi – diz, um pouco tímida.

— Oi. – Caminho até ela e dou um beijo em seu rosto levemente corado. – Entre, por favor. Hoje vamos direto lá para dentro, tenho uma coisa para mostrar a você.

Marianne não se detém e nem pergunta nada, apenas me segue para dentro do estúdio.

Este lugar foi projetado por Amanda, e sei muito bem de onde tinha vindo essa ideia. Sei o que ela queria e nenhuma das minhas pacientes sabe que aquele estúdio que criei para tratá-las também foi usado muitas outras vezes para as ideias libertinas da Amanda. Mas dei um basta em tudo e

ela ficou frustrada quando eu não permiti mais a entrada dela no meu consultório.

Abro uma das portas, segurando um envelope com o que irei precisar. Deixo Marianne entrar e fecho a porta. O cenário é uma sala de estar normal. Com TV, sofás e tapete. A única que funciona de verdade, com aparelhos de áudio e vídeo de altíssima geração.

— Fique à vontade, por favor. — Enquanto ela olha tudo ao redor, analisando cada coisa, abro o envelope em cima da mesinha de centro e pego um DVD.

— Quem decora esses ambientes para você?  
— pergunta, acariciando uma planta falsa no canto da parede.

— Uma amiga.

— A mesma amiga?

— Como?

— A mesma que ensinou tudo para você?

Ligo a enorme TV e coloco o disco no aparelho de DVD.

— Ela não me ensinou tudo, Marianne, apenas o que se refere a entender as mulheres.

— Hum. Entendo. O que é isso? — Ela aponta para a TV na função pausa.

— Sente-se aqui. — Indico uma poltrona reclinável para ela. — Eu vou me sentar ali.

— O que é isso, Sawyer? — Ela torna a perguntar.

— Apenas sente-se, Marianne.

— O que custa revelar o que vamos assistir? — Insiste.

— Sente-se e logo saberá.

Vejo os olhos dela brilharem de raiva e fico tenso com a cara feia que faz.

— Droga, Marianne! Preciso de você calma e relaxada. Pare de reclamar. — digo,, revoltado.

Ela tira as sandálias e senta-se na poltrona. Respiro aliviado, claro sem deixar ela perceber.

— Como da outra vez, não quero que você se mexa, eu preciso ver a reação do seu corpo, tenho que saber do que gosta e do que não gosta.

Ela balança a cabeça, assentindo.

Agacho perto da poltrona que ela está. O cheiro de rosas que emana do corpo dela me deixa atônito. Tento ignorar, mas não consigo parar de

senti-lo é como uma droga da qual preciso.

— Marianne, você me disse que nunca assistiu um filme pornô, não é?

— Vou assistir um filme pornô? — Ela grasna e se mexe quase em desespero, e eu fico sem reação ao ver raiva nos olhos dela. As mãos delicadas vão para meus ombros e ela tenta me empurrar para sair. Coitada. Eu nem me movo. Seguro firmemente nos braços dela.

— O que fazemos aqui é descoberta, Marianne. Você precisa ver outras pessoas fazendo sexo, precisa saber o que pedir quando estiver na cama com um homem. A primeira aula de hoje é teórica. — Eu aponto para a TV.

— Eu não vou assistir a um filme indecoroso, cheio de machismo e perversão! — grita, inclinando a cabeça para bem próximo de mim, com o rosto distorcido de raiva, como o daquelas pessoas que vão para a rua protestar por alguma coisa. — Considero a pornografia o nível mais baixo de todos, repudio essas mulheres que se rebaixam a tanto e odeio esses homens que se prestam a esse papel que, com certeza, é...

— Chega! — Eu faço ela se calar. — Pare



com isso! — Revido com brutalidade. — Não estou pedindo que entre na TV e faça sexo com um ator pornô e muito menos que se vicei em pornografia. Seja sensata e veja antes de julgar, pois está se baseando na opinião de outras pessoas, já que nunca viu um vídeo desses.

— Eu me recuso a...

— Marianne, por favor. Não estou perguntando se você gosta ou se apoia a prática. Precisa fazer o que digo, poxa. Lembra-se do contrato? Enquanto estiver aqui comigo tem que se submeter ao que eu achar que é bom para o seu tratamento.

Ela se cala me olhando com aqueles olhos cor de âmbar, rebeldes e arregalados, acho que ficou intimidada com minha explosão. Não sinto pena e nem arrependimento do modo como eu falei com ela. Ela mereceu, tem que saber que assim como existem profissões como médicos e engenheiros, existem atores pornô e terapeutas sexuais. E digo isso a ela.

Pelas narinas infladas, ela não está gostando nem um pouco, mas não diz mais nada. Fica emburrada, fazendo aquele biquinho charmoso que

me dá nos nervos. Já que não posso beijá-la, é melhor me afastar.

— Assim está melhor. — Aperto o play do DVD e o filme começa.

— Eu vou colocar apenas a primeira cena de sexo, não vamos assisti-lo todo. Quero que pergunte tudo sobre o que tiver curiosidade, tudo bem?

Ela não respondeu.

— Você me ouviu, Marianne?

— Ouvi. — Resmunga feito uma criança malcriada.

— Responda, por favor. — Eu peço com firmeza.

— Tudo bem — diz, quase gritando.

Apago a luz, deixando apenas as luzes indiretas dos cantos do teto.

O filme começa. Escolhi esse especificamente por ter a cena de um casal com idades diferentes. É um fetiche, uma mulher bem mais nova e um cara mais velho, apesar de que, no pornô, os atores nunca parecem velhos.

Na cena, o homem é amigo do pai da garota.

Eles começam a se pegar na cozinha. Fico olhando mais para Marianne do que para o filme, já tinha assistido mesmo.

Ela está começando a sentir as reações causadas pelo filme. O homem tinha colocado a garota deitada na bancada com as pernas abertas e estava com a cabeça no meio delas.

Vejo os olhos vidrados de Marianne.

Parece horrorizada, mas eu noto a resposta em seu corpo. Estou bem perto e vejo os bicos dos seios ficando duros por baixo do tecido do vestido, a respiração começa a ficar pesada e ela se mexe a todo momento. Olha para mim de soslaio e eu dou uma piscadinha safada junto com um meio sorriso. Escolho justamente aquele sorriso que consegue desconcertar qualquer mulher. É com ele que costumo conseguir novas pacientes. Um rubor sobe por todo o rosto dela.

Agora o homem abre a braguilha e a jovem ajoelha na frente dele para abocanhar o pênis enorme.

Atores pornô não são escolhidos por beleza ou atuação como atores normais. São escolhidos pelo tamanho do pau. Quanto maior fosse, mais

sucesso faria.

Marianne respira fundo. Não desgruda os olhos, meio horrorizada, mas finge indiferença.

Vou adorar acabar com essa pose logo depois na cama. Pode aproveitar seus últimos momentos de paz. Pretendo me certificar de deixar seu corpo todo bem doloridinho.

A atriz agarra com ânsia o pau duro do cara e chupa com vontade. A baba escorre pelos lábios dela. Marianne olha estatelada para mim.

Eu dou um sorriso descarado. Ela vira rápido de volta para a TV. Ainda não posso repetir essa cena do filme com Marianne. Ela ainda é inexperiente e não parece estar com a mente aberta para tudo que o sexo propõe. Vou com calma, farei com que ela saboreie as delícias que eu posso dar. Com muita calma, nem que para isso sejam necessárias 30 sessões. E quem pode me culpar? Essa boca atrevida e rosada me deixa louco, se não posso beijá-la, então terei que me contentar com outras coisas dela.

Meu pau lateja quando penso nele todo enterrado na garganta dela. Enrijeço o queixo e dou uma apalpada generosa por cima da calça.

Ela me olha.

— Tudo bem? — pergunto.

— Sim — responde, envergonhada.

— Está vendo que a garota não está sendo obrigada? Olha para a cara dela. É de quem está odiando?

— Não.

— Volte a assistir. — Eu digo com a voz baixa e bem sexy de propósito. Ela volta a olhar para TV. No momento, a garota beija o homem, depois vira-se de costas para ele, recostada no balcão, com a bunda para cima e ele soca em uma única arremetida. A garganta de Marianne sobe e desce mostrando que ela engoliu em seco. A jovem no filme geme enquanto o homem aumenta as socadas brutas.

Apesar do clima agradável proporcionado pelo climatizador de ar, vejo um pequeno filete de suor descer no canto da testa de Marianne e dou um sorriso.

*Você não sabe o que é suar.*

— Como... como ela...

Ela começa a perguntar, mas baixa os olhos,

com o rosto corado.

— Pergunte. — Incentivo-a

— Parece... desconfortável, de pé e por trás.  
— diz bem baixinho, recusando-se a olhar para mim.

Fico mais fascinado ainda. Nunca fui de me interessar por mulheres inexperientes que não pudessem me dar prazer, geralmente quero tudo já pronto para o ato. Não tenho paciência de ensinar como agir na cama. Entretanto, a inexperiência de Marianne me deslumbra. Ensiná-la tornou-se meu maior desafio e melhor hobby. Marianne é daquelas mulheres que acham que sexo precisa estar restrito a uma cama. Para alguns, isso poderia ser o cúmulo do absurdo, mas, para mim, é o paraíso. Já tenho uma posição em mente para usar com ela daqui a pouco. Ainda olhando para ela, com meus olhos brilhando de desejo, eu respondo. Ela está de cabeça meio baixa, mordendo o lábio.

— Não é nada desconfortável. Se quiser descobrir na prática...

Marianne levanta os olhos e me encara. Achei que ela não podia ficar mais vermelha. Não responde mais nada. Volta a olhar para TV.

Trinta e três minutos depois, o vídeo acaba e eu desligo a TV. Levanto depressa e seguro a mão de Marianne.

— Levante-se.

Ainda assustada pela minha pressa, ela se levanta e eu a envolvo com um braço enquanto, com a outra mão, invado a parte debaixo do vestido dela. Ela dá um pulo.

— O que está fazendo? — grita, tentando me afastar.

— Pare. — Seguro-a mais forte. — Estou verificando os resultados. — Minha mão puxa a calcinha dela e meus dedos a afagam em uma carícia terna.

E comprovo. Ela está bem úmida, os seios duros e a boca seca.

Solto-a com cuidado. Marianne está sem fôlego. Justamente como eu quero.

— Fiz isso porque você poderia mentir para mim dizendo que não sentiu nada.

— Ora, seu atrevido. — Ela tenta me empurrar.

— Sou mesmo e estou tentando fazer com

que você seja também. Agora venha comigo. —  
Aperto a mão dela.

— Para onde?

— Apenas venha, Marianne.

Seguro o braço dela levando-a para fora.  
Caminhamos para outro compartimento, uma  
cozinha. Entro e fecho a porta.

É agora que a delícia acontece.



# DEZENOVE

SAWYER

— Marianne, a gente já conversou ontem à noite. Eu te dei uma nova experiência fazendo-a assistir aquele filme, agora nós vamos fazer o mesmo que aqueles dois fizeram, quero apenas te mostrar que as atrizes pornô são mulheres com desejos igual a você. Claro que, na maioria dos filmes, elas fingem um orgasmo fantasioso, sorrisos e expressões de quem está adorando, gritos hollywoodianos para deixar nas alturas quem assiste. Mas, em geral, sentem prazer também.

— Tá me comparando a uma atriz pornô? Ficou louco? — Ela me empurra verdadeiramente indignada. É inútil, mais uma vez não me movo do lugar. Vejo frustração nos olhos dela.

— Não. Eu quero mostrar a você que pode fazer o que elas fazem sem se sentir uma prostituta.

— Eu me recuso a...

— Não tente. O que a gente conversou sobre se submeter ao meu tratamento? — Me aproximo e coloco o cabelo dela atrás da orelha. — Você vai gostar, Mary. — Elaboro uma voz mais suave, acaricio o queixo dela e os lábios instintivamente se abrem. — Venha, seja boazinha.

Seguro a mão dela e a levo para dentro da cozinha. Marianne caminha seduzida pelo meu charme. Num impulso, eu a jogo contra o armário e começo a beijar o pescoço dela. Meus lábios percorrem afoitos seu queixo liso e delicado. Preciso de toda força para não beijar esses lábios entreabertos ofegantes.

— Graham... eu não sei... como... eu não posso ainda...

Ela está engasgada, sem fôlego. Eu paro e espero para saber o que ela quer dizer e Marianne aponta minha calça, provavelmente insinuando sexo oral. Entendo e dou um sorriso.

— Tudo bem, hoje, não. Ainda não. — Sinto o corpo dela relaxar e recomeço a seduzi-la com minha boca. Enquanto meus lábios fazem um bom trabalho no pescoço delicado, minhas mãos

ajudam: uma segurando o seio por baixo do tecido e a outra por baixo da saia do vestido.

— Sawyer... Eu...

— Shhh. Não fale, Mary. Levante os braços.

— Peço e ela obedece, eu fico feliz por manter uma forte persuasão sobre as mulheres, não é diferente com ela. Não é de se espantar que meus amigos fiquem putos com minha capacidade de hipnotizar.

Tiro o vestido dela com facilidade e, antes de prová-la, fico olhando-a.

— Algum problema? — pergunta Marianne meio alarmada.

— Nenhum.

Abaixo os lábios e beijo vagarosamente a pele acima dos seios. Marianne afunda os dedos nos meus cabelos segurando-os com força. Não quero ir muito rápido. Foram dias de desejo reprimido e sonhos frustrados. Quero aproveitar o momento.

A pele dela não tem gosto apenas de pele, além da suavidade, tem uma doçura natural que faz meus lábios viciarem. Eu gostaria mesmo que esse gosto, o gosto de todas as partes dela, ficasse por horas impregnado em meus lábios.

Com movimentos rápidos, tiro um dos seios de dentro do bojo do sutiã e repito o movimento com o outro. Ao ver as duas belas obras da natureza à minha frente, meu corpo todo responde de maneira urgente. Bem selvagem eu diria. *Quero urgentemente meu pau ali no meio deles.*

Ela tem seios perfeitos, deliciosos. Durinhos e empinados. Uma sombra de revolta passou por mim ao saber que Ryan tinha tocado neles. A pele alva e cheirando a rosas que agora posso saborear. Apenas eu.

Farei de tudo para colocar ideias na cabeça dela e impedir que outro ao menos chegue perto. E não me sinto mal por isso. Ryan é o oficial, sou apenas o outro. Mas sinto uma possessividade tão grande em relação a esta mulher que não posso e nem quero explicar.

Marianne geme com a cabeça jogada para trás, os cabelos em cascatas caindo-lhe pelas costas. Fico arrepiado ao ver a imagem, ela é um anjo da beleza. Muito gostosa! Eu tenho uma batalha interior que me impede de jogá-la no chão e possuí-la com força.

*Não posso assustá-la, não posso assustá-la!*

— Repito o mantra e me concentro.

As unhas dela cravam em meu braço. Eu gemo e dou um sorriso com o formigamento que foi desde o ponto que ela tocou até entre minhas pernas. Meu pau não tem como ficar mais duro, sinto as veias latejando. É como uma injeção de algo tóxico tomando todo meu corpo, centímetro por centímetro, que me deixa fervendo de tesão.

— Sawyer... — Ela grunhe. Depois levanta a mão e acaricia meu queixo. — Você fica tão sexy com barba. — Marianne diz arfante, e, logo em seguida, pareceu perturbada em ter falado aquilo. — Me desculpe...

Tira a mão do meu rosto imediatamente.

Eu sei, foi um pensamento que ela acabara revelando sem sentir, no calor do momento e... porra! Aquilo inchou meu ego de tal maneira que quase flutuei. Jill tinha me dito que não gostava de homens com barba por fazer e agora Marianne acidentalmente solta que me acha sexy com barba. Preciso dizer qual escolha fiz?

Ficamos parados, bem perto, agarrados um ao outro. Apenas nos olhando.

*Deus! Que vontade de beijá-la.*

Resisto a meu impulso e a deito no balcão da cozinha improvisada. Com dedos ágeis, afasto a calcinha porque estou sem paciência de tirá-la. Encosto o quadril dentro das pernas abertas. Seria tudo mais fácil se estivéssemos sem roupas e isso daqui não tivesse esse clima de terapia.

Marianne murmura e choraminga algo indecifrável. Não estou me importando em traduzir nada agora.

— Calma. Hoje eu vou lhe apresentar uma nova sensação. — Sussurro com os lábios bem próximos aos dela.

Enquanto minha mão afaga o seio esquerdo, desço meus lábios até entre as pernas dela e vou fazendo um caminho de beijos da panturrilha lisa e macia até o ponto que já estava úmido por baixo da calcinha. Dou uma mordidinha na lateral carnuda. Ela geme e eu sorrio.

— Ryan fez isso? — pergunto.

Ela me olha alarmada.

— Não... Pelo amor de Deus, Graham, o que está fazendo, eu não...

Marianne pressente o que eu vou fazer porque assistiu ao vídeo. Tenta empurrar minha

NACIONAIS - ACHERON

cabeça para impedir, mas eu resisto sem sair do lugar. Acho que, no lugar dela, eu ficaria frustrado se tentasse a todo custo afastar alguma coisa de perto de mim e essa coisa não se movesse.

— Você vai adorar. — Minha voz saiu lasciva. E sem dar tempo de ela replicar, mergulho ali.

O choque a faz querer fechar as pernas, mas seguro-as com força, bem abertas e convidativas. Deposito no clitóris um beijinho antes e logo em seguida uma generosa lambida fazendo-a se contorcer. Quem é o desbravador agora, linda jovem? Eu me sinto o rei do pedaço, sou o primeiro a tocá-la dessa forma. Fecho os olhos e aspiro o cheiro. *Mulher! O natural cheiro do vício de nós, homens.*

Por isso que eu adoro ser homem.

Marianne arqueia as costas e toca seus próprios seios tentando saciar a dor lacerante do prazer que sente com minhas lambidas ousadas. Sugo o clitóris dela fazendo-o ficar inchado, depois, com os dedos, afasto os lábios carnudos deixando-a mais aberta para minha língua incessante. O prazer é tanto que fecho os olhos

sentindo a doçura e umidade dela.

Ela gosta de meus pelos no rosto começando a nascer? Então espera só até sentir a aspereza deles na boceta latejante, propositalmente esfrego o queixo no sexo pulsante no meio das pernas torneadas e ela geme quase aterrorizada segurando forte meus cabelos. Rio por causa da dor no meu couro cabeludo. Ali na minha frente, está a visão do paraíso. Ela tem belas pernas, uma cintura fina e um bumbum extraordinário. Quero essa bunda também. Mas depois que eu saciar toda minha obsessão pela boceta dela.

Levanto meu rosto e esfrego o polegar gentilmente no mesmo lugar onde meus lábios sugavam, então enfio um dedo bem devagar e torno a tirá-lo. Está perfeitamente ensopada. Não tem como ficar apenas vendo. Como se fosse um sorvete, abaixo novamente e abocanho a boceta gulosamente. Delirando com o gosto úmido dela, fodendo-a impiedosamente com minha língua, saboreando a carne sedosa e testando a abertura dela. Marianne grita e se contorce.

— Por favor... Oh, meu Deus!

Balança a cabeça para os lados e eu



continuo segurando firmemente as pernas dela para não deixar que feche. Continuo insistente. Meus dedos pinçando um dos mamilos e minha boca sugando todo o vigor de que ela dispõe. Eu a quero explodindo assim na minha boca.

Marianne grita e se derrete em pedacinhos. Não deixo que ela desvie e meu desejo é cumprido ao receber com satisfação o orgasmo dela em meus lábios. Após se contorcer, revirando os olhos e com meu nome nos lábios, o corpo saciado está mole deitado sobre a bancada, de olhos fechados, narinas infladas e lábios entreabertos.

*Me perdoa, querida. Não terá o luxo de se recompor.*

Eu já estou duro como pedra. Abro o zíper, nem tiro a calça. Coloco meu pau para fora, seguro a mão dela e a puxo para o chão. Ela me olha meio alerta, sem entender. Com cuidado, viro-a de costas para mim, ela ainda está se recompondo do orgasmo que tivera, quando eu a penetro com firmeza, tudo de uma única vez. Sei que ela aguenta, está bem lubrificada para receber meu pau. Ela grita e segura no meu quadril tentando me empurrar pra esperar um pouco.

— Estou matando sua curiosidade. — Inclino-me para frente e cochicho no ouvido dela. — Sente como é delicioso assim por trás? — Puxo meu pau e a boceta dela contrai. Meto de novo indo até o fim e mantenho todo o meu pau dentro dela, abraço-a e minhas mãos cobrem os seios. Ela treme por causa do meu pau parado e cravado, recheando a boceta apertada. Mordo a orelha dela e dou uma rebolada caprichada fazendo meu pênis dançar lá dentro. Marianne lamenta alto, mas pude ver um meio sorriso nos lábios dela.

— Gostou? — pergunto em meio a um sorriso.

— Oh! É tão profundo...

Saio bem devagar e agora meto com mais calma. Primeiro só a cabeça, que está uma maravilha, grossa e latejante, massageando a entrada. Quando percebo que ela está desesperada por mais, eu termino de introduzir o resto até sentir minhas bolas na bunda dela. Fico mais algum tempo nessa doce e lenta foda. A trepada forte vem por aí e preciso alargá-la.

Depois de dar alguns gemidos altos, ela cai sobre o balcão, eu dou uma risada safada e abafada

no pé do ouvido dela. Marianne solta um insulto e, como resposta, dou um tapa na bunda arrebitada. Ela se contorce toda e, meio tímida, faz alguns movimentos de quadril contra o meu, como se quisesse foder meu pau. Assim como eu, ela está ansiosa por algumas socadas satisfatórias. É preciso toda minha concentração para não gozar litros dentro dela. A boceta gulosa de Marianne não para de piscar e contrair em volta do meu pau. Eu devia ter batido uma antes de ter vindo. Vai ser difícil conseguir segurar tanta porra por tanto tempo.

Então, fico ereto atrás dela, abro um pouco as pernas e começo um ritmo constante de entra e sai, segurando na cintura dela. Mantendo-a com o torso caído sobre a superfície lisa. E foi dada a largada. Bato sem pena meu quadril contra ela, tocando-a bem fundo, sentindo o canal vaginal se expandindo a cada socada, a bunda dela é uma visão perfeita e dou um tapa antes de apertá-la com gosto.

Tiro minha camiseta e desabotoo o cinto sem parar de meter. O barulho provocado por minhas socadas ferozes e delirantes é uma canção aos meus ouvidos, me deixa mais ainda doido, meu pau explodindo de tão duro. E quando olho para

NACIONAIS - ACHERON

baixo vendo meu pau deslizar facilmente e a boceta dela se abrindo para me receber, a coisa fica ainda mais intensa. Um homem nesse estado precisa ser guerreiro para não gozar tudo de uma vez. Paro um pouco, fingindo que vou descer a calça. Mentira, apenas estou prolongando minha liberação.

— Merda! É muito gostoso! — Ela resmunga e segura com força na bancada enquanto eu a empurro para frente, tentando de alguma maneira não ser tão bruto. Mas com meu pau sendo afagado por essa loucura que é a boceta dela, é difícil tomar juízo. Os gemidos altos de prazer são também um bálsamo para mim. É muito bom saber que posso levá-la às alturas e depois jogá-la lá de cima. Marianne também sabe disso. Ela seria uma doida se decidisse abdicar da terapia comigo.

— Sawyer... — Ela geme.

— É gostoso pra cacete, não é? Isso é sexo, Marianne!

Prossigo com as socadas rápidas e molhadas do meu pau, meus gemidos que se misturavam aos dela.

— Sawyer... por favor...

— Eu sei. É delicioso. — Inclino-me sobre

ela e mordo a orelha. Marianne choraminga pedindo por mais e suas mãos vão para as costas na esperança de me segurar, de me abraçar para mais perto dela.

— Calma que estamos só começando. Relaxe e aproveite.

Dou um beijo nos cabelos dela e novamente fico de pé atrás. Ela vira a cabeça para me ver e suspira. Gostou do que viu, seus olhos brilharam e a boca ficou entreaberta. Uma injeção para subir mais ainda meu ago.

Com uma das mãos, eu seguro o ombro dela e com a outra, a cintura, tentando um contato mais fundo. Puxo-a para trás e meto sem medo. Testo alguns movimentos e decido por um ritmo legal de bate-estaca.

Sem conseguir me controlar, minha velocidade aumenta, estou totalmente entregue como nunca estive antes. Soco com vontade, rugindo alto de tesão gostoso. Sempre consegui controle absoluto no sexo, mas, com ela, não há planos nem regras, é apenas prazer e muito prazer. Os gemidos altos e agudos são doces, começam a aumentar até virar gritos. Eu socando, ela

molhando mais o meu pau. Sinto as pernas dela fraquejarem e a mão trêmula vai para as costas tentando me afastar.

— Não aguento... É demais... — Ela grita e eu paro as estocadas. Eu sou grande e ela ainda não estava acostumada a um sexo tão forte. Preciso deixar para trás meu costume *hardcore*.

Sentindo-me culpado e um maldito cretino por possivelmente tê-la machucado, inclino-me ofegante, mordo e chupo o pescoço dela.

— Me desculpe — sussurro.

— Você é muita comida para um pequeno prato como eu, Sawyer... Eu não estou acostumada.

— Me perdoe. — Torno a dizer.

— Não perdoarei se continuar aí parado.

Dou uma risada que acaba se misturando com uma que ela também dá em seguida. Posso sentir como ela relaxou. Recomeço, agora mais devagar. Enterro aos poucos, vou até o fim, volto até quase a saída e continuo nesse ritmo.

— Assim está bom? — pergunto, bem manso.

— Está. Muito... bom.

— Você vai gozar nessa posição, tá bem?

— Por favor... faça isso.

Recomeço e não demora muito para ela se derreter novamente em torno de mim. Ela grita, eu a seguro com força e continuo movimentando-me sem parar para tentar prolongar o orgasmo dela. Acho que ela gozou tudo que podia, mas isso é o que vamos comprovar daqui a pouco. De rosto colado na superfície plana, Marianne ofega. Acaricio os cabelos dela e dou a ela o luxo de se recompor antes de ter mais. Caio sobre o corpo macio e quente e fico descansando. Não sei se ela sabe, mas eu não gozei ainda e estou louco para isso. Meu pau duro e pulsante reclama dentro dela. Ele pede que eu continue a foda, para que toda a potência de porra que se formou no meu saco seja liberada.

Eu me levanto trazendo-a comigo. Ela se apoia firme em mim.

— Uau. Está suado... — Ela fala acariciando meu peito. Dou um sorriso, acaricio a bochecha dela e a pego no colo.

Está um pouco difícil andar com ela no colo por causa da minha calça meio abaixada. Marianne

passa os braços em volta do meu pescoço.

— Nossa. Agora eu compreendo o sentido de "*intenso*" que Candice me alertara. — Ela diz com a voz mais calma. Os lábios abafados contra meu ombro. Eu sorrio e a deito na cama. Permaneço de pé, tirando a calça e a cueca, Marianne fica deitada olhando extasiada para mim e eu olhando da mesma maneira para ela. Dois pares de olhos implorando pelo contato com o corpo do outro. Ela está mais que uma sereia sedutora. Deitada com a pele alva levemente brilhosa pelo suor, os lábios entreabertos respirando ainda ofegante e os cabelos em desalinho completo. Engatinho como um predador em cima dela, vejo tesão e muito desejo nos olhos dourados. Ela morde os lábios.

— Não terminamos?

Expectativa pura no rosto rosado. Eu sabia que ela ficaria com esse rosto de mulher viva depois que passasse por umas boas sessões de terapias.

— Eu lhe dei ali na cozinha o que perdeu com Ryan. Agora te darei o que merece por tantas coisas que vem fazendo. Está muito rebelde pro



meu gosto.

— Dr. Graham... eu...

O olhar de medo dela me desconcerta. Lembro-me de ter sido um bruto pouco tempo atrás.

*Droga! Nada de amedrontá-la, torno a lembrar.*

— Fique calma. Está mais confortável agora. Eu não vou puni-la, falei brincando.

Fico de joelhos e abro as pernas dela. Com dedos leves a acaricio bem suavemente, fazendo uma massagem leve no clitóris e nos lábios vaginais.

— Está muito dolorida?

— Eu estou bem...

— Não quero machucá-la.

— Não me machucou.

Eu balanço a cabeça assentindo e pouso meus lábios na vagina dela para um beijo. Depois me ergo ficando de joelhos e empurro as pernas dela para cima fazendo os joelhos dobrarem. Com muito cuidado, a penetro bem vagarosamente.

— Sinta, Marianne, quero mostrar a você do

que seu corpo é capaz e como um homem pode satisfazê-la. — Sussurro mantendo os olhos dela cativos nos meus.

Começo a me movimentar tão lentamente que é quase um suplício para mim. Eu tenho controle, mas ela já está em brasas. Continuo a tortura e enquanto meu pau entra e sai lentamente, meu polegar faz movimentos circulares no clitóris.

— Por favor... eu não vou aguentar. — Ela tenta se levantar, mas eu a jogo na cama de novo.

— Se não se acalmar, será pior, vou recomeçar do zero. — Aviso.

Não há hostilidade na minha voz, ao contrário. Há promessa velada de muito mais prazer e essa é a verdade absoluta, eu quero prolongar o máximo nosso momento.

Ela se contorce, mordendo os lábios, meu quadril balança devagar e quando ela me vê sorrindo, diz:

— Patife. — Ela choraminga. Eu a ignoro e recomeço tudo de novo.

— Hoje à tarde quando se mover no seu elegantíssimo escritório, na sua elegante saia social, não poderá se esquecer disso já que estará um  
NACIONAIS - ACHERON

pouco dolorida. Agradeça por eu não deixar você deliciosamente dolorida até a próxima consulta.

Tiro meu pau de dentro, massagueio o clitóris dela com minha rola, torno a meter, e ela arqueia.

— Devore meu pau, baby. Quero que sua bocetinha engasgue com tanta porra que lhe espera, quero você sugando meu pau até arrancar minha última gota. — Jogo meu corpo para cima dela e meto fundo.

Aos poucos, vou me movimentando mais rápido, ela gritando e segurando meus braços já suados. Depois as mãos aflitas dela vão para minhas pernas, mas, como se tivesse encontrado uma ratoeira, ela para e volta para minhas costas. Mais uma vez, ela continuou tocando só braços e costas.

— Vou ser bonzinho, farei você gozar. — Vou para cima dela e bato meus quadris fazendo-a ondular, minhas estocadas ficam mais fortes e fundas, meu pau se lambuza deliciosamente nas arremetidas gostosas, meus músculos saltam, meus nervos tencionam e um prazer doloroso vai me tomando por inteiro. O cheiro de sexo impregna na nossa pele e falta apenas o beijo. Tenho que

compensar a falta dele comendo-a e saciando minha vontade.

— Vamos Mary, goze para mim. — Ordeno. Ela é deliciosa, eu me seguro para não gozar primeiro, abro minha boca e ataco os seios dela, chupando como um louco enquanto meto o pau como um louco. Puta que pariu! São sensações enlouquecedoras, a espera está me matando e eu não consigo mais segurar.

— Porra, Marianne! Que delícia! Goze comigo. — Rezo para que ela goze logo. Por sorte sinto os músculos dela enrijecendo ao redor do meu pau e ela grita segurando forte meus braços e, após mais duas estocadas fortes, eu me libero em um gozo tão intenso que agora eu sei o significado da palavra que Candice tinha falado. Isso é intenso, foi disso que ela tentou livrar a amiga, é dessa intensidade que eu preciso ficar longe, mas agora que já tinha conhecido o melhor como me afastar?

Isso soa como *A caverna*, de Platão. Depois que se sai da escuridão e encontra a luz e tudo que ela proporciona, é muito difícil retornar para o mesmo lugar de antes. Eu sei que isso aqui dentro de mim, me incomodando e que muitos chamam de

sentimento, se dá pelo fato de ela ser novidade e, quando não for mais, eu a deixarei ir, porém, enquanto isso, Marianne Cooper é minha. E eu farei de tudo para ela não se deitar mais com o namorado dela, não enquanto o tratamento durar.

Ficamos ainda algum tempo conectados. Ela esgotada na cama e eu em cima dela, sentindo minha porra dentro dela, rodeando meu pau. Dou mais uma socada até o fim e saio bem devagar de dentro dela. A ponta do meu pau goteja e o esperma branco e viscoso escorre da vagina dela. É uma visão muito foda uma boceta toda rosadinha e brilhando, melada e cansada das batidas de um pau obcecado. Não vou limpá-la. Quero que ela fique assim: inundada com meu leite.

Eu a deixo dormir um pouco. Foram três orgasmos, ela não está acostumada a tanta intensidade. Apoiado no cotovelo, fico olhando-a dormir. Tão serena, tão linda. A delicadeza dela me impressiona, a beleza me fascina. Acaricio de leve o rosto dela. Inconsciente Marianne ergue a mão e coça o lugar que eu tinha tocado. Se minha vida não fosse um lixo, se eu a tivesse conhecido em outras circunstâncias... Eu poderia até pensar em... Ela merecia toda intensidade de um verdadeiro

NACIONAIS - ACHERON

relacionamento, mas não seria eu que daria a ela em um futuro próximo. Outro homem seria responsável por isso.

Esse pensamento me incomodou mais do que devia.

Tiro os cabelos dela dos olhos e ela se mexe mais uma vez coçando o nariz. Olho para os lados como se alguém estivesse me olhando, como se eu fosse uma criança prestes a fazer uma traquinagem. Engulo em seco e inclino meu rosto. Isso é errado, o beijo é uma regra imposta para me proteger, não protegê-la. Porém, apesar de tudo, sou homem e não consigo resistir àqueles lábios. Inclino-me e beijo os lábios de Marianne que não viu, nem ficará sabendo.

# VINTE

## MARIANNE

Minha agenda está lotada. Tenho duas obras para visitar essa tarde, uma reunião com os donos de uma chocolataria que tinham encomendado projetos de designer para suas lojas e viriam também para ver a apresentação. Além de ter que escrever alguma coisa para a minha coluna na revista dessa semana. Só hoje, três clientes muito importantes precisavam dos meus serviços, é o dia em que terei que manter a calma e ficar bem relaxada, mas também é o dia em que acordei para algo que estava morto há muito tempo, que eu não sabia explicar ou não queria explicar. Sawyer tinha me deixado de pernas bambas, ou melhor, ele tinha me deixado desnorteada da realidade.

Estou na sala de reuniões, sozinha. Na minha frente há uma jarra de água com gelo que eu

já tinha tomado quase toda, pois, sempre que me mexia na cadeira e me lembrava de hoje mais cedo estar entregue nos braços fortes daquele homem gostoso, sentia sede. Um fogo tinha nascido dentro de mim e foi esse fogo que me fez ficar eufórica para dormir com Ryan, mas, quando estava nos braços do meu namorado, descobri que Ryan não podia apagar essa chama que me consumia.

Isso que eu tinha medo de aceitar, que negaria até o último momento, mas interiormente sabia, era que eu queria transar com Graham de novo, mais uma vez e novamente, até não sentir mais essa loucura dentro do meu corpo.

Deus todo poderoso! Eu sou Marianne Cooper, a garota mais centrada, correta e preparada desde a pré-escola, agora eu não passo de uma depravada viciada em dar para um terapeuta pervertido.

E meus sonhos de ser reconhecida no mercado, de namorar, noivar, casar e ser mãe? Acabei de começar minha carreira, não posso me autodestruir dessa forma. Como um dia eu poderei pensar em outro homem se todas as vezes Sawyer estaria em minha cabeça? Bato a caneta na mesa.



Os olhos fixos na parede.

*Isso!*

Eu preciso saber como as outras pacientes agem, elas eram frias como ele? Não tinham sentimentos? Encontraram homens melhores? Leopold era melhor e conseguia fazer Candice esquecer aquele tigre selvagem que arrebatava todas as minhas razões?

Levanto, ignorando a dorzinha entre minhas pernas, e começo a andar em desespero pela sala. A aflição fez eu passar as mãos descontroladamente pelos cabelos.

E a vontade alucinante de beijá-lo?

Que droga! Ele está apenas me ajudando, isso vai terminar e eu preciso manter minha mente fechada para esse tipo de desejo. Nada de beijos, nada de intensidade. Tenho que aprender a ser fria com Sawyer para seguir em frente com Ryan ou outro.

— Mary. — Alice coloca a cabeça dentro da sala por uma fresta na porta. Eu me viro rápido. Será que eu pensei alguma coisa em voz alta. — Algum problema? — Ela pergunta e entra. Passa os olhos pela sala e me analisa por alguns instantes.

— Não... Só estou preocupada com a apresentação.

— Os donos da rede de chocolataria chegaram.

— Tudo bem. Peça a Alan para preparar os slides. Mande-os entrar, por favor, Alice.

— Claro.

— Traga mais água. — Eu aponto para a jarra quase vazia.

— Uau! Você estava com sede, hein?

Ela pega a jarra e sai.

— Você nem imagina, irmã. Nem imagina a sede que tenho. — Eu digo para meus botões depois que ela sai e não pode mais me ouvir.

Graças a Deus a apresentação é um sucesso. Alan participa da reunião e consegue segurar nos momentos em que derrapo aqui e ali. Uma coisa a menos para me preocupar. Agora dirijo para ir ao encontro de um cliente que me mostrará uma das obras que a *Cooper & Monroe* está conduzindo. Nos pensamentos, o que impera é o momento em que acordei no consultório de Graham.

Ele estava todo vestido sentado na cama, tinha tocado meu tornozelo e eu acordei. Quando vi que ainda estava nua na cama em que fizemos sexo, eu sentei, aflita.

— Calma. — Ele sorriu para mim. A mão grande começou a fazer uma carícia na minha perna. Olhei para o que ele estava fazendo e ele não tirou a mão.

— Sua roupa está no banheiro. Tome, vista isso. — E me entregou um roupão de seda azul, possivelmente dele. Descobri que era quando vesti e senti o cheiro, além de perceber que o tamanho era muito grande para mim.

— Há toalhas limpas e tudo de que precisar. Preparei um banho para você.

— Não precisava. Eu tenho que ir... — Meio sem graça, eu dispenso o banho.

Ele me entrega um copo de água. Olho para o rosto tranquilo e depois para a mão que segura o copo. Recebo e bebo toda a água.

— Não vai sair assim toda descabelada e com o corpo grudento de suor. Tome um banho, deixei você dormir um pouco para descansar do esforço que fez.

Fiquei vermelha ao lembrar.

— Claro.

Levantei-me. Ele me guiou para fora do quarto de mentira. É como se eu tivesse acabado de gravar uma cena de um filme e estivesse deixando o estúdio. Esse lugar tem uma cara de estúdio. Mas como eu sei o que acontece aqui, pondero que só se for um estúdio pornô.

— Você costuma assistir pornô? — perguntei quando saíamos do estúdio.

— Já costumei assistir, agora não mais.

Lembrei-me de como ele ficou mais cedo quando eu me recusei a assistir ao filme.

— Eu...

Parei e olhei constrangida para ele.

— Me desculpe por ter sido rabugenta hoje mais cedo.

— Está tudo bem.

Estávamos tão próximos que ele apenas levantou a mão e já conseguiu tocar em meu rosto. Com as costas dos dedos, fez uma carícia em minha bochecha.

*Não faça isso, rapaz. Ou eu não respondo*

*mais por mim.*

— Eu conheço sua personalidade e ficaria chateado se você tentasse se passar por outra pessoa só para me agradar. Não quero ser agradado, Marianne. Quero conhecer a fundo minhas pacientes.

— Bem a fundo, eu diria.

Eu disse em um sussurro para mim mesmo. Ele escutou e riu.

— Então a super elegante Marianne Cooper sabe fazer um trocadilho?

Eu fiquei desconcertada, olhei para ele e dei um sorrisinho fraco. Entrei correndo no banheiro. Atrás de mim, escutei a risada divertida de Sawyer. Ri também depois de fechar a porta. Mas assim que me vi no espelho com aquele sorriso suspeito nos lábios, minha Marianne racional me deu uma chacoalhada mental. Nada de sorrisos depois de sexo ilegal!

Tomei um banho não muito demorado, pois ainda tinha que almoçar e voar para o escritório. Mesmo assim, com pouco tempo, tive que lavar os cabelos que estavam uma lástima, parecendo uma juba de leão. Sawyer combinava perfeitamente com

um cabelo assanhado, mas eu ficava parecendo uma desabrigada.

Quando saí do banheiro, ele estava no sofá, segurando um copo com alguma coisa acobreada dentro.

Sentei-me ao lado dele para abotoar as sandálias. As imagens dos momentos íntimos que tivemos estavam impressas a ferro quente no meu cérebro. Coitada da minha massa cinzenta... era fraca demais para guardar memórias tão lascivas.

Em meio à loucura de pensamentos que minha mente tentava organizar, uma coisa me intrigava. No meu momento pós-foda, quase inconsciente caída na cama, tive a impressão de ter sido beijada. Claro que não tinha sido, era mais um devaneio louco provocado pela influência de Graham. É lógico que ele não iria me beijar quando as regras eram dele. E por que tinha essas regras? Parei por um segundo, mas não consegui chegar a um consenso. Precisei perguntar.

— Vai me levar aos tribunais se eu beijar você? — perguntei de imediato. Só assim para ter coragem. Não podia pensar antes de dizer ou desistiria.

— Quer me beijar? — Ele retrucou.

— Não — respondi à queima-roupa. Graças a Deus não titubeei ou então ele tiraria conclusões. — Por que as pacientes não podem beijar você?

— Porque não estamos aqui para prazer próprio, nos divertindo, estamos tentando curar um mal que está na mente.

— Tem razão. Mas não acha que o que fizemos há pouco é mais profundo do que um beijo?

— Não, pois não há sentimentos envolvidos. Eu não quero estar com você fora do consultório e nem você quer isso.

Uau! Aquilo me desarmou completamente. Ele era seco e direto, não queria nada comigo. Também quem ia querer? Ainda mais Graham, todo bonitão, rico e experiente. Como um dia ia querer ao menos trocar um abraço com uma garota tão insípida e gélida na cama? Eu não tinha sido metade do que aquela atriz pornô no filme.

— Acho melhor você ir. Terminou seu horário e tenho assuntos a resolver. — Ele se levantou e foi até a mesa pegar alguma coisa. Notei um leve estresse em sua voz.

Estava me escorraçando dali. Por que estava sendo tão frio comigo?

— Aqui está. Sua próxima consulta será daqui a três dias. No mesmo horário. — Ele me entregou um cartão. Olho para o rosto e está totalmente desprovido de emoção, qualquer que fosse. Parece um rosto de cera. Ele arqueia a sobrancelha e olha para o cartão na mão dele, como se dissesse: "Pegue logo e dê o fora."

Recebi e o guardei na bolsa.

— Alguma outra questão a ser levantada, Marianne?

— Não.

— Foi o que pensei. Pode ir agora — disse, apontando para a porta.



Agora dentro do meu Mini Cooper vermelho, parada em frente a um semáforo, tento expulsar todas essas malditas lembranças da minha mente. Tamborilo os dedos no volante e respiro fundo sentindo o cheiro de carro novo. Amo o mini

NACIONAIS - ACHERON



que ganhei há seis meses dos meus pais. Papai foi todo bobo ao dizer que escolheu um modelo feminino que tem meu sobrenome, *Cooper*. Reviro os olhos pensando nele. Gosto do meu carro e tal, já vendi o outro e tenho uma graninha extra para gastar em Miami quando eu for ao cruzeiro. Mesmo assim, fico meio sem graça de ganhar um carro dos meus pais. Volto para o presente. Ryan não me ligou ainda e eu não vou ligar para ele. Não sei se ele está chateado comigo, mas o que posso fazer? Não tive culpa, ele queria, eu dei e se ele gostou ou não era problema dele. Eu ainda estou me adaptando ao sexo e ele, como um bom namorado que diz que é, deveria entender. Estou sendo uma vadia, não é? Transando com outro cara e querendo que meu namorado espere meu tempo.

*Inferno é pouco para você, Marianne*, uma das minhas Mariannes Anti-Sawyer me reprime, mentalmente.

O telefone toca e eu aperto um botão no painel para atendê-lo. O sinal ficou verde e ando alguns poucos metros. Tem um caminhão na frente e não deu tempo de passar. Tenho que parar novamente no mesmo sinal. Xingo mentalmente enquanto ouço a voz de Candice.

NACIONAIS - ACHERON

— Ei, vadia, por onde andou?

— Eu que pergunto, sua traidora! —  
Exclamo. — Desde que se enroscou com esse  
sujeito não lembra mais de mim. Não vai voltar a  
trabalhar nunca mais, é? — Candice está indo  
esporadicamente a empresa desde que voltou de lua  
de mel, como se estivesse com pouco interesse.

— Esse sujeito é meu marido. E Alan está  
dando conta do recado, ele manda coisas para eu  
resolver aqui.

— Era só o que me faltava. O que anda  
fazendo sozinha dentro de casa?

— Eu gosto de ficar na minha casa,  
arrumando tudo e esperando meu marido chegar.

— O quê? Onde está minha amiga Candice  
e o que você fez com ela, androide maldito?

O sinal fica verde novamente e eu piso  
fundo no acelerador, não estava disposta a ficar o  
dia todo como uma incompetente parada na rua.

Candice soltou uma sonora gargalhada.

— Mary, hoje é meu último dia como dona  
de casa, eu vou preparar um jantarzinho familiar,  
venha com Ryan e Alice.

— Ryan está viajando. Vou falar com Alice.

— Viajando? Para onde?

— Sei lá, foi ontem... Acho que foi pra Oklahoma.

— E você fica aí parada de braços cruzados enquanto seu homem sai mundo a fora?

— Amiga, nem me fale. Hoje eu te conto tudo o que aconteceu em detalhes. — Penso nas consultas e vejo que chegou a hora de falar com ela.

— Aconteceu o quê?

— Estou chegando em uma obra em que estou trabalhando. Que horas tenho que chegar ao seu jantar familiar?

— Venha mais cedo para a gente fofocar.

— E para ajudar você no jantar, não é, esperta?

— Claro. Para isso que servem as amigas.

— As amigas escravas.

— Preciso ir agora. Apareça aqui às sete com uma história bem cabeluda para me contar. Estou vendo que eu vou acabar salgando o feijão de tanta ansiedade.

— Você nem pode imaginar. Agora vá para a cozinha, até depois.

Desligo e estaciono em frente à construção já terminada de um condomínio de luxo. Esse é o maior trabalho que apareceu para mim desde que montei o escritório.



Chego em casa às seis. Já tinha ligado para Alice e ela me esperava arrumada.

— Ryan ligou.

Minha irmã não parecia ter tido um bom dia, está com uma cara estranha. Hoje, mais cedo, ela estava tão meiga.

— Ligou? — Pego meu celular na bolsa. Droga. Três chamadas não atendidas.

— O que ele disse?

Jogo a bolsa no sofá e vou para a cozinha. Alice vem atrás.

— Ele queria falar com você, mas você não atendeu. Disse que volta na semana que vem e  
NACIONAIS - ACHERON

pediu para você retornar a ligação assim que estivesse disponível.

— Só depois do jantar na casa da Candice. Já estou atrasada.

— Antes veja isso aí. Entregaram para você.  
— Ela indica uma caixa em cima do balcão. Olho para a caixa muito bem embrulhada em um papel azul.

— O que é isso? Quem entregou? — pergunto para minha irmã que está parada no batente da porta.

— Eu que pergunto, quero saber.

Eu me aproximo e desato o laço. Abro o embrulho e a primeira coisa que vejo é um envelope. Meio relutante, eu pego, mas sei que Alice está ao meu lado. Abro e finjo ler.

— Ah! Um dos meus clientes. — Dou uma risada meio nervosa, mas parece que isso convenceu minha irmã caçula. Ela sorri e arranca o papel azul, exibindo a caixa de uma cafeteira expresso como a que vi no consultório de Sawyer.

— Por que alguém lhe daria uma cafeteira?

— Ela tem uma loja de eletrodomésticos. — Minto. — Acho que devo devolver. — Digo,  
NACIONAIS - ACHERON

batendo o cartão, ainda não lido, no balcão.

— Você não é louca. — Alice grita abrindo a caixa. Ela retira com cuidado a cafeteira de dentro dela e vejo que não é prateada como a de Sawyer. É preta e branca. Dou um sorriso boboca. Por que ele fez isso? Preciso ler logo esse bilhete.

— Bem, de qualquer forma, depois eu agradeço a ela. É uma grande gentileza.

— Muita! Agora nós vamos tomar expresso ao invés de apenas café. Estou no paraíso!!!

— Menos, Alice. O café dessa máquina nem é tão bom. — Eu a repreendo e saio. — Vou me arrumar! — grito já correndo para o quarto. Fecho a porta, abro o envelope, tiro o cartão e, ofegante, começo a ler.

*"Marianne, desculpa por ter sido tão frio hoje mais cedo. Notei como ficou chateada. Estou passando por alguns problemas..."*

*Vi como adorou minha cafeteira, não estou dizendo que não pode comprar uma, mas eu quis presentear-la e espero que aceite. Nós nos vemos na próxima consulta.*

*Com carinho e muito café,*

NACIONAIS - ACHERON

*Seu terapeuta.”*

Um sorriso idiota brota em meus lábios. Caminho para a cama, me sento e leio novamente.

*Meu terapeuta.*

Repreendo-me por causa desse pensamento que tive. Não há duplo sentido nessas duas palavras. Tecnicamente ele é meu terapeuta mesmo, como uma pessoa tem um médico ou um advogado. Leio mais uma vez o cartão e fico mais uma vez intrigada. Se não há duplo sentido, por que ele não assinou apenas como Sawyer Graham impondo formalidade no cartão?

Levanto-me e abro a gaveta de calcinhas. Guardo o cartão embaixo de tudo, depois decido se rasgo e jogo fora. Agora quero apenas guardá-lo. Fecho a gaveta e me deparo com o meu reflexo. Estou sorrindo? De novo? Por quê? Jogo meu cabelo para trás e respiro fundo. *Sim, Marianne você está rindo. E isso é bizarro, minha* Marianne racional e sensata me avisa. Ela colocou as outras todas para trabalhar e assumiu o comando. Um alerta pisca em minha frente e eu me torno racional.

Entro no banheiro e tomo um banho relaxante sem nenhum pensamento desconexo sobre Graham e sua cafeteira.



# VINTE E UM

## MARIANNE

Às seis e cinquenta, saímos de casa.

Eu me sinto elegante no meu vestido azul-marinho de corte reto. A gola é quadrada e não muito decotada. Prendo meus cabelos e calço sandálias não muito altas.

Ao sentar no carro e sentir lá no fundo uma dorzinha em minhas partes entre as pernas, lembro-me com certo constrangimento de onde eu estive hoje mais cedo. Aquilo é tão errado, mas por que não sinto como se estivesse traindo Ryan?

— Mary, eu tenho um compromisso às nove... será que você se importa... — Alice anuncia meio sem jeito e franzindo o cenho.

— Claro que não me importo. Quer o carro

emprestado? Candice pode me levar em casa.

— Sério? Posso sair com seu Mini?

— Claro. Fique à vontade. Vai sair com quem?

Dou a partida e fico esperando ela responder. Acho que Alice demora mais que o necessário para formular uma resposta.

— Um cara que conheci.

Eu dou um sorriso que chega até a orelha. Desvio momentaneamente meus olhos da rua e olho para ela.

— Olha só, minha irmãzinha mal chegou e já está caçando. — Caçoei. Acredite, agora consigo caçar de alguém. O que uma boa transa não faz?

— Não seja boba. Estou só tentando esquecer um cafajeste com outro cafajeste, afinal eles são todos iguais. Sorte a sua ter um homem como Ryan.

*É. Eu tenho sorte, penso sem muita convicção nisso.*

Não sei por que essa sorte que dizem que eu tenho não é animadora.

Chegamos na casa de Candice. É uma típica

casa familiar, com direito a jardim com cerca, em uma área residencial com vizinhos. Eu perdi mesmo minha amiga para o casamento. Que coisa.

Ela nos recebe de braços abertos. Só faltou mesmo o vestido estilo camponesa e a torta de maçã esfriando na janela. Assim que chego, cochicho que Alice sairia às nove e que iríamos conversar. Candice assente e dá um tapa na minha bunda.

— Entrem, há alguns legumes esperando por vocês na cozinha — diz Candice sorrindo e fechando a porta.

— Não acredito que vai nos usar como cozinheiras. — Eu exclamo, fingindo estar horrorizada. Leopold aparece vindo de uma porta.

— Marianne! — A alegria dele em me ver é nítida. Leo e eu éramos amigos antes de ele conhecer Candice e foi por minha causa que ele acabou conhecendo a esposa. Tínhamos crescido na mesma cidade e nos encontramos depois quando eu vim para cá. Ou seja, arranjei um marido para minha amiga, mas não consegui nada para mim. Com exceção de um namorado distante que ficou mais distante ainda quando fomos para cama. E eu

achando que me casaria na próxima primavera.

— Leo! Achei que você estivesse desaparecido. Já ia colocar um anúncio nos jornais.  
— Caminho para me encontrar com ele.

— Sou casado com uma psicótica. — Ele me dá um beijinho de cumprimento.

— Eu ouvi isso, querido. — Candice grita da cozinha. — E estou segurando uma faca.

Nós três rimos. Eu me afasto saindo do campo de visão de Leo para que ele possa ver Alice.

— Candice te contou que agora tenho uma companhia? — Aponto para Alice. — Está morando comigo novamente. — Ela dá um passo sorridente em direção a Leo. Candice continua falando coisas lá de dentro da cozinha e nós ignoramos a voz dela.

— Amor! Acredita que ela cobra aluguel da própria irmã? — Candice torna a gritar.

Leopold ri do comentário e vai cumprimentar Alice.

Vamos para a cozinha e ele abre um vinho para a gente.

— E Ryan? — pergunta ele, sentando à minha frente.

— Está viajando. Volta na semana que vem.

— E já acertaram quando vão juntar as escovas de dente? — Leo entrega uma taça de vinho para mim e outra para Alice. Antes de eu responder, Candice se intromete.

— Bem que essa daí queria desencalhar, mas parece que é difícil. — Ela resmunga e bebe um gole do copo do marido.

— Está se achando a tal, não é, Candice? Só por que se casou antes de mim. — Retruco em seguida. Adoro esse clima descontraído ao lado de pessoas que eu amo.

— Claro, querida. Agora chega de dar papo para o Leo e venha me ajudar.

— Aconteça o que acontecer, eu serei padrinho de vocês, isso não tem negociação. — Leo diz ainda sentado no mesmo lugar. Eu pego o avental que Candice me passa e me posiciono ao lado dela, perto do fogão. Jogo outro para Alice que se levanta também.

— Essa é boa, eu venho jantar na casa da pessoa e sou obrigada a preparar minha própria  
NACIONAIS - ACHERON

comida.

O jantar transcorre sem nenhum contratempo. Apenas Leo, Candice e eu. Alice sai às oito e meia com meu carro para ir ao tal encontro. Lógico que Candice e eu falamos mal dela só um pouquinho pelas costas. Depois Leo resolve mudar de assunto.

Eu não me surpreendo pela comida de Candice ser tão boa, ela tem uma dona de casa presa dentro desse corpo esbelto. Estou feliz, muito feliz diante da felicidade da minha amiga. Candice é minha irmã da alma e a felicidade dela é a minha também. Eu fiquei destruída há dois anos quando ela sentiu o baque de uma traição, mas, logo depois de passar por Graham, conseguiu se curar, e está feliz com o marido. Enquanto ela conversa alegremente, eu me pergunto se ela não pensa nas consultas com Sawyer. Tenho que perguntar isso a ela depois.

Nós terminamos a sobremesa e vamos para a sala para conversar. Depois de nos fazer companhia por algum tempo, Leo pede licença e se retira dizendo que tem alguns processos para estudar antes de ir ao tribunal no dia seguinte.

Candice e eu ficamos sozinhas, ela traz duas taças de vinho da cozinha e senta no mesmo sofá que eu.

— Meu Deus! Passei toda a noite com os nervos à flor da pele. Conte-me o que aconteceu. — Ela vai direto ao ponto.

Tomo um gole de vinho tentando saber por onde começar. Eu quero contar a ela sobre estar me consultando com Graham, afinal ela já sabe das loucuras que ele faz.

Respiro fundo, tomo coragem e confesso:

— Eu sucumbi a Graham.

Olho para baixo, evitando contato visual com Candice. Sei que ela está horrorizada. Candice sabe, e agora eu também sei, que Sawyer é demais para mim, eu sou tão problemática, sensível, estabanada às vezes e humana demais para essas coisas.

— Desde quando? — A voz dela é um fio quase inaudível. Encaro os olhos azuis arregalados de Candice.

— Duas sessões.

Meu tom é categórico e a reação imediata dela é ficar pálida.

Candice se levanta. Mexe nos cabelos loiros curtos. Eu não sei por que o nervosismo, afinal ela também tinha feito isso. Depois que Candice parece se refazer do susto, senta-se novamente ao meu lado.

— Mary... Meu Deus, eu avisei você!

Ela me olha com uma cara como se dissesse: "por que você teve que cometer um assassinato, Mary?"

— Eu sei. Mas eu fiquei curiosa, ele me analisou e descobriu que minha vida sexual não estava indo bem. Desde então ficou me pressionando e...

— Você não podia ter caído na lábia dele.  
— Ela começou a dizer alto, mas se controlou abaixando a voz novamente. Acho que lembrou que não estamos no escritório e sim na casa dela. — Graham consegue ver os sentimentos das mulheres e ele as manipula facilmente.

— Sim, mas me ajudou. No início, eu fiquei puta da vida com o que ele me propôs, eu o insultei e não caí imediatamente, mas... acabei cedendo e o cara conseguiu tirar meu medo de sexo. — Paro de falar e acaricio meu relógio de pulso. — Depois



que tive a primeira sessão com ele, fiquei eufórica e convidei Ryan para jantar em minha casa.

— E então? — Pura expectativa dança nos olhos dela.

— Eu nem me lembrava de ter tido alguma coisa com Graham ou não queria me lembrar. Estava eufórica demais para ter a primeira noite de amor com meu namorado. Candice, você não tem ideia de como me senti realizada, afinal eu teria uma vida normal, ia me casar, ter filhos...

— Por que pressinto que tem um "mas" aí?  
— conjectura Candice, desconfiada.

— Porque tem. Eu fui para cama com Ryan, mas foi uma lástima. Uma verdadeira negação. Acho que... Ou melhor, tenho certeza de que ele ficou chateado com minha frieza. Incrivelmente eu não senti com Ryan um terço do que eu tinha sentido com Sawyer.

— Claro que não. Disso que eu tinha medo. Amiga, você é tão inexperiente e Graham sabe usar cada ponto disso a favor dele.

— Mas ele está me ajudando — argumento.

— Sim. Ajudar as mulheres é só um meio que ele tem de levá-las para a cama.

Assinto fracamente, fico calada digerindo a verdade que Candice joga na minha cara.

Beberico o vinho, pensativa. Candice olha para mim com expectativas. Acho que espera mais alguma declaração.

— Como foi toda essa situação para você?  
— pergunto.

Ela olha para os lados antes de responder.

— Não tem comparação. Eu sou uma mulher vivida, sou sexualmente ativa desde os 16 anos e quando...

Ela para de falar e se encosta em mim.

— Quando fiz sexo terapêutico com ele, foi muito superficial, eu já estava acostumada a ter sexo casual, a sair com caras por uma noite só e não me abalou nada. Na verdade, das cinco sessões, a gente fez sexo apenas duas vezes. Meu problema era mais em aceitar meu problema de posse e tentar mudar isso. Ele me ajudou, não posso negar. Mas só isso.

— Candy... — Suspiro depressiva. — Eu tentei de verdade dar o calote em Sawyer, mas depois do fiasco com Ryan, eu voltei com minhas próprias pernas. Não sei o que me deu, fiquei  
NACIONAIS - ACHERON

aturdida com a maneira que meu namorado reagiu ao nosso sexo, fiquei meio descontrolada quando ele viajou e só me disse quando já estava quase embarcando. Senti na voz dele que Ryan não estava feliz.

— Você é louca. Pare de frequentar aquele antro enquanto é tempo. Graham é remédio para muitas, mas não para você. Acha que transando com ele vai fazer Ryan sorrir e voltar correndo? — indaga como se fosse uma especialista. Calo-me e pronto. Não sei mais o que pensar, não consigo raciocinar direito.

— Hoje eu tive uma sessão com ele. Ele fez com que eu assistisse um filme pornô — digo, relembrando os momentos que tive mais cedo. Meus olhos presos no nada. Candice se recosta com uma expressão estranha e suspeita. Os olhos semicerrados e os lábios meio repuxados de investigador. Candice e suas maquinações.

— Por que ele fez isso?

— Porque eu tenho uma opinião preconceituosa sobre atrizes e atores pornô, eu os considero prostitutas e acho os filmes machistas.

— E ele não gostou de sua opinião?

— É. E ficou bem bravo. Disse que eu não tinha escolha e praticamente me obrigou a assistir.

— Como assim? E você, o que fez?

— Bom, eu não posso dizer que odiei. Senti muita excitação. O safado depois fez as mesmas coisas do filme comigo. — Revelo em um sussurro e com olhos arregalados. Candice balança a cabeça em negação. Depois fecha os olhos e joga os cabelos loiros para trás. Eu sei que ela está aflita. Candice me conhece mais que minha própria mãe e sabe que eu irei acabar queimada nessa história.

— Você sentiu... algo com ele? — pergunta com a voz entrecortada, acho que está com medo de ouvir a resposta. As sobrancelhas estão meio levantadas em uma expressão de pré-terror.

— Hoje ele me fez ter três orgasmos. Acabei desmaiada na cama de um daqueles cenários estranhos que ele tem.

— Três vezes? — Candice repetiu perguntando, levantando os dedos e exibindo três dedos. Achei que os olhos não podiam saltar das órbitas como os de Candice estão saltando.

Confirmo sucintamente com apenas um balançar de cabeça.

— E ele deixou você dormir lá?

Ela está cada vez mais perplexa.

— Sim.

Após minha resposta, Candice fica ereta e pensativa. Espero ela formular os pensamentos.

— Isso é novo. Graham não permite que a gente descanse dois segundos. — Candice pensa mais um pouco. — Ele deixa você beijá-lo?

— Não.

— Ainda bem. Isso é outra coisa que você não deve fazer nunca. Ele pode ficar muito bravo. Mas... eu nem preciso te alertar quanto a isso. Pois você vai me prometer que não vai voltar lá. Está me ouvindo, Marianne?

— E como eu vou me curar? Ouvindo Adele e assistindo *Glee*?

— Mary, é para o seu bem. Graham não tem sentimento nenhum, é um ser vazio. Depois que eu terminei as sessões, consegui contato com outras ex-pacientes. Todas relataram a mesma grosseria e frieza. Se você, de alguma forma, se apegar a ele, vai sofrer muito, ele não vai se importar e tem um contrato para protegê-lo.

— Eu...

Nem mesmo sei o que dizer. Estou sem fala, petrificada. Não acho que ele seja isso tudo, a gente dividiu um jantar árabe e ele me tratou muito bem em todas as vezes que estive por lá. Até me deu uma cafeteira. Porém, acho que é melhor não contrariar Candice. Ela é mais vivida e sabe o que diz.

— Prometa, Marianne. — Ela reforça.

Eu penso mais um pouco. Promessa é dívida, não posso sair prometendo tudo pela frente sem antes analisar as opções.

*Candice parece ter razão.* Minha Marianne sensata sussurra para mim. Em contrapartida, o sexo com Graham pode fazer eu me tornar experiente como Candice. Entretanto, essas duas sessões que tivemos já me deixou marcada suficiente. Eu não preciso de mais lembranças. A terapia é uma loucura, eu tenho que me curar e a única forma de fazer isso é tendo vários momentos amorosos com Ryan.

— Eu prometo — respondo muito convicta.  
— Não vou voltar a ver Sawyer Graham.

Aquela promessa perdeu toda força quando cheguei em casa. Alice não tinha chegado, Candice e Leo me deixaram e foram embora. Recosto na porta me lembrando da conversa com Candice.

*"Ajudar" as mulheres é só um meio que ele tem de levá-las para a cama*, a voz experiente dela volta à minha mente.

Vou me abaixando recostada na porta até sentar no chão. Deixo a bolsa de lado.

Deus! O que será de mim agora? Como, mais uma vez, eu daria para trás no compromisso que tinha firmado com Sawyer? Ele me perguntou hoje cedo e eu disse que não fugiria.

Mas Candice tinha toda razão. Eu não posso continuar nisso. Ele tem que me entender, não sairá perdendo, é um cara vivo e outras virão, além de ter meu dinheiro. E quanto a mim? Imagino a tragédia que seria se eu comesse a gostar de estar no consultório dele. Ou será que isso já aconteceu?

Levanto e não derramo uma lágrima. Eu não tenho por que chorar. Estou bem, minha vida financeira é boa, tenho uma família, amigos que me amam e um namorado. Eu não tenho por que ficar

perturbada com uma coisa dessas, sou adulta e posso decidir se continuo ou não. Livre arbítrio, lembra? E a resposta é não. Eu já tive intimidade demais com um estranho.

Subo ao meu quarto, ainda com o vestido, deito na cama com os pés pendurados. Quero pensar um pouco, mas acabo dormindo.

Acordo com uma claridade no quarto, esfrego os olhos e vejo que já é de manhã. Droga, eu e o vestido parecíamos ter sido colocados em uma garrafa. Estamos amassados. Os cabelos em uma loucura total. Sento-me desorientada e afundo os dedos naquele emaranhado de fios em cima da minha cabeça. Parece um ninho de passarinho. Ainda bem que não durmo com ninguém ou eu teria que colocar o celular para despertar, acordar, e me pentear para fingir que acordava linda e lisa.

Passo as mãos pelos cabelos e volto minha atenção para a cama. Não sei por que todas as vezes em que me imagino dormindo e acordando todos os dias com alguém não vem ninguém em minha mente. Isso desde a adolescência. Mas depois que conheci uma certa pessoa, eu sempre imagino ele. Aquele cara foi feito para aconchegar uma mulher e



deixá-la confortável.

Eu me abano e gargalho de mim mesma enquanto vou para o banheiro.

— Idiota. —Sou uma verdadeira tola sem noção.

Desço pouco depois e Alice já está arrumada e toma café despreocupadamente.

— Bom dia. — Ela olha para mim com aquele sorriso de mulher bem comida. A safada tinha feito sexo na noite passada, tenho certeza.

— Vejo que a noite foi proveitosa.

Eu olho para a máquina de café já ligada. Alice comprou ingredientes para cappuccino. Fico olhando e ela se levanta rápido. Após me dar umas instruções rápidas de como usar aquela coisa moderna, volta a se sentar e me serve de um delicioso e espumante cappuccino. Eu sou tão esperta que nem passou pela minha mente recusar o presente de Sawyer. Também nem posso, já disse a Alice que foi presente de uma cliente. Se devolver, a história fica mal contada. Ela pode desconfiar.

Olho o líquido escuro na caneca, decido não me sentar. Recosto na bancada. Meu cérebro tenta empurrar uma imagem pornográfica de um homem

NACIONAIS - ACHERON

e eu fazendo coisas em uma cozinha. Eu o detenho imediatamente. A Marianne puritana coloca uma tarja preta de censurado nas minhas lembranças com Sawyer. Não quero pensar nessas coisas uma hora dessa da manhã. Passo o olho no relógio de pulso apenas para constatar que não é hora de recordar aventuras ilícitas.

— E então? Se divertiu muito? — Jogo o foco e atenção para minha irmã. Se bem que saber detalhes de transa dos outros só vai piorar minha situação.

— Pois é. — Alice dá de ombros. — A gente faz o que pode.

— Me conte, sua safada. Trouxe ele para cá? — Sento-me de frente para ela.

— Claro que não. Ficou louca? Fomos para o apartamento dele.

— Nossa. Um apartamento? — Assovio e provo a bebida quente sentindo uma alegria extrema pela felicidade da minha irmã. Eu tenho que deixar esse altruísmo de lado. Minha vida está um caos e ninguém nem se preocupa, mas eu fico feliz porque Candice está feliz e casada, fico feliz por Ryan ter concluído o doutorado e fico feliz por

minha irmã passar a noite no apartamento de um homem. E quanto a mim?

— Que cara é essa? Tá com algum problema? — pergunta Alice, fazendo com que eu acorde do devaneio.

— Estou bem. Apenas preocupada com o trabalho de hoje. Você virá comigo ao escritório de um cliente. Hoje vamos instalar as persianas. E o cara é chato *pra* caramba.

— Então é melhor eu nem ir, pois para mandar ele tomar naquele lugar não vai ser difícil.

Eu coloco a xícara na pia, passo por Alice e dou um tapa na bunda dela.

— Depressa com esse café. Só vou escovar os dentes e retocar a maquiagem.

Hoje o dia vai ser cheio, será ótimo para espantar Graham da minha mente. Não pretendo vê-lo tão cedo. Ou melhor, talvez eu tenha que vê-lo em algum momento para dizer que as terapias acabaram

# VINTE E DOIS

SAWYER

Eu não quero acreditar que estou vendo essa pessoa no meu apartamento. Acabo de acordar de um bom sono depois do almoço, na verdade fui acordado pelo incessante interfone. Amanda me olha com aquele sorriso debochado e faz uma breve carícia no meu peito nu. Ela faz parte de um passado que eu gostaria de enterrar, mas acho que nunca vou me livrar desse carma. Achei que nunca mais a veria depois de quase quatro anos.

— O que quer aqui? — pergunto sem esconder a rispidez na voz.

— Posso entrar? — Ela acaricia os cabelos avermelhados.

— Não.

Ela só conseguiu subir depois de praticamente ter me ameaçado. Estou tão furioso que fico meio cego. Ela me tem nas mãos e eu nada posso fazer. Minha esperança era de que ela ainda nutrisse mágoa e ódio por mim. Foi por causa desses sentimentos que ela me deixou em paz por três longos anos. As lembranças dolorosas envolvendo Amanda ainda me assustam e me causam dor. Toda aquela confusão que ela armou com uma gravidez...

Balanço a cabeça para esquecer aquele episódio que me recolocou em frente à minha mãe depois de quinze anos. O encontro milagrosamente planejado por Amanda.

— Quero falar de negócios com você — diz, ignorando meu corpo tensionado, meus punhos cerrados e meus olhos vazios. Minha mente tenta se afastar do sofrimento que marcou nosso último encontro.

— Não tenho negócios para tratar com você.

Ela sorri. É uma mulher já na casa dos cinquenta anos, mas, devido às plásticas, não aparenta a idade que tem. Ergue a mão e faz uma carícia no meu rosto.

— Definitivamente vamos precisar de um rosto bem limpo. Sabe como odeio barba.

Eu seguro a mão dela, tentando não colocar força para não quebrar seus dedos e a empurro com brusquidão.

Nesse momento, lembro-me de Marianne. Amanda e Jill não gostaram do meu rosto áspero pelos fios crescidos de vários dias, mas eu não estou com nenhuma disposição de fazer a vontade delas, contudo, sinto uma necessidade latente de cumprir o desejo de outra mulher que eu mal conheço e que gostou de me ver com barba.

— Querido, você não quer mesmo bater de frente comigo. Sabe que eu posso levá-lo do luxo ao lixo em dois tempos, então pare de falar e me deixe entrar.

Eu sei que é verdade. Essa mulher sabe mais da minha vida do que eu mesmo e tem provas terríveis contra mim, se vier a público, eu perderei toda minha credibilidade como terapeuta das celebridades e como futuro empresário. Jill e Beatrice também sabem dessas coisas, mas não tão profundamente como Amanda. Ela me tirou da sarjeta, ela sabe o que eu fiz antes de ir morar com

ela, sabe onde eu estive, o que fiz para sobreviver e por que fico com um pé atrás diante da hipótese de um dia me estabilizar com esposa e filhos.

Não sei por quê, mas eu vejo o rosto lindo e jovem de Marianne se contorcer se souber um terço do que eu sou. Logo ela que preza tanto a família...

Amanda entra olhando tudo ao redor, tocando em uma coisa ou outra. Ela tem dinheiro, mas não tanto quanto eu, e a casa dela é muito cafona, cheia de cores e estampas. Meu apartamento é mais moderno, é uma cobertura e foi decorado por um profissional. Eu me orgulho disso e ergo o queixo mostrando a ela nossa diferença de vida.

— Então conseguiu alcançar mesmo as alturas que sonhava quando era um moleque magrelo e fedorento?

— Sim. Agora diga por que está aqui.

— Nossa! Quanta hostilidade com a mulher que te estendeu a mão. Você me deve favores pelo resto de sua vida.

Ela anda lentamente. Os saltos afundando no meu tapete; engulo minha raiva e cruzo os braços na frente do peito. Por que diabos ela não é

um homem para eu poder descer a mão na cara? Depois de tudo o que ela me fez, ainda tem coragem de vir aqui?

— Não. Se você não tivesse me dado a mão, eu teria sobrevivido, talvez não tivesse isso tudo, mas seria um homem honesto com esposa e filhos.

— Esposa e filhos? — Ela gargalha me deixando desconcertado e irado. — Quando essas palavras surgiram em seu vocabulário?

— Quando vi que ainda dá tempo de ter uma vida normal.

— É por isso que estou aqui, querido. Jill me contou que você está sendo obrigado a deixar as terapias de lado. Acho isso fantástico, você nasceu para outra coisa e sabe muito bem. Ela contou também que você está cheio de novas filosofias e querendo apagar o que passou.

Agora eu entendo tudo. Jill estava com a pulga atrás da orelha e foi pedir ajuda a Amanda. Ela me paga, me traiu sabendo o quanto eu odeio essa mulher.

— Não vamos entrar nesse assunto. Você sabe o que penso sobre meu passado. — Rosno com raiva. Que merda! Jill sabe que Amanda é a



única capaz de não me deixar parar e mesmo clandestinamente, me fazer continuar. Jill sabe o que eu sofri depois de ter ido contra Amanda.

Ela se aproxima e fica bem perto de mim. Nos olhos, algo brilha, algo que me faz voltar no tempo. O mesmo brilho de quando ela viu meu potencial anos atrás, o brilho de ganância e dominância do mundo inteiro, o brilho que me fazia ser apenas um objeto para o deleite dela. Meus dentes rangem sem eu me dar conta, minhas unhas cravam na palma da mão e minha desconfiança se torna real quando ela fala:

— Um último trabalho. O fim, o *grand finale*. — Ela propõe, sonhadora.

Ela tem o poder de me dar uma martelada e me deixar caído no chão. A porra do meu controle sobre emoções não é forte o bastante.

— Não, Amanda.

— Sim, você tem que aceitar. Já preparei tudo, você não sabe quanta gente está interessada. Vai ser um grande sucesso, vai lhe render muito lucro. Por favor, Tyler, uma última vez. Dê vida a Tyler Carter e faça isso de novo.

— Não! — grito e me afasto dela. Puta que

pariu. Quando penso que minha vida está melhorando... — Será que não entende que tenho que deixar as terapias também por não querer mais trepar desordenadamente com tantas mulheres?

— Você é o único homem que não quer trepar com todas as ricas que querem te dar.

— E o que será de mim quando a velhice bater? Para onde vou e para quem eu vou voltar?

— Você pensa mesmo nisso? — Ela debocha me olhando incrédula. — Cara, você tem trinta e dois anos, está na flor da idade. Para que casa e família? Isso apenas vai acabar com você como já acabou um dia e que mulher você acha que ia querer um homem com uma bagagem tão grande como a sua?

Eu reprimo um xingamento. Ela sabe mesmo jogar a verdade na cara.

— Todos têm uma bagagem, Amanda. — Caminho pela minha sala, com as mãos nos cabelos.

— Sim, mas não como a sua. Agora chega de blablablá, chega de tanta frescura e aceite que dói menos. Você vai, sim, fazer esse favor para mim ou juro, por tudo que eu gosto, que você

nunca terá sossego. Eu farei da sua vida um inferno.

Estou trêmulo de ódio, quero bater na cara desaforada dessa pilantra, sem me importar, por um segundo, se ela é mulher ou não. Ela caminha até mim e me dá um beijo na boca.

Fico inerte. Os lábios bem selados. Fecho os olhos com muita raiva.

— Eu gosto de beijá-lo, pois, apesar de comer tantas piranhas, não permite que elas o beijem. As imbecis não sabem o que estão perdendo. — Amanda dá de ombros e sai em seguida batendo a porta.

Tudo está de volta. Eu não posso deixar Amanda me manipular, mas o que poderia fazer se ela sabe de cada ponto inescrupuloso do meu passado? Eu podia ter usado a força física pegando-a pelo braço e jogando para fora. Mas como eu me arriscarei logo agora que estou armando uma nova vida como empresário? E nessa área preciso muito de um nome limpo.

Com raiva, dou vários chutes no meu sofá, até meu pé doer.

Se Jill tiver alguma coisa a ver com isso, ela

irá me pagar caro, isso é certo. Sem saber muito o que fazer, pego meu celular. Penso nos rapazes... Nelson, Rick... Todos ainda muito ligados a Amanda. Não há ninguém no mundo com quem eu possa desabafar. Ou talvez haja.



Eu devia estar mesmo muito maluco para marcar um encontro ali naquele bar. Estou sentado ao balcão rodando o copo de conhaque entre os dedos com a cabeça baixa enquanto observo o líquido balançar em um redemoinho. Minha presença em um bar não é algo bizarro, mas esperar alguém, sim. Só acreditei que ela vinha mesmo quando senti que alguém se aproximou. Levanto os olhos e vejo que Marianne me encara com certa desconfiança.

— Que bom que veio. — Sussurro e me levanto. — Por favor, me acompanhe. — Dou a mão para ela. Marianne não protesta, deixa eu segurar sua mão e levá-la até uma mesa bem afastada. Escolhi esse bar de propósito, pois sei que

a essa hora ele é praticamente deserto, não seria bom para ela ser vista com outro cara, já que tem namorado. O momento não é oportuno para levantarem suposições sobre minha vida, ainda mais prejudicando Marianne.

Sentamos em uma mesa afastada atrás de um balaústre. Ninguém pode nos ver, a menos que algum paparazzi intrometido tenha me seguido.

— O que quer, Graham? — pergunta de imediato, me olhando com fria indiferença assim que nos acomodamos. É como se eu tivesse importunando-a. Nunca passei por isso e preciso de tempo para digerir a situação. Geralmente minhas pacientes tentavam me ver entre as consultas e eu fugia delas. Nunca o contrário.

Eu faço um gesto e um garçom vem.

— Quer beber alguma coisa? — indago.

— Uma água com gás, por favor. — Ela pede ao garçom. Quando ele se afasta, eu me recosto na cadeira e passeio meus olhos pelo rosto dela.

— Desculpe por estar incomodando você uma hora dessas. — Olho no relógio de pulso como se me certificasse que não era uma hora apropriada.

São quatro da tarde. — Gostou do presente que mandei?

— Você me chamou aqui para perguntar isso?

Marianne se mexe inquieta, uma interrogação enorme pairando sobre sua cabeça.

— Não. — Reluto antes de continuar com a resposta. — Mas quero saber o que achou.

— Gostei, mas devo te pedir que não faça isso outra vez. Moro com minha irmã e não quero ficar recebendo presentes na minha casa. Tenho namorado, esqueceu?

Eu a fito com um pingo de rancor. Tinha que jogar na minha cara que ela e o imbecil estão juntos?

— Tudo bem. Não mandarei mais nada.

— Eu só não posso levantar suspeitas, Sawyer.

Nós dois nos calamos. Eu fico esperando algo que nem sei o que é para começar o assunto que me trouxe aqui.

— Por que me chamou? Aconteceu alguma coisa? — questiona. Seus olhos cor de âmbar estão

mais escuros, as pupilas um pouco dilatadas.

— Eu... só queria conversar.

— Conversar? Comigo? Por quê?

Marianne inclina-se para frente, coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, pronta para ouvir.

— Eu estou passando por um momento difícil, Marianne e...

— Não há ninguém que você possa ligar para conversar? — Ela interrompe minha fala.

— Pelo amor de Deus! Se não quer me ouvir, pode ir embora! — Eu faço um aceno brusco em direção a porta e cruzo os braços na frente do peito. Fui grosso com ela, minha voz foi alta o bastante para ser classificada como um grito. Mantenho a pose severa. Ela também não devia ficar tão arisca apenas por estar aqui comigo.

Mary arregala os olhos com medo.

Que droga! Eu sou um canalha, não precisava gritar com a única pessoa que poderia me ouvir e que deixou o que estava fazendo para me encontrar.

— Desculpa, eu não estou bem.

Passo a mão em meus cabelos e abaixo a

cabeça.

*Olha eu aqui pedindo desculpas para alguém, isso é mesmo de se espantar.*

— Eu menti quando disse que não tinha ninguém. — Revelo. Preciso dizer alguma coisa para atrair a atenção dela de volta para cá, para que Marianne me dê ouvidos, para impedi-la de ir embora. Eu sei como as mulheres são curiosas e como eu não posso falar sobre Amanda, o jeito foi improvisar.

— Você tem uma namorada? — Ela mantém os olhos arregalados cheios de expectativas. Por Deus! Como é linda. Acho que se eu beijá-la, metade dos meus problemas serão esquecidos.

— Não a considero uma namorada. A gente tem um caso e...

— É uma namorada. — Ela antecipa.

Espera, isso no rosto dela é decepção?

— Você não entende.

— Tudo bem, eu vou entender do meu modo. Então quer dizer que brigou com a... — Ela faz uma pausa — Posso nomeá-la como sua amante?



Não. Jill não é minha amante, muito menos Amanda. Mas já que tinha começado com isso...

— Seria mais prudente. — Confirmo.

— Então está aqui porque brigou com ela? Quer um conselho feminino, é isso?

— Sim e não. O problema é outro, mas eu briguei com ela e não posso ligar para desabafar... sobre esse outro problema.

— Sei.

Marianne exibe uma cisma nos olhos que, na verdade, são dois mosaicos de sentimentos bem expressivos. Já lidei com muitas mulheres que sabem mascarar bem um sentimento. Fico fascinado com a nitidez nos olhos dessa mulher.

— Posso perguntar que tipo de problema?

— Negócios.

— Sobre o consultório?

— Não. Estou investindo em um novo meio de ganhar a vida.

— Pretende deixar a terapia? — Um sorriso de satisfação quase brota nos lábios dela. Tenho vontade de levá-la para ver meu hotel. Talvez um dia, depois que inaugurá-lo.

## PERIGOSAS

— Sim, pretendo, mas antes tenho que ter uma garantia, um pé de meia. Você me entende, não é?

— Entendo, claro. E esse negócio é alguma coisa digamos... normal?

— Sim. Pelo menos eu considero — respondo em meio ao riso. Ela terá uma surpresa quando descobrir que eu serei empresário. Decido que ainda não contarei nada sobre o hotel.

— Foi ela que fez você querer mudar de vida?

— Ela?

— Sua namo... digo, sua amante.

— Ah, não. Ela acha que eu não devo me precipitar.

Marianne olha para os lados, muda de posição e se prepara para mais uma pergunta. Essa vem em um sussurro.

— Ela sabe o que você... faz... com outras mulheres...

— Sim.

— Sabe? — Repete, horrorizada.

Marianne quase cai da cadeira.

## NACIONAIS - ACHERON

— Como sabe e mesmo assim ainda...

— Está comigo?

— Sim. Eu não ficaria com um homem como você nem por todo o dinheiro do mundo.

Uau, essa é uma declaração cruel! Talvez a mais cruel que já ouvi depois da minha mãe gritando que eu não era mais seu filho. A de Marianne me abalou mesmo, fui hostilizado e renegado a vida toda. Já devia estar acostumado, mas o fato de ela dizer que não me quereria nem por todo o dinheiro... é mesmo de se chocar.

Ela parece perceber que fiquei desconfortável com sua afirmação. Faz uma breve massagem nos olhos fechados antes de tornar a olhar para mim.

— Eu quis dizer que jamais aceitaria que um namorado meu fizesse o que você faz. Sou bem... retrógrada.

— Você é diferente de tudo que conheço, Marianne.

— Sim, eu sou. — E agora minha conclusão sobre isso é definitiva.

Ela bebe um gole da água, parecendo em choque.

— Agora me sinto duplamente uma vadia.  
— Ela resmunga olhando para o lado.

— Para com isso. Você não é a primeira.

— Brigou com ela por causa do seu novo empreendimento?

— Não, foi por algo que ela me escondeu. Ou melhor, fez pelas minhas costas.

— É o que eu estou fazendo. Deus! Sou uma vadia sem dúvidas. Engano meu namorado e estou ajudando você a trair sua namorada.

— Amante.

— Que seja!

— Marianne, eu já estou saindo de cena e...

— Melhor mesmo, Sawyer. Desculpe eu ter interrompido você agora, mas <sub>já</sub> estava planejando te ligar hoje.

— Ligar para mim?

Ela bebe outro gole d'água e olha sério para mim. Enrijeço, pressentindo que o que vem não é coisa boa.

— Ontem à noite estive com Candice.

Eu solto um grunhido de sarcasmo. O ar congela no meu pulmão. Pela expressão de

Marianne, acho que a amiga dela não tinha falado coisas boas a meu respeito. E ela nem devia ter contado nada a Candice.

— E você, como boa amiga, contou tudo para ela?

Há na minha voz mais escárnio do que eu preciso. Meu rosto também deve estar distorcido de repúdio pela atitude dela. Que droga! Ela não leu o contrato? Ficar fofocando sobre mim é uma das cláusulas.

— Sim.

— Você não pode fazer isso! E o contrato que assinou? Há uma cláusula clara sobre a proibição de falar do tratamento com outras pessoas.

— Não é para tanto, Graham. Candice conhece você, é uma ex paciente sua e é minha melhor amiga.

— Marianne, me diga só uma coisa: ela contou o que fez comigo dois anos atrás?

Sim, eu estou me controlando com todas as forças, estou muito irritado com essa atitude de Marianne e do que possivelmente a amiga dela falou.

— Não...

Noto que ela ficou meio confusa. O "não" saiu relutante.

— Então por que você teve de dar com a língua nos dentes? — questiono com brusquidão, em tom de acusação, a raiva exposta em meus olhos.

— Dá licença que a vida é minha e eu falo dela com quem eu quero. — Marianne levanta a mão aberta na frente do meu rosto.

— Mas então a puritana e prestativa amiga Candice fez sua cabeça para que desista, não é?

Minha voz, meu corpo e meus olhos são acusatórios, ameaçadores, mas não conseguem intimidá-la.

— Sim, Sawyer, foi isso. Candice me conhece melhor que qualquer um e sabe que isso, para mim, será mais prejudicial do que benéfico.

— Então pretende terminar a terapia? — Meu rosto está carregado e meu olhar, incrédulo.

— Estou terminando agora, Sawyer. Não vou mais voltar a pisar no seu consultório e agora há um motivo a mais, eu não quero ser pivô da separação de ninguém. — Ela pega a bolsa para se

NACIONAIS - ACHERON

levantar.

— Do que está falando? — Seguro no braço dela para que não se levante. — Isso não existe. Ela sabe de tudo.

Ela puxa o braço como se meu toque lhe causasse dor. Esse gesto me deixa revoltado. Mas também há algo crescendo aqui dentro. Nunca senti isso, apenas sei que se parece com desespero. Nem quero pensar em não encontrá-la mais.

Cacete. Maldita hora que essa mulher entrou na minha vida.

— Sawyer, eu não posso...

Eu não sei o que fazer, como convencê-la a continuar. Eu nunca imploraria para uma mulher continuar uma terapia, ao contrário, eu ficaria satisfeito se uma desistisse, mas nenhuma nunca desistiu. Agora a única com quem eu quero estar de verdade dentro daquele estúdio não me quer mais. Essa é a segunda vez que ela tenta sair fora.

Olho para a mão delicada dela em cima da mesa, adoro observar esses dedos, quando eles estão agarrando meu corpo é melhor ainda. Noto que as unhas dela agora têm um tom claro de esmalte, usa um anel e um relógio, nada mais. Sem

titubear, seguro a mão dela. Marianne para de falar e olha surpresa para mim.

— Marianne, vamos fazer o seguinte. Vá amanhã, eu já tinha preparado algo para você, então apareça lá amanhã para sua última consulta.

Pigarreio e tento não parecer desesperado. Quero uma voz calma. Garganta, quebre um galho, por favor.

— Eu tinha calculado que você iria ter dez sessões, mas já que você está nessa volatilidade toda, vou abreviar tudo para três. Vá amanhã, prometa.

*Prometa, Marianne, só preciso de mais um pouco com você, penso, aflito.*

Ela olha para minha mão.

É tudo muito novo para mim, mesmo assim, faço questão de esconder a urgência em meus olhos. A necessidade que tenho que ela compareça.

— Eu já prometi a Candice que não pisarei mais em seu consultório. — Alega em um murmúrio.

— Que inferno! Por que Candice quer tanto que se afaste de mim? — Aperto mais a mão dela quando ela tenta puxá-la. — Eu não vou machucar

NACIONAIS - ACHERON



você, o que eu fiz até agora só lhe trouxe benefícios, não é?

Eu quero convencê-la de outra forma. Beijando-a, abraçando-a, dizendo que foi ótimo o que fizemos e prometendo que farei melhor. Mas a ética profissional, por mais hipócrita que seja, bate na minha cabeça fazendo eu desviar dessas palavras a tempo.

Ela fica calada olhando para mim. Aqueles olhos maravilhosos, me fitando, grandes e curiosos.

Eu não desvio o olhar, ela também não. E vejo que ela relaxa aos poucos e seus olhos deixam de ficar arregalados. Marianne olha para a minha mão prendendo a dela e depois volta-se para mim.

— Tudo bem, amanhã apenas.

Ela aceitou. *Cacete, ela aceitou!*, comemoro.

Mas amanhã apenas é pouco. Eu preciso levá-la mais além, mostrar a ela mundos desconhecidos. Eu posso dar a Marianne coisas que ela jamais conheceria com Ryan.

— E se eu tentar mudar sua opinião? — argumento em um quase sussurro. Meu polegar começa a fazer lentos movimentos em cima dos  
NACIONAIS - ACHERON

dedos dela.

Vou um pouco mais. Tenho que ir aos poucos. Trabalhar com calma, eu já sei como manipular Marianne, preciso apenas ler os olhos assustados, ela quer tanto quanto eu prosseguir com aquilo e essa é a única arma que eu tenho contra ela mesma.

— Não quero que faça isso. — Ela cochicha em um fio de voz.

— Mas eu quero fazer você mudar de ideia. Por favor, continue com o nosso trato até o final. Ultimamente eu não estou em um bom momento, estou de férias das minhas pacientes, você é a única. Acabei de brigar com minha... amante e queria ter um pouco de companhia. Faça as dez sessões, acho que não é tão amargo assim não é? — Dou um sorriso meio sem graça. Meus dedos continuam fazendo carinho nos nós dos dedos dela.

— Por favor, eu... eu concordo em ir amanhã, mas não tente me fazer mudar de ideia. Não sou tão forte e insensível como Candice foi.

Sorte que sou um bom negociante e egoísta, quero Marianne e ainda não estou satisfeito suficiente para deixá-la ir embora.

— Sete sessões. — Proponho.

— Sawyer. — Ela pronuncia meu nome como uma advertência.

— Seis sessões e não falamos mais nisso.

Ela respira fundo. Está trêmula com a mão suada. Morde os lábios, vejo uma indecisão extrema nos olhos dela.

— Quatro sessões. — Ela propõe.

Ótimo. Ela está cedendo. Eu preciso espremer mais um pouquinho.

— Seis sessões, sendo uma sem nenhuma atividade sexual. — Contra-ataco.

— Sawyer...

— Seis, sendo duas sem atividade sexual.  
— Continuo a negociação, segurando firme a mão dela.

Ela pensa um pouco, eu noto algo parecendo com um curvar nos lábios dela. Poderia ser impressão minha, ou algo assim. Mas sei que ela está cedendo.

— Seis sessões sendo duas sem atividade sexual. — Ela consente.

— Fechado! Mas tem que prometer que vai

até o fim. Não vai agir assim novamente.

— Tudo bem. — Ela aceita e eu deixo ela retirar a mão.

— Amanhã às nove? — indago.

— Amanhã às nove. — Ela confirma anuindo sem graça. Mas também não está carrancuda. Marianne me lança um olhar tão cúmplice que eu sinto uma breve latejada no pau. Ela me quer, ela quer meu corpo, ela também precisa do mesmo que eu.

Levanto-me junto com ela. Saímos do bar e ela vai na direção de um pequeno carro vermelho.

— Um Cooper? Como Marianne Cooper? — digo, sorridente, apontando para o mini.

— Não é minha cara? Meus pais me deram de presente.

— Sim, muito a sua cara. Aniversário?

— Não. Papai simplesmente não aprovou meu outro carro e decidiu me dar um.

Eu assinto. Ficamos mais alguns segundos admirando o carro e então me volto para ela.

— Obrigado por ter vindo. — Toco nem seu ombro nu, a pele acetinada provoca um arrepio em

mim. Não consigo deixar minha mão parada, é mais forte que eu, então meus dedos se movimentam, fecho os olhos por dois segundos apenas sentindo a maciez em meus dedos. Marianne olha para minha mão, mas não se afasta.

— Tudo bem — diz ela, meio tímida, e entra rápido no carro.

— Até amanhã, Marianne.

— Até amanhã, Sawyer.

# VINTE E TRÊS

MARIANNE

Ando como um robô até a entrada de casa. Continuo como um robô quando digo *olá* para Alice e subo para o quarto. Na mente, apenas um branco, nos olhos, duas pedras de gelo. Entro no quarto e fecho a porta, me encosto nela e fico ali olhando para o lindo quarto decorado, mas não vejo nada, apenas o vácuo. Aos poucos, meus sentidos vão voltando junto com filetes quentes de lágrimas em minha face. E mais uma vez estou deslizando pela porta de encontro ao chão, mas dessa vez estou chorando. Chorando revoltada por minha fraqueza, por ter jurado a Candice que não veria Sawyer novamente, entretanto, foi apenas ele estalar os dedos que eu fui correndo sem pestanejar. Bastou

uma voz mansa, suave e um toque na minha mão para conseguir me fazer mudar de ideia.

Por que eu tive que ir encontrá-lo quando me ligou? Por que não consegui dizer não ou então um sutil foda-se? Ele veio com aquela voz mansa, pedindo por favor e em poucos minutos já estava no bar.

Estou traindo meu namorado e não tenho forças de parar. O pior é que meu corpo traiçoeiro mal consegue aguentar a ansiedade de chegar logo amanhã para a tal consulta. Em meio às lágrimas, eu solto uma gargalhada histérica.

É libertador gargalhar desse jeito.

Imaginem a cena: você pega sua agenda, vai no calendário e marca: "*amanhã, dia de trepar com o terapeuta*". E eu tinha mesmo marcado uma bolinha vermelha na minha agenda. Chego a me dobrar de rir, sim, eu tenho uma trepada agendada.

Com um esforço sobre-humano, eu me levanto. Sinto-me tonta sem nem ter bebido álcool. Caio na cama e adormeço entre risos e lágrimas. Nesse momento, tudo me deixa com vontade de rir e chorar. O fato de eu ter que transar com outro homem para conseguir transar com meu namorado

e estar traindo Ryan para ele não me trair no futuro. Eu estou dando para o terapeuta porque ele prescrevera em um receituário médico: *uma dose generosa de Sawyer Graham a cada 72 horas*.

Com o maxilar doendo por causa da risada histérica, eu acabo dormindo sem muito esforço.

Eu dormi oito horas ininterruptas, das cinco da tarde até uma da manhã. Sento na cama sentindo o corpo naquele estado de torpor, passo as mãos nos cabelos e bocejo. Está chovendo e acho que foi o barulho da chuva batendo na janela que me fez despertar. Levanto e olho para fora, o céu está escuro como minha vida nesse momento. Eu me afasto da janela e vou para o banheiro. Como já tinha dormido por tempo suficiente, tenho que procurar algo para fazer, mas só depois de um bom banho e de colocar algo no estômago, pois estou faminta.

Pouco depois, eu me sento na frente do computador com uma caixinha de macarrão que provavelmente Alice tinha pedido. Do lado, uma latinha de refrigerante e um potinho de iogurte.

Enquanto como, olho meus e-mails, revejo alguns projetos, faço mais algumas anotações e não



tenho mais nada para fazer. São três da manhã e fico olhando para o computador.

*Eu poderia ir para a sala e assistir um filme.*

Mas as palavras *assistir* e *filme* me dão outra ideia. Uma ideia que faz minhas bochechas corarem. Eu não posso fazer isso, odeio essas coisas. Mas a ideia não sai da minha cabeça. Clico no ícone da internet e abro a barra de pesquisa. Eu não sei nem um nome de site pornô. Como procurar essas coisas ficando imune aos vírus? Dizem que é a principal fonte de problemas no computador.

Mas um vídeo apenas? Acho que eu não seria tão azarada em trazer vírus para meu computador vendo apenas um vídeo.

Com os dedos pairando sobre o teclado e o lábio entre os dentes, eu raciocino mais um pouco e então, decidida, digito:

*Assistir filme pornô.*

É a coisa mais direta que eu penso em digitar. Fico vendo as palavras que digitei, penso mais um pouco e, por precaução, acrescento a palavra "*grátis*" porque eu não vou pagar para assistir sacanagens.

Aparecem milhões de sites. Clico no primeiro e me sinto imunda ao ver a tela inicial do site. É de fundo preto, com letras vermelhas e vários quadradinhos com os vídeos. Clico no primeiro onde se lê: *Hot GangBang*. Não faço a mínima ideia do que seja.

Sinto-me gelada e suando em bicas. É como se eu estivesse prestes a praticar um crime. Antes do vídeo começar, uma onda de culpa toma conta de mim. Eu fecho a janela no xis vermelho e fecho o computador. Isso não é para mim, não quero mudar o que eu penso sobre essas mulheres e homens que descem ao ponto de transar diante de uma câmera para entreter outras pessoas. Homens principalmente. Homens machistas que depois querem fazer com as companheiras o mesmo que viram nos vídeos. Pelo menos, eu penso assim.

Levanto e deito na minha cama olhando para o teto e ouvindo o barulho da chuva.

Os encontros com Sawyer estão me dando ideias estranhas. Esse seria o resultado esperado? Terei que perguntar a ele hoje quando for ao consultório.

Às sete, eu já tinha tomado banho, lavado e

secado os cabelos e usava um vestido que eu adoro. Tem a saia levemente rodada e uma costura a separa do corpete justo. É marrom avermelhado e me deixa mais corada. Lógico que não é nada "uau" estilo *Victoria Beckham*, mas consigo ser meio diva nele.

Calço peep toe vermelhos de salto médio e desço para tomar café junto com Alice, que já tinha levantado.

— Nossa! Onde vai arrasar hoje tão cedo?

— Tenho uma consulta, preciso parecer bem. — Eu dou de ombros e caminho em direção à cafeteira para pegar café fresquinho. Bendito presente que Graham me deu. Sento de frente para Alice.

— Consulta? De quê? — indaga com um olho em mim, e outro no jornal, na parte de fofocas sobre as celebridades.

— Terapeuta — respondo com um ar elegante. Isso eu posso contar para ela. Alice levanta os olhos e me encara interessada.

— Está fazendo terapia? — Ela deixou completamente de lado o foco do jornal e presta atenção em mim. Os lábios se curvam em um

sorriso surpreso. — Meu Deus! Minha irmã é uma dondoca.

— Pode fazer o favor de guardar segredo? Não quero que eu fique com a imagem de doida varrida que precisa de acompanhamento psiquiátrico.

Olho as opções comestíveis postas na mesa por Alice. Decido comer um pedaço de queijo. Não preciso de dieta, mas não é bom encher a barriga quando está prestes a... prefiro não pensar no que estou prestes a fazer agora pela manhã.

— Quando começou e por quê? Você é a pessoa mais calma e centrada que eu conheço. Acho que você deve estar dando conselhos ao pobre senhor.

Então Alice acha que meu terapeuta é um senhor... Se ela soubesse...

Beberico o café com a cabeça baixa para esconder o olhar irônico.

— Apenas Ryan sabe disso e os motivos são apenas meus. Só estou te contando para o caso da secretária ligar algum dia para desmarcar uma consulta, sei lá o que elas fazem. — Na verdade, contei a ela para ter um álibi. Vai que um dia ela

veja meu celular ou Sawyer ligue. Ela já tem que estar preparada.

— Sei... Mamãe sabe?

— Não, somente Ryan e você. Não conte para mamãe, não quero ela implorando para ir comigo a uma consulta.

— É bem a cara dela.

Eu ergo a sobrancelha ao imaginar minha mãe ao menos sonhando com o que eu faço com um estranho em um consultório. Bem, pelo menos é um estranho gatão e, decididamente, dona Rose Cooper no consultório de Sawyer é a última coisa em que eu gostaria de pensar.

Vou com Alice para o escritório. A consulta é às nove e eu não vou aparecer lá uma hora antes e deixar claro como estou desesperada.

Uma hora depois, retoco a maquiagem na minha sala e dou uma olhada no meu celular. Nada de novidade, Ryan ainda não voltou, mas, felizmente, dá sinal de vida. Me liga antes de eu deixar minha sala.

— Ryan! Até que enfim. Está vivo então?

— Desculpa. Estive apertado por aqui. Mas eu tentei falar com você ontem.

— É. Eu não ouvi o celular tocar porque estava dentro da bolsa.

Levanto e olho meu cabelo em um espelho que eu mandei providenciar e ficava na parede do meu escritório. Definitivamente uma mulher não pode passar o dia sem um espelho descente. Sou geminiana e dizem que nós, seres desse signo, gostamos dessas coisas: espelhos com molduras antigas e objetos retrô em geral, Tudor e *Belle Époque*, quadros e porta-retratos coloridos, revisteiras. E eu tinha tudo isso em meu escritório e meu apartamento. Paro de pensar e volto minha atenção quando Ryan fala:

— Voltarei na sexta-feira.

— Vou fazer um almoço para esperar você.

— Pareço uma dona de casa linda, alegre e obediente.

— Tudo bem, se houver algum imprevisto, eu ligo.

— Imprevisto para quê? Sua volta ou o almoço?

Deixo o espelho de lado e fixo minha atenção no telefone.

— Um dos dois. — Ele fala e eu não

respondo. Sinto a frieza da voz dele. Por quê? Ainda frustrado? Mas eu que deveria estar me sentindo frustrada por ele não ter me levado ao orgasmo. Homens...

— Ryan, você está chateado com alguma coisa ou comigo?

— Claro que não... Estou cansado por não ter dormido bem esta noite. Enxaqueca.

— Entendo.

Ficamos alguns constrangedores segundos calados, então ele parece se lembrar de algo e sinto alívio na voz dele.

— Mary, eu vou presidir um evento... é um baile de caridade no domingo. Quero que vá comigo.

Acho que meus olhos brilharam junto com a vibração do meu corpo. Um convite para um baile. Nada pode me fazer mais feliz.

— Claro que vou, Ryan.

— Bem, a gente conversa quando eu chegar aí.

— Tudo bem.

— Ainda está se consultando?

— Sim.

— Continue, pode ser que dê algum resultado.

Meu peito gela. Deus! O que estou fazendo com a minha vida? Com meu namorado? Marianne Cooper devia ser o nome para dar significado a palavra *Vadia* no dicionário. Ryan nem sabe que já está dando resultado. Eu não consigo mais segurar a vontade de ir logo ver Sawyer.

— Sim, talvez. Agora preciso desligar, tenho algumas coisas aqui no escritório que precisam da minha atenção.

— Sim, vá. Um beijo.

— Outro.

Apesar de tudo, é um namoro frio. Eu seguro o celular contra o peito, essa não é ligação de um casal apaixonado.

Caramba! Ele está fora da cidade e não mostrou nem um sinal que sente saudades. Um pensamento invade minha cabeça.

Como é o relacionamento de Graham e a namorada dele? Pelo visto ele não é tão frio como Candice e os outros dizem. Ele não é tão insensível como parece, estava muito mal ontem à tarde

NACIONAIS - ACHERON



porque brigou com ela. Ele deve amá-la. Seria por isso que estava largando a terapia? Para se casar? Preciso conversar com Candice urgentemente.

*Não! Nada de Candice!*

Candice ficará fora dessas questões por enquanto.

Pego minha bolsa e saio da sala em direção ao elevador.

— Aly, estou indo. Cuide de tudo para mim. Ligue-me se for algo urgente. — Grito para minha irmã.

— Tudo bem. Boa terapia.

Ela diz acenando um tchauzinho. Eu a olho com cara feia e entro no elevador.

Sim, querida irmã, eu terei uma boa terapia.

Graham já me esperava quando adentrei o consultório. Apenas ele, Eva ainda está de férias. Fico meio sem jeito por ele abrir o consultório quando devia estar estirado debaixo do sol de uma boa praia. Olho para ele tentando não sorrir. Quero parecer indiferente, como se viesse ali para alguma coisa fútil. Entretanto, é inevitável sorrir quando eu o vejo vestindo uma calça de sarja azul escuro, delineando pernas grossas e perfeitas, uma camisa

NACIONAIS - ACHERON

cinza escura por dentro da calça, recheada de músculos simétricos, e sapatos lustrosos italianos. Suspeito de que são confeccionados à mão.

*Putá merda. Esse homem não penteia esses cabelos?*

Olho e fico desanimada ao constatar que, mesmo penteado, ele é o significado ideal de definição palavra beleza. É como se tivesse acabado de sair de uma dessas páginas de revistas de moda. Ele sorri e vem até mim. Sou devidamente cumprimentada com um beijinho no rosto.

*Quero mais.*

Soluço internamente. Uma Marianne interior está tirando foto de Sawyer para eu poder me lembrar dessa visão mais tarde.

— Oi — diz após se afastar do meu rosto. Suas mãos ainda continuam em meus ombros mantendo uma tímida pressão. Engulo seco quando meus olhos passeiam pelo antebraço dele.

— Oi — respondo.

— Venha. — Ele segura minha mão e me leva até o divã.

— Como passou a noite? — questiona

NACIONAIS - ACHERON

sentando-se na poltrona. Eu me acomodo no divã, tiro meus sapatos e coloco a bolsa de lado. Não deito, continuo sentada.

Flagro os olhos dele nas minhas pernas. Pura cobiça estampa o verde oliva brilhoso dos olhos dele. Sem se abalar por ter sido pego no flagra, Sawyer se endireita e me olha.

Ficamos calados nos olhando então lembro-me da pergunta que ele fez. Encabulada, desvio o olhar.

— Acredita que depois do encontro no barzinho, eu cheguei em casa e subi para um cochilo? Acordei de madrugada.

— Sério? Está relaxada, então?

— Sim. Nunca dormir tanto em minha vida. Foi ótimo.

— Quer beber alguma coisa?

Ele não espera eu responder, levanta e vai ao frigobar.

— Uma água. — Peço.

Ele abre uma garrafinha de água mineral e despeja em um copo grande.

— Desculpe, esqueci de comprar

ingredientes para a máquina de café. — Ele aponta para a cafeteira. — E Eva nem está aqui para preparar um cafezinho para a gente.

— Então, poderia usar aquela cozinha ali atrás e preparar um café. — Dou a dica, me referindo a cozinha onde transamos.

Ele ri e senta-se novamente na cadeira após ter me entregado o copo.

— Aquela cozinha não tem utensílios, é só uma réplica.

Balanço a cabeça assentindo e bebo um gole da água. É muito desconfortável ficar aqui sendo observada. Graham não tem escrúpulos, ele me olha avidamente, sem piscar.

Passo os dedos pelos cabelos, instintivamente mostrando que eles estão mais lisos e limpos. Bebo outro gole na água. Espero não estar fazendo aquelas coisas que os homens sempre acusam as mulheres, dizendo que elas provocam. Será que mexer nos cabelos classifica como provocação?

— Falou com ela depois de ontem? — pergunto.

— Ela?

— Sua namorada.

— Amante. — Ele corrige.

— Isso. — Estalo os dedos como se tivesse me lembrado desse detalhe.

— Não, não falei com ela. Ainda estou chateado.

— Ah! — Exclamo aturdida com uma mão no peito. — Se quiser, eu posso ir embora... A gente marca outro dia, você não está bem...

Ele fica sério e franze o cenho antes de responder.

— Eu me recuso a responder isso. Agora deite-se, vamos conversar um pouco. Aqui você está sob consulta, não eu. Fale-me de você. — Ele pega o caderno. — Me diga o que quiser. Algo que mudou em sua vida desde que começou a frequentar meu consultório. — Ele pede, com a voz muito séria e concentrada. Eu pesco as melhores palavras dentro de minha mente antes de responder.

— Mudou muita coisa. Por exemplo, agora eu não tenho mais medo de ir para cama com meu namorado. — Dou um sorriso que considero amigável, mas recebo um olhar gelado em resposta.

Oi? Ele não devia sorrir por saber que suas  
NACIONAIS - ACHERON

artimanhas estão dando certo?

— Quer ir para cama com ele?

— Claro. É isso que as namoradas fazem.

Dou de ombros e finjo não perceber a cara de "*comeu e não gostou*" que ele faz.

— Eu não quero saber as regras gerais, quero saber o que você quer.

Espera! É impressão minha ou ele está sendo hostil? Meu Deus! Eu preciso de um manual de instruções para acompanhar esse cara.

— Eu quero... preciso estar com ele.

— Ou você acha que quer?

— Qual é o problema, Graham? Seu trabalho é fazer eu me dar bem com meu namorado, não o contrário.

— Eu tenho que mostrar a verdade a você mesma, o que estamos fazendo aqui é principalmente aceitação para seus sentimentos.

Me calo por alguns segundos pensando no que ele diz. Respiro fundo e volto a falar. É melhor mesmo que seja só isso, não quero pensar nessas terapias indo para o lado pessoal.

— Eu gosto de Ryan. Não o amo como

deveria, mas...

— Deveria? Por quê?

Acreditem, ele me interrompeu. Sawyer é um dos únicos, senão o único terapeuta que não deixa o paciente falar.

— Não sei explicar, ele é um bom homem, tem paciência comigo. É o mínimo que eu deveria fazer.

Sawyer está paralisado olhando para mim incrédulo, com a mesma expressão que fiz quando assisti o último episódio de *Dexter*.

— Vejo que precisa mesmo de um tratamento. Tem uma mente fechada, quer apenas satisfazer os outros e se esquece de você. Por exemplo, não queria mais vir aqui porque Candice acha que não é legal para você. Ela acha que você é diferente, não é forte e madura suficiente para guiar a própria vida. E agora você vem com essa de que tem obrigação de amar Ryan porque ele tem paciência com você? Ah faça-me o favor.

Eu fico sem resposta. Começo a processar o que acabo de ouvir. Ele pode falar dessa forma comigo? Não sei como um terapeuta age, nunca estive com um, sei apenas que eles não fazem sexo

nem discutem com pacientes. Suspeito que na próxima vez terei que vir acompanhada de um psicólogo.

— Não quero mais falar sobre isso. Meu relacionamento com Ryan é problema exclusivamente meu.

Ambos ficamos calados duelando com os olhares. Eu sei que ele é bem mais forte do que eu nessa modalidade de luta de olhares. Corrigindo: em que eu sou mais forte que ele?

Porém, para minha surpresa, ele desiste da luta de olhares.

— Tudo bem. — Ele abaixa os ombros. — Sobre o que quer falar?

Uma concessão? Posso mesmo falar o que quero?

Busco em minha mente o top 5 de assuntos mais propensos a tratar com um terapeuta. Um nome pisca na minha cabeça desde ontem à noite. Fico intrigada com a palavra *Gangbang* e tentada a saber se é uma forma diferente de sexo. Talvez Graham queira me mostrar. Me animo só de pensar.

— O que é *gangbang*? — pergunto, tentando esconder o nervosismo. Ele não responde,  
NACIONAIS - ACHERON



eu ouço algo parecido com um grunhido ou pigarro. Olho para ele e Sawyer está petrificado me encarando. Seu sangue sumiu do rosto.

— Onde ouviu isso? — questiona depois de algum tempo em silêncio. No olhar é nítido que os pensamentos estão em desalinho.

— Eu... eu só estou curiosa...

*Ai, meu Deus! Ferrou! Será que é um palavrão?*

— Onde ouviu essa palavra, Marianne?

*É um palavrão!*

A voz dele deixou o tom surpreso e agora está grave com um bom nível de estresse.

Pronto, aqui estou eu novamente. Uma garotinha de dez anos que foi pega no flagra pelos pais e agora precisa confessar toda traquinagem que aprontou durante a madrugada. Os olhos de Sawyer são frios e me dão um pouco de medo. Decido não provocá-lo.

— Essa noite, quando acordei de madrugada, eu... liguei o computador e fui procurar vídeos pornô. — Revelo sem olhar para ele. Sei que Graham vai me dizer que é normal as pessoas fazerem isso. Vai rir de mim por eu estar sendo tão

NACIONAIS - ACHERON

boba.

— Você o quê? — Ele fica sobressaltado. Levanto os olhos e o encaro.

— Eu disse que liguei o computador para assistir um pornô. Como o que você me mostrou. — Apesar do meu espanto, torno a relatar com muita naturalidade.

— Ficou louca? — Ele está possesso, de olhos saltados — Eu não disse que era para você ver pornografia na internet. — Ele quase gritou. Eu sento no divã, em um movimento lento e calculado, como se não pudesse me mexer diante de uma fera. Estou surpresa com a reação de Sawyer.

— O que você viu? Com que frequência vem fazendo isso? Onde procurou esses vídeos? Abriu uma conta em algum site?

É definitivamente bizarro. Ele está se comportando como um recatado. Acho que nem Ryan teria esse ataque, ainda mais Graham, que é um pervertido.

— Eu não venho fazendo isso frequentemente. Qual o seu problema? Você disse que era normal, até me fez assistir um.

— Caralho! — Ele rosna revoltado. Esfrega

NACIONAIS - ACHERON

as mãos no rosto. — Marianne, eu não tinha intenção de viciá-la! Pornografia é uma droga como outra qualquer. Estou tentando resolver um problema seu, não arrumar outros.

*Olha só quem veio nos dar a graça da presença, meninas: Sawyer furioso e paternalista.*

— Espera aí. Eu não estou viciada em pornografia. Apenas fiquei curiosa, quis procurar algo interessante.

— É assim que viciados em toxinas começam. Eles provam a primeira vez por curiosidade. — Sawyer me fuzila com olhos raivosos. As mãos descansando na cintura. Está nitidamente me dando uma bronca.

— Por que esse escarcéu todo? Eu não posso sentar em frente a um computador e assistir o que quiser? É minha casa, minha vida. Eu pago a droga da internet. — retruco.

— Não. Não pode. Não enquanto estiver se tratando aqui. Quando tudo terminar, você poderá fazer o que quiser, mas, enquanto isso, tem que fazer o que eu achar que é bom para você. Está me entendendo? — A voz dele está alta e bem ríspida. Acho um absurdo e chega a ser um abuso.

— Pare de gritar comigo, não há explicação para você agir dessa forma. — Eu revido gritando também.

— Você me tira do sério. Será que não pode fazer o que eu te peço uma vez na vida?

— Você pede? Sempre que venho aqui você apenas ordena.

— E quero que minhas ordens sejam obedecidas. Ou então tudo que fizermos será em vão.

— Nem preciso seguir sua ordem, eu nem mesmo assisti o vídeo nessa madrugada, cheguei a entrar no site, mas fiquei enojada. Fique tranquilo, Graham, eu ainda sinto o mesmo asco por atores e atrizes pornô.

Vejo a face dele ficar lívida. Os olhos se tornam escuros e me soltam faíscas, os punhos cerrados. Os belos músculos visivelmente tensionados. Então ele se vira e fica olhando pela janela. O corpo alto e forte curvado para frente. Eu, firme e pronta para o combate, esperando. Depois do que pareceu horas, ele se vira. Parece mais calmo. Exala pesadamente antes de falar.

— Vamos lá para dentro. Hoje vamos

trabalhar outra coisa.

Ele estende a mão para mim.

— Como pretende se deitar comigo depois da gente ter praticamente brigado?

Ele dá três passos e segura meus ombros.

— Nós não brigamos. Estamos apenas acertando arestas. Tudo bem? — Sawyer faz uma breve carícia no meu queixo. — Não quero ver você misturada com essas coisas. Eu a acho tão pura para se corromper com pornografia.

Ele sussurra e eu começo a me derreter.

*Deixe de ser tola, mulher! Controle-se!*

— Eu sei. Sinto o mesmo. Só que eu vi a palavra em um vídeo e me chamou a atenção. Achei que poderia ser uma posição sexual e que poderíamos tentar aqui no seu consultório.

— Sinto muito, Marianne, eu jamais faria um *Gangbang* com você. E nunca permitiria que fizesse com outras pessoas.

— Outras pessoas?

— Sim. *Gangbang* é isso. Sexo grupal, quando um único indivíduo trepa com três ou mais pessoas ao mesmo tempo. Uma mulher que dá para

uns quatro homens ao mesmo tempo, por exemplo.

Eu fico estatelada. Ele dá um sorriso.

— Está vendo como tem que confiar em mim antes de andar com as próprias pernas?

Ele esfrega o polegar gentilmente perto do meu lábio. A cor começa a voltar ao meu rosto, posso sentir o sangue fluir. Fico presa na relva verde dos olhos dele. — Maldito safado, que joga sujo me hipnotizando com esses olhos.

— Venha comigo. Planejei uma coisa para você. — Ele sussurra e passa a língua sutilmente no próprio lábio

— O que planejou?

— Você verá, venha.

Olho para baixo e ele continua com a mão estendida. Respiro fundo e seguro a mão dele.

# VINTE E QUATRO

MARIANNE

Entramos no estúdio, dessa vez as portas dos compartimentos estão todas fechadas. Ele caminha até uma porta e abre.

É um quarto espelhado. Há espelho no teto e nas paredes. No meio, apenas uma cama imensa com lençóis de cetim preto. Percebo que os espelhos estão posicionados de um modo que quem estiver na cama possa se ver em todos os ângulos. Engulo em seco. Se transar com Sawyer já é o mesmo que voar à lua, assistir ele me comer deve ser como chegar ao sol.

— Isso é para mais tarde — diz ele e me puxa para fora.

Voltamos para o corredor e, antes de abrir

NACIONAIS - ACHERON

outra porta, ele para e me encara. Com uma voz bem calma e doce, pergunta:

— Está tomando o anticoncepcional?

— Sim.

— Ótimo.

Graham não solta minha mão. Abre a porta e entramos em uma sala com uma cama estranha no centro. É alta e larga, parece uma mesa cirúrgica, só quando me aproximo mais vejo que é acolchoada. De um lado, há duas poltronas e uma porta. Do outro lado, um armário sem portas cheio de recipientes de todos os tamanhos, que parecem vidros de perfume. Também há várias toalhas brancas enroladas e muitas compressas. O ambiente é bem limpo e tudo é branco. Paredes, tetos e piso.

— É uma sala de massagem? — pergunto.

— Sim. — Ele fica parado com as mãos nos bolsos da calça analisando cada movimento meu. Vou até a cama/mesa e vejo correntes que pendem de ganchos no teto.

— O que é isso tudo? — indago apontando para as duas correntes, uma em cada lado da mesa.

— Acho que já deve ter ouvido falar em BDSM. — Ele me olha com a mesma cara de  
NACIONAIS - ACHERON



safado de sempre e caminha até a cama pegando a algema de couro preta e a balança para que eu possa ver.

— Não sei se quero...

— Não se preocupe, é só para você ter uma base. Hoje vamos ficar apenas com o bondage. — Ele tira a camisa de dentro da calça na maior naturalidade. Em seguida, começa a desabotoá-la.

— Tire seu casaco, Marianne.

Ordena e eu fico meio sem jeito. Ele já terminou de tirar a camisa e está olhando para mim com aquele olhar reprovador.

— Quer que eu tire? — pergunta o insolente.

— Não.

Com os dedos trêmulos, começo a desabotoar o casaco e o jogo no canto.

Ele se aproxima e eu evito olhar para o peito largo e musculoso. Fixo apenas em seu rosto e isso já é uma bela tentação. O mundo é tão injusto. Por que meu namorado não é gostoso desse jeito?

— Prenda os cabelos. — Sawyer torna a ordenar. Pego a bolsa, tiro uma presilha de dentro e

faço um coque improvisado usando meus dedos trêmulos.

— Um rabo-de-cavalo. Não me dou bem com coques austeros.

Ouçó a voz grave e rouca e levanto os olhos para fitá-lo. Terrível besteira encará-lo. Definitivamente aquele meio sorriso é de cobiça.

Nesse momento, percebo que o homem estritamente profissional da primeira consulta simplesmente nunca existiu. O fato é que Sawyer sabe atuar muito bem. Naquele dia, até saiu do banheiro para eu me trocar. Que tola eu fui. Desmancho o coque e faço um rabo-de-cavalo.

Sawyer vira-se e senta na poltrona.

— Venha aqui, Marianne. Sente-se no meu colo.

Ele dá dois tapinhas em sua perna. Está vestindo apenas a calça. Não sei como ele tirou os sapatos tão rápido que eu nem percebi. Arregalo os olhos sem querer.

— Por que está arregalando os olhos?

— Eu não...

— Venha, sente-se. — Ele torna a pedir e

estende os braços para mim. Eu respiro fundo, engulo seco e vou até ele. Com muita vergonha e totalmente sem jeito, sento-me em uma das pernas dele, com a ponta da bunda, meio ereta. Sawyer me acomoda melhor em seu colo. Sinto o calor que vem dele e a rigidez da sua coxa. Fecho meus olhos e me concentro em minha respiração. Preciso respirar para não cair morta e azul nos pés dele.

— Muito bem. — Sawyer acaricia meu queixo e depois seus dedos supermaravilhosos fazem um carinho leve na minha orelha. Ele sorri quando nosso olhar se encontra. Eu arfo involuntariamente.

— Gosta disso, não é? Mas por que fica constrangida?

— Constrangida? – Minha voz está rouca e quase inaudível.

— Sim, nas últimas duas sessões notei que ficou pouco à vontade com seu corpo e com o meu.

— Por que eu não costumo... fazer isso...

— Sim, eu sei. Agora quero que me responda tudo com sinceridade. Sim?

Aceno com o pescoço. Apenas o movimento, afinal, ele não pede para eu responder

NACIONAIS - ACHERON

com palavras.

— O que estamos fazendo aqui?

— Um tratamento.

— Para quê?

— Curar meus temores.

— Boa menina.

Ele sorri e eu posso ver contentamento no belo rosto. Acho que eu ganhei uma boa nota. Os dedos de Sawyer não param de acariciar meu rosto. Ora, o queixo, ora as bochechas, as pálpebras e os lábios. E cada vez mais uma marretada na forte redoma de proteção do meu coração.

— Eu não vou poder continuar com essas sessões se você continuar se comportando de maneira tão infantil. É uma mulher adulta, não posso admitir que continue retraída quando está com um homem.

O que ele quer dizer com isso? Droga, será que ele não percebe como me deixa nervosa? Afinal não é todo dia que a gente vai a um terapeuta e se vê coagida a fazer sexo com ele. Não é todo dia que recebemos a ordem de sentar em colo de homens bonitos. Um homem estranho. Apesar de toda aura de sensualidade que o ronda, é

NACIONAIS - ACHERON

um desconhecido.

— Acho que é porque eu o considero um estranho — respondo de cabeça baixa. Ele suspende meu queixo com os dedos me fazendo encará-lo.

— Mas não devia. Eu a conheço, você me conhece, a gente já transou duas vezes. Não tem por que se sentir assim.

Eu não respondo nada.

— Sente vergonha do seu corpo apenas quando está comigo? Sentiu isso quando dormiu com Ryan?

Abaixo os olhos de novo. Claro que não, eu nem tinha me dado conta de que me retraía. Mas não me considero o melhor exemplo de mulher e, depois do fracasso na cama com meu primeiro homem, essa ideia ganhou mais força. Sei que tenho genes bons. Minha mãe é brasileira e herdei uma bela bunda. Mas onde está a beleza superextravagante que faz olhos alheios brilharem? Eu não vejo.

— Não pense. Conte-me, preciso saber seus segredos. — Ele ergue, teimosamente, meu queixo. — Você não está sendo uma boa paciente. Temos

que dialogar.

Continuo calada, tentando procurar as palavras. Minhas Mariannes estão mudas, nem mesmo a sensata, que sempre me controla, tem uma resposta. Como vou contar algo para ele se é difícil admitir para mim mesma? Fico tempo demais calada. Sawyer já está começando a perder a calma e isso não ajuda. Ele não percebe como tudo isso sempre vai longe demais para mim?

— Por que fica tentando se cobrir, desviando os olhos de mim, fechando-os quando estamos na cama?

— Eu...

— Por que evita tocar em mim? Sente algum tipo de repulsa? — Ele nem espera eu responder a primeira pergunta. Parece desesperado para saber o que estou pensando.

— Sawyer, por favor. Uma coisa de cada vez. — Eu peço de repente fazendo-o se calar.

Dou um suspiro e puxo todo ar que necessito para dentro dos pulmões. Nem percebo, mas descanso minha mão no ombro dele. O calor da sua pele é tão gostoso que finjo nem perceber e continuo com a mão ali. Jamais perderia essa

oportunidade.

— Desde o fracasso com Charles... Eu... Droga! Eu não sou a mulher mais linda do mundo. Isso, somado ao fato de você ser um estranho para mim e a nossa relação não ter nada de emocional, me deixa meio sem graça. Eu nunca me imaginei fazendo sexo com um homem sem ter carinho envolvido.

— Mas tem carinho envolvido. Não fazemos nada à força. Nada brutal e que possa ferir um de nós posteriormente. Há carinho envolvido, só não é uma relação amorosa como a que você costuma conhecer.

Balanço a cabeça assentindo.

Ele é bom com as palavras. Consegue me dar sempre uma boa resposta.

— Eu quero curar isso em você. Mas antes tem a questão do meu toque. Ou melhor, do toque em meu corpo. — Ele fala e olha de soslaio para minha mão em seu ombro. Tiro-a imediatamente. Sinto meu sangue gelar e tenho certeza de que fiquei pálida. Devo estar parecendo aqueles bonecos tolos de ventríloquo sentada, sem vida, no colo de um homem.

— O motivo que revelou há pouco... É o mesmo motivo pelo qual se recusa tocar em mim?

— Eu toco em você. — Revido depressa mesmo com a voz falha. Lembro muito bem de como meus dedos passearam pelos braços dele e pelas costas largas. Lembrar disso já queima meu fraco e mortal corpo feminino.

— Sim, você me tocou nos braços e nas costas. Anotei cada coisa que fizemos. E fico me perguntando... Por que não no resto?

— Resto?

Ele pega uma das minhas mãos e levanta. Nossos dedos se entrelaçam e nossos olhares imediatamente são atraídos para as mãos grudadas suspensas no ar.

— Sei que isso não é só comigo. Posso sentir que mantém a mesma distância quando está com seu namorado. Não quero transformá-la em uma ninfomaníaca, todavia, quero prepará-la para quando estiver com outro homem. Você vai precisar dar prazer a ele para ter prazer também. Sexo, ou fazer amor, como vocês mulheres preferem dizer, é uma troca mútua. — Ele conduz a minha mão, que estava aninhada sob seus dedos e



pousa no seu bíceps.

— Sente algo negativo quando toca meu braço? Repulsa, constrangimento, nervosismo ou fobia?

— Não — respondo, rápido. Rezo para me controlar e conseguir não acariciar a pele quente do braço musculoso dele.

*Eu adoro tocar no braço dele.*

Ele conduziu minha mão até o pescoço e subiu, passando pelo rosto áspero com a barba por fazer e paramos na orelha direita dele.

— Sente algo assim quando segura minha orelha?

— Não.

— E o meu nariz?

Ele me faz segurar o nariz dele e aquele gesto me faz rir.

— Não — digo, já me sentindo mais calma. Por uma fração de segundos, noto que meu corpo gosta de estar sentado no colo dele. Nem vou me repreender por isso. É a verdade, gosto mesmo e pronto.

— Sente algum desses sentimentos se eu

fizer você tocar no meu pau, coxas ou bunda?

— Sim. — Minha resposta foi mais rápida que a formulação em meu cérebro.

*Tocar o pênis dele?* Segundo a minha Marianne antiquada, eu deveria sair correndo, mas a suposição me deixou tão excitada que me mexi desconfortavelmente na perna dele. O que está acontecendo comigo? Por que eu, interiormente, quero tocar no pênis dele?

— Qual sentimento seria? — pergunta e olha para minhas pernas, sabendo que eu estou excitada. Claro que ele sabe, porque os lábios curvaram levemente.

— Constrangimento talvez.

— Nada de repulsa?

Eu achei que depois da pergunta dele, eu perderia a voz. Mas bravamente consigo responder.

— Não.

— Então não tem nojo ou medo dessas partes do corpo de um homem?

— Não, não tenho. — Mantenho-me firme.

— Sente-se excitada quando vê alguma dessas partes do homem?

Eu lanço um olhar perplexo para ele. É tão direto. Não se abala com nada que fala.

Apenas faço que sim com um movimento de cabeça.

— Responda. Haverá momentos que eu não estarei olhando para você para saber se balançou ou não a cabeça.

— Sim — respondo obedientemente.

— Que parte específica deixa você cheia de tesão?

— Sawyer...

— Nada de hipocrisia aqui, Marianne. Eu, por exemplo, sou fissurado em uma bunda roliça e seios firmes e pontudos como os seus. Gosto de todo conjunto da mulher, mas essas são as partes específicas que curto.

*Ah, meu Deus!*

— Eu gosto do abdômen... talvez... — Gaguejo e olho de relance para o dele.

— Talvez? — Ele meio que debocha sorridente e acaricia o peito indo com a mão até o umbigo. Eu olho abobalhada e quero urgentemente tocar também. Ele sabe disso porque dá mais um

sorrisinho lascivo.

— Me deixa em paz. Estou quase desfalecendo de vergonha. — Tento levantar, mas ele não permite.

— Não quero que tenha vergonha comigo... Quer dizer, com qualquer outro homem. Precisa ser dona do momento. Saber controlar a situação. Vou ser bonzinho e pular essa parte. — Ele se ajeita antes de continuar o interrogatório.

— E se eventualmente eu ou outro vier a ejacular fora. Sentirá algum tipo de repulsa quanto ao esperma?

— Bem...

Eu me calo, imediatamente Sawyer evita que eu abaixe a cabeça.

— Não desvie o olhar. Responda, Marianne! Preciso saber de tudo para poder trabalhar com você.

— Não sei...

— A ideia te deixa enojada?

— Não necessariamente... é que eu nunca...

— Tento gesticular minha explicação, mas sou um completo fracasso.

— Sei que nunca fez isso. Quero apenas a verdade, o que está sentindo. Eu te mostrei um vídeo pornô e você viu um cara gozar. O que sentiu em relação a isso?

Engulo seco e fixo meus olhos nos dele. Procuro interiormente uma resposta, mas não sei o que dizer.

— Eu não sinto nojo, apenas não sei como lidar com um cara gozando em cima de mim.

— Muito bem. Isso me deixa aliviado.

Ele me faz levantar do colo dele e se levanta também. Posiciona-se de frente para mim e termina de se despir. Sem desgrudar os olhos dos meus, desabotoa o cinto e tira a calça. Fica apenas de cueca boxer branca.

Olho perplexa o contorno do pau dele aparecendo na cueca. Está naquele estado de semirrigidez. Um deslumbramento. A cueca se adere perfeitamente a suas coxas fortes e sua cintura rígida. Melhor do que modelos de cueca.

— Marianne, tudo o que você está vendo aqui não passa de alguns quilos de carne e ossos.

*Efêmero que dói...*

Debocho, voando longe nos pensamentos.  
NACIONAIS - ACHERON

Sawyer estala os dedos e eu volto a atenção para ele. *Oi?*

— Espero que esteja ponderando sobre seu problema nesse devaneio.

— Fui longe. — Levanto os ombros com uma desculpa melosa na minha voz sorridente.

— Não faça isso de novo, odeio ficar falando sozinho. É enervante. — Ele briga comigo seriamente.

*Tudo bem, doutor.* Faço uma voz cantante na minha mente. Droga! Eu devia ter comprado muitos chocolates ao invés da terapia. Chocolate não pergunta, chocolate entende a mulher.

— Eu quero que entenda que um homem e uma mulher não precisam ter tabus quanto ao corpo do parceiro. Não digo para você sair apalpando qualquer homem que veja, mas, dentro do seu espaço, veja isso como algo banal. Assim como orelha, nariz e braço, o pênis, a bunda e as coxas fazem parte do corpo de um homem. Não tenha medo de tocar se você e seu parceiro tiverem vontade. Hoje vamos trabalhar esse assunto para acabar de vez com seu temor.

Eu apenas assenti relutante sem dizer nada.

— Está tudo bem?

— Sim. — Respondo. Meus olhos pousam nas algemas de couro.

— São para mim. Hoje você vai ficar no controle.

— Perdão?

Eu entendi certo ou uma potência dessa disfarçada de homem está insinuando que eu posso amarrá-lo? Puta que pariu! Tô pasma.

# VINTE E CINCO

SAWYER

— Eu vou me deitar nessa cama, você vai amarrar meus braços e fazer uma massagem em mim. Vai conhecer cada pedacinho do meu corpo sem a minha interferência. Não acho que isso vai ser algum sacrifício hediondo não é mesmo? — Ele dá uma piscadinha para mim e passa a mão pelo corpo se exibindo.

— Eu não sou massagista... — Argumento pateticamente tentando escapar do meu destino lascivo.

— Não é uma massagem profissional.

Ele simplesmente vira as costas para mim, vai até a prateleira e pega dois vidros. Tem uma senhora bunda, encoberta pela cueca.

— São óleos, jogue-os em meu corpo e  
NACIONAIS - ACHERON



apenas passe as mãos em mim. Em todas as partes. Está entendendo, Marianne?

*Claro! Não sou burra.*

— Estou. — Recebo os vidros e fico olhando ele subir na cama.

*Que visão é essa bunda...*

Ele não tirou a cueca. Fico aliviada. Nem vou falar nada, para não lembrá-lo. Assim será melhor para eu trabalhar.

— Agora venha e amarre meus braços.

Minhas meninas interiores brindam e viram o copo de *Johnnie Walker*. A festa na minha mente começou.

Obedientemente, eu deixo os frascos de óleo lavanda em uma mesinha ao lado e abotoo as pulseiras de couro em cada pulso dele. Graham fica de braços abertos, exatamente como fiquei no dia da narrativa. A diferença é que ele está amarrado.

É uma imagem tão bonita que me dá vontade de abrir as portas para visitantes, como nos museus. Acho que ganharia uma fortuna.

— Como você está iniciando, vou deixar que comece a massagem vestindo a lingerie e eu de

cueca. Só vai tirar minha cueca quando eu mandar, depois de desamarrado.

Ele balançou as mãos para mostrar o que tinha dito. Noto que está bem preso. Apesar de ter verificado, há pouco, que as algemas são macias e não podem machucar, vejo que são firmes o suficiente para que ele não corra atrás de mim, caso eu me acovarde e vá embora.

— Depois vou comer você aqui em cima.

Eu mal ouço o que ele está falando. Fico boquiaberta admirando esse corpo monumental em minha frente. É mesmo, sem dúvidas, algo para colocar em uma redoma de vidro e ficar admirando. Ele olha para mim com aquela cara de: "*O que foi? Perdeu alguma coisa?*" Então me recomponho e me aproximo. Olho a tatuagem que tanto me excita e intriga.

Passo os dedos pelo peito dele, indo até o ombro e, em seguida, desço pelo braço fazendo o contorno da tatuagem.

— O que é?

— Maori. Gosta?

— Sim. O que significa?

Continuo contornando com meus dedos o

NACIONAIS - ACHERON

desenho preto.

— Na verdade, são três significados entrelaçados formando uma só tatuagem.

— Tem apenas essa? — pergunto verdadeiramente interessada. Eu já estive com ele pelado sobre mim duas outras vezes, mas estava desintegrada demais para prestar atenção em detalhes.

— Também tem um código de barras na minha virilha. — Ele revela em um sorriso safado. Um terapeuta pode legalmente sorrir desse jeito? Deus! Preciso urgentemente de um advogado. — Nunca viu? — indaga, referindo-se à tatuagem na virilha.

— Mais ou menos. — Minha resposta não passa de um sussurro. Me lembro de talvez ter visto alguma coisa. Meus olhos vão imediatamente para a cueca dele na esperança de ver a tal tatuagem.

— Vai ter a oportunidade. Assim que estiver livre, te conto o que essa aqui significa. Agora comece, Marianne.

Eu me afasto dele e tiro meu vestido.

Nunca achei que uma pessoa pudesse tremer dessa maneira.

— Você vai escolher por onde quer começar. Se começar nos pés, vai subindo apalpando cada centímetro do meu corpo até chegar à cabeça. E vice-versa.

— Eu começo pela parte de cima.

Lógico! Sou louca de tocar nessas coxas fortes que vão me intoxicar e eu serei obrigada a me jogar em cima dele feito uma ninfomaníaca? Se Candice me visse agora, haveria o massacre da serra elétrica. A serra estaria com Candice, claro.

Pego o vidro de óleo e me posiciono de pé atrás da cabeça dele que está na altura do meu umbigo.

— Tentando retardar o momento de ver meu código de barras? — Ele ergue a cabeça para trás e olha para mim.

— Sim. — Decido manter a sinceridade. — Como começo?

— É simples, pegue o óleo e derrame nos meus braços e peito. Depois comece a espalhá-lo pelo resto do corpo.

Muito trêmula, mas cheia de expectativas, espremo o recipiente e uma fina linha de óleo começa a cair. Guio o fio de óleo pelo braço, jogo

no peito e no outro braço. O óleo escorrendo pela pele a deixa brilhosa. Coloco o recipiente de lado e esfrego uma mão na outra.

— Marianne, quero que você toque e faça o que sempre quis fazer no corpo de um homem.

*Seu desejo é uma ordem, chefe.*

— Tudo bem — respondo e me inclino tocando no peito dele. Graham fecha os olhos. Eu começo a fechar os meus também, mas paro abruptamente. Não posso fechar os olhos e perder essa cena.

Deslizo minhas mãos pela pele quente do pescoço até o abdômen. A pele dele se arrepia sob meu toque e essa nova experiência é tão intensa para mim que uma palpitação me afoga e meu sangue se faz em brasa. Minha vagina lateja intimamente.

*Nada de tremores e falta de ar, Marianne. Concentre-se.*

O cheiro já toma todo o ambiente. Espalho o óleo sem pressa pelas costelas. Primeiro no lado esquerdo, esfrego minhas mãos naquela parte e subo para o braço contornando os bíceps com as duas mãos até chegar no punho. Refaço o

movimento de volta e vou para o outro lado da mesa. Estou mais calma agora, o momento é para ser apreciado e já estou altinha, como se tivesse entornado um Johnnie Walker no gargalo.

— Você está indo muito bem — diz ele com os lábios entreabertos em um suspiro constante.

Faço a mesma coisa do outro lado do corpo e noto discretamente que ele está ficando muito excitado. O pau está muito duro, um volume enorme se forma na cueca.

— Volte do início, derrame mais óleo se for preciso. E agora quero que toque cada parte como se estivesse saboreando. Você deve se acostumar com cada parte do corpo masculino. Depois vamos trabalhar no seu.

Eu não digo nada. Não podia dizer ou ele notaria minha voz trêmula de prazer. É muito erótico tocar esse corpo forte. Sentir cada músculo e nervo sob meus dedos. Mas, como ele disse anteriormente: são só alguns quilos de carne.

Volto para trás da cabeça dele e derramo um pouco de óleo no pescoço e ombros. Com as duas mãos, em um movimento sincronizado, espalho mais óleo pelo pescoço dele. O nível de erotismo

aumenta em proporções altíssimas quando vejo a pele bronzeada brilhando. Sinto meus joelhos fracos tremerem, engulo seco e fecho os olhos em um curto período de tempo para estabilizar e poder continuar meu trabalho nada tedioso. Será que outras mulheres conseguiriam ficar indiferente quanto a isso? Ou toda essa excitação que sinto é apenas porque sou inexperiente?

Continuo os movimentos das mãos juntas em torno do pescoço e depois as afastando para cada ombro. Meus dedos nunca tocaram coisa melhor. Pego o óleo e jogo no abdômen dele. É reto e com aquelas dobras tipo tanquinho. Esse é sem dúvidas um belo e magnífico exemplar de homem. Quem me dera eu tivesse um desse igualzinho lá em casa...

Apresso-me a massagear a parte em que o óleo escorre. Do peito até o umbigo. (Suspiro!) Os pelos negros estão grudados na pele, ele não é um homem peludo, mas tem a quantidade perfeita para garantir a imagem de masculinidade. Sinto uma vontade alucinante de tocar meus lábios ali, minha boca até fica seca. Enquanto vou descendo os dedos, ele começa a dar sinais. Um leve repuxar de lábios, uma contração nos músculos dos braços,

NACIONAIS - ACHERON

uma leve passada de língua nos lábios entreabertos e uma exalação profunda. Será que isso tudo é montagem ou ele está sentindo algo de verdade?

Chego à área da cueca. Paro um pouco a massagem e penso rápido, as minhas mãos estão perto do umbigo.

Sinceramente? Não ousarei descer mais as mãos, olho de soslaio como se fosse algo inapropriado, ele está todo grande dentro da cueca, fico sem fôlego interiormente. Minhas Mariannes interiores estão sentadas no chão cada uma com saco de pipoca assistindo ao meu espetáculo.

Sigo com o olhar o filete de pelos que começa no umbigo e some dentro da cueca. Balanço a cabeça e volto a massagear o tórax dele que está me deixando sem fôlego. Decido parar um pouco com minha tortura autoinflingida. Não posso continuar tocando o tórax dele ou então perderei a respiração e mais uma vez correrei o risco de cair azul no chão.

Volto para trás da cabeça. É melhor ficar nos braços e ombros, na zona de conforto. Olho para o rosto relaxado. Os olhos fechados, os lábios meio curvados. Uma luz enorme cai sobre mim,



tipo aqueles holofotes de teatro e me faz ter um desejo.

Eu quero beijá-lo! Percebo imediatamente. Lembro-me de Candice dizendo que ele ficaria furioso se o beijasse sem consentimento. Mas ele está amarrado, que mal teria? Seria apenas um breve selinho. Uma exultação bate no meu peito.

Será que o momento tinha chegado? Será que hoje posso matar minha curiosidade? Começo a respirar com dificuldade. Será que é tão bom quanto o sexo?

Sem deixar que ele notasse minha intenção, inclino por trás da cabeça dele e encosto meus lábios nos dele. Foi um beijo ao contrário, igual ao famoso beijo do *Homem Aranha* no cinema. Sawyer abre os olhos surpreso com minha ousadia. Eu não desvio os lábios e o que era para ser um beijinho de borboleta, acabou se descontrolando. Movimentei os lábios contra os dele que permaneceram inertes. *Pai do céu! Que todos os anjos me protejam.* Esse homem não é desse planeta. Ele tem lábios tão deliciosos que eu não consigo nem respirar. São quentes, firmes e macios e o sabor é bem melhor do que um dia meu sonho

poderia formular. Saboreio lentamente o lábio inferior e depois o superior. Ele não balança a cabeça, mas eu noto o corpo enrijecer por baixo das minhas mãos. Paro de beijá-lo e me ergo.

— Por que fez isso?

*Isso foi uma pergunta ou um suspiro, Dr. Graham?*

— Porque tive vontade, e você disse que eu poderia fazer o que quisesse.

— Vamos tirar o beijo disso, tudo bem? Não volte a fazer novamente. — Apesar da repreensão, a voz dele é macia. Olho Sawyer passar discretamente a língua nos lábios inferiores como se estivesse saboreando o beijo. Preciso me segurar para não ajudá-lo a lambe os lábios. Isso vindo de uma mulher que até pouco tempo se dizia constrangida.

— Chega de ficar na parte de cima, Marianne. Isso está te dando ideias perigosas. Vá para minhas pernas.

Ele as abre até o limite da cama. Eu corro os olhos pelo corpo e mais uma vez pouso o olhar no volume entre as pernas debaixo do tecido branco da cueca.

*Está quase chegando o momento.*

Sem esperar ele mandar de novo, pego o vidro de óleo e vou para o outro lado da mesa.

Espalho o óleo pelas canelas, panturrilhas e coxas. As pernas dele são perfeitas. Não são desproporcionais ao resto do corpo, ele deve exercitá-las, lógico. Também não são cabeludas nem lisas. Têm pelos na quantidade certa como no torso.

Antes de tocá-las, meus olhos ficam paralisados naquelas coxas fortes e morenas. Estou paralisada, abobalhada com a mão no queixo como quando a gente fica olhando um sapato na vitrine. Graham abre os olhos e levanta a cabeça para me olhar.

— Está com medo?

— Nunca toquei nas pernas de um homem antes. — Minha voz é quase recitada.

— Tudo tem sua primeira vez. Fique à vontade.

Vou para o pé esquerdo. Massageio e subo meus dedos pelo tornozelo e panturrilha. Ele é muito duro, em forma, a carne firme. Para ter um corpo desse, precisa pegar pesado nos exercícios.

— Você malha ou pratica esportes? —  
Questiono enquanto, com as mãos, faço um movimento de subir e descer a perna. Do joelho até a canela.

— Frequento uma academia de musculação, mas prefiro esportes. Corro quase toda manhã.

— Joga alguma coisa?

— Rúgbi e basquete, às vezes. Porém, meu forte é luta, jiu-jítsu.

— Eu suspeitei. Você tem pernas fortes.

— Gosta das minhas pernas?

— São apenas pernas.

Dou de ombros e vou massagear a outra.

— Eu gosto das suas pernas. — Ele revela lisonjeiro em meio a um sorriso.

— Nós, mulheres, não temos a mesma fixação por pernas. — Minto descaradamente. Penso mais um pouco e lembro de Candice e das meninas nas arquibancadas da faculdade vendo o time de veteranos jogarem. Alguns nem eram tão bonitos, mas o que importava para elas eram as pernas musculosas.

— Algumas talvez. — Completo sabendo

que as mulheres gostam sim das pernas dos homens.

— Claro que têm, só não admitem. Eu vejo como você fica olhando para mim.

Dando-me por vencida, dou um sorriso discreto.

— Sim, gostamos de olhar, mas não tanto quanto os homens.

— Qual parte do corpo masculino chama mais sua atenção? Ainda não me respondeu.

Fico calada por algum tempo e resolvo responder, já que ele não está me estudando com aqueles olhos ávidos.

— Braços e abdômen. Os seus são belos.

Belos? Que forma mais insossa de classificar os membros dele.

— Obrigado.

Volto a me calar entretida no meu trabalho. Sinto-me a massagista. Acho que vou abrir um salão de massagem *só para homens*. Dou um sorrisinho maroto e pego mais óleo.

Chega o momento que eu temia: as coxas e, um pouco mais acima, a porta da felicidade. Ele me

obrigaria a tocá-lo naquela parte? E eu queria tocar? Examino-me interiormente e descubro que sim. Até a Marianne retraída e pudica que existe dentro de mim balança a cabeça dizendo que sim. Eu tenho essa curiosidade desde que assisti ao filme. Eu quero encher meus dedos com as bolas e o pau dele. Pronto, falei. Que safada!

Começo a espalhar o óleo pelas coxas dele. São muito grandes e rígidas. Os pelos ali são mais escassos. Sem sentir, dou um suspiro.

Sawyer abre os olhos e levanta o pescoço para me olhar.

— Então não gosta de pernas? — Caçoa de mim.

— Eu sou mulher, sou humana e você é culpado por ter essas malditas pernas bonitas.

Ele ri e fecha os olhos novamente. Eu volto a me concentrar. Agora eu vou do joelho até perto do limite da cueca branca. Sawyer fica ofegante e isso me deixa louca de excitação, é inacreditável que eu possa fazer um homem gemer. Eu, a frígida Marianne Cooper. E é de se pontuar que Sawyer não é qualquer homem, ele tem uma experiência muito grande, já fez sexo com centenas de

mulheres e o fato de uma simples massagem fazê-lo ofegar é um grande começo.

Eu sou a tal. Ninguém, por favor, venha tirar esse gostinho de mim. Estou mesmo me sentindo a poderosa. Massageio as duas pernas, por longos minutos. E massagearia por horas se fosse possível.

— Marianne, agora você vai tirar minha cueca. Há outras partes do corpo de um homem que você precisa aprender a se sentir íntima. Mas antes preciso que você me desamarre.

Paro com a mão na coxa dele.

— Por que eu preciso desamarrá-lo?

— Porque nós, homens, não nos sentimos à vontade quando nossas joias estão sendo manipuladas enquanto estamos vulneráveis.

— Isso é uma bobagem. — Eu dou um sorriso. — Não foi você mesmo que disse que é como qualquer outra parte do corpo?

— Marianne, eu falo sério. Siga minhas instruções, por favor. Desamarre-me.

Ele deixa o sorriso de lado e parece ficar sério. A voz está um pouco mais rouca e baixa. Na minha mente, uma reunião de opiniões está

NACIONAIS - ACHERON

rolando. Se eu libertá-lo e ele vier todo sedutor e másculo, com aquela voz sedosa para cima de mim, eu não irei conseguir. Ainda sou meio tímida perto dele. Nesse momento, estou tão certa do que quero... me achando a tal. Ele não pode cortar meu barato.

— E se eu não quiser desamarrá-lo? — Paro e olho também séria para ele.

— Quando me desamarrar, eu não gostaria de estar na sua pele. — Com tantos terapeutas em Nova York, eu fui escolher justamente um que ameaça abertamente o paciente.

— O que faria comigo?

— Eu teria que puni-la. — É justo, pondero.

Ele sacode o pulso na tentativa de se soltar. Olha para cima e torna a balançar a mão.

— Punir como? — pergunto, curiosa. A ideia de Sawyer me punir me deixa ensopada entre as pernas, na verdade, eu já estava ensopada por causa da massagem que fiz nele.

— Não posso contar meus métodos. Agora me desamarre.

— Não, preciso fazer isso sem sua interferência.



— Marianne! — O meu nome é um alerta esganado como um rosar e com tensão acentuada. — Não estou brincando, eu não quero que faça isso comigo amarrado. É meu corpo.

— Por que não? Preciso trabalhar por conta própria.

Pego o vidro de óleo e me aproximo.

— Não me faça ficar zangado, porra! — Ele esbraveja mexendo desordenadamente as correntes, mas não consegue se soltar. Será que isso é seguro? E se ele for perigoso?

Meus instintos de prudência pedem que eu o desamarre, mas meu tesão é maior. A vontade de desobedecer-me cega e eu vou em frente. Nunca achei que seria capaz disso, acho mesmo que meu inconsciente andou tomando um porre.

Com muita relutância, eu me aproximo e levanto a mão. Graham se mexe arduamente na esperança de se libertar. Desculpe, doutor! Estou fazendo isso por mim. Preciso conhecer meus limites.

— Pare! Fique quieto. — Seguro uma das pernas dele. Vou aproximando minha mão para tocar nele por cima da cueca.

— Tira a mão daí. — Ele sacode o quadril, mexe violentamente os braços. Chega a ser cômico.

— Mas você disse que era para...

— Não importa o que eu disse, se não me desamarrar, não pode me tocar.

— Por que não?

— Porque eu não quero! Eu já expliquei o motivo. Marianne, me ouça, por favor. Não me deixe ficar zangado. — Ele avisa. Na verdade, foi uma ameaça. Eu devia estar tremendo de medo, mas cada vez que ele ameaça, mais excitada fico, o proibido está me atraindo horrores.

Sawyer grunhe como um louco, e eu ignoro e toco o peito dele. Posso fazer o que tiver vontade? Sério? Inclino-me e beijo o peitoral forte dele. É inebriante, cheira à masculinidade e óleo de lavanda. Continuo beijando-o, um mamilo de cada vez. Nossa! Em seguida, vou descendo minha boca do peito até o umbigo. Graham parou de se debater e respira ofegante.

Quem diria... há pouco tempo eu estava toda tímida, agora pareço uma libertina. Não sei de nada e fico tentando me passar por Deusa do Sexo. Minha boca chega bem perto da cueca. Levanto os

olhos e sorriso para ele. Vislumbro a raiva expressa naqueles olhos verdes. Acho que posso lidar com a raiva.

— Me perdoe, eu nunca fiz isso.

Dizendo essas palavras, eu abaixo minha mão em cima da cueca dele e o apalpo.

Uau! Que coisa! Fecho os olhos, sentindo a ereção macia dele por debaixo do tecido. Sawyer arfa.

Eu já estou com as duas mãos segurando a cueca dele para descê-la.

— Você quem sabe, Marianne. Vou sair daqui alguma hora e sugiro que você corra.

— Discutiremos isso mais tarde. Agora fique quieto que eu preciso de concentração.

Em um único movimento, eu desço a cueca dele e quase enfarto quando o pau enorme pula para fora. Quase bate na minha cara. Santa Mãe! É grande, grosso e está duro. Eu ainda não tinha visto tão de perto. Deve ter uns 20 centímetros, tem umas veias saltadas e é cabeçudo. Eu fico desconcertada em achar aquilo excitante... bonito...

Puxo a cueca pelas pernas dele e a jogo em um canto. Passo os dedos admirando a tatuagem de

NACIONAIS - ACHERON

código de barras que ele tem na virilha e só é perceptível quando está nu.

— Devo jogar óleo aqui? — Aponto para as partes dele. Graham não tem muitos pelos naquela parte, como se ele tivesse se depilado. Isso não me causa estranheza, já que ele trabalha fazendo sexo com mulheres ricas, tinha que manter uma boa aparência.

— Você não é a sabe tudo? Achei que saberia — retruca, revoltado.

— Eu só estou perguntando porque pode arder... Sei lá.

— Não vai arder, Marianne. Agora toque e acabe com isso logo.

— Calma.

Meio resignada, espremo o óleo. Um filete do líquido cai em cima do pênis dele. Coloco o frasco de lado e encaro aquela coisa caída que, mesmo estando dura, pousa sobre a virilha e barriga dele. Mordo os lábios, levanto os olhos para encarar Sawyer e vejo algumas gotas de suor na testa dele. Dou um sorriso e ele fecha a cara. Reunindo coragem, eu abaixo a mão e começo a espalhar o óleo com os dedos por toda sua

extensão. Sawyer arfa e mexe as pernas.

Depois do óleo devidamente espalhado, eu o seguro, fechando os dedos ao redor. Esqueça tudo que eu disse antes que estava sentindo quando toquei no corpo dele. O caso aqui é mais grave. Se antes eu tive uma palpitação, agora meu coração nem batia mais. Respiro três vezes e exalo o ar pelos lábios em forma de "o". Vamos lá!

Nunca tinha feito isso, mas, graças a Sawyer, tinha visto como a mulher fez no vídeo pornô, então tenho uma pequena noção. Minha mão desce até a base e sobe novamente bem lentamente, espalhando o óleo, tornando escorregadia aquela coisa dura e grande na minha mão. É duro como aço, mas, em contraste, muito macio e quente. Eu diria que também sedoso e latejante. Isso chega a ser uma afronta à minha sanidade.

Desço mais uma vez, subo de novo e consigo fazer o prepúcio cobrir a glândula. Só não cobre toda porque o pau dele está muito duro e dificulta um pouco. Agora é minha vez de ofegar quando descubro que posso cobrir e descobrir a ponta rosada e pulsante.

— Já matou a curiosidade? Agora me solte.

— Ele ruge.

— Não. Ainda não.

— Marianne. — Ele exclama entredentes, bem bravo. Sei que ele deve estar formulando várias maneiras de acabar comigo. No momento, eu não quero pensar, é como o fim do mundo ou a morte. A gente sabe que vai chegar um dia, mas ninguém para e reflete sobre o assunto.

Continuo movimentando minha mão do mesmo jeito. Subindo e descendo bem devagar, sentindo a maciez da parte íntima dele. Decido também massagear os testículos, Sawyer é todo proporcional para a estatura dele. Tem um pau grande e os testículos também não ficam para trás. Resumindo, ele guarda boas joias dentro da cueca.

A pele que cobre os dois testículos é bem molinha e tem pelos. Eu a acaricio com óleo e sinto duas bolas se moverem dentro. Meninas, eu brincaria com isso o dia todo. Ele criou uma safada.

Olho para Graham, que está com os olhos fechados, a boca entreaberta e os punhos cerrados. Parece até que está em uma sessão de tortura. E não deixa de ser uma tortura alucinante para ele. O bobo deve ter se deixado amarrar por mim

pensando que eu seria toda submissa fazendo o que ele pediria e que não teria coragem de tomar uma decisão sozinha. Pensou errado, Dr. Graham. Será que vai rolar palmadas na minha bunda daqui a pouco?

*Ui, que medoooo...! Mentira.*

Permaneço por mais alguns instantes, massageando-o e resolvo libertá-lo. Eu já estou até as tampas de tanta excitação, sinto minha calcinha molhada e meus mamilos duros. Paro de movimentar minhas mãos e ele abre os olhos. Meio tonta e inebriada, querendo logo esse pauzão dentro de mim, caminho até a frente da mesa, me posiciono atrás da cabeça dele e percorro minhas mãos mais uma vez pelos braços, peito e abdômen. Não sei quando poderei tocá-lo de novo. É uma pena soltá-lo.

Olhando para a porta, eu desabotoo apenas uma das mãos dele e saio quase correndo do compartimento. Olho para os lados e escolho uma porta. Entro e fecho. Pelada e pilantra. Ai, meu Deus! Meu ventre pega fogo de euforia e expectativa.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



# VINTE E SEIS

MARIANNE

Esse é o quarto dos espelhos, acho que entrei nele porque já tinha algo predefinido no meu inconsciente. Graham me mostrou esse quarto quando chegamos.

Olho para a cama forrada de preto e procuro um lugar para me esconder. Não posso mais sair do quarto, nesse momento, ele já deve estar saindo da sala de massagem. Isso me deixa mais pirada. Eu me escondo atrás de uma estante onde tem um aparelho de som e uma TV grande. Meu peito sobe e desce por causa da respiração descompassada. Estou me sentindo uma fugitiva, essa sensação de que ele pode me encontrar a qualquer momento é de tirar o fôlego.

NACIONAIS - ACHERON

*Olha só para você, Marianne!* O grunhido da minha Marianne racional, meio dopada pela Marianne safada, ecoa na minha mente. Não é hora de me sentir culpada. Espero com a respiração ofegante, porém, baixa, e pouco depois ouço a maçaneta se virar. Fico imóvel de olhos fechados. A porta se fecha e ouço passos dentro do quarto.

— Eu não sou tolo, Marianne. Sei que está aqui porque notei óleo na maçaneta. Trouxe uma coisinha para você. — Noto sede de vingança na voz dele. Soa como um psicopata em busca da sua vítima.

Decido sair antes que ele me encontre e me encurrale no cantinho. Posso tentar lutar em um espaço mais aberto.

*Com um lutador de jiu-jítsu? Até parece...*  
— Eu debocho de mim mesma.

Corro para o outro lado da cama, mantendo-a entre nós dois. Ele está nu, com óleo por todo o corpo. Imaginem um homem pelado, bonito e tatuado, todo lambuzado de óleo querendo te pegar para punir. Muitas correriam atrás dele para capturá-lo.

Quando me vê, uma fagulha brilha em seus

olhos e metade do lábio curva para cima.

— Sawyer, a gente pode conversar.

— Então agora quer conversar?

— Eu não poderia fazer o que fiz com você me guiando com sua mão.

— Eu não gosto que me desobedeçam, Marianne, e gosto de cumprir promessas. Eu disse que teria de puni-la.

— Me punir não tem nada a ver com o tratamento! — grito, arregalando os olhos.

— Tem razão. Hoje vou ter que sair do cronograma porque você também saiu. Desculpe-me só por hoje. — Ele começa a andar na minha direção, olho para trás e não tem nada a não ser uma parede.

— Sawyer...

Ele não para de andar, eu olho para a mão dele e vejo que está com algo enrolado em volta dela. Dou um pulo desesperado e subo na cama para atravessá-la e cair do outro lado, mas ele é mais rápido e ágil. É um jogador de rúgbi acostumado a derrubar homens tão fortes como ele. Em um segundo, me alcança em cima da cama e eu já estou soterrada pelo corpo grande e oleoso.

NACIONAIS - ACHERON

Desconfio que acabei de receber um golpe de jiu-jítsu.

Mais que depressa, deitado sobre mim, ele segura meus braços acima da minha cabeça. Com suas pernas grandes, prendeu as minhas com muita facilidade. O rosto está pairando sobre o meu, a respiração ofegante topando com a minha na mesma intensidade. Nossos olhos fixos um no outro.

— O que vai fazer?

— Vou me vingar. Olho por olho, dente por dente. — Dizendo isso ele abaixa o rosto e me dá um beijo daqueles desentupidores de pia, me tirando o fôlego.

Minhas Mariannes recebem a pancada, surpreendidas. O beijo foi tão impetuoso e bruto que me deixou de pernas moles e com um redemoinho no ventre, ele afoga a língua dentro da minha boca e seus lábios se movem me dominando em um gesto possessivo e punitivo. Nem tive tempo de impedir nada, a língua dele faz movimentos eróticos, de um lado para outro, dando reviravoltas em minha boca, incitando-me a corresponder por igual. E, num instante, tornou-se

o beijo mais sensacional que eu já tivera, não havia mais brutalidade, estava abrasador, porém com toda doçura que podia existir.

Conforme ele abocanha minha boca de um jeito erótico, esfrega seu corpo melado em cima de mim. Não posso nem gemer por estar com a boca ocupada, não posso agarrá-lo como quero porque minhas mãos estão bem seguras. Só poso aproveitar o beijo e a fricção do corpo sobre o meu.

Sem fôlego, sem respiração e sem batimentos eu fico quando ele afasta os lábios e me olha com aquela expressão de perversão.

— Você... me beijou... — Balbucio.

— Pareceu óbvio. — Sussurra com os lábios úmidos.

— Por que fez isso?

— Porque posso fazer o que quiser com você. Mas tem que entender que não pode fazer o mesmo comigo. Entendeu? — Ele segura meu queixo e mais uma vez encosta os lábios ali, degustando com voracidade. Eu me derreto toda. Então é por isso que ele não queria beijos. Ele sabia que eu poderia me sentir dessa forma.

— Não tente mais nada contra mim,

Marianne, pois tudo que fizer será voltado três vezes mais para você. — Ele praticamente sentou em cima de mim. Não sinto peso algum, pois ele sustentava o peso do corpo nas pernas dobradas, é apenas para me prender e eu vejo o que ele tem nas mãos.

— O que é isso? O que vai fazer? — Agora eu estou com medo. Se o troco para meu beijinho foi aquela demonstração de abalo sísmico, o que ele faria por eu tê-lo mantido preso contra a vontade? — Sawyer, você não pode usar toda sua experiência contra mim, eu estava brincando.

— E quem disse que eu não estou brincando também? — Ele lambe os lábios que sorriem maliciosamente.

O cinto que prende minhas mãos não é de couro, é de tecido e por isso ficou fácil dar uma volta apertada nos meus braços e amarrar a ponta na cabeceira da cama.

— Você fica melhor do que eu quando está presa. — Ainda sentando sobre mim, ele tira meu sutiã e inclina-se deitando, sustentando o peso nos cotovelos. Fez alguns movimentos com o quadril, obrigando-me a sentir o pau muito duro acariciando

num vai e vem lento a minha vagina. Ofegante, quase chego ao orgasmo quando ele une os movimentos eróticos do quadril com os lábios afoitos em meu seio.

— Você não vai gozar. Se gozar, eu terei que tomar providências drásticas. — Avisa com pose de dominador, uma ordem que me deixa desnorteada. Eu posso controlar meu orgasmo? Achei que o orgasmo me controlasse...

Sawyer não espera eu responder sim ou não. Apenas abaixa-se e cola os lábios em meu corpo. A sucção molhada em meus mamilos é torturante e, sem me importar, eu grito tentando me mexer. Ele segura firme minha cintura sobre a cama e isso me deixa mais desvairada, delirante.

Sawyer age como se estivesse um ano sem beber água e meus seios matassem a sua sede. Até rosna enquanto chupa. Depois que mostrou que está no comando, parece ter dez mãos, tenho a impressão de que estão em todo o meu corpo, passando por minhas coxas, braços, pescoço, barriga, enquanto gemo mais e mais e ele continua as carícias sem piedade. Um tesão bruto.

— Agora eu vou mostrar como acabar com

uma pessoa amarrada. — Ele sorri e abaixa o rosto para morder meu queixo, eu vislumbro um fogo abrasador em seus olhos. Parece feito apenas de prazer, assim como o sol é puro fogo. As chamas que emana dele me devoram e estou imersa em algo tão profundo que sair agora é impossível.

Recebo mais um beijo muito gostoso na boca, os lábios atrevidos descem para meu pescoço, eu gemo a cada mordida e beijo, a língua vai descendo mais e mais até parar no umbigo. Eu já estou quase sem fôlego, uma enxurrada na vagina... suspeito que precisarei de um tanque de oxigênio.

Sinto quando minha calcinha é tirada.

*Merda. Agora vem a parte mais emocionante. Segurem em suas poltronas, meninas! Vamos decolar.*

Ele ajoelha, abre minhas pernas deixando-as escancaradas, eu não posso me mexer. Estou chocada e fora da superfície terrestre. Ele segura cada perna com uma das mãos, mantendo-as afastadas e me deixando vulnerável.

Eu já pressinto o que ele vai fazer e viro o pescoço de um lado para o outro em desespero crescente. É a única parte que posso mexer. Então,



como se não bastasse, olho para o alto e vejo a gente no teto. Um arrepio forte toma meu corpo. Puta que pariu ao cubo. Dou-me conta de onde estou e olho ao redor. Em todas as direções, vejo Sawyer glorioso em cima de mim. Ele percebe meu deslumbramento e olha também. Dá um sorriso que me deixa com vontade de beijá-lo e fala:

— Achei mesmo que você fosse gostar. Vai ficar aí amarrada, assistindo eu te foder sem poder fazer nada. Vou te comer tão gostoso, Marianne, você vai lembrar para sempre quem tem o controle aqui.

— Isso não é profissional. — Contesto choramingando.

— Foda-se. Profissional é meu pau.

Adoro quando ele fala coisas desse tipo. Eu não devia gostar, mas é tão excitante. Desse momento em diante, a cada gesto desesperado meu, ele dá uma risada de vitória. É um sorriso tão arrasador que me sinto irritada por não poder grudar meus lábios nessa boca pecaminosa. Atacá-la sem piedade.

*Não faça isso, traste. Sua risada me deixa doida.*

— Estou faminto para dar um beijo de língua na sua boceta. Você não vai querer outra coisa, só meu pau, depois, dando umas enterradas generosas. — As palavras pervertidas dele rebatem na minha pele como estilhaços, gerando fortes arrepios. Ele está acariciando devagar minha vagina e falando, vidrado no que seu dedo está fazendo. É sufocante ouvir o que será feito com seu corpo e não poder se mexer.

— Mas não vai gozar até que eu ordene. Está entendendo, Marianne? — Apenas grunhi como resposta.

Sawyer inclina-se e começa o suplício que eu esperava. Olho para o teto e a visão dele deitado, com a bunda exposta, com a boca entre minhas pernas, me deixa quase explodindo. Suas costas, vistas do espelho, são largas, os braços, fortes, e a pele brilha por causa do óleo.

Os lábios macios dele começam a me torturar, mas não de um jeito voraz e primitivo. Ele apenas beija e lambe com muita calma, o que é pior do que se fosse da outra forma. Não posso nem lhe segurar os cabelos. E, quando chega ao ponto mais sensível, ele simplesmente chupa mais fundo,

sugando um prazer tão grande de dentro de mim que me faz gemer com lágrimas nos olhos.

— Hum... sua boceta tá muito deliciosa. Tão macia e molhadinha... derretendo nos meus lábios.

— Isso foi um comentário avulso, como se falasse apenas para ele. Ele não para: suga, chupa, sopra e eu entregue a essa tortura sem poder me mexer, apenas gemer e dizer palavras desconexas.

— Vou fazer você gozar assim, depois tentaremos outras coisas. Preciso sentir seu gosto.

— Ele sussurra e torna a atacar impiedosamente com os lábios, agora com a língua alternando com o dedo. Ora enfia, ora lambe e, quando cisma de me foder com a língua, eu penso que meu coração vai saltar junto com meus gemidos. A língua entra e sai firme, quente e molhada, os dedos abrindo minha vagina para que fique mais exposta. As lambidas generosas fazem meu clitóris doer de tanto prazer.

*Maldita língua que está me matando, penso aturdida.*

— Sawyer, por favor...

— Calma... Relaxe e acostume-se. Eu não vou parar.

E não parou. A língua sobe, desce e torna a

subir.

— Ainda não, Marianne... espere mais um pouco, você precisa aprender a controlar o orgasmo. — Ele fala e sua voz vibra entre minhas pernas. Sawyer tira a boca, fricciona os dedos e dá uma lambida de ponta a ponta, fazendo tudo em mim se arrepiar. Em seguida, enfia dois dedos, bem devagarzinho, me deixando tonta e prestes a sair de órbita.

— Não consigo, por favor...

— Calma, baby. Só mais um pouquinho. Não goze, preciso dar mais umas chupadas. — Ele tira os dedos bem devagar e, junto com os dedos, um tsunami explode, derrubando tudo. Ele prende novamente minha vagina em sua boca, beijando-a. Tira os lábios apenas dois segundos para dizer: "Goze, Mary." Não demoro muito para desabar com força total em uma nuvem de sensações atordoante.

Por alguns instantes, tenho uma perda global de consciência. Não consigo pensar em nada no momento em que o desespero interior toma todo meu corpo em vibrações poderosas. Eu jogo a cabeça para trás e grito alto, cada orgasmo

alcançado parece o primeiro.

Sawyer levanta e vem para cima de mim. Segura meu queixo, abaixa-se e, com os dentes, puxa meu lábio inferior. Eu gemo contra os lábios dele.

*Não é possível. Que boca viciante.* Eu quero passar o dia beijando-o. Para minha frustração, ele se afasta e começa a passar seu pau, duro como pedra, em mim. Fico ofegante, sentindo o sangue pulsar forte em meu ouvido.

— Agora vamos à segunda parte. Depois teremos a terceira.

— Terceira? Sawyer... — Tento protestar.

— Calada. Você pediu por isso. E agradeça, pois, eu estou com a mão ardendo de vontade de dar umas boas palmadas em você para que aprenda. Mas vou deixar isso de lado.

Eu me contorço embaixo dele, conforme ele vai movendo sua ereção soberba em mim.

— Oh, merda! — Exclamo arfando e os dentes trincados.

Com um sorriso safado, um beijo molhado que me deixou mais louca, ele introduz só a cabeça, segurando no pau, e começa a fazer uns  
NACIONAIS - ACHERON

movimentos com muita calma, me deixando desnorteada.

— Droga!

— É gostoso, não é? Quer ele todinho socado aí dentro?

— Sim, cretino!

— Me xingar não vai adiantar.

Ele continua metendo devagar a cabeça na entrada, depois tira, dá umas batidinhas no meu clitóris e torna a colocar. Dentro de mim, há algo que tenta chupá-lo para dentro, Sawyer deve perceber minha sucção, pois ri mais ainda.

— Gulosinha. Tentando abocanhar meu pau?

— Me desculpa pela massagem... — Gemo.

— Só mais um pouquinho, estou gostando disso.

Ele faz mais um pouquinho, como prometeu, em seguida me penetra com força e de uma única vez. Arqueio meu quadril e grito. Ele solta uma gargalhada.

— Isso. Quero ver você gritar.

— Sawyer...

— Agora vamos aos movimentos de praxe para você sentir o que é bom para tosse. Vou deixar sua boceta vermelha de tanto foder.

O safado sem vergonha começa a se movimentar rápido dentro de mim. Quando olho para o alto e vejo tudo no espelho, grito, sacudo, balanço os quadris. Muito bem amarrada e com as pernas presas nas mãos grandes, que chance eu tenho contra um homem que é capaz de nocautear outro homem?

Já estou começando a suar, e ele está de joelhos entre minhas pernas adorando o que está fazendo comigo. O pau entrando e saindo vigoroso, sedento, em um ritmo delirante. As bolas grandes batem pesadamente contra minha pele, me deixando mais doida ainda e eu não fico para trás, nunca achei que gostaria tanto de ser pega assim e transar nesse furor. É muito gostoso, ele me faz sentir tudo o que uma mulher precisa para ser feliz.

Tudo em volta tem toda uma sensualidade que me deixa pirada. Primeiro, estar amarrada é muito excitante, sentir ele dentro de mim se movimentando rápido é uma sensação de outro mundo e ver esse corpo super sarado, tatuado, todo

oleoso e excitado de todos os ângulos pelos espelhos... É demais para minhas faculdades mentais, até minha Marianne pudica está excitada.

Já estou encharcada ao redor do pau dele, já nem me dou conta de mais nada, chego ao topo da montanha russa em poucos instantes e caio novamente nas nuvens de sensações e prazer, gritando e me contorcendo, enquanto sinto os espasmos deliciosos. Ele não para de meter. Sawyer fica entre minhas pernas, segura minha cintura com as duas mãos e soca profundamente, indo rápido, tirando e metendo, provocando um barulho úmido. O rosto dele se contorce, ele morde os lábios e empurra os quadris para frente, na melhor velocidade que existe. E incrivelmente é uma sensação deliciosa. Estou sensível pelo orgasmo e, a cada socada funda, eu e minha vagina engasgamos com a sensação perturbadoramente gostosa.

Quando enfim, relaxo, ele tira lentamente a rola grossa de dentro de mim, arrancando um suspiro dos meus lábios. Ainda está duro como pedra. Sei que tem um terceiro round pela frente. Sawyer me desamarra e acaricia gentilmente meus pulsos. Dá um beijinho nos meus lábios e me ajuda

NACIONAIS - ACHERON



a sentar.

— Tudo bem? Um pouco tonta?

— Sim...

— Eu sei. — Ele passa o polegar nos meus lábios e dá um beijo. Os dedos afundam nos meus cabelos e me acaricia.

— Venha comigo. — Ele começa a me arrastar para os pés da cama.

— Sawyer... Estou exausta.

— Serei breve. Fique de joelhos. — Ele comanda com um sussurro. Eu obedeco. Ele se posiciona atrás de mim e enlaça meu corpo com os braços segurando meus seios com cuidado.

— Agora segure-se no gradil da cama, hoje você vai experimentar como é foder de quatro.

Apesar do cansaço pelos dois orgasmos, meu corpo já se manifesta mais rápido do que eu esperava, gritando que quer ele me comendo de quatro.

— É minha posição preferida. — Torna a sussurrar.

De mansinho, ele passa o pênis na minha bunda arrebitada e bate contra minhas nádegas,

depois me abraça e puxa meu rosto para trás para beijá-lo.

— Logo deixo você descansar, está bem? —  
Murmura todo carinhoso contra meus lábios.

— Sim. — Aceito já cheia de tesão por sentir esse corpo viril me abraçando por trás.

Ainda de joelhos com ele me abraçando, Sawyer leva uma das mãos ao meu seio e passa a outra entre minhas pernas, depois me beija mais uma vez e penetra.

Fico de quatro segurando no gradil da cama com a bunda arrebitada, olhando para um enorme espelho à nossa frente, meu peito arfando na expectativa do que está por vir. Ele segura na minha cintura e penetra mais uma vez. Meu grito sai junto com todo o ar que exalei. Meus dedos seguram com força a madeira da cama. Sawyer entra todo e fica parado, depois inclina-se para a frente quase deitado em cima de mim.

— Olha para lá. — Ele aponta o espelho. —  
Veja como você é deliciosa, veja como gosto de comer você. — Olho perplexa para nossa imagem. Ele sorri para mim e não tem como eu não sorrir também. Sawyer beija minha orelha e acaricia

meus seios, brincando com meus mamilos. Sem falar no pau todo enterrado em mim, proporcionando sensações alucinantes em meu corpo.

Quando sente que meu corpo já não está mais tenso, ele se ajeita, fecha um pouco minhas pernas e abre as dele, e recomeça os movimentos e. Dá um tapa na minha bunda e mete tão fundo que eu sinto uma falha sináptica e um alvoroço perto do estômago. Mergulhando bem fundo nas águas do prazer, o quadril dele bate mais uma vez na minha bunda e eu quase desabo.

— Ai... tão fundo! — Gemo.

Apesar da profundidade, ele mantém um ritmo mais lento e sensual me fazendo ver estrelas. Senti-lo por inteiro, cada centímetro do pau que entra e sai me preenchendo é a coisa mais prazerosa do mundo e eu não fico quieta. Começo a me mexer e gemer mais alto enquanto ele soca pra valer.

— Mary, você é tão deliciosa... Me deixa louco. — Ele murmura.

O pau dele é grande e já não tenho mais forças nas pernas por causa das investidas

impiedosas. Sawyer segura meu rabo de cavalo e me faz ficar de joelhos colada ao corpo suado dele enquanto continua se movimentando dentro de mim. Quando olho para essa cena no espelho, quase vou à loucura, quase explodo como fogos de artifícios, agora precisarei de uma camisa de força. Ele continua me comendo de joelhos com um braço em volta da minha cintura e a outra mão nos meus seios. O peito forte pressionando minhas costas.

Seguro na perna suada dele e a outra mão no braço que me envolve pela cintura. Não há nada mais alucinante do que sentir os músculos dele me rodeando. Ele mais que depressa morde meu pescoço e embala nossos corpos nessa posição até eu não aguentar mais e me retesar toda contra ele jogando a cabeça para trás e gritando.

Sawyer continua metendo, agora o barulho é meio pegajoso, ele se move rápido dentro de mim, atolado no meu orgasmo, desliza mais fácil e gostoso e lá vem ele logo depois de mim. As jorradinhas fortes me preenchem, ele continua forte, fundo, bem decidido e assim que começa a perder velocidade, sinto o sêmen escorrendo pela minha vagina.

Caímos moles na cama. Ele de costas para a cama e eu deitada de costas em cima dele. Ambos ofegantes. Não sei o que Sawyer sente, mas pressinto nesse momento que nunca estarei curada, não para outro homem, pois ele acaba de arrancar algo fundo aqui e eu imagino que foi uma partícula do meu coração. Isso não pode acontecer.

Ainda com o coração aos pulos, ele me aninha ao corpo suado dele. Suas pernas fortes se entrelaçam nas minhas e os braços me mantêm bem perto do seu corpo que cheira à lavanda e sexo.

Isso não foi terapia, foi sexo mesmo. Acabei de transar loucamente com meu terapeuta.

— Será que vai conseguir me perdoar e comparecer na próxima consulta que eu marcar? — A voz mansa dele é quase uma súplica no meu ouvido. Estou tonta de cansaço e meus olhos já não conseguem abrir. Sinto o conforto do corpo másculo, meu rosto deitado no peito dele e nossas pernas entrelaçadas. Ele me envolve mais em seus braços e a última coisa de que me lembro é minha resposta grogue:

— O que posso dizer quando você sabe perfeitamente como compensar seus erros?

Quando abro os olhos uma hora depois, percebo que não tinha sido só eu que sucumbira ao sono. Sawyer ainda está deitado comigo me usando como se eu fosse aqueles travesseiros que grávidas usam e eu não me afasto. Deveria, afinal isso é íntimo demais, não podemos dormir juntos. Tem que ser somente sexo mecânico, sem sentimento, mas quem pode me culpar? Está tão confortável aqui, eu nunca havia dormido com um homem em toda a minha vida e é muito bom sentir-se protegida pelo menos por um instante, cercada por alguém, tendo braços em volta do corpo. Não, ninguém poderia me culpar por isso. Fecho os olhos novamente e mais uma vez caio no sono.

# VINTE E SETE

## SAWYER

*Putá que pariu.* Abro os olhos bem devagar. A sensação de relaxamento que sinto é muito boa. Sinto um corpo enrolado ao meu e sorrio. As lembranças voltam com força. Marianne ainda está dormindo, acho que foi demais para ela. Será que eu peguei pesado? Ou será que exagerei ao quebrar as regras? Eu estou dormindo com ela e isso não é bom para o seu emocional. Eu jamais dormi com uma paciente. Ela ou eu poderíamos estar destruídos de cansaço o tanto que fosse, não importava, tinha que ir embora, eu ia embora e descansava em casa.

Porém, eu não tenho vontade alguma de sair daqui agora. Há muito tempo, muito tempo mesmo,

NACIONAIS - ACHERON

eu não me sinto tão bem por estar com alguém. Em todos os meus anos de formação, eu tive milhares de mulheres, todas supérfluas, nenhuma que merecesse ser lembrada por tanto tempo, mas a cada vez que eu faço sexo com Marianne, que vejo nos olhos dourados a paixão que ela derrama, a intensidade de algum sentimento e, dessa última vez, até mesmo lágrimas, eu me sinto pela primeira vez em tantos anos, importante para alguém.

Eu a aperto mais em meus braços, sei que isso jamais voltará a acontecer, quando ela acordar com certeza vai enlouquecer e com razão. Mas pelo menos tenho a deliciosa lembrança dela instantes antes enlouquecendo no meu pau.

Não deixo de sorrir, quando lembro da desobediência dela por me manter amarrado. Aqui vai um segredinho que ela não sabe: tenho pânico de ficar amarrado com alguém mexendo no meu pau indefeso. Certa vez, quando eu ainda trabalhava para Amanda, uma amante revoltada por eu ter terminado tudo conseguiu me amarrar enquanto eu dormia e ficou quase uma hora com uma faca passando de lá para cá no meu precioso. Eu gritando em desespero, completamente à mercê dela. Já estava todo suado de tanto me sacudir e ela

NACIONAIS - ACHERON



me chantageando, dizendo que ia cortar meu pau e levar com ela. Só me salvei porque Henrique chegou a tempo e a tirou dali.

E por falar no meu pau, ele já começa a dar sinal de vida encostado na coxa de Marianne e, quando penso que ainda faltam três dias para eu poder estar com ela novamente, fico frustrado e indignado com esse desejo febril.

Outra coisa que está me tirando do sério é o beijo. Vou fingir que nunca a beijei e direi a ela para desconsiderar. Para mim, bem aqui dentro, jamais poderei esquecer aquele furacão terrível que se apossou do meu peito quando a beijei. Culpa exclusiva dela. Marianne não tinha que ter me beijado lá na massagem. Ela foi petulante, desobedeceu uma regra, e, depois disso, um formigamento, um desassossego pousou em meus lábios. Era urgência, necessidade, eu tinha que beijá-la.

Quando a vi escondida com aqueles olhos arregalados, os lábios trêmulos, meu desejo triplicou e foi a primeira coisa que fiz quando a segurei na cama.

Se eu me arrependo? Jamais.

Ou eu nunca saberia como é provar da delícia que infundiu em algo dentro de mim. Não posso dizer que é alma, pois não sei se tenho uma. Mas senti meu coração bater acelerado, tive uma satisfação incrível, foi como se fosse um adolescente que tivesse beijado pela primeira vez. E agora vou parar de fazer essas considerações, pois já estou patético, parecendo um boiola. Daqui a pouco, vou estar até tentando encontrar algo para preencher o vazio interior, penso, revirando os olhos. Porra! Sou macho, nada dessas caraminholas.

Marianne se mexe, eu afrouxo meus braços e finjo que estou acordando. Ela desperta, se espreguiça e boceja. Eu sento na cama.

— Oi. — Ela sussurra.

— Sente-se bem? — Eu viro para ela com um sorriso de chacota.

— Seu malandro. — Ela ri e senta-se também. — Acho que fui atropelada por um trator.

— É um exagero. — Murmuro me fazendo de ofendido. No fundo, eu curti pra cacete a comparação.

— Não é.

— Ok, confesso que gosto de te atropelar —  
respondo de olhos baixos.

Um silêncio se apossa do quarto. Eu não devia ter dito isso. Olho para Marianne e ela está me olhando com aqueles olhos que parecem duas pedras preciosas meio douradas.

Depois não diz nada, levanta-se enrolada em um lençol e eu suspiro interiormente. Parece uma deusa encarnada. Eu já tinha passado por muitas mulheres lindas, ou até mais lindas que Marianne, mas nenhuma tão pura, inexperiente, desobediente e atrevida, com uma personalidade tão atraente. Todas gostavam das minhas ordens, Marianne não. Além disso, ela tem um corpo lindo, sem nada artificial. Seios na medida certa, pernas e quadril em proporções exatas e um rosto muito delicado com uma boca que me deixou louco quando a beijei. Quero devorá-la de novo.

Contemplo ela caminhar pelo quarto. A elegância dessa mulher me deixa inerte. Marianne abaixa, pega a calcinha e a veste. A visão dela vestindo a calcinha de renda traz sérias consequências para meu corpo. Fico sem ar e o sangue começa a ser bombeado para as partes

baixas. É muita dor para um homem ver uma mulher arrebitar a bunda tão gostosa e vestir o tecido passando pelas pernas. Sorte dela que sou civilizado ou então ela estaria no chão agora comigo por cima.

Depois de ajeitar o tecido na bunda, ela coloca o sutiã e eu levanto como um tiro a tempo de conseguir ajudá-la a abotoar. Mulheres vestem o sutiã sozinhas, mas eu quero ajudar, quero tocar na pele sedosa dela. Antes de ela poder dizer qualquer coisa, eu me adianto.

— Vamos. — Seguro na mão dela e saímos do quarto. Marianne me olha sem jeito, parece envergonhada. Afinal, estou nu. Dou um sorriso de esguelha e vou até a sala de massagem porque nossas roupas estão lá.

Ao chegar, solto a mão dela, pego minhas roupas enquanto ela faz o mesmo. Eu me viro e dou de cara com ela olhando fixamente para mim. Ficamos nos olhando e então ela inevitavelmente olha para a mesa de massagem. Uma imagem devastadora vem em minha mente e acho que na dela também. Vejo que ela engole em seco. Não posso deixar passar essa, só irei vê-la daqui a três

ou quatro dias. Tenho que aproveitar.

— Acha que aguenta uma trepada bônus?

Ela fica pálida, mas visivelmente excitada. Estamos perto e posso ver os bicos dos peitos dela dando uma opinião direta.

— Eu...

— Está muito dolorida?

— Não muito.

Eu me aproximo dela e a prendo nos meus braços.

— Vamos transar rapidinho aqui na mesa como prometi no início. Topa? — Sussurro, mas, na verdade, isso nem foi uma pergunta. Eu a beijo antes de ela responder. A minha ideia de esquecer que o beijo existiu vai por água abaixo. Torno a enfiar minha língua em sua boca, com minha mão atrás da sua nuca, segurando os cabelos castanhos. Marianne agarra meu pescoço e responde tão rápido que me sinto aliviado de não estar forçando nada.

Eu a solto e a ajudo subir na mesa. Marianne fica sentada e eu subo também.

Nós nos beijamos um de frente para o outro.

Minha mão escorrega para o meio das pernas dela, a calcinha só torna tudo mais excitante, enfio minha mão no tecido, fico sem ar ao sentir a entrada apertadinha dela sugar meu dedo e sinto um palpitar quando penso no meu pau enterrado ali dentro no mais delicioso aconchego.

Levo meus lábios para os seios dela, chupo com vontade, nunca me cansarei de chupar esses peitos e sei que ela nunca cansará de deixar que eu os chupe.

— Agora você vai dar umas reboladas e bons gritos no meu pau — digo e esfrego meu queixo e nariz no pescoço dela. Marianne geme. — Tão cheirosa. Gosto do seu cheiro depois de ter transado comigo.

Marianne solta um gemido agarrada ao meu corpo e eu a empurro fazendo-a deitar de costas. Fico de joelhos, seguro as pernas dela e dobro-as para frente deixando-a na posição de frango assado. Meu pau nunca se divertiu tanto e já está pronto para mais uma desforra.

Afasto a calcinha dela, dou uma dedada generosa fazendo ela gemer baixinho, depois, posiciono o pênis e, com a cabeça, dou umas

pinceladas antes de deslizá-lo para dentro. Tão quente e macia. Senti-la na minha pele não tem preço. *Adeus, camisinhas.*

Ela geme, dançando e resmungando enquanto eu a como em um movimento básico dos quadris. Meto com vontade, não com muita força, apenas forte o suficiente para que ela me sinta chegar ao fundo e tornar a enfiar. Uma velocidade boa que embala nossos corpos mais uma vez. Marianne agora está toda atrevida, quando eu me inclino para frente e a beijo, ela segura forte na minha bunda e depois passa as mãos pelo meu corpo.

*Isso, gostosa. Farei com que nunca mais pense em outro cara.*

Começamos a gemer, meu pau entrando e saindo, beijamos, dizemos nomes desconexos, eu grito palavrões, meu pau entrando e saindo, ela agarra e crava as unhas curtas na minha pele, eu mordo o pescoço dela e meu pau entrando até as bolas. Falo mais coisas sujas no ouvido dela e ela inflama toda. A safada gosta de uma boa sacanagem. E sem conseguir resistir, depois de tanta batida, gozamos quase juntos. Ela vai

primeiro e eu a encho de porra mais uma vez. Tiro meu pau de dentro e acaricio a boceta dela com uma das mãos. Marianne respira fundo e eu dou um tapinha em sua boceta antes de descer da mesa.



Mais tarde, já vestida, ela senta em uma poltrona para calçar a sandália.

— Ryan chega na sexta-feira. O que aconselha? — pergunta. Eu estou abotoando o cinto, pego o sapato e sento em outra poltrona ao lado dela.

Então Ryan está voltando de viagem. Sei não, mas tenho quase certeza de que esse cara trai Marianne e muito. É difícil aceitar que um homem mais velho, já vivido, possa viver casto por quase um ano, tendo essa paciência toda. E as únicas suposições para explicar a fidelidade dele é amor verdadeiro ou homossexualidade. Se eu fosse detetive, descobriria isso. Mas sou apenas terapeuta. Pior que nem isso eu sou.

Foco no pedido dela. Conselho? Que tipo de



conselho ela quer? Será que está pensando em largá-lo? Eu apoiarei.

— Conselho?

— É. Você é meu terapeuta, o que acha que devo fazer? Eu estou com medo de ter outro fracasso na cama. Medo do Ryan se cansar de mim, ele está esperando grandes resultados com minha terapia.

— Ryan sabe da sua terapia?

Isso ela não me contou.

— Claro que não. Ele apenas sabe que estou me consultando com um terapeuta.

Assinto e me inclino para amarrar os sapatos. É o tempo de que preciso para dar uma resposta a ela. Eu sou a pessoa mais errada para aconselhá-la a dormir ou não com o namorado — porque há interesse pessoal da minha parte — pelo menos enquanto estivermos fazendo essa terapia. Não tem nada a ver com ciúmes. Eu apenas não quero alguém metendo pau no que é meu... momentaneamente.

— Não durma com ele. — Dou a resposta que vai me ajudar, não ajudá-la. É claro que ela vai se acostumar a dar para o namorado conforme for

dormindo com ele. Mas eu quero isso? Nunca! Vou contar para ela? Jamais.

— O quê?!

— Se está com medo, é melhor nem tentar. A tensão pode fazer você estragar tudo. — Assumo uma pose muito segura e profissional.

— Ryan ficou tanto tempo longe... ele deve estar carente.

— Sim, claro. — Finjo que pondero.

No fundo, eu sei que ele não está. Um homem que está sem sexo fica dias longe de casa? Não coloco a mão no fogo.

— Escute, Marianne, não posso mandar você fazer uma coisa fora do consultório. Reconheço que não está preparada ainda, mas, se quer tanto agradá-lo, a única coisa que posso aconselhar é que tente se concentrar, relaxe, se possível vá a um SPA e o principal, o que sempre digo as minhas pacientes: não me espelhe no seu parceiro. O que a gente faz aqui fica aqui, nunca, jamais, deve compará-lo a mim, afinal sou um profissional há anos, sei vários truques para fazer uma mulher se entregar e facilmente se derreter. Ryan é um homem comum, ele vai usar o que sabe

com você.

— É, eu sei. Acho que esse foi meu erro quando dormi com ele. Fiquei comparando cada toque porque esperava sentir em Ryan o mesmo que senti a primeira vez que estive aqui.

*Gostei de ouvir isso.*

— Isso não pode mais acontecer, Marianne, pelo amor de Deus! Ou então vamos ter que parar por aqui.

*Olha eu sendo um terapeuta profissional sacana. Nunca que eu vou parar por aqui.*

— Não, está tudo bem. Já entendi como separar as coisas.

Para a minha felicidade, ela não quer parar. Ficou meio aflita quando eu mencionei cessar o tratamento. Isso foi nítido e eu não deixei de comemorar interiormente.

— Você só vai conseguir separar uma coisa da outra depois que se permitir ter um orgasmo com Ryan.

— Então devo dormir com ele mais uma vez?

— Peça a ele um tempo. Diga que as

terapias estão em andamento. A gente ainda tem mais três sessões pela frente. Quando terminar, você estará livre para Ryan. O que aconteceu aqui ficará apenas como experiência para vida.

— Certo. É uma boa ideia. — Ela se levanta e eu também.

Caminhamos para fora do estúdio e saímos no consultório.

Marianne senta-se e assina um cheque que tirou da bolsa.

— Não, por favor. Deixe para pagar tudo no final.

Eu a intercepto segurando a mão dela. Marianne olha para minha mão e depois para mim.

— Por favor, Sawyer, aceite. Eu fico sem graça de continuar vindo aqui sem pagar nada. Posso dar o cheque de todas as sessões agora e você desconta quando terminar.

— Na próxima consulta você me paga. Tudo bem?

Ela olha para mim, meus olhos firmam nos dela, acabo convencendo-a apenas com o olhar. Ela abaixa a cabeça e guarda o cheque. Eu não vou cobrar de Marianne nenhum centavo. Ela está me

NACIONAIS - ACHERON

proporcionando o melhor sexo que eu já tive, não vou cobrar por isso. Ela não é um estorvo que tenho de suportar como muitas tinham sido. O simples pensamento de que esses encontros são um bálsamo para meu corpo e minha mente me deixa com certa aflição, sufocado. Eu não posso me apegar a nada nem ninguém. Uma vez na vida fui apegado a uma pessoa e o destino a tomou de mim.

— Está meio avoado... tem a ver com sua namorada, não é? — pergunta Marianne, está meio relutante, acho que com medo de eu repreendê-la. Na verdade, ela está me socorrendo dos meus pensamentos.

Eu me lembro de Jill na mesma hora e não sinto nada agradável. Ainda não a vi desde o confronto com Amanda, sei que o dia em que nos encontrarmos haverá uma briga. Ela não sairá impune. Ela me delatou para Amanda, trazendo aquele traste de volta para a minha vida.

— A gente está dando um tempo — esclareço.

— Entendo.

Eu pego uma ficha nova. Hoje é terça-feira e eu, como um malandro inveterado, marcarei para

quinta. Assim, quando Ryan chegar na sexta-feira, Marianne já estará satisfeita com um bom sexo. Eu me certificarei de deixá-la satisfeita.

— Quinta dá para você vir? Ou quer vir na próxima semana?

— Quinta está ótimo. Quanto mais cedo a gente terminar, mais rápido vou conseguir tomar as rédeas do meu relacionamento.

Não sei por que, mas não gostei de ouvir isso. No momento ela tem um relacionamento comigo. Mesmo que seja um relacionamento "terapeuta – paciente".

Eu escrevo com fúria no cartão e entrego a ela. A força que coloquei está nítida nas letras.

— Por favor, compareça. Não vai tirar um coelho da cartola e tentar desistir.

— Claro. — Ela se levanta e eu também. Eu a conduzo até a porta.

Algo martela em minha cabeça. Eu sou curioso e não posso deixar isso passar em branco. Preciso mesmo saber.

— Marianne, seu namorado por acaso é Ryan Hans?

— Não. Ryan Shepard. Por quê?

— Nada. É que eu conheço um professor, Sr. Hans, achei que fosse o mesmo.

Graças aos céus sei mentir muito bem. Nunca conheci ninguém chamado Ryan Hans.

— Ryan é loiro e tem trinta anos.

— Não é o mesmo — digo com um sorriso.

— Até mais, Graham. — Ela coloca a mão no meu braço e se aproxima para me dar um beijo no rosto. Eu desvio a tempo e acaba sendo nos lábios. Marianne se afasta chocada.

— Tudo bem, essas coisas acontecem. — Eu rio e ela relaxa rindo também. Espero ela sair e volto a entrar. Marianne me lembrou de algo que tenho que resolver. Vou ao telefone, ligo para Jill e marco para ela me encontrar na minha suíte no hotel, logo em seguida, procuro em minha agenda um número e digito. Pouco depois um homem atende.

— Nigel?

— Sim, sou eu.

— Tyler falando.

— Tom Sawyer? Há quanto tempo!

# PERIGOSAS

— Não tanto tempo assim...

— Não mesmo. — Ele dá uma gargalhada. Acho que se lembrou da nossa última farra no Havaí.

— O que você manda? — pergunta.

— Sabe que nunca fiz isso, mas quero informações sobre alguém.

— Me dê o nome e eu lhe dou até a marca de papel higiênico que ela usa.

— Não é ela.

— Não?

— É ele.

— O quê? Um cara?

— Não é nada disso que está pensando. Ele está importunando uma amiga... só isso.

— Hum... sei. Ok, me diga o nome e marcamos uma rodada de cerveja para eu colocar a vida do safado sobre a mesa.

— Ryan Shepard. Urgência nesse caso, tudo bem?

— Você manda, amigo.

# NACIONAIS - ACHERON





Jill não tardou a aparecer no meu apartamento. Sei que ela gosta muito de mim mesmo sem revelar. Eu não sei explicar, já que ela não demonstra quando fazemos sexo. Acho que, de tanto trepar, Jill ficou gélida em sentimentos, assim como eu era. Atua mais do que sente. Eu também não posso culpá-la, afinal, fazia a mesma coisa. Claro que a gente sente o prazer do sexo no corpo, mas nada que fizesse tremer e soluçar de desejo.

Ela sorri para mim quando abro a porta. Está usando uma minissaia jeans, um top branco por baixo de uma jaqueta branca, saltos altos, como sempre, e os cabelos loiros lisos soltos nas costas. Uma perdição.

— Achei que nunca mais fosse me ligar. Amanda disse que estava bravo. — Ela me dá um beijo nos lábios, espero ela entrar e vou atrás, me segurando para não falar poucas e boas.

— Sim, Jill, estou muito bravo. E chamei você aqui porque quero sinceridade.

— Sinceridade?

— Sim, não é porque mantém Amanda em seu círculo social, que eu tenha que ter contato com ela. Você, mais que qualquer um, sabe o que eu penso dela e do que faz. Sabe como Amanda me manipulou quando inventou aquela história cruel da gravidez.

— Sawyer, eu apenas comentei...

— O que você comentou com ela?

— Que você queria mudar de vida. Você é um cara novo, está ganhando uma fortuna com essas mulheres idiotas, não é justo parar para se tornar um desses caras chatíssimos donos de empresas.

Sabe o que elas querem de verdade? Que eu deixe o consultório por estar sendo obrigado, mas que continue nessa vida pervertida, atendendo clandestinamente.

— Então agora quer decidir o que vou fazer com minha vida?

— Você é homem, porra. Não é justo que perca uma vida toda preso a uma existência patética desses engravatados. Se fosse uma mulher, eu poderia até concordar, nós, mulheres, não aguentamos trepar com tantos homens por um

longo período de anos como você trepa com elas.

— Então acha que porque eu sou homem, devo perder o resto da minha vida em um poço de obscenidade? Não acha que isso é que é perder a vida?

— Tyler! — diz e tenta uma aproximação.

— Não me chame assim. — Eu a corrijo com olhar duro e ela fica surpresa. Parece engolir em seco e então torna a dizer.

— Sawyer... eu estou preocupada. Amanda me disse que você falou em esposa e filhos. Isso nunca esteve nos meus planos, muito menos nos seus. Como você acha que vamos poder ser pais e...

— Seus planos não têm mesmo nada a ver com os meus, Jill. Ainda mais agora que descubro que você não quer me ver livre disso tudo. — Caminho pela sala e vou para a cozinha. Minha garganta secou com a indignação que se apossou dentro de mim. Não quero nem pensar que Jill, minha amiga de longa data, tenha algo a ver com a visita de Amanda. Pego água na geladeira, Jill entra na cozinha e se recosta no balcão.

— Continue por mais alguns anos, por favor.

Sinceramente, não consigo entender por que diabos Jill não quer que eu pare. Creio que ela acha que não terá espaço na minha nova vida. Essa é a única suposição.

— Eu não vou continuar, estou mudando de vida, Jill, e te chamei aqui porque se estiver interessada em continuar minha amiga, pare de ficar se intrometendo onde não deve.

— Então agora eu me intrometo em sua vida? — O tom de voz dela aumenta. Os olhos arregalam e as sobrancelhas se levantam. — Você não tem mais ninguém nessa droga de vida e quer afugentar a única que atura você?

Isso foi golpe baixíssimo. Doeu fundo. Verdades jogadas na cara sempre doem. Jill está certa, não tenho ninguém com quem contar e isso me deixa aflito às vezes. Se eu tivesse uma novidade, tinha que guardar para mim, se adoecesse, cuidaria de mim mesmo, se soubesse uma piada não havia ninguém com quem compartilhar. A não ser que eu ligasse para um dos meus amigos. Eu passei a vida assim, sozinho, e me acostumei, mas, se parar para pensar, a coisa se torna amedrontadora.

Franzo os lábios e ando para longe dela. Saio da cozinha e escuto os saltos vindo atrás de mim. Sento-me em uma poltrona.

— Desculpa, Sawyer...

— Não perca tempo se desculpando por ter jogado uma verdade na minha cara. Mas você e pessoas como Amanda nunca entenderão a necessidade que eu tenho de ter algo mais que relacionamentos fúteis. Eu sinto falta disso e não acho crime algum querer ser um engravatado chato e normal.

*E fugir da cadeia, claro. Afinal não vou me arriscar fodendo no consultório e acabar fodido na prisão.*

— Não sou como Amanda. Acha que também não tenho esses pensamentos de vez em quando? Mas acha que terei alguma chance de me transformar em esposa de alguém? Madame da sociedade?

— Todos têm chance, Jill.

— Acorda, Sawyer. A vida não é um conto romântico, não vai aparecer um *Richard Gere* e me tirar dessa vida. — Ela bate as mãos no quadril. Os braços desanimados ao lado do corpo.

Eu apenas a encaro. Ela tem toda a razão, a vida de Jill é conhecida por todos. Como eu tinha outro nome e outra aparência no passado, as pessoas não conseguem descobrir sobre mim. Tenho mais chances.

— O que vai fazer em relação à proposta de Amanda? — pergunta ela, parada na minha frente.

— E quem disse que ela me propôs algo? Ela está me obrigando a descer mais um nível em minha vida.

— Sabe que eu estarei com você — diz, sussurrando e se ajoelha perto de mim.

— Sim, eu sei... — respondo. Massageio a testa com os dedos.

— Ei, vamos relaxar um pouco, venha tomar um banho. — Ela começa a friccionar as mãos em minhas pernas, indo dos joelhos até meu pau.

Eu tinha acabado de ter um verdadeiro momento de sexo que valia a pena lembrar. Não queria ficar com mais ninguém por hoje, ainda mais com Jill, que está mancomunada com Amanda tramando contra mim. Não sou de negar fogo, ainda mais com uma loira gostosa, mas também

não vou ser hipócrita. Seguro a mão dela quando me apalpa.

— Acho melhor você ir, Jill. Não estou com cabeça para essas coisas.

— Tudo bem. — Ela se levanta revoltada, pega a bolsa que tinha caído e a coloca no ombro. Me lança um olhar mortífero. — Pense no que eu disse, Graham.

— Não pensarei, sinto muito. Já tenho uma ideia definida na mente.

# VINTE E OITO

## MARIANNE

Durante o resto do dia eu estava tão atolada em trabalho que nem tive tempo de lembrar do que tinha feito mais cedo com Sawyer. Às vezes me vem à cabeça, quando me sento ou me movimento. Fico rosada ao perceber que agora sou uma jovem com vida sexual ativa. Estou me sentindo uma libertina, já que a vida sexual não é com meu namorado.

A noite chega logo e eu fico satisfeita de poder voltar para casa. Candice passa o dia fora resolvendo pendências que deixou quando foi se casar. Ela é muito desorganizada. Se fosse eu, teria adiantado o trabalho dos dias que ficaria fora. Sem falar que eu não ficaria tanto tempo afastada. Ela ficou uns vinte dias.



Aos poucos, ela vai voltando à rotina normal e eu procuro permanecer o mais longe possível. Plantou, agora colhe.

Abro meu e-mail e encontro uma mensagem da revista a qual escrevo me dando os parabéns pela minha matéria sobre a dualidade entre elegância e exotismo de um bar na sala. Fico orgulhosa de mim mesma. Minha carreira está indo de vento em popa. Tenho cada dia mais clientes e a mídia está cada dia mais interessada em minha coluna publicada quinzenalmente sobre designer fácil. Sem falar que explodiu nas revistas que eu fiz a reforma no consultório de Sawyer. A agência está bombando depois disso.

Respondo cordialmente ao e-mail e desligo o computador.

Saio do escritório deixando tudo adiantado. É bom trabalhar para não pensar ou lembrar de loucuras. Às nove da noite chego em casa, Alice está na sala comendo assistindo TV.

— Nossa, estou exausta. — digo, me jogando no outro sofá.

— Achei que não viria mais. — Ela olha para mim.

— Quis deixar tudo adiantado. Já tenho muito trabalho para amanhã. O que está comendo?

— Macarrão com queijo. Vá pegar um pouco para você.

Alice sabe fazer o melhor macarrão com queijo. O dela fica meio crocante em cima e a textura dos queijos é impressionante. Ela usa três tipos. Tentei fazer um dia e virou sopa.

— Vou tomar um banho primeiro.

Subo para meu quarto, levando nas minhas mãos os sapatos e a bolsa, além de uma braçada de envelopes e pastas. Jogo tudo em cima de uma cômoda e começo a me despir. Pego um roupão e vou para o banheiro. Na mente, nenhum pensamento. O dia tinha sido exaustivo e até minha cabeça parecia adormecida. Posto-me em frente ao espelho para amarrar os cabelos em um coque. Não estou a fim de lavar cabelos agora. Inesperadamente detecto algo no meu pescoço, aproximo-me mais e vejo uma mancha vermelha.

Céus! É um chupão. Graham deixou uma marca em mim e eu passei o dia todo com essa coisa no pescoço. Será que alguém percebeu? Eu poderia dizer que tinha sido picada por uma abelha.

A ideia de uma abelha me fez rir. Graham está longe de ser uma abelha. Um zangão talvez.

Amanhã eu terei que me lembrar de verificar essa mancha e, se possível, vestir algo com gola alta.

Vou para o banho e agora eu tenho algo para pensar.

Tenho certeza que hoje não tinha sido apenas um treinamento no consultório de Sawyer. Fora intenso demais, carinhoso demais, apesar do modo como ele fez sexo comigo, sei que estávamos em outro patamar, sei que ele não ficou imune a tudo aquilo que compartilhamos, desde a massagem até quando caímos juntos e adormecemos abraçados. A recordação daquele corpo forte me abraçando me deixou atônita. Quase afogada.

Eu nunca tinha dormido com um homem na vida e hoje eu pude experimentar essa sensação. Descobri que é a coisa mais relaxante e confortável. Sou louca desgovernada dormindo, mas, nos braços dele, fiquei quieta como uma gatinha no colo do dono.

Passo de leve a esponja ensaboada pelo corpo.

Eu nunca tinha sido beijada daquela forma, os melhores beijos de Ryan não chegavam nem perto e essa foi outra coisa que me deixou em choque profundo fazendo com que eu trabalhasse além do limite para esquecer. *E esse sentimento de perda que me assolou quando me separei dele?* Deus que me ajude! Eu não posso sentir nada por Graham ou a maior prejudicada serei eu. Ele tem uma vida conturbada e é um zangão de várias abelhas.

*Mas ele está ajeitando tudo para se aposentar,* meu inconsciente sussurra como uma velha mexeriqueira.

*Não.* Com um gesto tento banir isso da minha cabeça. Eu tenho namorado e Sawyer também é comprometido. Além disso, ele jamais ia querer alguém tão complicada como eu.

Eu vou superar. Todas as mulheres que passaram por aquele consultório tinham superado. Todas seguiram em frente, eu também seguirei.

Confortando a mim mesma com esse pensamento, saio do chuveiro e visto um roupão. Acho que um bom prato de macarrão levantará meu astral.

Visto um baby-doll e desço. Durante o dia, tinha comido apenas um sanduíche de tofu com uma coca cola na hora do almoço e tomado um suco à tarde. O trabalho às vezes monopoliza minha vida, me embala fazendo esquecer do tempo. Comida é uma das coisas que eu acabo esquecendo.

— Seu celular estava aqui. Um cara ligou e eu atendi — diz Alice, indo para o quarto dela.

— Quem era?

— Por que seu terapeuta liga para você à noite? — Eu gelo quando ela me interroga. Fixo meus olhos nos de Alice e provavelmente devo estar com aquela expressão de "pega no flagra". Não consigo detectar acusação ou desconfiança na voz dela. Ainda bem.

*O que Sawyer quer?* Será que ele tinha dito seu nome? Alice pesca as coisas facilmente. Hoje eu a vi fuçando a vida das celebridades no jornal, ela saberia dos boatos sobre o que Sawyer faz no consultório?

— Ah! Deve ser para remarcar minha consulta. Vou ligar para ele depois.

Passo por ela como se isso fosse algo banal.

— Faça isso. Boa noite. — Ela diz e vai

para o quarto.

Enquanto o prato de macarrão roda dentro do micro-ondas, eu recosto no balcão e ligo para Sawyer. Depois do segundo toque, ele atende.

— Oi. — Ele cumprimenta, parecendo tímido.

Timidez é algo que não combina com Sawyer.

— Por que ligou? — Vou direto ao ponto. Minha voz sai quase um murmúrio, apesar de estar aflita.

— Me desculpe. — Ele também sussurra. — Você foi legal comigo, me ouvindo da última vez que tive um problema e acabei me entusiasmando.

— E o que aconteceu dessa vez?

Ouço o micro-ondas apitando, mas ignoro, tenho algo mais importante com que me preocupar, como a voz de Sawyer no meu ouvido.

— Problemas no meu novo negócio.

Quando ouço isso, relaxo e pego o prato de macarrão antes que esfrie. Tinha ficado com medo. Sei lá, estive hoje cedo com ele e pensei que algo

tivesse acontecido...

— Ainda não voltou a conversar com sua... amante? — Com o telefone preso entre o ouvido e o ombro, abro a geladeira e pego ketchup e um resto de vinho.

— Não.

O "não" soa seco, de modo a demonstrar definitivamente que é algo sobre o que ele não quer falar.

— Graham, desculpe a indiscrição, mas você não tem família? Tipo: pai, mãe e irmãos?

Enquanto preparo tudo em cima do balcão para jantar, ouço apenas o silêncio como resposta. Sei que ele ainda está lá porque ouço a respiração. Fico arrependida e ressentida por ter dito isso e soado meio grosseira. Sento-me em um tamborete perto do balcão e espero.

— Eu devo estar parecendo um estorvo, me desculpe.

A voz dele demonstra que eu o deixei chateado.

*Merda!*, resmungo interiormente.

— Não, para com isso. Eu que tenho que me

desculpar por ter te perguntado isso. Fui grosseira.

— Eu fiquei órfão cedo, Marianne. Um homem sozinho, sem irmãos, esposa ou filhos.

— Eu sinto muito. Tenho pais e uma irmã e mesmo assim ainda me acho sozinha no mundo. Penso que devo imaginar como você se sente. — Despejo o vinho em um copo e provo. — Mas sei que você tem uma invejada roda de amigos. — Analiso.

Ele está calado demais. Um terapeuta que liga para o paciente e fica calado esperando por conselhos é tão irônico.

— Na maioria das vezes, são interesseiros. — Ele completa de imediato. — Amigos de verdade tenho uns três.

— E acha que eu não sou interesseira?

Dou a primeira garfada no macarrão que parece delicioso.

— Interesseira é a última coisa que você seria, Marianne. O que você está fazendo? — pergunta.

— Estou jantando.

— Eu ainda não jantei.



— Se isso foi uma indireta para um convite... Pode esquecer. Apesar de que tenho macarrão suficiente para outras duas pessoas.

Lanço um olhar torto para a panela.

— Por que não pode me convidar para ir até aí?

— Porque já está tarde e minha irmã está em casa.

— Não são nem nove da noite. Tarde pra mim é depois das onze.

— Sawyer, não posso me expor dessa forma... eu...

— A gente não vai transar, Marianne, você vai apenas me dar um pouco de macarrão e ouvir meus lamentos. — A simples menção de sexo com ele me acende toda. Engulo em seco.

— Por favor, não deixe que eu durma com fome. — O safado faz uma voz de pobre coitado. Soa melhor que a de Candice quando tenta jogar sujo comigo. Sawyer jamais dormiria com fome, imagino como deve ser a geladeira dele.

— Fala como se fosse um indigente.

Penso um pouco. Posso recebê-lo em minha

casa? E se minha irmã vê-lo, o que digo? Um amigo? Um cliente? Mas a voz dele é tão ressentida, acho que algo aconteceu com ele e, se quer companhia, por que eu não posso ajudá-lo?

*Isso é errado, Marianne! Desligue na cara desse atrevido!*, meu consciente super conciso fala no meu ouvido.

Ignoro-o. Eu sei que ele sempre está certo, mas não é certo deixar um homem com fome sendo que esse macarrão irá todo para o lixo.

— Tudo bem, venha depressa. Vou esquentar um prato para você. — Eu desligo o telefone e corro para meu quarto. Tenho que me vestir.

Sei que Alice não foi dormir ainda. Ela sempre corre para o quarto e fica conversando com o cara que ela está pegando. Às vezes, fecha a porta e se falam por webcam.

Passo direto e vou ao meu quarto. Visto um short jeans que é de Alice e furtei porque, segundo minha análise, fica melhor em mim. Visto uma blusa de alcinha, como o pano é fino, sou obrigada a colocar um sutiã.

Desço correndo para a cozinha, despejo

todo macarrão em uma travessa de vidro e a levo ao forno. Enquanto isso, preparo outro lugar à mesa. Substituo os copos por taças simples. Não quero passar uma impressão ruim a minha visita. Afinal ele é rico, está acostumado com os mais finos cristais. Só quando paro, eu me dou conta da loucura que estou fazendo. Onde eu estava com a cabeça quando permiti que ele viesse a minha casa? A gente não pode ter laços fora do consultório e isso é uma cláusula do contrato que assinei.

Outra vez Graham quebrando regras.

Minutos depois, ouço o barulho do carro e corro em direção à porta, para não esperar ele bater. Abro e fico olhando Sawyer descer do carro e apertar um botão na chave fazendo as luzes do carro piscarem duas vezes, acionando o alarme. Ele está um gato como sempre. Usa uma jaqueta de couro marrom, que deve ser caríssima, por cima de uma camiseta preta e calça jeans escura.

— Oi. — Ele me cumprimenta sorridente. Aproxima-se e me dá um beijinho no rosto.

— Oi — respondo e o faço entrar logo.

— Tem algo para beber? Eu trouxe um vinho. — Sawyer ergue a garrafa.

— Graças a Deus! — exclamo, aliviada. — Eu tenho apenas um resto de vinho que Alice trouxe. É horrível. — Recebo a garrafa. — Pendure o casaco ali. — Indico um gancho na sala que usava em épocas de frio para pendurar casacos. Ele segue meu conselho e tira o casaco ficando mais sexy ainda com aquela camiseta preta lhe definindo os músculos. Algo animalesco dentro de mim tem vontade de rasgá-la e cair de boca naqueles peitos fortes e suculentos.

Deus! O que estou pensando? Gente, alguém prenda a Marianne pervertida bem longe da minha sanidade mental.

Ele me segue até a cozinha.

— O cheiro é delicioso — afirma Sawyer.

— Minha irmã que preparou, portanto não são meus os créditos. Sente-se. — Aponto o lugar que tinha preparado. — Importa-se de comer no balcão?

Eu fico ruborizada quando ele me devolve um sorriso safado, eu soube em que ele tinha pensado.

— Jantar no balcão, Sawyer.

Corrijo, demonstrando irritação nos olhos.

— Claro que não me importo. Adoro comer no balcão. — Ele não tirou o sorriso malicioso dos lábios.

Pego um abridor e entrego a ele junto com a garrafa.

Sentamos e, enquanto ele abre o vinho, eu sirvo macarrão em um prato para ele. Logo, nossos copos estão cheios de vinho e os pratos com macarrão.

Sawyer enrola o macarrão no garfo e come. Assisti-lo mastigar daquele jeito me deixa com mais desejo e não é de macarrão. Mastigo também. Evito olhar para o maxilar másculo coberto por uma barba fina. Noto que não é uma barba desleixada. Ele a aparou, mas não raspou. O queixo quadrado e os lábios deliciosos se movem em sincronia. Lembro o que esses lábios podem fazer comigo e me esquento toda. Sinto uma brasa entre minhas pernas. Nesse momento sou a pessoa mais pecadora do universo, sentada na cozinha com meu "terapeuta amante" comendo macarrão, enquanto eu como ele com os olhos.

Valei-me, Deus!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# VINTE E NOVE

MARIANNE

Volto minha atenção ao prato para não pirar. Eu tenho uma celebridade comendo macarrão na minha casa. E o melhor: já transei com a tal celebridade.

— Cozinha como sua irmã? — pergunta após limpar os lábios.

Levanto os olhos a tempo de ver e dá vontade de me oferecer para limpar os lábios dele.

— Sim. Modéstia à parte eu ainda cozinho melhor que ela. — Provo o vinho. É incomparável ao que Alice comprou no supermercado, ele transmite a ideia de luxo. — O vinho que trouxe é delicioso.

— Escolhi da minha adega. — Ele dá de ombros. Continua comendo, parece mesmo faminto o coitado.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro que tem uma adega.

Reviro os olhos.

— Não me diga que você não tem uma?! —  
Sawyer limpa os lábios novamente e bebe um gole do vinho. A pergunta dele é carregada de chacota.

— Lógico. Afinal todos os cidadãos novaiorquinos recebem um Vale Adega do governo.

Meu comentário o faz gargalhar e eu percebo que me encantei por esse sorriso no exato momento que o vi. Para meu desespero, não consigo desviar os olhos, não consigo parar de olhar para esse rosto bonito. Eu fico me perguntando como a namorada desse homem deve sofrer. Não há como as outras não olharem para ele, algumas devem jogar flertes e dar em cima na maior cara dura.

— O que foi? — pergunta Sawyer com vestígios de sorriso nos lábios.

— Nada. Eu... Deixa pra lá. — Abano a mão e enrolo macarrão no garfo. A fome passou e eu não sinto o gosto da comida. Meus outros sentidos não conseguem trabalhar direito quando meu corpo todo está ocupado com o homem à minha frente.



Ele continua comendo sem parecer nem um pouco abalado. Ao contrário, está muito relaxado. Enche de vinho nossos copos novamente. Eu não bebo metade e ele continua se alimentando. Canso de ficar enrolando macarrão no garfo. Quero conversar.

— Com quantos anos ficou órfão?

Ele me olha com surpresa. A descontração que eu via nos olhos dele acaba no mesmo momento. Eu sou uma tola de ficar perguntando essas coisas. Penso em algo rápido para reverter a situação, mas ele responde antes:

— Aos quinze anos.

— Nossa. Muito jovem. Eu sinto muito. Deve ter sido horrível.

— Tudo bem. — Ele dispensa minhas condolências. — Na verdade, eu nem sou totalmente órfão. Meu pai morreu quando eu tinha nove anos. E quando cheguei aos quinze, minha mãe desapareceu no mundo.

— Você nunca tentou encontrá-la?

— Eu a encontrei quando estava com vinte e poucos anos. Ela não quis saber de mim, foi cruel nosso encontro. Trocamos gentilezas. Ela me culpa

até hoje por algumas desgraças que aconteceram em nossas vidas e eu a culpo de volta. — Explica com os olhos presos no prato.

— Ela sabe o que você faz?

Ele me olha momentaneamente e em seguida abaixa os olhos novamente, mexendo no restinho de macarrão que tinha sobrado em seu prato.

— Talvez não saiba de tudo.

— Quer mais? — pergunto, indicando a travessa de macarrão.

— Não. Esse assunto me tira o apetite.

— Me desculpe.

— Está tudo bem.

— Posso fazer uma última pergunta?

Ele levanta os olhos e me encara.

— Diga.

— Você disse que antes de ser terapeuta fazia bicos. Se não tem família para ajudar você, como conseguiu entrar na faculdade?

Acho que ele está pensando que sou muito intrometida. Estou parecendo uma agente federal em um interrogatório.

— Às vezes você não precisa se preocupar quando é um aluno brilhante. — Ele deu de ombros.

— Ah, meu Deus! Como não pensei nisso?!

— Pois é. — Deixa o prato de lado e olha para mim. Eu consigo ver a tranquilidade nos olhos verdes quase negros. — Mais vinho? — pergunta, erguendo a garrafa.

— Por favor.

Empurro meu copo. Levanto, levo os pratos para a pia e sento-me de volta agora ao lado dele. Giro na banquetta para ficarmos de frente para o outro.

— Suas tatuagens têm algo a ver com isso tudo que me contou?

— Sim. — Ele arranca a camiseta e eu gelo toda. Ao mesmo tempo que fico apavorada, minha boca seca. *Ele tirou a camisa na minha cozinha!*

— Aqui é um desenho. — Aponta para uma parte que desce do ombro até o peito. — Significa algo como "*impossível é questão de opinião*". Ao menos era isso que estava escrito no portfólio do tatuador.

Olho mais de perto. Não entendo nada. Na  
NACIONAIS - ACHERON

verdade, não consigo prestar atenção em mais nada que não seja o corpo semidespido à minha frente. Nem passa pela minha cabeça que minha irmã pode surgir a qualquer momento.

Será que Sawyer está ciente de como eu estou louca para tocar nele?

— Essa outra — aponta para o ombro — se parece uma ave, está vendo? — Ele mostra e eu vejo que parece mesmo. — Significa liberdade.

E por fim, ele passa a mão do bíceps até o início do antebraço.

— Essa é a que mais gosto.

*Eu também.*

Ele não explica. Apenas fica olhando a tatuagem que cobre parte do braço rodeando-o. Respira fundo e eu olho para seu rosto vendo a tristeza que se abateu. Imediatamente, como se quisesse arrancar a dor que ele sente, eu pouso minha mão no braço dele. Acaricio o desenho.

— É muito bonito, tenho certeza que o significado também. — Nossos olhares se encontram e ele cobre minha mão com a dele.

— Família, proteção e superação. Três coisas que eu nunca consegui. — Ele sussurra. Seus  
NACIONAIS - ACHERON

dedos apertam minha mão. Meu coração se parte com essa declaração. Primeiro ele confessa ser órfão e agora diz que nunca teve proteção? Deus! Essas coisas todos temos, basta ter alguém que amamos por perto. O que aconteceu de fato para deixar Sawyer tão desprotegido, sem família e desacreditado na superação?

— Tenho certeza de que você vai conseguir de alguma forma superar o que quer que o aflija.

— Sim, eu acho que minha superação está perto. Eu posso senti-la chegando.

Ficamos calados nos olhando por um bom tempo. E quando ele levantou a mão e passou no meu rosto com as costas dos dedos, acordei do sonho de seus olhos. Mordo meus lábios e me afasto dele sentando ereta na cadeira. Ele também se recompõe e veste a camiseta.

— Me conte sobre sua família. — Ele pede. Dá um gole no copo de vinho.

— Papai é americano legítimo. Mamãe, Alice e eu somos brasileiras. Eles se casaram aqui, depois foram morar no Brasil. Quando eu tinha dez anos voltamos para os Estados Unidos, fomos morar na Pensilvânia.

— SÉRIO? — Sawyer parece abismado.

— Não pareço brasileira, não é? O pessoal de lá é bem mais caloroso. Eu sou uma pedra de gelo.

— Não é, não. Eu mesmo já pude provar que não. E você precisa parar com isso, de sempre ter um mau julgamento a respeito próprio.

— Não é um mau julgamento, Sawyer. Eu falo o que as pessoas me dizem. Cresci com minha mãe me recriminando por eu ser antissocial. Eu sempre tive medo de tudo, pensava demais antes de tomar uma atitude e evitava ser calorosa mesmo que por falsidade. Além disso, sempre fui comparada a Alice em tudo. — Ele me olha com atenção, eu jogo meus cabelos para trás e continuo. — Ela era espevitada, toda carismática e bela. Enquanto eu era a retraída garota de cabelos cor de lama.

— Cor de lama? — Ele indaga levantando a mão e acariciando meus cabelos.

— Eu os clareei recentemente. — Explico. — Depois que saí da Pensilvânia e vim para Nova York, fiquei livre de ser comparada com minha irmã, mas veio Candice. Nós saíamos juntas e ela

monopolizava todas as atenções masculinas. E eu peguei fama de frígida, exibida, esnobe, eu não sou assim. Não é à toa que apenas Ryan me quis.

— Não diga isso. Se tivéssemos nos conhecido em outras circunstâncias eu ia preferir você.

— Está tudo bem. Não precisa tentar me animar. — Desvio da mão dele. Sawyer acha mesmo que pode tentar me ludibriar com essa? Ele jamais olharia duas vezes para mim em outra circunstância.

— Mas é verdade. — Ele rebate em um tom urgente.

— Graham, tenha dó. Você é rico, bonito, famoso, tem qualquer mulher que quiser. Não creio que iria se interessar por uma jovem sem sal, cheia de problemas e com cabelos cor de lama. Aposto que sua namorada é loira, com lindas pernas, seios grandes e elegantes.

— Você tem mesmo muitos julgamentos pré-concebidos. E agora descobro que não são apenas para você. O que tem o fato dela ser isso tudo? Um homem que namora uma loira não pode passar a gostar de uma morena ou uma ruiva? Ou

de uma jovem problemática com cabelos cor de lama?

— Claro que sim. A ex de Ryan era loira. Ele me preferiu ao invés de procurar outra loira. Estou me referindo a um cara como você que tem qualquer mulher que quiser. Por que motivo se interessaria por alguém tão inconstante como eu?

— Eu não tenho qualquer mulher que eu quiser. Tenho-as apenas no sexo, nada mais.

Não respondo. Fico olhando para o líquido vermelho na taça. Ele tem total razão quanto a um homem se apaixonar por qualquer uma, alguns têm preferências, lógico. Mas Graham não precisava ficar falando aquelas coisas apenas para me confortar. Eu sou grande e bem madura para entender a verdade e entender qual é meu lugar no mundo.

— Ei. — Ele levanta meu queixo. — Pare de pensar. Odeio quando fica distante, pensativa. Fale comigo. — Graham não solta meu queixo, continua acariciando-o.

— Acho melhor você ir embora — digo, ranzinza, e afasto a mão dele.

— Fale comigo, Marianne.



— Não, Graham. Aqui você é meu convidado, não meu terapeuta. Quero que vá embora.

— Eu não estava debochando de você. Eu disse a verdade. Você pode não enxergar, mas é muito atraente, carismática, amigável. Talvez ninguém nunca tenha dito isso para você por causa do muro de gelo que levantou entre você e a sociedade. A população masculina para ser mais exato. — As sobrancelhas dele se erguem e o verde dos olhos se torna mais evidente. Está com aquela expressão de uma pessoa que tenta fazer a outra entender o seu ponto de vista.

— Está me dizendo que afastei os homens de mim mesma?

— Não deliberadamente. Mas inconscientemente, aceitando o fato de que era uma pessoa frígida e esnobe, acabou fazendo isso. Imagine em uma festa você e Candice juntas. Um homem olha de longe. Candice dá um sorriso, mas a jovem estonteante com cabelos cor de lama na qual ele está de olho desde o início apenas faz um biquinho e se vira para outro lado. Porque no momento em que viu o cara, ela logo pensa: ele

está olhando para Candice, vou me virar antes de mais uma humilhação. Você nunca tentou sorrir, piscar, acenar para um cara. Você não confia no seu taco, Marianne.

Eu olho para ele, desamparada. É desse jeito que sempre acontecia. Sawyer é mesmo muito bom, parece que ele estivera nos lugares me olhando. A mão dele está agora acariciando minha orelha. Depois ela desce sensualmente e os dedos dele começam a acariciar meu pescoço. Ele vê a mancha do chupão e acaricia ali também. Parece ter gostado do que viu, ficou com um olhar turvo.

— Como conheceu Ryan? Ele veio falar com você?

— Sim. Ryan veio falar comigo.

— E ele percebeu que você não era a pessoa que os outros pregavam. Ele percebeu que, afinal, você era carente e inocente. E que o que as pessoas intitulavam arrogância era, na verdade, medo, ou timidez. Estou certo?

— Sim. — Murmuro sem conseguir abaixar a cabeça.

O polegar dele corre no meu pescoço depois sobe para o queixo e por fim nos meus lábios

entreabertos. Nossos olhares fixos no lábio do outro.

— Eu preciso ir embora. — Ele sussurra. — Ou então vou acabar beijando-a.

— Acho uma boa ideia, porque se tentar me beijar, eu não impedirei.

Sawyer me puxa fazendo com que eu me levante. Ele continua sentado e eu de pé dentro das pernas dele. Meu coração bate descompassado, parece que está na garganta. Com uma das mãos na minha cintura, me puxa fazendo com que eu me curve para frente.

— Eu sinto muito por isso. — Murmura e logo em seguida dá um breve sorriso — Mentira, não sinto. — Vejo na fala dele um início de excitação. — Fodam-se as regras.

Então toma meus lábios em um beijo abrasador. E não vou reclamar por isso. Ele coloca a mão na minha nuca e eu avanço agarrando nos braços dele e deixo que conduza a dança erótica das nossas línguas. É inacreditável como ele consegue me dar todo esse prazer com apenas um beijo. Um beijo com gosto de vinho e sedução. Acreditem, sedução tem gosto, é esse que estou sentindo agora.

*Merda!* Ele é bom de língua. Quer dizer, bom é eufemismo. Já estou molhada.

*Que corpo mais mole e fraco,* penso, revoltada.

Eu gemo contra a boca dele e o safado sorri. Fico mais excitada ainda com esse sorriso cretino nos lábios, ele me puxa para mais perto e desce uma mão para meu bumbum enquanto a outra continua enrolada nos meus cabelos perto da nuca. Não fico fora dessa. Enquanto a gente quase engole um ao outro com as bocas, minhas mãos percorrem o corpo dele. Eu tenho que guardar na memória cada parte desse deus grego. Mais tarde eu não o terei. Terei que me contentar com Ryan.

Esse pensamento me faz lembrar de onde eu estou. Se Alice descer e nos pegar no flagra desse jeito? Eu me afasto depressa.

— Não devíamos ter feito isso — gaguejo, aflita. Olho para a porta. Sawyer olha também.

— Não há ninguém aqui.

— Aqui é minha casa, Sawyer. E eu a divido com minha irmã. Tenho namorado e você também é comprometido. Isso está indo longe demais. — Afasto-me dele o bastante. Ando um

pouco, com uma mão na boca e a outra no peito.

— O que está indo longe demais? — Ele se levanta e me fita com interesse. As mãos na cintura e o peito meio arfante.

— A terapia. Eu estou começando a me acostumar... a... Eu não posso me acostumar com você, Sawyer.

— Está tentando insinuar que quer parar?

— Talvez. Eu não sei. Vou pensar. — Esfrego minhas mãos no rosto e penteio meus cabelos com os dedos jogando-os para trás. Eu deixo minha aflição explícita nos meus trejeitos. Aflição é pouco para o que sinto. Não sei se corro e agarro ele para transarmos desordenadamente no sofá, ou se o empurro para fora de minha casa. Eu não devia querer um homem que não é para ser desejado, apenas usado e deixado de lado. E isso me faz ter certeza, cada vez mais, de que essa terapia é uma loucura.

— Pensar? Não há nada para pensar, a gente fez um acordo. Você é minha... — ele engole o resto da frase e emenda: — é minha paciente até terminar os números que estipulamos.

Eu noto como ele se corrige rápido. Eu

estou diante de um homem que quase disse que eu sou dele. É o que me faltava.

— Sawyer, você concorda comigo quando digo que tudo que conheço sobre sexo foi com você?

— Sim, concordo.

— E que o sexo com Ryan é de um jeito comum, diferente do que nós temos no seu consultório como você disse hoje cedo?

— Sim. É diferente.

— Isso vai me prejudicar e não ajudar. Eu não posso me acostumar com um sexo excelente quando o que terei no futuro é sexo caseiro como todo mundo, você me alertou sobre isso.

Agora ele passa a mão pelo rosto e no cabelo. Por que isso? Aflição também?

— Marianne, você precisa dormir. Não pense nessas coisas. Você prometeu que não ia me abandonar... Abandonar a terapia novamente.

Mais uma vez percebo como ele se corrigiu a tempo. Eu tinha prometido não abandoná-lo?

— Sim, é melhor. Eu vou dormir.

— Ligarei para você amanhã quando estiver

mais calma. — Ele caminha até mim e me prende em seus braços. Sem titubear e sem minha intervenção, ele se inclina e me beija novamente. Mais uma vez nos entregamos ao beijo. Sawyer me abraça apertado e eu fico pequenina nos seus braços. Enrosco meus dedos nos cabelos dele, aproveitando o máximo a deliciosa boca dele. Ele beija freneticamente os cantos da minha boca, beija de língua mais uma vez, morde meu queixo, volta para a boca me sufocando e eu adorando ser sufocada por essa língua e lábios. Fico sem ar. E, por fim, termina com selinhos nos meus lábios trêmulos e nas minhas pálpebras.

— Não pense demais. — Murmura contra meus lábios. Dá mais um beijo e se afasta. — Já fez sexo no chuveiro, Marianne?

Na minha frente, está agora o terapeuta profissional. Nenhum outro vestígio do homem normal, bem-humorado e carismático que estava a pouco jantando comigo.

— Sabe que não, Graham. — Minha voz mal sai da garganta.

— Então pense nisso. Até quinta-feira.

Ele me dá mais um beijo nos lábios, uma

piscadinha junto com um sorriso e sai. Eu o sigo, ele pega o casaco e vai em direção à porta.

— Você pode ter um namorado, Marianne, mas eu não tenho mais ninguém em minha vida, foi por isso que vim aqui. Eu terminei de vez com a minha amante. Não se sinta uma vadia por achar que está destruindo um relacionamento. Obrigado pelo jantar. — Ele dá um sorriso fraco e sai fechando a porta. Fico parada no mesmo lugar, ouvindo ele ligar o carro e se afastar em seguida.



Eu dormi muito bem depois da saída de Sawyer. Não deixei minha Marianne paranoica ficar colocando coisas na minha mente para tirar meu sono. No dia seguinte, fui trabalhar cedo e bem tranquila. E acabei fazendo uma grande burrada ao abrir minha boca grande e contar meus segredinhos para minha melhor amiga.

Que vida, meu Deus! Por que eu não tenho uma amiga normal como as outras garotas? Queria que Candice fosse normal e fizesse apenas perguntas clássicas como: "O pau dele é grande?"

NACIONAIS - ACHERON



"É bobo?" "Ronca enquanto dorme?" Mas não. Ela é paranoica e acha que Sawyer vai fazer um ritual macabro com a amiguinha indefesa dela.

Olho perplexa para Candice. Nunca a tinha visto tão irritada. Ela anda de um lado para outro dentro do meu escritório. Maldita hora em que fui contar a ela que continuei com as consultas.

— Você não pode continuar com isso, Marianne! Não pensa em Ryan? Quando eu estive com Sawyer, eu não tinha ninguém em minha vida, mas você tem. Pare e analise os fatos, os prós e os contras. Você, mais que qualquer um, tem como julgar se isso será ou não vantajoso.

— Candy, não é para tanto. Ele diminuiu o número de sessões para quatro. Faltam apenas duas.

— Duas? — Ela me encara de olhos arregalados. Eu me sinto em uma sala de interrogação policial. Ela está de pé, irritada, e eu sentada, confusa.

— Você tem noção do que dois encontros com ele podem fazer? Eu falo por que eu vivi isso.  
— Ela quase está aos berros.

— Tudo bem, escute. Eu conversei com ele ontem. Graham está passando por um momento

difícil, ele disse que a próxima consulta seria apenas teórica. Nada de prática.

Eu invento isso para ver se Candice se acalma. Eu sei muito bem que não haverá consultas teóricas. Mesmo que tenha negociado isso com ele, não iria acontecer. Quando estamos juntos, parece que o universo para e uma explosão acontece. Simplesmente não tenho como ficar com Sawyer em uma sala sem tocar nele.

— Vou tomar uma providência para o seu bem, Marianne. Ryan é um bom homem e não merece isso. — Candice avisa.

Levanto depressa e vou até ela.

— Não vou perdoá-la se ameaçar Sawyer.

— Então prefere brigar comigo para protegê-lo? Olha onde você está chegando!

— Ele não tem culpa de nada, poxa! Está passando por um momento difícil, não tem ninguém na vida, nem pai, mãe ou irmãos. A culpada aqui sou eu. Não vou permitir que você vá importuná-lo, está me ouvindo, Candice?

— Sim, estou. Vou pensar em algo para interromper essa loucura o quanto antes. — Pisando duro, ela sai da minha sala.

Sabe quando descobrimos coisas surpreendentes? Estou assim agora: petrificada, sentada na poltrona do meu escritório, com olhos arregalados olhando para o nada. A mesma expressão que fiquei aos doze anos quando fui apresentada a um ornitorrinco em uma excursão do colégio.

Candice acabou de sair com a promessa de que iria resolver esse problema, gritando que eu tinha um namorado.

— Droga! Burra! Burra! — Xingo a mim mesma em pânico. Candice é intempestiva e sei que, quando ela coloca algo na cabeça, não para até conseguir.

Por que cismo de contar tudo para ela? Ainda bem que não contei que Graham tinha me beijado. Ia contar mas quando disse que ainda estava indo à terapia, ela simplesmente pirou.

Pego o celular e começo a digitar um número que já está gravado em minha mente e na memória do celular como Terapeuta.

Logo a ligação é atendida.

— Graham, aqui é Marianne.

— Oi. — Ele cumprimenta com uma voz

pachorrenta. — Decidiu algo, gata?

— Sawyer, me desculpe... Eu acabei soltando sem querer para Candice que tinha mantido a terapia... Ela enlouqueceu...

— Você o quê? — Ele rosna do outro lado.  
— Marianne, que inferno! Por que fez isso?

— Eu não sei. Precisava desabafar com alguém.

— Por que não ligou para conversar comigo?

— Porque eu queria falar sobre você e Candice é a única com quem posso falar.

— Não. Você não pode falar nem com ela. Pelo amor de Deus! Quando ela passou pelo meu consultório não soltou uma palavra para você. E agora tem que contar tudo para ela? — Ele está muito revoltado do outro lado.

— Sawyer, eu não vou discutir. Estou cheia de serviço. Liguei apenas para te dizer que não vá ao consultório hoje. Ou melhor, não receba Candice se ela bater por lá.

— Eu sou homem, Marianne, não vou fugir de ninguém. — Ele soa muito convicto, indignado até.

— Ela pode ameaçar você, sei lá.

— E me obrigar a deixar você em paz?

— Sim.

— Por que essa obsessão toda de Candice? Ela me odeia?

*Lógico. Acho que Candice tá com dor de cotovelo e tem vergonha de assumir.*

— Nunca mencionou, mas acho que sim.

Alice bate na porta e coloca a cabeça dentro da sala.

— Eu vou ter que desligar agora, doutor. Ligo para remarcar mais tarde.

— Remarcar?

— Sim, até mais. — Desligo a ligação e o celular.

— Mary, trabalho para você. — Alice entra saltitante trazendo uma pasta. Eu estou com os nervos à flor da pele. Um medo me assola. Graham é destemido como Candice, e se ele viesse me procurar aqui no meu trabalho? Será o maior barraco, pois ela está na sala ao lado limpando a coleção de armas de fogo dela, se preparando para ir caçar um sujeito que se meteu onde não devia.

PERIGOSAS

Rezo e faço inúmeras promessas para ele esperar por minha ligação e não ter confusão.

NACIONAIS - ACHERON

# TRINTA

## SAWYER

Eu devia ficar parado, trancado em casa, esperando uma ligação de Marianne ou de Candice. Se Candice vier atrás de mim, vai sair perdendo, estou até as tampas com ela, furioso pra cacete. E, por Deus, não vou hesitar em foder a vida de merda dela se ela resolver fazer o mesmo comigo.

Ela não tem nenhum direito de colocar a amiga contra mim. Uma raiva muito grande tomou conta do meu corpo. Se já não bastasse Amanda tentando me controlar, agora ainda vem uma ex-paciente me atormentar.

Eu posso ser tolerante com várias coisas, mas chantagem é demais.

NACIONAIS - ACHERON

Saio do jeito que estou vestido, com a roupa de academia que eu tinha colocado há pouco para malhar. Voltarei agora ao consultório e vou ficar lá esperando, tenho certeza de que receberei uma visita em breve.

Não preciso esperar muito. Após meia hora, mais ou menos, Candice aparece. Como Eva não está, eu mesmo atendo a porta. Fixo meu olhar no rosto dela com a pior expressão que pude formular. Ela também não parece disposta a brincar. Nós nos encaramos com olhares sanguinários. Então ela resolve abrir fogo.

— Eu sei que há uma cláusula que me proíbe de vir procurá-lo. Mas vim apenas para dizer uma coisa. — Ela me fuzilou com olhos azuis cheios de ódio e me ameaçou entredentes: — Deixe minha amiga em paz ou eu acabo com sua miserável vida, sei o que você faz aqui e estou disposta a contar tudo para todos.

— Sabe o quê? — pergunto, achando que ela sabe que não sou terapeuta coisa nenhuma.

— A sociedade não sabe que você transa com suas pacientes! — grita, ameaçando. Ufa! É só isso.



Candice veio com tudo para cima de mim. A fúria nos olhos, um dedo em riste apontado para meu rosto, os lábios franzidos. Estava mesmo de dar medo para qualquer pessoa, menos para mim, que a conheço como a palma da minha mão.

Eu a olho com desdém, sem me mover um centímetro, mantendo uma expressão fria.

— Você está nervosa. — Analiso.

— Que bom analista você é. Então percebeu? — resmunga, sarcástica.

— Eu me recuso a responder, Candice. E só vou pedir uma coisa: deixe Marianne em paz. Cuide de sua vida se gosta dela do jeito que está.

Ela entreabre os lábios, franze o cenho e me olha com desconfiança, além da fúria.

— O que está dizendo, seu patife?

— Estou dizendo que sou um cara vivido, não aceito desaforo de ninguém. Se você colocar a boca no trombone dizendo que faço sexo aqui, acha que eu vou perder alguma coisa? Não acha que minha fama vai tomar o país inteiro? Acha que as mulheres vão ficar furiosas e me evitar? Você, Marianne e tantas outras não fugiram quando souberam o que eu faço. Vai acabar trazer mais

pacientes para mim.

Agora o terror dança em seus olhos cor de safira. Dou de ombros com aquela expressão odiosa que sabia fazer para deixar meus inimigos indignados. Isso já estava começando a me ajudar nos meus negócios no hotel. Sei que me transformarei em um empresário impiedoso.

— Marianne é inocente, ela é inexperiente, seu pedaço de merda! — grita Candice, histérica.

— Eu não terminei. — Interrompo-a em tom mordaz. — Se insistir em se intrometer entre mim e ela, prometo que você vai perder muita coisa. Homens são sempre iguais, Candice, e garanto que o seu marido não ficará satisfeito com o que irá descobrir. — Rosno entre dentes, meu rosto deve estar contorcido. — Prometo contar a ele cada mínimo detalhe do que você fez aqui comigo. Eu tenho um caderno com sua assinatura que narra tudo. — Emendo.

Parece que acabei de anunciar uma tragédia para ela, assim é a cara de Candice. Acho que teve o impulso de sair correndo, mas não saiu. Vejo que está arfando de tensão.

— Está me ameaçando? — pergunta com a

voz meio trêmula.

— Sim, estou. Saia daqui agora, antes que eu ligue para Leopold vir buscá-la.

Eu acabo de vencer uma batalha. Candice está chocada com minha reação. Se ela achou que eu me renderia e baixaria a cabeça estava enganada. Vejo medo nos olhos dela. Sim, eu sei de cada ponto fraco de Candice, ela estava louca dois anos atrás para arrumar um marido e eu a ajudei. Sei o que o casamento significa para ela e conheço Leopold, ele é um bom partido que ela não arriscará perder.

— Eu vou tirar Marianne disso. — Torna a me avisar com voz fraca, quase um sussurro, sem muita certeza do que fala.

— De outra forma, sem me ameaçar.

Em contrapartida, mantenho minha voz firme e hostil. Candice respira fundo e sai depressa sem nem chegar a entrar no consultório.

Fecho tudo e saio logo depois. Agora poderei ir malhar em paz, com a cabeça fresca.



— Graham. — Um homem grande e moreno veio ao meu encontro. É meu melhor amigo e personal trainer.

Henrique é um cara que conheci há muito tempo quando comecei a frequentar a casa de Amanda. Agora ele tem uma das melhores academias de musculação e faz questão de me ajudar pessoalmente nos exercícios. É incrível como a maioria dos pupilos de Amanda tinham se dado bem na vida. Larry e Nelson, meus outros dois únicos amigos íntimos, também foram resgatados por Amanda.

Larry é hoje dono de uma rede de lojas de departamento e Nelson, produtor de filmes para adultos. Nenhum dos dois teve vergonha de expor o passado a todos. Eu ainda tenho muito receio, já que meu passado não se resume apenas a minha vida com Amanda. Tinha muito mais envolvido. Coisas que nem mesmo Larry e Nelson sabiam.

Juntos formávamos o quarteto mais requisitado da época. Com Henrique na liderança, nós três, iniciantes, nos deparamos com muito dinheiro envolvido, não teve como recusar. É de se

espantar a quantidade de mulher rica disposta a dar para quatro caras sarados e bem-dotados que gostavam de sexo forte. Algumas gulosas encaravam nós quatro juntos. Um gangbang da pesada. Deixávamos elas uns dois dias sem conseguir sentar.

Amanda tinha orgulho dos quatro homens da vida dela. Até hoje os rapazes fazem uma visitinha para ela e fodem à vontade. Eu a odeio. Não quero mais nenhum envolvimento com ela, não depois do mal que me causou ao insinuar coisas que até eu acreditei, aumentando o abismo entre minha mãe e eu. Demorou muito para superar tudo. Esse assunto me tira do sério.

Olho para Henrique disposto a me distrair. Nós nos cumprimentamos com toques de punho e um breve soco no meu ombro.

— Fiquei algum tempo sem poder vir.

— Muitas trepadas agendadas? — Ele ergue as sobrancelhas com insinuação e dá um sorriso safado enquanto caminhamos pela academia. Noto os olhares femininos sobre mim, e fico todo inflado.

— Porra, Tyler, você tem que dividir com

os amigos.

— Sawyer. — Corrijo-o.

— Tá certo. — Ele concorda.

— Você pega mais mulheres que eu consigo no consultório, seu puto safado. — Eu rebato dando um cutucão nele.

— Pior que é. Como mulher adoidado aqui.

— Se a Dakota souber...

— Sou precavido. — Ele antecipa. — Fiquei sabendo que está querendo ser apenas empresário. — Ele cochicha enquanto me guia para uma esteira. — Que porra é essa, mano?

A compra do hotel não é segredo para meus amigos, mas, assim como Jill, Rick achava que eu seguiria com as duas carreiras. Conto outra hora para ele sobre minha proibição de abrir o consultório.

— Andou falando com Amanda ou com Jill?

— Falei com as duas — diz, dando de ombros. — Não vai me culpar, não é?

— Claro que não.

Eu subo na esteira, espero ele programar a

máquina e começo meus exercícios cardiovasculares. Fico pensando se Jill transou com Henrique. Espero que sim, assim ela me esquece. Mesmo ele tendo namorada.

— Temos que marcar de tomar uma cerveja uma hora dessas antes que você seja engolido por um novo homem empresário e muito ocupado, depois com esposa e filhos. — Henrique propõe com uma careta.

— Esposa e filhos? Eu? Até parece que você não me conhece.

— De qualquer forma... A cerveja está de pé.

— Claro. Ligue para os rapazes e me avise. O hotel será reaberto amanhã à tarde e quero que apareça lá com a Dack.

— Sei não, cara. Não gosto dessas coisas.

— Que coisas?

— Luxos. Sei que os convidados irão de Brad Pitt a Mike Jagger.

— Não fode. Vai ter uns famosos, mas não desse calibre.

— Vou pensar. Convide Larry e Nelson.

Eles irão.

— Vou convidar.

Eu fico observando enquanto ele se afasta e coloco os fones de ouvido. Sim, vou me transformar em outro homem, mesmo contra a vontade de pessoas como Amanda e Jill.



Depois de fazer abdominais, levantamento de pesos e malhar nos aparelhos de musculação, saio quebrado da academia, mas me sentindo bombado. Não tem jeito, tenho que tomar vergonha na cara e malhar pelo menos três vezes por semana. Não quero ficar um cara gordo, preciso do meu corpo para trabalhar, mesmo que seja um escritório.

Vou direto para o apartamento morrendo por um banho relaxante, uma cerveja e cama.

Mas a visita que me espera me faz suspirar de nervoso.

— Amanda?

Ela está na porta do meu apartamento.



— Calma. Vim apenas para a gente marcar os últimos preparativos.

— Eu passo em seu escritório amanhã, Amanda. Acabei de chegar da academia e estou exausto.

Ela passa os olhos pelo meu corpo e lambe os lábios.

— Claro. Passe lá amanhã, ou virei novamente. Não vou desistir de você, Tyler. Sabe disso.

Ela vira-se e entra no elevador. Solto todo o ar do pulmão com alívio e entro no apartamento.

Não tenho como me esquivar. Eu terei mesmo que fazer o que Amanda está me propondo e ficar livre dela de uma vez por todas. Mas se ninguém nunca descobriu o que fiz antes, não seria agora que descobririam.

Termino meu banho e pego o celular para ouvir as mensagens. A primeira é de Larry.

*"Ei, brother, Rick me ligou. Esse fim de semana tá bom pra você? Decida-se e ligue para a gente."*

Henrique foi rápido, ele deve mesmo estar curioso para saber o que está acontecendo comigo.

Talvez eu conte a eles sobre Marianne. Por outro lado, os conselhos masculinos não vão ajudar muito. São sempre os mesmos. Tipo: *"Dá nessa safada, cara, mostre a ela quem manda"*. Ou *"se fosse comigo, ela não tentaria fugir. Imploraria por mais"*. ou então: *"Você é frouxo, cara, mete a pica nela."*

A próxima mensagem é de Jill.

*"Sawyer, eu passei na sua casa e no seu consultório. Fui também ao hotel... Me ligue. Onde se meteu?"*

Sem toalha, vou pelado ao closet pegar uma cueca. Visto-a e quase caio ao ouvir a voz de Nigel.

*"Tom Sawyer, atenda o telefone, porra. Eu não tenho paciência para ficar ligando. Você não vai acreditar no que descobri. Marque um encontro e eu conto tudo. Me ligue, cacete."*

# TRINTA E UM

## MARIANNE

À noite, quando eu chegar em casa, pretendo ligar para Sawyer e dizer que nossa terapia está de pé. Não vou sucumbir às vontades de Candice, se ela passou por isso tudo, por que eu também não podia? Ela me considera imatura e inocente e eu vou mostrar o contrário para ela quando terminar tudo e começar uma vida plena junto com Ryan.

Mais uma vez, saio tarde do trabalho. Não tinha mais visto Candice depois de ela ter feito aquela cena na minha sala. Alice tinha saído no horário certo junto com Alan e eu fechei tudo às oito e meia. *Um bom banho me espera.* E esse pensamento comum me deu um estremecimento quando me lembro de outro banho que me espera. O de amanhã será muito mais relaxante. Fico me

perguntando se o terapeuta vai entrar comigo naquela banheira na qual tomei um banho na primeira vez. Ou será que vai ser no chuveiro? São tantas possibilidades...

Chego em casa, com os pensamentos a mil, neles apenas Sawyer atua. Fico sedenta para senti-lo mais uma vez, preciso disso como um remédio para meus nervos fracos. Nem ligo mais para minha consciência. Vou aproveitar enquanto posso ser feliz. Sei que já estou com passagem comprada para o inferno por estar imersa no pecado que é meu terapeuta, enganando um homem tão gentil como Ryan. Mas o que posso fazer se eu sou tão fraca contra tentações?

Tudo desaba na minha cabeça quando abro a porta e Alice e Ryan se levantam com um sorriso nos lábios. *Ryan?* Olho para o lado e vejo Candice e Leo.

— Até que enfim chegou, amiga. Ligamos tanto para você. — Candice vem ao meu encontro.

Eu me lembro do telefone desligado para impedir que Sawyer me ligasse. Por isso, não recebi a ligação de Candice.

— O que está acontecendo? — Inclino-me e

cochicho no ouvido dela.

— Ryan resolveu ir com a gente para o sítio dos pais de Leo amanhã. — Ela diz em alto e bom som me dando um empurrãozinho para a frente em direção ao meu namorado.

— Oi, Mary. — Ryan vem, me dá um beijo nos lábios e me abraça. — Sentiu saudades?

O beijo dele não tem sabor algum, é o mesmo que beijar apenas a pele. O mais engraçado é que eu não via isso antes. Mas depois de ter provado o sabor da tentação pura e maciça, percebo como estava sendo enganada pelo beijo insosso do meu namorado. Tento controlar minha palidez e murmuro:

— Sim, Ryan. — É preciso ter nervos de aço e um controle enorme para não gaguejar e se mostrar contente com a surpresa.

— Gostou da surpresa?

— Claro. — Com calma, eu me desvencilho dos braços dele.

— Que história é essa de sítio que eu não estou sabendo? — pergunto com um sorriso falso, um tique nervoso nos dedos e uma batida falha no peito.

— Eu falei pra você, não lembra? É aniversário de casamento dos pais de Leo e eu liguei para Ryan abreviar a viagem para ele ir. — Candice revela saltitante. — Por sorte, seu namorado já tinha saído de Oklahoma e estava aqui pertinho, em Cleveland. Iremos amanhã bem cedinho, voltaremos na sexta à noite.

*Vadia safada!* Candice sabe que minha próxima consulta será amanhã, ela fez de tudo para me manter longe do consultório. Droga! E eu contando as horas para chegar logo o dia.

— Que ótimo. — Eu sorrio de volta, tentando não franzir os lábios, nem denotar minha raiva. Viro-me para Ryan. — Não atrapalhou nada, não é, querido?

— Não, claro que não. Como Candice disse, eu já estava voltando, o que eu tinha para resolver amanhã em Cleveland posso fazer por telefone. Eu vou adorar viajar com vocês. — Então me envolve pela cintura teimosamente e eu dou um sorriso para todos, mas paro quando me deparo com a carranca de Alice.

Minha irmã devia estar odiando viajar e ter que deixar o namoradinho dela para trás. Calma,

Aly, é apenas um dia. Nem eu que serei obrigada a remarcar minha tão esperada terapia estou com essa carranca. Desvio o olhar da minha irmã quando Candice vem para perto e fala:

— Portanto, Mary, desmarque qualquer compromisso que tiver amanhã. Você ficará fora se divertindo com seus amigos e seu namorado — diz, eufórica, gesticulando muito e mostrando os dentes em um sorriso idiota. Além de dar ênfase nas palavras *desmarque* e *namorado*. Candice me puxa pelas mãos e faz um cafuné de pura falsidade em minha cabeça. *Traidora*.

— Claro. Não tenho muitos compromissos para amanhã. Alguns eu posso simplesmente remarcar, Candice querida. — Lanço um olhar pirracento para ela. Uma convocação latente para um duelo. Será mesmo que ela acha que será tão fácil? Continuar com as consultas tornou-se um desafio.

— Pode ser. — Ela dá de ombros, fingindo não me entender. Isso me deixa mais puta de raiva. Nunca achei que seria vítima das armações dela. Preciso urgente conversar com o senhor e a senhora Carlton. A filha deles está me dando trabalho.

— Bom, já que tudo está resolvido é melhor irmos embora para arrumar as coisas — disse Leo, envolvendo a cintura de Candice com um dos braços.

— E dormir cedo. — Candice completou felicíssima nos braços do marido.

— Vocês não vão esperar eu preparar alguma coisa? — indago, toda prestativa, morrendo de vontade que eles fossem embora logo. Já vi que nessa sala a falsidade reina absoluta. Culpa de Candice.

— Alice já nos serviu um suco — disse Candice. — Não precisa se incomodar.

Leo e Candice caminham até a porta.

— Ryan, espere um segundo, só vou levá-los até o carro. — Aviso para Ryan por cima dos ombros e saio correndo, se Candice pensa que pode escapar sem me dar uma explicação está enganada. Agarro o braço dela.

— Espere um minuto, amor. — Ela grita para Leo. Ele faz um gesto positivo e caminha sozinho para o carro.

— Que espetáculo é esse que você armou? — pergunto para ela entredentes com o cenho

NACIONAIS - ACHERON



franzido.

— Eu disse que faria de tudo para tirar você das garras daquele barba azul. — Ela cochicha de volta com a mesma rispidez. A desgraçada ainda faz pose.

— Candice, pelo amor de Deus! — Seguro com mais força no braço dela e, arregalando os olhos, murmuro, exasperada: — Você traz Ryan antes do tempo e me avisa de uma hora para outra que vou viajar com ele? Gosta de chutar cachorro morto, não é, sem-vergonha?

Estamos discutindo baixinho, era para estarmos aos gritos.

— Eu sou a sem-vergonha? Quem está de casinho com um pervertido psicótico?

— Não fale assim dele e eu não estou de casinho com ninguém. — Viro-me e passo as mãos nos cabelos, preciso me controlar para não empurrar Candice no chão e atacá-la como um puma selvagem. Sempre fiz de tudo para ela, custava ela me apoiar agora? Volto-me para encarar Candice, ela está com aquela pose de brigona.

— Eu. Não. Posso. Viajar. Com. Ryan. — Sibilo bem compassado. Meus olhos saltados

encarando-a. Ela nem parece se importar com meu estresse.

— Não serão vocês dois. Leo, Alice e eu também vamos.

— Mas provavelmente vão dar um quarto para eu dividir com Ryan. Você sabe que não estou preparada.

— Mas está preparada para as sacanagens de Graham. — Ela coloca as mãos na cintura e me acusa abertamente.

— É diferente, você não pode fazer isso porque não gosta de Sawyer, se eu fracassar com Ryan mais uma vez na cama...

— Ele não vai deixar você, para de drama.

Na verdade, eu nem ia dizer isso. Eu só não queria mesmo ir para a cama com Ryan, mas como revelar para Candice que prefiro transar com o tal pervertido do que com meu próprio namorado?

— Drama? Agora eu sou a dramática? — Coloco a mão no peito e me curvo para a frente, gritando, indignada. Esqueci que estamos brigando discretamente.

— Marianne, você vai me agradecer por isso. Graham não é a solução para você, enxergue  
NACIONAIS - ACHERON

isso, pelo amor de Deus!

Ela sacode meus ombros literalmente.

— Não cabe a você decidir isso por mim, Candice.

— Vamos, amor! — Leo grita do carro.

— Pense nisso, amiga. A gente se vê amanhã.

Ela me dá um beijinho e corre para o carro. Fico frustrada olhando o carro se afastar, estou perdida. Não consigo compreender por que Candice resolveu lutar pela minha honra. Será que ela tem algum sentimento por Sawyer? Meu corpo gela e sinto calafrios ao pensar isso. Não. Ela ama o marido... eu acho.

Entro em casa e encontro Alice e Ryan falando alto um com outro. Parece que estão discutindo.

— Ei, calma, vocês dois. — Fico perplexa com a cena, olhando de um para o outro. Nunca vi Ryan assim exaltado. Ok, eu sei que eles nunca tiveram muita intimidade. Na verdade, nunca se deram muito bem, mas brigar por quê?

— É melhor eu ir. — Ryan vem e me dá um beijo nos lábios. Está com cara de quem acabou de

NACIONAIS - ACHERON

levar um soco no estômago. — Até amanhã, querida.

— Até amanhã, Ryan. — Eu o levo até a porta e fico olhando mais uma de minhas visitas ir embora. O carro se afasta e eu entro. Tranco a porta, passo a correntinha e lembro-me de Sawyer. Não há nenhuma novidade nesse fato, já que tudo me faz lembrar dele.

— O que deu em você, Alice? — Viro-me para ela, exigindo uma explicação. Ela está emburrada e me olha com faíscas nos olhos.

— Não tenho culpa de você namorar um cretino. Agora me dê licença, vou dormir.

*Cretino? Até ontem ele era um cavalheiro.*

Ela sobe correndo. Os cabelos castanhos balançando nas costas. É incrível como todos me abandonaram rapidamente. Sento-me no sofá e pego meu celular, ligo o aparelho ignorando a quantidade de ligações perdidas. Deve ter umas oitocentas. Digito o número de Sawyer, acho que atende no primeiro toque. Ele estava esperando com certeza.

— Mary... — É nítido o alívio na voz dele.

— Desculpa por não ter ligado antes. Tive

um dia cheio.

— Eu também. E então? Estou curioso. Chegou a uma resposta? Você me deixou ansioso o dia todo. — A voz dele, apesar de macia, é tensa.

Eu estou tensa, mas, ao contrário dele, fico calma assim que ouço a voz que faz meu corpo responder positivamente. Me pergunto por que eu não senti conforto quando vi meu namorado que voltou de viagem, mas sinto uma paz agradável só em ouvir a voz de Graham. Nem quero me aprofundar nesse assunto, o resultado pode me enlouquecer.

— Sim, Sawyer. Eu tinha chegado a uma resposta, tinha decidido continuar.

— Que bom. Por que pressinto que tem um "porém"?

Mexo nos cabelos antes de responder.

— Porque tem um "porém" — digo, soltando o ar pesadamente.

— Que é...

— Candice foi mais rápida e armou uma arapuca. — Fico em silêncio. Sawyer espera um pouco e pergunta:

— O que ela fez?

Agora a voz dele além de tensa é irritada. Visualizo em minha mente, Sawyer de pé só de bermuda na casa dele, amassando os cabelos com as mãos.

— Ligou para Ryan e o fez voltar, juntos armaram uma viagem para o sítio do pai de Leo. Candice sabia que eu veria você amanhã, por isso ela acha melhor sairmos daqui amanhã bem cedinho, seis horas no máximo.

Há outro silêncio como resposta. Depois o som de uma inspiração e exalação longa.

— Então venha na sexta.

— A gente só volta na sexta à tarde.

Mais um silêncio. Fico calada mordendo o interior dos lábios até sentir dor e paro. Quando ele volta a falar, está definitivamente muito furioso.

— Eu não entendo por que ela está se envolvendo tanto em sua vida, Marianne. — Noto que ele tenta controlar o teor raivoso da voz, mas fracassa. — E você tem sua parcela de culpa. — Ele me acusa. — Há coisas que não contamos para ninguém, está ciente do que ela pode fazer para impedir você de vir até mim?

Não tenho resposta efetiva para isso, então resolvo concordar com ele.

— Sim, ela disse que está disposta a tudo — digo em um fio de voz.

— Sim, ela está, veio hoje me ameaçar.

— Ela foi ameaçar você? — Minha voz era um grunhido. — Mas você a recebeu? Eu pedi que não a recebesse. — Começo a gritar e percebo que estou em casa. Termino a frase em uma voz mais baixa.

— Eu precisei, Marianne, não quero ninguém me colocando contra a parede. Eu deixei claro que ela não poderá fazer nada contra mim.

— Afinal ela tem muito a perder. — Concluo.

— Sim, ela tem um casamento que não quer perder.

— Sawyer, eu estou aflitíssima. Sei que vão colocar Ryan e eu para dormir no mesmo quarto e se eu frustrá-lo mais uma vez? Eu o senti distante agora há pouco.

— Não pense dessa forma, se for para a cama apreensiva, tudo o que vai conseguir é um vexame. Eu lhe disse que a parte mais erótica do

NACIONAIS - ACHERON

corpo é a mente, você precisa estar muito tranquila e excitada, sobretudo. Eu a aconselho a não ir para cama com ele ainda. Sei lá, diga que está menstruada, se ele esperou tanto, pode esperar mais alguns dias, não é?

— Claro.

Ficamos mais alguns segundos calados.

— Não quer se consultar agora e dar um troco em Candice? — Ele propõe com aquela voz sensual.

— Agora?

— Sim, o que você acha?

— Não acho uma boa ideia, Sawyer. A gente se vê na semana que vem. Na segunda está bom para você?

— Marianne, não seja medrosa. Pense no quanto será agradável para você contar a Candice amanhã que passou a noite comigo.

— Não dá. Eu não tomei banho ainda, cheguei agora do trabalho e estou com fome.

— Isso a gente pode resolver. Tenho banheiro e cozinha aqui.

— Você está onde agora? — pergunto e



olho para os lados como se alguém pudesse me ouvir.

— Eu vou até aí buscar você. Tudo bem?

— Sawyer...

— Será a mesma consulta que você teria amanhã, apenas vamos adiantar. Nada do que não fizemos antes. — Sabe aquela voz no pé do ouvido, bem sensual, que faz seu corpo todo acender e você não querer mais nada? Pois é, ele acaba de usar essa voz para me convencer.

Penso mais um pouco. Se eu recusar, vou passar a noite em claro imaginando como poderia ter sido, além de poder vê-lo novamente apenas na semana seguinte. Isso se Candice não armar mais alguma coisa.

— Tudo bem, estou esperando.

Desligo o celular.

Isso é errado, eu sei, e uma conclusão me atinge como um tapa na cara: não estávamos mais em um tratamento psíquico, eu já considero isso como um caso, assim como Candice jogou na minha cara. Esse é outro assunto em que não quero pensar, não quero me sentir culpada pelos meus encontros com Sawyer.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# TRINTA E DOIS

MARIANNE

Graham pareceu ter voado, chegou mais rápido do que eu esperava. Pego minha bolsa e saio, fechando a porta com cuidado. Noto que ele está em outro carro. Esse é preto, alto e imponente, como o dono. E particularmente, prefiro esse ao Alfa Romeo. Entro no carro e vejo que é incrível por dentro! Os bancos são muito confortáveis e tem um espaço bem grande entre o motorista e o carona. Olho para o painel supermoderno e para os bancos de couro preto e vinho.

— Bonito carro. — Elogio.

— Gostou da minha menina? É uma SUV Mercedes. Eu quase não saio com ela. — Ele explica, o queixo empinado, todo convencido. Como se estivesse fazendo propaganda para o NACIONAIS - ACHERON

carro.

— É. Ela é glamourosa e elegante. —  
Aprovo. Graham sai com carro e logo estávamos na estrada.

— Eu devo estar louca para agir assim —  
murmuro quase que para mim mesma. É como se eu tivesse doze anos e estivesse fugindo pela janela.

— Relaxe, pense que você está fazendo o que quer. Não deixe que Candice ou outra pessoa controle sua vida.

— Eu estou muito chateada com ela. Não podia ter feito isso, sabe como eu estou insegura quanto ao meu relacionamento com Ryan, posso perdê-lo por causa dessa atitude inconsequente.

Ele não responde e eu me calo. Viro-me para a janela e olho para a rua. Relaxo no banco macio, enquanto me sinto a própria Rapunzel resgatada pelo príncipe. Sawyer está longe de ser um, se príncipes fossem como ele, as princesas não seriam tão frescas.

Depois de algum tempo, percebo que não estamos indo para o consultório dele. Não sei como não percebi isso antes. Surpresa, vejo que estamos em Carnegie Hill, um lugar de residências

prestigiadas. Viro para Sawyer buscando uma resposta. Como eu pude ser tão desligada?

— Para onde estamos indo?

— Você disse que não comeu nada, não é?

— Sim.

— Eu tenho comida no meu apartamento. Vamos para lá.

— O quê? Ficou louco?

— Qual é a diferença, Marianne? Vamos fazer a mesma coisa.

— Sawyer, eu não quero ir para seu apartamento. É íntimo demais, a nossa relação é estritamente profissional.

— Sim, eu sei que é. Mas aqui é bem confortável e eu tenho coisas para comer. Entenda e não faça confusão por pouca coisa. — Ele entra na garagem de um prédio muito bonito.

— Tenho uma cobertura, Srta. Cooper. — Ele não deixa de ressaltar todo pomposo.

— Grande coisa. — Franzo o nariz e reviro os olhos.

Um pouco depois e eu estou entrando em um verdadeiro apartamento de revistas de designer

e arquitetura. É lindo, não tão frio como muitos apartamentos de milionários solteiros. Tem cores, móveis luxuosos e modernos, tudo sem perder a referência masculina. Há um pequeno hall que leva até uma sala enorme com janelas grandes e uma porta francesa que deve levar a uma varanda. Olho para o piso e fico com pena de pisar de tão lustrosa que é a madeira polida. Permaneço parada esperando alguém vir de dentro de casa. Uma governanta, mordomo, essas coisas, mas ninguém aparece. Sawyer termina de acender as luzes e abrir uma persiana. Fica olhando para mim, parada como uma estátua, e como sempre ele parece ler meus pensamentos.

— Venha, somos só você e eu.

Então ele não tem 57 empregados?

Minha atenção cai sobre o enorme sofá preto de três lugares de frente a uma mesinha com um tabuleiro de xadrez, duas poltronas brancas e um tapete felpudo cinza. Na frente do sofá uma estante gigante escura, com um enorme televisor e alguns aparelhos que eu não consegui detectar o que é. Aparelho de som ou DVD, sei lá. E lógico, um Xbox.

Vou até as janelas que vão do chão ao teto. As luzes do Central Park brilham ao longe. Daqui posso ver grande parte da cidade. É uma vista estonteante. Olho em volta. Há, do lado oposto, uma parede de vidro que esconde parcialmente a escada moderna branca e duas grandes pinturas em outra parede. E tudo isso: o tabuleiro de xadrez com peças de vidro, a TV gigante, o sofá grande ótimo para uma transa, as janelas, nada me deixa mais perplexa do que uma guitarra vermelha e branca.

— Você toca?! — pergunto, apontando para o instrumento colocado em uma base.

— Não muito. Essa é a réplica de uma das guitarras do Jimi Hendrix. Apreendi a tocar depois que a comprei de um amigo.

— Então, gosta de rock? — Olho para ele, interessada.

Impressionante, estou descobrindo uma personalidade bem eclética do meu terapeuta. Ele gosta de Bon Jovi e Jimi Hendrix. Imagino Sawyer só de cueca tocando essa guitarra. Deve ser desesperador de tão excitante.

— Quem não gosta? — diz com um sorriso

que me deixa de pernas bambas. Dou mais uma olhada na sala, nada de distrações com sorrisos por enquanto, preciso conhecer o território inimigo.

— É lindo — afirmo verdadeiramente fascinada. Mas eu não podia esperar menos de um homem tão rico e famoso como Sawyer.

— Obrigado. — Agradece com um sorriso. — Venha, vamos comer alguma coisa. — Ele indica para o outro lado. As duas salas ficam em patamares diferentes. Subimos dois degraus e lá estava uma sala de jantar da mais moderna que eu já tinha visto.

Uma mesa com dez lugares é o principal foco. Além de um lustre muito chique, que dá a impressão de que são gotas de cristais caindo em direção ao centro da mesa. Imagino ele recebendo os amigos famosos para um jantar sofisticado.

Nessa sala também há uma pintura grande na parede detrás da cabeceira da mesa. É colorida e contrasta com o ambiente sério dessa segunda sala. Ele acende as luzes e entra por uma porta.

— Tenho um escritório ali. — Aponta para um corredor com uma porta ao fundo. — Do outro lado, um banheiro social, no andar de cima, tem



meu quarto e mais dois outros que ninguém usa.

Entramos na cozinha.

*Putá que pariu! Fala sério!*

É de dar inveja a qualquer chefe. Eu fico me perguntando por que um homem solteiro precisa de uma cozinha tão grande com todo tipo de utensílios e eletrônicos portáteis como batedeira, centrífuga, liquidificador, espremedor de suco e triturador de alimentos. Geralmente esse tipo de pessoa come em restaurante ou pede comida sempre.

Sawyer parece assistir um espetáculo. Fica parado observando eu analisar a casa dele. Fazer o que se sou uma designer e gosto dessas coisas?

Os balcões e armários têm uma superfície de granito branco e o resto de aço inoxidável em tom de preto. *Cozinha Ikea*, detecto imediatamente.

Em alguns dos armários, as portas são de vidro e dava para ver quão arrumado era por dentro. Havia copos de cristal e taças longas.

Olho para o fogão e geladeira, que são pretos e bem grandes. A geladeira tinha duas portas verticais. Fico tentada a abri-la, pois, com certeza, não encontrarei apenas cervejas e pizzas velhas em um eletrodoméstico tão grande. Encaro a bancada

de café a minha frente com quatro banquetas ao redor, havia uma pia e um fogão embutidos na bancada.

*Dois fogões? Não. Na bancada é uma grelha.*

Estou meio constrangida por estar aqui, será que eu tinha que ter tirado a sandália para entrar em um lugar tão limpo? O piso não é de madeira como as duas salas, mas é tão brilhoso quanto.

— Espero que não seja apenas beleza. —  
Me repreendo por ter pensado alto.

— Essa cozinha é de verdade. — Ele dá um sorriso respondendo ao meu comentário e abre a geladeira — Sente-se — Indica um tamborete perto do balcão. Aproveito a deixa e olho com pescoço comprido a geladeira. É bem colorida por dentro.

— Comprei há pouco. — Ele exhibe algumas vasilhas descartáveis que tirou da geladeira. —  
Você ligou quando eu ia comer.

Eu acho que nem preciso responder isso. Não pedi para vir, ele foi me buscar.

— Gosta de frutos do mar? — pergunta em seguida.

— Sim.

— Então se prepare para comer o melhor risoto de lula e salada de camarão que já provou.

— Mal posso esperar. — Cruzo as pernas e me preparo para assistir ele caminhar pela cozinha. Enquanto a comida esquentava, começa a pegar pratos e talheres.

— Quer ajuda?

— Não, por favor. Você é minha convidada.

Volto a me aquietar e continuo assistindo-o. Está muito à vontade na cozinha, parece acostumado a ficar ali. Será mesmo que sabe cozinhar? Ou só está à vontade porque a comida foi comprada? Graham não é daqueles caras que nem sabe onde fica um copo na própria cozinha. Ele sabe onde pegar cada coisa.

Sawyer serve vinho em duas taças e me dá uma. Depois de tudo pronto, ele distribui a comida nos pratos e senta ao meu lado.

— Eu me sinto envergonhada. Você vai a minha casa e come macarrão com queijo e quando venho aqui como comida fina de restaurante.

— O macarrão estava delicioso. Só não ficou melhor porque você me expulsou de lá.

— Fui obrigada.

Ele sorri e começamos a comer. Eu estou faminta e a comida é uma delícia. Mesmo estando nessa cozinha estranha, eu me sinto muito confortável por estar aqui, ao lado dele. É tudo muito aconchegante, um toque familiar em cada cantinho e gesto.

A namorada dele vivia com ele? Se vivia não vive mais ou ele nunca me traria aqui. Sem falar que me garantiu que terminou com ela. Os minutos se arrastam e eu limpo o prato. Ele me olha mais do que come.

*Tenha paciência.*

— Marianne, você nunca pensou nada a respeito de Ryan?

Sawyer me fez sair dos meus pensamentos.

— Como assim? — Limpo meus lábios e olho para ele.

— Você nunca suspeitou de nada? Ele é um homem mais velho, estava viajando sozinho.

— Sei o que está insinuando. — Viro-me e fito o rosto bonito a minha frente. — E sim. Eu já desconfiei, Candice me disse que é coisa da minha cabeça, mas eu ainda tenho medo. Ryan pode procurar fora o que não tem em casa.

— É o que a maioria faz.

— Eu não quero passar por isso jamais em minha vida. Acho traição a coisa mais baixa e é justamente o que eu estou fazendo.

Ele fica calado. Eu achei estranho ele não se opor (de forma terapeuticamente profissional) dizendo que aquilo não era traição porque não tinha sentimento envolvido. Levo a taça na direção dos meus lábios, mas paro, olhando perplexa para ele. Sawyer está concentrado em um ponto na parede, com a taça de vinho na boca. Ele se vira e me flagra encarando-o.

— O que foi?

— Nada. Só estou surpresa que não tenha contestado quando eu disse que estou traindo meu namorado.

— Não contestei porque é verdade. — A expressão dele fica carregada e ele tenta transparecer indiferença a esse assunto. Isso me faz ficar horrorizada.

— O que? — Levanto em um impulso. — Como assim? Você disse no início que...

— No início era mecânico, Marianne. Agora não é mais. Não estamos apenas tratando seu mal,  
NACIONAIS - ACHERON

estamos trocando prazer nesses encontros. A gente se beijou várias vezes, não podemos negar essa chama que arde entre a gente.

— Meu Deus! Meu Deus!

Algo pesado bate na minha cabeça (metáfora, claro) e eu acordo de um sonho muito longo. Tudo ficou nítido e vejo que não era sonho, e sim pesadelo. Tipo quando você toma um porre e descobre no dia seguinte que deu para o cara que não devia.

Começo a andar aflita com as mãos na cabeça.

— Preciso ir embora. — Corro para a sala. — Me leve embora, Graham. — Peço sabendo que ele está atrás de mim.

— Pare com isso, Marianne. Venha, vamos subir ao meu quarto. — Ele estende a mão para mim. Olho como se ele tivesse mostrado uma cobra enrolada em sua mão.

— Eu não vou dormir com você. — Bato o pé, fazendo cena. — Não vamos mais fazer nada disso. Candice tinha razão, você usa essa coisa de terapia para levar as mulheres para cama. — Começo a acusá-lo aos gritos. — Eu tenho muito

mais a perder, como Candice tem se ameaçar você. Tenho um namorado que gosta de mim e que vai me dar um futuro normal com casa e filhos. Não vou jogar isso fora por uma aventura com você.

— Você prometeu que não ia mais dar pra trás.

— Mas como podemos prosseguir se isso está indo longe demais? Você não beija suas pacientes, mas me beijou. — Começo a contar nos dedos. — Não vai à casa delas à noite, mas foi na minha, não liga para elas para desabafar, mas me ligou. Isso está indo longe demais, talvez seu coração seja de pedra, mas o meu, não. — Corro para o sofá onde está minha bolsa.

Como, pelo amor de Jesus, eu vou sair daqui? Estou há trinta minutos de casa. Tenho que pegar um táxi. Pego o celular e começo a procurar o número de um. Penso que poderia ligar para Candice ...

*Louca!* Se eu quiser ver o caldo entornar é só ligar para a filha do Chuck Norris, minha amiga.

Sawyer fica parado me olhando com mágoa nos olhos verdes.

— Claro! Um depravado de coração de

pedra não pode beijar ou ir à casa de uma santa — resmunga, tentando me provocar. Levanto os olhos e me deparo com puro rancor à minha frente. Os lábios dele se transformaram em uma fina linha, estão espremidos um contra o outro.

Espera mais um pouco, doutorzinho. Eu não terminei. Volto-me para ele com raiva em meus olhos. Nem sei mesmo por que estou acusando-o. Eu me meti nisso com minhas próprias pernas.

— Não fale comigo assim. — Aponto o dedo para ele. Vou apressada para a porta e depois viro voltando. — E se eu continuar? E quando as seis consultas acabarem? Eu vou estar destruída psicologicamente, arrasada por não conseguir mais ir para cama com outro homem e me sentindo uma vadia por ter traído meu namorado. E você? Vai continuar atendendo pacientes em seu consultório de luxo e eu serei apenas uma pasta empoeirada dentro do seu armário. — Seguro a bolsa com firmeza enquanto grito descabelada. Devo estar uma lástima. — E você sabia disso desde o início. — Completo.

— Tem razão. Eu quero muito continuar com isso, mas é tudo o que posso te oferecer: esse



momento. Depois não seremos nada mais que lembranças.

— Então basta eu catar o tantinho da minha dignidade que resta e sair por aquela porta.

Pela primeira vez, vejo várias emoções passar nos olhos dele, logo ele que é tão inexpressivo. Sawyer parece exasperado e ansioso, eu o olho de esguelha e os punhos dele estão cerrados. Só agora abro os olhos da alma. Ainda quero muito ir para cama com ele, mas tenho uma vida pela frente, tenho um compromisso com outro homem e, se eu não queria que Ryan fizesse isso comigo, como pude fazer isso com ele?

— A gente poderia... Pela última vez... — Ele tenta reconsiderar.

— Por favor, Sawyer, não tente me fazer mudar de ideia. Sabe que vou cair na sua lábia. Eu preciso ir embora. Tudo foi um grande erro.

— E acha que vai conseguir superar todo o seu medo sem uma ajuda?

Agora eu vejo deboche nos olhos dele. Além de aflição.

— Eu vou conversar com Ryan, se eu consegui com você, posso conseguir com ele. Ele

vai ser meu terapeuta, ele vai me dar o que você não pode dar a mulher alguma. Nada a não ser sexo.

Eu não me arrependo das palavras cruéis que saíram da minha boca. Mesmo sabendo de todas aquelas coisas que ele me disse sobre ser sozinho no mundo e ter tatuagens com significados.

*Putá merda. Fico sim arrependida.*

Ficamos nos encarando por algum tempo, então ele cede. Vejo um pouco mais de mágoa nos olhos dele que estão quase pretos.

— Está certa. Não vou dizer que te desejo sorte porque estarei mentindo. Vamos, vou levar você. — Os lábios dele franzem e o queixo enrijece de tensão. E aquilo da sorte me deixa mais irritada.

— Para com isso. Deixe-me em paz. Eu vou pegar um táxi. — Grito e ando rápido para a saída, mas ele me segura a tempo.

— Pare você! — Ele devolve. O homem à minha frente parece um leão enraivecido. — Não consegue manter uma promessa, não é confiável e acha que pode vir me dar lição de moral?

Pronto, ele estourou, gritou comigo. Acho que vamos ter uma briga, pois eu não vou permitir

NACIONAIS - ACHERON

que gritem comigo.

— Ah! Pelo amor de Deus! Eu não estou de dando lição de moral. E talvez eu seja sim confiável para as pessoas que conheço.

— Mentirosa. Não conseguiu manter a porra de uma promessa que fez a sua melhor amiga e se meteu na minha cama com apenas um pequeno esforço que fez.

*Porco desgraçado!*

— Não ouse me culpar quando foi você que me coagiu! — Grito de volta.

— Não seja hipócrita. Você sempre esteve louca para trepar comigo. Não se faça de santinha agora. Vão você e sua moral à merda.

Ele vira-se e começa a andar todo esnobe em direção a porta. Aquilo não vai ficar assim. Quem esse cretino pensa que é para me tratar desse jeito? Ele sempre me fez sentir como se fosse tudo normal, me fez quebrar tabus e agora o desgraçado me acusa abertamente? Ando com determinação e acerto em cheio a cabeça dele com minha bolsa. Eu simplesmente a jogo como em um alvo.

— Escuta aqui, seu depravado arrogante, não vou permitir que me julgue dessa maneira!

Aproveitando que ele está chocado pelo meu ataque, com a mão massageando a parte de trás da cabeça, eu avanço para cima dele e dou um chute em sua perna, depois começo a esmurrar seu peito. É como estar batendo em uma parede, ele nem se mexe. Graham está nervoso. Segura meus pulsos e eu me arrependo. Eu poderia ter saído enquanto tive chance.

— Me solta seu...

Não terminei de falar. Ele me puxou violentamente. Eu tropeço para frente e paro escorada por aquela parede de músculos.

— Me solta!— Grito mais uma vez.

— Acho que não é isso que você quer.

Com um movimento rápido, ele coloca meus dois braços nas minhas costas e me segura com muita facilidade.

— Vou ensiná-la a respeitar as pessoas. Não te disseram que não é educado agredir uma pessoa na própria casa? E acho que não é uma boa ideia quando a pessoa agredida é um depravado arrogante.

Meus olhos param estatelados para as feições contorcidas, proclamando vingança.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# TRINTA E TRÊS

MARIANNE

— Graham... Me largue. — Eu murmuro desesperada. Meus olhos aflitos e saltados, me contorço com força. É inútil, ele é muito forte. Quando vejo aquele sorriso safado nos lábios, a aflição redobra.

— Quero ir embora.

— Mais tarde. Agora eu vou cumprir o que prometi, até porque um de nós tem que cumprir promessas.

Sem esperar mais, ele me suspende nos braços e começa a andar pela sala. Eu não seria levada como uma ovelha inocente ao matadouro. Não sou a santinha que ele cruelmente jogou na minha cara.

Começo a me sacudir e usar meus braços para bater no rosto e nos braços dele.

— Se continuar se debatendo vai ser pior

NACIONAIS - ACHERON

para você, Marianne. — Ele rosna tentando desviar o rosto das pancadas. Sobe as escadas comigo no colo, fico abismada. É como se ele carregasse um saco de penas. Tento fazer ficar mais difícil para ele. Me debato mais. Não estou nem ligando se vamos cair ou não. Preciso mostrar que eu tenho força de vontade e livre-arbítrio.

— Me larga! Socorro!

— Ninguém vai te ouvir. — Ele resmunga. Minha mão passa furiosamente e deixa um arranhão em um lado do seu rosto. Sinto-me levemente preocupada por tê-lo arranhado, mas ele merece muito mais.

E em segundos estamos em um quarto. Ele acende a luz não sei como e empurra a porta com um pé. Anda até uma grande cama e me joga em cima dela. Eu caio e me viro rápido tentando escapar, mas, em segundos, um corpo forte e pesado me prende.

— Vai insistir nisso? — pergunta Graham, vitorioso e ofegante. Meus braços presos em cima da minha cabeça e as pernas muito fortes dele me prendem contra o colchão. — Eu adoro uma trepada selvagem, não sei se está pronta ainda, ia

deixar para a última sessão, mas parece que você precisa de um bom corretivo para aprender a ser uma boa menina.

Ele fala bem perto da minha orelha depois morde com força meu lóbulo e eu arfo.

— Vou fazer seus peitos succulentos doerem de desejo, depois quero sentir você inundada com minha porra e gritando no meu ouvido. — O safado continua sussurrando, revelando as sacanagens que pretende fazer comigo.

Agora é decretado, eu vou ser punida. Meu corpo merece ser punido por estar me traindo. Eu quero lutar, mas já estou com vários sinais de excitação, com ele deitado em cima de mim e sussurrando promessas libidinosas no meu ouvido. O cheiro dele me deixa arrepiada.

— Amanhã, quando estiver com seu namoradinho, não vai conseguir me tirar da sua cabeça, eu vou fazer o possível para você gemer hoje à noite toda. Não devia ter mexido comigo, Marianne. Não devia ter me agredido.

— Mas você disse que não era para eu pensar em você quando estivesse com outro homem. Que era apenas profissional.



— Nada mais disso é profissional. Já mandei um foda-se faz tempo. Eu quero que amanhã você pense bastante no que houve aqui. Apenas para mostrá-la que não pode brincar comigo. Se disse que vai ficar todas as sessões, então vai cumprir isso, nem que eu tenha que atendê-la em domicílio.

— Se fizer isso, vou acabar odiando você!  
— digo em um gemido.

— Não vai, não. — Ele meneia a cabeça, se aproxima e começa a passar seu queixo meio barbado na minha bochecha. Esse gesto me mata, sei que ele está me desarmando, tirando uma a uma as balas da minha arma. Tento me mexer, mas fracasso, ele continua roçando em meu rosto em seguida, sem que eu percebesse, seus lábios mordem minha orelha. O ar que exalo tem som. Que droga! Por que diabos eu não respiro em silêncio? Sawyer levanta o rosto e sorri satisfeito para mim.

— Quer perder o fôlego um pouquinho? — pergunta e eu não respondo. Enrijeço me segurando no restinho de autocontrole. Entretanto, não tenho mais saída quando ele abaixa o rosto e me beija

sem piedade. Sawyer segura meu queixo com uma das mãos, a outra ainda segurando meus braços acima da minha cabeça.

O maldito abocanha minha boca com uma agilidade tão gostosa, a língua se infiltra imediatamente e, em pouco tempo, estou dominada pelo gosto sedento que ele libera. A luxúria foi tão grande que eu gemi. Senti meu ventre e vagina se contorcerem com esse beijo. Eu tinha me esquecido de como é bom sentir esses pelos no meu rosto, o cheiro másculo misturado com colônia cara e os lábios dele espremendo os meus, úmidos e inquietos. A cada dia que passa, esse homem fica mais gostoso.

*Não é justo!* Esse beijo não é justo comigo. É um beijo selvagem, muito profundo. Parece um beijo apaixonado.

— Desista, Mary. Aceite, quero transar com você. — Ele diz enquanto me beija e eu me rendo. Minha língua começa a dançar em sincronia com a dele e ele não precisou usar a mão para manter minha cabeça no lugar. Ele prefere enfiá-la por baixo da minha blusa e acariciar meus seios por cima do sutiã. Não é só uma carícia, ele apalpa com

vontade, enche a mão com meus peitos em uma massagem delirante. Eu abro a boca em uma súplica muda, ao mesmo tempo que solto o ar em um lamento.

— Isso, gema. — Sawyer provoca e morde meus lábios. Gemo mais ainda. Nossos dentes se chocam, nossas línguas entram com tudo na boca do outro e, às vezes, ele chupa a minha para dentro da boca dele.

— Quero arrancar tudo de você, cada gota de suor, cada gemido, cada orgasmo. Tudo para mim.

Em um instante já estou sem blusa e sem sutiã. Os olhos verdes brilham adorando meus seios. Seus lábios descem pelo meu queixo, pescoço e gemo engasgada quando a boca dele envolve um dos meus mamilos.

Eu queria ficar como uma estátua, sem dizer um "A" mas não dá. A não ser que eu seja uma estátua que geme... muito.

Ele puxa meus mamilos usando o indicador e o polegar como uma pinça e eu me contorço como uma serpente em cólicas, segurando firme os cabelos dele entre meus dedos. Puxo forte e ele

geme levantando o rosto e sorrindo para mim. Esse sorriso me fascina, pois chega aos olhos dele fazendo-os brilharem mais, adotando um tom de verde-claro circulado de preto.

Ele volta ao que estava fazendo e eu volto a acariciar os cabelos dele. São macios e lisos. A cor é erótica, negra como a noite.

Indiferente aos meus devaneios eróticos, Sawyer desce beijando minha barriga, meu umbigo, e, em um movimento rápido, tira minha calça junto com a calcinha e abre minhas pernas, fico cheia de expectativas achando que ele vai enfiar a cara ali, mas senta-se sobre os próprios joelhos e fica me olhando.

— Tão macia, aconchegante. — Ele fala como se estivesse pensando alto. — Meu pau mal consegue esperar para te rechear e preencher com meu leite. — Completa olhando para mim. Ele arranca a camiseta e eu engulo a saliva com um tesão tão grande que meu coração pulsa em todos os cantos do meu corpo. Sawyer não espera eu reagir. Imediatamente, segura minha perna e começa a friccionar o polegar em um movimento giratório na minha vagina. Ele me tortura, rindo

enquanto eu me contorço toda. Bem devagar, bem demorado, me deixando louca.

— Graham... — O nome dele sai em meio a um choramingo.

— Shhh. — Sawyer faz um gesto com o indicador contra os próprios lábios. E me vem um desejo de tirar uma foto e vender para um catálogo feminino.

Ele tira o dedo dali e desabotoa o cinto da bermuda. Porra! Algo explode dentro de mim.

— Não vai me obrigar a amarrar você, não é? — Sawyer segura o cinto nas duas mãos deixando-o bem esticado. A pergunta vem cheia de sarcasmo e eu tive vontade de bater nele.

— Não. — Gaguejo.

— Foi o que pensei. — Ele joga o cinto para fora da cama e desabotoa a bermuda descartando-a também. Está usando uma cueca boxer vermelha e inevitavelmente meus olhos se fixam descendo o "V" da cintura dele, caindo sobre o volume na cueca.

É meio estranho e muito erótico ver o pau dele todo duro dentro da cueca. Toda vez é como se fosse a primeira, eu não consigo acreditar que eu

aguento aquela coisa grande dentro de mim.

— Gosta da minha cueca? — Ele pergunta todo orgulhoso dando uma apalpada no volume e ajeitando dentro do tecido vermelho. Eu fico a ponto de bala só em ver isso.

— É apenas uma cueca. — Tento parecer indiferente.

— Suponho que não possa dizer o mesmo sobre o que tem dentro dela. — Ele dá uma piscadinha safada e tira a cueca.

Merda! Ele é todo bonito. Por que eu sempre me esqueço disso? Meus olhos simplesmente não conseguem desviar do pau grande apontando para a frente. Ele ri, se abaixa para me beijar e eu não perco tempo. Começo a apalpar esse corpo poderoso pairando em cima de mim. Agora eu tenho vontade de amarrar Graham e tê-lo a minha mercê. Percorro minhas mãos pelo peito dele, apertando cada centímetro fazendo-o levantar o rosto para arfar.

Ele segura minhas mãos novamente, usando apenas uma das mãos e mete seus dedos no meio das minhas pernas. Morde os lábios enquanto enfia um dedo até o fim.

— Acho que apenas dedos não conseguirão apagar seu fogo. Vai ser o jeito, eu vou ter que usar algo de calibre maior. — Sawyer ironiza. A voz rouca vibrando na pele do meu pescoço.

*Safado, patife!* Como posso responder a uma coisa dessas?

Ele continua me segurando, olhando nos meus olhos, enfiando e tirando o dedo, passa o polegar no meu clitóris, tamborila os dedos na minha vagina e volta a meter. E fico presa só me contorcendo. Quero poder segurar nos braços dele.

— Quero te comer de quatro, Mary. Bem forte, para punir você. Mas quero te comer de frente para poder chupar seus peitos. Bem forte, bem gostoso. — Ele fala, volta a lambe meus seios sem parar de enfiar os dedos em mim. Quando eu estava quase gozando, ele interrompe tudo e diz:

— Punição, Mary. Não vai ser fácil. Aguenta firme aí.

— Sawyer! — Protesto. Me tremo toda e sinto meu orgasmo bater feroz dentro de mim, sem poder sair. Ele ri, vem com o corpo forte e deita em cima de mim, propositalmente, para fazer o pau passar na minha vagina melada. Já estou liberta e o

agarro, queimando de tanto prazer. Ele esfrega o pau duro em mim, enquanto mexe o quadril para que eu sinta ainda mais o peso dele. Eu o agarro febril e ferozmente pelos braços, tendo coragem de apertar seu traseiro. É uma bunda de tirar o fôlego, e eu a aperto com vontade. Ele dá uma risada e me beija num fogo dos infernos. Por que ele não enfia de vez? Ele tem razão, minha Marianne racional tem razão, Candice tem razão, isso já não é profissional faz tempo.

— Isso que eu te ensinei. A ser livre e expressiva na cama. O homem não tem que fazer tudo sozinho. — Ele começa a falar.

— Pare de me dar consultoria. Termine o que começou, seu patife. — Eu mostro irritação na voz e Sawyer joga a cabeça para trás em uma gargalhada. O som vibrou pelo quarto esquentando minhas veias, transformando meu sangue em lava quente. Eu me sinto tão encantada com essa gargalhada. Os dentes perfeitos e brancos... a boca que eu tinha me viciado em beijar... Adoro vê-lo rindo. Meus olhos estão petrificados, se uma mosca sentasse na minha pupila, eu não piscaria.

Eu o agarro pelo pescoço beijando e



mordendo os braços e ombros, sentindo o sabor da pele salgada que me deixa fora de órbita. Aspiro e o cheiro dele impregna meu nariz, tomando minhas veias e minha mente. A cada mordida que dou, ele geme, um gemido baixo e grosso, e eu me animo mais.

Percorro o caminho do pescoço ao ombro com a boca e não titubeio em chupar ali. Parecemos vampiros, Sawyer está com a cabeça meio inclinada deixando o pescoço à mostra e eu estou com os lábios grudados nele como se sugasse seu sangue.

Vou deixar uma marca nele também. Não é olho por olho dente por dente? Amanhã, quando ele se olhar no espelho, vai ver minha marca, se lembrar de mim e saber que sou algo inalcançável.

Minhas Mariannes param de filmar nossa cena de sexo e olham desconfiadas para mim. Como assim inalcançável? Se fosse, ele nunca teria conseguido colocar as mãos em mim.

Parem de dar opinião e voltem a filmar! Quero essa cena bem viva na minha mente mais tarde quando eu estiver sozinha.

Em um gesto brusco, ele me vira de costas.

— De joelhos. — Comanda. Tremendo, eu fico de joelhos. — Bunda pra cima. — diz, grunhindo. Meio sem jeito eu fico de quatro, ele me ajuda a ficar na posição certa e segura minha bunda com as mãos fortes. Um arrepio me toma, isso é muito erótico, safado, gostoso. Sem me penetrar, ele bate o quadril contra minha bunda, e eu me seguro no cabeceira da cama, já me preparando.

— Bate em mim, me xinga, mas está sempre molhadinha me esperando. — Ele acaricia minha vagina com os dedos e facilmente introduz um. Deixa o polegar do lado de fora provocando meu, então ele se abaixa e sinto a língua dele percorrer minha vagina, chupando me deixando urrando de prazer. Não aguento mais, rebolo doida contra a boca dele, Graham me segura firme, vou perdendo o equilíbrio, então tudo dentro de mim se contrai sem que ele pare de me chupar de maneira perversa. Quando eu estava quase gozando de novo, ele tirou a boca e começou a bater o quadril de novo contra minha bunda, o pênis colado à minha vagina pingando e quente de prazer.

— Gema, Mary, quero que aguento firme, pois quando eu começar a te comer vai saber o que é uma punição de verdade.

NACIONAIS - ACHERON

Berrei, tonta de prazer.

Ele segurou meus cabelos, passou a língua pelas minhas costas, segurou minha bunda e senti a pressão deliciosa do pau dele me abrindo. Ele geme todo fogo, eu rebolo até ele chegar bem no fundo e dar duas socadas potentes e firmes. *Plaft! Plaft!* Urrei! Céus, vi estrelas! O pau dele foi bem fundo e ele deu duas socadas me fazendo sentir toda sua espessura e tamanho. Meus joelhos tremeram, a coisa é gostosa demais.

Sawyer me segurou firme, eu segurei na cabeceira e ele não se moveu. Ficou todo enfiado, eu sentindo as bolas deles atrás, mas não havia movimento.

— Ah! Que delícia. Olha como sua boceta aguenta direitinho meu pau. — Sua mão subiu na minha bunda acariciando, a palma grande acaricia minhas costas, mas eu me contorcia toda por dentro à procura de movimentos para me satisfazer

— Agora Sawyer. — Rosno furiosa entredentes. Ele ri alto e sai de dentro de mim dolorosamente, apenas para me punir, para mostrar quem está no comando. Gemo enquanto ele sai e penetra novamente, vai ao fundo mais uma vez, dá

mais duas socadas e fica lá dentro sem se mover. Meu corpo todo se debate, sinto meu ventre contorcer. É incrível como a gente se encaixa como uma mão na luva. Eu adoraria ter esse homem disponível a qualquer hora do dia...

— Será que não percebeu ainda que não tem crédito para pedir nada? Você está muito estressada e apressadinha, precisa manter a calma, respirar fundo. — Ele baixa o corpo sobre mim, morde minha orelha sem se importar com meu desespero causado pelo pau todo atolado.

Quase chorei ao ouvir isso. Não estou mais suportando, sinto meu ventre queimar, sinto ele firme dentro de mim, saindo e entrando bem lentamente. Às vezes, sai todo e se insere de novo, às vezes faz movimentos circulares, me fazendo gemer alto em um lamento suplicante.

— Porra, Marianne. Você me deixa louco, se soubesse como está latejante, tão molhada, olha como eu entro fácil... escorregando. — Sussurra em meu ouvido e eu arranho a coxa dele. Pena que não tenho unhas grandes. — Ah, como é gostoso sentir como sua boceta se abrindo lentamente, bem quente, todinha minha. — Ele volta a ficar de

joelhos e começa a aumentar o ritmo das socadas. Meus gemidos vão aumentando até se tornarem altos.

Enfim, está rápido, forte, indo todo até o fundo, eu grito a cada estocada, ele não para, bate rapidamente o quadril atrás de mim, o pau grande e grosso me alargando e saindo, minha vagina derretendo, mil vibrações dentro de mim. A mão dele agarra forte minha bunda, a outra segura meus cabelos. Ver estrelas é pouco, é a constelação inteira. O pau dele faz algo como "Plush" "Plush" "Plush" dentro de mim, me tocando no mais interior possível. E quando minhas pernas fraquejam, uma loucura desenfreada toma meu corpo, eu sinto como uma explosão interna subindo, me partindo toda ao meio, eu reviro os olhos jogando a cabeça para trás, um grito começa a se formar em minha garganta e... ele simplesmente não deixa. Sai de dentro e me solta para acariciar minha vagina com dedos ágeis e a outra mão nas minhas costas, me segurando para eu não fugir de suas carícias.

— Achou que seria tão fácil, baby? — Viro o pescoço e me deparo com brasas nos olhos dele. É chocante!

NACIONAIS - ACHERON

Sawyer me empurra e eu caio de costas no colchão. Sinto meu cabelo se espalhando pelos travesseiros e acho que essa cena ficou tipo em câmera lenta.

— Vai me agredir mais? — Segura meu queixo. No seu rosto, uma expressão de posse. Seu pau passa em cima da minha vagina.

— Não. — ,prometo choramingando.

— Vai querer fugir dos nossos encontros?

— Não pode querer...

— Marianne...

— Tá, não vou mais. Continue... quero você, Sawyer. — Ele sorri, me beija, segura minhas mãos e volta a meter com calma até o fundo arrancando um gritinho da minha garganta, meus braços seguros ao lado da minha cabeça, e a boca dele me ataca em um beijo pervertido.

Com uma dança erótica, ele entra e sai como se nunca quisesse acabar. Beija minha boca sem deixar que eu proteste, os mesmo movimentos lá embaixo combinam com o que sua língua faz em minha boca, ele chupa, morde, lambe, faz tudo tendo posse total dos meus lábios.

Sem poder tocar nele, eu apenas aproveito

NACIONAIS - ACHERON

seu beijo, suas estocadas fortes e bem gulosas, indo e vindo tão gostoso que o orgasmo se forma novamente. Sawyer deixa minha boca, não para de meter muito forte e abocanha meu seio.

Uau! Meu corpo se ondula de um jeito bizarro, o cheiro de homem me atíça mais, um cheiro delicioso de sexo. Seguro as mãos dele, balanço a cabeça e grito quando meu corpo se debate, como se estivesse com possessão demoníaca. Gozo sem me importar se estou patética fazendo um escândalo. Ele para de chupar meu seio para me olhar. Continua metendo, seu corpão se movendo em cima de mim e sorrindo, sem parar de arremeter tão fundo e gostoso. Ele também chega ao limite junto comigo, me enchendo de leite como prometeu no início. Sinto o líquido dentro de mim e mais algumas socadas lentas no canal pegajoso pelo esperma dele, enquanto ele ainda vibra.

Ele cai relaxado em cima do meu corpo. Nossas respirações são a única coisa que se pode escutar. Nem ousa me mexer, completamente saciada, sentindo ele me preencher. Abraço-o, e ficamos por algum tempo assim. Calados de olhos fechados.

Algo toma minha mente como uma martelada. Isso acontece porque ainda sinto ele dentro de mim e só agora me dei conta de que fizemos sexo sem proteção. Acabo de me lembrar que ontem e hoje não tomei pílula e posso estar engravidando de Sawyer nesse exato minuto. Isso é o maior terror que pode me causar, nem ser enterrada viva me deixa tão apavorada.

Os minutos se passaram, ele arrasta a rola para fora, me deixando com uma sensação de vazio. Deita-se de costas e me puxa para me aninhar a ele. Estou tensa demais, apavorada demais, meu mundo está caindo e não consigo segurar uma coluna sequer. O que farei da minha vida se engravidar de um cara que eu mal conheço? Serei exposta na sociedade, minha família vai morrer de vergonha e Ryan não merece isso. Candice vai dizer bem alto: Eu avisei!

Não sei se Sawyer percebe meu inferno interior, estou quase sem ar, prestes a levantar e sair correndo quando uma das minhas meninas, acho que a Marianne farmacêutica, levanta uma placa luminosa para mim onde se lê: ***"PÍLULA DO DIA SEGUINTE."***



Um sorriso desponta nos meus lábios e eu respiro aliviada. Nem tudo está perdido, Marianne. Eu me aconchego ao corpo de Sawyer, pois agora estou mais tranquila e posso dedicar toda minha atenção ao momento.

— Vai voltar nas próximas consultas ou vai se rebelar de novo? — pergunta.

— Vou acabar na cama com você de qualquer forma, não vou?

— Sim. Se vier por conta própria, vai acabar desse jeito, se eu for buscá-la à força, será do mesmo jeito.

— Então não existe diferença.

— Claro que sim. Se vier por conta própria não será um sexo punitivo.

— Você me fez sofrer muito agora. Foi mais de meia hora de sofreguidão. — Ele ri do meu lamurio.

— Confesso que gosto de usar o sexo para fazer você sofrer. Não é justo que me agrida e saia impune.

Olho para o rosto dele e passo a mão no arranhado.

— Desculpa, arranhei seu rosto.

— Não peça desculpas ainda. Não acabei com você.

— Não?

— Lembra-se de que eu tinha lhe prometido um banho?

Ele me dá um beijo na boca e levanta-se desfilando pelado pelo quarto, entra por uma porta que deve ser do banheiro.

Fico caída na cama olhando o quarto ao redor. É bem grande, com cores claras e apenas uma parede com detalhes de tijolos. Há uma lareira e duas poltronas perto junto com uma mesa de chá tão detalhada que me faz concluir que seja *art nouveau*. Há também na parede oposta da lareira, uma estante com os mesmos detalhes da mesinha e está incrivelmente organizada. Da cama, eu posso ver uma réplica em miniatura de um carro dos anos 50 e dois bonequinhos de heróis. Há alguns livros e filmes em DVD além de CD. Centenas deles, tudo muito organizado.

Do outro lado do quarto, uma porta branca corrediça bem grande que eu suspeito que seja o closet dele. De cada lado da cama, um criado-mudo

com abajures muito chiques, pretos e de aço cromado. Em um deles, há um livro e um óculos de leitura, olha só! Não sou apenas eu que usa essas coisas para ler. Eu me lembro de tê-lo visto de óculos uma vez no escritório. Fico imaginando, como um fetiche, Sawyer de óculos fazendo amor comigo com nada mais no corpo, apenas o óculos. Olho para o outro lado, um despertador digital. Pego o livro. *Dan Brown*? É justo, já que Graham, apesar de pervertido, é um terapeuta de celebridades. É normal ser culto. Ele sai do banheiro, pego o livro e abano mostrando a ele.

— Gosta de ler?

— Sim. Depois a levo até minha coleção.

— Tem uma coleção?

— Venha! — Me chama impaciente. Eu deixo o livro de lado e seguro a mão dele.

# TRINTA E QUATRO

SAWYER

Marianne. Linda e doce Marianne. É surpreendente seu poder de sedução mesmo que silencioso e sutil, é inacreditável o modo como eu perco a lógica e toda minha invulnerabilidade ao lado dela. É incrível como eu me sinto estranho com o estômago revirando, apenas pensando no fato de que em poucas horas ela estará viajando para longe e possivelmente dormirá com o namorado. Um namorado cafajeste que a trai sem pudores, mas que eu não tenho coragem de falar com ela. Eu nem posso, afinal quero e tento passar para ela uma ideia de que nossa relação é puramente mecânica. Mesmo depois de toda essa loucura, do sexo explosivo e da nossa briga mais

NACIONAIS - ACHERON

cedo, ainda não posso me intrometer na vida pessoal dela.

Torço para que ela descubra logo a cachorrada que Ryan está fazendo e, ao mesmo tempo, não quero, pois ela se desintegrará em sofrimento quando descobrir toda essa safadeza que está rolando pelas suas costas. Disso eu tenho certeza.

Descobri tudo ontem. Nigel foi rápido no gatilho. Ele descobriu todas as coisas que Ryan vinha aprontando desde que começou a namorar Marianne. Tenho em meu poder uma pasta com um relatório completo do cafajeste e as fotos dele com a amante. Ryan nem mesmo tinha ido viajar como Marianne havia dito. Esteve todo esse tempo hospedado na porra de um hotel se encontrando com a jovem. E o que mais me irrita é a tola da Marianne vê-lo como um santo. Meus dentes rangem de ódio quando penso nisso. Sinto uma vontade fervente de arrebentar a cara dele. Respiro fundo três vezes e pisco dez para me acalmar.

Eu ainda não dormi, não consigo. Marianne está adormecida em meus braços, novamente cansada porque eu sempre quero mais e mais dela.

Nunca me sacio da delicadeza, do perfume inebriante, do cabelo sedoso, da pele acetinada e do corpo receptivo que me espera sempre com verdadeiros sinais de excitação.

Eu não consigo dormir porque meus pensamentos vão ao passado, voltam ao presente e tornam a ir ao passado com uma velocidade impressionante. Tento buscar alguma ocasião em que tenha me sentido tão confuso desse jeito. Confuso, mas muito tranquilo, se o mundo acabar agora estarei feliz e satisfeito. E isso me azucrina, por que estou feliz apenas por ter dormido com uma mulher? Essa porra toda não é novidade para mim. Nos meus 16 anos de formação, de sexo desenfreado, eu nunca senti isso por ninguém. Nem com Amanda, que foi minha primeira, ou com Beatrice, que me tirou do mundo de Amanda, e muito menos com Jill, que me suportou, teve paciência e me acompanhou desde que nos conhecemos por causa de Amanda.

Amanda. Minha salvadora e meu carrasco. Até um tempo atrás, eu me sentia agradecido por ela ter me ajudado no passado, mesmo mantendo-me a distância. Mas agora eu não conseguia me manter do mesmo modo diante da ameaça iminente

NACIONAIS - ACHERON

que ela traz. Eu não posso repetir o mesmo erro de quando tinha 18 anos. Ela tem nas mãos toda minha vida e se eu conseguir de algum modo tirar esse poder dela...

Marianne se mexe e aninha a cabeça em meu peito. Aperto mais meus braços ao redor do corpo dela, com nossas pernas entrelaçadas debaixo do lençol.

Lembro-me da nossa conversa no banheiro sobre o sexo desprotegido. Minha ânsia de tê-la foi tanta que esqueci de nos proteger. Eu sei que ela está tomando anticoncepcional, mas nem passou pela minha cabeça que ela pudesse ter esquecido. Ela me pediu desculpas dizendo que é muito relapsa e acabou se esquecendo, mas, por outro lado, me alertou que estava tudo bem, que iria tomar a pílula do dia seguinte e pronto.

Eu ouvi tudo calado. Se fosse outra, eu teria gritado e a expulsaria do meu apartamento, entretanto, eu estava ali, apenas encarando-a, depois, puxando-a para um abraço e beijando o alto de sua cabeça. No fundo, bem no fundo do meu peito, fiquei imaginando como seria uma criança com meu gene misturado ao de Marianne. Isso me

fez sorrir. Em geral, eu nunca pensava em filhos por culpa do que aconteceu com Amanda. Ela mentiu para mim e me fez acreditar em uma atrocidade que eu não tinha feito. Para mim, filhos são algo transcendental, inalcançável. Posso apenas imaginar e, na minha mente, eles seriam belos se fossem filhos dela, de Marianne.

Não posso ter esses pensamentos a respeito dela. Não passa de mais uma paciente da qual logo terei que me despedir.

*E se eu propuser a ela se tornar minha amante?* Sim, pois é a única coisa que eu posso oferecer. Jill conhece meu passado e me aceita por isso, mas Marianne é tradicional e jamais aceitará alguém como eu permanentemente em sua vida. Na verdade, quero ser o namorado dela. Ser amante é passageiro, quando eu estiver satisfeito do sexo maravilhoso que tenho com ela, eu a deixarei ir. Isso poderá durar um mês ou dois, tento convencer a mim mesmo.

Se ela se tornasse minha amante, eu teria como contar sobre Ryan. Porque de algum modo ela estaria fazendo parte da minha vida, mesmo que em um relacionamento passageiro.



Olho no relógio da cabeceira, são onze da noite. Eu a deixarei dormir mais um pouco, afinal fizemos sexo três vezes.

O primeiro tinha sido para puni-la e eu adorei, ou melhor, pegar ela de quatro foi a melhor coisa. O sexo com ela me revigora, os seios suculentos me tiram do juízo perfeito, as longas pernas enlaçam minha cintura ansiando por mais, a boca rosada que me deixou viciado desde o primeiro beijo.

O sexo punitivo é sem dúvida muito mais gostoso, eu vi nos olhos dela enquanto estava ali dentro, no interior aveludado dela. Apertada mas me envolvendo como se fôssemos feitos na medida certa. Eu via nos olhos dela o desejo tão intenso como o meu e queria ter ido bem devagar, bem carinhoso, me mexendo com lentidão, satisfazendo-a aos poucos, torturando-a para o meu vil prazer. Sádico seria pouco para me enquadrar. Mas não deu, não consegui me conter.

Quando nós dois chegamos ao clímax, foi muito revelador. Achei que me acabaria em jorradadas potentes dentro dela e, após alguns minutos, descobri que de onde tinha vindo aquela

enxurrada de porra, tinha muito mais e eu teria que satisfazer meu pau guloso.

Levei-a ao banheiro, a esfreguei com sabonete líquido e uma bucha de banho. A sensação que tive ainda está impressa em meus dedos, que passaram pelo bumbum torneado e empinado e percorreram as costas dela, enquanto Marianne se encostava em mim. Eu ficaria o dia pegando nessa bunda gostosa, os seios espremidos contra meu peito... é difícil para um homem suportar, aquele corpo de deusa, molhado, ensaboado, e se esfregando no meu pobre pau. Simplesmente é difícil parar de adorar aquele corpo, nos beijamos debaixo do chuveiro enquanto minha mão estava no meio das pernas dela.

Ah! Aquela boceta!

Joguei-a contra a parede, cai de joelhos, abri as pernas de Marianne e me delíciei. Chupei com vontade enquanto ela se equilibrava para não cair, estava gemendo totalmente sem fôlego, ela tinha que sentir o mesmo, pois me deixava assim constantemente. Não pude esperar mais, com a água do chuveiro sobre nós, a puxei para perto de mim, peguei uma perna dela, segurei perto da

minha cintura e a penetrei com força, com a urgência que meu corpo pedia. Já que ela ia tomar a pílula não tinha com o que me preocupar. Marianne gritou e segurou em meus ombros. O rosto perto da minha orelha. Os cabelos molhados grudados no rosto. Desceu os lábios, beijou meu rosto e meus lábios.

— Machuquei você? — perguntei ofegante contra os lábios dela. Na minha mente eu pedia, suplicava que ela dissesse não, pois eu precisava possuí-la agora. Após a confirmação dela de que não tinha se machucado, eu comecei as estocadas fortes, arrancando um gemido dela a cada movimento do meu quadril. Atingimos um ritmo delicioso, que nos embalou por alguns minutos, ela se segurava em mim, nossos corpos molhados, uma mão em meu ombro e a outra na parte traseira da minha coxa. Os dedos apertavam minha pele enquanto sentia o hálito quente dela em meu pescoço. Gozamos mais uma vez juntos, de pé no banheiro, agarrados um ao outro. Sem um centímetro de espaço entre nossos corpos escorregadios.

Não, não tinha como ser apenas uma simples terapia sexual. Era bem mais. Terminamos

NACIONAIS - ACHERON

o banho, eu sequei os cabelos dela, nós dois em frente ao espelho. Marianne tinha nos olhos o brilho que eu esperava, o que eu não vi no primeiro dia que nos conhecemos, agora ela tinha uma cor rosada e viva, eu tinha feito isso, eu era o responsável pelo sorriso que ela enviou pelo espelho.

Enrolei-a na toalha e fomos para o quarto, tomamos vinho e nos divertimos com a cara de Candice.

Foi assim que aconteceu: quando eu descí, após o banho, para pegar o vinho, ouvi o celular de Marianne tocar. Não atendi, mas levei a bolsa para ela. Marianne atendeu quando ele tocou mais uma vez mais tarde. Estávamos sentados lado a lado no carpete do meu quarto, em frente à lareira. Bebíamos vinho e conversávamos sobre as coisas mais bizarras que minhas pacientes queriam fazer. Sei que é antiético e tal, mas vê-la assim descontraída me fez abrir o bico.

Marianne riu muito e eu fiquei calado, maravilhado, olhando ela jogar as madeixas amarronzadas para trás enquanto dava gargalhadas.

Meu coração deu um pulo no peito. Ignorei

aquilo, pois era algo que não era bem-vindo para mim. Jamais eu me permitiria sentir por alguém algo parecido ao que senti por Kayla, minha irmã, pois a consequência foi minha degradação e a morte dela.

— As pessoas se divertem muito com esse tipo de sexo, Marianne. Eu sei que para você soa meio estranho, mas você não tem ideia do prazer que a mulher sente com dois homens. — Ali estava eu, explicando a ela como acontecia um ménage. Na verdade, ela pediu que eu explicasse o *Gangbang*, então, para que ela entenda, expliquei o mais básico.

— Como eles se ajeitam? Os dois homens na mesma mulher... eles... se tocam também? — Ela perguntou interessada.

— Jamais. Apenas quando são duas mulheres e um homem elas se tocam e se chupam. Nós, homens, mantemos nossas partes bem longe do outro. É muito simétrico e não há esse perigo. — Marianne bebe o vinho, completamente interessada no que eu falo. — Quanto à arrumação dos copos, pode se dar de várias maneiras. Um homem na boca dela enquanto o outro faz a festa

no cu ou na boceta. Intercalamos assim e depois ambos comem a mulher ao mesmo tempo. — Paro de falar e analiso a expressão dela, vejo como Marianne recebeu essa informação. Do jeito que eu esperava. Ela estava estatelada, com olhos esbugalhados.

— Os dois ao mesmo tempo?

— Sim, um no cu e outro na boceta. É o maior prazer para ela. E para a gente também, a mulher fica apertada em ambos os buracos e a fricção do pau de um dos caras provoca um tremor alucinante no pau do outro.

— Sawyer, eu estou passada. Mas como eles transam ao mesmo tempo sem se tocar?

— Um homem deitado de costas para a cama, com ela por cima, tipo cavalinho. Então ela inclina o corpo para frente, quase deitando no peito dele. Assim a bunda dela fica empinada, o segundo cara vem por trás ficando de joelhos na bunda dela.

Marianne assente. Noto que ela fica meio surpresa e tal, porém não é mais aquela cabeça estreita de quando nos conhecemos. Agora Marianne aceita mais os vários tipos de perversão que existe no mundo. Ela parece voar longe,

olhando enigmática para o fogo da lareira. Puxo-a para meus braços e ela olha para mim.

— Em que está pensando tanto? — Dei um beijo nos lábios dela.

— Eu não sei... fico pensando como deve ser... fazer essas sacanagens.

— O quê? Pare com isso. Nem em um milhão de anos, eu vou permitir que participe disso. — Nem percebi o chilique que dei. Mas só o pensamento de dois marmanjos em cima dele, já me deixa puto da vida, com tendências assassinas seríssimas. Minha posse ficou nítida na minha fala. Marianne me encara.

— Por quê? — pergunta com um sorrisinho banhando os lábios.

— Porque não, Marianne. Há coisas para as quais não há explicação, Deus quis assim. Não é pronto.

— Deus ou você não quer?

— Nós dois não queremos — respondo de cara feia.

Ela gargalha e monta em meu colo para me beijar. Nós nos beijamos até ela resolver parar e tomar mais um gole de vinho.

— Suponho então que o assunto *gangbang* esteja acabado?

— Finalizado. Você está tendo ideias bizarras. — Minha voz vai de encontro a cabeça dela. Dou um beijo nos cabelos sedosos.

— E o que de mais bizarro você já aceitou fazer no consultório? — perguntou. Eu pensei um pouco antes de responder. Afinal todos os dias coisas estranhas aconteciam no meu consultório.

— Teve um casal...

— Você já pegou homem? — Ela antecipou aterrorizada.

Eu rio.

— Calma. Deixa eu terminar. Já ouviu falar em *voyeurismo*?

— Pessoas que gostam de ver outra fazer sexo?

— Sim. — Eu assenti antes de continuar. — Uma paciente certa vez levou o marido dela. Ele tinha o fetiche de ver a mulher dele com outro cara.

Marianne leva a mão à boca aterrorizada.

— E como isso aconteceu? Você aceitou?

Dei de ombros.



— Eles me ofereceram muito dinheiro. Então eu comi a mulher com ele olhando e se masturbando.

— Sawyer! Que coisa horrível! — Marianne estava perplexa, quase em desespero. Olhava para mim como se eu fosse um bicho. E olha que eu narrei a coisa mais besta que aconteceu comigo, imagina se ela soubesse das barbaridades que eu, juntamente com minha turma praticava nas noites de Nova York? Graças aos céus, eu não falei do gangbang.

— É, eu sei. Fiz errado. Como profissional, eu não poderia ter aceitado e sim ajudado os dois a combater esse problema.

Marianne assentiu rápido com um olhar cúmplice.

— Depois disso eu montei duas sessões com o homem. Apenas teóricas, lógico. Ele foi um dos meus raríssimos pacientes homens.

— Teve pacientes masculinos?

— Acho que uns quatro se eu não me engano. Todos com sessão teórica.

— Qual era o problema deles?

— Todos foram trazidos pelas mulheres e  
NACIONAIS - ACHERON

eu ficava em um beco sem saída, sem poder dizer não. Como sou um homem, entendo os problemas dos seres do meu sexo. Foi fácil ajudá-los.

— Me conte mais.

Ela deitou a cabeça no meu colo, com um belo sorriso me influenciando. Os pés estirados no tapete em direção ao fogo da lareira. Despreocupadamente, meus dedos se aninharam nos cabelos dela, fazendo um cafuné.

— Teve outro caso em que a paciente chegou um belo dia com a filha dela. A jovem estava super eufórica e a mãe disse que cederia a vez dela para a filha e pagaria quanto eu quisesse.

— Você não aceitou não é? — O rosto de Marianne estava meio lívido e era pura expectativa.

*É claro que aceitei. Comi as duas, mãe e filha. E depois comi a filha mais uma vez porque era muito gostosa.*

— Claro que não. Ralhei com elas e as coloquei para fora. — Minto.

Marianne sorriu aliviada.

Foi nesse momento que o celular dela tocou. Era Candice.

— Não, Candice ... sim... eu sei, amiga...

Marianne apenas respondia. Eu me inclinei e comecei a beijar o pescoço dela, depois mordi a orelha. Ela ofegou.

— Candy, vou ter que desligar... Não, claro que não. Não precisa vir... estou bem Candy, a gente se vê amanhã.

Eu abaixei a cabeça e mordi o seio dela. Marianne gemeu, não pode suportar. Tentou se afastar e eu a segurei.

— Eu apenas tropecei na cama, Candice... estou bem — disse, se desculpando.

Tomei o celular da mão dela.

— Mentira, Candice, ela está gemendo porque está comigo. Vai ter que achar outra maneira de mantê-la longe de mim.

Tripudiei como um garoto de dez anos zomba da coleguinha de escola.

— Graham? O quê... onde... — Candice ofegou assombrada.

Marianne tomou de volta o celular.

— Candice, amanhã a gente conversa, um beijo. — Desligou o celular.

Ela me olhou com um pouco de choque. Eu esperei uma crise de gritos e sermões por eu ter sido infantil, mas fiquei surpreso quando ela caiu na gargalhada. Meus lábios abriram em um sorriso. Era mesmo divino vê-la rir. Melhor ainda era saber que eu a deixava assim. Ela riu mais um pouco.

— Tolo! Coitada de Candice. Por que fez isso? Ela não vai conseguir dormir nada. — Marianne disse entre risos.

— Bem-feito. Quem manda se intrometer onde não deve? — Eu a agarrei e a trouxe de volta para sentar em meu colo.

— Quero mais. — Eu disse com os lábios encostados na boca dela. — Quero comer você de novo.

— Sawyer...

— Quero agora.

— Eu preciso ir embora, vou viajar amanhã.

— Por isso mesmo. Quero que esteja cansada a viagem toda, além do mais a gente só vai se ver de novo segunda no consultório.

— Então prometa que segunda vai voltar tudo ao normal.

— Sim, claro. Nada de ficar se pegando além do nosso horário de terapia.

Eu abri o roupão dela e ela abriu o meu. Em um instante fiz com que sentasse em minha pica prestes a explodir.

— Assim é muito bom, como da primeira vez. Vai me sentir totalmente em você. — Ela gemeu e eu comecei a me movimentar regulando o ritmo dela, segurando em sua cintura. Ficamos assim, ela controlando os movimentos por um bom tempo. Eu dei isso a ela por ter me sentido meio culpado no sexo lento, quando Marianne queria uma determinada velocidade e eu não deixei. Agora, só quero ficar sentado, relaxado, sentindo, ela subir e engolir meu pau duro. Em seguida caímos no carpete, eu deitado de costas e ela sentada em cima de mim.

Depois rolamos, mudamos de posição, fomos para a poltrona, era fabuloso sentar na poltrona com ela no meu colo. Os seios subiam e desciam em uma sintonia perfeita, era impossível não agarrá-los, puxá-la para que eu pudesse tê-los em minha boca enquanto ela se movia. Eu saía e entrava nela provocando um barulho seco dos

## PERIGOSAS

nossos corpos se batendo em oposto ao barulho melado do meu pau empalando-a. Depois de mais um tempo assim, eu a ergui no colo, as pernas em volta da minha cintura e a levei para a cama. Terminamos lá. Resumindo, com essa, foram três vezes numa noite.

Eu me tornei um maníaco, viciado nessa mulher.

# TRINTA E CINCO

## SAWYER

Agora estou quase dormindo, as lembranças embalaram meu sono e o corpo quente e macio nos meus braços é um bálsamo para um homem ferido pelo tempo, nunca amado, nunca visto como um humano, nunca levado a sério, que quer se agarrar ao máximo a essa sensação de ser especial para alguém. Eu sei que de alguma forma sou especial para Marianne.

Acordo depois com o movimento desesperado que ela faz para se sentar. Olho para ela, está sentada, assustada. O quarto está bem claro por causa das persianas abertas. Assim, nua, envolta apenas pela luz tênue da noite clara, Marianne é uma verdadeira obra de arte viva. O desgraçado do namorado dela não sabe dar valor ao

que tem. Bem, eu dou o valor que ela merece.

— Dormi demais. Tenho que ir embora. —  
Ela olha no relógio passando as mãos nos cabelos,  
eu acompanho o olhar. São quatro da manhã.

Eu a puxo para que deite de novo.

— Fique mais um pouco.

— Não, Sawyer, não posso. A gente vai sair cedo, é bem capaz de daqui a pouco Candice bater lá em casa.

— Se já não foi bater — digo apertando mais meus braços em torno dela, Marianne se debate.

— Preciso ir, Graham. Não precisa se incomodar, eu chamo um táxi.

— De maneira alguma, eu vou levá-la.

Ela senta-se e eu também me sento. Marianne olha em volta procurando suas roupas, eu dou um salto e pulo da cama para acender a luz e facilitar a busca dela. Vou até o closet, pego uma cueca limpa e visto a sob o olhar curioso. Foi como um imã, ela nem estava olhando para mim, mas quando começo a me vestir, ela se vira e me encara.

Sorrio passando a língua nos lábios e seguro



meu pênis massageando-o sobre a cueca vendo-a piscar e desviar o olhar toda desconcertada. Rio do constrangimento dela e começo a me vestir. Ela tem que se acostumar, eu pretendo ir muito mais além, aquela boca delirante me deixa tonto imaginando o que eu poderia fazer ali dentro. Eu já tinha feito sexo oral nela, em breve seria a vez de ela retribuir.

Ela termina de se vestir, vai até o banheiro e volta com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo. Pega a bolsa e olha para mim.

— Vamos?

— Está com pressa? Sabe o que eu faço com apressados. — Caminho até ela e enlaço sua cintura. Seguro o cabelo dela e puxo sua cabeça levemente para trás, expondo o rosto bonito.

— Eu só preciso ir embora, Sawyer.

— Claro. — Dou um beijinho no canto da boca dela e Marianne mexe o rosto para que nossas bocas se toquem.

— Você é mesmo muito apressadinha — digo, me fingindo intrigado, afasto meu rosto sem o beijo — Estou muito tentado a treinar você mais um pouco. A gente está tentando resolver seus

problemas e a pressa é um deles.

— Não. Eu não quero. Quero ir para casa, daqui a pouco amanhece e se Candice ou Ryan não me encontrarem...

— É... eu sei.

Com meu polegar, acaricio a bochecha dela.

— Posso marcar seu retorno para segunda às nove? — Meus dedos sobem sensualmente e começo a acariciar a orelha dela.

Ela confirma balançando a cabeça enfeitada pelos meus olhos.

— Responda. — Peço em um sussurro.

— Sim, pode. — Ela tenta se afastar. Eu a seguro. — Graham, pelo amor de Deus, estou querendo ir embora.

Adoro a aflição no rosto dela. Não a solto, não ainda. Ela precisa entender que vai embora quando eu disser.

— Está decidido, venha. — Eu a puxo em direção a cama.

— Não. A gente não pode... — Ela puxa o braço e freia as pernas.

— Venha, Marianne, você está estressada,

quero que tenha uma viagem tranquila amanhã.

— Não! — Torna a gritar.

— Se não me obedecer, vou amarrá-la e soltar quando bem entender — digo rispidamente, segurando-a no colo e jogando-a na cama com um rápido movimento.

— Isso não é sexo terapêutico. — Ela argumenta, os braços balançando tentando me acertar.

— Claro que é. Estou aqui apenas para ajudá-la a superar as pressas do dia a dia, a relaxar e ficar tranquila. — Deito-a, abro as pernas dela, fico de joelho e desabotoo meu cinto. Abaixo minha calça e começo a tirar a dela.

— Não quero... estou atrasada, poxa!

— Diz isso agora. — Eu sorrio e levanto a blusa fina para apalpar os seios bem feitos e firmes dentro do sutiã.

*Mandou bem, Sawyer Safado Graham.*

Essa foi uma boa desculpa para arrastá-la e trepar mais uma vez.

Seguro-a com uma mão no ventre e de joelhos, admiro ela já toda excitada, já

completamente nua.

Abaixo minha cueca e começo a massagear meu pau duríssimo. Faço movimentos com a mão subindo e descendo em volta do meu pau, ela olha fixamente maravilhada. Um gemido sai dos lábios dela e instintivamente suas pernas se abrem mais.

— Ainda não. — Eu a alerto. — Estamos trabalhando contra a pressa. — Continuo de joelhos, tiro minha camisa totalmente, ficando apenas com a camiseta preta sem manga que estou usando por baixo. Uso, nesse momento, algumas táticas aprendidas ao longo dos anos. Passo a língua, vagarosamente nos meus lábios, continuo percorrendo meus dedos para cima e para baixo ao redor do meu pau e solto um gemido interno. Ela não consegue esconder o olhar guloso, engole seco, eu percebo e respira com dificuldade.

— Se você colaborar, eu prometo colocar ele todinho dentro de você e depois a gente se solta, vou bater com força, como você gosta, entalando até o fundo, para você sentir minhas bolas do lado de fora e a ponta da minha rola cutucando bem no fundo, puxando aos poucos seu orgasmo. Depois, mesmo que minha porra estiver toda espalhada

dentro de você, eu ainda continuarei lá dentro, deslizando e saboreando a boceta que acabei de foder. — Termino de dizer no mesmo timbre inicial, rouco e baixo. Marianne parece que perdeu a fala. Está vidrada em mim, o desejo pegando fogo em seus olhos. Prontinho. É toda minha.

Inclino-me e começo a beijá-la bem devagar.

Os olhos cor de mel e curiosos passam pelo meu corpo, ela levanta os braços para me acariciar.

Eu deslizo para dentro dela.

— Ah, droga! — Ela aperta os dedos na minha pele.

E eu não me mexo, fico todo atolado, sem me mexer, Marianne se contorce toda debaixo de mim, mas eu sou bem mais forte que ela, consigo mantê-la firme e parada. Nada de me foder belezinha, eu sou o dominante e o dono do pau. Decido quando ele entrará em ação.

— Fique parada. — Eu murmuro bem perto da boca aberta dela. Nunca gostei tanto de manter meu pau dentro de uma mulher, mas isso se tornou terrivelmente fascinante com Marianne, eu sinto cada vez mais a boceta dela me reconhecer e aos

poucos ela vai ceder, chegará um dia que nenhum outro homem poderá satisfazê-la.

— Por favor... Não é sobre a pressa... Eu apenas quero que... Rápido... — Ela choraminga.

— Fique quietinha ou nunca vai acabar. — Eu a beijo mais uma vez, nossos lábios não se desgrudam enquanto eu entro e saio dela com muita calma, centímetro por centímetro, quando estou lá dentro e ela geme abrindo as pernas, eu arrasto o pau pra fora novamente, na mesma lentidão que coloquei, tiro tudo e torno a deslizar com tranquilidade.

— Olha, que beleza, você cada vez mais encharcada engolindo meu pau.

Ela balança a cabeça, segurando firme na minha cintura.

Entre meus lábios, ela apenas geme muito em palavras desconexas. Pude discernir alguns insultos no meio e ri daquilo, ela bate no meu abdômen, nas costas e eu continuo a penetrá-la com paciência. Até não conseguir mais.

— Segure-se em mim, baby. — Murmuro e dou um beijinho nos lábios dela me ajeitando melhor para poder trepar gostoso, do jeito que ela

quer. Marianne apressa-se, toda felizinha, em se segurar em mim e eu começo a balançar nossos corpos em um ritmo agradável que cresce chegando a poderosas e rápidas estocadas.

Solto meu quadril sem medo. Meu pau entrando rígido e forte, sendo recebido pela carne sedosa dela, as contrações vaginais me deixando cada vez mais pirado e mandando nas metidas desesperadoras, buscando as golfadas prazerosas, tanto para mim como para ela.

Marianne grita segurando-se em mim ficamos alguns minutos assim, eu por cima dela indo com força e ela gritando por mais.

— Me beije Sawyer. — Ela pede e eu concedo imediatamente. Nós nos beijamos tão forte como nossos corpos se batendo. Ela chupa com ânsia meus lábios e língua me fazendo sentir todo o corpo tremer de tesão. Marianne gosta, ela me quer e não tem como negar, pois, consigo ver isso em seus olhos.

Continuo beijando-a e sinto que estou quase gozando.

— Está perto, baby? Goze para mim, goze no meu pau. — Em resposta ao meu pedido, ela se

contorce e parece ver estrelas.

Afundo meu rosto no ombro dela e, por fim, chegamos juntos ao ponto máximo do prazer. É o fim da transa. Meto firme mais algumas vezes mesmo já tendo gozado, como eu tinha dito antes, apenas sentindo meu esperma. Ela ainda continua ofegando baixinho até eu cair em cima dela, depois rolo e ficamos lado a lado esperando a respiração voltar ao normal.

— Sabe que não vou perdoar você — diz ela, ofegante.

— Encare isso como sexo terapêutico e então poderá me perdoar.

— Não vou perdoar você, Graham. — Continuamos deitados lado a lado olhando para o teto.

— Mas aparecerá na segunda-feira?

— Não sei. Daqui até lá tem muita água para passar debaixo da ponte.

Eu viro e me apoio no cotovelo olhando para ela.

— Eu pensei em te fazer uma proposta, quando terminarmos as sessões/encontros.



Ela olha depressa para mim.

— Que proposta?

— Bem, eu não sou um cara normal, não consigo me ater a relacionamentos sérios, tenho horror a família... Apesar da minha tatuagem... Eu não sei lidar com isso... mas gosto de ter companhia, uma boa companhia feminina.

Ela senta-se olhando para mim.

— E daí? Não posso te ajudar quanto a isso.

— Claro que pode. A gente dá certo junto, somos bons na cama. Eu... gosto muito de você, Marianne. Quero ter um caso com você.

— O quê? — Ela grita. Tenta se levantar, mas eu a seguro pelo braço.

— Quero que seja minha amante. um relacionamento... mais sério. Que mal há nisso?

Os olhos dela estavam lindamente arregalados, essa expressão de terror no rosto belo teria que me deixar desconfortável, mas o efeito é contrário. Fico excitado.

— Como ousa me fazer essa proposta? Eu sou uma mulher comprometida...

— Que não consegue ter uma noite

agradável com o namorado, mas tem momentos magníficos comigo. Encare os fatos, Marianne, você se derrete nos meus braços. — Começo a acariciar o braço dela. — Pense nisso, Mary, não tem nada a perder.

Ela se solta e levanta.

— Claro que tenho. Não sou mulher de ter um caso, eu não quero e nem preciso ser amante de ninguém. Você está sendo indelicado e me humilhando ao fazer essa proposta.

— Não vejo como posso estar te humilhando.

— Graham, pelo amor de Deus! Você me conhece, sabe como sou louca para ter uma vida com um homem que me dê uma família e filhos, eu não posso e não quero jamais ser amante de alguém, sem nada em troca.

Ela deu ênfase cheio de asco à palavra amante, sei agora que tinha sido um erro. Antes de eu rebater, ela continua.

— E não ouse dizer que vai me dar coisas em troca, a proposta seria muito mais degradante.

Eu me levanto e começo a me vestir. Ela se veste com tanta rapidez que chega a tremer. Olho

os lábios esbranquiçados dela e vejo que está mesmo desorientada. Ela ama Ryan? E se soubesse o que ele andava aprontando? Será que o deixaria e encararia um caso comigo?

Ela termina de se vestir e sai correndo. Eu a sigo e a alcanço na sala.

— Escute, sei que não sou confiável, já tive milhares de mulheres, mas posso aprender...

— Por quanto tempo? — Ela se vira. — Até que se certifique de que eu esteja bem machucada? Emocionalmente eu quero dizer. Quanto tempo dura um caso para você, Graham?

— Não sei. Até que nós dois estejamos fartos um do outro e então possamos sair ilesos cada um para um lado, sem complicações de divórcios ou filhos.

— Vê filhos como complicações? Deus! Está vendo? Somos muito diferentes. Quando eu tiver um marido e filhos, viverei por eles e terei certeza de que eles viverão por mim, vejo filhos como presentes, como alguém que, em um futuro, quando você não puder mais se sustentar, quando não houver ninguém mais para te ouvir, nem amigos ou amantes, eles estarão ao seu lado, seus

netos te acolherão. Isso é família, Graham. Eu creio nisso e infelizmente você não pode me oferecer essas coisas.

Isso aí. Eu posso ser o terapeuta, mas, em se tratando de sentimentos, Marianne sempre me apunhala com sermões que me deixa calado, no fundo do poço. Pois eu sei muito bem o que uma família significa, um dia tive uma que vivia e morria por mim e por dar imenso valor a isso eu quero me manter distante desses sentimentos, quero salvar as pessoas que um dia poderão me amar, salvar do meu passado, do mal que eu tenho em minhas mãos.

Sigo Marianne e consigo fazer com que aceite minha carona. Estamos calados dentro do carro. Ela tem toda razão, eu não poderei jamais dar a ela o que outro homem poderá. Eu reconheço que devo deixá-la, mas por que o simples fato de saber que ela está indo viajar com outro e que no futuro se casará com esse homem canalha está me deixando mais que inquieto, puto da vida e com a cabeça a mil?

Chegamos à frente da casa dela e, antes dela descer apressada, eu a puxo dando-lhe um beijo em

seus lábios.

— Pense, por favor. — Peço sussurrando entre os lábios dela. Marianne fechou os olhos como para se concentrar e, quando os abre novamente, eu vejo a frieza estampada neles.

— Não, Graham. Quanto a isso, não.

— Vai aparecer na segunda-feira? — Torno a perguntar, fazendo tudo para que minha voz não se mostrasse aflita. Apesar dos meus olhos estarem em alerta total a cada movimento dela.

Não quero nem pensar na hipótese de não ver mais Marianne, porque eu e minha boca grande acabaram ferrando tudo.

— Quanto a isso eu posso pensar. — Ela dá um sorrisinho e sai do carro. Depois coloca a cabeça para dentro.

— Essa noite nunca existiu.

— Como não?

— Para mim, não. — Ela fica me olhando por algum tempo, coloca fios de cabelo atrás da orelha e respira fundo. — Foi ótima e tudo, mas não é uma coisa a qual devemos nos apegar. Eu vou pensar sobre as consultas.

— Não deixe Candice encher sua cabeça.

— Candice é minha amiga, ela conhece meus sonhos e sabe o que é melhor para mim. Até mais, doutor Graham.

Ela entra depressa e eu fico por algum tempo parado ali olhando para o céu pintado com um azul-marinho que indicava o amanhecer.

Doutor? Cacete! A coisa tinha ficado feia mesmo. Eu não podia ter falado aquilo. Em um momento, tinha Marianne na minha mão e, como um idiota, a deixei escapar. É irritante como toda vez que acabávamos uma sessão com um delicioso sexo, ela encontrava alguma coisa para cancelar a próxima. É quase impossível, uma chance de 0,001% de ela voltar na segunda-feira.

Ligo o carro e parto. Hoje eu nem terei tempo de pensar nisso ou qualquer outra coisa. É dia de ver Amanda. Ela preparou algo para mim.

# TRINTA E SEIS

MARIANNE

Eu não consigo sequer tirar minha roupa quando chego em casa e caio chorando no travesseiro. Eu ainda não acredito que ele fez aquela proposta, logo para mim que sou uma tola idiota, ele sabia que eu ficaria assim, mexida, desmotivada e estressada durante toda a viagem, sabe que eu não conseguiria evitar pensar e remoer a proposta. Também sabe que, burra do jeito que sou, posso até acabar aceitando.

Amante de um homem pecaminoso e que não tem nenhuma sensibilidade. Ele não quer filhos, não quer compromisso, como algum dia eu poderei encontrar felicidade com alguém assim? O sexo com ele é espetacular, mas isso não é tudo.

Como eu pude sequer entrar nessa loucura de ficar me encontrando com outro cara e fazendo sexo absolutamente maravilhoso? Céus! Eu fui para o apartamento dele, dormi com ele, a gente fez sexo durante a noite toda. Eu sou uma vadia pervertida e posso ter engravidado essa noite.

Choro tanto que durmo. Acordo com batidas frenéticas na minha porta. Sento assustada, estou toda amassada. Levanto sem fazer barulho, as batidas continuam, corro para o banheiro e finjo abrir a porta.

— Estou no banho! — Grito. Fecho a porta do banheiro e fico recostada. As batidas param. Eu ligo o chuveiro e entro debaixo, lavando todas as marcas de Graham. As marcas da pele, pois as que estão dentro, na alma, não conseguirei tirar tão cedo. Termino bem rápido, visto um roupão e abro a porta. Candice está encostada na parede em frente à minha porta. Eu não digo nada, volto para dentro e me sento em frente ao espelho para me pentear. Ela entra e fecha a porta.

Eu fico pensando se ela terá coragem de me matar aqui dentro. No meu quarto existem inúmeros objetos que podem ser classificados como



arma letal. Passo o pente nos fios molhados e me concentro na minha tarefa para não ouvir o sermão que está por vir. Como se ela tivesse o direito de me dar sermão.

— Quer me falar alguma coisa, Marianne?  
— pergunta Candice depois de algum tempo.

— Não, Candice. — Continuo penteando meus cabelos, olho para ela pelo espelho.

— Eu não sei se rio, se choro ou se te esgano.

Aquela irritação dela me irritou mais ainda. Que droga de vida! Será que eu não terei sossego? Já não basta minha mente me apunhalando. Será que ela acha que eu tenho quantos anos? Doze? Abaixo o pente colocando-o com força em cima do móvel e viro-me para ela.

— Chega, Candice! Pare! — digo bem brava. — Enquanto não me explicar por que está nessa missão de me afastar de Graham, eu não vou te dar ouvidos.

— Será que é porque você tem um namorado excelente? Isso que você está fazendo é pura sacanagem com ele.

— O que eu faço da minha vida é problema

meu. Isso não é motivo para você estar agindo assim, quero uma explicação plausível.

— Marianne... Graham não é uma boa pessoa. — A voz dela fica mais calma.

— Não quero saber o que ele é, Candice. Se não pode me explicar então me deixe em paz por favor. — Viro de volta para frente do espelho. Ela fica me olhando por algum tempo então senta-se na cama. Solta o ar profundamente, de modo quase doloroso. Eu a olho de soslaio.

— Hoje eu amo meu marido mais que tudo. Eu consegui encontrar a felicidade absoluta. Porém, dois anos atrás, eu vivi o que você está vivendo agora, eu sei como Sawyer sabe ser apaixonante, eu sei como ele é viciante e prende a gente contra nossa vontade. Em apenas duas sessões, eu fiquei obcecada por ele.

Ao ouvir a confissão, eu me viro e olho horrorizada. Dor de cotovelo, esse é o problema de Candice.

— Eu vivi um inferno, Marianne, estava me apaixonando e... — Ela para de falar, mexe nos cabelos e torna a olhar para mim. Estou perplexa. — Graham acabou imediatamente com as sessões

assim que descobriu. Ele não me disse nada, mas eu percebi quando ele sugeriu que as consultas fossem somente teóricas.

— Você ainda... você gosta de Sawyer?

— Não, de maneira alguma. Eu amo Leopold.

— Então isso tudo não é dor de cotovelo?

— Não. Eu superei rápido e hoje nem penso mais nele. Mas você, amiga... eu conheço você, sei que se sentir por ele o mesmo que eu senti, o mesmo que muitas sentiram, vai acabar destruída.

*Não vou, querida. Ele me quer exclusivamente na vida dele, quer ter um caso comigo. Acho que não propôs isso a outra paciente.*

Eu me sinto com uma vantagem sobre ela. É incrível que um homem daquele queira algo com uma pessoa como eu. Sou legalzinha, gente boa, me acho bonita. Mas estou longe de ser linda e loira de olhos azuis como Candice e outras milhares que frequentaram o consultório dele. Ele tinha feito sexo com celebridades, por que diabos se interessaria por uma designer paranoica e tradicional como eu?

— Mary, para o seu bem, para um bom futuro em sua vida, invista em Ryan, ele pode te dar a estabilidade que você merece e quer. Eu conheço seu sonho e sei que ter um bom casamento é sua prioridade. Se eu tivesse enlouquecido há dois anos por causa de Sawyer, hoje eu não estaria vivendo meu sonho.

Eu abaixo os olhos derrotados pelo despertar do meu bom senso. Candice sempre consegue me mostrar um palmo à frente, levanto-me da cadeira e sento do lado dela.

— Sawyer veio me buscar, dizendo que a gente podia adiantar a consulta já que vou viajar hoje. Eu fui, mas ele me levou ao apartamento dele.

O fim da frase saiu como um sussurro dos meus lábios.

— O quê? — Candice arregala os olhos pasma. — Me conta isso direito, Marianne.

— Eu queria esmurrá-lo por ter me levado até lá. Porém, com um jeito muito diferente do normal, do que a gente costuma conhecer, ele começou a me tratar diferente, me deu algo para comer, abriu um vinho para a gente e...Tomamos banho juntos e dormimos juntos. Eu fiquei exausta

depois do sexo e quando acordei, ele estava agarrado comigo dormindo também. — Candice me olha tão assombrada que é como se eu tivesse relatando o meu encontro com um extraterrestre. Contato de terceiro grau.

Filetes quentes de lágrimas umedecem meu rosto e vão de encontro com o tecido do roupão. Limpo as lágrimas com dedos trêmulos. Candice passa o braço em meu ombro e me abraça. É o suficiente para eu cair em um pranto descontrolado. Eu sinto, pelo toque dela, que ela está apavorada tanto quanto eu.

— A gente se beijou, Candice ... Eu traí Ryan. Estou destruída por causa disso. — Confesso entre os soluços. — Estou com medo pois... esqueci o anticoncepcional e...

— Marianne! Pelo amor de Deus! — Ela lamenta.

Ela me aconchega mais em seus braços. Seu queixo apoiado na minha cabeça. Soluço e me debulho em lágrimas por alguns minutos, ela passa a mão em minhas costas para me acalantar.

Levanto do colo dela, limpo as lágrimas com a manga do roupão e jogo os cabelos para trás.

Tento ser uma diva mas não consigo, meu reflexo no espelho é lastimável. Sou horrível quando choro.

— E o pior é que eu quero voltar ao consultório dele — declaro por fim. De costas para ela.

— Quer, mas não pode. — Agora a voz de Candice é suave. Não incriminadora. — Será que não enxerga que isso foi longe demais? Olha sua situação, as consultas nem terminaram e você já está desse jeito, destruída. Todas nós quisemos voltar por que ele sabe como fazer a coisa, ele sabe que pode. Mas ele sabe também que podemos superar como eu superei e as outras milhares superaram. Hoje eu o agradeço por ter me dado dicas, e não pelo sexo. E para que você possa olhar para trás e ver da mesma forma que eu vejo, isso tem que acabar agora.

Permaneço calada escutando-a. Eu lembro de Sawyer dizendo para eu não deixar Candice encher minha cabeça de coisas. Mas como eu posso não dar ouvidos a ela depois de ter escutado isso? Ele irá me recriminar por ter contado a ela, mas eu tinha que falar com alguém, eu sempre tenho que falar com alguém, eu me acostumei com isso ao

longo da minha vida. Eu tinha minha mãe como minha confidente, nunca consegui seguir em frente com um problema sem uma segunda opinião, um conselho de alguém muito próximo e que me entendia perfeitamente.

Para minha mãe ou minha irmã eu jamais teria coragem de falar nesse assunto, mas em Candice eu posso confiar, ela passou pelo mesmo, agora eu sei que um dia ela sentiu-se mexida por Graham do mesmo jeito que eu estou agora. E olha que ela ficou de pernas bambas apenas com o sexo e eu que já tinha dormido, beijado e jantado com ele?

Fecho minhas mãos em meu rosto.

— Ei, olhe para mim. — Candice tira minhas mãos do rosto. — Isso não pode ser negociado. Você não deve voltar a vê-lo. Ligue para ele, diga que acabou e deposite o pagamento da consulta na conta dele.

— Eu tenho um compromisso, Candice, eu prometi que iria na segunda-feira conversar com ele. Eu disse que pensaria sobre se continuaria ou não e posso dizer que minha resposta é não. Mas será pessoalmente.

— Ele vai coagi-la. Não pode ir até lá, se quiser eu posso ir com você.

— Eu preciso pensar, Candice, pensar muito. Até segunda eu terei uma resposta. — Levanto-me mostrando que aquela conversa acabou. — Talvez aconteça algo para me ajudar a decidir de vez. — Vou ao meu closet pegar uma roupa para vestir e outras para levar. Candice fica me olhando por um tempo.

— Pode me ajudar a escolher umas roupas para a viagem? — Peço a ela. Definitivamente não quero mais falar sobre Sawyer.

Candice levanta batendo as mãos nas pernas e vem para perto de mim.

— Estive pensando que você poderia levar aquele seu vestido vermelho que eu adoro. — Ela disse tentando parecer descontraída, mas eu a conheço e sei que não está. Tiro o vestido vermelho, junto com um verde e um bege.

— Não. O bege, não. Fica muito apagado. — Ela toma da minha mão e o guarda.

— Vai precisar de apenas um vestido para a festa hoje à noite. Leve um short, uma calça jeans e duas camisetas.



— Só duas?

— A gente volta amanhã à tarde, Mary.

— Claro.

Depois de ter tomado um reforçado café, em uma mesa cheia de gente, nós saímos. Isso já depois das oito. Candice saiu, voltou minutos depois, me puxou em um canto reservado e colocou uma cartela com um comprimido na minha mão.

— Engula isso logo. Extermine essa ameaça o quanto antes.

— Credo! — Murmurei olhando para a pílula do dia seguinte. Apesar de não querer engravidar de um homem que não é nada meu, não considero "exterminar ameaça". Vou para a cozinha, Candice fica ao meu lado me olhando calada. Fecho os olhos, respiro fundo e coloco o comprimido na boca. Fico pensando em um mundo paralelo em que me caso com Sawyer, engravidado de gêmeos, moramos numa casa que eu decorei e terei todos os dias muito amor e o melhor sexo da vida.

— Beba, Marianne. — A voz de Candice me acorda. — Antes que Ryan venha até aqui. — Bebo um copo de água e pronto. Estou livre.

Alice e eu vamos no carro com Ryan,  
NACIONAIS - ACHERON

Candice com Leo no carro deles. Ryan está fabuloso, vestindo uma camisa xadrez e um jeans. Usa óculos escuros e um boné. Os cabelos lisos e loiros saiam pelas bordas do boné deixando-o com uma aparência despojada e sexy.

Fico olhando para ele e chego à conclusão de que eu sou uma sortuda por ter um namorado bonito, que gosta de mim e é tão paciente com minhas paranoias. Entretanto, no mesmo momento, a imagem gloriosa de um moreno cobre a de Ryan. Um cara bem mais bonito, gostoso e safado, que me deixa sem fôlego só de pensar nele tão potente em sua nudez. Puxo um novo assunto com Alice para tentar esquecer aquela imagem erótica da minha cabeça.

Mais tarde, recostada no banco do carro, foi inevitável não pensar nele. Estou cansada e deixo Alice conversando com Ryan. Adormeço em um mar de lembranças prazerosas que fazem meu corpo se acender. Divagações alucinantes com a hipótese de ser amante de Graham, ser totalmente dele e ele ser meu por meses a fio.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# TRINTA E SETE

MARIANNE

A fazenda dos pais de Leo é linda, um verdadeiro paraíso em hectares que se perdem de vista. A casa é imensa com três chalés de campo germinados, o mesmo estilo da vida texana que a família deixou para trás quando se mudou para a Pensilvânia e em seguida para Nova York.

Nesse lugar, sinto uma familiaridade incrível, é como estar na casa dos meus pais novamente. Ver os cavalos, sentir o cheiro do ar livre e do café recém-coado. Tem até um cheirinho parecido com o do sítio da vovó no Brasil.

Andamos em direção à entrada onde um homem parrudo de cabelos grisalhos, junto com uma mulher magra e elegante também de cabelos grisalhos, estão à nossa espera. Ryan, Alice e eu

NACIONAIS - ACHERON

ficamos mais atrás enquanto Leo abraça os pais e Candice cumprimenta os sogros. Depois eu me aproximo para cumprimentá-los.

— Olha quem enfim apareceu, a pequena Mary. — Isaac Brandt veio em minha direção com os braços abertos e eu retribuo.

— Como está seu pai? Aquele caubói não larga o rancho, não é?

Papai é natural da Pensilvânia e tem um pequeno sítio lá. Agora que os pais de Leo vieram passar um tempo em Nova York, meus pais não quiseram segui-los.

— Papai é um caubói inveterado. — Eu dou de ombros e vou abraçar Margareth, mãe de Leo. Depois aponto para Alice, toda orgulhosa.

— Olha quem está morando comigo de novo. A Lili.

Os dois olham perplexo para Alice que se encolhe e cora no mesmo instante, porque odeia o apelido de infância. Observo enquanto o casal a abraça e depois eles cumprimentam Ryan, que já tinha conhecido os dois no casamento de Candice.

Estamos conversando quando uma jovem vem correndo de dentro da casa. A irmã de Leo,  
NACIONAIS - ACHERON

uma modelo que trabalha viajando mundo afora. Cindy vem correndo e enlaça o pescoço do irmão.

— Oi, minha princesa, estava morto de saudades — diz, dando um beijo estalado na bochecha dela.

— Eu também, mano. Mal podia esperar para ver vocês. — Ela segura o rosto de Leo entre as mãos. Depois a morena elegante de sorriso fácil olha para o restante de nós. Deixa Leo de lado e vai até Candice.

— Minha cunhadinha! Parece que tem vinte anos que não a vejo! — Exclama, prendendo Candice em seus braços.

— Nada de drama, Cindy. Fomos madrinhas no casamento dela. — Eu retruco sorrindo também. Cindy me dá um abraço igualmente apertado e depois cumprimenta Ryan e Alice, os olhos compridos para cima do meu namorado. Cindy e suas análises dos homens. O impressionante é que não me incomodou muito o olhar gordo que ela lançou para Ryan. Foi nítido o movimento que os olhos dela fizeram ao percorrer os braços e o peito dele. Bem rápido, mas eu percebi.

Seguimos para dentro de casa. Leo abraçado

com o pai indo à frente, eu de mãos dadas com Ryan, Alice, Cindy e Candice ao meu lado. Noto a carranca de Alice direcionada a mim e suponho que deve ser por eu ter usado o apelido antigo dela. O que eu poderia fazer? Era assim que Leo e nossa turma se referia a minha irmãzinha mal-humorada que vivia no meu pé.

— Fiz um café para esperar vocês — diz Margareth, eufórica. — E claro, acompanhado com meus fabulosos bolinhos de milho. É tão bom ver as crianças que adoravam meus bolinhos hoje já tão grandes e formando novas famílias. — Ela fala com as mãos juntas admirando nós cinco e sorrimos como se fossemos tirar uma foto. Todos juntinhos como crianças. Ryan entre mim e Alice, no outro sofá, está Leo com Candice ao lado e Cindy está sentada no braço do sofá.

— Estou quase ligando para o velho Cooper perguntando quando ele virá casar a filha. — Isaac ressaltou ao sentar-se em uma poltrona que tive certeza que deveria ser exclusiva dele.

Olho desconcertada para Ryan. Isaac só pode estar se referindo a mim.

*Tenha sensibilidade, Marianne. É claro que*

*ele fala de você.*

— Na verdade... — Tento falar levantando um dedo tímido.

— Vocês não ficaram noivos ainda? — pergunta sem esperar que eu responda.

— Ainda não — responde Ryan.

— Rapaz, essa menina é como minha filha. Eu acho que já está passando da hora de você tomar uma atitude.

Margareth veio e deu um tapa nas costas do marido.

— Não deem ouvidos a esse velho. — Ela desculpa-se e depois se volta para ele. — Isaac, não pressione as visitas.

— Tudo bem, desculpa. — Ele levanta as mãos em um gesto de rendição.

Olho para Candice. Ela me encara como se quisesse dizer: *também penso o mesmo que meu sogro*, mas não disse nada. Apenas fica me olhando daquele jeito incriminador. Ela sabe dos meus pecados e sabe como eu posso me curar. Casando-me com um homem que vá me fazer esquecer as aventuras com um terapeuta tendencioso e muito devasso.



*Tira aquele homem da minha cabeça,  
Senhor do céu!*

\*\*\*

# TRINTA E OITO

SAWYER

O dia para mim não passa, um tédio sem limite. Não sei se me sentir solitário e frustrado por causa de mulher é saudável para minha reputação. Eu estaria mais tranquilo e provavelmente afundado na cama dormindo se minha despedida com Marianne tivesse sido amigável, calorosa. Mas do jeito que eu a deixei não sei se ela vai querer encarar um encontro novamente. Ainda mais se a tola contar para Candice.

Se eu ao menos tivesse alguém para conversar... Um homem às vezes precisa desabafar, claro que tomando o devido cuidado para não parecer um grande tolo cheio de frescuras. Somos mais lógicos e práticos do que emotivos.

Fico tentado a ligar para os rapazes e marcar a rodada de cerveja, mas não sei se falar de Marianne com eles é uma boa saída. Todos os três são amigos de Amanda e Jill, não quero aquelas duas nem sonhando com a existência de Marianne.

Desabo no sofá, imaginando o que estará ela fazendo, junto com uma amiga que está disposta a acabar de vez com a fina ligação que ela tem comigo. Eu sei que Candice fará tudo que estiver ao alcance para cruzar meu caminho.

Acho que sei porque ela age assim. Uma vez, dois anos atrás, Candice era pior do que eu imaginava. Quando a consultei pela primeira vez, vi que era uma mulher insegura e que se apegava fácil às pessoas.

Ela transmitia sua insegurança para o parceiro e via nele uma coluna para sustentá-la. A cada romance arruinado, Candice ficava mais possessiva e comigo não foi diferente. Na terceira

sessão, eu notei como ela começou a me ver como algo mais em sua vida, e foi necessário eu terminar tudo, antes que ela arruinasse a si mesma. Hoje ela me vê como um malfeitor de garotinhas indefesas, ela acha, ou melhor, tem certeza de que eu tratarei Marianne como a tratei. Eu praticamente expulsei Candice do meu consultório. Já Marianne, queria muito tê-la sempre comigo. Ela é muito diferente, o único exemplar que existe, a mais intrigante e excitante das mulheres que já passaram pelo meu consultório.

De qualquer forma, passei toda a manhã como um pedaço de merda vegetativo. Apenas me enchi de cerveja e comi até ter a sensação que vou explodir. Às duas da tarde, me arrumei, coloquei uma máscara de homem magnífico imponente e fui para a reabertura do hotel. Foi perfeita, como eu imaginava. Havia celebridades conhecidas que aceitaram o convite que enviei, a imprensa estava lá e eu me exibi como um verdadeiro homem de negócios. Fiquei mais feliz ainda, pois, no domingo, haveria o primeiro evento depois do hotel reaberto.

Quando saí de lá, já quase cinco da tarde, fui direto me encontrar com Amanda para o  
NACIONAIS - ACHERON

encontro que ela havia marcado. Engoli minha raiva e me sentindo ofendido, fui com minhas próprias pernas.



Já se passa das oito da noite quando saio do escritório de Amanda, Jill me acompanha. Estou exausto e frustrado por ter mais uma vez sucumbido às vontades de terceiros.

Carrancudo, sem querer dar uma palavra sobre o assunto, entro no meu carro, ignorando o apelo de algumas pessoas que me cercam, por ter me reconhecido na saída do antro para onde Amanda me levou. Dirijo até o meu apartamento, Jill está calada no banco ao lado, sabe que eu não estou nos melhores momentos.

Ela ficou muito feliz por eu ter trazido mais uma vez o Big Tyler de volta à vida e, pelo que Amanda me explicou, eu terei que mantê-lo ativo por mais algum tempo. Eu apenas torço para que o próximo mês chegue logo e tudo isso acabe.

Se um dia eu conseguisse abrir minha mente

e colocar tudo para fora, as pessoas entenderiam porque eu corro da minha vida passada. Qualquer homem iria querer desesperadamente o meu lugar, mas eu visualizei algo maior, não posso colocar tudo a perder. O que eu espero do futuro e minha vida passada simplesmente não podem coexistir. Passado e futuro duelam e um não existe com o outro.

Chegamos no apartamento, o lugar ainda está impregnado com lembranças recentes dos momentos que tive com Marianne. Se eu me deitar na cama, posso sentir o perfume dela, no banheiro ainda há vestígios do banho que tivemos e isso me deixa tão frustrado e queimando como o inferno de raiva por ser tão desejado por muitas mulheres e não poder ter justamente a que eu quero. Olho para Jill que está com aquela cara de quem quer foder.

— Vamos para a banheira? — Ela se encosta em mim, acariciando meu corpo.

Eu não respondo, fecho os olhos enquanto ela beija meu rosto e em seguida meu pescoço.

Acaricia uma parte do meu pescoço e de repente solta um sonoro "*O que é isso?*", e eu abro os olhos.

— O quê?

— Uma mancha vermelha. O que é isso, Sawyer, um chupão?

Lembro-me de Marianne. Sim, tinha sido ela. Me deixou uma marca e isso me excita, é como se Marianne tivesse me marcado como dela. Sim, sou o macho dela e pronto.

— Deve ser uma picada de mosquito, Jill.  
— Seguro a mão dela e me afasto. Arranco minha camiseta, jogo no sofá e vou para a cozinha pegar uma cerveja. Jill me segue.

— Está se encontrando com alguém? — pergunta parada no arco que separa a cozinha da sala.

Ignoro-a enquanto saboreio minha bebida preferida, eu sempre fiz o estilo ogro. Gosto de cair na porrada com outro cara em um tatame — isso quando não estamos embolados na lama jogando Rúgbi —, prefiro cerveja a vinhos caríssimos, mesmo consumindo-os sempre e mantendo uma adega preciosa. Não sou um cavalheiro honesto que corteja mulheres com flores e presentes. Eu vou direto ao ponto: sexo.

*Como dizem: flores eu dou para quem tá*

*morta, para quem tá viva, eu dou pau.*

Não gosto de me arrastar atrás de alguma coisa, ajoelhar como um fracote aos pés de uma mulher e dar a elas as armas necessárias para acabar com a vida do tolo homem.

Ao menos era assim que eu pensava quando estava no topo do meu depravado castelo. Mas essa minha política não funcionou muito com Marianne. Eu quis foder com ela, ela me deu um gelo e eu tive que correr atrás, ainda estou correndo e ela se distanciando mais e mais. Não pretendo parar de persegui-la.

*Você está mesmo enferrujado, Big Tyler.*

Posso estar passando por uma fase de fraqueza, mas outra coisa que eu não permito jamais são inquisições em minha própria casa. Olho para Jill.

— E há algum problema com isso? Com o fato de eu encontrar com alguém?

— É uma paciente?

Isso me irrita, me responder com outra pergunta.

*Boa saída, Jill.*

— Sim, é uma paciente.

— Interessante, você me disse que estava de férias, disse que o consultório estava fechado, por ordem judicial.

— Eu o reabri — respondo secamente, saio da cozinha e vou para a sala. Me jogo no sofá já segurando o controle remoto da TV.

— Isso é mais interessante. — Jill senta-se em uma poltrona do outro lado. Não olho para ela, nem sei o que ela está fazendo aqui. Eu estou muito puto com os últimos acontecimentos, primeiro porque tem uma mulher povoando minha mente e me deixando duro quase a todo instante, segundo que Jill tinha se unido com Amanda apenas para ter de volta o que elas duas sempre gostaram.

Que porra! Jill fode com a metade de Nova York e agora vem me questionar por causa de um chupão.

— Suas pacientes não costumam encostar em você, antes você não permitia.

— Sim. É mesmo interessante. — Assinto sem olhar para ela.

— Está me escondendo alguma coisa, Sawyer? — Ela faz aquela voz acusadora. *Porra do*



*inferno! Que merda!*

Eu desvio os olhos da TV. Jill está com aquela pose de esposa. Um arrepio percorre minha espinha. Definitivamente, casamento, ainda mais com Jill, não é um bom pensamento. Ela não tem o direito a isso, ainda mais sendo especialista em certas coisas.

— E por que devo esconder alguma coisa? É uma paciente. Se fosse uma amante, você saberia. Afinal não poderia vir mais aqui. — Dou de ombros e volto para a TV. Fico surpresa ao sentir algo bater em minha perna, ela tinha jogado meu sapato em mim.

*O que é isso, universo? Virei saco de pancadas das mulheres?*

— Por que fez isso? — pergunto, chocado. Jill sempre tinha sido indiferente a tudo, por que diabos está agindo assim?

— Eu que pergunto! — Ela grita. — Não mereço ser tratada assim quando sou a única que atura suas paranoias e lamúrias anos a fio. — Agora ela está de pé, com o dedo em riste em minha direção. — Se já não bastasse tentar me ludibriar dizendo que é uma paciente, ainda por

cima é grosseiro.

Eu me levanto.

— Então você agora quer me cobrar alguma coisa? Durante esses anos fomos mais que amigos.

— Eu revido com o mesmo timbre de voz que ela usa.

— Amigos que fazem sexo?

— E daí? Eu já impliquei com um dos milhares homens com quem você trepa? Por que está implicando agora com uma das minhas pacientes?

Jill paralisa diante de mim com os olhos arregalados. Os lábios espremidos em uma fina linha de tensão. Pega a bolsa e me enfrenta.

— Acha mesmo que eu mereço ouvir essas merdas? Você está sendo grosseiro com a única pessoa que tem na vida. Pare e pense, cacete!

— A única pessoa da minha vida que não titubeou antes de planejar coisas com Amanda contra mim.

— Eu não planejei nada contra você.

— E o que eu fiz hoje contra minha vontade? Você sabe que eu não quero mais fazer

essas merdas. Ela está me coagindo, me ameaçando. Isso é crime e você é cúmplice. — Agora eu a acuso. Jill abaixa a cabeça e pensa um pouco, quando levanta os olhos, parece mais calma ou tenta parecer mais calma.

— Mas é o que você sabe fazer de melhor. Não pode deixar que...

— Não me diga o que posso ou não fazer. Eu estou me controlando para perdoar você, Jill, mas tem que me dar um tempo para isso. Me deixe, por favor.

Ela anda rápido e decidida até a porta. Os cabelos longos e loiros balançavam na altura do quadril estreito.

Vira-se no calcanhar e me olha.

— Sabe que eu sou a única tola no mundo que vai ouvir suas lamentações quando acaba o sexo. Não jogue isso fora. — Ela abre a porta com força e sai batendo-a com a mesma força. Respiro fundo ainda olhando para a porta, meu maxilar duro de raiva. Respiro para recobrar meu controle.

Tiro a calça, fico apenas de cueca. Liberdade. Um homem solteiro, em sua casa de pernas para o ar. Não existe coisa melhor. Volto

para o sofá, pego a cerveja e o controle. Em instantes, nem me lembro mais de Jill e do seu ataque, não estou nem aí para ela. Safada maldita.

Passo a mão no meu rosto liso que Amanda me fez rapar. Praguejo. Olho ao redor para minha bela sala. É incrível como eu sou um puto safado sortudo. Tenho uma cobertura onde posso ficar de cueca, assistindo futebol e bebendo cerveja. Mas não posso ter tudo, não é mesmo?

# TRINTA E NOVE

MARIANNE

A noite chegou cheia de glamour, mesmo sendo em um sítio. Lâmpadas de papel pendem em vários fios que se transpassam acima da cabeça dos convidados. As mesas forradas com toalhas brancas, cada uma com uma pequena luminária em cima. Um trio toca uma música envolvente em um palco improvisado todo forrado de branco.

É o dia do aniversário de casamento dos pais de Leopold e tudo está muito perfeito. Comida, danças, conversas e gargalhadas. Tudo muito afável, só convidados conhecidos e próximos.

Já passa da meia-noite. O casal já renovou os votos e a festa ainda ferve cheia de vigor.

Olho para meu dedo anelar e respiro fundo, fechando os olhos. Ryan dança com Alice enquanto  
NACIONAIS - ACHERON

eu me sento sozinha com meus demônios em uma mesa observando os casais que dançam. Olho mais uma vez o anel no meu dedo e tomo um gole de champanhe para empurrar garganta abaixo as lembranças recentes que ameaçam vir para fora junto com um grito esganado. Minhas Mariannes falam comigo todas ao mesmo tempo. Todas com uma solução diferente para meu caso.

Eu tinha pensado muito sobre tudo. Sobre Ryan, sobre Sawyer, tudo. E cheguei a uma conclusão: eu não poderia ser amante de Sawyer, mas também não posso continuar sendo namorada de Ryan. Acabou para mim. Antes eu tinha sentimentos por ele, mas, depois da noite que tive com Graham, depois de viajar e ficar perto de Ryan novamente, vi que não era o homem que eu queria para constituir família. Decidi então terminar tudo formalmente com Ryan assim que chegarmos em casa novamente. Na segunda-feira, eu iria conversar com Sawyer e acabar tudo. Viver minha vida, viver horizontes. Não preciso de homem para ser feliz. Minhas Mariannes aprovaram a decisão, mas o destino, não.

O pior é que fiquei e ainda estou pensando em como conseguir ficar longe do consultório do NACIONAIS - ACHERON

meu terapeuta.

*"Meu", rio de mim mesma.*

A Marianne rata de biblioteca, super-realista, que tem cabelos rebeldes, sardas e óculos de armação redonda, me dá um chute na canela.

*Ele não é seu.*

Eu ouço com obediência minha voz interior. O meu está ali na minha frente. Agora é meu oficialmente, perante quase todos, inclusive meus pais, que ouviram tudo por uma ligação telefônica. Mesmo vendo Ryan assim tão elegante, eu não consigo me sentir sortuda por ter conseguido fígar um loiro alto e talentoso. E o pedido de casamento dele não me alegrou como eu sonhava.

Girando a manivela para que o filme comece a rodar e seja projetado na minha frente, recosto na cadeira para mais uma vez assistir ao fatídico momento.

## **Horas mais cedo**

Eu tinha me vestido de maneira simples. Candice ficou horrorizada quando surgiu com um vestido simples em tom ferrugem. Não tinha nada de "uau" no vestido. Era bonitinho, eu gostava

NACIONAIS - ACHERON

porque parecia alta quando vestia. Tinha uma saia de comprimento pouco acima dos joelhos, levemente rodada, com três ou quatro pregas abaixo de uma costura que separava a saia do corpete em forma de *corselete*.

— Cadê o vestido vermelho que escolhemos? Está parecendo uma garota indo ao aniversário da amiga de 15 anos.

— Não quero aparecer, Candice. Hoje os holofotes são todos dos seus sogros. — Ignorei-a e caminhei com os olhos fixos no bar que fora montado lá fora.

— Uma margarita, por favor. — Pedi com uma fineza que não costumava ter. Virei meu corpo no banquinho e olhei para todos. Os convidados já tinham chegado e estavam circulando por ali. Alice parecia nervosa, teclando alguma coisa no celular.

*Ela e aquele celular.*

Eu ainda ia descobrir quem era esse cara que Alice estava ficando. Olhei para os demais e vi Candice e Ryan conversando em um canto. Ela parecia dar instruções a ele.

*Candice, pelo amor de Deus não apronte!*  
Recebi minha bebida e saí andando. Se ela me



aprontasse alguma surpresinha, eu não pestanejaria em ficar bêbada para dar um vexame de propósito. Ela não faz ideia do que uma bipolar frustrada pode fazer. Bipolar, não, tripolar, ou sei lá até onde isso pode ir, com minhas eternas contradições.

Caminhei ativa até eles. Ryan empalideceu quando eu apareci de repente. Eles estavam tão entretidos que nem me viram. Candice, ao contrário, como boa atriz que sempre foi (só não exercia o talento), deu um sorriso encantador.

— Mary, amiga! Estava falando com Ryan sobre aquele cruzeiro que nós duas iríamos.

— Sim, vou passar na agência qualquer hora dessa para cancelar a viagem. Acho que ainda dá tempo de venderem para outra pessoa.

— Não, senhora. — Candice levou um dedo rígido à minha cara. — Você vai e terá um acompanhante.

Ela disse a última palavra quase cantando. Eu olhei para ela e para Ryan. O quê? Quase tive um colapso. Estou querendo terminar com o cara, não viajar com ele.

*Alguém venha me situar porque estou perdida.*

Ryan em um cruzeiro? Era difícil imaginá-lo em uma camisa florida e uma bermuda.

Viro-me para Ryan. Ele sorri com ternura.

— Ele vai com você, amiga. — Candice foi mais rápida no gatilho. — Afinal ele é o único acompanhante que lhe cabe no momento.

— Então já resolveram minha vida?

— Não, meu bem. — Ryan descansou um braço em meu ombro. — Só achamos que talvez você fosse gostar da notícia, essa viagem será como uma prévia, uma comemoração.

Olhei para ele sem entender. É uma atitude suspeita essa de Ryan. Candice estava aflita fazendo gestos para que Ryan parasse de falar. Uma atitude mais suspeita ainda.

— Prévia de quê?

Ele sorriu, tímido, e virou-se para Candice. Ela estava parecendo uma louca dentro da jaula. Eu sabia dos perigos que aquela mulher representava.

— Logo vai saber. Vamos nos juntar aos outros — disse Ryan, despreocupado, indiferente a Candice e seus cacoetes.

Fui conduzida até uma mesa. No caminho,

Leo se juntou a gente abraçando Candice deixando-a mais tranquila.

*Logo vou saber?*

Que droga. Homens eram sempre iguais. Será que Ryan não sabia que jamais poderia começar um assunto com uma mulher e não terminar? Somos assim, curiosidade inata. E depois de ouvir aquilo não consegui aproveitar nada da festa. Sabia que esses dois estavam planejando algo bem mais cruel que uma viagem de cruzeiro com meu futuro ex-namorado.

Depois de presenciar a beleza da cerimônia dos pais de Leo refazendo os votos em seus trinta anos de casamento, eu fiquei pensativa. Eles se amavam verdadeiramente, eram como meus pais, que viviam um para o outro. Isso era difícil de imaginar nos dias atuais em que homens não respeitavam as esposas e nem esposas respeitavam maridos, como eu estava fazendo com Ryan. E provavelmente se a gente fosse adiante e subisse ao altar, seria a maior hipocrisia da minha vida. Eu já estava traindo-o antes mesmo de ficar noiva, eu não o amava o suficiente para perdoá-lo em alguma falha nem para amá-lo sempre.

Bebi mais champanhe. Nem conseguia absorver o gosto, apenas o álcool.

Só depois de termos jantado, é que Ryan matou minha curiosidade.

Olhei horrorizada quando ele se levantou e pediu para parar a música. Todos olharam para Ryan, Candice sorria como uma hiena e eu parecia uma figura cômica.

— Por favor, preciso de um segundo da atenção de vocês — disse Ryan, levantando a mão. Todos olharam para ele com um sorriso no rosto. O meu devia estar pálido. Ou azulado.

— Eu não queria tirar o foco do casal, mas esse é um momento lindo em que duas pessoas afirmaram seus votos mais uma vez depois de 30 anos juntos. Vendo isso, fico tentado a acreditar que o senhor e a senhora Thompson possam me dar sorte.

Ryan olhou para mim. Todos acompanharam o olhar dele. Se algum dia eu fosse desmaiar, aquele era o momento certo.

*Falhem neurônios, agora. É uma ordem!*

Nada. Continuei lúcida e aflita, nem desmaiar eu consigo.

— Eu tenho uma namorada maravilhosa, que todos nós adoramos. E quero nessa noite, diante de todos vocês, fazer dela, oficialmente, minha noiva.

*Fodeu! Agora estou perdida.* Tento não fazer cara de moribunda. Meus lábios repuxam trêmulos, até formarem o que muitos chamariam de sorriso. Eu chamo de careta.

*Meu Deus! Me socorre! Isso não!*

Ouviu-se um educado coral de "Oh!". Eu tremia toda, meu coração parecia sair pela garganta.

— Mary, meu bem. Eu não tenho um anel original agora, pois eu acabei de decidir, mas tenho algo simbólico que consegui arrumar há tempo.

Outro coro de exclamações se fez no meio dos convidados.

*Aham, gente. Calem-se que a situação é de calamidade.*

— Você quer algum dia se casar comigo?  
— perguntou todo fofo como um gatinho machucado e fez-se um silêncio. Eu ouvia apenas meu coração batendo nos tímpanos e a respiração ofegante. Parecia tudo em câmera lenta: meu olho esquerdo piscando involuntariamente, meu sorriso-

careta paralisado nos lábios, o nó de escoteiro sem conseguir descer na minha garganta. E na minha mente, as várias Mariannes corriam desesperadas de um lado para outro, menos a esquizofrênica que tinha ouvido outras vozes, menos a de Ryan.

No meio do pandemônio formado em meu cérebro, eu raciocinei como uma boa aluna que sempre fui em fazer cálculos terríveis. Se eu dissesse não com aquele povo todo olhando, Ryan sairia como o coitadinho romântico rejeitado enquanto eu seria rotulada como a víbora sem coração. Se isso fosse armação de Candice, ela estaria de parabéns. Conseguira mais uma vez me prender às correntes de navio, bem fortes e com âncora, Ryan era a âncora. Mas calma, ainda não é casamento. Ainda pode ser revertido. Tentei me tranquilizar.

Ela me conhecia, e sabia que, se eu ficasse noiva, jamais poderia continuar com os encontros com Graham. Minha consciência pesaria mais ainda. Respirei fundo, a Marianne esquizofrênica abanava a Marianne carismática para que ela tomasse a dianteira do que eu ia fazer agora. Levantei-me, sentia uma leve tontura, mas me convenci que era do álcool.

NACIONAIS - ACHERON

Fui para perto de Ryan. Se ele achava que eu faria um discurso inflamado, estava enganado. Um mês antes eu teria pulado doida na cadeira de tanta alegria, e me arriscaria a quebrar o salto e um dente quando caísse no chão. Mas agora sabia que aquele show de Ryan não era espontâneo, de coração. Era tudo armação de Candice. Vi isso nos olhos dela.

— Ah, Ryan. Não posso deixar você ser humilhado. — Sorri graciosamente para todos, depois me virei para ele. — É claro que aceito. — Estendi a mão, ele colocou no meu dedo o anel, que não sei onde arrumou, e demos um beijo ao som de palmas, assovio e gritos.

Um beijo. Nossa! Não são os lábios de Sawyer, não sinto o mesmo fogo percorrendo minhas veias. É como se estivesse beijando meu irmão. Se eu tivesse um.

Fico me perguntando o que se passa na cabeça de Ryan. Ele é homem e geralmente homens só se prendem ao matrimônio quando estão bem apaixonados ou tem gravidez envolvida. Por que ele deixaria Candice manipulá-lo? Não posso mesmo saber as maquinações dele. Nunca tive essa

capacidade de ler pensamentos masculinos, acho que por causa da falta de convivência com figuras do sexo oposto. Tenho apenas o papai como referência masculina.

Na verdade, eu tenho um ser masculino em meu interior, que raramente aparece. Ele se chama Marianno e suspeito que ele é gay. Ou psicopata.

— Serei a madrinha, ouviram? — Candice, a canalha, levantou depressa e veio abraçar a gente. Olhei para ela com aquele meu olhar de *"matarei você com uma agulha mais tarde"*.

Não estou com disposição para balanços mentais, mas no momento diria que meu saldo é supernegativo. Tive que refazer meus planos completamente. Deixo para terminar com Ryan daqui uma semana, até a coisa toda acalmar e acabo tudo com Sawyer na segunda, como estava no roteiro. Não vou mais sofrer por homem. Não mesmo.

Muita coisa aconteceu bem depressa nessas últimas horas. Bati no meu terapeuta, ele, para se vingar, me comeu deliciosamente, dormi com ele, transamos de novo para eu aprender a ter calma. Em seguida, recebi uma proposta para ser amante



do homem que eu tinha agredido e agora estou oficialmente noiva de um cara que eu vinha traindo e beijava como um irmão e que será meu ex-noivo daqui uns dias... Chega a ser exaustivo, minha vida daria uma boa história.

Agora, depois de rever a cena, estou mais uma vez em uma festa de casamento, sozinha em um canto enchendo a cara, enquanto meu namorado, agora noivo, dança com uma jovem pomposa: minha irmã. Os dois parecem bem felizes.

Olho novamente para Candice, ela sabe que irei matá-la e por isso não desgruda mais do marido. Deve estar esperando eu tombar azulada de bêbada para respirar aliviada. Ela está muito enganada. Coloco a taça na mesa e caminho meio grogue por entre os convidados.

— Venha comigo. — Seguro no braço dela.  
— Desculpa, Leo. Devolvo daqui a pouco.

*Viva ou morta.*

— Fique à vontade — diz Leo, indiferente ao destino que aguarda a amada.

Arrasto-a até a sala e fecho a porta encurralando-a.

— Mary... Acho que você precisa descansar.

— Conte-me, Candice. — Ordeno, cruzando os braços, ignorando o que ela diz.

— O que você queria que eu fizesse? Eu pensei a viagem toda em como ajudar você. Tinha que ter uma maneira.

— Como o convenceu a me pedir em casamento?

Candice suspirou, virou-se de costas e mexeu nos cabelos. Ficaram desalinhados, mas ainda belos.

— Eu contei a Ryan. — Ela releva virando-se para mim com um olhar culpado.

— Contou o quê? — Quase gritei. Mais uma vez um surto de desmaio tomou conta das Mariannes da minha cabeça. Eu estou mortificada.

— Calma. Não falei nada do Graham para ele. Apenas disse que fiquei sabendo de um cara que está te cercando. Instruí Ryan a te pedir em casamento para ver se você toma juízo nessa sua cabeça fraca.

— Então a senhora Candice pode trepar com o terapeuta das estrelas o tanto que quiser...

— Menos, Marianne! — Ela faz sinal para eu falar baixo.

— E eu não posso porque tenho cabeça fraca e vai me fazer mal? — Minha voz engrolada acusa-a com cinismo. — Saiba que eu vou terminar tudo com Ryan. — Tiro o anel e mostro para ela. — Isso não é nada. Não é um filho nem um casamento, não é nem um anel original!

— Marianne, é sua vida que está em jogo. Você não pode mais ficar um segundo junto com aquele cara. Mary, me ouça, por favor, invista em Ryan, ele é um homem normal, pode fazer você feliz.

— Você não pode dizer o que é bom para mim@ — Eu grito. — Droga, Candice — soluço em lágrimas —, ninguém nunca me fez tão feliz como Sawyer tem feito nos últimos dias.

Candice fica horrorizada e aproxima-se rápido na tentativa de me fazer falar mais baixo.

Eu recuo um passo.

— Ele pode ser cafajeste, mas me fez mulher, me senti bela quando estava na cama com ele, me senti viva. Com um poder que eu nunca sonhei que teria. Querer continuar com isso é pedir

demais?

Sentei-me desolada no sofá. Candice ficou de pé. Com os braços cruzados, a expressão fechada, pensativa. Abaixei meu rosto nas minhas mãos, minha voz saiu abafada quando recomecei a falar.

— Eu não vou conseguir com Ryan o que consigo fazer com Sawyer. Ryan não me seduz, não me intriga, não me hipnotiza... nem mesmo me beija com vontade... e depois que eu descobri isso tudo, fico com medo de desapontá-lo na cama.

Agora sou uma bêbada dramática e chorona.

— Amiga, todas as mulheres e homens um dia foram inexperientes na cama.

— Sim, eu sei, eu disse isso a Graham. Mas ele me disse que uma mulher inexperiente que tem receios de dormir com homens não pode prosseguir sem uma intervenção psicológica.

— Então faça como uma pessoa normal e vá a um psicólogo normal.

— Sim, eu já tinha pensado nisso. Em procurar ajuda, ou apenas me entregar a outro homem e curar de vez essas frescuras.

— Sawyer não é tudo na vida. Ele não pode

NACIONAIS - ACHERON

manter essa força sobre você. Precisa se libertar, Marianne.

Levanto-me do sofá para não bater em Candice. Não vou brigar com ela por causa de homem. Apesar de tudo, ela é fiel a mim.

— Eu preciso dormir. Diga a Ryan que desmaiei bêbada. Não quero enfrentá-lo em uma cena constrangedora na cama. Preciso me preparar antes para isso.

— Mary...

— Olha aqui. Você já armou isso tudo, não venha exigir mais nada. Vá e faça isso pelo menos.  
— Agora sim meus olhos parecem de uma víbora. Eu tenho que parecer má, porque, às vezes, Candice confunde amizade com maternidade. Eu não sou filha dela, droga! Saio pisando duro para o quarto que foi designado a Ryan e eu.

Em uma pressa do outro mundo, tiro os sapatos, o vestido, visto uma camisola, amarro um robe por cima e deito debaixo do edredom. Ryan não irá me incomodar.

Não durmo de imediato, mas quando caio no sono fico impressionada (no sonho) por ter ido parar em uma mar de erotismo. Uma breve tontura

me colocou em um lugar fracamente iluminado. Era apenas eu, não tinha onde correr, apenas me escorar na parede e esperar. Esperar por alguém que chegava. Eu sabia que tinha mais alguém ali e, quando o vi, meu corpo todo se acendeu.

Era um homem, o rosto imerso nas sombras. O corpo nu à mostra. Ele começou a andar e eu não queria correr. Senti o sangue ferver e já sabia quem era quando ele se inclinou e mordeu a pontinha da minha orelha. Gemi e segurei nos músculos enrijecidos do ombro dele. Mas, ao meu simples toque, ele me jogou com força e brutalidade na parede. Eu tentei beijá-lo, entretanto ele segurou minhas mãos com uma das suas e a outra segurou meu rosto. Fiquei imóvel. Senti a respiração dele tão próxima, o corpo dele tão maravilhoso encostando ao meu. Perdi o ar.

— Você. Me. Traiu — disse com uma voz estranha, grotesca.

— Não, Sawyer... Não traí... — Tentei argumentar e uma luz iluminou seu rosto. Era Ryan que me encarava com raiva.

— Não, Ryan... Não! — Gritei e comecei a balançar a cabeça tentando me soltar.

Ele me sacudia.

— Marianne.

— Não, me larga!

— Marianne. Acorda!

A voz grave é real. Sento na cama. Minha cabeça parece que vai explodir. Estou suando em bicas e Ryan está sentado ao meu lado.

— Você estava tendo um pesadelo. — Ele me informou. Levantou-se e foi pegar um pouco de água que estava na cabeceira. Olho para a janela. O dia está amanhecendo.

*Graças a Deus!*

Pego o copo e olho para ele. Tive um certo receio de levantar os olhos, mas quando o vi olhando solidário para mim, eu me tranquilizei. Agradei e tomei a água.

— Eu devo ter tomado um porre — disse eu, em tom de explicação.

*Será que eu disse algo que não devia durante o sono?*

— Sim. Cheguei e você já estava aqui desmaiada. Não devia beber tanto.

— Desculpa.

— Por ter bebido?

— Por ter negligenciado você.

*Todo esse tempo. Não mereço você, Ryan. E ainda vou terminar tudo com ele, depois de todo esse tempo me aturando. Sou uma vaca.*

— Não se preocupe quanto a isso. — Ele dá um beijo na minha cabeça e levanta-se, vai ao banheiro, acho que vai fazer xixi. Está vestindo uma calça de flanela. Depois volta e deita ao meu lado.

— Acho que não vou voltar a dormir. — Ryan ajeita minha franja torta.

— O sonho foi tão ruim assim? — pergunta ele. Bem de mansinho, todo carinhoso.

*Sim. Foi.*

— Não, vou tomar um banho e um analgésico. — Jogo meus cabelos para trás e levanto, devo estar parecendo um leão com essa juba armada. Me recuso a olhar no espelho e a olhar para Ryan, que está meio confuso.

— Vou dormir mais um pouco — disse Ryan, afofando os travesseiros e deitando-se novamente. Encaro o homem esparramado na cama, de olhos fechados e muito à vontade.



Ryan é muito tranquilo com essas coisas de sexo. Outro homem já teria me deixado. As palavras de Graham vêm à minha mente, quando ele contestou a moral de Ryan. Meu noivo seria mesmo tão confiável? É um homem com tendências celibatárias? Mas se ele me trair, eu não posso cobrar nada, afinal, eu o traí também, dizem que chifre trocado não dói. Abanei a cabeça e entrei no banheiro.

Mais tarde, quando estávamos voltando para casa, exaustos e contentes, eu fecho os olhos, coloco o fone de ouvido, pois a direção geral de minha mente acabou de publicar que meu cérebro está em balanço. Preciso organizar tudo que tinha acontecido desde ontem, tudo que ouvi durante o café da manhã e o fatídico almoço que, mesmo estando delicioso, foi regado com o assunto do momento: *meu futuro e iminente casamento*. Só que nunca.

Todos estavam felizes demais e parecia já tudo arranjado, desde o bolo que seria feito por Margareth Thompson até o local que fora o mesmo do enlace de Candice, o Plaza Hotel.

U2 começou a cantar no meu ouvido. *I still*

*haven't found what I'm looking for*, embalando minha letargia. Fundo musical perfeito para todos os meus pensamentos confusos e mais rápidos que aqueles carros de corrida. Eu percebi que assim como a letra da música, eu ainda não tinha encontrado o que estava procurando.

*O que estou procurando, na verdade?*

Não é uma vida feliz, normal, com um marido e filhos? Pois foi justamente isso que Ryan me propôs noite passada, mas onde está a alegria sem fim que Candice sentiu quando Leo a pediu em casamento? E por que a ideia obscena de me tornar amante de um homem rico e arrogante me fascina mais que o assunto sobre meu futuro? Meu futuro seguro, certo e feliz. Nada parecia se encaixar, então soube que ainda não tinha encontrado o que estou procurando.

# QUARENTA

## MARIANNE

Chegamos em casa quando anoitecia. Antes de me despedir de Candice, ela me abraça e cochicha no meu ouvido:

— Não vá colocar tudo a perder. Pense no que precisa, não no que você quer.

Faço um muxoxo e dou um tapinha nas costas dela. Ela pode ficar esperando. Semana que vem mando Ryan passear. Candice sabe melhor que eu o que é passar por uma desventura amorosa. Não estou mais com raiva dela, como posso estar se ela só quer me ajudar a encontrar o caminho certo? Sawyer já era. Eu traí meu namorado, o que não é bonito e farei de tudo para me redimir comigo mesma, porque Ryan já era também.

NACIONAIS - ACHERON

Ela e Leo foram embora, Alice queixou-se de dor de cabeça e me deixou na sala com Ryan.

— Venha, Ryan, vou preparar um café para a gente. — Ele me segue e senta-se no banquinho da bancada onde tive uns amassos com Sawyer dias atrás.

— Decidiu se vai comigo ao baile beneficente? — pergunta ele. Eu sei que ele está interessado em perguntar outra coisa. — Será no antigo Mercury, que agora se chama Kayla.

— Sério? Adoro o designer daquele lugar. Mas ainda estou decidindo. É no domingo, não foi isso que disse?

— Sim. Nós já tínhamos ajeitado o evento com os antigos donos e a assessoria do dono atual deixou que continuássemos.

— Preciso comprar algo para vestir. — Programo a cafeteira e espero o líquido preto escorrer nas duas xícaras. Ele se levanta.

— Bela máquina. Onde conseguiu?

— Ganhei de uma cliente. — Eu minto sem problema algum. Entrego a xícara a ele. Sentamos um de frente para o outro. Espero ele provar o café para perguntar.

— Quer me perguntar alguma coisa? — indago. — Candice me contou que ela deu com a língua nos dentes.

Ele lança um olhar aliviado. Os olhos azuis são lindos, mas não tão pretensiosos e enigmáticos como dois círculos verdes. Maldição! Por que eu estou pensando em olhos verdes?

*E precisava perguntar por quê?*

— Confirma o que Candice me contou?

É hora da verdade, mas claro que não irei dizer que estou transando com meu terapeuta. Vou enrolar. Se já comecei, então tenho que terminar mentindo.

— Eu conheci um cara que quer algo mais que apenas amizade. Conteí a Candice e ela tomou as providências que achou necessárias.

— E por que você não tomou as providencias necessárias?

— Eu fui incisiva ao afirmar que sou comprometida e então Candice intrometeu-se. Ela foi conversar com ele e depois, como uma boa samaritana, contou para você.

Eu me levanto para ele não ver meu rosto. Pego biscoitos e coloco sobre a bancada.

NACIONAIS - ACHERON

— E está chateada por ela ter feito isso?

— Em partes. Eu que tinha que ter contado a você. Essa coisa de outro cara...

— Está tudo bem, não ligo — diz ele, fazendo um gesto de pouca importância.

Oi? Como assim não liga? Eu estou dizendo que outro homem estava dando em cima de mim e meu noivo nem liga? Fico pensando na reação de Sawyer só porque disse que talvez eu quisesse experimentar um ménage.

Puxo um banquinho e sento-me na frente dele.

— Você me pediu em casamento apenas para impedir alguma coisa?

Esperei ele bebericar o café e depois responder.

— Bem, eu me sinto muito seguro, pois sei que você não vai dormir com outro cara — dá um sorriso esnobe —, afinal você tem problema com sexo. — Ele dá de ombros, quase indiferente e eu fico chocada. — Eu já vinha pensando no pedido há algum tempo. Mas depois de conversar com Candice, ela disse que era uma boa saída, uma boa hora para eu fazer o pedido e fortalecer nossos

laços, já que você só tem a mim.

— Ryan! — Ofendida, arregalo os olhos.

— O quê? Disse alguma mentira?

— Você não precisa dizer essas coisas. —  
Lamento.

— Marianne, já demos um enorme passo. Com o tempo você se acostuma e começa a se relaxar. E vamos sim esperar mais um tempo antes de nos precipitarmos e marcarmos a data.

Você que pensa.

— Concordo. — Sem querer demonstrar que estou planejando viver livremente.

As várias Mariannes e o Marianno dentro de mim respiraram aliviados e voltaram aos seus afazeres. Pelo menos, por enquanto, não preciso pensar em casamento.

Provo o café me deliciando com a bebida quente que eu mais adoro.

— Ei, não fiquei triste. — Ele tenta me animar. — Eu já esperei por todo esse tempo, pra mim tanto faz.

Ah! Mas hoje Ryan está afiado, disposto a me colocar pra baixo mesmo. Achei que ele

estivesse louco, contando os segundos para ir para a cama comigo. Pelo visto só Sawyer fica doido para transar comigo.

As imagens pornográficas de Graham e eu fazendo sexo no quarto dele me vem à mente. Tenho que engolir o mal-estar junto com uma golada de café que acaba queimando meus lábios.

Não digo nada, pois somos interrompidos.

— Estou de saída — diz uma voz vinda da porta. Olho e Alice está arrumada.

— Para onde está indo? Não disse que estava com dor de cabeça?

— Para isso servem os analgésicos. — Ela olha para Ryan e depois se volta para mim. — Talvez eu passe a noite fora, Marianne. Não se preocupe comigo.

Levanto-me.

— Alice, a gente acabou de chegar de viagem, descanse um pouco. Diga a esse cara com quem está se encontrando que não pode ir hoje.

— Nem todos conseguem ser pudicos como você, irmãzinha. — Ela dá um sorrisinho cínico direcionado para mim e volta seus olhos para Ryan.



— Por que não aproveita seu namorado e diverte-se com ele? — Nem respondo, estou ruborizada de constrangimento. Ela dá um tchauzinho para a gente e sai. Respiro fundo e sinto braços me apertando por trás.

— Não ligue para ela. — Ryan fala com o rosto enterrado no meu cabelo. Não sinto qualquer arrepio gostoso com o gesto íntimo dele.

— Ryan, quero que você vá embora. — Empurro ele levemente.

— O que houve?

— Eu só preciso ficar sozinha, me deixa, por favor. — Além de tudo não mereço ouvir ele dizer que tanto faz, que nem liga. Pra mim já deu.

— Mary, vou fazer uma nova viagem rápida, de segunda a quarta-feira. Queria ficar um pouquinho mais com você. Venha, vamos para a sala procurar algo para assistir.

— Ryan, estou doida para deitar e dormir.

— Vai ao baile comigo? Queria muito que fosse.

— Vou pensar.

— Vamos, Mary. Você não tem nada a

perder.

Sorrio educadamente para ele, que se curva, me dá um beijinho e caminha para a porta. Eu o sigo.

— Vou deixar você descansar. Até domingo.

— Até domingo, Ryan.

Minutos mais tarde eu estou sozinha em casa. Resolvo subir para um banho e descansar um pouco. Certamente eu vou dormir, não tem problema, preciso me distrair de alguma maneira ou então a tentação vai me fazer ligar para Sawyer.

No dia seguinte, vou ligar para Candice ir comigo escolher um vestido para o baile que Ryan quer me levar.

Uau! Um baile! O último que eu tinha ido acabara me deixando traumatizada. Esse seria mais bem aproveitado, sou uma mulher adulta e não farei mais as loucuras de uma virgem desesperada.

\*\*\*

Quando fiquei de frente a um espelho

NACIONAIS - ACHERON

grande de corpo todo em uma loja vejo que não sou tão insignificante. Tenho um bom corpo, um belo cabelo que agora desisti de pintar. Meu rosto é delicado e minha pele lisa. Eu não sou de se jogar fora.

— Gostou desse? — pergunta Candice.

O vestido me cai como uma luva. É azul-marinho, de seda, justo e longo se abrindo levemente nos pés. No busto, um decote em V, que insinua meus seios.

Viro-me e olho minha bunda no espelho. É um vestido ousado. Sabe aquele que a Marilyn Monroe usou para cantar parabéns para o presidente? Pois então, é do mesmo estilo. Grudado ao meu corpo como uma luva, me deixa alta, sexy e com um corpaço de dar inveja.

— Por favor, diga que sim. Não aguento mais andar — diz Alice, carrancuda, sentada em um sofá roxo.

— Eu não fiquei vulgar? Está marcando muito e minha bunda é meio grandinha...

— Grandinha? — Alice repete e cai na gargalhada. — Sua bunda é enorme, Marianne.

— Muitas matariam para ter esse quadril. —

Candice assente concordando com minha irmã. Reviro os olhos e abano a cabeça para elas. Eu me olho mais uma vez no espelho, as costas do vestido é aberta, mas há faixas trançadas que escondem um pouco minha pele. Penso na reação de Ryan, mas nem espero meu cérebro formular a expressão dele. Logo outro homem vem rápido na minha imaginação. Como Graham reagiria se me visse assim? Esse pensamento me faz ser ousada. Está decidido.

— É esse o vestido, meninas — respondo feliz. Elas duas batem palmas metodicamente.

Fico ainda mais feliz por ser uma mulher que pode usar algo sensual. Tenho seios no tamanho certo, nem pequenos nem enormes, minha cintura é delgada e meu quadril, como Candice disse... muitas matariam para ter um igual. E é de se pontuar que nem vou com frequência à academia. Sou tão preguiçosa para essas coisas...

— Agora o sapato! — grita Candice.

— Não mesmo. — Protesto. — Ninguém vai ver o que eu estou calçando posso muito bem ir com um sapato qualquer.

— Você é a única mulher que conheço que

se nega a fazer compras — disse Alice, ainda carrancuda. Eu a ignoro e vou para o trocador tirar o vestido.

Hoje terei que ir para casa e dar uma geral em meu corpo e fazer uma hidratação no cabelo, pois não iria pagar caro para fazer algo que podia ser feito em casa, Alice faria minhas unhas e meu penteado. Tudo para tentar satisfazer um homem que nem liga para o fato de eu estar ou não com outro cara, pois sabe que eu sou incompetente demais para dormir com outro.

# QUARENTA E UM

## SAWYER – PARTE 01

O Kayla Plaza está recebendo seu primeiro evento depois de ter sido comprado por mim. A notícia tinha saído muito antes em jornais famosos e, nessa noite, o glamour de pessoas sofisticadas está espalhado pelo salão de festas. Olho em volta sorrindo interiormente por ter conseguido tal proeza, agora sou dono de um negócio que progride de vento em popa. Novos planos estão em andamento, expandirei a rede hoteleira por todo o país. Todos com o mesmo estilo do Kayla.

Ajeito minha gravata de seda e coloco as mãos no bolso da calça.

— Lambendo a cria? — Jill pergunta ao meu lado. Só então caio na realidade e me lembro

NACIONAIS - ACHERON

da presença dela aqui. Agora eu me arrependo de tê-la convidado assim que fiquei sabendo do evento. Eu a convidei antes de tudo acontecer, antes de ela e Amanda armarem contra mim. Eu ainda estou chateado com ela, mas o que posso fazer se ela apareceu toda produzida aqui essa noite? E usando um vestido prata justo que vai até o joelho.

*Deus é justo, mas o vestido de Jill...*

Com sapatos altíssimos e o cabelo preso em um penteado charmoso, ela não está sozinha, veio com Larry e Nelson. Não entendo por que maldição ela trouxe os dois. São meus melhores amigos, mas hoje é meu dia de brilhar, não posso andar por aí com Jill pendurada em meu braço. Muita gente pode reconhecê-la de outros meios.

Meus dois amigos estão circulando entre as pessoas se passando por celebridades em seus ternos impecáveis. De certo modo, são celebridades, de um jeito diferente, mas são.

— É bom ver tudo andando tão bem. Nunca pensei que minha vida mudaria tão... radicalmente.  
— Comento.

— Sabe bem o que eu penso. Quero que

você se entregue a algo que sabe fazer de verdade.  
— Ela se apoia em meu ombro e cochicha em meu ouvido.

— Combinamos não voltar a esse assunto, Jill. — Eu a alerto bebendo um gole do champanhe que acabei de pegar. — Por que não fica um pouco com Nelson e Larry? Eu tenho que circular e posar como o dono de hotel.

— Você nem é o anfitrião.

— Mas não significa que tenho que ficar no canto. Sou mais que o anfitrião, sou o dono e preciso conhecer pessoas, meu novo negócio precisa ser expandido. — Olho em volta e vejo Nelson azarando uma jovem. Ele me vê e eu aceno para ele.

— Não beba demais, Jill. — Alerto e saio para dar uma volta. Tenho que ficar sozinho. Não queria ninguém ali reconhecendo Jill ou Nelson e Larry. Se Beatrice, que é da alta sociedade, me reconheceu no início, por que um desses convidados não poderia reconhecer Jill?

Cumprimento alguns, paro e converso com outros, dou até duas entrevistas rápidas para jornalistas que foram convidados. Continuo me



infiltrando entre as pessoas que sorriem calorosas para mim — principalmente as mulheres. Reconheço algumas como ex pacientes, aceno discretamente apenas com um sutil movimento de cabeça.

Essas são outras pessoas que eu não quero na minha nova vida. Nenhuma ex-paciente. Nenhuma, exceto...

Como se fosse a atração principal, ela entra magnífica descendo a escadaria, está um pouco séria, como se acabasse de ter uma discussão. Usando um vestido que lhe cai no corpo como uma segunda pele, a pele acetinada sobre as luzes que vêm dos lustres, os cabelos maravilhosos jogados para o lado com os cachos caindo pelo ombro esquerdo. Não é apenas meu olhar que a encontra. Vários homens percebem e, absortos, olham também.

Eu ainda estou paralisado, sem conseguir me mover. Olhando fixamente para onde Marianne está. Ao seu lado, um homem que eu conheço bem por fotos. Tive vontade de ir até lá e dizer a ele que eu sou o homem que dá prazer para essa mulher espetacular e depois acertá-lo com um soco bem

dado. Sinto uma animação dentro das calças — *merda!*

Não a vejo há três dias e parece que tem três anos. Que saudade estou dela. Vendo-a agora é como se fosse a primeira vez. Como está linda e que corpo, meu Deus! Marianne, com suas curvas, me faz perder todo o ar e instintivamente sou obrigado a afrouxar a gravata.

Ela vira-se de costas me dando uma visão esplêndida de sua bunda, sendo incluída em uma roda de pessoas que recebem Ryan com alegria. Fico ainda algum tempo olhando para as curvas sinuosas de Marianne. Um forte aperto em minha calça me avisa que eu preciso parar de pensar nessas coisas ou ficará muito evidente. Desvio o olhar e caminho em direção contrária. O jantar logo será servido depois que alguém presidir o evento.

— Ei. Onde pensa que vai com tanta pressa?  
— Ouço uma voz familiar e me viro sem querer acreditar que aquilo está acontecendo, que ela está aqui também.

— Beatrice. — Meus lábios se curvam em um breve sorriso falso. A bela morena me encara sorridente. Eu tenho que ser sempre amigável com

ela, já que é outra que sabe parte do meu passado. Graças a Deus não sabe tudo ou já teria colocado a boca no trombone, ardilosa do jeito que é.

— Tyler, acredite, vim apenas prestigiar sua nova aquisição. — Eu sorrio apenas e levanto a taça para ela. — Eu quero muito encontrar você uma hora dessas. — Ela acaricia a lapela do meu paletó. — Tem que ser no seu apartamento, não quero que me vejam entrando em seu consultório. Sou casada agora. — Ela exhibe uma aliança.

— Quer o cara, mas não quer ser vista com ele? — pergunto com humor, na verdade, com falsidade. Não me sinto muito confortável com Beatrice. Tenho que pisar em ovos para conduzir uma conversa amigável com ela.

— Claro, você sabe que meus tempos de loucuras acabaram.

— Das loucuras explícitas, pois você ainda as pratica ocultamente.

— Você me conhece melhor que qualquer um. — Ela dá um sorriso charmoso. — Nós nos vemos mais tarde. — Dá um tapinha no meu ombro e sai sem olhar para trás.

Olho para todos os lados procurando por  
NACIONAIS - ACHERON

Marianne. Avisto-a de costas sentada a uma mesa. Por mais que esteja tentado a ir vê-la para matar a saudade, eu tenho que me manter afastado dela essa noite. É perigoso demais, tem muita gente que me conhece de verdade e pode soltar alguma coisa para ela. Beatrice teria prazer absoluto em contar cada detalhe a Marianne e isso eu não quero. Fico arrepiado só de pensar nela ficando a par de toda a bagunça que foi meu passado. Dou meia-volta e sento-me à mesa junto com Jill, Nelson e Larry.

— Já consegui alguns contatos, hoje a festa vai ser boa no meu quarto. — Larry me conta assim que chego. — Se quiser comparecer, tem boceta pra todos.

— Eu vou desmontar essas dondocas que não sabem o que é uma boa foda. — Nelson completa.

Eu sinto repulsa imaginando um dos meus amigos colocando as mãos em uma bela e delicada jovem de cabelos castanhos, lábios rosados e corpo delirante. Sorrio apenas por educação e brindo com eles.

— Pior para você, Tyler. Vai ter que aturar a mesma comidinha de sempre. — Larry aponta

para , zombando da minha cara. Se eles soubessem que eu não toco na Jill há tempos... ela revida dando um tapa em um deles. Sorrio mais uma vez, fingindo achar graça.

— Por que não trouxeram Henrique? Não quero que ele me azucrine por ter esquecido dele.  
— Eu digo, tentando mudar de assunto.

— Por que Henrique andou brincando com Jill ultimamente, e não quis vir, está com vergonha de você. — Nelson, inconveniente, solta sem se importar por Jill ficar roxa de vergonha. Ela olha para mim e eu faço um gesto de que não me importo. Ela me encara de um jeito triste, acho que queria que eu revidasse me importando por ela ter trepado com meu amigo. Eu dou graças a Deus por isso. Por mais que eu goste de Dakota, namorada de Henrique, prefiro que ele coma Jill e a leve para longe.

Assisto a toda cerimônia com uma ânsia no peito. Meus pensamentos voam longe e eu mal presto a atenção na conversa dos três pervertidos ao meu lado. Quero que tudo termine logo para eu poder ir embora e não deixar que Marianne me veja. Também quero que a segunda-feira chegue

logo para eu poder me encontrar com ela. Sei que ela irá, tenho certeza. Mesmo que não tenha me ligado todos esses dias, ela irá, eu não aguento mais ficar tentando segurar minha libido. Hoje mesmo fui obrigado a bater uma em tributo a ela.

Fico um pouco mais atento quando Ryan é convidado a subir e falar do seu projeto de bibliotecas carentes, organizado por ele e um grupo de professores, para levar cultura a pessoas de baixa renda.

O desgraçado está todo envaidecido, ele já entrou com essa expressão e eu tenho quase certeza de que ele está assim por ter uma das mulheres mais belas da noite. Cerro meus punhos por baixo da mesa. Se eu ainda fosse aquele cara de sete anos atrás, se ainda fosse o Big Tyler, Ryan estaria agora com o nariz quebrado e eu sairia porta afora puxando Marianne.

Depois de um discurso elaborado, ele é ovacionado e volta para seu lugar. Quando tudo foi finalizado, o jantar foi servido.

Está delicioso, modéstia à parte, a equipe da cozinha do meu hotel é muito foda. E isso me enche de orgulho.

— Deixa de ser sem educação, seu brutamontes. — Jill cutuca Larry. Para tirá-los de uma possível discussão, eu saio do meu devaneio e olho para eles. Então os conduzo a uma conversa agradável, falo sobre manias de algumas pacientes, sem citar nomes é claro, falo sobre minhas aventuras em outros países e até mesmo do meu passado, arrancando risos dos dois. Jill apenas me olha com curiosidade, parecendo meio fascinada.

— Algum problema? — pergunto.

— Não. Apenas estou vendo como você fica à vontade com pessoas que o conhecem bem. Pessoas que fazem parte de sua vida.

— Sim. Vocês fazem parte da minha vida.  
— Concordo. — Isso não quer dizer que pretendo voltar a ter a mesma vida de antes.

Os lábios de Jill se transformam em uma fina linha e responde com um murmúrio.

— Sei que não...

— Então agora compreende?

— Compreendo. Só não concordo. Sei que é um desperdício.

— E talvez seja um desperdício um cara não investir em negócios tão grandiosos. — Mostro o

NACIONAIS - ACHERON

ambiente em volta. — Sempre há tempo de mudar, Jill. Acho que enxerguei isso cedo ainda.

— Bom para você, amigo — disse Larry, bem-humorado. — Mas vai ser pior ainda por não poder mais foder à vontade depois que se transformar em um cara idiota desses aqui presente.

— Não diga besteira. Não vou me transformar em um monge. Serei apenas um homem de negócios. Terei tempo para mulheres.

— É bom ouvir isso.

Olho para cima e Beatrice sorri para mim.

— Posso me sentar? — pergunta, sorridente.

*Inferno. Não! Essa noite não vai terminar bem, Jill não gosta muito de Beatrice e Marianne está no mesmo ambiente que esse bando de prevaricadores.*

— Claro, fique à vontade. — Nelson responde mais rápido do que o normal. Ele passa um olhar guloso pelo corpo de Beatrice. Acho que ela nem percebe.

Beatrice sorri para eles e vira-se para Jill.

— Oi, Jill! Que surpresa encontrá-la aqui.

— Pois é. Talvez seja porque Sawyer está



aqui. — As duas se fuzilaram com olhares, mas não estou interessado em duelo de duas mulheres. Nem quero saber por que estão se estranhando. Ok, sejamos realistas, eu sei muito bem o motivo daquilo. Jill foi minha parceira durante anos e a única a conseguir se infiltrar em minha vida. Beatrice foi minha primeira paciente e, mesmo tendo se casado, ainda mantém uma obsessão por mim. Quando me resgatou, ela queria que eu fosse seu namorado, mas eu estava acostumado a uma vida de prevaricações e recusei. Desde então Beatrice não se afastou.

Estamos agora em um momento da festa, em que todos já jantaram e estão circulando. Alguns dançam um pouco mais em um salão conjugado. Estou em alerta total, como um rato no meio de muitos gatos. Marianne não pode me ver.

Meus dois parceiros à mesa conversam algo baixinho enquanto Jill e Beatrice apenas olham. Pouco depois, consigo mergulhar todos em uma boa conversa em grupo. Meu dever aqui é mantê-los entretidos, sem brigas.

Um garçom vem e tira todos os pratos. Pedimos mais bebidas e ele se afasta. Continuamos

a conversa até que Nelson e Larry olham ao mesmo tempo para alguém que parece estar atrás de mim. As duas mulheres também viram para olhar, pois eles pararam de conversar. Eu também olho e gelo. Todo meu medo se tornou realidade. Meu coração perde o compasso.

— Uau! — Larry assovia quando Marianne se aproxima da mesa.

— Oi. — Ela cumprimenta sorrindo para todos e volta-se para mim. Mesmo caindo no inferno, eu estou gelado, o impasse que invade meu peito quase me leva a um infarto.

Se eu apresentar Marianne como minha paciente, todos ali saberão o que de fato faço com ela, e Beatrice pode aproveitar para soltar algum veneno. Então só tem um jeito. Para protegê-la dessas pessoas, terei que atuar como fiz em muitos momentos em minha vida. Interiormente peço desculpa a ela.

— Soube agora do hotel — diz em meio a um sorriso, um lindo e estonteante sorriso. Ah, é verdade. Ela estava viajando quando o hotel foi inaugurado. Não sabia ainda que sou o dono. Ela está apreensiva e parece nervosa, vejo um brilho de

constrangimento nos olhos dela. Marianne olha rápido para todos mais uma vez, para um pouco em Jill e só então volta-se para mim. — Eu o vi e resolvi dar um oi.

Cacete! Eu tinha dúvidas sobre se ela voltaria a falar comigo depois da nossa última noite, tinha dúvidas sobre se ela sorriria para mim mais uma vez. E aqui está a resposta. Marianne não ficou com raiva, Candice não conseguiu mudar nada. Mas eu vou ferrar com tudo.

Ela fica cada vez mais aflita conforme o tempo passa e eu não digo nada apenas a encaro. Os olhos dourados têm um brilho diferente e esses olhos me imploram para que eu diga algo, que responda ao cumprimento dela. De perto ela está muito mais deslumbrante. Eu preciso me segurar para não abraçá-la.

— Não vai apresentar sua amiga, querido?  
— pergunta Jill, segurando meu braço.

Pronto. O mundo caiu na minha cabeça. Os olhos de Marianne se tornam opacos e ela olha para mim e depois para Jill. O constrangimento triplicou e o rosto dela automaticamente ficou pálido.

*Merda, merda! Inferno! Cacete.*

*Não seja cretino com ela, não seja cretino com ela.* — Eu imploro a mim mesmo.

— Eu acho que não me lembro dela.

*Pronto. Fui um cafajeste.*

Essas palavras saem da minha boca com tanta firmeza que Marianne quase cai desmaiada no chão. Os lábios dela se abrem como se fosse dizer alguma coisa, ela lança um rápido olhar a todos que estão fixamente olhando para ela. Estou me sentindo um lixo, um canalha que merece uma surra. Quero abraçá-la e levá-la para longe, mas não o faço.

— Sempre é tempo de se conhecer — diz Larry.

— Por que não se senta conosco doçura? Podemos te dar atenção. — Nelson completa. Eu tive vontade de subir na mesa e bater no rosto dos dois. Mas também não fiz. Além do mais, eu estou mais ocupado, encarando Marianne, nossos olhos fixos, os dela se tornando duas pedras de gelo.

— Você tem razão — diz ela, enfim. — Desculpe-me por importuná-los — diz a todos, mantendo a elegância. Depois olha para mim. — Desculpa, senhor. Eu me enganei, não o conheço

mesmo. — Ela sai rápido, caminhando elegante com o vestido lhe cobrindo os pés e os quadris balançando em uma dança sensual. Sei que não adiantará muito eu tentar me desculpar mais tarde e certamente ela não aparecerá amanhã.

*Será que alguém pode me dar um tiro de misericórdia?*

# QUARENTA E DOIS

## SAWYER – PARTE 02

— Você é um tolo, Sawyer. Não percebeu que ela estava dando uma cantada em você? Claro que uma linda e refinada mulher como essa não te conhece, mas estava a fim. — Nelson ralha comigo.

— Acho que é a namoradinha de um dos organizadores — afirma Beatrice.

Larry se levanta.

— Vou dar uma volta para ver se consigo falar com ela.

Tremo todo de ódio.

— Larry. — Chamei-o, mas ele não me ouve.

— Se Larry vai, eu também estou a caminho. — Nelson se levanta.

Eu vejo os dois se afastarem, passos firmes em direção ao outro salão onde Marianne tinha ido. O leão preso dentro de mim quer sair correndo e atacar os dois. Volto-me para Jill e Beatrice.

— Você está mudando mesmo, hein? — diz Jill, sorrindo. — Fosse outra época, você diria que conhecia a moça só para levá-la para cama.

*Ah, Jill! Vá se foder. Que raiva!*

Assim que consigo me livrar de Beatrice e Jill, ando apressado por entre as pessoas à procura de uma específica. Se um dos rapazes encontrou Marianne e falou alguma coisa de mim... Não, eles não seriam loucos. E também sei que é uma busca inútil. Marianne já deve ter ido embora. Provavelmente estaria contando tudo a Candice agora. E a amiga dizendo: *eu avisei!*

Esse pensamento logo sumiu da minha mente.

Avisto-a em uma roda de pessoas, junto com Ryan. Ela está com a expressão fechada. Os olhos baixos. Não parece à vontade na conversa que se desenrola. Caminho devagar e fico parado a uma distância segura. Pouco depois, como se sentisse que está sendo observada, ela levanta os

olhos e olha para mim. Os lábios dela torcem levemente, o ódio dançando explícito em seus olhos. Ainda olhando para ela, pego meu celular e rapidamente digito uma mensagem.

*"Quero conversar com você,  
siga-me, por favor."*

Envio e fico esperando. Ela abre a carteira de mão e pega o celular. Lê e digita alguma coisa. Nem espero meu celular vibrar. Aperto em ler.

*"Eu me pergunto por que deveria seguir um desconhecido."*

Droga. Eu me seguro para não ir até lá e arrastá-la pelo salão. Ela tem que me ouvir, na verdade nem sei o que irei falar, mas tenho que me explicar, eu passei todos esses dias relembrando nossos momentos em meu apartamento, esperando com paciência o dia que poderíamos nos encontrar novamente. E agora não vou deixar tudo se perder por causa de uma idiotice minha. Aperto em responder e digito.



*"Por favor, Marianne,  
não me faça ir até aí me apresentar a  
Ryan."*

Ela lê minha mensagem e não responde. Olha para mim transmitindo mais raiva do que antes. Eu fico parado no mesmo lugar olhando fixamente para ela. Guarda o celular na bolsa, fala algo no ouvido de Ryan e afasta-se sem olhar para mim. Odeio estar chantageando-a, mas tenho que fazer isso para tentar me explicar. Quando ela se afasta o bastante, eu olho para os lados e ando depressa. Consigo acompanhá-la antes de chegar ao outro salão. Seguro em seu braço.

— Por aqui — digo levando-a por um corredor. Ela não diz nada, apenas continua caminhando ao meu lado. Nossos passos rápidos e o barulho seco dos sapatos são a única coisa que se ouve. A festa fica para trás, abro uma porta e entramos. Estamos no meu escritório.

Marianne entra olhando tudo ao redor. Eu fecho a porta e fico parado obstruindo a passagem, ela não poderá sair correndo a não ser que aceite

me enfrentar. Espero ela olhar tudo e virar-se para me encarar. Seus olhos não pedem uma explicação, apenas me olha com desprezo. Isso me machuca profundamente. Tudo menos o desprezo de Marianne.

— Sei que sou um idiota, me desculpa, por favor.

— Desculpar pelo quê? — Ela dá de ombros se mostrando mais indiferente ainda. — Por ter expulsado uma mulher que é uma ameaça ao seu namoro? Eu faria o mesmo.

— Não tem nada a ver com isso, eu...

— Pare, Graham. Não temos nada. Não precisa mesmo me dar explicações. — Ela está bem séria e eu fico gelado. — Eu compreendo muito bem. — Os lábios dela se enrijecem e Marianne dá um passo à frente adotando uma pose agressiva. — Só queria que soubesse que eu tenho respeito por mim mesma e jamais, ouviu, jamais iria me apresentar como sua paciente aos seus amigos e namorada. Se esse foi seu medo, foi infundado. Eu tenho honra, fui apenas parabenizar você pelo hotel, jamais poderia imaginar que esse lugar é seu, e segundo, eu diria apenas que era a designer que

redecorou seu consultório.

Cacete! As palavras me atingem como um soco. Eu sinto a porra de um calafrio e um arrependimento me apunhalando quando ouço isso. Consegui magoar de verdade a pessoa que eu menos queria. Como eu não pensei nisso antes? Eu mesmo poderia ter pensado nisso, poderia tê-la apresentado como a designer que redecorou meu consultório. Seria tão honroso para ela e para mim.

— Desculpa. Eu achei que...

— Meu Deus! Eu não preciso ser humilhada para saber meu lugar. Mas a tola aqui achou que poderíamos ao menos ser amigos, conhecidos, talvez. Mas como eu pude esquecer uma das regras? Nada de contato fora do consultório.

— Não diga isso. Por favor, eu nunca...

— Eu não quero ouvir, Sawyer. — Ela me interrompe com hostilidade. — Agora, por favor, deixe-me passar.

— Não — digo, resolvido. Ela não vai sair daqui tão cedo, não antes de estarmos acertados.

— Não?

Os lábios dela tremeram, o corpo estava visivelmente exasperado. Penso que se Marianne

NACIONAIS - ACHERON

tivesse algum poder, ela me queimaria vivo com esses olhos inflamados.

— Eu fiz de propósito, quis proteger você.

— Me proteger? — Ela quase gritou com um sorriso de descrença nos lábios.

— Sim, droga! Eles sabem o que eu faço com as pacientes e fiquei com medo de você dizer que era uma paciente minha, mas não por causa de outra pessoa, por sua causa. Eles saberiam o que eu faço com você, fariam chacota, por favor, Marianne acredite em mim. A humilhação seria pior.

— Isso não importa mais, Graham, se eu acredito ou não em você. Eu já estou mesmo querendo terminar com isso.

— O que... — Meu peito aperta de medo do que ela está prestes a falar.

— Essa viagem que fiz apenas abriu mais meus olhos para a vida.

— Está dando pra trás de novo? — Eu franzo minha sobrancelha ao limite.

— Sim, estou. Então, já que está sabendo nem precisa me esperar amanhã. Não irei.

— Você me prometeu — disse, revoltado.

— Eu disse que ia pensar e pensei. A resposta é não. O que estamos fazendo, Sawyer? Você mesmo disse que tem aversão à família. Me deixe seguir minha vida. Eu não serei sua amante. — Ela arrisca alguns passos para sair, mas eu estou bem perto da porta.

Marianne para olhando para mim e para a maçaneta atrás das minhas costas. Eu noto a aflição latente dela. É inútil Marianne ou qualquer outra tentar esconder qualquer sentimento de mim.

— Mandarei o cheque para você ou depositarei em sua conta... — A voz dela estava mais calma e uma cor rosada tinha tomado seu rosto. Mas o olhar ainda fixo na porta.

— Não quero a merda de um cheque. Estou querendo que você cumpra sua palavra! — digo, alto e áspero. Ela não mostra indício de apreensão, apenas me encara. Ela parece pensar um pouco, é incrível ver que a mente dela está em carga máxima, isso é perceptível por causa dos movimentos no rosto, desde a rigidez do maxilar e a mordida nos lábios até o brilho nos olhos. Ela volta a me encarar de modo compenetrado.

— Aconteceram coisas na viagem Sawyer.

Coisas que me fizeram repensar os meus atos. Entenda-me, por favor. Eu desculpo você por ter me humilhado diante de seus amigos, mas não haverá nada mais que isso.

— Dormiu com ele? — A pergunta saiu à força entre meus dentes trincados. Esse deve ter sido o motivo de ela estar tão confiante para me abandonar. Só o pensamento de que aquele desgraçado encostou a mão nela me deixa pirado de ódio.

— Isso não é mais da sua conta.

Apesar de estar calma, demonstrou hostilidade em sua voz e a força do meu ciúme estourou dentro de mim.

— Marianne! — Dou um passo na direção dela, que se afasta. Eu continuo avançando e ela chega para trás até bater em uma mesa. Coloca as mãos para a frente para me manter longe, mas eu seguro facilmente os braços dela e os abaixo. — Eu não quero seu dinheiro, muito menos que aceite minhas desculpas. — Aproximo meu rosto do dela, nossos lábios ficam bem perto. — Quero que cumpra sua palavra e apareça amanhã. E então você vai me contar tudo sobre sua viagem, pois, no meu

consultório, sua vida é sim da minha conta.

— Você é tão idiota, Graham. Eu sinto pena. — Os lábios dela repuxam gracejando, debochando de mim.

— Não sinta, querida. — Acaricio o rosto dela. — Amanhã farei você sentir muito mais. Eu não sei o que o seu namorado disse sobre sua roupa, mas eu adorei pra cacete. Esse vestido, além de ter me deixado puto por chamar atenção dos caras, me deixa também de pau duro e você sabe como eu gosto de aliviar todo meu tesão reprimido. — Minha boca percorre o pescoço dela, chupo com força seu queixo sem parar de sussurrar, com a mão na bunda dela. — Estava com muita saudade de você, Mary. Se eu não segurasse essa bunda ainda essa noite, eu não dormiria em paz. — Marianne aperta meus braços. — Você não tem ideia de como ficou gostosa nessa roupa e não consigo pensar em nada mais a não ser estar com você, quero ouvir você rindo, quero beijar, chupar e morder cada pedacinho do seu corpo. — Para selar o que eu tinha acabado de dizer encosto meus lábios nos dela. Minha língua passa bem superficialmente no cantinho, em seguida no lábio inferior. Marianne amolece, perde o fôlego em

NACIONAIS - ACHERON

meus braços e fecha os olhos. Eu não a beijo.

— Se quiser saber o que vai acontecer em seguida, compareça ao nosso compromisso amanhã. — Sussurro contra os lábios dela, minha mão ainda acariciando bem devagar seu seio.

— Seu filho da mãe. — Ela me empurra e eu a solto. Marianne anda trôpega. — Eu não vou a lugar algum. Não quer que eu cumpra minha palavra? Pois fique com essa: Não irei! Espere sentado! — Ela grita com uma ira estampada no rosto inteiro. Anda depressa e eu não consigo alcançá-la antes de sair. Começamos uma perseguição sem correr. Ela anda rápido e eu a seu encalço, não posso deixar que chegue ao salão ou não terei chance de continuar minha persuasão.

Marianne olha para trás e me vê aproximando rápido, dá passadas apressadas e largas e alcança o salão. Nós dois chegamos quase juntos. Eu consigo segurá-la, mas ela acena aflita para Ryan.

— Por favor, você precisa me... — Eu a puxo, revoltado, demonstro isso tanto na voz como em meus dedos que seguram firmemente o pulso dela.



— Me larga. — Ela puxa o braço. Eu me afasto porque vejo que Ryan vem a nosso encontro. Olho indignado para ela e depois encaro o homem que se aproxima mais e mais.

— Minha linda, procurei você por todo lado. Disse que ia ao toalete.

Marianne sai de perto de mim e enlaça a cintura de Ryan. O casal fica de frente para mim, ela com um sorriso cínico nos lábios pois está protegida agora.

— Encontrei uma pessoa — diz, sorrindo para o namorado, mostrando cumplicidade. — O dono do hotel.

Isso me afeta mais do que eu gostaria. Deveria estar irritado com ela, mas, na verdade, quero amassar a cara dele com meu punho.

— Dr. Graham, esse é Ryan, meu namorado. — Ela apresenta e ele estende a mão para mim.

— Parabéns pelo hotel, está perfeito. — Ryan elogia, sorridente.

— Obrigado. — respondo com secura. Não sorrio para nenhum dos dois. Marianne me encara descaradamente, com *vitória* escrita em letras NACIONAIS - ACHERON

garrafais nos olhos.

— Ryan, o Dr. Graham estava de saída. Vamos deixá-lo em paz, além do mais estou louca para ir embora. — Ela fala e massageia o ombro dele. Quase avanço e a puxo para mim, respiro bem fundo para controlar a minha loucura.

*Ela não é nada sua, Graham, se acalme.*

Tivemos um rápido duelo de olhares. Mesmo ela não sendo minha, sinto um desgosto do cacete vendo o braço possessivo de Ryan na cintura dela.

— Claro. — Ryan assente, puxando Marianne para mais perto dele.

Meu Deus! Quero cortar o braço dele fora.

— Até mais. — Eu me despeço. Fui forçado a sair. Bom para eu aprender a nunca mais humilhar as pessoas. Tenho vontade de ir até lá, puxar Marianne e falar: *"Escuta aqui, cara, ela e eu estamos transando e, a partir de hoje, ela não vai te ver mais. Será minha mulher."* Mas apenas fico olhando o povo bem vestido e volto para o escritório. Não posso fazer isso, porque não posso firmar um relacionamento sério com ela. Se eu ao menos expulsasse Amanda de vez da minha vida...

PERIGOSAS

Agora é remoer e torcer para me encontrar  
com Marianne novamente.

NACIONAIS - ACHERON

# QUARENTA E TRÊS

## MARIANNE

Cheguei em casa com os pés doloridos pelos saltos. As costas doíam e a mente fervilhava por causa de um cafajeste que não merece nem um pinga de consideração, nem que eu remova a catástrofe que foi essa noite. Sawyer merece o mármore do inferno. Foi maldoso, petulante. Não consigo tirar da mente aquele olhar indiferente que ele deu quando me aproximei da mesa. E ainda me pergunto a todo instante: por que diabos eu fui até a mesa dele cumprimentá-lo? Sou uma tola mesmo. Jesus! Ele ainda está namorando, mentiu para mim. Recosto na porta e não posso nem deslizar para sentar no chão. Esse vestido foi caro e não vou arriscar danificá-lo.

NACIONAIS - ACHERON

Graças a Deus, Ryan nem fez menção de descer do carro quando chegamos aqui, apenas me deu um beijinho, esperou eu descer do carro e foi embora. Isso está muito estranho, desde quando um homem não quer sexo com a namorada? Ainda mais quando estamos noivos e tínhamos feito amor apenas uma vez. Depois disso, ele não tocou mais no assunto, sem insinuações, nada de autoconvites para ficar aqui comigo, nem mesmo beijos mais sensuais. Ele mal toca em mim. Ok, como ele diz, também não ligo. Certeza que ele me trai, mas não me importo, afinal eu não o amo.

Subo as escadas com os sapatos nas mãos segurando a barra do vestido. Chego ao meu quarto e, dessa vez, tenho a decência de tirar a roupa, penduro-a no meu closet para não amassar e vou tomar um banho. Enrolo o cabelo debaixo de uma touca plástica e entro no chuveiro.

Enquanto a água morna cai lavando meu corpo, eu tento afastar dedos ousados, imaginários da minha pele molhada. Despejo sabonete líquido na esponja e as lembranças vêm como um tufão em minha mente, as mãos grandes e ágeis de Sawyer percorrem todo meu corpo em um banho excitante. Com minhas mãos ensaboadas, eu faço os mesmos

NACIONAIS - ACHERON

contornos, tão lento, tão excitante. Fecho os olhos entrando de cabeça na minha primeira fantasia. Por sorte ou azar, eu tenho em algum lugar dentro de mim, uma versão pudica e quase freira de mim mesma. Abro os olhos no mesmo momento chocada com minha perversão.

*Marianne, pamonha. Ele humilhou você. Para de pensar em ousadia!*

Decido não fazer essas carícias sensuais, ainda mais pensando naquele cachorro. Desligo o chuveiro com raiva, acho que devo tê-lo danificado tamanha foi minha brusquidão. Pego o roupão, visto e fico me olhando em frente ao espelho. Olhos azuis, cabelos longos e loiros, lábios carnudos e seios volumosos. Essas são as características da namorada de Sawyer. Eu sou quilometricamente diferente.

No espelho, uma garota de olhos cor de âmbar, cabelos castanhos lama não muito compridos e seios normais me encara. Eu sempre me achei bonita, gosto do meu corpo, amo meu cabelo, mas depois de hoje... me acho muito melhor. Aquela namorada dele tem cara de atriz pornô. Meninas, vocês viram aquela boca de chupar

rola? Sem discriminação, mas eu vi.

Depois de sair do banho, com a cabeça cheia de pessimismo, desço para beber água e ir ver onde Alice se meteu.

Ela não está no quarto. Com certeza tinha saído mais uma vez com o tal namoradinho novo. Amanhã mesmo eu terei uma conversa com ela. Não posso deixar ela com a rédea solta. Alice é mais nova que eu além de ser minha funcionária. É minha obrigação saber sobre a vida dela, ainda mais algo tão básico como namoro.

Vou para a cozinha e vejo o bilhete na geladeira avisando que ela talvez não durma em casa mais uma vez.

Pego uma caixinha de suco e o despejo em um copo, vou para a sala e pego o telefone. Não posso dormir sem saber se minha irmã está bem.

No quarto toque, Alice atende.

— Onde você está? — pergunto de imediato.

— Mary, eu deixei um bilhete...

— Sim, eu vi. Estou querendo saber onde você está.

Dou um gole no suco.

— Eu estou jantando com uma pessoa, Mary, mais tarde eu chego.

— Jantando a essa hora, Alice? Você trabalha amanhã, lembre-se disso.

— Sim, e graças a Deus minha chefe é minha irmã.

— Não pense que não posso demitir você. Divirta-se, vou dormir.

— Tchau.

Eu desligo e vou para meu quarto com o copo de suco. Deixo a luz do pequeno *hall* acesa para Alice não tropeçar quando chegar.

No quarto, coloco o celular para despertar e sento na cama com meu *Ipad*. No dia seguinte, tenho que visitar um apartamento para ver como andam as obras. O andar de cima já está pronto, só estou esperando os donos decidirem sobre o design da cozinha.

Eu agradeço aos céus e a Alice por ter marcado esse horário, ainda bem que não desmarquei na quarta quando estive com Graham. Essa visita à obra no apartamento será uma boa maneira de escapar de possíveis ataques de Sawyer

NACIONAIS - ACHERON



no meu escritório.

Nunca dormi tão bem. Estou realizada. Quando a gente toma decisões sobre a vida, tudo parece ficar mais tranquilo. Apesar das várias coisas que tinham acontecido e do meu desejo latente por um homem impossível, eu dormi bem. Não vou ficar chorando desesperada pelo que eu não posso ter. Jamais.

Na manhã seguinte, não vou ao escritório. Alice já tinha levantado e está na cozinha, mas também não tomarei café. Peço a ela para ir e resolver as principais pendências para mim e corro praticamente fugindo para algum lugar que eu não fazia ideia de onde seria. No caminho, paro em uma cafeteria e compro café e bolinhos de queijo. Dirijo para a região sul da cidade, o trânsito flui tranquilo àquela hora e eu sou uma motorista cuidadosa, não há perigo.

Chego ao local onde meu cliente já me espera. Desço do carro, com os sapatos altos nas mãos. Eu os calço, pego minha bolsa e me identifico na portaria do prédio.

— A senhorita já está sendo esperada. — O

homem com cara de professor de ensino médio atrás do balcão diz isso sorrindo. Subo e sou bem recebida pelo casal recém-casado que tinha solicitado meus serviços. Eles são muito indecisos, estamos trabalhando há quase três meses e acabei o andar de cima só na semana passada.

A cozinha é nosso principal foco. A jovem esposa quer um balcão de café da manhã de cinco lugares e todo o armário planejado de aço inoxidável. Já entreguei a eles inúmeros portfólios de cozinhas e finalmente uma foi escolhida.

O problema é que, para comportar um balcão grande e ainda uma copa, é necessário expandir o cômodo e para fazer isso seria necessário quebrar parte da sala de jantar.

— Poderíamos fazer uma sala de jantar conjugada com a de estar. — Eu dei a sugestão. — Ou poderíamos usar o próprio balcão de cinco lugares para separar a cozinha da sala de jantar, uma típica cozinha americana. Ficaria mais econômico e não teríamos a cozinha excluída, quem estivesse na sala poderia ver quem está na cozinha.

— É uma boa ideia. — O marido

concordou.

— Não posso deixar que minhas visitas vejam minha cozinha. — A mulher argumentou.

— Podíamos então separar a sala de estar. Venham. — Eu os levo de volta a sala. — Veja como os três cômodos estão separados. Quebrarei a parede que separa a sala de jantar da cozinha, sem precisar tomar parte da outra sala ou da área de serviço. E para as suas visitas não verem a cozinha e sala conjugados, posso manter essa parede e colocar uma porta francesa.

— Acho perfeito, amor — diz o homem e esperamos a resposta da mulher. Ela olha ao redor como se tentasse imaginar minha ideia concretizada na casa dela. Meu celular toca.

— Me deem um minutinho. Pensem no assunto enquanto isso.

— Claro. — Eles dois assentiram e eu me afasto para atender meu telefone.

Já sei quem é. Ajeito os cabelos em um tique nervoso, respiro fundo e aperto a teclinha verde.

— Já são nove horas. Estou no consultório esperando por você. — A voz grave e impaciente

NACIONAIS - ACHERON

soa do outro lado.

— Estou trabalhando, Graham. Não vou encontrar você, já disse.

— Você não está trabalhando, acabei de ligar para seu escritório.

— O quê? O que pensa que está fazendo? Eu já disse que não. Aceite. Não vou mais compactuar com essa loucura. Acabou. Já deu.

Ele fica calado. Acho que está absorvendo o que eu tinha dito. Achei que ele fosse dizer que estava tudo bem e desligar, mas ainda posso ouvir a respiração maquiavélica dele.

— Você quer, Marianne. Quem acha que engana?

— Nem tudo que queremos é possível, Sawyer.

— Mas isso é possível. Estou esperando você. Se não aparecer, eu farei mais que ligar para seu escritório. Talvez eu dê uma passadinha lá.

— Por que está agindo assim? Sua namorada sabe que você anda me cercando e ameaçando?

— Eu estou te cercando? Estou apenas

tentando ajudar uma amiga a resolver os problemas. — Ele entoa uma voz falsamente séria, revelando um tom de deboche por trás.

— Nossa, fico sem fala com seu altruísmo exacerbado.

— Você não tem ideia do que em mim está exacerbado. — A voz rouca denota sensualidade. Engulo em seco. Não vou dar chance de ele começar a insinuar ousadias no meu ouvido.

Eu não respondo à altura porque meus clientes estão olhando para mim.

— Sawyer, eu estou trabalhando. É uma visita na casa de um cliente. Posso ligar mais tarde?

— Não, não pode. Quero que converse comigo pessoalmente. Diga tudo que tem para me dizer na minha cara.

— Nunca achei que alguém pudesse gostar de ser insultado, pois isso será tudo que terei para falar.

— Vou adorar ser insultado, agora venha fazer isso na minha frente.

Ele desliga e eu fico parada com o telefone no ouvido ouvindo o silêncio. Sorrio para o casal e guardo o celular na bolsa.

— Problemas? — pergunta a mulher.

— Homens. — Eu gesticulo sorridente e muito sem graça.

— São todos iguais. — Ela confidencia. — Mas não podemos viver sem os benditos.

— Falou tudo. — Eu concordo.

Depois de ter saído do apartamento do casal, ligo para Alice dizendo que eu posso me atrasar e vou precisar que ela segure as pontas. Indignada e sem fala, recebo o recado dela de que meu terapeuta tinha me ligado.

Dirijo até o consultório de Sawyer. Não estou cedendo as chantagens dele, preciso mesmo ir, conversar e acabar de vez com isso tudo. Sem falar que não quero Sawyer zanzando pelo meu escritório. Rio por dentro imaginando a cena, o riso acabou saindo e se tornando real nos meus lábios.

Quando o carro para em um sinal, eu olho meu visual no espelho. Não gosto muito de batons. Quando uso, opto pelos mais claros. Não estou tão mal. Sorrio, olho os dentes e em seguida piso no acelerador.

Entro no estacionamento, paro em uma vaga disponível e caminho equilibrando meus nervos em  
NACIONAIS - ACHERON

um salto alto. A cada passo que me aproxima de encontrar Sawyer, eu fraquejo mais. Porém, não paro de andar, bem lá no âmago, eu quero vê-lo novamente. Não sei por que essa mania de querer me encontrar com Sawyer. Ele me humilhou, mentiu para mim sobre não estar mais namorando e eu ainda continuo completamente atraída por ele.

Identifiquei-me no interfone e logo a porta foi aberta. Subo o elevador apreensiva, nunca tinha me sentido tão aflita. Talvez em alguma prova da faculdade ou quando eu fui tingir meus cabelos e, no último momento, recuei.

As portas do elevador se abrem e claro que ele está me esperando parado perto do elevador, muito bem vestido. Está com uma camisa com as mangas dobradas exibindo um luxuoso relógio no pulso, uma calça social escura, definindo perfeitamente as pernas e os cabelos bem penteados.

— Achei mesmo que você viria. — Sawyer sorri e estende a mão para mim. Eu reluto um pouco, mas estendo minha mão e toco a dele. O toque como eu previa foi devastador para meu corpo. É como se cada célula do meu corpo

estivesse reconhecendo uma parte minha perdida. Ele me leva para seu consultório, fecha a porta sem largar minha mão. Depois inclina e me dá um beijinho nos lábios.

— Sente-se. — Ele indica a cadeira de frente para a mesa dele. Eu me sento e Sawyer senta-se à minha frente.

— Quer começar a falar? — Ele pergunta. Está agindo como se nada tivesse acontecido ontem à noite. A voz calma e até acentuada para o tom "terapeuta".

— Você se lembra de ontem, não é? — pergunto apenas para ter certeza. Talvez ele tenha batido a cabeça ou feito uma lavagem cerebral. Quem sabe?

— Lembro, Marianne, mas achei que já tivéssemos conversado sobre o que aconteceu.

— Não. Não conversamos. Você me manipulou e aqui estou. Mas eu não engoli nada do que aconteceu.

— Marianne, quem vive de passado é museu. Para que guardar rancor? Eu já me desculpei, vamos seguir em frente.

Eu fico algum tempo pensando. O que ele  
NACIONAIS - ACHERON



tinha dito ontem à noite, a explicação, fazia sentido. Mas a raiva me consome por eu ser tão tola. Como um homem me humilha daquele jeito e não meto a mão na cara dele? Ao contrário, quero é voar para cima dele e beijá-lo até meus lábios adormecerem.

— Tudo bem. Você tem razão — digo e ele sorri. Mas não por muito tempo. Não terminei de falar ainda. — Sabe, Sawyer, não fique achando que eu estou aqui por que me chantageou. Eu tinha que vir para terminar com isso formalmente. É sério quando eu digo que não dá mais para continuar. Eu posso pagar o valor de quebra de contrato.

Ele inquieta-se visivelmente.

— Provavelmente você tem um motivo consistente para deixar as sessões. Conseguiu dormir com Ryan? Teve um orgasmo com ele?

Fixo meu olhar nos nervos enrijecidos no maxilar dele. Está irritado? Apesar da voz ter saído com uma pitadinha de ironia. Isso tudo só por eu supostamente ter dormido com meu namorado? Não é para isso que ele está me preparando?

— Não é para isso que você está me preparando? Para dormir com ele?

— Então não precisa mais dos meus serviços? — pergunta, mais irritado do que antes.

— Isso. Não preciso mais dos seus serviços — digo, firme, como se fosse a encarnação de Angelina Jolie atuando. Minhas "*eu mesma*" interiores batem palmas para minha atuação. Elas estão vestidas de gala para a ocasião em que vou dar um fora definitivo em Sawyer Graham.

Eu não vou contar para ele que quero terminar com Ryan e seguir minha vida sozinha por enquanto para pensar em mim mesma. Por isso, decido enrolar:

— Aconteceu algo muito mais profundo do que dormir com ele. Ryan me pediu em casamento diante de todos meus amigos, vamos nos casar em breve e eu não vou transar com nenhum outro homem, sob nenhuma circunstância. Não. Vou. Trair. Meu. Noivo. Entendeu ou quer que eu desenhe? — Dou a cartada final (assim espero). Sawyer me analisa com o pescoço meio de lado e os olhos semicerrados.

Ele fica me encarando com aqueles olhos verdes cheios de sentimentos indecifráveis, os

lábios em uma linha fina, parecendo indignado. Não sei por que ele pode ficar indignado por eu estar tentando seguir em frente, mesmo estando todos os dias no meu pensamento, marcado a ferro na minha pele, eu tenho que tentar seguir em frente. Graham era algo inalcançável, como o mar. Delicioso, mas a gente não pode tê-lo sozinha para sempre. O mar é de todos e muito tempo dentro dele acaba deixando você com a pele enrugada.

— Isso não muda muita coisa — diz ele. A voz está muito controlada, mas é artificial, não uma voz rouca e calma natural. Essas atitudes dele já estão me dando nos nervos.

— Muda sim.

— Você ficou contente com o pedido?

— Eu...

— Sinceridade, Marianne.

— Fiquei surpresa. Todos nós ficamos surpresos. Mas não muda o fato de que estou noiva.

— Ergo minha mão e mostro o anel oficial que Ryan me deu ontem antes de irmos para o baile. É até bonitinho. Sawyer olha com asco para meu anel e não esboça nenhum sentimento positivo. Isso é muito estranho.

— Então não é algo que esperava?

— Não porque nosso relacionamento está meio abalado. Ryan não se importa mais se vai ou não transar comigo. Desde o dia que dormimos juntos, ele não se interessa mais por mim e então... m e pede em casamento do nada, fazendo uma proposta romântica diante de todos.

— Acha que ele pode ter sofrido alguma influência?

Eu fico me perguntando como eu pude me abrir tão rápido para ele revelando algo sobre meu relacionamento com Ryan. É sempre assim com Sawyer, eu simplesmente vou falando tudo o que penso. Quero dizer, quase tudo. Não posso confessar o que sinto de verdade para ele.

— Sim.

Já que eu tinha começado, terminarei.

Ele se levanta, anda um pouco e se recosta na mesa bem perto de mim. Agora estou sentada quase de frente para o pau dele.

— Candice de novo?

Eu abaixo a cabeça. Não digo nada, mas ele soube a resposta. Levanto o rosto novamente e Sawyer está lívido, agora a raiva em seus olhos é  
NACIONAIS - ACHERON

nítida. Os lábios em uma fina linha, sobrancelhas abaixadas e maxilar rígido.

— Ela me contou que... há dois anos se envolveu demais com você. Candice me conhece mais que eu mesma e sabe que eu não posso continuar encontrando você.

— E o que você quer, Marianne?

— Eu não posso continuar.

— O que você quer, Marianne? — Ele torna a perguntar denotando impaciência na voz. Seu cabelo já está todo assanhado de tanto que ele passa a mão.

— Sawyer, eu já disse hoje mais cedo. Nem tudo que a gente quer é possível.

Olho chorosa para ele. Odeio que me oprimam. Eu fico assim: recuada e desesperada. Eu não quero que ele me faça mudar de ideia. Minha lógica diz para eu ir embora, que esse homem vai me machucar cada dia mais e eu simplesmente não consigo mover do lugar.

— Eu estou aqui, você está na minha frente. Como não é possível?

— Porque eu não quero me envolver com um cara vazio, não quero que meu tolo coração

NACIONAIS - ACHERON

ache que nós dois temos algo mais que isso daqui. — Faço um gesto mostrando ele e eu. — Quando acabar os encontros, você seguirá tranquilamente para uma nova paciente e depois terá milhares à sua espera, mas eu não sou assim. Compreenda quando digo que não posso mais continuar com isso. — Imploro, meio gaguejando.

O silêncio dura duas eternidades. Nem consigo olhar nos olhos dele.

— Eu compreendo, Marianne, mas não consigo aceitar. — A voz embargada me faz levantar a cabeça, ele está cabisbaixo. — Você foi diferente de qualquer uma que passou por aqui. A gente teve momentos que eu não tive com ninguém. Eu nunca comi macarrão na casa de minhas pacientes e nunca levei nenhuma para meu apartamento... E jamais propus um caso fora do consultório com elas. — Ele para de falar. Eu olho de esguelha e vejo seus olhos em uma confusão total. E quando a voz dele sai novamente está bem baixa, é uma confissão sussurrada. — Nenhuma me deu vontade de propor mais, cercar e tentar... Eu quero apenas... Eu preciso entender por que você me deixa assim. Egoísta, sem pensar em você, sem pensar que você está certa. Eu só me preocupo em

NACIONAIS - ACHERON

satisfazer meus desejos.

Eu estou sem ação com essas palavras, facilmente ele me segura e me ergue da cadeira. Passa os braços ao redor do meu corpo me puxando para junto dele. Meu corpo estremece ao sentir a força sólida do corpo dele. Desisto e também o abraço bem apertado. Sem beijos, sem nada, apenas um abraço forte, como despedida.

Ele se inclina, enterra o rosto nos meus cabelos e o meu rosto fica na curva de seu ombro. Sinto que ele respira fundo e eu também faço o mesmo. Cheiro de roupa limpa e de colônia amadeirada vem para meu nariz junto com o cheiro naturalmente másculo dele. Meus dedos agarram com força a camisa dele.

— Eu queria tanto levá-la para o estúdio. Não tem ideia de como eu senti falta... Disso.

Ele murmurou com a boca no meu pescoço.

— Eu... Não...

— Shhh.

Ele coloca um dedo nos meus lábios.

— Eu sei. Sei que não pode continuar, eu soube desde o início, que você era diferente e eu não deveria ter feito isso com você desde a primeira

vez. Mas fui teimoso, fui egoísta e tolo achando que nós dois poderíamos controlar, como eu sempre me controlei com outras.

— Eu também fui teimosa, Sawyer. Mas eu só aceitei porque eu sabia que jamais poderia dormir com outro homem. Fiquei curiosa em saber se você conseguiria mesmo acabar com meu trauma. E agora eu acho que consigo levar uma vida normal com outra pessoa. Eu preciso saber agradar de algum modo. — Ele se afasta centímetros e começa a acariciar meus cabelos.

— Não precisa fazer isso por ninguém, ele tem que conquistar você. Você é linda, não tem necessidade de ficar louca para segurar um homem.

— Mas...

— Você ama o Ryan? — Ele me pergunta com urgência. Me aperta mais em seus braços. Eu descanso minhas mãos em seu peito sentindo os batimentos cardíacos.

— Acho que ainda não, mas...

— E se por acaso descobrisse que ele não a ama? Que tem outra pessoa?

— Por que está dizendo isso?

— Porque preciso saber se acredita cem por  
NACIONAIS - ACHERON



cento nele.

— Não. Cem por cento, não.

— Quero te contar uma coisa que eu descobri.

— O quê? — Eu me afasto, ele me deixa sair dos seus braços. Sawyer abre a boca para falar, mas não diz nada, ouvimos o barulho da porta abrindo e, surpresos, ele e eu olhamos para a porta.

— Jill? — pergunta, chocado.

— Oi, querido. — Ela se aproxima com um ar triunfante, dá um beijinho em seus lábios e se posta ao lado dele olhando para mim.

— O que está fazendo aqui? — Sawyer se afasta e olha para ela.

— Vim visitá-lo. — Ela cantarola.

— Jill! — Ele quase grita. — O que está fazendo aqui? — O olhar duro e a voz áspera mostra o quanto ele está irritado. Mas quando olha para mim, eu vejo desespero em seus olhos verdes.

— Então... acho melhor eu ir — digo com um sorriso amarelo. O clima esquentou e não estou disposta a assistir discussão de casal. Casal! Droga, ele tem mesmo namorada.

— É a garota de ontem. — A loira aponta para mim, sorrindo. — Agora eu entendo, querido, ela é sua paciente e como tem uma regra de não se relacionar com pacientes fora do consultório disse que não a conhecia.

Sawyer engole seco, seus olhos ainda presos em mim. Eu sei que aquele olhar queria dizer "*saia daqui, Marianne, por favor*". Eu estou constrangida mais uma vez. Quero sair daqui logo.

— Não é nada disso, Jill, ela é...

Antes de ele explicar, a loira abre a boca de novo.

— Ela é a paciente chatíssima e cricri que você comentou? A que não consegue transar com o namorado?

Esse é o mais alto nível de humilhação. Uma bordoadada em meu peito. Sinto o baque e dou um passo para trás. Sei que estou patética com lábios esbranquiçados e entreabertos, os olhos arregalados e as pernas trêmulas. Estou perplexa e tudo o mais que me foi permitido sentir. Desde raiva à tristeza e vergonha. Meus olhos lacrimejantes fixos em Sawyer. Se eu chorar aqui, a humilhação chegará a proporções inimagináveis.

— Cale-se, Jill! — Ele grita. A loira o encara com aqueles olhos azuis arregalados. Eu me viro e saio quase correndo, aperto o botão do elevador. Mas ele me alcança.

— Marianne.

— Não. Toque. Em. Mim. — digo compassadamente, mantendo as duas mãos à frente para afastá-lo de mim.

— Por favor...

— Que antiético, não é mesmo, doutor? Eu não posso falar com Candice, mas você pode contar? Para quem mais contou sobre suas conquistas nesse consultório? Para quem mais contou sobre mim? Eu não deveria processá-lo por isso?

— Sim, me processe, faça o que quiser. Eu mereço, não podia ter...

— Chega, Graham. Nem mesmo você acredita em suas desculpas. Por favor... Apenas me deixe em paz.

O elevador abre e eu entro rápido. Ele não tenta me deter. Aperto rápido o botão do térreo e observo no painel acima os números passarem indicando os andares. Como se tivesse ligado um

interruptor, caio em um choro compulsivo. Agora eu sei do que Candice tinha tentado me afastar, porque está aqui dentro, esmagada em meu peito. A paixão. Sim, muita paixão por ele. E só percebi que ela existe quando vi a loira curvilínea *Projeto de Pâmela Anderson* beijá-lo e dizer aquelas coisas.

Não haverá mais volta porque eu estou obcecada por um homem que fez chacota de mim junto com outra mulher. Percebo que estou apaixonada por um homem que não sente nada mais que tesão e sei que jamais minha vida voltará a ser a mesma. Não quando meu corpo sente, a todo instante, necessidade do toque dele, quando meus lábios sentem saudades da boca daquele ser infame.

# QUARENTA E QUATRO SAWYER

Assim que expulsei Jill do meu consultório e talvez da minha vida, corro para tentar reparar mais um erro.

Que droga! Eu tinha acabado de me explicar pela humilhação que fiz Marianne passar na festa e outro incidente maior vem e nos atropela.

Jill ainda tentou argumentar dizendo que achou que ela levaria na brincadeira ou que não fosse Marianne, a paciente cricri. Mas eu estava inflexível, sem falar que ainda estou muito puto por ela ter armado pelas minhas costas para eu voltar a me relacionar com Amanda.

NACIONAIS - ACHERON

Jill achava que se eu relembrasse poderia querer fazer tudo de novo. Eu não quero. Quero algo proibido, quero algo que me fez ser um novo homem nas últimas semanas. E quando vi o olhar ferido de Marianne no elevador, essa minha obsessão fortaleceu mais. Não posso simplesmente virar as costas para ela. Simplesmente não dá.

Jill jamais saberia da intimidade que eu desenvolvi com Marianne.

— Sawyer, me desculpa... — disse assim que eu voltei para a sala depois que Marianne partiu. Estava pálida e trêmula. Sabia que tinha feito uma cagada, pisado na bola comigo mais uma vez e que dessa vez tinha sido mais grave. Jill ferrou com tudo. Ou será que eu ferrei com tudo mais uma vez?

Apoiei na mesa, com a cabeça baixa, de costas para ela, tentando reprimir toda minha raiva e disse apenas um abafado: "*Saia daqui, Jill.*"

— Você é o culpado! Tem agido estranhamente desde que...

Viro-me bruscamente. Ela ainda está aqui? Que porra!

— Desde que você resolveu me apunhalar

pelas costas?—. Meus olhos em brasas e meus dentes trincados de ódio.

— Eu sempre quis o melhor para você. — Ela replicou.

— Ah, é? Como se aliar a Amanda e foder minha vida? — digo, cínico e furioso de frente para ela. Mantenho uma pose ameaçadora e Jill fraqueja.

— Eu sou mulher, Tyler, sei analisar as coisas. Você não se interessa mais pelo sexo, aparece com uma chupada no pescoço. Depois tem aquela vaquinha jovem grã-fina que tenta te cumprimentar na festa. — Ela respirou fundo e continuou, a descarada ainda tem peito para me acusar com dedo em riste. — Você não a dispensou por ser paciente e sim por medo de eu ou os rapazes contarmos algo sobre você. Você está com rabo preso com ela, não é? Não quer ninguém botando no seu cu.

— Suma daqui! — gritei. — Você não sabe de porra nenhuma. — Meus dedos se fecham em um punho, com os nós esbranquiçados devido à força que faço. Ela se mexe tensa, parecendo furiosa.

— Você disse que não pode mais atender,

disse que tem ordem judicial para não abrir essa merda de consultório. E então pego você justamente com a maldita da noite passada. Acha que eu sou tola? — Ela vem para cima de mim como leoa, acusando aos berros.

— E você acha que tem a porra de algum direito de vir exigir algo? — Berro no mesmo tom — Nosso relacionamento nunca foi nada além de sexo. Você sempre soube, estive livre para sair com quem quisesse e eu também. Transa com todos os meus amigos e eu nem me importo. — Ela voltou a ficar pálida quando eu disse isso.

— Mas nunca fomos omissos um com o outro. Sempre me contou tudo e eu também. Por que não contou que estava de caso com uma insípida como essa? Logo você que tem bom gosto.

Jill jamais saberia que Marianne é de longe a melhor de qualquer uma que já tive, pois as outras, mesmo sendo gostosas e até mais bonitas, não tinham o mesmo fogo e paixão de Marianne.

— Jill, nossa amizade está se deteriorando rápido demais por culpa da sua insensatez. Não pode ficar tentando comandar minha vida, desde o início você e eu chegamos ao consenso de que



nossa relação não seria nada mais que uma amizade colorida. Você exigiu isso.

— Tyler...

— Não me chame assim. Apenas saia daqui.

— Falo mais baixo — Suma de vez da minha vida. Se for para causar estragos em minha vida, pode dar o fora.

Ela morde os lábios e faz cara feia, pega a bolsa e se aproxima de mim.

— Sabe que mulher alguma jamais vai te aceitar como eu aceito. Somos da mesma laia, nenhuma dessas dondocas vai ficar um segundo a mais do seu lado quando descobrir do que você é feito.

— E você não tem nada a ver com isso. — Essa resposta a deixa mais puta de raiva. Ela deu um rodopio nos calcanhares e saiu pisando duro.

Eu fiquei olhando ela entrar no elevador e ir embora, parado no mesmo lugar enquanto era abandonado por duas mulheres. Essa Jill é um atraso de vida. Que porra! Como pude me enganar tanto com uma pessoa? Eu a tinha como uma grande amiga de verdade, pois estive ao meu lado nos momentos que mais precisei. Mas agora não

quero mais vê-la nos próximos anos.

Sento-me na cadeira desistindo de correr atrás de Marianne. Tenho que dar tempo a ela, se eu for procurá-la agora, nosso encontro será explosivo, ela ainda está com raiva e ambos sairíamos frustrados. Esperaria ela se acalmar, enquanto penso no rumo que minha vida está tomando. Isso não é uma coisa para ser pensada; eu simplesmente sempre deixo a vida me levar, mas, dessa vez, há algo maior envolvido e posso conseguir algum progresso se lutar.

Pego meu celular e digito:

*"Só quero que saiba que sinto muito. E que um dia vou fazê-la me ouvir, sabe que eu preciso me explicar.*

*S. Graham*

*P.S.: Por favor, não durma com Ryan. Não ainda."*

Aperto em enviar e fico olhando para meu celular à espera de uma resposta. Nada acontece. Ela está mesmo furiosa e com razão, achando que esse tempo todo fui hipócrita, e a usei e depois ri

NACIONAIS - ACHERON

dela com outra. Isso é demais para uma pessoa suportar.

Não sei se algum dia eu serei perdoado e, se for, acho bem difícil levá-la para cama. Não é só sexo, é estar com ela, o contato com ela. No momento é o que eu mais quero, há longos cinco dias que eu não sinto o corpo dela estremecer junto ao meu. E provavelmente ficarei muito mais tempo.

Levanto, vou ao cofre e pego uma pasta e olho as fotos que estão dentro. As fotos que recebi de Nigel. Eu quase contei para ela, foi na trave, acabou não acontecendo por culpa de Jill. Mas não posso esperar voltarmos nos a falar para eu contar tudo, tenho que interferir de outra forma. Penso em mandar anonimamente, mas acho que seria muito frio. Alguém teria que conversar com ela antes, prepará-la. Penso logo em Candice. Marianne confia na amiga, e, por mais escrota que seja, talvez seja a solução. Deixarei a responsabilidade toda com ela.

Saio do consultório fechando tudo. Vou deixar Marianne pensar por um ou dois dias, mas, enquanto isso, agirei rápido para que, quando eu for conversar com ela, não haja mais empecilhos. Ela

já estará sabendo de tudo e meu caminho estará livre.

Dirigi minha SUV, sem o cuidado costumeiro. As ruas parecem desertas para mim, apenas meus pensamentos importam e me guiam para o Brooklin onde fica o *Cooper & Monroe*.

Quando eu chego e me apresento para falar com Candice, não demora para ela sair quase correndo de uma porta. Ela me encara estatelada. Ela olha para algumas pessoas que trabalham ali, temerosa. Eu me aproximo.

— Sra. Thompson. — Cumprimento-a. Trato Candice com um certo distanciamento para não dar motivos aos outros de pensar coisas indevidas.

Ela dá um meio sorriso, respirando aliviada. Com certeza achou que eu ia dizer alguma coisa errada com as pessoas ali na sala.

— Sr. Graham, a que devo a visita? — Ela também atua.

— Podemos conversar em sua sala? — pergunto.

— Claro, venha. — Ela anda depressa e para em uma porta, espera eu entrar e a fecha.

— O que está fazendo aqui? Ficou louco?  
— Murmura, irritada, entredentes assim que se vê sozinha comigo.

— Você não pode me procurar, Candice, eu posso. Agora sente e me ouça, não quer uma cena aqui, não é mesmo?

— Como ousa vir me atacar no meu trabalho? — Candice bate o pé e se recusa a me obedecer. Continua de pé com os braços cruzados e a expressão de raiva no rosto. — Eu não quero escutar nada que você tenha a dizer, acha que sou tola como Marianne?

— Candice, eu vim em paz. Sente-se e me ouça.

— Você é um completo idiota, se acha o poderoso até mesmo no ambiente dos outros, não é? Pois saiba que aqui...

— Cale-se e me ouça, porra! — Eu grito sem medo de ser ouvido pelas outras pessoas.

Ela se cala assustada e surpresa pelo meu grito. Abastecido com a raiva que sinto, abro o envelope e jogo as fotos sobre a mesa.

— Pense bem antes de acusar uma pessoa. Você se acha a juíza, porém se esquece de olhar  
NACIONAIS - ACHERON

para quem está mais próximo de você. Se quer mesmo salvar sua amiga de alguém, esse alguém não sou eu.

Ela mostra suspeita quando olha para mim e para as fotos que eu joguei sobre a mesa.

— O que é isso? — pergunta, trêmula.

— Olhe você mesma.

— O que está aprontando, Graham? Eu sou vivida, não vou cair em suas tramoias.

— Olhe. A. Droga. Das. Fotos! — digo, quase rugindo entredentes. Meu rosto arde de raiva e sei que meus olhos estão esbugalhados. Ela engole em seco e dá um passo para perto da mesa, olha de longe e se aproxima mais e mais até conseguir alcançar uma. Pega a foto e, quando vê, leva a mão à boca, começando a passar uma por uma rapidamente nas mãos. Pensei que os olhos azuis dela sairiam pelas órbitas.

— O que é? Onde conseguiu isso? Como conseguiu? — Virou-se, desesperada, me encarando.

— Eu desconfiei apenas. É difícil de acreditar que um homem vivido como Ryan fique tranquilo enquanto a namorada se recusa a dormir

com ele.

— Você o seguiu? — Ela olha para mim, os lábios trêmulos.

— Não, Candice. Eu mandei um detetive segui-lo. Descobri isso há uma semana mas não tive coragem de contar a Marianne e nem posso. Não tenho nada a ver com a vida dela, trouxe isso para você porque é quase uma irmã para ela e já que quer tanto protegê-la do canalha aqui, comece a limpeza de dentro de casa. Mostre a ela quem é o namoradinho perfeito que você pinta e quer a todo custo empurrar para ela. Faça um exame de consciência, é esse homem que você quer ver casado com sua amiga?

— Com você que não seria — responde, insolente.

— Não precisa me avisar disso. Provavelmente, Marianne e eu não nos encontraremos mais. — O que eu digo interessa muito a ela. Candice arregala os olhos para mim.

— Acabaram as sessões? — pergunta, curiosa.

— Quase isso. O que importa é que não poderei simplesmente deixá-la ser iludida por um

pilantra como esse. E se tiver alguma dúvida quanto à legitimidade dessas fotos, apenas observe. Sei que é inteligente e vai perceber.

Ela abaixa os olhos e fica olhando as fotos mais devagar, uma por uma.

— Eu não posso fazer isso com minha amiga... ela não vai aguentar.

— Isso não sou eu mais quem decide. Está em suas mãos — digo e saio logo em seguida.

A sorte está lançada, basta esperar. Eu sei que Marianne vai vir correndo me procurar assim que Candice contar para ela. Eu tenho certeza de que ela virá.

Porém, na quinta-feira, três dias depois, Marianne não tinha aparecido. Sem conseguir suportar, decido ir atrás dela. Ao falar com Alice, a descontraída irmã, descubro que Marianne tinha ido viajar. Meu peito ficou dormente com a notícia. Comprovei a veracidade mais tarde quando liguei para o escritório dela e me disseram que a Srta. Cooper tinha ido mesmo viajar. Ficaria alguns dias fora.

Agora, sexta-feira, estou sem ânimo no meu  
NACIONAIS - ACHERON



apartamento. Nem Jill apareceu desde que foi me confrontar quatro dias atrás no consultório. Não sei por quê, mas não sinto falta da minha amiga e companheira de sete anos. Não sinto falta de nada da minha vida, até mesmo dos meus amigos eu me distanciei e fui vago no telefone quando Rick tentou marcar um encontro para gente beber e foder algumas mulheres amanhã, sábado.

Ficar ridiculamente absorto e entediado em meu apartamento me parece mais atraente. Fico olhando para o nada por muito tempo até que o som do celular me acorda dos devaneios.

— Está na hora, meu querido, temos um contrato assinado — Amanda diz. Eu desligo e fico mais um tempo sem conseguir me levantar. Felizmente chegou o momento que eu esperava. É hoje que corto de vez aquela velha da minha vida. Estou pouco me lixando se ela vai contar alguma coisa do meu passado. Quero ver quem tem mais a perder, ela ou eu. Amanda sabe que se eu expuser coisas que sei dela, será muito pior, o estrago nela será bem maior. A única coisa que tenho a perder é me distanciar de uma vez por todas de Marianne. Ela sim pode criar caso se souber que escondi dela que não sou terapeuta coisa nenhuma.

NACIONAIS - ACHERON

Depois de um banho, desço, pego minhas chaves e vou me encontrar com Amanda. Enquanto dirijo, meus pensamentos voam como flechas em todas as direções. Vejo Marianne e o rosto lívido dela quando Jill nos encontrou no consultório, Candice horrorizada com as sacanagens de Ryan, Ryan se sentindo o fodão ao lado de Marianne no baile e eu em meus picos de felicidade.

Um dos meus pensamentos me leva bem lá atrás, muito tempo antes de tudo começar. Bato com força no volante e xingo. Maldita Amanda!

*"Ei, garoto! Quer ganhar uma grana?" Levantei meus olhos e encarei a bela mulher de cabelos vermelhos à minha frente. Ela me mede de cima a baixo. Estava varrendo a calçada do bar em que eu trabalhava meio período. Estou caindo de fome, pois só consigo comprar duas refeições por dia. O resto do dinheiro que ganho é para pagar o quartinho onde durmo. Abaixo os olhos novamente para a vassoura. Se essa mulher tá achando que vou apagar ou dar uma surra em alguém por dinheiro, está enganada.*

*"Quantos anos tem?" Ela pergunta erguendo meu queixo para que eu a olhe.*

*"Dezessete", respondo sem interesse.*

*Ela suspira e vira-se, parecendo muito irritada. Depois de alguns minutos, ela volta a olhar para mim.*

*"Escuta, eu posso te dar muito dinheiro, venho te observando há algum tempo. Acho que você pode dar certo. Mas ninguém pode saber." Ela para de falar e vira meu queixo olhando para os lados do meu rosto.*

*"Sua família mora por aqui?"*

*"Não tenho família, não, senhora." Minha resposta sai mais rude do que eu desejava. Que merda essa mulher quer?*

*"Muito bem, venha comigo. Vou ajudar você."*

*"Ajudar em quê?"*

*"Vou dar uma vida melhor para você. Vai trabalhar para mim. Vou cuidar de você até conseguirmos te emancipar e você poder ser um completo adulto perante a lei."*

*"Eu já trabalho, dona."*

*Ela deu um sorriso quase perverso.*

*"Estou falando de trabalho mesmo, não de*

*esmola."*

*Olho para o bar, olho para o carro de luxo dela, olho para a vassoura. O que eu tenho a perder? Minha vida tá fodida mesmo.*

*Deixo a vassoura encostada na parede e a sigo até o carro.*

*"Como você se chama?", pergunta antes de eu entrar no carro.*

*"Tyler. Tyler Carter."*

*"Sou Amanda. Vou transformar você em um deus, Tyler."*

Malditos são o dia e a hora que entrei naquele carro com Amanda.

# QUARENTA E CINCO

MARIANNE

Eu poderia dizer que estou relaxada e renovada pelos quatro dias que tinha passado na casa de verão de Leo. Foram quatro dias desapegada de tudo. Trabalho, família, problemas, menos do mais importante: Sawyer Graham.

Eu deixei toda tecnologia de lado, o celular só em caso de emergência. Mas na noite do terceiro dia, antes de dormir, eu li e reli as várias mensagens que ele me enviou durante o dia. Não respondi nenhuma. Queria apagá-las sem ler, mas a curiosidade não permitiu.

*Se você apenas me escutasse...*

*Eu tentei, discretamente, procurar por você.*

*Ninguém sabe onde está.*

*Por favor, Marianne, me liga. Fale comigo.*

Desliguei o celular para não ter que pensar nisso. Claro que não dormi nada. Como poderia? A raiva ainda queima meu peito e dou graças aos céus por essa raiva impedir que lágrimas saiam dos meus olhos. Sawyer não merece uma gota de lágrima. Eu fico remoendo uma imagem que meu cérebro paranoico cria: Sawyer nu com aquela safada relaxados na cama e rindo da minha cara, dos meus problemas, meus medos. Cacete! Aquela vadia sabe dos meus problemas. Maldito Graham!

Às seis da manhã do quarto dia, na sexta-feira, eu recebo outra mensagem:

*Estou feliz pelo dia ter amanhecido  
apesar de não ter dormido nada.*

*Mas tenho esperanças de que hoje eu vou  
conseguir encontrar você.*

*Não é justo me tratar assim.*

Esse cara não dorme?

Eu até fico com dó dele, mas o orgulho fala mais alto e fico satisfeita por estar em um lugar seguro, inacessível até para ele, que pode conseguir quase tudo. Graças a Deus não estou lidando com aqueles caras muito ricos e meio doidos que rastreiam o celular e põe detetives na cola. Se Sawyer fosse assim, eu não teria um dia de sossego.

Mais ou menos meio-dia, outra mensagem chegou:

*Fui atrás de Candice.*

*Ela me garantiu que não sabe do seu paradeiro.*

*Não acreditei nela e fui atrás de Alice.*

*Ela também não sabe.*

*Marianne, apareça, estou ficando impaciente.*

*Apenas me ouça, por favor.*

Ele procurou minha irmã? Estou perdida. Se Alice reconhecê-lo, eu vou acabar com a raça dele.

Uma hora mais tarde outra mensagem.

*Ligue seu celular e fale comigo.*

*INFERNO!!!*

*Eu só preciso de um minuto de sua atenção.*

Fico olhando a mensagem. Conheço Sawyer e sei que ele deve estar inquieto fazendo um buraco no chão da linda sala do seu apartamento. Estaria apenas de cueca? Pergunto-me e me censuro no mesmo momento. Sawyer de cueca não é uma imagem boa para alguém que está se desintoxicando dele.

A próxima mensagem veio mais tarde, eu já estava com tudo pronto para partir.

*Mary, eu não vou te deixar em paz.*

*Ligue para mim. Ficarei esperando.*

*Já se passaram quatro dias, poxa.*

Decido responder e sou bem breve. Não quero conversar com ele, não estou preparada para a enxurrada de palavras meticulosamente ensaiadas



que ele tem para mim.

*Deixe-me em paz.*

*Vou desligar agora o celular.*

Não desligo e imediatamente meu celular toca. Eu recuso a chamada e desligo o celular. Sabia que ele seria rápido e esperto, sorte que o pouco tempo de convívio já deu para conhecê-lo, conhecer as artimanhas. Se eu atendesse essa ligação, ele conseguiria segurá-la e colocar seu jogo em prática.

Quando cheguei aqui, eu estava furiosa, agora estou apenas ressentida. Frustrada, talvez.

O tempo aqui foi bem aproveitado com dias ensolarados e noites à beira da lareira lendo um bom livro. O resultado foi uma mente vazia, limpa para raciocinar quando voltasse à realidade e um corpo com uma cor diferente, um bronzado sensual. Eu me olho no espelho vestindo apenas lingerie e gosto do resultado. Apalpo meus seios. Nada mal. Porém, parece que o canalha prefere peitos grandes e de plástico como os daquela otária. Nesses aqui, de verdade e novinhos, ele não

encosta mais.

Volto para casa na sexta-feira à noite.

— Alice! — grito.

Nenhum ruído. Empurro a porta e coloco minha mala lilás de lado. Estou sozinha em casa, Alice mais uma vez tinha saído. Ela sabia que eu estava chegando e nem se importou de me esperar. Vou chamá-la, vamos nos sentar como adultas e vou saber o que está acontecendo. Ela tem sido fria comigo desde que chegou. Éramos tão unidas. contei para a mamãe e ela afirmou que Alice não deve estar gostando do emprego, que esse pode ser o motivo do mau humor dela.

Dou de ombros e subo para tomar um banho. Já tinha avisado Candice também e essa era outra surpresa. Por que Candice não viera me ver? Ela sabia de toda a história, do confronto que eu tive com a Barbie peituda — uma Barbie anciã, porque aquela vadia namorada de Sawyer não tinha menos de trinta anos nem aqui nem na China — dou um sorriso pelos pensamentos maldosos que tenho desde que a vi. Nem quero me dar conta de que isso não passa de ciúmes.

Deixo os braços caírem desanimados. Por

que Ryan também não veio? O que está acontecendo com todos? Jogo minha bolsa no chão do quarto e olho ao redor. Nada havia mudado, voltei para a mesma vidinha de sempre, a vida que eu tinha antes de pisar no consultório do terapeuta bonitão. Claro que eu não sou nenhuma inocente para achar que tudo voltaria ao normal.

Pego um roupão e vou para o banheiro. Preciso me encontrar com Ryan para acabar de vez com tudo. Eu preciso mesmo de um tempo. O que era para ser curado no consultório de Graham apenas piorou a situação, porque agora eu não tenho mais medo de sexo. Ao contrário, estou obcecada por isso. Mas só irá me satisfazer se for com uma única pessoa na face da terra. Um homem que meu bom senso insiste em odiar, mas que faz meu coração sofrer a cada segundo que passo longe dele.

Não consigo sentir a água fria na minha pele, parece tudo dormente. A Marianne sensata, a que eu mais odeio e está comandando o pedaço, acaba de me avisar que eu sou uma mulherzinha cheia de frescura, ela disse que no mundo há milhares de homens e que não há necessidade de eu sofrer por um pervertido que vai acabar me

NACIONAIS - ACHERON

enlouquecendo.

*Fazer o que se os safados são os melhores?*, a Marianne depravada retruca. Sim, Graham acordou a Marianne depravada dentro de mim. Acho que todas as mulheres têm, elas costumam ficar tão escondidas que a gente acaba nunca vendo. Mas espera só até o momento em que estiver em um quarto com um homem que deseja. É triste pensar que, em muitas mulheres, a depravada interior nunca se manifesta.

Fico indiferente quanto a briga das duas Marianne e saio do banho. Não estou com fome para descer e comer alguma coisa. Mas estou cansada o suficiente para dormir até o meio-dia do dia seguinte. Ainda bem, só volto a trabalhar na segunda. Nada como tantos dias de folga.

Seco meu cabelo, enrolo ele debaixo de uma touca ridícula improvisada feita com meia calça cortada. O bom da mulher estar sozinha é que pode fazer esses truques que mataria um homem de susto ou de rir. Visto um pijama de flanela que na minha opinião é muito broxante porém é o mais confortável. Para que ficar dormindo de camisola transparente e sexy se eu não tenho ninguém para

me observar? Pegó o tablet e olho meus compromissos.

— Droga! — Exclamo ao ver o lembrete de desmarcar a passagem do cruzeiro. Eu decidi não viajar mais. Conversei com Ryan e ele aceitou numa boa. Na segunda eu irei desmarcar. O navio sairá no sábado que vem e eu já tinha negligenciado demais minha profissão. Deixo o aparelho de lado e deito. Olho meu celular na esperança oculta de ter uma mensagem de Graham, mas não encontro nada, pelo menos dele. Isso me deixa um pouco apreensiva pois na primeira mensagem que me mandou ele afirmava que iria me fazer ouvi-lo. E como eu o conheço, sei que poderá me surpreender a qualquer momento. Levanto-me rápido e paranoicamente olho a tranca da janela, vejo embaixo da cama e volto a deitar. Aproveito e dou uma boa visualizada em meu interior a procura de um sentimento: o ódio. Ele não está em lugar nenhum. Fico furiosa por descobrir que eu não estou com raiva daquele demônio sensual. O que eu sinto é apenas frustração gerada pela lembrança do que a loira disse. Nada mais.



Na manhã seguinte, quando acordo, descubro um bilhete na geladeira de Alice dizendo que tinha ido ao escritório terminar alguns trabalhos. Apesar de achar estranho ela sair no sábado, eu sorrio satisfeita por minha irmã estar se mostrando tão eficiente, tão madura.

Ainda bocejando, abro a geladeira e constato que minha irmãzinha madura não está tão responsável assim, não tinha feito compras. A geladeira está mais pelada que coelhinha da Playboy. Deixando os braços caírem desanimados, reviro os olhos sabendo que terei que fazer compras agora, afinal preciso comer e estou de folga.

Subo as escadas e me visto. Calça jeans, camisa branca e um casaco leve por cima. Dou um jeito nos cabelos amarrando-os em um coque frouxo, a bolsa com tudo que eu precisaria e vou para rua de óculos escuros. Por fora, eu sou a designer despreocupada e elegante. Por dentro, estou só o bagaço.

Eu não curto muito fazer compras. É algo que faço obrigada, nunca por prazer. Andar em um supermercado procurando produtos nomeados em NACIONAIS - ACHERON

uma lista? É sem dúvida uma das coisas mais tediosas a se fazer. Estaciono meu mini no estacionamento do supermercado e peço para um rapaz pegar um carrinho para mim.

Meu dia mal tinha começado e já estou fazendo algo que me irrita. Guardo os óculos escuros e coloco o de leitura. Sou uma consumidora exigente e só pego um produto depois de conferir a data de validade e todas as informações nutricionais. No décimo produto, eu me rebelo e pego o tudo o que vejo pela frente, senão fico o dia todo no supermercado.

Doces e chocolates, massas, enlatados e congelados. Não estou a fim de cozinhar nos próximos dias.

O carrinho já está quase cheio e ainda preciso pegar produtos de limpeza, carne e alguns legumes. Decido ir para a carne primeiro. Gosto desse supermercado porque tem um mini açougue dentro, não precisa pegar aqueles cortes já prontos e embalados dentro do congelador, a carne é fresca. Penso em fazer um cozido com legumes hoje à noite.

Ao longe, vejo a fila que está no açougue,

mas nem tenho tempo de xingar e espernear. O celular toca e eu paro para atender. O supermercado está cheio, é sábado de manhã e a maioria das pessoas não trabalha hoje.

— Mary! Você chegou?

— Claro! — digo com uma voz que denota como estou me sentindo rejeitada por minha amiga

— Desculpa, amiga. Trabalhei até tarde ontem, e hoje Leo e eu vamos ficar juntinhos. Você me entende?

— Sem problemas, Candice. Curta seu marido, não deixe de dar assistência ou perde a preferência.

— Isso que eu sempre te disse. Roubando minhas falas, Marianne? — Candice exclama com a voz cheia de graça.

Eu não respondo. Estou quase chegando na fila, paro de andar estatelada. O telefone quase cai do meu ouvido. à minha frente, a poucos passos, de pé na fila da carne, está Sawyer. Ele não me viu, mas eu o vi. Dou um passo para trás.

— Marianne? — Candice chama preocupada no meu ouvido.

Ainda não respondo, se falar ele pode me

NACIONAIS - ACHERON



ouvir. Estou correndo desse homem como o diabo foge da cruz e agora ele simplesmente se materializa na minha frente. Com aquele olhar distante, mirando um ponto imaginário. Por que diabos ele tem que comprar carne logo hoje e justo nesse supermercado? Por que um milionário precisa fazer compras? Não existe alguém para fazer isso para ele? Estou revoltada. Deus, que homem complicado!

— Candice, vou ter que desligar. Ligo para você mais tarde. — Cochicho.

— Por que está falando assim?

Eu abaixo a cabeça e cochicho mais baixo, fazendo uma concha com a mão tampando minha boca no celular.

— Estou no supermercado e o sinal está ruim. Tchau. — Desligo e levanto os olhos. Ele está olhando para mim.

Um impulso forte faz meu corpo todo gelar. Os olhos verdes me fitam com curiosidade e espanto. Seguro forte no carrinho e me viro depressa saindo correndo dali. Continuo correndo sem olhar para trás, me infiltro em um monte de gente na ala das verduras e entro no corredor de

limpeza. Estou quase no fim do corredor e acho que vou embora e voltarei depois para fazer as compras.

— Mary!

Ouçõ uma voz feminina e reconheço uma amiga de faculdade.

*Droga! Droga! Droga!*

— Dinah! — Exclamo com falso entusiasmo. Ela abre os braços e vem me abraçar. Eu, em um desespero profundo, dou uma olhada para trás, não há ninguém. Talvez ele não tenha me seguido, eu conto com isso. Como sou tolinha.

— E então? Como você está? — pergunta ela.

Maldição! Vejo que esse papo irá horas adentro. Olho para trás mais uma vez antes de responder.

— Abri um escritório junto com Candice, lembra-se dela?

— Quem não lembra? — Ela ri. — Uma figura aquela garota.

— E você, Dinah?

— Casei. — Ela exhibe a aliança.

— Sériõ? — Eu dou um sorriso largo.

Ela joga os cabelos ruivos de lado e meio que empina o nariz orgulhosamente antes de responder.

— Sim, com um espanhol. Moro em Madri e estou aqui a passeio. A gente podia marcar de sair uma hora dessas.

— Eu não sei...

— Você tem alguém, não tem? Marido, namorado... — Dinah pergunta verdadeiramente curiosa.

— Tenho sim. — Exclamo contente por não ficar para trás pela primeira vez. Mesmo que falte pouco para eu ficar solteira novamente.

— Eu o conheço? É da faculdade? Não me diga que é Charles.

— Não! Graças a Deus não é Charles. Acho que você não o conhece, mas...

— Mas pode ter a chance de conhecer. — Uma voz masculina soa atrás de mim e eu gelo pela segunda vez. Então é assim que uma gelatina se sente? São terríveis esses calafrios que percorrem meu corpo. E isso geralmente só acontece quando estou perto de uma pessoa específica. Pelos olhos e lábios abertos de Dinah, eu posso perceber quem

está atrás de mim.

— Enfim a encontrei, querida. Achei que estivesse fugindo de mim. — Sawyer se aproxima entrando no meu campo de visão, dando beijinho em meus cabelos, descansando um braço em meu ombro com muita naturalidade.

— Oi, sou Dinah Gonzáles. — A minha ex-colega apressa-se em estender a mão ao meu suposto namorado.

— Prazer, Sra. Gonzáles. Sou Sawyer Graham.

— Vi você outro dia na revista. — Ela murmura estatelada. — Eu fico impressionada, Marianne nunca namorou na faculdade, apesar de ser mais bonita que muitas colegas. Falta de pretendente não era. E quando Mary resolve arrumar alguém, é um monumento como esse! — Dinah exclama sem nenhum pudor e Graham ri.

— Não é para tanto. Marianne é linda, eu que sou sortudo — diz todo vaidoso e eu reviro os olhos. Ainda bem que Dinah está mais preocupada em secar meu falso namorado e não vê minha expressão de descaso.

— Estava falando com ela que a gente podia

marcar uma saída, vocês dois e eu com meu marido. Martin vai gostar de ter alguém que entenda o que ele diz sobre aqueles jogos horríveis que passam na TV.

— Estamos à disposição — responde Graham, sorridente.

— Bem, vou deixar vocês dois terminarem as compras. — Ela passa os olhos pelo meu carrinho cheio de comida congelada e pela cesta de Sawyer com poucas coisas dentro. Olho e vejo um embrulho que deve ser a carne, um saco com algumas peras, uma caixa de leite e uma de suco.

— Eu já pedi para ela parar de comer tanta porcaria. — Ele dá de ombros. — Um dia ela aprende. — Pisca charmoso para mim.

— Vocês são perfeitos um para o outro. São bonitos e vêm ao supermercado juntos. — Dinah meneia a cabeça de lado e olha para a gente com fofura nos olhos. Em seguida, apressa-se em vir até mim e me abraça.

— Foi um prazer te rever, Mary. Boa sorte e me convide para o casamento, por favor.

— Será a primeira quando isso acontecer. Mesmo que seja com outro homem. — Dou uma

gargalhada forçada.

— Só se você fosse uma louca de abandonar um homem desse. — Ela aponta para Sawyer que ri de novo.

Termina de se despedir e sai, ficamos calados com sorrisos largos, esperando ela desaparecer no corredor, quando isso acontece, eu me viro com brusquidão.

— Ficou louco? O que pensa que está fazendo?

— Não vou te dar a chance de fazer o mesmo que eu fiz no baile. Se eu te cumprimentasse, você poderia dizer que não me conhece.

Ele está tão odioso e ao mesmo tempo tão delicioso. Meu cérebro ainda terá uma pane com tanta contradição.

— Como pode pensar que, depois de tudo, tem o direito de pelo menos falar comigo? — digo, revoltada, e ele me olha com um sorriso fácil e preguiçoso nos lábios. Eu estou desorientada de revolta e ele apenas sorri como um tolo. Sawyer levanta a mão e acaricia minha bochecha.

— Sentiu minha falta, Marianne? —

pergunta baixinho, seus olhos anuviados fixos em meus lábios. Umedeço-os instintivamente antes de responder.

— Claro que não.

— Pois eu senti. Por que fugiu de mim todos esses dias?

— Eu não fugi de ninguém — respondo malcriada e dou um tapa na mão dele.

— E onde estava todo esse tempo? Estava me punindo pelo que aconteceu?

Fico calada e perplexa olhando para ele. Está mais deslumbrante do que nunca. Tinha cortado os cabelos, bem baixo nas laterais e alto em cima, a barba está começando a crescer. A voz baixa e sensual lança descargas ferozes no meu corpo. Volta a levantar a mão e enrola um cacho do meu cabelo no dedo.

— Eu não quero mais falar com você, Sawyer.

— Ainda está zangada comigo?

— Claro que estou.

Por que ele usa esse tom de voz tão baixo e sensual? Parece um daqueles disque-sexo, não que

eu já tenha ligado. Deus me defenda. E nem sei se existe disque-sexo masculino.

— Deixe-me explicar. — Ele pede.

— Não, Sawyer. Não quero ouvir explicações. O que fez foi imperdoável.

— Eu não quero que fique com raiva de mim. — Mesmo eu dando um tapa na mão dele, ela volta teimosamente e acaricia minha bochecha.

— Eu estou desse jeito a maior parte do tempo desde que nos conhecemos. Será que não percebe que um está fazendo mal ao outro? Essa terapia foi uma loucura, uma bizarrice. Não quero e não posso mais ver você.

— Eu vou ter que te chantagear, quero muito falar com você.

— Graham, me deixa em paz por favor. Eu preciso ir embora, eu preciso viver minha vida. Acabou. O que vivemos foi revelador, mas não passou de uma terapia que você conduziu com maestria.

Abro depressa minha bolsa e tiro o talão de cheque.

— Por favor, receba, era para eu fazer uma transferência, mas esqueci. Já estou me sentindo

NACIONAIS - ACHERON



uma golpista. Eu preciso fechar esse ciclo e descansar em paz.

— Eu já disse que não quero a porra do seu dinheiro. Quero que você continue indo às sessões. Como eu posso deixar você em paz se eu não estou em paz?

Ele me cerca e eu dou um passo para trás, Graham dá mais um para frente. Meu pescoço se inclina levemente para poder olhar nos olhos dele. Continuo dando passos para trás até bater em uma prateleira. Ele me segura com facilidade, estou encurralada.

— Vamos ao meu apartamento. — Ele propõe.

— Não vou.

— Marianne...

— Não vou, Sawyer. Você fez coisas ruins comigo dias atrás. Eu estou com raiva de você.

— Muita raiva?

— Sim.

— Não posso fazer nada para acabar com ela?

— Não.

Ele inclina-se e eu fecho os olhos e os lábios. Recebo um beijo nos lábios cerrados. Como um selo. Viro meu pescoço para o lado, mas ele segura meu queixo com força e me faz virar novamente.

— Olhe para mim, Marianne.

A voz grave penetra em meus ouvidos e me arrasa. Abro os olhos.

— Venha comigo agora ou você estará em maus lençóis.

— Você não pode achar que manda em mim. — Espalmo minhas mãos no peito dele para empurrá-lo.

— Eu fico puto da vida quando peço alguma coisa e não me obedecem. Pelo amor de Deus, o que custa me ouvir?

— Fale, então, estou ouvindo.

— Aqui não, Marianne. Venha comigo, eu não vou matá-la, talvez eu coma você de quatro no meu tapete, nada mais que isso. Nada que você odeie. — A voz dele atingiu um tom extremamente lascivo. Sinto minhas pernas fraquejarem e minha boca secar com essas coisas que ele diz.

— Não acha que já estamos desintegrados

NACIONAIS - ACHERON

demais para termos mais uma relação sexual? Por que não apenas conversar? É disso que eu estou me prevenindo. — Tento cruzar os braços para impor um mínimo de distância entre nossos corpos, mas Graham não permite. Ele segura meu pulso.

— Por que desde quarta-feira passada ando ansioso para foder você de todos os jeitos possíveis, em todas as partes do meu apartamento.

— Seu babaca. — Forço para ele sair. — Como pode esquecer o que aconteceu? — Berro com ele. — Agora ainda vem me falar essas ousadias. Isso não tem mais nada a ver com terapia.

— Sei que isso não tem mais nada a ver com a terapia e sim com um desejo desenfreado, mas você também está sentindo isso. Quem pode nos culpar?

— Sawyer, entenda, eu não vou para o seu apartamento fazer sexo desenfreado com você só por desejo. — Consigo soltar meu pulso da mão dele e imediatamente acaricio o lugar, como se o toque dele tivesse me queimado. De certa forma queimou, não no meu pulso, mas dentro de mim, no meu ventre, indo direto para minha vagina.

— Eu tenho um noivo. — Uso Ryan como

escudo.

— Então termine com ele, poxa! — Ele reclama exaltado. — Vamos começar do jeito certo. Fique comigo...

— Começar?

— Sim, um caso. Eu insisto nisso.

Tenho uma efusão de raiva, tento me afastar mais uma vez e ele não permite.

— Sabe o que eu penso sobre ser amante. — Contesto, nervosa. Não vou deixar ele me manipular, esse assunto me deixa mais irritada. Mesmo que eu esteja caída de paixão por ele não irei me rebaixar a esse status nem em um milhão de anos.

— Então continue sendo minha paciente. Marcarei mais cinco ou dez sessões para você, se isso for te fazer bem. Só para podermos nos encontrar, Mary.

Seguro nos braços dele tentando empurrá-lo. O homem é um armário, nem se move do lugar.

— Eu quero me ver livre disso. Estou me sentindo presa e você me cerca cada vez mais, me prendendo. — Bato o pé inconformada e frustrada por não conseguir afastá-lo.

NACIONAIS - ACHERON

— Venha comigo. Deixe essas compras, depois você continua. Eu posso te ajudar. — E mais uma vez ele ignora totalmente o que eu digo.

A ideia de Sawyer fazendo compras comigo me deixa absorta. Eu quero passar cada segundo com ele, quero me enrolar com ele no tapete, quero senti-lo todo grande e latejante dentro de mim. Queria poder tê-lo conhecido em outras circunstâncias. Mas agora estou de mãos atadas, me apaixonei por um homem que não é meu namorado. E o pior, que só pode me oferecer o cargo de amante.

— Você ouviu o que eu disse? Sobre estar me sentindo presa? — pergunto, soando mais calma, acho que conformada de não ser páreo para uma luta contra ele.

— Eu me recuso a discutir sobre isso aqui. Vamos conversar em outro lugar.

Ok. Se essa tal conversa é a única forma de me livrar dele, eu vou me submeter. Penso mais um pouco, e Graham espera pacientemente. Chega a me dar ódio, pois vejo nos olhos dele, mais escuros que o normal, que ele tem certeza que eu vou ceder.

— Vamos a um local público. — Eu

proponho. — Aquele bar no qual nos encontramos outro dia. — Emendo certa de que isso me dará pontos para lutar contra a sedução descarada dele.

— Na minha casa. Não quero ser interrompido. — Ele contrapõe.

— Não entro mais em sua casa, escolha outro lugar.

— O consultório. — Ele opina já sem paciência.

— Conheço uma confeitaria que...á

— Marianne, pelo amor de Deus! Eu fui a sua casa várias vezes e nem por isso a gente se jogou contra as paredes trepando. Posso ser civilizado na minha casa.

Penso mais um pouco, ele passa a mão com intensidade pelos cabelos. Fecha os olhos, massageia as pálpebras e eu continuo calada pensando. No que eu posso me meter se eu for para a cobertura dele? Mais sexo? Muito mais sexo! Mas eu sou adulta, eu tenho poder de escolha.

— Você fica quatro dias inteiros sem dar notícias, sem deixar que eu me explique. Fugiu sem motivo algum, está tentando fugir agora e deixar arestas entre a gente, não se permite viver o melhor

e o pior. Por que não consegue ser madura e sensata para encarar problemas de frente? — Sawyer me acusa irritado pelo meu longo silêncio. Olho para os lados e vejo algumas pessoas em alerta por ele está falando alto. Uma celebridade brigando chama atenção. Sawyer é bem capaz de armar um espetáculo aqui no supermercado e eu não vou me sujeitar a isso.

— Eu aceito apenas ouvir o que tem a dizer. Apesar de já deixar claro que isso não vai garantir que eu te perdoe. — Ele me olha aliviado e até arrisca um leve sorriso.

— Vai me perdoar quando me ouvir. — O sorriso chega aos olhos dele. Um cara volátil e facilmente agradado.

— Nada de trepadas magníficas.

— Trepadas magníficas? — Ele pergunta com um sorriso cínico nos lábios.

— Pare de rir, poxa. Eu estou brava com você. — Dou um soco no peito dele. — Quero que prometa que vai explicar sua versão e me deixar ir embora em seguida.

— Prometo, Mary, vamos apenas conversar. — A cara de santo que Sawyer fez me dá vontade

de rir.

— Suas mãos longe de mim. — Insisto na negociação.

— Claro. — Ele assente e me guia para fora do supermercado. Paga apenas as coisas que ele havia escolhido e que estava o tempo todo em uma cesta. Abandono meu carrinho no corredor de limpeza e saio acompanhada de um homem que atrai olhares por onde passa.

Duas mulheres entram quando a gente sai. Ambas com roupas de academia, param e ficam olhando para o homem de bermuda, camiseta branca e óculos escuros, os quais tinha acabado de colocar. Ele anda de um jeito elegante e descontraído, e segura a minha mão. Olho para elas e dou uma piscadinha esnobe. Como se dissesse: *Olha o que eu tenho e vocês, não.*

Ele não é meu, eu sei, mas não custa exhibir.

— Espero que me convide para comer alguma coisa. Não comi nada desde que acordei — digo, simpática. Inclino e seguro o pulso de Sawyer, olho o relógio superluxuoso e vejo as horas. São dez da manhã.

— Prepararei uma omelete.



Balanço a cabeça anuindo e me calo. Não quero conversar com ele. Tá bem, eu quero conversar com ele, mas meu orgulho grita mais alto, pedi comida apenas porque estou desesperada de fome, não foi um gesto de amizade se é isso que vocês estão pensando. Hoje eu serei dura e impiedosa com ele. Nada de colher de chá. Façam suas apostas.

# QUARENTA E SEIS

MARIANNE - PARTE 01

Desço do carro e espero Sawyer pegar as poucas compras na mala. Entramos no elevador privativo e ele digita uma senha.

— Vou lhe passar minha senha, caso queira me fazer uma visita qualquer dia. — Ele dá um sorriso torto.

— Eu não vou voltar aqui. Aceite — respondo com hostilidade.

— Tudo bem. Eu não vou me cansar de trazer você aqui.

Entramos no apartamento e um arrepio gostoso tomou conta do meu corpo quando eu lembro das peripécias que fiz da última vez que estive aqui. Ele foi para a cozinha e eu continuo na sala olhando tudo com curiosidade. Meus olhos encontram a estante, abaixo da TV há um

compartimento cheio de caixas de filmes. Fico eufórica e abaixo. Uau! Alguns parecem ser eróticos. Levo a mão para pegar um deles.

— O que está fazendo?

Levanto depressa, os olhos arregalados. Sawyer está parado atrás de mim apenas de bermuda e com um avental amarrado ao corpo.

— Eu... são filmes?

Ele olha para onde aponto.

— Sim, são filmes. — Ainda continua me olhando meio desconfiado.

— Legal.

— Deixe de xeretar e venha. — Ele estende a mão e eu o sigo para a cozinha. Sento-me sem esperar ele mandar. Ele dá a volta no balcão e começa a quebrar ovos em uma tigela.

— Por que tirou a camisa? Se essa foi uma tática para me seduzir, devo informá-lo de que falhou.

— Não preciso tirar a camisa para seduzir você.

Ele bate os ovos já quebrados, fazendo o bíceps flexionarem e depois joga peito de peru

picado, queijo cheddar, algumas ervas, tomate seco e sal. Enquanto trabalha na cozinha, eu cruzo as pernas e me ajeito assistindo aquela visão do paraíso — as Mariannes fazem o mesmo. Os músculos das costas largas à minha frente se mexem conforme ele abaixa ou ergue o braço para pegar alguma coisa. Eu tenho certeza de que ele faz isso para tentar me induzir. Está tão ridículo nessa missão de me fazer fraquejar.

*E está conseguindo*, uma vozinha interior sopra no meu ouvido.

*Transa com ele, Mary!* Minha Marianne safada implora quase de joelhos. A Marianne sensata manda ela calar a boca.

Em poucos minutos, tenho uma boa e deliciosa omelete à minha frente, além de um copo de suco.

Ele senta-se ao meu lado para comer também.

— Onde aprendeu a cozinhar?

— Sempre morei sozinho, Marianne. Tive que me virar.

— Hum. — Resmungo.

Como igual a uma leoa. Não troco uma  
NACIONAIS - ACHERON

palavra com ele enquanto como. Depois tomo todo o copo de suco e suspiro satisfeita. Limpo os lábios e olho para aquele que estava o tempo todo me olhando comer. Ele acha que eu não percebi? *Olá! Sou mulher, tenho visão periférica.*

— Ela não mora aqui? — pergunto, me referindo a loira do outro dia. Noto como ele fica inquieto.

— Não, nunca morou.

— Hum.

— Eu conheço Jill desde a minha formação como terapeuta. — Completa depois de poucos segundos.

— Desde a faculdade? Meu Deus! Tanto tempo assim? Vocês são quase casados.

— Não. Aí que você se engana. Somos apenas amigos que fazem sexo. Eu não entendi o que deu em Jill para ter me seguido e feito aquela cena.

— Talvez ela esteja com ciúmes. Amigos não transam, Graham. Ela é sua namorada ou ao menos ela acha isso.

— Você nunca vai entender minha relação com Jill. O sexo sempre foi, para a gente, uma

NACIONAIS - ACHERON

válvula de escape. Ela fica e dorme com quem quiser e eu também. Mas nas últimas semanas eu me distanciei dela por ter jogado sujo comigo. — Ele não está olhando para mim com aquela cara de dissimulado manipulador. Está de olhos baixos, fixos no copo de suco pela metade. Meu frágil coração feminino tem um pingo de pena dele, mas, graças a Deus, reage no mesmo instante.

— Isso não importa para mim. Eu fiquei muito irada por você ter contado a ela sobre meus problemas.

— Não conto para ela sobre nenhuma paciente. Você foi a primeira. — Ele levanta os olhos e me encara.

— Eu sou tão bizarra assim a ponto de você ter que compartilhar com uma pessoa? Deve achar que eu sou uma espécie rara.

— Não é assim. — Sawyer exala profundamente antes de continuar. — Eu contei a ela antes de termos feito sexo pela primeira vez. Quando você me contou que tinha medo de sexo. Sim, você é diferente de tudo que eu já conheci.

— Não vejo em quê.

— Só o fato de estar aqui, sentada nessa

cozinha, entupida de omelete que eu preparei, já é uma prova imensa.

A gente fica se olhando por algum tempo. Depois eu coloco uma mecha imaginária de cabelo atrás da orelha e baixo o rosto mordendo os lábios.

*Não ceda, Marianne. Não olhe para ele.*

— Eu contei a Jill sobre como uma certa paciente me intrigou. Eu nunca tinha conhecido alguém que tivesse medo de sexo. Quero que saiba que nunca mencionei seu nome a ela.

— Ela riu de mim?

— Não. Ela me aconselhou a não fazer a terapia com você. Jill ficou preocupada com você, disse que uma moça tão inexperiente poderia se apaixonar pelo salvador dela. No caso, eu.

— Isso não aconteceu — afirmo falsamente.

Sawyer fica levemente pálido e se cala. Nos encaramos novamente, uma expressão desconcertada estampa o belo rosto.

— Que bom... — Foi o que ele disse, sem parecer muito sincero.

— Foi muito humilhante o modo como ela falou...

— Eu sinto muito. Perdoe-me. Jamais deixei que uma coisa assim acontecesse com minhas pacientes, Jill sabe como eu levo isso a sério apesar de fazer coisas íntimas. Ela sabe como eu estou revoltado com o que ela aprontou.

— Terminou com ela?

— Não posso terminar uma coisa que nunca tive, ela foi o mais próximo de uma namorada, mas parecia mais uma amante. Nunca saía comigo e eu fiquei chocado ao vê-la no dia da festa. Depois que eu comecei com você, me afastei dela e isso causou algo naquela mulher... ciúmes.

Agora, quando nossos olhos se encontram, há um pouco de cumplicidade.

Acredito nele porque sempre sei quando Sawyer está falando a verdade. Ele pode ser misterioso e inexpressivo às vezes, mas, quando fala sério, eu consigo absorver a verdade de seus olhos. Sorrio com simpatia.

— Eu não estou mais chateada com você. Eu te desculpo. — Coloco minha mão sobre a dele e dou uma palmadinha. Ele olha para nossas mãos.

— Eu agradeço. — Sawyer consegue segurar meus dedos e faz uma breve carícia. Eu



fico meio sem jeito e começo a perder o ar.

Levanto-me.

— E eu agradeço o *brunch* maravilhoso.

— Aonde vai? — Ele segura meu pulso.

— Vou embora. — Dou um olhar de sobrancelhas levantadas como se quisesse dizer: "não é óbvio?" — Vim para ouvi-lo e já fiz isso, até te desculpei.

— E como fica agora? — Vejo urgência nos olhos dele.

— Cada um para seu lado. Não vou mais voltar ao seu consultório. Não posso, sinto muito. Devo honrar meu noivo. — Mais uma vez, uso Ryan como desculpa.

A expressão compassiva dele muda rapidamente para revolta.

— Pare de pensar um segundo naquele... naquele cara e pense em você. Como pode querer ser infeliz apenas para agradar pessoas como ele e Candice?

— E o que quer que eu faça? Que termine com ele e venha ficar com você? Por quanto tempo? Até que outra novidade apareça e você me

abandone?

— Não farei isso. Mas a gente pode ficar juntos até que seja bom para ambos, como eu já tinha dito. Nada será forçado, Marianne. Podemos não ter sentimentos fortes um pelo outro, mas o desejo que arde em nossas veias é o bastante para nos fazer felizes pelo tempo que durar.

— Eu aceitei o pedido dele diante de todos os meus amigos.

— Conversou com Candice depois que chegou? — Não sei por que mas notei urgência na voz dele. Estranho isso, será que ele acha que Candice mais uma vez está me influenciando?

— Não tem a ver com Candice, Sawyer. Eu não a vi desde que cheguei de viagem.

— Então fale com ela, peça uma opinião sobre isso.

— A Candice? — pergunto e rio. — Você enlouqueceu? Sabe muito bem o que ela vai dizer. Depois de xingar você com todos os nomes que conhece, claro.

— Candice conhece você, Marianne. Assim como aconteceu com ela, saberá que a gente tem que tentar buscar a felicidade, não importa como ou

NACIONAIS - ACHERON

onde. Se você disser a ela o que quer de verdade, ela vai te apoiar.

— Está insinuando que serei feliz sendo sua amante?

— Não é isso. Estou falando que estar comigo a deixa feliz. Eu sei, vejo em seus olhos quando a gente está assim, ou conversando ou fazendo sexo. Pense em como será sua vida com Ryan. Você nem sequer consegue ir para cama com ele.

Pronto. Ele tocou bem no ponto certo, no que mais me incomoda. Na realidade absoluta sobre minha vida. Eu abaixo a cabeça. Uma lágrima desce dos meus olhos e a enxugo depressa.

Respiro fundo tentando segurar todas as lágrimas dentro dos olhos.

— Houve um tempo em que eu quis muito amar Ryan. Estava quase conseguindo. Agora eu não consigo mais... Gosto dele como amigo e sei que a paixão pode renascer, mas fiz tudo errado traindo ele com você, beijando você e vindo para cá. E agora... entenda Sawyer, ainda tenho uma chance de remissão, com ele ou outro cara, posso recusar seu belo corpo e tudo que pode me oferecer

e ir de volta para uma vida normal.

Graham me puxa. Eu de pé e ele sentando no tamborete. Firma-me em seus braços e beija meus cabelos.

— Fique aqui comigo. — Pede sussurrando.

Nem me dá chance de responder. Toma meus lábios em sua boca me levando a um beijo excitante. Os lábios dele, quentes e úmidos, espremem os meus com necessidade delirante me deixando entorpecida. Não consigo reagir a isso, não consigo sair e nem fechar minha boca.

Eu precisei desse beijo por todos os dias que ficamos afastados, eu precisei dele e isso me amedrontou tanto. Eu não queria ligar para Candice ou para meu namorado. Eu só pensava em falar com Sawyer.

Seguro nos ombros dele, apertando a carne rígida com meus dedos, sentindo a pele quente dele banhar de erotismo todo o meu corpo. Nossas línguas estão loucas e desorientadas, fazendo o beijo ficar urgente e aflito. Eu despejo na boca dele toda a saudade que sinto espremida aqui dentro.

Ele se levanta me abraçando e vai me empurrando sem parar de beijar. Algo me faz

recuar. Eu disse que não ia encostar nele, prometi a mim mesma, apesar de tudo eu tenho um anel de outro homem no dedo. Isso é baixo e cruel.

Tento me afastar, sei que ele está me ganhando com os lábios. Eu tinha prometido não cair mais no hipnotismo descarado dele e me sinto uma incompetente. Ele segura minha mão que tenta empurrá-lo e se abaixa para segurar minhas pernas e me pegar no colo.

— Sawyer.

— Acabou, Marianne. Não adianta lutar.

— Você prometeu que seria apenas conversa! — digo, tentando descer do colo dele. Estávamos chegando à sala.

— É, eu prometi. Mas já que você não cumpre promessas, eu também não tenho obrigação de cumpri-las. Agora relaxe e aproveite.

# QUARENTA E SETE

MARIANNE – PARTE 02

— Eu parei com o anticoncepcional. —  
Revelo fazendo-o parar no mesmo instante.

— Não acha que isso vai me impedir, não é?

— É verdade, Sawyer. Eu parei, durante  
essa viagem estive sozinha, não tinha necessidade...

Ele se afasta e pensei que ele fosse desistir.  
Mas apenas caminha até um móvel, abre uma  
gaveta e pega uma caixinha. Traz para eu ver.

— Aqui é a casa de Sawyer Graham, meu  
bem. Tem camisinhas espalhadas por todos os  
cômodos. — Meus lábios entreabrem mortificados  
e eu dou um passo para trás. Ele me pega no bote,  
me abraça mais uma vez. Eu tento fugir, mas sou  
segurada com um braço em volta da minha cintura  
e uma mão me toca por baixo da camiseta.

— Ah, delícia! — comenta. — Estou quase

gozando só de tocar nos seus seios. — Ele balbucia, parecendo meio grogue, os lábios pressionados em minha bochecha. — Você é tão cheirosa, tão bonita e gostosa.

Merda. Me elogiar só piora as coisas. Queria que Sawyer fosse insensível e rude, mas ele simplesmente não me ajuda a superar. Ryan não diz essas coisas para mim, acho que ele nem olha para meus peitos. Já Sawyer, só falta comê-los.

— Sawyer... — Eu gemo jogando a cabeça para trás. Seguro firme nos braços dele. — Eu não quero... — Choramingo, achando que engano alguém.

— Diga isso quando eu estiver todinho dentro de você. — As mãos afoitas dele vão para minha calça jeans e fico impressionada com a rapidez com que ele consegue tirá-la. Com minha camiseta descartada, a calça abaixada e os cabelos soltos ele me puxa para bem perto dele. Não há espaço entre a gente, sinto como se ele quisesse fundir nossos corpos.

Enquanto me beija, sua mão desce ao meu bumbum e começa a me acariciar por cima da calcinha. E eu gelo toda por lembrar que estou de

calçola e não com uma linda renda. Os dedos ousados dele forçam o tecido produzindo uma deliciosa sensação. Eu nunca achei que poderia sentir tanta volúpia somente com fricções de dedos na minha bunda. Inutilmente tento me controlar, mas meu corpo me denuncia molhando os dedos dele.

*Merda! Que delícia!*

O pior de tudo é nem conseguir soltar um gemido sequer. Essa boca pecaminosa parece colada na minha. Nós simplesmente não paramos de tentar engolir a boca um do outro. Ele me toma de todos os modos, com dedos, língua, até o olhar que lança sobre mim.

Para minha desolação, Sawyer abandona minha boca e desce com beijos rápidos e urgentes pelo meu pescoço (claro que ele parou para dar uma lambida e chupar minha artéria latejante) e enfim, quando os lábios famintos chegam aos meus seios, tenho vontade de deitar, pois acho que minhas pernas vão acabar no exato momento.

Sawyer olha primeiro adorando-os, como se olha para duas frutas suculentas, enquanto segura firme cada um em uma mão. Meu sutiã nem sei



mais onde está.

— Vou chupar tanto esses peitos que você vai ficar desorientada. — Ele revela meio psicótico, vidrado e sedento. Abaixa a cabeça. Meus olhos reviram de tesão quando a língua suave e persistente faz um trabalho alucinante. Como se já não bastasse, ele suga forte e impiedoso. Uma sucção potente que faz meus mamilos doerem.

Minhas mãos seguram com força nos cabelos dele, arrancando um sorriso de satisfação dos lábios desse pervertido.

É para trepar? Então vamos trepar.

Eu praticamente escalo nesse corpo forte. Pulo nos braços dele passando minhas pernas em volta da cintura, meus braços abraçam seu pescoço e eu o beijo como se o mundo fosse acabar agora. Minha língua explora a boca dele, Sawyer tenta lambe meus lábios e eu capturo a língua dele sugando-a para dentro da minha boca e dando continuidade ao beijo violento. Logo em seguida, sem me dar por satisfeita, chupo com ânsia seu queixo, beijo o maxilar e torno a voltar para os lábios.

Mais uma vez ele sorri, achando graça do

meu desespero.

— Está rindo de mim? — pergunto. Meus olhos flamejantes. Tipo possuída sabe? Possuída de uma loucura que eu não sei de onde vem, mas sei que sempre esteve dentro de mim.

— Estou. — O maldito confessa. É mesmo um sem-vergonha e isso me deixa tremendo de desejo. Geralmente homens sacanas piram as mulheres, afinal eles são uma promessa de satisfação total, animais na cama. Bonzinhos são bons, mas os safados são melhores ainda.

Facilmente ele puxa a minha calcinha e nenhum de nós se importa sobre ela é fio dental ou não. Só me importo com o dedo dele que entra e sai de mim em uma carícia lenta e sensual.

Instintivamente empurro meu quadril contra os dedos dele.

— Mary! Que delícia. Você nunca me decepçiona, sempre receptiva.

Eu continuo com os movimentos contra a mão dele, agarrada bem firme ao corpo grande.

— Merda, que saudade eu estava dessa sua boceta apertada e succulenta. Quero devorá-la. — Eu me eriço toda. Algumas poucas mulheres (como NACIONAIS - ACHERON

eu fui tempos atrás) m ouvir um homem falar sacanagens no pé do ouvido. Hoje eu fico louca toda vez que ele abre a boca e solta um palavrão ou diz coisas sobre meu corpo, sobre o que pretende fazer comigo.

O dedo dele faz um movimento circular dentro de mim e só me resta gritar e guiar meu corpo para baixo.

— Veja só isso. Vou tocar no seu ponto G — diz e curva o dedo como um anzol. Começa a introduzi-lo dessa forma raspando minha carne interior e me fazendo perder totalmente a noção de tudo. A carícia se faz tão profunda e deliciosa que eu nem me importo se vou arrancar todos os cabelos da cabeça dele. Suspeito de que vou gozar uma cachoeira.

— Sawyer! — detalhe: o nome dele não foi um gemido. Foi um grito mesmo.

— Quer gozar, meu bem? Sentiu falta disso?

— Sim...

— É. Eu sei que sentiu. Também senti.

Sem me soltar, ele usa uma das mãos para desatar o nó da bermuda e abrir o botão. A peça de  
NACIONAIS - ACHERON

roupa desce pelas pernas dele e, em seguida, ainda me beija e provoca meu corpo com mãos experientes, ele puxa a cueca para baixo até metade das coxas. Eu paro de beijá-lo e perco o ar, jogando a cabeça para trás quando ele bateu seu pau na minha bunda. Bem safadamente, o patife se esfrega debaixo das minhas pernas.

— Estava todo melado dentro da cueca. — Ele confessa bem próximo do meu ouvido. — Meu saco está dolorido, hoje a camisinha vai transbordar de porra. Fico indignado por não poder gozar tudo dentro de você, sentir sua boceta sugando até minha última gota, sorvendo todo meu leite. — Ele torna a introduzir um dedo afobado dentro de mim. Eu grito e cravo minhas unhas no ombro dele.

Ele atingiu um ritmo rápido, me fodendo com dois dedos. Nossos rostos colados, as respirações ofegantes se misturando em uma só. E, olha só, meninas, ele está me matando apenas com dois dedos, imaginem o que ele poderá fazer com essa coisa dura e grande dentro de mim?

— Sawyer, ai! Ah! Jesuuuus! — Reviro os olhos deixando minha cabeça tonta pender para trás. Não consigo segurar mais meu corpo que vibra

todo e, quando estou perto, quase despejando meu prazer na mão dele, o cretino para e tira lentamente os dedos de dentro. O sorriso estampando os lábios.

Os dedos dele saem e ele posiciona a ponta do pau na minha entrada molhadinha.

— Segure-se em mim. Vou precisar das minhas mãos agora. — Eu fico pendurada no corpo dele, é incrível como ele nem se move com meu peso. De pé, com eu pendurada em seu corpo, numa agilidade impressionante, Sawyer veste a camisinha, gemo alto quando sem piedade me penetra. Enfia tudo de uma vez. Não dá nem tempo para eu me acostumar, começa a golpear bem fundo, me fazendo recebê-lo tudo de uma vez, tão grosso e grande, indo tão profundamente. E então ele começa a bater com força, se segurando e se movendo de pé, o pau sobe e desce dentro de mim tão rápido e profundo que estou pronta para gozar.

— Calma, você aguenta. Está bem molhadinha e receptiva.

— Ah, meu Deus! — grito. Ele sorri com a boca na minha bochecha, dá mais duas socadas profundas e para todo dentro de mim. Meu corpo todo eletrocutado pelo pau dele estocado bem no

fundo. Tremo e arfo sem conseguir implorar para que ele me deixe gozar e fico sem voz.

— O que me diz de parar agora? — pergunta, saindo bem devagar de dentro de mim.

— O quê? — pergunto, desorientada, entre soluços.

— Você não disse há pouco que não queria? — Ele passa a mão nos meus cabelos, joga os fios para trás, depois desce e passa o polegar nos meus lábios e morde meu queixo. Seus pelos começando a nascer deixam uma trilha no meu rosto. A boca dele é grande e apetitosa, passa pelo meu maxilar e eu fico afoita querendo-a em meus lábios, quero chupar essa língua luxuriosa, mas ele não deixa, quero que ele meta fundo, mas ele está decidido a me punir por alguma coisa.

— Seu cretino. — Eu mordo o braço dele.

— Peça para eu continuar. Quero ouvir a verdade, sempre te disse isso.

— Por favor...

— Por favor, o quê?

— Quero que você me possua. Rápido.

— Não precisa ser tão reservada comigo,

por que não diz que quer que eu coma você?

— Sim! — grito. — Eu quero seu pau, quero a droga de sua língua, quero que você me foda e me deixe acabada. Sabe disso, sempre soube. — Nervosa, me agarro mais a ele. Sawyer fica me olhando espantado e fascinado, e, como se tivesse visto meus lábios naquele momento, ele avança e me beija com muito furor.

— Mary! Você ainda acaba comigo. Se disser isso de novo, não sei se vou conseguir esperar você gozar. Continue olhando para mim assim, continue me beijando assim — pede, ofegante, e me penetra de novo, mas, dessa vez, não faz os movimentos com a pélvis contra mim. Anda comigo pela sala até chegarmos ao sofá de três lugares. Ele se senta comigo enganchada na cintura dele. Ficamos de frente um para o outro, ele enrola o punho no meu cabelo puxando minha cabeça para trás. Meu pescoço fica à mostra e, mais que depressa, ele passa a língua da base do pescoço até o queixo. Eu já estou quase explodindo, sentindo toda a rigidez dele dentro de mim pressionando bem no fundo. Sentada nas bolas dele. Minhas mãos vão para frente e eu cravo as unhas no peito forte. Sawyer também geme, NACIONAIS - ACHERON

profundo e rouco.

— Me beije, Sawyer, me dê tudo o que você pode. Eu estou explodindo, por favor, me dê logo.

— Ele não consegue desviar os olhos dos meus, seus lábios entreabertos, mais ofegantes que o normal, vêm em direção a minha boca. Ele chupa meu lábio inferior e depois vem o beijo de língua.

Levo uma mão para trás e a desço pela minha bunda até encontrar apenas os testículos dele para fora. Ele está todo enterrado em mim, é uma sensação indescritível. Acaricio as bolas dele e fico fascinada com o rosto instantaneamente contorcido e mais um gemido másculo que sai dos lábios dele.

— Agora é sua vez. — Ele sussurra no meu ouvido. — Cavalgue um pouco.

— Eu...

— Já fizemos isso uma vez, lembra? — Levando suas mãos para baixo do meu traseiro, ele me faz levantar um pouco. Seu pênis sai de dentro de mim, não totalmente.

— Sente-se agora. Sua boceta está pronta, engula ele todo de uma vez. Deixe minha rola bater bem fundo — murmura com a voz embargada de prazer. Eu gemo e vou descendo aos poucos, paro,



experimento mais um pouco o pau grande, paro mais, acaricio as bolas dele e torno a sentar, agora tudo de uma vez, atolando tudo dentro de mim novamente.

— Agora repita você esses movimentos. Bote essa bunda para mexer. — Ele me dá um tapa na bunda e isso não me deixa irritada, ao contrário, me sobe um fogo...

Bem devagar, começo levantando e sentando, tirando e colocando. Ele é grande e vai me alargando, o afastamento da minha carne para ele passar é uma sensação devastadoramente boa. Estou toda entregue enquanto ele está apenas vidrado me observando, sendo fodido. Os braços estendidos, abertos no encosto do sofá, um sorriso patético nos lábios. Eu meio curvada com uma mão no peito dele e a outra em sua perna. Consigo um ritmo bom que me deixa alucinada. E não são só as penetrações que me deixam quase derretida. Essa visão a minha frente, ter ele todo para mim, apenas sentado deixando eu tomar conta, deixando eu brincar com seu corpo. É demais para aguentar.

— Adoro admirar a vista — diz, olhando para mim enquanto eu subo e desço no pau dele. Eu

já estou bamba e quase caio de tanta embriaguez. Ele segura minha cintura, me puxa para mais perto e leva um dos meus seios para sua boca.

— Ah! O que mais um homem pode querer? Transar com você é único, Mary.

Pronto. As palavras e as chupadas fazem meu orgasmo surgir. O pau dele entra mais fácil conforme eu vou ficando mais úmida, fico nesse vai e vem torturante até que ele para, solto um lamento e ele ri.

Percebo que Sawyer parou para mudar de posição. Ele me abraça e deita no sofá comigo em cima dele. Mesmo deitado, ele continua me abraçando e me mantém deitada contra seu peito, sentindo os joelhos dele se curvarem atrás da minha bunda, levantando um pouco.

— Agora é minha vez — sussurra e começa a meter com força total. Eu grito e nada posso fazer presa nos braços dele. E nem quero, está gostoso demais assim. O pau dele entra e sai vigoroso e melado, batendo as bolas na minha bunda. Do jeito que eu gosto. Eu o abraço, tão gostoso, forte, grande...

— Ah! Que gostoso! Não pare! Por favor,

continue assim! — Eu peço aos gritos sem nenhum pudor. Não preciso de pudor quando estou com ele. Usando as pernas dobradas como alavancas ele conseguia uma velocidade impressionante. Depois disso, não demora para eu me dissolver toda em um gozo potente ao redor dele, sinto meu canal vaginal se contraindo todo em torno do pau dele. Sawyer geme, mete mais um pouco e também goza em seguida, quase junto comigo.

Relaxo meus braços, caída e inerte, quase inconsciente deitada em cima dele. Meu nariz fica na altura do peito forte, eu aspiro sentindo o cheiro masculino que meu corpo já reconhece bem.

Durante meus dias sozinha na casa de veraneio, era esse cheiro que me embalava todas as noites. Respiro fundo e solto o ar, estou satisfeita. É impressionante como tudo fica mais leve quando faço sexo com ele.

Graham sai de dentro de mim, e eu protesto apertando o pau dele com a vagina e ofegando. Ele descarta o preservativo, amarrando-o e jogando-o ali mesmo em um canto. Entrelaço minhas pernas entre as pernas grossas de Sawyer. Ele faz uma carícia gostosa em minhas costas com as pontas dos

dedos subindo e descendo até a minha bunda.

— Venha para o quarto comigo? — pede com a voz baixinha que acaricia minha pele junto com seus dedos. Me sinto aquecida e segura nos braços de Sawyer.

— Adianta eu negar?

— Não, só estou pedindo por educação. Eu vou te levar de qualquer jeito.

— Eu sou uma tola, idiota. Prometi a mim mesma que não cairia mais na sua conversa barata. Droga, Sawyer, você me magoou muito. Duas vezes seguidas.

— Nenhuma das vezes teve fundo maldoso. Estou muito arrependido, me sentindo mal e louco para te recompensar. Além do mais, por que lutarmos contra algo que nos deixa assim, felizes e relaxados?

Eu não respondo nada. Fico pensativa.

— Você não é nenhuma idiota, Mary.

— Querer muito fazer sexo com você é um sinal de idiotice crônica.

Sawyer dá uma gargalhada fazendo o peito dele (meu travesseiro improvisado) tremer.

Ele levanta meu rosto e me beija. Um beijo terno, carinhoso, bem calmo. Nossos corações batem mais tranquilos na mesma melodia.

Não importa o mundo lá fora nem a realidade batendo incessantemente na porta. Candice poderia pensar o que quiser, minha Marianne sensata poderia dizer o que bem entendesse. Eu, nesse momento ouvia apenas meu coração que implorava de mãos juntas para que eu continuasse com esse homem por mais alguns minutos... ou horas.

Fomos pelados para o quarto. Eu com a mão na frente dos seios e outra tampando entre as pernas. Ele tenta tirar minhas mãos enquanto eu corro escada acima morrendo de rir.

Ele abre a porta e, diferente do meu, o quarto dele está em perfeito estado, nada fora do lugar. Como da outra vez.

— Quem arruma seu quarto?

Não consigo segurar a curiosidade.

— Uma empresa de limpeza manda uma faxineira três vezes por semana. Ela veio ontem, não tive tempo de bagunçar tudo.

— Seu quarto é muito bonito.

— Gosta?

— Sim. Você tem bom gosto.

— Por que não vem passar uns dias comigo?

— Como em férias?

— Sim.

— Eu provavelmente sairei de férias no fim de semana.

— De novo? Que preguiçosa! Você não trabalha?

Ele ri me envolvendo em seus braços.

— Pois é. Candice e eu compramos meses atrás uma passagem para um cruzeiro. Ela não vai poder ir, não sei se cancelo a viagem ou vou sozinha. Ryan queria ir comigo, mas não vou levá-lo. — Só não conto para Sawyer que vou terminar com Ryan porque ele não vai me dar mais sossego. Então vou resolver primeiro um problema, para depois resolver o outro.

— Acho melhor cancelar. — Ele opina sem se preocupar em esconder o desconforto.

— E perder o dinheiro? Acho que é tarde demais para eles reembolsarem.

— E viajar com Ryan em um cruzeiro vai ser bom?

— Não vou levá-lo, já disse.

— Acha que ele iria?

— Sinceramente? Não. Ryan não curte essas coisas e com certeza vai dizer que tem muito trabalho.

Eu faço uma carícia no peito dele com meus dedos. Sawyer abaixa os olhos e olha para minha mão.

— Você tem um belo corpo — digo.

— Obrigado, mas não tão bonito como o seu. Você fica muito mais linda depois de transar comigo. — Ele segura minha mão e a leva até os lábios para beijar meus dedos. — Venha desfrutar do meu corpo mais um pouquinho.

— Acho melhor eu ir embora...

— Fique mais um pouco, vamos matar a saudade.

— Sawyer...

Ele morde minha orelha e sussurra:

— Quero te mostrar como é bom fazer sacanagens contra a parede.

Droga! Acabamos de transar loucamente e ele me abraça e morde minha orelha e eu já fico querendo mais, não consigo me cansar desse homem.



# QUARENTA E OITO

## SAWYER

Marianne fica excitada com minha proposta de sexo na parede, mas, ao mesmo tempo, noto que ela se retesa imediatamente. Fica dura em meus braços. Meu pau duro, espremido contra o ventre dela. É impossível ficar tão perto dessa mulher, fitando esses olhos castanhos dourados e não tocar na pele alva levemente rosada. Caralho! Eu estou tão caído por ela. Meus dedos tocam a maçã do seu rosto.

— Algum problema?

— É tudo tão bom... Mas estamos numa confusão sem tamanho.

— Não pense nisso. — Minhas mãos escorregam para o ombro dela e começo a fazer uma massagem relaxante, ou sedutora mesmo.

NACIONAIS - ACHERON

Odeio quando Marianne decide pensar na vida.

— Como não? Isso está indo longe demais.

— Ela olha para meu peito e, como se não pudesse evitar, sua mão sobe pela lateral do meu tórax, nas minhas costelas, passam pelo meu peito e descansam no meu ombro.

— Vamos continuar como se fosse a terapia. Quando acabar o número de sessões... vamos ver o que vai acontecer.

Ela me olha pensativa.

Eu prefiro ir por esse caminho, colocando a desculpa na terapia. Se proponho que tenhamos um caso, ela fica louca, possessa. Talvez se eu der a ela um pouco de liberdade, como se isso aqui não fosse nada além de sexo, ela deixa as neuras de lado. E então, voltamos às terapias e quando terminar as sessões, eu arrumo outra maneira para continuarmos nos encontrando.

Ela se afasta de mim e se senta na cama. Delicadamente cobre os seios com um braço e cruza as pernas.

*Meu Deus! Se cobrindo assim ela fica mais deliciosa.*

— Como seria isso? Voltarmos novamente

ao consultório com todas as regras?

— Se você desejar. Não prometo aplicar todas as regras novamente. Eu quebraria todas. — Ando até ela e agacho na sua frente. Ela abaixa os olhos para me encarar.

— Eu vou pensar.

— Pensar em quê? Já estamos aqui, pelados, decididos. Não há o que pensar. — digo meio desatento, olhando fixamente para as pernas dela. Meu pau reclama, meu saco dói.

— Graham... — ela reclama.

Eu dou um sorriso para ela. Minhas mãos nas coxas bem contornadas, noto como estão mais douradas pelo bronzeado.

*Ela tem ideia de como é gostosa e de como me faz ficar louco?*

— Eu gosto de ouvir você falar meu nome — digo todo carinhoso.

— Estou falando sério, poxa!

— Eu também.

— Tem certeza que se eu voltar lá... aquela mulher não vai voltar?

— Eu já disse que cortei contato com Jill

definitivamente. Ela pisou feio na bola comigo. Acredite em mim.

Respiro e exalo bem profundo antes de responder.

— Pisou na bola?

— Além de ter sido uma babaca, ela ficava com outros caras sem eu saber. — Invento.

*Como está acontecendo com você, sua tola. Abra os olhos, Marianne.*

— Graham...

Esse "Graham" não foi de alerta como o outro, foi como se ela quisesse dizer: *"Eu sinto muito."*

Sinto os dedos dela pousarem na minha cabeça a fundar nos meus cabelos. Sou um mentiroso, Jill não tinha me traído tecnicamente, afinal ela sempre teve outros homens, tínhamos uma relação aberta. Mas quero jogar essa isca para ver o que pesco sobre como Marianne enxerga uma coisa dessa. Eu me ergo e me sento ao lado dela.

— Se fosse você? Como reagiria? Se descobrisse que seu noivo trai você.

— Bem, eu também fui infiel.

— Mas e se ele traísse antes de você fazer qualquer coisa?

Ela me olha com cumplicidade. Gosto desse olhar. Um leve curvar de sorriso nos lábios que me tiram do sério.

— Primeiro, eu ficaria louca, depois, eu me sentiria livre e pensaria duas vezes antes de me envolver em outro relacionamento.

— Então se isso acontecesse, você nem daria uma chance para mim?

— Claro que não. Achei que sendo terapeuta, saberia que uma mulher traída retém um certo trauma e começar um novo relacionamento, mesmo um caso, demanda um pouco de tempo.

— Você não começaria um novo relacionamento, estaria apenas continuando com o que já tem. Em um caso comigo.

— Eu não tenho que pensar nisso, tudo bem? Não quero mesmo pensar em nada disso.

Fico calado. É melhor esperar Candice entrar em ação. Enquanto isso posso aproveitar a presença dela aqui.

— Uma mulher traída retém um trauma, mas sabe quem estou querendo reter aqui no meu  
NACIONAIS - ACHERON

apartamento?

Eu beijo o rosto dela. Marianne me olha com o esboço de um sorriso. Os lábios tentam não se render, mas os olhos acabam sorrindo. Eu amo demais quando ela sorri com os olhos. É um brilho intenso que chega a me chamuscar.

— Eu preciso ir continuar minhas compras que você gentilmente impediu de terminar.

— Já que estamos aqui, por que não aproveitamos? Depois teremos tempo suficiente de conversar ou pensar nos nossos atos. E fazer compras.

Como sempre eu não a deixo pensar ou responder. Minha mão segura com firmeza seu rosto e o traz para um beijo. Ela não resiste, aproxima mais de mim e aprofunda o beijo, sua mão pousada na minha perna, bem perto do meu lugar favorito. Meu amigão já está começando a endurecer. Dou um sorriso sacana, ela percebe e tira a mão rápido.

— Para com isso. Você já tocou nele uma vez e não ficou constrangida, lembra?

Ela me olha e olha para baixo. A inocência expressa nesses olhos me enlouquece, me tira da

realidade.

Eu me levanto, ela continua sentada na cama e eu de pé à sua frente. Meu pau já ereto quase batendo na cara dela.

— Segure nele, Marianne.

Ela engole em seco, seus olhos fixos nos meus. Lambo os lábios. Seguro no meu pênis pela base e balanço na frente dela. Com relutância, ela o toma da minha mão. Ela já tinha uma prática mais ou menos do que deveria fazer, com dedos delicados e trêmulos começa um movimento bem lento da base até a cabeça que já está grande e latejante. Ela testa: dá uma passada de mão, em seguida, afaga com cuidado minhas bolas.

— Vê como ele está babando por você?

— Você é muito depravado. Não acredito que disse isso. — Ela levanta os olhos cheios de um horror encenado.

— Pois é, eu disse. — Pego o cabelo solto dela e ajunto em um rabo de cavalo preso em minha mão. — Por que não dá um beijinho nele?

— Beijinho?

— Um jeito modesto de pedir que você o coloque na boca. — Ela fica meio desconcertada,  
NACIONAIS - ACHERON

mas reage rápido. Dá um sorriso muito malicioso e lambe os lábios.

— Você, modesto? Não gostei. Queria que você pedisse do jeito Graham de ser. — Dou uma gargalhada sonora. Ela apenas sorri mostrando os dentes bonitos.

— Ah! Minha menina má. Você ainda me causa um enfarto.

— Apenas diga. Quero uma mistura do profissionalismo do doutor Graham e da perversão do Sawyer depravado. — Ela continua me punhetando enquanto fala.

— Quer os dois? — pergunto, surpreso.

— Claro. Seu profissionalismo para me ensinar e sua perversão para me excitar.

— Então vamos lá. Eu quero foder sua boca. Quero isso desde que a vi no meu consultório com aqueles óculos de executiva. Sei que você ainda não tem experiência e meu pau é grande, mas também quero que você tente engolir até eu sentir sua garganta. — Ela para um pouco de mexer a mão e fica olhando abobalhada para mim. acaricio a bochecha dela. — Quero que fique olhando para mim enquanto eu faço você lacrimejar por causa



das socadas, será delicioso para nós dois. Eu só não posso deixar meu pau foder sua boca do jeito que ele quer, você vai acabar engasgada então prometo ser muito carinhoso. Ok?

Marianne assente. Parece fervendo de tesão.

Seguro os seios dela, cada um em uma das mãos. Eu os acaricio de baixo para cima e, em seguida, com meus dedos, pinço os dois mamilos intumescidos. Ela arqueia as costas e solta um gemido.

— Pronta para mamar um pouco o meu pau? — pergunto com uma voz bem elaborada. Preciso usar todas as minhas cartas para continuar seduzindo-a e relaxando-a.

— Você sabe que eu nunca... — Ela para de falar, engole seco e continua. — Eu só não quero decepcionar você. Tipo, você me faz ver estrelas com a boca em mim, não sei se serei a mesma coisa.

— Eu sei que nunca fez isso. E esses encontros são justamente para ajudar você a se libertar, a ter coragem e conhecer novas fontes de prazer. É como chupar picolé ou pirulito. Assim como faz com eles, você apenas chupa e não usa os

dentes. Faça isso comigo.

Ela comprime os lábios e me olha. Decido que tenho que ajudá-la. Tomo ele da mão dela e me aproximo um pouco mais, com muito cuidado, toco os lábios, inchados e meio trêmulos com a ponta latejante e rosada do meu pau. Marianne, com o rosto levantado, olha fixamente para mim. Ainda com muito cuidado começo a contornar os lábios dela com meu pau quase explodindo, como se estivesse passando batom.

Eu estou em uma missão de viciá-la a dar para mim. Quero Marianne caidinha aos meus pés, como eu estou aos pés dela, quero acordar de manhã e poder ser usado por ela para me aliviar. Imagino acordar com essa boca no meu pau ou eu acordá-la com uma socada lenta e preguiçosa. Eu quero satisfazer os desejos dela, preciso que ela sinta necessidade de se aproximar de mim. O motivo? Não sei explicar. Sinto meu corpo em chamas e a razão indo embora toda vez que estou perto dela. Isso já tinha acontecido algumas vezes, o fato de eu querer tanto uma mulher. Porém, nunca nessa proporção.

Continuo sentindo a maciez dos lábios dela

com meu pau, modéstia à parte, bem esticado, grandão. E minha paciência já esgotando. Se demorar mais um pouco eu gozo na cara dela sem nem foder um pouquinho. Que porra! Minhas bolas doem!

Chega a um ponto que ela arfa. Eu não perco tempo, com os dedos carinhosos abro os lábios dela e me introduzo naquela pequena abertura, apenas a ponta pulsante, o que já é um grande passo. Tiro rápido.

— E então? — pergunto.

Ela fica sem fala. A boca levemente aberta, as bochechas rosadas.

— Posso continuar?

Ela balança a cabeça que sim.

*Isso!* Meu eu interior pula eufórico de pau duro. 1 x 0 para mim contra a resistência fraca dela. Abaixo-me e deposito um beijo nos lábios dela.

Volto a penetrar sentindo os lábios passarem por minha pele, engulo um suspiro.

Primeiro é como se ela estivesse provando o sabor. Ela chupa a cabeça da minha rola, tira e lambe, deixa eu meter novamente e engole mais um pouco. Como eu previa, Marianne tem a boca

NACIONAIS - ACHERON

deliciosa, sedosa e macia. Incrivelmente ela não fica naquela frescura de apenas dar beijinhos superficiais.

Ela chupa mesmo, com vontade. Eu ainda continuo segurando meu pau, daqui a pouco será por conta dela. Enfio e tiro em movimentos bem lentos, para ela se acostumar, conseguir uma boa técnica de respiração. Ela levanta o rosto grudando os olhos nos meus. Cacete, que porra louca! Quase estrago tudo jorrando litros na boca dela. Aqueles olhos sedentos, pedindo por mais enquanto vejo meu pau sai e entrar até a metade na boca dela. tudo que eu sempre sonhei desde que ela entrou na minha vida.

Agora sinto a língua tímida dela se mover lentamente dentro da boca disputando espaço com meu pau. Tiro e torno a colocar. Tive todo cuidado para não assustá-la, entro só até a metade e tiro novamente.

— Tome, segure. — Pego a mão dela e faço com que segure e decida o ritmo das estocadas. Mais tarde, outro dia eu foderia ela do jeito que quero. Hoje é apenas iniciação.

Deixando a vergonha de lado, ela começou

o serviço. Primeiro chupa a cabeça como se fosse o tal pirulito que falei. Suga e dá umas mordidas. Eu gemo, continuo prendendo os cabelos dela em minha mão para não cair no seu rosto. Da próxima vez eu a pedirei para amarrá-los quando formos fazer isso.

Ela parece encantada, como uma criança quando ganha um brinquedo novo. Tira-o da boca. Estou todo babado, ela fica olhando e ao mesmo tempo fazendo movimentos com a mão fechada em torno. Inclina para frente e beija minha virilha bem em cima do código de barras. Isso me pega de surpresa. Em seguida vai descendo os lábios em toda extensão dura e quente e beija a pontinha. Gemo mais uma vez, foi inevitável.

Ela dá um breve sorriso e continua a excursão por minhas partes baixas. Sem nenhum pudor toca nas minhas bolas e beija ali também, em seguida passa a língua no meu saco. Quase gozei na cara dela. Minha garganta está tampada de prazer, meu coração acelerado e eu unindo todas as minhas forças para conseguir suportar por mais tempo. Me lembro dos outros orais que fizeram em mim, nenhum me deixou tão tesudo como agora.

— Por que não tem muitos pelos? — pergunta, acariciando minha virilha semidepilada.

— Porque eu trabalho com isso. Tenho que ter uma boa aparência.

— Para nós, mulheres, depilação é rotina, mas para vocês...

— Marianne, pare de conversar. Está me deixando louco. — Eu penetro a boca dela e segurando atrás da cabeça dou umas três investidas potentes e saio depressa para ela não engasgar.

— Tudo bem? — pergunto em alerta. Ela balança a cabeça que sim. Está até com um leve sorriso nos lábios.

— Você é muito gostosa.

Achei que ela iria levantar horrorizada por eu ter fodido a boca dela, mas acho que a reação foi contrária. Parece mais animada. Pega com firmeza no meu pau e o devora com vontade. Parece que ela sente necessidade dos meus gemidos, está adorando poder me deixar louco. Aproveitando a deixa, introduzo quase tudo na boca dela e dou mais umas estocadas profundas, com ela no controle. Ela não engasga e soube que pode engoli-lo mais.

Sinto o gozo vindo. Marianne está mais  
NACIONAIS - ACHERON

relaxada e chupa meu pau com um desejo alucinante, se esbaldando no pote de mel. Mas ainda não é hora de gozar na boca dela. A imagem dela toda lambuzada de porra me deixa mais excitado. Eu poderei esperar. Saio da boca dela, estou ofegante.

— Chega. Não quero ainda me acabar na sua boca. — Em seguida, e com passos trôpegos, a guio até a parede mais próxima. Faço ela levantar um pouco o bumbum e enfio minha mão por baixo das suas pernas. Está molhadinha. Viro-a de frente para mim.

— Abra as pernas por favor, minha gata. — Eu peço e ela atende de imediato. Eu começo a me abaixar descendo minhas mãos pelo corpo dela até que estou ajoelhado à sua frente e minhas mãos na cintura delgada. Dou um suspiro.

— Continue nessa posição. Quero sua boceta bem aberta na minha boca. — Imediatamente testo a umidade dela com os dedos. Esfrego por fora, circulando o polegar no clitóris inchado. Ela está muito excitada apenas por ter chupado meu pau.

— Você me mata desse jeito! — Eu

exclamo mais para mim mesmo. E não perco tempo em fazer o que está matando minha língua de desespero. Enfio minha cabeça no meio das pernas dela para dar a melhor lambida que ela já teve. Quero a cada dia fazer melhor do que no dia anterior e não dar espaço para ela contestar. Marianne geme e segura meus cabelos enquanto eu a chupo com vontade absorvendo o gosto natural. E eu sou exigente, quero sentir tudo e fazê-la sentir também, enquanto minha língua faz movimentos rápidos lambendo-a e fodendo-a bem intimamente, meu polegar provoca o clitóris dela.

— Ah, Sawyer... Por favor, não pare. — Ela geme choramingando com os dedos segurando forte meu cabelo e a cabeça jogada contra a parede. Eu pego uma perna dela, coloco-a sobre meu ombro deixando-a mais exposta. Continuo matando minha fome de Marianne, deixando-a arrebatada contra a parede. Trago para dentro dos meus lábios a bolinha inchada que é o clitóris dela. Chupo com cuidado, está muito sensível e sinto que ela está quase gozando.

— Não goze ainda. Eu preciso de você gozando no meu pau. Quero sentir as contrações da sua boceta gulosa.

NACIONAIS - ACHERON



— Não, Sawyer! Por favor, não pare... estou quase... continue.

Eu paro. Ela me direciona um olhar tão terrível que achei que fosse uma psicopata encarnando-a.

Eu me levanto e antes de ela dizer mais alguma coisa, dou-lhe um beijo nos lábios, chupando-os do mesmo modo que chupava lá embaixo. Eu faço com que sinta o gosto dela impregnado em minha boca. Ela treme toda e eu saio de perto correndo, pego um preservativo no criado-mudo e já volto desenrolando-o no meu pau. Viro-a, com gentileza, de cara para a parede e penetro-a sem esperar mais. Tudo de uma vez. Marianne geme e encosta o corpo no meu.

— Isso. Assim... Eu quero tudo! — murmura em uma voz quase inaudível, levanta a mão, jogando-a para trás, e puxa meus cabelos, minha cabeça abaixa para poder morder seu ombro.

Apesar de ter adentrado nela com força total, eu dou uma pausa e primeiro degusto-a com calma, como se prova um bom vinho, entro e saio devagar. Ela está no jeito certo para uma boa trepada, bem manhosa, mexendo a bunda e

molhadinha por dentro. Continuo com meus lábios no ombro dela e Marianne começa a se indignar com minha vagarosidade.

Que porra! Eu preciso ir com calma para não gozar na primeira socada.

Já pronto, empurro-a para a parede e começo a socar forte.

— Aaaaah, Sawyer... Ai... Isso! Com força!  
— A mão dela desce tentando tocar o clitóris. Eu a pego a tempo a coloco na parede novamente.

— Não. — Sussurro no ouvido dela. — Vai gozar apenas sentindo meu pau.

Ela geme perdendo o equilíbrio das pernas, eu continuo metendo sem parar. Uma mão no ombro e outra na cintura.

Marianne grita por causa da pressão que faço no entra e sai dolorosamente arrebatador. Só fico indignado por ter essa coisa cobrindo minha pele. Queria poder sentir ela quentinha e úmida, rebolando enlouquecida no meu pau.

— Ah, meu Deus! — grita de novo, com as mãos e o rosto na parede. Seguro nos cabelos dela e a outra mão na cintura. Olho para baixo vendo eu me mover, entrando e saindo, a visão me deixa

doido. Posso me considerar um louco varrido, sem racionalidade quando estou transando com Marianne. Minha. Apenas minha Marianne.

Intensifico as investidas o mais profundo possível. Enfim meu pau está encontrando o alívio que tanto esperava. Puxo um pouco os cabelos dela fazendo-a virar o pescoço de lado. Capturo seus lábios bem rápido. Marianne responde ao beijo com desespero, e tenta beijar e gemer ao mesmo tempo.

Os lamentos de puro prazer se misturam aos meus gemidos altos, continuo socando com força, ela joga a mão para trás, enterra os dedos na pele da minha bunda e me puxa gritando para eu não parar, eu continuo no mesmo pique até fazê-la gritar por causa do orgasmo que teve ali de pé.

Definitivamente comer uma mulher de pé é a coisa mais deliciosa. Só perde para a posição de quatro, bunda para cima e rosto na cama.

Torro meus neurônios com tanta loucura quando ela, no meio do gozo, joga a bunda para trás. Sinto o orgasmo vindo e ela travando a boceta em torno do pau, arqueando o corpo, pedindo por mais e tremendo toda, quase despencando no chão. É preciso enlaçar a cintura dela e dar apoio.

Querendo ou não um homem fica inflado e satisfeito por saber que pode causar esse abalo sísmico em uma linda mulher. Em qualquer mulher, para ser mais preciso.

Eu pressiono o corpo contra o dela, beijo seus cabelos.

— Não foi tudo ainda, devo adiantar. Consegue me aguentar mais alguns minutos? — pergunto ao pé do ouvido dela.

— Mais? — pergunta em um meio sorriso fraco, embriagado pelo sexo explosivo, pelo orgasmo que a fiz ter.

— Mais um pouquinho só. Será na cama, confortável.

— Você é incansável! — Ela resmunga e eu a pego no colo. Marianne passa o braço no meu pescoço e me beija.

Levo-a para cama e deitamos de lado, me posiciono atrás dela e a penetro nessa posição de conchinha. Marianne segura forte nos lençóis, eu a abraço com um braço e o outro mantendo a perna dela meio levantada para ter mais facilidade na trepada.

Os gritos e palavras desconexas dela são um

NACIONAIS - ACHERON

canto para meus ouvidos, um potente afrodisíaco que já estava me levando às alturas. Quanto mais eu meto, mais ela pede que eu continue. Já está de novo no auge, gozou há pouco e nem parece. Para aumentar a intensidade, começo a manipular o seio dela e com a outra mão desço para o clitóris. Preciso ajudá-la, nós já fodemos muito hoje, tenho que dar um descanso para ela.

Marianne crava as unhas na pele da minha perna enquanto grita por causa das minhas impiedosas estocadas. Mantive esse ritmo. Mais uma vez ela goza se agarrando com força nos meus braços e no lençol.

— Isso, goza pra mim. Sei que você gosta de tomar gostoso. — Continuo metendo. Agora eu estou livre para gozar. Não demoro para encher o preservativo de porra. Os jorros quase acabam comigo. Socado bem no fundo, todo entalado, com as bolas quase entrando, eu firmo até sentir a última gota saindo. Só depois relaxo e solto o ar em um grunhido. Tenho que lembrá-la de voltar a tomar as pílulas. Não gosto de desperdiçar minha gozada desse jeito.

Continuamos abraçados por algum tempo.

— O que eu faço com você, Sawyer Graham? — pergunta com a voz embargada de sono. Está cansada a coitada, beijo os cabelos macios dela.

— Não faça nada, Mary. Apenas aceite.

— Falar é tão fácil. — Resmunga já grogue e de olhos fechados.

# QUARENTA E NOVE

## SAWYER

Eu saio de dentro dela. Marianne já está dormindo. Tiro o preservativo e o jogo em uma lixeira. Depois deito ao lado dela cobrindo nós dois com um lençol. Marianne se mexe, mas não protesta quando eu a faço se aninhar em meu peito. Volta a dormir imediatamente. Aspiro o cheiro dos cabelos dela, a lembrança desse cheiro de flores e limpeza junto com o perfume natural dela me embalou nos dias em que ficamos sem nos ver.

Por pouco não estaríamos aqui. Mas hoje mais cedo percebi que estavam faltando várias coisas na geladeira. Contrariado, fui ao supermercado, estava carrancudo de manhã. Odeio ir ao supermercado. Porém, chegando lá, decidi

NACIONAIS - ACHERON

pegar um pouco de carne para fazer um assado e a vi na fila.

Eu estava absorto em pensamentos e tentando reprimir a indignação de ter que enfrentar uma fila. Minha vez tinha chegado, fiz o pedido e olhei para o lado. Ela estava falando ao celular bem baixinho. Não pude acreditar, tentei entrar em contato com ela vários dias e agora o destino a colocou na minha frente, alguns passos de mim. Marianne desligou e olhou diretamente para mim, empalidecendo. Eu esperei ela me esnobar, passar direto como se não tivesse me visto, mas fez algo inesperado. Correu empurrando o carrinho. Quase derrubou uma pilha de produtos. Claro que eu não iria deixá-la fugir mais uma vez e o resultado da minha perseguição está aqui, me dando sensações boas.

Deitado olhando para o teto com ela aconchegada ao meu peito, acabo descobrindo a explicação de querer tanto ela perto de mim. Com um medo terrível apossando do meu peito junto com um desespero latente, acabo confessando a mim mesmo o que descobri quando ela me deixou três dias atrás no consultório e eu vi as portas do elevador se fechar. Eu estou completamente

NACIONAIS - ACHERON



apaixonado por Marianne.

Essa constatação não me deixa tão abalado, pois eu já vinha há um tempo me conformando. Eu queria estar enganado, mas como posso se sinto a cada dia que passa uma necessidade de tê-la em meus braços? Como explicar o ciúme que sinto quando ela diz que precisa ficar com Ryan? Como explicar isso que nunca tive com nenhuma outra quando faço sexo com Marianne? são apenas nossos corpos que se ligam. É algo mais que me faz querer ficar deitado aqui, com ela. Só deitado.

De uma coisa eu estou certo, jamais poderei me envolver com mulheres normais como Marianne. Um dia vou encontrar alguém que me faça sentir igual e então ficarei bem. Por mais que eu queira essa daqui, preciso deixá-la ir. Conheço-a mais do que ela pode imaginar e sei que ficará muito ferida se descobrir sobre meu passado. Para evitar que nós dois soframos mais tarde, eu tenho que engolir meus desejos e minha obsessão e permitir que ela se vá.

Jill sempre me aceitou porque também é da minha laia e parece que meu destino é continuar com pessoas iguais a ela.

Como se alguém fosse arrancar Marianne dos meus braços, eu me aconchego mais e aperto-a contra meu peito. É a proposta de uma nova vida aqui, uma vida que eu adoraria experimentar.

Quando acordo mais tarde, Marianne não está na cama comigo. Espreguiço e olho em volta, não está no quarto. Levanto em um salto e olho no banheiro. Não está. Fico parado pensando nela revirando minha casa. Se ela fez isso, com certeza tinha descoberto alguns dos meus segredos. Lembro-me da estante na sala. Nunca me importei em esconder nada, já que moro sozinho e somente Jill e meus amigos frequentavam meu apartamento. Pego uma cueca visto enquanto caminho e avanço para a porta. Ela se abre antes de eu chegar perto.

— Oi. — Marianne me olha sorridente. Está enrolada em um lençol e segura uma pera nas mãos. — Desculpa por eu ter invadido sua casa. Acordei faminta e peguei uma das peras que comprou mais cedo no supermercado. Não se preocupe, eu nem abri a geladeira. Não mexi em nada.

— Sem problema.

Suavizo minha expressão de espanto e

puxo-a para meus braços. Marianne morde a pera, suspeito que para impedir que eu a beije.

— Essa casa é um paraíso para uma designer como eu. Estou boquiaberta.

— Não supôs que um cara rico como eu morasse em uma cobertura? Todos os solteiros milionários moram.

— Sim, eu supus, mas não achei que seria tão bem decorada. Não é fria nem masculina demais. É íntima e aconchegante.

— Isso é um verdadeiro elogio vindo de uma designer de interiores.

— Sempre morou aqui? — pergunta se desvencilhando dos meus braços e indo sentar em uma poltrona.

— Aqui? Nesse prédio?

— Sim.

— Eu comprei essa cobertura alguns anos atrás quando o dinheiro começou entrar.

Ela olha as coisas ao redor, passa o dedo sentindo a textura da poltrona e torna a me encarar.

— Como conseguiu sucesso entre as mulheres? Lembra-se da sua primeira paciente?

— Lembro.

Recosto-me em uma cômoda devolvendo o olhar para ela.

— Foi ela? A sua mestra?

— Minha mestra?

— A mulher que te ensinou...

— Sei. — Eu balanço a cabeça mostrando que entendi. — Não, não foi ela.

— Hum. — Marianne resmunga e morde outro pedaço da pera. Eu fico com água na boca. Não pela pera, mas pelos lábios suculentos que estão úmidos e se movem com delicadeza mastigando a fruta. Ela olhava para o nada pensativa.

— Sua namorada, a loira, é sua ex paciente?

— Não. — Cruzo meus braços começando a ficar irritado com o questionário. Fecho a cara para ela poder perceber, mas não dá certo.

— Ela nunca quis morar com você?

— Não, Marianne. Eu já lhe contei que nós não somos namorados. Nem mesmo amantes seria o nome adequado. Jill e eu somos amigos que tínhamos intimidade. No fim do dia, ela vai para a

casa dela, fica com quem quer, faz o que quer e eu também. Usamos o sexo apenas para acabar o estresse.

— Mas você disse há pouco que ficou chateado por ela ter outra pessoa. Como assim?

*Touché!* Ela me pegou na mentira.

— Ok, eu menti para você. Não foi por causa de outro homem que fiquei chateado com Jill.

— Não quer contar o motivo, não é?

— Não.

*Porque para te contar o motivo eu preciso contar vários dos meus segredinhos.*

— Eu fico perplexa com como você enxerga o sexo como algo tão banal. Para mim isso é mais que dois corpos suados na cama. Muito mais — diz, gesticulando.

— Isso depende da pessoa com quem está dividindo a cama. Eu não posso me apegar, ou estaria apaixonado por centenas de mulheres. Minha lista não é pequena.

— Você é muito complicado. Nunca quis ter algo mais com alguém?

— Sim — respondo de imediato

surpreendendo até mesmo a mim. Ela me olha com expectativa.

— Oh! — Sussurra.

— Com você. Eu propus um caso, mas você escarneceu de mim. — Declaro e ela arregala os olhos, fixando-os em mim.

— Não sou afeita a essas coisas. Não sei lidar com isso. Sou tola o bastante para me apegar com qualquer pessoa que seja gentil comigo.

— E por isso eu não vou mais lhe fazer essa proposta. — Dou de ombros fingindo que não me importo se ela aceitaria ou não. Na verdade me importo muito.

— Não? Que novidade. Sawyer Graham respeitando a vontade de alguém. — Os lábios dela se curvam ironicamente.

— Estou te protegendo. Sei que eu não vou poder te dar o que quer. O que posso te dou.

— Que é apenas um caso?

— Sim.

Ela morde mais um pedaço da pera. Fico olhando seu rosto tranquilo, sua boca mastiga devagar enquanto os olhos formulam mais uma

pergunta. Não sei por que ainda estou aqui parado esperando a próxima questão. Eu jamais respondi nada a paciente alguma. E olha que elas tentaram.

— Um caso... Algo como você teve com Jill? Eu vou poder sair com quem quiser e...

— Não. — Interrompi-a. — Com Jill eu não tive um caso. Mas se você aceitar será... Bem, eu vou colocar dessa maneira para você entender: faremos o que namorados comuns fazem. Só não sairemos juntos, se você não quiser.

— Ser amante de um homem e traindo outro. Não é para qualquer um. — Ela me encara com seriedade, refletindo.

— Termine com ele se isso te incomodar.

— Então, eu devo jogar meu futuro normal fora por causa de alguns meses na sua preciosa companhia? Se enxerga, Sawyer. Não vale isso tudo. — Ela não devia ter falado isso, me deixa mais nervoso e com ódio reprimido. Nunca tive tanta vontade de bater em alguém como tenho vontade de bater em Ryan. Dar uns bons sacodes nele e dizer que Marianne é minha propriedade. Mas então se eu fizer isso ela acabará comigo. E então depois eu posso acabar com ela na cama. É

uma ótima ideia.

— Então quer mesmo se casar com ele?

— Se Ryan é o homem que está me propondo isso, sim. — Sem nenhuma convicção, como se estivesse mentindo, ela dá de ombros. Claramente, ela está mentindo, nem quer nada com o bunda mole.

— Não pode sacrificar o precioso relacionamento que tem com ele, mas pode sacrificar sua felicidade vivendo com um homem que você não ama, só por que pode te dar um casamento?

— É mais complexo do que isso, você não entende. — Ela se levanta e vai até a lixeira jogar o pedaço restante da pera. — Ryan ou qualquer outro homem normal.

— Tente me explicar. Talvez eu entenda.

— Não envolve apenas sexo, e sim, amor.

— Ele a ama? — Foi inevitável minha risada de chacota. Eu estou sabendo de tudo que ele faz pelas costas dela, deixei com Candice as provas e logo Marianne saberá do que eu estou falando. Ela me olha intrigada.

— Por que riu?



— Colocaria a mão no fogo por ele?

— Não, claro que não — diz sem nem pensar.

— Então boa sorte no seu precioso casamento.

— Sawyer, eu não quero falar mais sobre isso. Vamos acabar brigando. Você não acredita em casamento e amor, já eu... Isso é o que me move. Não estou dizendo que será o Ryan, mas um dia será. A esperança de um dia ser amada, ser levada ao altar por um homem que me queira todos os dias ao lado dele. Que não queira apenas um caso passageiro.

— Às vezes um caso passageiro tem mais resultados positivos que um casamento longo, tedioso, e, no futuro... fracassado. — Saio de perto dela e vou ao armário pegar mais preservativos.

Eu estou mesmo puto da vida. Imaginar Ryan ou outro homem se aproveitando da suavidade dessa mulher, se aliviando nesse belo corpo me dá náuseas e vontade de bater nesse infeliz. Se Candice não contar hoje mesmo, eu irei abrir o jogo para Marianne.

Sento-me na cama.

— Vamos parar de falar? Daqui a pouco você vai embora e só vai aparecer na próxima sessão. — Estendo a mão para ela. — Vamos aproveitar mais um pouco? — Mostro o pacotinho de camisinha preso nos meus dedos. Marianne leva a mão aos cabelos e, depois de pensar um pouco, dá um sorriso e segura na minha mão. Faço ela sentar no meu colo.

Segurando os cabelos dela, eu a puxo para um beijo. Os dedos macios e delicados dela acariciam meu rosto.

— Janta comigo amanhã? — Peço no impulso.

Ela afasta o rosto do meu. Comprime os lábios e tira uma mecha do cabelo da testa.

— Acho melhor, não. Não vamos misturar as coisas. Você disse que era para voltar a ser como terapia, pelos meus cálculos essa é a penúltima sessão, então não nos veremos mais depois disso.

Sinto o baque do adeus. Desde mais cedo eu mesmo tinha pensado nisso, em deixar ela ir, mas por que quando Marianne diz parecia uma sentença de morte? Eu fico imaginando como será depois dela: irei trabalhar clandestinamente mais alguns

meses no consultório, depois vou mergulhar de cabeça no hotel. Terei que voltar a engolir a presença de Jill, afinal eu sempre irei precisar de alguém que me ajude a prosseguir carregando essa mala enorme nas costas. Já começo a sofrer por antecedência. Eu simplesmente não irei aguentar o dia que Marianne subir ao altar com outro cara.

— Então por que não usar essa última consulta aqui? Posso cozinhar para nós dois. Vai ser divertido, eu deixo você mexer no que quiser aqui no apartamento.

— Tentando me subornar, Graham? — indaga, os dedos acariciando meus cabelos.

— Sim. Está funcionando?

— Não.

Eu fico pensativo. Ela ri da minha cara sisuda.

— Que tal se eu te mostrar minha adega e deixar você escolher um vinho?

— Talvez. — Ela ergue os ombros e joga a cabeça de lado.

— Deixo minha barba crescer.

— Não seja tolo...

— Não? — pergunto com um sorrisinho sacana. Mordo o lábio inferior dela. — Pense no que eu posso fazer com um queixo áspero aqui em baixo. — Levo minha mão para o meio das pernas dela. Está sem calcinha e totalmente à vontade. Acaricio com leveza. Marianne dá um suspiro mudo. Os lábios abertos e os olhos fechados.

— E então? Pensou?

— Tá, eu que sou a tola. Você sabia que eu iria sucumbir.

— Você não é tola, apenas quer ter prazer e sabe que eu posso lhe proporcionar instantes de muita diversão.

Continuo segurando o cabelo dela, fazendo um agradável carinho no pontinho úmido entre as pernas dela. Marianne abaixa-se e abocanha meus lábios com ansiedade.

Eu confesso que sou um libertino incurável, mas ela também não fica pra trás quando o assunto é sexo. E, pelo que eu conheço, essa parte dela é desinibida assim apenas comigo.

Satisfeito com esse pensamento, desenrolo o lençol que ela usa e abaixo meus lábios nos seios empinados com os mamilos rosadinhos e

endurecidos. Meu pau já latejava potente dentro da cueca.

Quero foder esses seios também, mas eu tenho que ir com calma com Marianne.

Jogo-a na cama, ambos com uma risada contagiante e deito por cima do corpo nu. Marianne, toda curiosa, se apressa em passar a mão pelo meu corpo, descendo pelo abdômen, bem devagar, até me encontrar pulsante e duro dentro da cueca. Ela apalpa e dá um sorriso safado.

— Você quer? — pergunto.

— Claro. — Ela responde e enrubesce em seguida. Uau! Mesmo depois de tudo ela ainda enrubesce comigo. Beijo os lábios dela e, em troca, recebo uma massagem deliciosa daqueles dedos finos, quase ejaculo na cueca. Claro que transamos mais uma vez, daqui a pouco vamos precisar de pomada, vai estar tudo assado. O que me deixou mais fascinado foi quando ela colocou a camisinha em mim. Eu tinha pegado para vestir, ela ficou olhando e eu ofereci:

— Quer tentar? — Entreguei a borrachinha enrolada para ela.

Ela olhou confusa para mim

— Venha, é fácil. — Ajudei a se sentar, eu de joelhos esperando por ela. Marianne joga os cabelos para trás, analisa o preservativo e depois olha para meu pênis. Fica com aquela expressão de aluna tentando resolver um problema matemático.

— Como você faz tal mágica? Não vai caber.

Jogo a cabeça para trás gargalhando, ela ri também. Não acredito em como essa mulher pode encantar tanto alguém como eu. Com ela é tudo diferente, nada de trepadas mecânicas e falsas. Os orgasmos são verdadeiros, as coisas que ela diz são verdadeiras e os gritos e gemidos nem se fala.

— Aperta a pontinha com os dedos, para não ficar ar dentro e ter perigo de estourar. — Mostro a ela como se faz. — Agora posicione na cabeça do meu pau e comece a desenrolar a borracha até o final.

Ela segue minhas ordens. Fico mais excitado ainda, olhando ela morder os lábios concentrada no que faz. Faz uma forcinha e consegue encapar meu pau.

— E agora? — pergunta toda animada admirando o trabalho pronto.

Dou mais uma risada sacana.

— Você pode pressentir o que vem agora. Só alegria. — Eu a empurro para a cama e deito por cima. — O velho e bom "papai e mamãe"? — pergunto sugerindo o tipo de posição.

— Eu não sei. Você que é mestre nessas coisas. Estou aqui para aprender. Ela abre as pernas para me receber.

Eu a beijo e meto com força, não estou com paciência para escolher posições. Marianne segura forte nos meus braços e joga a cabeça para trás suspirando com meu nome no meio dos gemidos. Nossas pernas se entrelaçam e nos abraçamos.

Estamos tão juntinhos que fica difícil eu me mexer. Remexo um pouco os quadris para relaxar nosso abraço e, quando tenho espaço suficiente, começo a ritmar minhas socadas.

— Está gostoso?

— Muito... — Ela geme se contorcendo e eu meto sem parar.

— Ah! Sawyer... Uui. — Ela enrola as pernas na minha cintura, prende os calcanhares nas minhas coxas, quase na minha bunda. Ela me segura firme, apertando minha pele com as unhas.

Transamos pra valer. Suamos, mudamos de posição, nos beijamos com muita paixão. Quando percebi que ela estava quase no ponto, eu parei.

— Olhe para mim, Mary – vocífero.

Ela abre os olhos.

— Vai querer me esquecer?

— Sim. — Ela sussurra inquieta e teimosa.

— Vai conseguir?

— Graham... por favor. — Ela joga a cabeça de um lado para o outro.

— Vai conseguir, Marianne? Não feche os olhos, olhe para mim. — Comando, enfurecido de tesão.

— Não, sabe que não! — grita igualmente enfurecida e dá uma série de socos no meu abdômen. — Vou acabar com você. — Me ameaça.

— Depois. Porque agora é minha vez de acabar com você.

Satisfeito com a resposta dela, enterro meu pau até o fim e começo a socar tudo muito rápido e repetidas vezes. Marianne goza aos gritos no mesmo momento em que eu também grito jogando meu rosto para trás e tendo mais uma camisinha



cheia. É mesmo inacreditável como consigo tanto vigor quando estou com ela. Marianne me puxa. Eu caio em cima dela e nos beijamos.

# CINQUENTA

## SAWYER

— Uau! — exclama contra meus lábios.

— Sentindo-se atropelada? — Sorrio contra os lábios dela. Meu corpo grande soterrando-a.

— Sim. Você é um trator.

Saio de dentro dela e viro-me deitando de lado. Tiro o preservativo e o jogo para fora da cama.

Ficamos deitados lado a lado, olhando para o teto.

— Me desculpe por ter sido um bruto.

— Estou dolorida por sua culpa. Patife! — Ela me dá uma leve bofetada no braço.

— Quem pode me culpar se gosto de te deixar dolorida, com a mente e o corpo cheios de

lembranças?

Nos calamos. As respirações voltando ao normal. Dessa vez tinha sido bem intenso. Passo a mão no meu peito suado e respiro fundo de olhos fechados.

— Sawyer Graham — diz meu nome, refletindo. Eu viro meu rosto e olho. Ela me olha também.

— Eu acho seu nome muito bonito. Quem o escolheu?

Essa pergunta me pega de surpresa. Eu escolhi, claro. Não vou dizer a ela que esse não é meu nome real.

— Minha mãe, eu acho.

Dou pouca importância ao fato.

— Eu gostaria de perguntar a ela o que a influenciou a colocar esse nome no filho.

— Por quê? É tão diferente assim?

— Sim. Dificilmente a gente encontra outros Sawyer por aí.

— Eu acho que ela deve ter visto no seriado *Lost*. Tinha um Sawyer lá, você lembra?

Ela ri muito e vira-se de lado se apoiando no

cotovelo.

— Não seja bobo. Você é muito mais velho que *Lost*.

Cacete! É verdade, nem me lembrei disso. Afinal, eu tinha pegado o nome do seriado. Não faço ideia se existe outro Sawyer famoso. O Graham veio de inspiração no *The Graham Norton Show*. Inclusive eu já tinha ido ao programa e, na entrevista, ele me perguntou sobre a origem do meu nome. Com a maior cara de pau, eu revelei que foi uma junção do personagem de *Lost* e o nome do programa. Claro que todos acharam que era piadinha.

— Sua mãe deve ter lido *As aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain — diz Marianne com simplicidade.

Fico perplexo olhando para ela. Então é por isso que Nigel me chama de Tom Sawyer? Marianne me surpreende, a cada minuto me apaixono mais. Ela dá uma gargalhada e joga a cabeça para perto de mim. Se arrasta e deita mais perto.

— Ainda bem que Graham é sobrenome ou você teria a cara de pau de dizer que foi

influenciado pelo *The Graham Norton Show*.

Eu rio também, mais perplexo ainda. Ela leu meus pensamentos?

Eu a puxo para ficar abraçadinha comigo e beijo seus lábios.

— E seu nome, senhorita Cooper? Devo supor que foi influência do mini cooper ou do Bradley Cooper?

Ela ri.

— Não seja tolo. Cooper é o nome do papai.

— E Marianne?

Ela fica animada e levanta o rosto se debruçando no meu peito.

— A história do meu nome é meio bonitinha. — Ela pigarreia para começar a narrar. Eu fico afoito por dentro, quero saber da vida dela, mesmo de detalhes tão simples.

— Já ouviu os *Boston*? — Ela me pergunta.

— Claro. — Penso um pouco e uma luz me vem à cabeça. — Não acredito! “More Than a Feeling?” — pergunto claramente eufórico me lembrando que essa música fala de uma Marianne.

— Sim, meus pais brigaram quando

estavam namorando e a música “More than a feeling” estava no auge. Papai cantou a música para minha mãe e eles acabaram dando o nome Marianne para a primeira filha.

— Você é a Marianne da música? — Sorrio com um ar de mofa. Depois gargalho debochando dela.

Marianne tenta fechar a cara, mas falha e acaba rindo também. Abaixa o rosto no meu peito.

— Não ria. Melhor ser a Marianne da música do que ser o Sawyer de *Lost*.

— Ele pelo menos era boa pinta. — Dou de ombros. — Vai saber quem era essa Marianne? Já velha nos dias de hoje, possivelmente.

— Nossa! Que tolo insuportável.

Ela senta-se, cruza os braços e não está mais rindo. Eu a puxo fazendo-a deitar em cima de mim novamente, entrelaço minhas pernas nas dela e começamos a nos beijar. Depois de algum tempo, ela para e olha curiosa para mim. Sei que vai perguntar alguma coisa.

— Hipoteticamente, se tivéssemos um caso... eu teria que morar aqui com você?

— Eu sou bem exigente, então ia preferir  
NACIONAIS - ACHERON

que você ficasse boa parte do tempo aqui. Assim evitaria eu ter que ir todo dia na sua casa, no seu trabalho.

— Você parece o tipo de homem sufocante.

— Na verdade, nem mesmo sei. Nunca tive alguém para saber do que eu sou capaz.

— Eu fico impressionada por um homem como você não ter sido o pegador da faculdade. Aquele cara que dorme com todas, capitão do time de futebol. Ainda mais se chamando Sawyer. — Ela sai de cima de mim e se deita ao meu lado olhando para o teto.

— Sim, eu fui. Não capitão, mas pegador. Só nunca precisei e nem quis ter alguém para compartilhar meu espaço.

— E me aturaria aqui? Dormindo na sua cama, usando seu banheiro, abrindo sua geladeira?

— Não vejo problema nisso. Mas a gente teria que viver isso tudo para saber se conseguiria suportar.

— É. Tem razão.

— Mas isso tudo foi hipoteticamente, não é?  
— pergunto, meio confuso.

— Sim, foi.

Eu viro de lado e sustento minha cabeça no cotovelo.

— Mary, se hipoteticamente, você terminasse com Ryan... ficaria comigo?

— Em um caso?

— Não vamos chamar de caso e sim de relacionamento fechado.

— Talvez.

— Talvez? — pergunto, surpreso. Eu fico pasmo pois achei que ela iria gritar comigo e dizer que nunca faria isso.

— É... eu gostei de hoje. Do nosso sexo... Acho que não seria grande sacrifício. Mas isso, é claro, hipoteticamente.

— Sim. Lógico — digo, concordando com ela.

— E se hipoteticamente eu viesse e sua amiga aparecesse?

— Quem, Jill?

— Sim.

— Tudo bem. Ela não se importa. É apenas uma amiga e vai manter-se afastada quando souber



que eu estou comprometido.

— Achei que essa palavra não fizesse parte do seu vocabulário, Sawyer Graham. — Ela faz um muxoxo e uma voz engraçada.

— Não deixa de ser um compromisso. Não vou ficar com ninguém enquanto estiver com você e nem você vai ficar com ninguém. Nos divertiremos juntos, apenas nós dois. Isso aqui que a gente faz será o suficiente para mim.

— Nem mesmo as consultas?

Como eu não posso mais abrir o consultório, decido concordar.

— Nem mesmo as consultas.

— Fecharia o consultório por mim? — Muito perplexa, ela pergunta.

— Bom, eu manteria fechado durante o tempo que estivéssemos juntos. Fidelidade seria algo que eu importaria. Enquanto durar para nós dois.

Ela fica por algum tempo me olhando calada, séria, mas vejo a sombra de contentamento cobrir seus olhos. Eles estão brilhando, como quando você imagina algo que sonha, que deseja. Acho que Marianne está cogitando mesmo a hipótese de ser minha, somente minha.

— Candice teria um ataque se eu fizesse uma coisa dessas.

— Candice não tem nada a ver com sua vida, Marianne. Faça o que quiser e mostre para ela que você já é bem crescidinha. Já até aguenta uma boa trepada forte.

— Você é muito desbocado. Não acredito que disse isso.

— Pois eu disse. E se viesse para cá, teria que se acostumar com as coisas que eu falaria.

Ela ri. Nós dois rimos. Sempre Marianne finge ficar horrorizada com minha boca sem freio, mas sei que ela adora. O corpo dela denuncia.

— Alguma paciente já te propôs um caso? Você trabalhou com celebridades lindíssimas.

— Muitas.

Ela fica calada.

— Intrigada por eu não ter sucumbido aos encantos das famosas?

— Sim, confesso que estou.

Ela diz isso e continua pensativa olhando para o teto. Eu me aproximo mais, a abraço, dou um beijinho no rosto dela. Marianne faz um leve

carinho no meu braço.

— Vi Beatrice Morgan com vocês no baile naquele dia. É sua ex paciente?

— Sim.

— Achei que você não tivesse relacionamentos com ex pacientes.

— Não costumo ter, Beatrice é uma exceção.

— Foi especial para você?

— Não tive nada com ela além do consultório se é o que quer saber. E sim, ela me propôs um caso.

— E você, como um malandro livre e inveterado, não aceitou?

— Não, na época eu preferi minha liberdade, além do fato de gostar de ficar à vontade em minha casa, de pernas pro ar. Beatrice é meio paranoica com bons modos e etiqueta.

— Então você não é o cara educado e elegante que mostra?

Marianne se ajeita para ficar deitada de lado, mas com o rosto de frente para mim.

— Não, bebo cerveja no sofá, ando de cueca

pela casa, coço o saco quando quero e não levanto a tampa do vaso sanitário.

— O famoso Sawyer Graham se portando como um homem normal? Isso eu gostaria de ver.  
— Um sorriso ilumina os lábios dela.

— Minha vida está aberta caso queira fazer uma experiência.

Ela não responde, fica calada me encarando e fazendo cafuné nos meus cabelos. Nós ficamos por um bom tempo assim. Até que ela se levanta.

— Aonde vai?

— Preciso ir embora, não posso ficar o dia todo aqui deitada de pernas pro ar.

— Gosto quando fica de pernas pro ar.

Seguro o pulso dela e a puxo de volta. Marianne caiu em cima de mim. Eu entrelaço minhas pernas prendendo as dela.

— Podíamos ir almoçar em um lugar bem distante. O que acha?

— Sinto muito, vou almoçar com Ryan hoje  
— diz sem jeito. Meus braços enfraquecem ao redor dela e Marianne levanta-se. Fica olhando confusa para o quarto depois parece ter se lembrado

que deixara a roupa lá embaixo. Enrola-se novamente no lençol e sai do quarto. Ainda fico jogado na cama olhando sério para o nada. Sem querer acreditar na porra que Marianne está fazendo com a vida dela ao se entregar para aquele merda.

A lembrança dela lá embaixo, perto da minha estante, me faz pular da cama. Encontro minha cueca na cama, visto e saio do quarto atrás dela. Marianne já tinha vestido a lingerie quando chego. Ela olha para mim por alguns instantes percorrendo os olhos pelo meu corpo, depois desvia os olhos e pega a calça. Vou para a cozinha enquanto ela termina de se vestir.

Abro a geladeira e pego água. Estou quase desidratado pelo esforço que fiz desde que ela chegou aqui esta manhã. Bebo a água e encho outro copo levando-o para sala. Marianne já estava vestida e calçava a sandália.

— Tome, beba. — Entrego o copo a ela.

— O que é? Água?

— Sim, você usou muita energia essa manhã. Coma algo nutritivo no almoço.

Ela dá um sorriso e pega o copo.

— Quem é? — Aponta para a única fotografia que eu tenho de Kayla. Está em um porta-retratos. Também tenho outra em moldura grande no hotel.

— Minha irmã, ela faleceu aos 13 anos.

Marianne mira os olhos meio saltados para mim. Cheios de pena.

— Ah, Sawyer!

— Está tudo bem. — Dou um sorriso reconfortante. Pego o porta-retratos onde havia uma garota sorridente de cabelos pretos como os meus. Essa foto foi poucos dias antes... antes de tudo acontecer. Respiro fundo e devolvo o porta-retratos para o lugar.

— É por causa dela que sua mãe culpa você?

— Sim.

Eu dou de ombros como querendo dizer que não importo mais. As sobrancelhas dela se aproximam quando me encara curiosa.

— E você aceita essa culpa?

— Digamos que eu me acostumei.

Ela termina de beber a água e fica olhando

para a foto sem tocar. Os lábios úmidos pela água gelada que tomou. Quero provar aquele frescor.

— Você é daqui de Nova York?

Vira-se novamente, me encarando.

— Não. Natural de Ohio.

— Ohio? — Ela dá um sorriso de surpresa.

— Praticamente ao lado da Pensilvânia onde eu morava. Gosto de Ohio, já fui algumas vezes lá.

— Não volto lá desde os 17 anos.

Merda! Eu e minha boca grande. Não devia ter falado aquilo. Marianne é esperta e pode fazer uns cálculos.

— Dezesete? Fez o que quando veio para cá com 17 anos? A faculdade foi só depois, não é?

Uau! Uma máquina de formular perguntas. Isso me deixa completamente irritado e admirado ao mesmo tempo. Mesmo com minha cara de poucos amigos, ela não desconfia e continua a perguntar. Meus lábios enrijeceram em uma linha fina. Se ela continuasse com as perguntas, chegaria a um ponto que eu não queria que ninguém chegasse.

— Vim trabalhar como garçom.

Essa é a mais pura verdade. Amanda me resgatou e me deu um emprego de fachada. Por trás... Um pseudônimo foi criado. Big Tyler. Ela me nomeou quando trepou comigo e disse que meu pau era satisfatório. Foi minha primeira vez com uma mulher de verdade, que sabia das coisas.

Marianne relaxa as expressões faciais e devolve o copo vazio.

— Hum... os melhores sempre começam por baixo. Posso usar seu banheiro? — pergunta e eu fico aliviado por não continuar revelando sobre minha vida.

— Claro, há um ali naquele corredor. — Indico e ela sai rápido. Eu olho ela sair e volto minha visão para a foto de Kayla, depois meus olhos foram para minhas lembranças tão expostas na estante da sala. Tenho que me lembrar de limpar qualquer indício para quando Marianne voltar.

Volto para a cozinha. Ela possivelmente está arrumando os cabelos que estavam armados, denunciando que ela esteve se divertindo com um homem. No caso, eu.

Pouco depois, eu já tinha me vestido com a roupa que estava na sala. Marianne aparece com o



cabelo amarrado em um rabo-de-cavalo.

Dou um sorriso encontrando com ela no meio do caminho. Ela permite que eu a abrace. Automaticamente ela envolve meu pescoço com os braços.

— Por que não os deixou soltos?

Acaricio os cabelos dela.

— Porque você fica ótimo com os cabelos bagunçados, eu não.

Gosto do elogio. Sei que ela tinha um gosto velado pelos meus cabelos. Ou melhor, por mim, inteiro. Os olhos dela simplesmente não conseguem esconder a satisfação que sentem quando me vê.

— Eu posso pedir uma coisa para você?

Pergunto a ela. Marianne, toda descontraída, se aconchega em meus braços.

— Claro.

— Você se importa de voltar a tomar pílulas para nosso próximo encontro?

— Claro que não. — Ela se prontifica de imediato. Mesmo com a promessa feita em meio a lábios sorridentes, eu ainda desconfio. Semicerro os olhos mirando-a.

— Não vai esquecer?

— Não, acho que não.

Ela dá de ombros, continua olhando fixamente em meus olhos. O sorriso continua banhando seus lábios, chegando aos olhos.

— Marianne, se você esquecer eu vou ficar muito puto. — Aviso. Seguro firme o queixo dela, mas não é um gesto hostil. É mais como obsessão acumulada. Encosto meus lábios nos dela e Marianne muda de expressão quando o beijo breve termina. Agora está meio desconfiada.

— Por que ficaria puto?

— Porque sim. Odeio quando as pessoas levam compromissos sérios com leviandade, sem falar que não gosto de transar com camisinha. Você sabe que é muito melhor sentir pele com pele. Faça um esforço e se lembre. — Ela ri.

— Você fica com raiva por coisas bobas. Não pode mandar em mim. Se eu não quiser tomar, simplesmente não tomo.

— Não encare como uma ordem e sim como uma recomendação terapêutica. — Ela ri e eu aproveito para beijá-la. Marianne corresponde imediatamente. Ela agarra furiosamente minha

NACIONAIS - ACHERON

roupa e meus braços e eu continuo acariciando-a com minha língua e lábios na boca dela.

Afasto nossas bocas. Ela está ofegante e hipnotizada.

— Você pode vir na terça? — pergunto bem de mansinho, com uma voz sensual e baixa, meus dedos na bochecha dela.

— Vou analisar minha agenda. — Ela sussurra de volta.

— Nada de reviravoltas magníficas para me dar um bolo.

Meu olhar dominador manteve os dela preso. Marianne maneou a cabeça e forçou uma expressão temerosa.

— Ligo para confirmar?

Eu assenti com um movimento de cabeça, depois curvo-me e beijo novamente os lábios dela. Marianne segura minha nuca. Eu me acendo todo com esse toque, me afasto antes de perder a compostura.

— Vou levá-la ao supermercado para que possa pegar seu carro.

— Não há necessidade, Sawyer — murmura

ainda meio abalada.

— Claro que há, eu a trouxe.

Ela para de protestar, e me segue. Pegamos o elevador e caminhamos despreocupadamente para o carro que está parado no estacionamento. Marianne entra, coloca o cinto, e eu fecho o teto antes de sair na rua. Não quero dar motivos para ela se afastar de mim dizendo que alguém a tinha visto no meu carro.

# CINQUENTA E UM

MARIANNE

Termino as compras no piloto automático. Nem sei o que comprei, na verdade. A plenitude que alcancei há pouco no apartamento de Graham não me deixa pensar em mais nada ao meu redor.

Meu carrinho não tinha sido retirado e ainda estava no mesmo lugar quando voltei. Terminei de pegar o que precisava, paguei e fui embora dirigindo, ainda no piloto automático. O caminho já é conhecido e não preciso da minha atenção total. Porque, no momento, minha mente está uma confusão.

Chego em casa sem maiores problemas, os braços carregados de sacolas.

— Alice! — grito, vou direto para a cozinha

e coloco tudo no chão. Daqui a pouco venho arrumar. Tiro a bolsa transpassada, a jogo no sofá e subo as escadas.

— Alice! — Torno a chamar. Fico surpresa por não ter ninguém no quarto dela. Olho no relógio e já é uma hora da tarde. Com certeza, a preguiçosa da minha irmã tinha ido almoçar em algum outro lugar para não fazer comida. Mas eu não tenho do que reclamar, ultimamente Alice tem salvado nosso estômago cozinhando.

Desanimada, olho ao redor no meu quarto, a cama ainda desarrumada do jeito que deixei hoje cedo.

Estou com fome, essa é a verdade, mas também estou suada e pegajosa e impregnada com o cheiro de Sawyer. Não que eu tenha nojo, gosto muito do cheiro dele, mas não quero que alguém próximo a mim sinta que estou com perfume de homem. Descarto minha roupa e, ao ficar nua debaixo do chuveiro, foi inevitável não me lembrar do que fiz essa manhã, do que ando aprontando como uma garota levada nas últimas semanas.

Hoje eu não estou mais arrependida de ter ido para cama com Graham, mas estou com o

coração em pedaços por não poder ter uma coisa que tanto desejo. O que comecei para me unir mais a meu noivo acabou me afastando, pois hoje eu não quero outro homem que não seja Sawyer. Estou louca para me encontrar logo com Ryan e terminar tudo com ele. Devolver o anel e seguir minha vida, talvez aceite ficar com Graham, já fui trouxa mesmo até esse momento, posso ser mais trouxa aceitando ser amante de um homem rico e que não pode me dar amor. Esse é o segundo motivo para meu coração estar dilacerado. Eu fui estúpida o bastante para deixar que meu coração participasse das consultas com o terapeuta.

Ali, no consultório, teria que ser algo apenas com corpo e mente. Eu me curaria, esqueceria que um dia fiz isso e seguiria minha vida como uma mulher normal. No momento atual, estou curada, não tenho mais medo do sexo. Ao contrário, desejo muito e só serve ser for com um único homem.

Minha Marianne interior tola e facilmente manipulável, era a que estava no comando agora. Ela, com ajuda da Marianne pervertida, sedou e amarrou a Marianne sensata e racional. Estou sem ação, não consigo pensar com a razão, não consigo raciocinar o que é melhor para mim. Consigo

NACIONAIS - ACHERON

apenas pensar em como é maravilhoso o sexo com ele e, na próxima vez, irei vê-lo. Jamais aceitaria descer tão baixo a ponto de aceitar ser amante de um homem e estou cogitando isso agora.

Desligo o chuveiro, mas, pelo menos eu não choro com facilidade. Pior que aceitar ser amante é chorar por homem. Ok, confesso que chorei umas duas vezes, uma delas foi quando a tal Jill disse aquelas coisas, mais por mágoa e raiva do que por qualquer outro sentimento.

Nesse exato momento, por exemplo, eu não tenho vontade de chorar, até porque ainda poderei encontrá-lo mais uma vez. Acho que isso me deixa mais tranquila.

Visto um pijama velho e vou para a cozinha. Sorte ter comprado tanta comida instantânea. Recosto no balcão com um copo de suco enquanto a comida gira no micro-ondas.

*Um caso com Sawyer Graham.* Instantaneamente, meus lábios se curvam em um sorriso malicioso.

Como seria morar alguns dias com ele? Dormir e acordar juntos, fazer sexo por toda a casa e beijá-lo quando tivesse vontade...



Se eu aceitasse, não precisaria sofrer quando tudo acabasse na terça-feira, nosso último encontro ou última sessão. Viver alguns meses com um homem tão chocante... eu acho que não me acostumaria nunca em vê-lo desfilar de cueca pela casa. Cada dia seria como o primeiro, uma novidade para esses pobres olhos mortais.

Tiro a comida do micro-ondas e a levo para o balcão. Menti para Sawyer quando disse que almoçaria com Ryan. Nem tive notícias dele, não me ligou desde que cheguei, sabia que eu tinha chegado e nem deu as caras. Eu nem ligo, para mim, ele já é ex.

Provo a comida. Tenho certeza de que mais tarde ele vai aparecer, pedindo desculpas e dizendo que teve o dia corrido.

Mastigo como se fosse uma vaca comendo capim. A comida não tem gosto e a analogia de eu ser uma vaca está correta.

Precisei mentir para Sawyer pelo meu próprio bem, não queria ter que ficar mais um pouco na casa dele. Mais tarde, depois de almoçar, a gente faria sexo e a coisa ficaria cada vez mais fora do controle. O que ele faria se descobrisse que

tinha sido enganado?

Como a segunda garfada de lasanha e sorrio ao me lembrar da cara que ele fez quando eu disse que iria almoçar com Ryan. Eu acho que sou mesmo lerda, até agora não consigo entender que reação foi aquela. Como mais e mais. Os pensamentos longe, as engrenagens do meu cérebro rodando. Estou com a mente ocupada demais para prestar atenção à minha volta. Nem mesmo na comida.

Sawyer não tem direito de sentir nada em relação a mim e nem eu por ele. É apenas meu terapeuta.

— O que tem seu terapeuta?

Ouçõ a voz e viro tão rápido que suspeito ter machucado o pescoço.

Alice está parada na porta da cozinha me olhando.

Eu e minha maldita boca que não consegue filtrar as coisas que eu penso. Acabei falando alto, até onde ela escutou? Meu Deus! Será que revelei coisas... pela cara da minha irmã, tudo parece bem.

— Oi, Alice, fui fazer compras.

— É, eu percebi. Ryan veio aqui.

— Veio? Ele devia ter me ligado, estou querendo falar com ele.

— O gato solitário estava abandonado lá fora e eu o coloquei para dentro — diz Alice, gracejando. — Bom ver você de volta, maninha.

— É bom estar em casa.

— Mulher! Sawyer Graham veio procurar você. Você conhece aquele homem?

Fico petrificada, mas por dentro minhas engrenagens funcionam a mil por hora. Faço uma cara de indiferente.

— Não lembra? Reformei o consultório dele, saiu na revista.

— Sim, mas estou perguntando se o conhece a ponto de ele vir até aqui.

— Eu acho que é sobre o hotel. Doutor Graham comentou que queria ver algumas ideias.

— Minto descaradamente.

— Nossa, chegou me dar um calor. O cara é gostoso com força. Fiquei sem fala quando abri a porta e vi uma celebridade parada na minha frente.

— Não pediu autógrafo, né? — indago, sorrindo, mascarando meu leve ciúme.

— Não, fui comportada. Mas fiquei disposta a fazer terapia.

Rio escondendo o sentimento de posse que me atinge.

Ela senta comigo e começa a falar muito animada sobre o que aconteceu no escritório esses dias. Alice parece mais contente, ultimamente ela estava tão emburrada. Ainda não vou contar a ela que pretendo terminar o noivado. Na verdade, não vou contar a ninguém, Ryan será o primeiro a saber.



Mais tarde, eu fui para meu quarto e foi uma das raríssimas vezes em que consegui dormir à tarde. Foi um sono pesado, mas sem sonho algum. Na verdade, eu estava bem cansada, creio que por causa do sexo desenfreado que fiz mais cedo. Antes de deitar, liguei para Ryan e ele disse que não poderia me ver amanhã, mas que iríamos jantar na segunda. Conversamos um pouco, ele me perguntou como tinha sido a viagem, se eu estava

mesmo descansada, me pediu desculpas por não ter vindo esperar e eu aceitei. No fundo, me senti uma vaca por estar enganando-o. Eu o traí todo esse tempo e agora vou acabar tudo.

Acordei com batidinhas leves na porta. Abro os olhos, sento na cama me situando de onde estou. Meu quarto está imerso em uma penumbra, fechei as cortinas antes de deitar para dormir. Levanto e abro a porta. Candice me olha sorrindo.

— Amiga! Você está um lixo. — Ela me olha com uma cara de pena. Eu respiro fundo devolvendo o abraço que ela me dá. Enfim, algo familiar para me agarrar. Alice é tão indiferente aos meus problemas, além do mais não posso nunca desabafar meus problemas com ela, não estou pronta para contar para minha irmã, minhas escapadas no consultório do doutor.

— Estou bem — respondo ainda sonolenta. Bocejo e me afasto voltando para o quarto.

— Virou vampiro? Que breu é esse? — Candice exclama com voz de mãe rabugenta.

Amarro as faixas do meu quimono e abro as persianas.

— Sente-se, fique à vontade. — Volto e tiro

várias coisas de cima da poltrona, jogo tudo na cama. Candice me olha com um medo exagerado, como se meu quarto fosse uma masmorra.

— Pare de olhar. Cheguei ontem de viagem e não tive tempo de arrumar.

— E teve tempo de ver certa pessoa? — Ouço a pergunta como um tiro no ouvido. Lá vinha a inquisição outra vez. Minhas Mariannes se acomodam em cadeiras daqueles programas de TV de perguntas e respostas, preparadas para as perguntas de Candice. Eu viro e, com ansiedade claramente estampada nos olhos, coloco os cabelos atrás da orelha. Mordo os lábios encarando-a.

— O que é isso em sua mão? — pergunto para desviar o foco de atenção em mim.

— Venha, vamos nos embriagar um pouco e você vai me contar como anda sua vida. Espero muito, muito mesmo, que um certo terapeuta dos infernos não esteja fazendo parte dela.

— Não está, Candice — respondo, pego um copo da mão dela e sento-me no chão recostada na cama. Candice tira os sapatos e senta ao meu lado.

— Fazíamos isso na faculdade, lembra? — Ela relembra em meio ao riso. Serviu-nos de

champanhe e antes de beber avisa: — Sobrou do meu casamento.

— Escondidas naquele porão macabro e bebendo vodca ao invés de champanhe. — Relembro. Toco meu copo no dela em um brinde.

— A diferença aqui é a falta da vodca, pois o porão parecia melhor que esse quarto. — Gracejou Candice.

— Não veio aqui para criticar meus aposentos, não é mesmo? Nem toda mulher é uma madame, mulher de advogado, que tem uma cozinheira, uma faxineira, um mordomo, uma governanta e um jardineiro.

— Deus! Que vadia traiçoeira. Eu não sou casada com o... sei lá... Donald Trump.

Ela olha para mim horrorizada. Dou de ombros e bebo um gole grande de champanhe.

— Como foi sua viagem? Gostou da casa de verão?

Disso eu posso falar.

— Candy, muito obrigada. É muito boa, relaxante. Eu nem queria voltar.

— Devia mesmo ter ficado por lá. Eu não

sei por quê, mas tenho a impressão de que você andou se encontrando na surdina com pessoas de má índole desde que chegou.

Bebo mais um pouco em silêncio. Não tem jeito, Candice é minha maior confidente, não escondendo nada dela. Claro que não direi que me esbaldei no apartamento dele outra vez. Não acho que tenho necessidade de contar mais coisas para ela. Escolherei as palavras, contarei só o superficial.

Ela enche meu copo novamente.

— Fui às compras hoje cedo. Acredita que o canalha estava lá? — Faço parecer que ainda estou com raiva de Sawyer. — Tentei fugir, mas ele me alcançou. — Candice reage meio neurótica com a fofoca.

— E então?

Ela se ajeita e saltita, sentada, de frente para mim.

— Vê minha cara de morta-viva? — Aponto para minha face com o dedo indicador.

— Por isso, eu soube. Você fica com essa cara quando se encontra com ele.

— Não foi por causa de Graham, e sim por  
NACIONAIS - ACHERON



causa de Ryan.

Ela arregala os olhos.

— Ryan? Você descobriu alguma coisa?

Pergunta alarmada.

— Não. — Minhas sobrancelhas levantam junto com a testa. — Tenho algo para descobrir? — Eu olho por ela para cima do copo. Tomo mais um gole, observando o arco-íris no rosto de Candice. Azul, roxa, vermelha, pálida. *Oi? Ela está se sentindo mal?*

— Não, claro que não. Conte-me por que está assim por causa do seu noivo.

— Eu liguei para ele, porque me senti muito culpada pelo que fiz nessa terapia com Graham. Apesar de não sentir mais nada por Ryan. — Não digo que vou terminar com ele na segunda-feira.

— Não contou nada a ele, não é?

— Não.

Os olhos dela relaxam e ela bebe um gole de champanhe.

— Como foi sua conversa com Sawyer? Sabe que ele foi um cachorro com você.

— Eu fugi dele, mas fui interceptada por

Dinah. Lembra-se de Dinah?

— Claro que lembro! Aquela safada me roubou um namorado. — Candice ralha com um ódio crônico. Ela ainda não se libertou disso?

— Vocês não namoravam, Candice. Você tinha apenas amor platônico por Clayton e ele nem sabia.

— Isso não vem ao caso. E estou superchateada por você ter dado papo para ela. — Candice enche o copo dela. — O que ela queria com você?

— Bem, só veio atrapalhar minha vida, pois Graham conseguiu me alcançar e acredita que o patife se apresentou a Dinah como meu namorado?

— O quê?

Candice cospe o champanhe espirrando em mim. Droga! Limpo meu braço com a ponta do quimono, meus lábios ficam franzidos pelo nojo. Candice e seu complexo de lhama.

— É, fiquei desse jeito e Dinah também. Ela não acreditou que eu, a insignificante líder do grupo de matemática, pudesse pescar um peixão daquele um dia.

— Não dê trela para ela, amiga, aquela  
NACIONAIS - ACHERON

mulher é uma falsa.

— Ela é gente boa, Candy.

— Falamos mal da Dinah depois, o que quero perguntar é: você ficou louca? Se Dinah descobrir algo sobre Graham... sua vida vai estar em bocas de Matilde.

— Todos conhecem Sawyer Graham. Vai ser uma notícia antiga para Dinah anunciar por aí.

— Reviro os olhos e tomo champanhe com desdém. O mesmo desdém que as madames usam para tudo.

— Mas nem todos sabem que ele faz safadezas naquele consultório.

— É, eu sei. — Penso um pouco, voltando minha mente ao lugar da nossa terapia. — A propósito, o consultório ficou ótimo. Você tinha que ter visto, amiga. — Dou um tapinha na perna dela e Candice se anima.

— E você acha que não olhei tudo no dia em que fui ameaçar o descarado? Você fez um ótimo trabalho. — Ela ri e eu levanto os ombros me exibindo.

— Eu sei, fofa.

— Ah! Voltando ao assunto, você

desmentiu o safado, não foi? Lá no supermercado.

Ela volta a ficar na expectativa depois de perguntar.

Eu baixo os olhos. Depois olho para todas as direções, menos a de Candice.

— Marianne! Você desmentiu ele, não foi?

Torna a perguntar, rosnando.

— Não, não desmenti, deixei que conversasse com Dinah e ela até marcou de almoçarmos juntos.

— Maldita mau-caráter, sabia que Dinah não prestava. — Ela esbraveja sacudindo o copo. Depois fica me olhando com aquela boca meio torta de repúdio e olhos horrorizados.

— Meu Deus! Por que não desceu a mão na cara dele?

— Não sei, Candice. Não sei o que deu em mim, eu apenas deixei. — Interiormente, reviro os olhos para Candice. Só vou continuar enrolando. Não vou mais deixar que ela se intrometa.

— O que ele queria, depois que Dinah foi embora?

— Queria se desculpar pelo que aconteceu

no consultório dele. — Eu me refiro à aparição de Jill no consultório. Candice sabe mais ou menos da história. Eu estava muito mal naquele dia e tive que contar para ela, Candice me ofereceu a casa de veraneio do marido para eu passar um tempo e relaxar.

— Sabe, eu estou até agora roxa de raiva por saber que ele conta tudo para amigos e namorada. Foi bom para te mostrar quem ele realmente é. — Candice vocifera gesticulando com a garrafa na mão. — Eu nem acredito que aquele ser psicopata tem uma namorada.

— Pâmela Anderson paraguaia. — Completo e Candice dá uma gargalhada me fazendo rir também. — Vamos falar muito mal daquela vaca oxigenada para a orelha dela arder — digo com a raiva estampada na voz.

— Eles se merecem — diz Candice, levantando o copo. Eu fico pateticamente parada.

— Eles?

— Pâmela Anderson paraguaia e o terapeuta cafajeste — diz sem dar muita importância.

Eu sinto algo estranho diante daquele comentário. Não, eles não se merecem. Graham

não pode ficar com aquela múmia. Sim, porque aquela mulher não engana ninguém. Sei muito bem que ela já tem uma idade avançada. Fico calada, remoendo aquilo. Se eu aceitasse a proposta dele, eles não ficariam juntos mesmo. Se Candice soubesse da proposta, o que faria? Me amarraria ao pé da cama? Me mataria? Me levaria pra cadeia ou para o hospício? Jamais vou tocar no assunto. Rio por dentro relembrando o sexo gostoso que tive hoje cedo.

— Como ele foi com você? — pergunta Candice depois de algum tempo caladas, aproveitando o champanhe.

— Quem? Graham?

— Não, Tio Sam. Claro que me refiro ao Graham. Levou você para o apartamento dele novamente?

*Sim.*

— Não.

Candice faz uma pausa pensando no que iria dizer.

— E o que aconteceu? Ele não é homem só de conversar e pronto.

— A gente se despediu no supermercado.

Olho para o copo e vejo que já acabamos com a garrafa. Droga! Agora que estava ficando bom. Peço para Candice esperar e vou correndo até a cozinha. Volto com um dos vinhos baratos de Alice e um pouco de conhaque em uma garrafa. Candice, a bêbada, bate palminhas quando me vê voltando com as bebidas. Nós nos servimos e ela se ajeita para me perguntar alguma coisa.

— Vocês... se beijam sempre? Depois daquele dia...

Eu decido não contar isso também a ela. Na terça, as sessões chegariam ao fim e eu não queria me lembrar mais disso. Sei que vou sofrer horrores, mas ter Candice me lembrando o tempo todo de coisas que eu fiz seria pior.

— Não, foi apenas aquela vez.

Ela bebe o vinho, levanta os olhos me mirando desconfiada e duvidosa.

— Então, depois daquele dia, vocês têm a relação seca e vazia das consultas?

*Não.*

— Sim.

Balanço a cabeça e ela sorri satisfeita.

— Quando estive com ele dois anos atrás, achei que nada mais faria sentido sem aquele homem. Você agora sabe do que eu estou falando. O cara é bom no que faz e sabe disso.

— Sim, eu sei.

Por favor, Candice, não fale mais. Já estou louca obcecada e apaixonada por aquele depravado, não posso ficar me lembrando de como ele é bom no que faz.

— O que fez para se libertar? — pergunto.

Sinto muita curiosidade por isso. Dependendo da resposta, eu posso usar o mesmo método que ela usou e conseguir esquecer Sawyer. *Teria feito um feitiço?*

— Ele me ajudou. Sawyer soube como me senti após as duas primeiras sessões, então aboliu o sexo das nossas consultas. No fim, eu estava frustrada, mas ele me fez enxergar como seria melhor e mais prazeroso fazer sexo com amor e paixão envolvidos. Com alguém que quisesse me beijar e acordar do meu lado. Eu simplesmente segui em frente. Hoje não consigo mais pensar nele como um bom amante. Vejo Sawyer apenas como um homem vazio, sem ninguém que possa amá-lo e



sem amor algum que possa dar. — Candice me olha com muita cumplicidade, olhar de amiga, olhar de querer bem. Ela toca no meu braço. — Por isso, eu quero tanto que se afaste dele, amiga. Quanto mais tempo, você viver a farsa que ele pinta, mais pode se envolver.

Meu Deus! Ela tem razão mais uma vez. Candice me conhece e o conhece também. Ela, mais que ninguém, pode julgar isso que estou fazendo. Fico inquieta apenas com o pensamento de que não poderei mais fazer sexo com ele. Preciso levantar. Abro a janela para tomar um ar, fico vendo a rua lá embaixo enquanto seguro um copo de vinho.

— Mary, olhe à sua volta. Ele não está mais respeitando você como paciente. Veja o que ele fez no supermercado. Se continuar a dar ousadia para ele, o próximo passo será ele vir aqui em sua casa ou até... sei lá, fazer comidinha para você e eu posso te alertar, se ele fizer isso, não haverá mais volta.

Candice pousa a mão com cuidado no meu ombro.

— Saia dessa enrascada enquanto pode,

enquanto está apenas no consultório, não deixe expandir para outros lugares, tomar conta de você. Ou estará sem dúvidas rendida por ele.

Candice pressentiu tudo tarde demais. Eu já fiz tudo o que ela disse para não fazer e agora estou rendida por ele. Perdidamente apaixonada. Querida amiga, sinto muito. Tive o que nem você nem qualquer outra teve.

Combinei com Candice de jantar com ela e Leo na terça-feira, pois, na segunda, sairei com Ryan para finalizar tudo. Candice saiu contente daqui, eu sei que metade da alegria dela provinha do porre. Eu também não estou em ótimo estado, volto tropeçando para o quarto depois que ela vai embora em um táxi. Com a cama repleta de coisas, eu apenas as empurro para o chão e deito, caindo em sono profundo. Tenho que aproveitar, amanhã é domingo e volto a trabalhar na segunda. Vou acordar meio-dia.

Acordo duas horas antes do previsto. Meu celular tocando insistentemente. Sento na cama e olho em volta, a cabeça pesada, meio zozna. Massageio a nuca de modo rápido e eficiente, olho

em volta tentando discernir de onde vem o barulho, mas não obtenho sucesso. O quarto está mesmo parecendo o porão abandonado onde Candice e eu costumávamos nos refugiar na faculdade.

Saio da cama e começo a levantar as coisas olhando debaixo dos montes de roupas, dentro das bolsas e até dos sapatos. Eu não era bagunceira assim meses atrás. Será que Graham teve o poder de mudar minha vida toda?

Por fim, encontro o celular caído perto da cama debaixo de um travesseiro.

— Oi...

— Marianne, eu já estava quase indo até aí ver o que tinha acontecido. Por que não atendeu minhas ligações?

— Sawyer?

— Sim, você está bem?

Eu respiro aliviada e volto para a cama, deitando com o celular no ouvido. Olho no relógio e são dez da manhã. Alice deve também estar desmaiada no quarto ao lado. Droga! Sawyer me acordou cedo no domingo!

— Estou bem. O que você quer? — pergunto logo.

NACIONAIS - ACHERON

— Antes diga o que aconteceu com você. Que voz é essa?

— Graham, não estou para conversa, você me acordou. Diga logo por que ligou.

*Merda, merda, merda.* Como é difícil ouvir essa voz rouca logo pela manhã. Ele não se enxerga? Como acha que vou conseguir aguentar até terça-feira se fica me ligando?

— Liguei para lembrá-la da pílula, pois sei que você não vai se lembrar. — Fico em silêncio. Mexo nos cabelos e estou totalmente desperta. Só soube que estava calada há muito tempo quando Sawyer chama meu nome.

— Sawyer... Eu não...

— Não, Marianne. Não quero ouvir nada disso.

— Eu nem disse nada... ainda.

Falo o "ainda" em um sussurro.

— Mas ia dizer. Conheço essa entonação de sua voz. Quer cancelar comigo, não é? Quer me dar um bolo de novo.

— Candice veio aqui ontem... liguei para Ryan...

— E...

— E me senti meio culpada por causa de Candice principalmente. Ela sabe que se eu me enveredar nesse caminho com você, vou acabar destruída.

— Mary...

— E eu não posso te ver agora. Ou amanhã... e talvez nem depois.

— Por isso estou indo agora buscá-la. Quero que fale na minha cara. E só deixo você livre com uma explicação bem convincente.

— Sawyer, não! — Grito bruscamente. — Eu não vou a lugar nenhum. Por favor me escute.

— Escutar o quê? Que mais uma vez Candice tem razão e eu sou um monstro que vai acabar com sua vida?

— Não é isso, ela me conhece e conhece você. Ela sabe tudo sobre...

— Ela não sabe nada sobre mim, Marianne.

— Ok. Eu apareço na terça. Eu acabei de acordar, tomei um porre ontem e estou de ressaca.

— Você o quê?

Ele quase grita no telefone. Acho até que

engasgou. Tive que afastar o parêlho do ouvido.

— Tomei um porre, droga! Porque a única coisa que penso nos últimos dias é trepar com um cara vazio que vive disso: foder as mulheres e está fodendo com minha vida. — Nem sei onde estava com a cabeça para confessar isso.

— Chego aí em quinze minutos.

— Sawyer! Eu nem tomei café e...

— Vai tomar café aqui comigo. — Ele anuncia e desliga na minha cara. Maldito. Fico olhando o telefone na minha mão.

Desço rápido da cama, vou ao closet e começo a jogar roupas para o ar procurando algo para vestir. Opto por um vestido que é mais prático. Visto, corro para o banheiro, escovo os dentes rapidamente, amarro os cabelos de qualquer jeito, pego uma sandália, coloco algumas coisas de necessidade na bolsa e saio correndo do quarto.

Eu não vou aceitar de cabeça baixa o que Sawyer quer. Se combinamos na terça, ele precisa esperar até terça. Isso está ficando patético.

Saio de casa e abro a garagem. Com uma velocidade impressionante, tiro meu carro e dirijo. Pego o celular, conecto-o ao painel e ligo para NACIONAIS - ACHERON

Sawyer. Ele atende no primeiro toque.

— Estou chegando.

— Perda de tempo. Rá! Fui mais rápida que você e já saí de casa. Vou tomar café fora, e passar o dia em algum lugar curtindo numa boa. Me deixa em paz. — Termino de falar cantarolando e desligo. Dou várias risadas que evoluem para uma gargalhada alta e reconfortante. Estou me sentindo livre e dona do mundo. Abro as janelas do carro, ligo o som e começo a cantar a plenos pulmões uma música qualquer. O celular pisca chamando. Eu abaixo a música e atendo.

— Alôoo! — Cantarolo.

— Então a doce e majestosa Marianne Cooper gosta de joguinhos?

— Não é joguinho, Graham. Eu só não vou permitir que você vá a minha casa exigir algo. É minha casa, minha vida, minha vontade.

— Não vou desviar do meu caminho, Marianne. — Ouço a voz calma e arrogante dele e fico indignada, ele não parece nem um pouco irritado. — Vou à sua casa. Vou bater na sua porta até sua irmã atender e então, gentilmente, vou pedir a ela para entrar e esperar você lá dentro. Posso

bater um papinho com ela, quem sabe...

— Ora, seu...

Freio o carro no mesmo momento. Só para prevenir um acidente. Agora ele me deixou com raiva.

— Desligue o celular para não correr risco, Marianne. Venha logo, estou esperando. Se não aparecer... meu dedo incansável vai para o botão da campainha.

— Está me ameaçando?

— Estou.

Ele desliga e eu fico parada, dentro do carro, feito uma palerma.

O que está acontecendo? Legalmente ele tem direito de fazer essas coisas? Eu posso levá-lo ao tribunal por isso? Tenho que reler o contrato.

Mais uma vez perdi para o maquiavélico terapeuta dos infernos, como Candice nomeou. Fico bastante tempo parada dentro do carro e reviro os olhos quando me vejo sentindo um leve prazer ao pensar em reencontrá-lo. É triste ser apaixonada, é desgastante.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# CINQUENTA E DOIS

MARIANNE

Quando chego na porta de casa, vejo o carro de Sawyer parado sem ninguém por perto. É domingo de manhã e graças a Deus não há testemunhas da minha desventura. Aperto o controle remoto e o portão da garagem abre, guardo meu carro e saio.

Caminho rápido na direção do carro parado do outro lado da rua. A porta se abre e eu entro. Ele está sentado ao volante parecendo uma escultura renascentista no auge da beleza, vestindo bermuda, camiseta azul, óculos escuros e boné.

Não disse nada para mim, quase nem me olhou. Deu a partida no carro afastando-se da NACIONALIS - ACHERON

minha casa. Podem me julgar, sou mesmo uma tola. Estou deixando um homem me controlar com chantagens baratas.

Eu me recuso olhar para ele, viro para a janela fitando a rua e as pessoas. Estou muito irada para me derreter com essa visão abençoada ao meu lado. Ele não me fragilizará. Já bastam as manipulações descaradas.

Ficamos em silêncio completo até chegarmos a uma cafeteria. Sawyer estaciona e desfivel o cinto.

— Vamos comer alguma coisa.

— Quero ir para casa. — Murmuro com um bico mimado nos lábios.

— Depois que comermos, podemos ir ao meu apartamento.

— Para a minha casa, droga! — Esbravejo.

Ele desce do carro, dá a volta e abre a porta para mim. Não desço.

Sei que estou parecendo uma pirralha dando vexame, mas ele tem que saber que tenho voz.

— Marianne, eu não estou com paciência para birras. Desça, você disse que não tomou café.

— Por que está fazendo isso? — Enfim olho para ele.

— Fazendo o que? Tentando te alimentar?

— Não seja tolo, Sawyer.

Ele tira o boné, passa a mão nos cabelos e torna a colocá-lo.

— Porque eu preciso ouvir o que você tem a me dizer. Venha, estamos em um local público, não farei nada com você. Só vamos conversar, prometo. Quero que me conte tudo o que aconteceu. — Noto a grande força que ele está fazendo para manter essa voz baixa, falsamente calma.

— Eu não tenho medo que faça algo comigo. Só não quero ser mandada por ninguém.

— Eu não estou mandando em você, mas às vezes eu perco a noção.

— Às vezes? — Rio ironicamente.

— Desça do carro, por favor. — Ele pede controlando a voz grave. O tom de ordem expresso.

Eu desafivelo o cinto e saio do carro. Ele se afasta para eu passar e bate à porta quando eu já tinha saído. Segura a minha mão, como se tivesse que suportar a filhinha birrenta e me carrega para

dentro da luxuosa cafeteria.

Agora eu percebo por que ele está meio disfarçado. Acho que para ninguém reconhecê-lo e minha imagem ao lado dele ser preservada.

Apesar de tudo, entro triunfante ao lado de um homem desse. É como se só você tivesse o melhor celular do mundo e fizesse questão de mostrar aos outros que você o tem. Sawyer tirou o óculos escuros e o prendeu na gola da camiseta. Ainda ignoro a aparência dele, preciso da raiva bombeando dentro de mim para continuar forte e decidida.

*"Você está sendo arrastada pela mão. Isso não é ser forte e decidida".* Aquela vozinha enjoada sopra no meu ouvido. E nem ignorar a voz eu posso, ela fala a verdade.

Graham olha em volta e me puxa para uma mesa distante, perto de uma janela. Passamos perto de um espelho em uma parede e foi inevitável não olhar para o homem sério me guiando. *Como ele está gato com esse boné e essa camiseta que revela parte do seu bíceps.* Consigo ver um pedacinho da tatuagem e meu corpo se eletriza. Sentamos, Sawyer tem a gentileza de puxar uma cadeira para

mim. Depois acomoda-se a minha frente, empurra um cardápio em minha direção e pega outro.

— Uma torta de framboesa e uma xícara de café. — Peço sem nem olhar para o cardápio. Ele levanta os olhos e me encara.

— O que foi? Vai querer se intrometer no meu pedido também?

O que era para ser uma pergunta sai como uma acusação. Ele me olha com divertimento nos olhos verdes.

— Você come e faz o que quer de sua vida Marianne.

— Sério? — Sibilo, chiando de ironia. — Por um segundo achei que não tinha opção ao ser trazida para cá.

— Não tinha, mas veio por conta própria, eu não a amarrei e nem obriguei a entrar no meu carro.

Dou uma gargalhada de puro nervosismo.

— É mesmo? Vim por vontade própria? Então vou levantar por vontade própria e vou embora.

— Você que sabe. Eu irei com você, poderemos conversar na sala de sua casa. — Ele

sentencia e eu sossego. Ele me olha com aquela cara de todo poderoso. Faz um sinal e uma garçonete aproxima-se. Cabelos vermelhos tingidos e corpo invejável, se posta ao lado dele com um sorriso exagerado. Meus olhos vão dela para o safado ao meu lado. Ele também está todo sorridente.

— Duas tortas de framboesa, duas xícaras de café. — Ele para de falar e olha para mim. — Como quer seu café?

— Puro. — Resmungo.

— Dois cafés puros. Também traga suco e waffles. Ah! E algumas frutas.

A jovem anota e depois sorri exageradamente.

— Mais alguma coisa, Sr. Graham?

Só eu percebi essa insinuação descarada dela? Safada! Ela está quase caindo em cima dele.

— Só isso por enquanto.

— Sim, senhor. — A garçonete me lança um olhar indiferente e se afasta. Com certeza ela sabe o que ele faz na terapia e me vê como sua paciente do momento. Seria ela uma ex paciente?

— Ex paciente? — pergunto sem querer dar ênfase à minha curiosidade.

— Não. Tomo café aqui todos os domingos.

— Hum...

— Quer me contar o que aconteceu de ontem para hoje que te fez agir dessa forma comigo? Ontem estávamos tão bem.

Pronto. Ele mudou totalmente. Agora está com aqueles olhos e voz que me desarmam. Só que não dessa vez.

— Eu sempre acordo para a realidade quando não estou com você, Sawyer. Ontem ninguém teve de me mostrar o que eu preciso fazer. Eu conversei com Ryan pelo telefone e fiquei um pouco sentida. Eu só preciso me afastar de nossos encontros e voltar para a minha antiga vida feliz.

— Então por que tomou um porre? Para comemorar sua emoção de ter falado com Ryan?

Fico muda. Mesmo que o porre não foi em tributo a homem nenhum, eu sei que não fiquei nem um pouco emocionada e alegre em ter falado com Ryan. Já agora estou tão à vontade, mesmo nesse clima de hostilidade que estamos imersos. Sawyer me deixa assim, mas ele nunca saberá. Já



possui um ego do tamanho de um rinoceronte, não vou inflá-lo mais.

— Não tomei porre por causa de ninguém.

Ele assente e fica em silêncio, de braços cruzados me analisando.

Nossa comida chega e eu me calo. Espero a jovem sorridente sair e fixo os olhos nele novamente.

— Conta. — Ele pede.

Provo meu café antes de responder.

— Depois que falei com Ryan... bem, antes ele e eu tivemos uma conversa produtiva. Ele ficou feliz de saber que minha última sessão de terapia é na terça-feira e ele acha que vou tentar fazer dar certo.

— Decidiu mesmo tentar?

— Não. Não sinto nada por Ryan. — Confesso, de cabeça baixa.

— Então acabe com tudo, não fique presa a ele.

— Estou pensando seriamente nisso, Sawyer. Não dá para eu levar esse relacionamento adiante sem sentir nada por ele.

— Sério mesmo?

— Sim, estou pensando em falar com ele amanhã. Vamos jantar e...

— Na terça, você já estará desimpedida completamente, certo?

Dou um breve sorriso e meneio a cabeça em um talvez. Ele se mostra muito satisfeito.

— Conversou com Candice?

— Sim.

— Nada de relevante?

Ergo os ombros indiferente.

— Nada, a mesma ladainha de que você é um homem vazio e que só vai me fazer sofrer.

Agora a expressão dele se fecha e Sawyer fica claramente muito zangado.

Pego o garfo para provar a torta. Ele ainda me observa.

Olho torto e sem dizer nada continuo a comer. Que se dane, Sawyer, estou com fome e não vou gastar tempo conversando.

Provo o suco de laranja, e os waffles com creme. Estou me sentindo empanturrada, até as tampas depois de alguns minutos. Ele apenas tinha

beliscado uns pedacinhos aqui, outros ali. Está bebendo café agora me olhando. Fico meio intrigada, já o presenciei comendo e ele compete seriamente com um leopardo. Por que não comeu nada agora?

— Ainda não me contou o motivo do porre — diz, passando os olhos no meu prato verificando se já terminei.

— Não teve um motivo específico, já falei. Foi só uma forma de escapar um pouco de tudo isso.

— Ok. Eu entendo. — Ele gesticula, como se deixasse o assunto de lado — Mary, vamos começar pra valer depois de terça-feira?

Não respondo. Fico calada olhando para minhas unhas.

— Sawyer, você disse a Candice, dois anos atrás, que o sexo seria mais prazeroso com alguém que quisesse beijá-la e acordar com ela ao lado.

— Sim, eu disse isso. Disse para ela se libertar de mim. A mulher estava obcecada.

— Nossa última consulta é na terça. Não seria melhor que fosse no seu consultório, apenas a parte teórica? Como você fez com ela e com NACIONAIS - ACHERON

outras... Você então pode me ajudar a seguir em frente como ajudou Candice.

Eu vejo várias emoções tomarem o rosto másculo, o queixo levemente quadrado se enrijece junto com o maxilar. Ele desvia o olhar e, pela primeira vez na vida, eu o vejo inseguro. Mantém os olhos baixos. Parece que há uma luta acirrada dentro dele. Depois do que pareceram séculos, ele levanta o rosto para mirar meus olhos.

— Eu quis libertar Candice... mas não quero o mesmo com você. — Confessa e eu fico apavorada. — Será que não percebeu até agora? Você é esperta, Marianne. Isso não pode ser apenas uma terapia vazia. Tem algo mais envolvido. Sabe que tem. Sinto por você coisas que não senti por ninguém. Fica comigo, cacete.

Eu fico sem fala, completamente muda. Angustiado e com uma necessidade palpável, ele segura minha mão.

— O que você quer nesse momento?

— Sawyer...

— Apenas responda, Marianne. — Chega a bater uma ânsia aqui dentro quando olho para esses olhos cheios de intensidade, fixos em mim em

busca de alguma resposta.

— Eu quero... eu não sei...

— Gosta quando a gente faz sexo?

— Sim.

— Quer trepar comigo agora?

— Graham! — Exclamo, constrangida. Ele nem se importa.

— Responda. Já devia estar acostumada com minha linguagem.

— A gente fez isso ontem... — respondo quase sussurrando e olho para os lados verificando se está ouvindo nossa conversa nada recatada.

— Não te perguntei isso. Quero saber se você quer repetir hoje.

Ficamos em silêncio. Engulo em seco e sem poder mentir, respondo:

— Sim.

— Então, venha comigo ao meu apartamento. Eu também estou querendo.

— Não, Sawyer. — Puxo minha mão.

— Por que não? Desejamos um ao outro, por que esperar pela terça se podemos ir hoje?

— Porque foi o combinado.

— E por causa de um orgulho besta você vai perder momentos felizes? Além do mais, o combinado pode continuar de pé. Vamos hoje e na terça. Permita-se viver, fazer o que quiser, sem se importar com ninguém! — diz, meio fatigado, inquieto por eu estar sendo irredutível.

— Sawyer, se eu for hoje não será uma terapia, vou transar com um homem só porque tenho desejo por ele. Não posso continuar com isso... Prometi que antes de tudo resolveria minha vida. Preciso libertar o Ryan... tecnicamente ele ainda é meu namorado e eu fico meio mal com isso.

— Chega de falar de Ryan. Seja feliz apenas, não seja tão altruísta, faça agora o que mais tarde vai se arrepender de não ter feito. Deixe sua vida real pra lá e venha sentir prazer comigo.

Sem resposta, fico olhando para aqueles olhos sedutores me hipnotizando. Sawyer torna a segurar minha mão. Sinto o toque dele e irei para qualquer lugar que ele me levar. Meu corpo está entregue novamente, junto com meu coração.

Não me culpem, pessoal. Eu estou perdidamente apaixonada por ele e só agora sei que as pessoas ficam assim, tolas e idiotas diante de

uma grande paixão.

Por que ele fez isso comigo? Essa é minha única dúvida. Por que Sawyer manteve marcação cerrada até que eu me resumisse a isso: uma mulher facilmente manipulável, que não quer saber de mais nada senão deitar com ele, beijá-lo e fazer amor, sem se importar com mais nada.

Ele sorri quando percebe que desisti de lutar. Discretamente faz um gesto pedindo a conta.

— Ah! Adoro você, Mary! — diz Sawyer com voz rouca, levando minha mão até os lábios e beijando-a.

A conta chega, ele paga e saímos juntos da confeitaria. O lugar é perto do apartamento e logo chegamos.

Cordialmente ele abre a porta do carro e me ajuda a descer. Não acredito que estou de novo na casa dele, apenas 24 horas se passaram. Acho que um viciado em anfetamina se comporta dessa maneira, sempre voltando para procurar mais droga para saciar seu vício.

Entramos no elevador, ele digita alguns números em um painel e passa um cartão. Quando começamos a nos mover dentro daquela caixa de

metal, Sawyer avança para cima de mim como um touro. Antes de abaixar a cabeça em minha direção, vira a aba do boné para trás, captura minha boca com os dentes e em seguida me dá um beijo tão quente que me faz derreter. Agarro na camiseta dele com força e devolvo toda a volúpia. Ouço um barulho de algo rasgando. *Será que rasguei a camisa dele?*

As mãos dele massageiam meus dois seios com força e o corpo alto me espreme contra a parede do elevador. Sinto um volume grande dentro da bermuda dele. Ofegante e sem timidez, levo minha mão para baixo e agarro o pacote nas calças dele com a mesma intensidade com que ele massageava meus seios.

— Não consigo me cansar de você. — Sussurra entre nosso beijo molhado. — Por que simplesmente não fica comigo?

O elevador para e caminhamos agarrados para dentro da casa dele. Atravessamos o pequeno hall e fico instantaneamente confusa quando ele me pega nos braços e me carrega para a cozinha. *Ele vai querer me alimentar de novo?*

Minhas pernas automaticamente envolvem a



cintura dele.

— Desde ontem, quando foi embora, eu tive uma ideia que está me corroendo. — Sawyer respira fundo e deixa que eu deslize contra o corpo dele até meus pés tocarem o chão. Tira algumas mechas do meu rosto e o segura entre as duas mãos.

— Eu não... tomei a pílula. — Revelo meio sem jeito.

— Tudo bem. Eu não dei tempo a você. Tire a roupa, volto logo.

Ele sai às pressas depois de me dar um beijo rápido nos lábios. Olho em volta e calmamente tiro minha bolsa transpassada, colocando-a no balcão. Esse era o momento em que eu podia recuperar o controle da minha mente, pois, sem Sawyer por perto, eu consigo raciocinar. Mas simplesmente ignoro qualquer clamor da minha parte sensata. Eu preciso disso, que ele me abrace e me ame e que se dane a consciência.

Despreocupadamente, tiro o vestido ficando apenas de lingerie. Balanço os pés e as sapatilhas com estampa de oncinha caem longe. Sawyer já está de volta, quase correndo, trazendo uma caixa de camisinhas.

Coloca a caixa no balcão e me enlaça em seus braços começando a me beijar. Eu me sinto pequenina nesses braços fortes, me aconchego ao corpo quente que está assim todo aceso por minha causa. Eu me delicio na boca maravilhosa ainda impregnada com gosto de café.

Acho que o café nunca mais será o mesmo.

— Gosta? — pergunta, sorrindo após sentir meus gemidos inquietos, provocados pelo beijo. Eu sorrio também e mordo o lábio inferior dele dando um puxão forte. Sawyer geme baixinho e passa a língua em meus lábios contornando-os, consigo segurar a língua dele chupando-a com força. Ele geme de olhos meios fechados. Nós dois continuamos abraçados nos beijando até ele me levantar e me colocar sentada em um dos banquinhos altos do balcão. Acho que uma nova posição sexual vem por aí.

Eu enfio a mão por debaixo da camiseta dele acariciando o abdômen, seguro forte no peito musculoso deixando-o novamente louco, soltando pequenos e abafados gemidos. Não tenho unhas grandes, mas as que tenho fazem um bom estrago nessa pele macia e quente.

Arranho-a como uma gatinha afiando as unhas. Ele tira meu sutiã e minha calcinha e os joga longe. Finalmente nua, estou à mercê dele e deliciosamente vestido. Prefiro-o nu, mas esse contraste entre nós dois é muito excitante. Agora estou sentada agarrada ao corpo dele enquanto Sawyer me arrebatava com os lábios nos meus e os dedos entre minhas pernas massageando minha vagina. Ele faz umas coisas tão deliciosas que me deixa sufocada de tesão. Ele massageia lentamente os lábios vaginais e, em seguida, passa o polegar contra meu clitóris em uma carícia deliciosa. Isso sem falar no dedo ousado lá dentro. É como se ele testasse meu canal usando um dedo. Enfia, tira, dá umas giradas lá dentro e torna a tirar.

A minha respiração falha, fica presa na minha garganta, o coração palpitando e toda minha pele supersensível, arrepiada de desejo.

Não consigo respirar, mas não quero desgrudar dos lábios dele. Levanto a mão e seguro forte seu queixo para beijá-lo como quero. Meu gesto desajeitado o faz rir.

— Eu preciso da minha boca aqui embaixo.  
— Ele faz um leve movimento com o dedo e em

seguida dá um tapinha, olho para baixo e pressinto que não aguentarei se ele colocar a boca ali.

— Sua boceta chama por mim meu bem. —  
Sawyer continua afagando-a, com toda a mão passando contra ela. Dizendo isso e me deixando com as bochechas quentes, ele desce e abocanha, chupando, sugando com vontade meu interior úmido. Sawyer é muito profissional, ele faz coisas com essa língua...

Eu me equilibro em um banquinho enquanto ele fica de joelhos diante de mim mantendo minhas pernas abertas, chupando, lambendo e beijando meu clitóris, me deixando fora de órbita. Às vezes, ele cisma de puxar a bolinha inchada para dentro dos lábios, com cuidado, com carinho e isso me faz ver estrelas revirando os olhos, sem falar que o sexo oral que ele faz em mim não se reduz aos lábios. Os dedos estão lá, disputando espaço com a boca. Como posso pensar em um dia me ver livre de uma coisa dessas?

Seguro forte no banquinho, meus dedos ficando brancos, minha vagina arrasada por lambidas e chupadas, uma potência devastadora tomando tudo dentro de mim. Os cabelos da minha

nuca ficam ouriçados, meus pés formigam, remexe meu ventre e estômago. Meus olhos viram enquanto minha boca apenas se abre em forma de grito. E então... ele para quando estou quase lá. Levanta-se e vejo seus lábios molhados, os olhos verdes ardendo pelo fogo que nos consome. Eu o puxo pela camiseta que já está toda frouxa de tanto que puxei. Me posiciono sentada no banquinho e recostada no balcão, Sawyer me beija.

Sem esperar, recebo vários tapinhas fracos bem lá embaixo.

Porra! Estou quase gozando e ele ainda começa a me bater lá? Tento fechar as pernas, mas ele não permite.

— Calma, apenas um aperitivo. Não goze ainda.

E ele cumpre sua palavra. Quando estou quase chegando lá novamente ele se afasta e me ajeita no banquinho.

Eu fico meio deitada de lado apoiada no balcão, minha bunda de lado em um banquinho e minhas pernas em outro, toda exposta para ele. Rapidamente um pacotinho de camisinha é rasgado, o zíper da bermuda aberta. Em poucos segundos

sinto ele me penetrando. Seguro firme no banquinho e no balcão enquanto Sawyer começa entrar e sair de dentro de mim em um ritmo desesperador e doloroso de tão prazeroso. Fodendo pra valer.

Agarro a camiseta dele, conforme suas metidas vão descarregando dentro de mim explosões de excitação, o poder gerado pelo pau friccionando firme meu canal úmido.

Meus gemidos começam gradativamente: primeiro apenas suspiros arfantes, depois gemidos e agora gritos, pois ele arremete forte e fundo. É espantoso como eu prefiro que ele seja forte e rápido do que quando me pune com uma trepada lenta.

— Ah! Mais fundo. — Eu peço me sentindo desinibida. Tudo me influencia a ser assim, solta e descontraída.

Sorrio de um jeito safado, adorando ouvir o barulho na cozinha silenciosa. *Ploft. Ploft. Ploft.* Ele mete mais fundo, para e torna a recomençar o ritmo alucinante e eu grito.

— Uau! Ai!

— Você é demais, Mary — resmunga com

uma voz grossa.

Os olhos verdes vidrados em um transe tântrico me encaram sem deixar que eu desvie e, quando começo a fechar os olhos, ele pede que eu continue olhando-o. Sawyer respira ofegante, abaixa-se e toma meus lábios em um beijo, meu seio em sua mão grande e forte, uma mão máscula com dedos ágeis que me fazem gemer.

Os golpes prosseguem, agora mais lentos, ainda em um ritmo de foda normal. Nunca achei que transar com um cara ainda todo vestido pudesse ser tão excitante. Ele está muito gostoso somente com o pau para fora da bermuda. Simplesmente não consigo desviar os olhos dele, nem agora, nem nunca.

— Merda! Nossa! Que gostoso! — exclamo, aturdida. Ele ri e parece mais afogueado com minhas palavras, continua metendo e fazendo minha boceta vibrar e contrair agarrando o pau dele. Sawyer geme quando eu faço isso e mete fundo para sentir tudo que posso lhe dar. As bolas dele ficam apertadas contra minha bunda. Acho que, se ele pudesse, as enfiaria também.

— Porra! Que tesão! Eu quero comer você o

dia todo. Sua boceta tá um inferno hoje, abocanhando pra valer meu pau. — Ele ruge.

Em um ajeito tão rápido que mal percebi, ele pega minhas pernas e agora já estou em apenas um banquinho, de frente um para o outro, ele empurra minhas duas pernas de encontro ao meu ventre, me deixando mais exposta na posição de frango assado. O pau grande dele entra e sai provocando um anseio em meu ventre, um crescente fogo em minhas veias e o tesão crescendo cada vez mais. E acho que posso ser classificada como aquelas coisas que cospem água quente. Qual é o nome? *Gêiser*.

E, conseqüentemente, as socadas ficam mais fáceis por eu estar mais ensopada. O pau dele é um senhor pau, um mastro delicioso que me alucina. Entrando com aquela cabeçona abrindo passagem para ir até o fundo, me deixando mole e quase desfalecendo de tantas batidas frenéticas do coração, respiração pesada e sangue, fazendo todo meu corpo vibrar. Seguro firme na camisa dele, forte mesmo e grito à vontade em meio a um sorriso de contentamento.

— Está gostando de trepar nessa posição?



— Estou! Muito. Não pare! — Agarro a camiseta dele e ele segura meus seios. — Ai! Ah, Sawyer... Que delícia! Não pare... por favor, não pare!

— Está vendo do que você está querendo fugir? Como pretende ficar sem esse pau delicioso te fodendo sempre?

— Babaca arrogante. — Eu suspiro porque ele parou e está fazendo movimentos circulares com o quadril. Adoro quando ele cisma de dar essas reboladas, fazendo o pau dentro de mim me alargar, me deixando mais melada e mais pirada. Ele nota como eu gostei e torna a meter fundo, quando está bem no fundo dá mais umas giradas e eu nem sei se rio ou grito desesperadamente. Só sei que ele também ri e isso me fascina muito. Adoro quando ele me fode rindo.

— Olha como sua boceta chupa mais e mais ele pra dentro. Não fuja disso, Mary — diz em um murmúrio, mantendo-se socado dentro de mim e o dedo fazendo provocações maldosas na parte de fora.

— Vou fazer você gozar. Preparada?

— Sim, por favor. — Seguro no abdômen

dele. Ele me beija e começa a meter com mais força, me levando à loucura, e grito segurando em seus bíceps e sentindo a respiração forte dele no meu pescoço.

Sawyer me arrebenta, ele tem uma pegada forte, segura minha perna e minha cintura, batendo forte o quadril contra mim.

— Ai! Meu Deus! Você é bom demais! — grito com um sorriso bobo, gerado pelo tremor, pela piração toda na qual ele me envolve. Puro fogo, como em uma fogueira, delírio do mais pesado.

— Sei que sou — diz com presunção.

— Safado! — Eu dou um soco no peito dele.

Mostrando os dentes, ele quase gargalha, continua socando e eu subo ao degrau do ápice cada vez mais próximo.

— Está livre, baby. Goze no meu pau. Ponha pra fora toda essa loucura guardada, derrame tudo que puder em mim.

As palavras eróticas e ousadas são um estímulo a mais e eu gozo aos gritos, segurando firme em seus braços. Sawyer continua indo e

NACIONAIS - ACHERON

vindo, enquanto tremo toda, abraçando-o forte, usando o cheiro dele e as socadas profundas para intensificar e prolongar minha liberação.

Ao passo que ele vai diminuindo a velocidade, eu vou me contraindo, travando a boceta contra o pau dele, e ele fica cada vez mais gato e sexy, com os lábios repuxados para cima em um sorriso pachorrento, meio aliviado, com olhos fechados, tipo alguém que está com muita sede e bebe um copo de água bem gelada.

Ele não goza, mas tira a camisinha a descarta na lixeira, e me pega no colo. Coloca minhas pernas em volta da sua cintura e os braços no seu pescoço. Nós nos beijamos, ele esfrega o pênis ereto em mim e meu desejo reacende.

— Aguenta mais umas socadas? — pergunta. Tira meus cabelos da testa e beija minha bochecha, queixo e lábios.

— Agora? — pergunto, me fazendo de sonsa.

— Agora.

— Eu...

— Eu sei. Vou lhe dar um tempinho para se recompor. Enquanto isso o que acha de dar uma  
NACIONAIS - ACHERON

mamada caprichada no meu pau?

Começo a escorregar pelo corpo dele até ficar de pé. Ele me dá aquele olhar safado me pedindo para fazer nele o que fez comigo há pouco. Sem pestanejar, afinal eu estou louca para fazer isso, começo a me ajoelhar, mas ele me faz parar.

— Não, Mary. Não gosto de ver você de joelhos — diz e se senta no banquinho. Eu dou um sorriso cúmplice, adorando o gesto cavalheiro que ele fez. Estamos nus, abraçados e nos beijando. Ele senta, com o pau duro ereto e eu fico de pé, cultuando o corpo à minha frente, descendo as mãos e lábios pela boca dele, passando pelo pescoço, peito e abdômen. Sawyer se apressa em segurar meus cabelos como ele fez no outro dia. E eu me inclino para começar a me esbaldar.

— Engula tudo. — Ele diz e eu obedeço.

*Não precisa nem pedir.*

Não engasgo e chupo pra valer. Minhas bochechas fazendo a sucção necessária e a língua dançando louca contra a cabeça pulsante dele. Ele se recosta no balcão meio deitado para trás enquanto eu faço o serviço. Seguro nas bolas dele, eu as massagueio levemente e meus lábios se juntam

impiedosamente contra a glândula, a cabeça apenas, chupando somente ali.

— Porra! Que boca deliciosa do cacete! — grita e isso me dá mais força. Quero que ele goze na minha boca, quero saber como é ver um homem tão experiente e concentrado se esvaindo em gozos potentes por causa de uma boca inexperiente como a minha.

— Mary! Você é muito boa, muito gostosa. Essa boca é capaz de me levar para o inferno!

Dou uma risada e mando ver. Pau na boca, mão no saco e chupadas delicadas mas eficazes, lambidas úmidas que vão das bolas até a ponta grande. Socadas fortes que quase vão até minha garganta. Ainda não consigo engolir todo, mas pretendo.

Sawyer urra e acaba com minha festa, ele me pega rápido se levantando já com meu corpo em seus braços.

— Não quero gozar ainda. — Ele pega outro preservativo, veste e me leva para a sala.

Chegando lá, puxa uma parte do sofá como se fosse um divã. Senta-se e segura o pau muito duro.

— Venha. Sente aqui no meu colo. Sei que gosta de me cavalgar.

Não me faço de rogada. Nós nos ajeitamos e eu deslizo com ele para dentro de mim sentindo ele me abrindo conforme se aprofunda. Levanto-me e sento mais uma vez experimentando sensações e uma posição reconfortante. Ele agarra meus cabelos atrás da nuca e me dá um beijo gostoso, fico relaxada e consigo, assim como ontem, chegar a um bom ritmo.

Sawyer geme com a voz rouca e joga a cabeça para trás escorando-a em suas mãos que estavam descansando ali. É uma visão do paraíso: ele relaxado, sendo fodido, com os bíceps e tórax meio brilhosos de suor. É muito sexy! E eu aproveitando, cavalgando sem reconhecer a mim mesma.

De frente para mim, ele me abraça e, usando as pernas como alavancas, começa a me foder. Jogo-me contra ele e ficamos praticamente deitados, eu em cima dele, agarrada ao corpo suado, e Sawyer entrando e saindo veloz. Minha boca entreaberta no peito dele, meus seios subindo e descendo e uma sensação alucinante subindo

dentro de mim, criada pelas estocadas fortes dele. Nós dois chegamos juntos à liberação do prazer dessa vez. Ele urrou e eu gritei. Nossos gemidos se misturaram e, como se fosse planejado, um calou o outro com um beijo desajeitado e arquejante.

Ficamos deitados no sofá, agarrados como se nossa vida dependesse daquilo. Agora nos resumimos a dois corpos entrelaçados, suados e ofegantes largados na sala.

*Que delícia de sexo!*

# CINQUENTA E TRÊS

## SAWYER – PARTE 01

*Que delícia de sexo!*

Foi o que eu pensei com Marianne aninhada em meus braços. Estou mais uma vez com ela. Só acredito porque a sinto aqui, acalentada. O corpo suado pelo prazer que compartilhamos há pouco. Hoje reforcei mais ainda minha ideia de não deixar ela escapar. Não vou perder essa mulher por nada, foda-se a questão de que não posso me relacionar por causa do meu passado. Quero ela e pronto. Só não mostro as malditas fotos do noivo com aquela vadia, pois as entreguei a Candice e as cópias estão no consultório. Estou mais tranquilo, pois ela vai terminar com Ryan e na terça-feira mostrarei as fotos, pois ela precisa saber da outra parte

NACIONAIS - ACHERON



envolvida nessa safadeza acontecendo pelas costas dela.

Ainda estou incrédulo, puto de raiva só de pensar que aquela vaca da Candice ludibriou a própria amiga e não contou nada sobre as fotos que dei para ela. Como ela pode ser capaz de esconder isso e ainda dar força para Marianne continuar com aquele sujeito? Acredito que o caso em si machucará Marianne mais do que se pode imaginar e não é por causa de Ryan. Eu fico até com pena dela quando descobrir quem é a tal amante do namorado.

Inclino-me e dou um beijo no alto da cabeça de Marianne, que me abraça apertado. É tão confortável sentir esses braços delicados, ela é minha. Não posso pensar em dividi-la, não posso pensar em deixá-la ir, Marianne pode ser a chave que me levará de volta ao mundo real.

— Quer ir lá para cima? — pergunto.

— Não, Sawyer. Eu vou embora.

— Fique mais um pouco, vamos ficar deitados na cama como ontem.

Guio minha mão pelas costas dela e faço uma carícia na parte entre as duas nádegas. Ela não

respondeu, continua deitada no meu peito. Agora parece mais satisfeita do que antes. Gosto pra cacete quando ela fica deitada em cima de mim se recompondo depois de uma bela trepada. Faço um cafuné nos cabelos dela.

— Tem algo para fazer hoje? — indago.

— Não.

— Então não tem motivo para ir embora.

— É, não tenho. — A voz dela sai leve, conformada.

Suspendo a cabeça e faço com que ela olhe para mim segurando seu queixo.

— A Srta. Cooper está concordando comigo sem brigar?

— É difícil brigar com você quando está nu e me abraçando desse jeito.

— Então esse é o remédio para acalmar você?

— Nem venha com ideias, Sawyer. Só estou recuperando as forças antes de levantar e ser dona do meu próprio nariz.

Eu continuo a fazer o cafuné nos cabelos macios dela. O perfume do xampu exalava me

deixando extasiado. Marianne ronrona toda manhosa.

Se Amanda, Jill ou Beatrice me vissem agora acho que surtariam. Sou conhecido por jamais ficar mais de um minuto deitado com uma mulher depois do sexo. As três já reclamaram sobre isso, todas as outras que eu peguei fora do consultório reclamaram também do meu distanciamento instantâneo. Mas agora, deitado abraçado com Marianne aconchegada ao meu corpo, eu não tenho nenhuma vontade de sair. Quero curtir cada instante com ela.

É como um adolescente se apaixonando pela primeira vez, essa novidade não está me amedrontando como sempre pensei que aconteceria, estou fascinado e querendo mais e mais estar com ela, estou com os quatro pneus arriados por essa beleza.

Volto atrás e lembro de quando pensei que toda essa merda de atração tivesse prazo de validade e que um dia eu me cansaria dela. É a porra de uma paixão e tenho que aceitar isso, nunca tive, nunca fui apaixonado e, quando esse novo sentimento bateu em mim, eu simplesmente passei

a considerar e comparar tudo. Minha vida libidinosa, de cada dia comer uma mulher diferente, não me atrai mais. Eu zoei, aproveitei e curti livremente por 15 anos ininterruptos, agora eu me flagro pensando em um modo de continuar com uma única mulher, exclusiva, só para mim e eu, para ela.

— Gostei tanto de saber sobre seu novo negócio — Ela comenta me tirando do devaneio.

Meu novo negócio. A causa de tudo é Kayla, minha irmã. Quero homenagear a memória dela, fazendo algo que ela aprovaria e deixando pra trás minha vida de prevaricação. Não estou mais de férias, transferi Eva para o hotel, pois não tenho mais consultório. Faço um carinho dengoso na bochecha dela.

— Está sendo ótimo. Eu estou verdadeiramente fascinado.

— Juro que jamais imaginaria. Eu vi a notícia da venda e fiquei fantasiando em ser contratada para trabalhar no design.

— Droga, é verdade! Eu poderia começar a comer minha designer de interiores, sem precisar das regras do consultório.

— Besta. — Ela sussurra.

— Eu pretendo te mostrar algum dia se quiser ir lá.

Ela senta-se e cobre os seios com um braço. Os cabelos em cachos caíram pelas costas e ombros, fazendo um contraste maravilhoso na pele alva. Faço uma carícia no ventre dela. Já estou com água na boca.

— Mostrar? Me levar ao hotel?

Ela não consegue disfarçar o olhar encantado.

— Sim, quer ir?

— Claro que quero! Desde que me falou que estava mudando de negócio, eu fico remoendo e pensando em qual seria. Cogitei de padeiro a ator pornô.

Ergo minha cabeça e beijo o umbigo dela. Marianne empurra minha cabeça e caio de novo deitado nas almofadas.

— Por quê, padeiro? Porque amasso bem?

— Dou um sorriso relaxado.

— Você é muito besta. — Ela ri — Quero ir, sim. Fiquei doida para conhecer tudo no dia do

baile.

Eu continuo olhando nos olhos dela. Poderia ser uma boa ideia.

Meus Deus! É isso. Como pude ser tão tolo? Como não pensei nisso antes? Eu posso dar um tapa de luva na cara de Candice mostrando que posso ser tão normal como o perfeito Ryan ou qualquer outro cara. Mas não é Candice que desejo impressionar, Marianne é meu foco. Se eu der a ela uma prova de que estou mesmo mudando, ela poderá aceitar ficar de uma vez por todas comigo. Sento-me e seguro o rosto dela, encosto meus lábios naqueles doces lábios rosados e macios.

— Vou me vestir — digo. — Vista-se também.

Os olhos dourados de Marianne brilharam de satisfação. Ela sorri e segura meu rosto também, nos beijamos mais alguns segundos antes de nos afastarmos. Ela começa a andar em direção a cozinha onde estão suas roupas e dou um tapa na bunda dela. Marianne dá um gritinho de susto e corre para a cozinha. Fico com vontade de correr atrás dela, mas subo as escadas rindo feito um bobo. Eu me visto como um verdadeiro dono de

hotel. Calça social, camisa branca e um terno esporte por cima. Calço mocassim marrom e penteio os cabelos.

Desço e vejo que Marianne me esperava já vestida. Ela me olha surpresa, os lábios entreabertos pelo espanto.

— O que foi? Sou um doutor, não lembra?

— Claro... Só estou surpresa por você ter que se arrumar para ir me mostrar seu hotel. Nem parece o cara que estava todo nu e fogoso agora há pouco.

— Você mais do que ninguém sabe muito bem o que tem por baixo dessas camadas de tecido.

Passo por ela e pego minha carteira, celular e chaves do carro.

— Eu não posso segui-lo parecendo uma faxineira. — Marianne reclama.

— Você está linda. — Elogio sinceramente.

Passo os olhos pelo corpo escultural escondido atrás do vestido. Sim, ela está perfeita.

— Vamos? — Estendo a mão para ela. Marianne dá de ombros, olha intrigada para meus olhos e depois para minha mão. Decide ceder, e eu

a envolvo em um abraço,

— Um dia cogitei que talvez você fosse cineasta —comenta quando estávamos dentro do carro indo para o hotel. — Acho que por causa daquela parte no consultório, para a terapia sexual.

— Não, mas eu poderia fazer um bom filme.

— Só se fosse erótico. — Ela zomba.

Eu viro para ela dando um belo sorriso de cumplicidade. Pouso minha mão na perna dela e faço uma carícia suave.

— Pensei também em amante de aluguel. — Torna a sugerir.

— Por que só pensa o pior de mim?

— Porque agora que te conheço não consigo vê-lo como um homem normal que tem um escritório no centro da cidade.

— Se eu fosse um homem normal, você aceitaria ter um rolo comigo?

— Mudou de nome? Agora é rolo? Já disse que não nasci para ser amante.

*Mas nasceu para ser trouxa.* Penso com raiva. Marianne vive me recriminando enquanto o



namorado dela faz coisa pior e ela não enxerga.

— Não é muito diferente de casais que namoram — digo, tentando ser indiferente aos meus arrepios de raiva.

— Namoro tem uma certa garantia de duração.

— Nunca temos garantia de nada, Marianne, lembre-se disso. Nem mesmo em um casamento. — Ela não responde. Fica me olhando por um bom tempo. Seu sorriso não ocupava seus lábios, mas sim seus olhos. É nítido como está contente, seus olhos brilham me encarando. Isso conseguiu acabar com qualquer sentimento negativo nascido pela nossa breve conversa. Estou novamente relaxado. Ela vira-se para frente e acaricia minha mão por cima da perna dela. Noto como gosto desse gesto dela, é como se ela me aceitasse nesse momento, só nós dois, queria que isso pudesse durar.

Chegamos ao Kayla Plaza. Eu saio do carro e dou a volta para ajudá-la. Marianne desce olhando deslumbrada para o hotel. Era como se estivesse vendo-o pela primeira vez. Em questão de segundos, um manobrista aparece. E com um sorriso lustroso me cumprimenta polidamente.

— Estacione pra mim, por favor. — Entrego as chaves a um dos meus funcionários.

— Sim, senhor — responde, prestativo, acenando rapidamente para Marianne enquanto entra no meu carro. Pego a mão dela e a levo para dentro. A porta foi aberta por um homem moreno, na casa dos cinquenta anos, uniformizado. Eu troquei apenas pequena parte da equipe de funcionários que veio junto com a aquisição e Ivan é um funcionário exemplar.

— Bom dia, senhor. — Ele me cumprimenta com um leve abaixar de cabeça.

— Bom dia, Ivan. Esta é Marianne Cooper, uma amiga.

Eu tive que apresentar já que o velho Ivan não desgrudou os olhos dela. Todos eles nunca me viram com ninguém, talvez uma ou duas vezes com Jill e agora eu apareço com uma beldade mais comum, normal. É motivo para ficar com uma cara como a que ele fez.

— Seja bem-vinda, senhorita Cooper. — Faz um cumprimento quase igual ao que fez para mim, porém mais cortês.

— Obrigada — responde ela, sorridente, e

entra comigo.

Paro com ela no centro do grande hall.

— Gosta daqui?

— Está brincando? — Ela sorri. — Eu amo esse lugar. Claro que não costumo vir aqui, afinal esse lugar é da elite. Mas quando entrei aqui no dia do baile, foi como se eu estivesse em uma daquelas construções de séculos passados, porém, a modernidade está impressa aqui também — diz, olhando tudo ao redor. Hoje é domingo, não está tão movimentado como os outros dias, mesmo assim há muitos hóspedes.

— Sabe, Graham, eu disse a Ryan naquele dia do baile que uma coisa que eu adoraria seria me hospedar aqui na suíte mais elegante. Queria sentir por um dia como uma celebridade.

— Podemos fazer isso agora. Ou só serve com Ryan?

Marianne me olha meio sem fala, ajeita a franja que cobre sua testa e pisca algumas vezes.

— Bem, não sei nem quem é Ryan nesse momento. — Damos uma risada juntos. Seguro a mão dela e a beijo. — Meu Deus! Estou tão feliz por você, esse lugar é o máximo! Você vai fazer  
NACIONAIS - ACHERON

muito sucesso, eu tenho certeza disso.

Ela avança e me desarma me dando um abraço. Alguns segundos se passam até que eu reaja e a abraço de volta.

— Desculpa, estou mesmo muito contente por você. — Ela afasta.

E eu estou fascinado. Enquanto todos os meus amigos ficaram me desmotivando a investir nesse novo negócio, Marianne está transbordando de felicidade por eu estar dando passos para ser um homem normal.

— Venha, vamos sair daqui. Quer conhecer minha suíte?

Ela leva as duas mãos na boca sorrindo e segura um gritinho. Eu estou maravilhado de ver a felicidade dela.

— Você tem uma suíte? Mas é claro, é o dono — responde.

Eu pego a mão dela e seguimos de mãos dadas em direção ao elevador.

— Sr. Graham. — Arthur me intercepta e cumprimenta.

— Oi, Arthur. Quero que conheça a mais

nova fã do Kayla. Esta é Marianne. — Indico sutilmente para a mulher ao meu lado. — Mary, este é Arthur, meu gerente, o cara que faz isso tudo funcionar direito. — Ele olha sorridente para Marianne. Arthur é sério, quase nunca sorri, mas hoje abre um sorriso sem reservas.

Brevemente ele me explica algo sobre uma nova reunião com investidores. Acho que devido à minha fama e à fama repentina do meu novo negócio, muita gente de posses e status foram influenciadas a valorizar meu hotel. Se continuarmos nessa mesma enxurrada de sorte, em breve, eu poderei construir outro no mesmo nível altíssimo do Kayla.

Arthur se despede e acena para Marianne. Ela acena de volta, parece Alice no país das Maravilhas. E eu, o gato risonho.

Pela primeira vez desde que eu comprei esse lugar, estou contente de mostrá-lo a alguém. Jill apenas torceu o nariz para isso tudo e disse um simples "é bonitinho". Marianne está agindo como minha irmã agiu anos atrás e ambas com o mesmo desejo: se hospedar uma noite aqui.

Ela não me repreendeu quando mostrei o

que vou fazer quando deixar de vez o consultório, não me cobrou nada nem disse que eu não iria conseguir. Ela me deu o abraço que eu não tive de ninguém, que apenas Kayla me daria, com uma felicidade verdadeira. Depois de muitos anos, eu recebi um gesto de alguém que estava feliz por mim.

Chegamos à minha suíte. Logicamente, ficava na cobertura. Eu a separei para mim porque este hotel é mais agradável que minha própria casa, um lugar que eu prefiro ficar quando estou sozinho. Não só pelas lembranças mas porque me faz sentir um homem íntegro, eu apenas deito e fico imaginando que isso tudo eu consegui com suor de muito trabalho não muito digno.

Ela entra e fica parada, aturdida, olhando para tudo. O primeiro ambiente é uma sala de estar com um conjunto inteiro de sala que eu arrematei em um leilão. Não sou fraco. Para chegar onde estou, eu soube gerenciar cada centavo que ganhei. Nesse hotel, espalhadas por saguões, salas e hall, existem diversas peças caríssimas que foram trazidas por mim. Tive a ajuda de Arthur desde o início e ele me dizia o que eu devia comprar e arrematar para dar mais referência ao hotel.

NACIONAIS - ACHERON

Ninguém veio nessa suíte ainda. Antes eu ficava com Jill em outro quarto, até esse ficar pronto. Ela nunca chegou a ver como essa suíte tinha ficado.

Eu me apresso em abrir as elegantes e pesadas cortinas de tecido. A luz do sol clareia tudo. Marianne dá um passo e toca em um quadro.

— Sawyer, é muito lindo. Superou minhas expectativas.

— Eu fico feliz que tenha gostado.

Ela vira-se para mim.

— No dia do baile, eu me senti arrebatada por tanto luxo, fiquei logo com vontade de conhecer melhor esse lugar. Qual a história desse hotel?

— Eu o comprei por causa da minha irmã, Kayla Graham — digo.

Ela não se chamava Graham, mas eu não vou dar motivos para Marianne formular um milhão de perguntas.

— Kayla, sua irmã? Ah Sawyer...

Eu vejo uma grande sintonia entre nós dois naqueles olhos cúmplices e um alto teor de compaixão por mim, então eu consigo ver o que

sempre quis. Alguém me vê além da casca. Desde o passado, ninguém nunca quis ou precisou se interessar por mim.

A emoção nos olhos dela ao saber da minha homenagem a minha falecida irmã me contagia, ela me abraça e eu correspondo. Ficamos um tempo assim abraçados. Nesse momento não há mais como negar, nós nos queremos mutuamente.

Marianne tem que entender isso e fazer nós dois felizes, pois, sentindo o coração dela, eu sei que ela também deseja.

Ela se afasta e olha nos meus olhos.

— Você não é vazio como Candice me disse ontem — diz em tom de constatação, como se tivesse descoberto esse fato nesse momento.

— Acho que estou voltando a ser repleto.

— Sim, está. Você é um homem incrível.

Meu coração pesa quando ela fala isso. Escondo tanto sobre mim, Marianne nunca imaginaria quem está por baixo dessa bela fachada de homem poderoso e incrível.

Ela olha para a porta que leva ao quarto.

— Venha ver. Eu quero inaugurá-lo com



você.

— Jill nunca esteve aqui? — pergunta, sem se mover do lugar. Eu já estou perto da porta. Paro e volto para buscá-la.

— Jill esteve uma única vez e foi totalmente contra eu comprar esse lugar. Essa suíte não estava pronta ainda e ficamos em outro quarto.

— Contra? Por quê?

— Ela acha que ganho mais dinheiro sendo terapeuta sexual, acha que devo investir no que sei fazer de melhor e não quer que eu me torne um engravatado chato.

— Gostaria muito de ver você como um engravatado chato.

— Sério?

— Disse que gostaria, não tome isso como sinal.

— Me deixa sonhar em paz! — digo e ela dá uma gargalhada.

Abro a porta, espero ela entrar e entro logo atrás.

Ela olha tudo à volta. Eu fico parado com as mãos nos bolsos da calça olhando para ela.

Marianne aproxima-se da cama, passa a mão nos lençóis, depois olha para o grande espelho com moldura em cima de uma cômoda do século XIX. Eu não estou mais suportando, vou e a abraço por trás. Ficamos nos mirando no espelho. É incrível como nós dois somos bonitos juntos. Como aqueles casais que a gente vê na rua ou em comercial de TV e nota que eles se merecem. Marianne e eu formamos uma bela dupla.

— Não seria maravilhoso se a gente pudesse fazer algumas brincadeiras e depois almoçarmos aqui? Meu hotel oferece um excelente cardápio e serviço de quarto.

— Ai, meu Deus! Assim eu vou me sentir passando o meu tempo com um daqueles empresários milionários que leio nos romances.

— Não se iluda, minha querida. Você sabe que não sou elegantíssimo e sutil quando estou sem roupas.

— Gosto do Sawyer sem roupas — diz animadamente, mordendo os lábios e fazendo uma cara maliciosa.

Meu pau cresce dentro da calça no mesmo momento em que ouço essas palavras. Viro-a de

frente para mim. Abaixo minha mão até a fivela do meu cinto.

— Droga! Esse cinto está me apertando — digo em uma voz teatral.

— Seria melhor você tirá-lo. Pode não ser bom para a saúde. — Ela também interpreta como eu. Dou uma risada e ela me acompanha. Eu adoro essa Marianne descontraída.

Jogo o cinto longe e tiro o terno. Ela joga a bolsa no chão.

Marianne morde o lábio inferior na expectativa e eu avanço em direção a boca dela mostrando a ela como é uma mordida de verdade. Nos beijamos, ou melhor, vou deixar de eufemismo, devoramos a boca um do outro. Minhas mãos segurando o rosto dela. Ela se afasta alguns milímetros, a respiração contra meus lábios. Os dedos de Marianne agarram com força minha camisa.

— Só por hoje... estou sem medo. — Ela sussurra bravamente, os olhos brilhando fixos nos meus.

— Então... tire o meu fôlego — digo.

Nós dois jogamos a cabeça para trás em  
NACIONAIS - ACHERON

uma gargalhada. Isso porque acabamos de recitar o trecho da música “Take My Breath Away”.

— Somos tão ridículos!

— Somos ótimos juntos. — Eu mordo os lábios dela novamente.

— Ai! — Ela geme.

— Machuquei você? — pergunto verificando os lábios dela com meus dedos.

— Faça de novo para eu saber se machucou. — Ela agarra meu rosto e me puxa mais uma vez para beijá-la.

— Acho que, apesar dessa música ser um fóssil, é a que melhor nos define. — Eu digo entre o beijo, lembrando. Ela diz: "sem dúvidas" em meio ao riso e continuamos nos acariciando.

# CINQUENTA E QUATRO

SAWYER – PARTE 02

Acho que por causa das emoções que sentiu recentemente, Marianne está mais desinibida. Ela percorre as mãos do meu rosto ao meu pescoço. Apalpa com cuidado demorando longos minutos em meu peito, minhas costelas e abdômen. Os dedos dela por baixo da minha camisa são incríveis, me deixam desesperado de prazer.

Meu pau anseia por sair logo da cueca e da calça, sinto que já está liberando as primeiras gotinhas do pré-goço. Então me lembro da camisinha. *Droga!* Acho que eu não as tenho aqui. Entretanto, não tive tempo de pensar mais sobre isso quando ela enfia a mão na minha calça e

NACIONAIS - ACHERON

segura com força minha joia de família.

— Ai! Merda! Que delícia. — Sorrio e gemo. Com o tesão estampado em todo meu rosto. Marianne apalpa minhas bolas, sobe os dedos pelo meu pau e o aperta em sua mão. É demais sentir a mão dela dentro da minha cueca disputando espaço com meu pau duro.

— O que faço com você, Sawyer Graham?  
— Ela sussurra a pergunta, o corpo colado ao meu, a mão dentro da minha calça e a boca fazendo torturas alucinantes em minha boca.

*Olha só quem está seduzindo. Quem diria...*

— É impossível numerar o que eu quero que você faça comigo. — Levo minhas mãos para trás do corpo dela e apalpo com vontade aquela bunda suculenta. Levanto o vestido e puxo a calcinha dela para baixo. Marianne se agarra em mim e sei que ela ficou com as pernas bambas.

— Eu quero comer você agora, mas tenho que procurar preservativos — digo, ofegante, desviando minha boca da dela.

Ela olha em volta.

— Caça à camisinha? — pergunta, sorridente.

— Não quer tirar a roupa para ficar mais à vontade quando estiver procurando? Ai você pode abaixar para ver debaixo da cama, naquelas gavetas baixas do closet.

— Sawyer! Safado! — Ela exclama entre a risada.

— Vai que você topa. Um homem tem que ter esperança sempre. — Dou de ombros e começo a desabotoar a camisa.

Ela afasta-se e fica olhando o espetáculo. Desabotoo bem devagar, depois seguro nos dois lados e começo a tirar a camisa como se fosse um gogoboy. Ela ri muito balançando a cabeça em negação, como se eu fosse um idiota.

Diminuo a distância entre a gente. Seguro na cintura dela e a puxo. Marianne apressa-se em mapear meu corpo com as mãos. Eu agarro a barra do vestido dela e o puxo para cima, o tecido passa lentamente pelo ventre, estômago, seios até sair na cabeça e nos braços levantados. A cada centímetro que a peça subia revelava uma parte da pele de pêssego, macia como veludo, mais cheirosa que qualquer perfume, pois era o cheiro de mulher. Seguro a mão dela e a coloco dentro da minha calça

novamente. Marianne ri. Aproximo o nariz da pele dela e aspiro com vontade.

— Não me julgue, sua mão é milagrosa. — Instintivamente ela abre um pouco as pernas, não diz nada mas sei o que o corpo dela quer. Marianne me punheta vagorosamente e eu enfio a mão por baixo das pernas dela arrancando gemidos, estamos bem próximo, um masturbando o outro. Isso é uma troca esplêndida.

— Se continuarmos, vamos começar sem camisinha. — Ela me previne quase sem fala.

— Tem certeza de que não podemos fazer sem? — pergunto sem tirar os lábios dos dela.

— Sei lá. Você é o doutor aqui.

Penso um pouco, não posso me dar o luxo de arriscar. Afasto-me dela.

— Tudo bem. Vou ao banheiro, com certeza, devo encontrar alguma coisa lá.

Caminho para o banheiro e ela senta na cama.

Em todos os quartos dos hotéis, desde as suítes presidenciais aos quartos mais simples, há produtos pessoais, como escova de dentes, absorventes, preservativos, barbeador, entre outras

NACIONAIS - ACHERON



coisas que nós disponibilizamos para hóspedes esquecidos. Acho que as camareiras abasteciam meu quarto também. Abro as gavetas e não é difícil encontrar em um armário caixas de camisinhas. Volto para o quarto e Marianne tinha sumido.

Uma aflição me tomou. Ela teria me dado toco? Não pode ser; estava melosa agora há pouco. Corro pelo quarto.

— Mary. — Chamo e corro para a porta. Antes de segurar na maçaneta, ouço a voz dela.

— Estou aqui, Sawyer.

Volto, aliviado. Ela está saindo da varanda.

— Você já viu isso daqui? — Aponta para a varanda. — Já viu essa vista?

— Sim, já vi.

Então ela pensa igual a mim, nossos gostos são muito iguais. Eu também adoro sentar ali sem pensar em nada.

— Encontrou? — pergunta, olhando para minha mão.

Balanço a embalagem na frente dela.

— Cama. Agora. — Eu a puxo e corremos para a cama.

Antes de subir, tiro minha calça e cueca com ansiedade. Pulo na cama, Marianne já está deitada de costas para cama me esperando.

Eu deito em cima dela sustentando meu peso nos meus braços. Hoje, agora, nesse lugar, eu não quero trepar como sempre fiz. Marianne adorou tudo, eu amo esse lugar e quero fazer amor com ela. Bem carinhoso, como nunca fiz.

Encosto meus lábios nos dela, longe daqueles beijos luxuriosos que a gente sempre troca. Eu a beijo com carinho, cuidado, proteção que eu quero proporcionar. Ela também sente o mesmo, sabe que aquele beijo é diferente. Marianne levanta a mão e acaricia meu rosto, ficamos bem perto nos olhando, um admirando o outro, as respirações se encontrando, os lábios a milímetros de distância. Eu vejo algo nos olhos dourados, diferente de tudo que já vi. Penteio os cabelos dela com os dedos e dou um beijinho casto no canto da boca dela. Por um instante, eu me pergunto se ela também se apaixonou. Acho que não, se estivesse apaixonada por mim, não ia olhar para nada ou ninguém antes de se entregar.

— Eu sinto muito, você deve estar toda

dolorida. Prometo te dar descanso depois dessa.

— Estou bem. — Ela sussurra. — Acha que até terça sua barba vai estar mais crescida? — Ela acaricia meu maxilar e queixo, dou uma breve risada.

— Claro. Não raspo há alguns dias.

— Você fica muito sexy, um gato de barba.

Desço meus lábios pelo queixo dela, dou uma mordiscada na pele macia. Ela segura meus cabelos. Levo minha mão ao pescoço dela inclinando-o e imediatamente molhando-o com minha língua. Marianne respira fundo e eu continuo meu intento. Descendo a boca, me apoio de cada um dos seios, depois de tê-los tirado do sutiã.

Ela joga os braços para cima e segura os lençóis acima de sua cabeça. No lugar dos meus lábios, deixei meus dedos trabalhando incansavelmente em cada mamilo.

Ficando de joelhos, eu tiro sua calcinha e abro as pernas dela. Meto um dedo dentro da boceta rosada e pulsante verificando que já está no ponto.

Tirando e enfiando meu dedo com muita suavidade e o polegar acariciando o clitóris,  
NACIONAIS - ACHERON

consigo levá-la a um êxtase profundo e não fico para trás. Só o fato de sentir a cremosidade dela nos meus dedos, de ouvir os gemidos prazerosos, eu fico fodido de tesão. Cheio de porra até a cabeça da rola.

— Está preparada? — indago.

— Sim. — Ela murmura. Eu pego o pacotinho laminado e abro, visto o preservativo e deito por cima dela. Eu a penetro bem devagarzinho, apesar de estar quase explodindo de desejo, consigo ir com calma. Não é sexo punitivo, é veneração, a paixão que posso demonstrar com meu corpo.

— Ah, Sawyer! — Ela exclama jogando a cabeça para trás quando eu chego bem ao fundo, apertando bem, me inserindo todo. Aproveito e lambo o pescoço dela mais uma vez, subo meus lábios e sugo com ardor os lábios dela que já estavam inchados pelos nossos beijos.

— Nunca use batom, seus lábios são deliciosos desse jeito. Nunca mude nada Mary, você é linda assim, com esses cabelos e esse corpo.

Com meu polegar, faço um contorno nos lábios dela, em seguida, minha mão passa em seus

cabelos. Ela apenas mira meus olhos com uma intensidade absurda. Chega a ser divino o modo como ela me olha, completamente extasiada pelas minhas palavras e meus gestos.

Começo a me movimentar com calma, Marianne me abraça e ficamos bem coladinhos nos movendo tão intimamente, gostoso e excitante que estou quase gozando, tenho que segurar muito para não encher a camisinha tão cedo.

Não paramos de nos beijar e, com muito carinho, ela percorre os dedos pelas minhas costas, deixando-os em minha coxa, me puxando, querendo que eu me aprofunde. As minhas estocadas são fortes e firmes, porém, com um movimento mais delicado, deixando-a entregue, bem molinha, o corpo todo trêmulo e manhoso debaixo de mim. Nessa posição, abraçados e nos movendo em sincronia, ficamos por vários minutos, mas ainda não quero gozar. Enfio meus braços debaixo do corpo dela e, abraçando-a, coloco ela em cima de mim.

Com meu pau todo enterrado nela, Marianne deita-se por cima, me beija, acaricia meu corpo e, já sabendo o que fazer, se levanta e fica

sentada no meu pau. Eu levanto meus braços e acaricio seus seios firmes, alvos e macios. Não consigo mesmo me saciar desse corpo, dessa suavidade natural, desse cheiro. Marianne cavalga devagar arrancando suspiros de nós dois. As mãos dela estão apoiadas no meu peito. É sublime vê-la toda dengosa se movendo devagar, subindo e descendo em cima de mim, deixando meu pau abri-la e chegar ao fundo em um torpor suave, arrancando da minha garganta gemidos involuntários a cada socada. Sentava até o fim e dava tímidas reboladinhas.

É a pior tortura, é de enlouquecer qualquer homem sadio. Eu, aos poucos, subo com ela em um gozo libertador. Nossos gemidos ficam mais altos e eu seguro seus braços, puxando-a para cair em cima de mim. Assim que ela cai, já me beijando, eu a abraço e termino com socadas mais rápidas e fortes, ainda não estou preparado para fazer amor tão languidamente. Gritamos juntos a cada metida vigorosa, a cada som molhado e excitante que meu pau faz ao invadir a boceta dela.

Sinto minhas bolas apertarem deliciosamente e, dentro de mim, uma corrente de esperma vem forte a mil por hora.

NACIONAIS - ACHERON

— Estou quase, meu bem. Falta muito para você? — pergunto, tentando ao máximo não deixar que meu pau coloque para fora todo meu tesão acumulado.

— Continue, Sawyer! — grita meio grogue. Sinto os lábios vaginais dela se contraírem, a carne interior ficando mais úmida e tremores por todo o corpo. É a hora dela. No mesmo momento, cedo à minha ejaculação e ela vem potente pelo meu pau, se acumulando no preservativo. Continuo a socar fundo, mais e mais, ela também gozou, eu gozei e só parou quando a última gota de sêmen foi sugada.

Foi incrível, nós dois chegamos ao clímax ao mesmo tempo. Continuamos abraçados, dessa vez não tão ofegantes, pois não tinha sido algo urgente, forte e vigoroso. Beijo a testa dela e Marianne continua me abraçando forte.

— Deixa eu tirar essa coisa. — Peço, baixinho. Ela abre o abraço e eu saio de dentro dela.

Antes de tirar o preservativo, noto, para meu desespero, que está vazando *Malditas marcas baratas*. Ou será que a embalagem já estava velha? Fico olhando para o preservativo rasgado.

— O que houve? — Ela olha para minha mão.

— Acho que estamos com problemas — digo meio preocupado.

— Não se preocupe com isso, Sawyer. Eu tomo a pílula do dia seguinte, só para ter certeza, como daquela vez.

Respiro aliviado.

— Temos que ser mais cuidadosos. Por isso que eu queria que você tomasse a pílula — digo e volto para me deitar com ela. Puxo-a para perto de mim. Ela me abraça, entrelaçamos nossas pernas e ficamos outra vez, deitados, abraçados, curtindo apenas o silêncio.

Eu não sei ao certo por quanto tempo ficamos assim.

— Conseguiu desmarcar o cruzeiro? — pergunto. Estou mesmo interessado, não quero que ela vá. Amanhã, Marianne termina com Ryan e, na terça-feira, eu conto tudo para ela.

— Acredita que acabei esquecendo? Não sei o que vou fazer...

— Quer que eu resolva isso para você? Tenho alguns contatos que podem...



— Não, Sawyer. Pelo amor de Deus, não.

— Por que não?

— Eu vou resolver, pode deixar.

— Tudo bem então. — Consinto e ficamos em silêncio novamente.

Ela vira-se e me encara.

— Ficou chateado?

— Não, lógico que não.

— Se eu não conseguir desmarcar, acho que vou embarcar nessa viagem — diz, decidida. Eu não gostei de ouvir isso. Pelos meus cálculos, a partir de terça-feira, Marianne estará comigo. Vou fazer de tudo para ela continuar comigo e não vou querer que ela viaje sozinha.

— Vou resolver isso. Alguns amigos de Ryan querem minha passagem. Vou jantar com ele e pedirei que ele apresse a situação.

— Vai jantar com Ryan?

— Sim, amanhã.

— Será o ultimato?

— Creio que sim.

— Ótimo. Na terça você será uma mulher livre. Eu estou livre, uma ótima combinação.

— Eu vou terminar um namoro. Me dá um tempo, não quero que me pressione.

— Ok. — Eu concordo. Confio nela, sei que Marianne vai escolher por nós dois e não ficar sozinha remoendo.

— Quando vai fechar o consultório definitivamente? — questiona ela.

Eu fico pensando na pergunta. Na verdade, já está fechado. Ninguém precisa saber os motivos, apenas eu sei. Marianne também não precisa saber. Não sei como ela pode reagir, é meio volátil e deu muito trabalho para eu conseguir domá-la, não vou estragar tudo agora.

— Estou resolvendo os últimos pendentes. Vou vender o local do consultório e investir em mais hotéis como esse.

Ela quase pula em cima de mim. Sem que nenhum de nós esperasse, ela puxa meu rosto e me beija. *Eita, porra!*

— Graham! Essa notícia é ótima. Meu Deus! Estou tão feliz por você e tenho certeza de que sua irmã ficaria radiante. Acredite, vá em frente, está fazendo a coisa certa.

Eu a seguro em meus braços. Era tudo que  
NACIONAIS - ACHERON

eu tinha esperado ouvir desde que peguei uma parte da minha grana para comprar o hotel. Jill me disse na época que estava jogando meus milhões no lixo. Agora sei que não os joguei, eu fiz a coisa certa e pessoas como Kayla e Marianne sabiam disso.

— Vai construir novos hotéis? — pergunta, interessada.

— Ou vou comprar um já pronto e transformar em algo como esse, estilo vitoriano. — Eu resumo meus planos.

— Eu posso te pedir uma coisa? — Ela senta-se eufórica. Cobre os seios com um lençol e joga os cabelos para trás. Um sorriso brilhante nos lábios.

Eu me encantei por Marianne pela enésima vez.

— Peça.

— Quando construir um novo hotel ou reformá-lo, pode me convidar para... para ser sua designer?

— Vai querer ser apenas minha designer? — pergunto. Minha mão ousada abaixa o lençol que ela cobre os seios. — Deixe-os livres, são lindos.

Ela olha para baixo em direção ao par de seios empinados, meus dedos acariciando-os gentilmente. Ela bate na minha mão empurrando-a para baixo.

— Eu estou falando sério.

— Também estou. Não quero que fique se cobrindo quando estivermos na cama.

— Graham! Estou falando dos hotéis.

— Já está contratada.

— Sério?

Ela bate palminhas de alegria.

— Meu Deus! Você não tem ideia de como será bom para minha carreira, sei que vai aparecer em todos os jornais, você é famoso e o fechamento do seu consultório e sua nova profissão vão dar o que falar. Todos vão ficar de olho no mais novo empresário da cidade. Um empresário que já vai começar por cima e que tem um futuro brilhante pela frente. Quero um pedacinho dessa torta.

Marianne está planejando minha vida? Acreditando em mim e vendo meu futuro como algo promissor? Eu tenho como não gostar dessa garota?

Puxo-a e ela cai em cima de mim. Minha mão segura firme seu bumbum e a outra segura seus cabelos atrás da cabeça. Beijamos sem nos importar com tempo. Ela me abraça e continuamos nos beijando sem nenhuma vontade de parar.

Senti isso nela também. Marianne não quer parar, nem agora nesse minuto nem depois. A vontade que nos queima é igual e será cruel ignorarmos esse fogo que arde quando estamos juntos. Será desumano ela abandonar um cara tão deslumbrado como eu estou.



Depois que deixei Marianne na casa dela, fiquei pensando em tomar uma providência. Na verdade, queria apenas colocar um assunto em pratos limpos. Sem pensar muito, dirigi até a casa de uma pessoa.

Candice ficou pálida quando abriu a porta e me viu.

— Precisamos conversar — digo logo.

Cruzo os braços mostrando que não estou para brincadeira.

Ela sai e fecha a porta.

— O que está fazendo em minha casa? —  
Murmura com raiva na voz e horror nos olhos.

— Vim só olhar para sua cara e perguntar por que não contou ainda para Marianne sobre o noivo dela.

— O que você tem a ver com isso, Graham? Por que não deixa Marianne em paz e vai viver sua vida?

Eu semicerro os olhos. Olho para a cara de pau dela. Como tem coragem de ainda ser petulante? Continua me encarando com o cenho franzido.

— Que boa amiga você, não é mesmo, Candice? Sabe que um cafajeste está enganando sua quase irmã — faço aspas com os dedos — e mesmo assim ainda pretende deixar que ela se envolva mais com ele? — Minha voz de desdém está rouca, minhas entranhas ardem de raiva. Muita raiva acumulada.

— Você. Não. Tem. Nada. A. Ver. Com. Isso! — Ela sibila cada palavra. Vejo nitidamente  
NACIONAIS - ACHERON

que Candice só está fazendo isso para me punir. Ela é uma mulher que guarda rancor. Eu estive com ela e soube como agia quando levava um bolo de um homem. Primeiro, vinha a depressão, depois, a negação e a tristeza, por último, a raiva eterna do sujeito. Candice me odeia por não ter dado vazão aos desejos dela, por ter podado a tempo a luxúria dela para comigo. Ela está usando Marianne para me atingir, é apenas uma vingança pessoal. Eu não a quis, então ela não vai facilitar para mim.

— Você é louca. O que faria se descobrisse que seu marido está traindo você? — Como se tivesse levado um soco no peito, ela empalidece e engole em seco. Fico satisfeito por tê-la atingido. Ela cerra os punhos e range os dentes.

— Não ouse falar do meu marido. Você não sabe nada sobre ele — Candice sussurra, mas sei que é como se gritasse. Coloca o dedo em riste na minha cara.

— Não sei mesmo. Mas olha só sua reação em apenas ouvir essa hipótese. E agora veja só, nem se importa que sua amiga seja traída.

— Então veio aqui para dar lição de moral? Logo você? Se enxerga. Você é um pervertido

nojento que se aproveita de mulheres, não vou deixar que faça o mesmo que fez comigo com a Marianne. Faço tudo para você não conseguir colocar suas garras nela.

— Se dependesse de você, não é? Mas não depende. Posso ser nojento, mas é de mim que ela gosta e é comigo que vai ficar quando eu contar tudo.

— Você não seria tão baixo, não ousaria. — Candice está alarmada com minha atitude.

— Meu sobrenome é ousadia. E você é a baixa e sem moral aqui. Eu devia contar a seu marido o que você anda escondendo de Marianne, pois talvez ele possa ter um pingo de honestidade e avisar a ela.

— Saia! — grita Candice para mim.

— Vou mesmo. Se fode aí.

Dou meu recado, viro as costas e ando em direção ao meu carro parado. Entro e saio arrancando a toda velocidade. A raiva corrói minhas entranhas. Candice não irá colocar o dedo podre entre mim e Marianne mais uma vez. Já vou pegar todas as provas no meu consultório e me preparar para contar tudo a Marianne.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

# CINQUENTA E CINCO

MARIANNE

Na segunda-feira, às sete da manhã, eu já estava de pé no maior pique. Me olhei no espelho e estava toda alinhada em um vestido de linho e meus cabelos soltos. E pensar que mais ou menos um mês atrás, eu era tão sem vida. Mas não há como deixar de mudar estando apaixonada e tendo encontros com sexo tão magnífico. Me sinto melhor, mais viva, mais mulher. Desci, fiz café, preparei tudo, comi, deixei na mesa para Alice e saí, pois queria adiantar muita coisa no escritório e ainda voltar correndo e me preparar para o encontro com Ryan.

Meu dia foi um terror. Tive que correr de

um lado para outro, colocando em ordem os projetos que ficaram pendentes desde o dia em que saí. Nunca gastei tanta gasolina como hoje, nem pude almoçar em casa.

Candice chegou do almoço com uma cara estranha. Fui conversar com ela e parece que está com problemas. Pela cara de múmia meio tensa, meio irritada, o problema deve ser grande.

Fico arrepiada ao pensar que ela possa estar com problemas no casamento. Isso seria um terror para mim principalmente. Quando Candice sofre por homens, ela quer minha atenção 24 horas por dia, e eu fico sem poder fazer nada. Tenho certeza de que Graham a curou e não posso pensar que esse seja o motivo para ela ter chegado daquela forma.

Dou uma batidinha no batente da porta dela. Candice levanta os olhos e me fita meio surpresa.

— Oi.

— Ah! Oi, Mary. Estou tão entretida que...

Eu entro e sento na ponta da mesa. Pego uma pasta que está com outras amontoadas. Ela e Alan ainda não terminaram de desenhar e planejar a parte de encanamento de uma casa que ele pegou. É o primeiro projeto dele, ano que vem se forma e

então nosso escritório terá um engenheiro legítimo.  
Vamos poder pegar construções completas.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Sim, está. Tem visto Sawyer?

Ela pergunta do nada, me surpreende e me deixa sem ação.

— Por quê?

— Nada... Apenas curiosidade.

Eu levanto da mesa.

— Jantou com o Ryan? — Ela também se levanta e vem até onde estou.

— Será hoje.

— Será que vai ter algo mais depois?

Cruzo os braços e fico admirando a euforia de Candice.

— Não, ainda não estou totalmente curada.

— Omito a parte em que, depois do restaurante, não serei mais namorada de ninguém e, possivelmente, estarei bem livre para decidir se terei um relacionamento fixo com Sawyer.

— Mary, não está mesmo se encontrando com aquele idiota, não é?

— Não, Candy. — Viro para ela com a

maior cara de pau. — Eu não vejo Sawyer desde o dia no supermercado. Acho que ele viajou, me deixou de lado. Outra coisa melhor deve ter surgido. — Só de falar isso fico estremecida de repúdio. Meu estômago se revira. Sawyer é meu e...

*O quê? Meu como?* Balanço a cabeça mentalmente para afastar esses pensamentos possessivos. Vejo um brilho estranho nos olhos dela. Candice desvia dos meus olhos e dá de ombros. Conheço essa expressão, é como se ela estivesse sido pega no flagra. Diferente de mim, Candice não sabe esconder emoções.

— Está mesmo tudo bem? — Ela não olha para mim, mexe neuroticamente no monte de pastas fingindo procurar algo.

— Sim, claro. Só estou procurando uma coisa...

Com a mão no queixo e pose pensativa, encaro-a por longo tempo.

— Então tá, tenho que ir agora.

— Não demore muito para levar Ryan para cama ou outra pode fazer isso. — fala quando eu já estou na porta.

Ryan que se dane, Candy, querida. Vai  
NACIONAIS - ACHERON

achando que eu me importo.

— Bem, eu vou voltar para minha sala. Daqui a pouco vou vê-lo. — Saio da sala dela e, no caminho, intercepto Alan.

— Alan, viu Alice por aí? Preciso sair e ela tem que tomar conta de algumas coisas para mim.

— Ela saiu e disse que não voltaria mais hoje.

Merda. Logo no momento em que preciso sair, Alice me deixa na mão.

Candice sai do escritório dela e me olha. Estou na recepção falando com Alan. Eu conheço minha amiga e sei que ela está escondendo alguma coisa. Pergunto-me se Candice está mais uma vez aprontando para me afastar de Sawyer. Quero só ver se eu aceitar ficar com ele a partir de terça-feira. Ela não poderá nem sonhar em se meter.

Ela percebe que estou prestando atenção nela e entra rapidamente fechando a porta. Sim, ela está planejando alguma coisa. Preciso mais uma vez ligar para Sawyer alertando-o. Talvez hoje à noite quando eu estiver sozinha deitada no meu quarto. Longe de ouvidos curiosos.

Volto para minha sala sem querer me

NACIONAIS - ACHERON

preocupar com Candice. Posso ficar louca se for tentar acompanhar as maquinações dela. Sento em minha cadeira, a caneta presa nos meus dentes. Como uma boba, dou um sorriso sacana. Assim como a canção de Madonna, um mês atrás eu estava *como uma virgem*. Hoje, fico envergonhada ao lembrar que sou praticamente uma depravada. Em que mundo eu poderia imaginar que um dia fosse enfiar minha mão dentro da calça de um homem? E o mais assustador: eu gostei.

Começo a ficar úmida com esses pensamentos, então sou avisada por mim mesma de que se eu continuar a colocar lenha na fogueira do meu cérebro, não vou conseguir trabalhar. Preciso parar de pensar nisso e vistoriar todos esses projetos em andamento. Há uma casa que está esperando minha visita desde semana passada.

Ligo o computador e verifico o número do cliente. Releio as informações e ligo para o contato. Após alguns toques, uma mulher atende, eu me apresento e ela é receptiva. Graças a Deus não está com raiva e nem foi procurar outro profissional. Se tudo der certo, daqui algum tempo serei reconhecida quando for trabalhar para Sawyer Graham em algum hotel dele. Mais uma vez ele

NACIONAIS - ACHERON

tenta sorrateiramente invadir minha mente, mas a Marianne sensata e racional está de volta à ativa e o expulsa a pontapés.

Preciso trabalhar agora e não vou deixar nem mesmo Graham me atrapalhar. Após uma conversa breve, decido ir visitar a cliente agora mesmo, ela vai estar à minha espera. Imprimo tudo sobre a casa, coloco em uma pasta, pego minhas coisas e saio apressada. Candice e Alan estão discutindo algo sobre trabalho na frente do computador em uma sala entreaberta, onde ele trabalha, algum dia ele vai ter a própria sala e, quando esse dia chegar, Alan não vai querer mais ser nosso subordinado.

Candice me vê e vem correndo. Quase derruba uma cadeira.

— Aonde vai? — pergunta, esbaforida.

— Visitar um cliente. Por quê?

— Não... Nada.

— Candice, o que está acontecendo? Por que veio correndo como se quisesse me avisar que há um tsunami a caminho e eu não posso sair? — Seguro a alça da bolsa olhando rápido para o relógio. Fixo meus olhos curiosos no rosto meio



pálido dela.

— Porque há um tsunami a caminho — afirma, categórica.

Permaneço inerte, olhando para ela sem entender. Um frio percorre minha espinha. Sei que ela vai me contar uma fofoca fervendo sobre Sawyer. Só pode ser.

— Eu não sei por quê, mas estou escutando uma voz me dizendo, um pressentimento na verdade, que esse tsunami tem a ver com um terapeuta bonitão que você não quer ver nem pintado de ouro. — Abraço a pasta diante dos meus seios e fico esperando a resposta dela.

— Essa voz está certa, amiga. Vá, depois eu conto o que descobri.

— Descobriu? Candice, eu não tenho nada a ver com a vida de Sawyer. Não quero que fique descobrindo coisas sobre ele e venha me contar.

— Isso você vai querer saber.

Fico intrigada com o olhar psicótico dela. Um dos olhos dela pisca algumas vezes e o lábio treme parecendo que está dando pane. Candice me dá medo às vezes.

Meu celular toca. Olho e vejo que é minha  
NACIONAIS - ACHERON

cliente. Pedi para ela me ligar assim que o marido chegasse em casa. Para não elevar o teor de psicopatia de Candice, exibio meu Black Berry para ela.

— Minha cliente. Tenho mesmo que ir. Volto assim que puder e você vai me contar o que andou xeretando sobre a vida dos outros.

— Claro.

Eu saio rápido e entro no elevador. Dá vontade de sumir, fugir de Candice até quarta. Não quero mesmo saber nada, amanhã é meu último encontro com Sawyer e tenho certeza que o que Candice contar vai me acovardar a continuar me encontrando com ele. Se eu conseguir driblá-la até quarta-feira, depois do meu último encontro, então o que ela tem para me dizer não me impedirá de vê-lo mais uma vez. Só não sei se posso abandoná-lo de vez, me recuperando do verdadeiro tsunami em minha vida: o terapeuta.



Saio uma hora depois da casa da minha

cliente. Prometi a ela que amanhã um funcionário vai começar a medir e fazer anotações do local. Em seguida, providencio os portfólios de cores e móveis para ela dar uma olhada.

Ainda dentro do carro, dirigindo de volta para o escritório, decido ir ao apartamento de Ryan. Ele acabou de ligar desmarcando nosso jantar à noite dizendo que tem uma reunião de emergência hoje, que está saindo daqui a pouco e só volta amanhã. Eu não posso esperar até amanhã. Já quero estar livre dele quando for ver Sawyer.

Abro a bolsa e vejo que a caixinha com o anel que ele me deu está lá dentro. Está ali, porque o devolveria à noite. Tiro, coloco no dedo e olho. Lindo, mas não sinto nada em relação a isso. Não usei esses dias, pois não sou cachorra o suficiente para transar com um homem, com o anel de outro no dedo. Olho no relógio e decido que será sem jantar mesmo.

Desvio do meu caminho e dirijo para a casa do meu futuro ex-noivo.



Paro o carro em frente ao prédio. Ryan não atende o telefone. Será que está em casa? Ele acabou de me ligar. Tento mais uma vez, chama até cansar e cai na caixa de mensagens. Eu não tenho a chave da casa dele. Que espécie de namorados éramos? Nenhum tinha a chave da casa do outro. Então vejo alguém saindo do prédio e pulo depressa do carro.

— Oi, por favor! Deixe o portão aberto.

O rapaz gentil deixa a porta de ferro aberta e entro. Subo até o terceiro andar onde meu namorado mora, ele não tem uma cobertura, mas é um prédio legal, em uma área legal, no Brooklin, perto do meu escritório.

Aperto a campainha do apartamento dele e fico esperando. Preciso ficar calma sem pensar em nada. Será bom para mim e para ele. Tomara que ainda esteja aqui.

A porta se abre e Ryan fica branco quando me vê. Quase da cor dos cabelos. Está vestindo apenas um short.

Dou um sorriso iluminado.

— Oi. Olha quem resolveu aparecer! —

digo, fingindo animação. Olho para o corpo dele e vejo que ainda não está vestido. Ele não ia sair agora?

— Mary? O que...

Ele continua na porta, fechando-a mais um pouco.

— Sim, sou eu. Vim para conversarmos, é importante. — Dou um leve sorriso, tentando ser amigável. Ele não ri. Seus olhos ainda estão arregalados. — Ok! Eu sei que é raro eu aparecer por aqui do nada, mas não precisa ficar com essa cara. Não vou te assaltar — digo, animada.

— Ryan, vai me deixar aqui plantada? Minhas pernas vão ficar doloridas. — Eu resmungo. É tão estranho ele não ter me abraçado e puxado para dentro. Não está nem sorrindo.

— Marianne, eu...

Uma coisa passa rápido pela minha mente. Algo que Sawyer sempre me disse. Engulo em seco quando as palavras vêm à minha mente.

— Tem... alguém aí com você? — pergunto com medo da resposta. Minha voz é quase um sussurro. Ele fica mais lívido e com pupilas dilatadas, como se estivesse diante de um perigo

iminente. É nítido como ele está quase desmaiando e, antes de dizer alguma coisa, como obra do destino, alguém grita de dentro do apartamento.

— Ryan, volte logo.

Reconhecendo a voz, eu levo a mão à boca. Meus olhos ficam quase como os de Ryan, mas mais arregalados. Sem querer mais esperar e reunindo uma força que me deixou cega, eu o empurro e entro com tudo. Preciso apoiar em um aparador da sala quando vejo na porta do quarto minha irmã enrolada em um lençol. Sim, Alice, minha irmã, nua no apartamento do meu namorado.

Minha garganta está tampada, meu coração para de bater. Ela me olha aterrorizada e, instantaneamente, lágrimas começam a correr dos meus olhos, sem eu nem perceber. Apenas senti os filetes quentes.

Enganada, essa é a palavra que me define. Enganada por minha própria irmã. Nem ligo para Ryan, mas ela? Logo ela?

E em um passe de mágica, cada Marianne interior começa a me mostrar sinais que sempre estiveram presentes embaixo do meu nariz. Como no dia que eu os encontrei discutindo, a cara

emburrada de Alice quando ele me pediu em casamento e o sorriso dela quando dançou com ele na festa dos pais de Leo. Ou no sábado, quando Alice disse que ele estava lá fora batendo na porta e ela o deixou entrar. Todas as vezes que dormiu fora e todas as vezes que ele não deu indício de que queria dormir comigo. Tola e burra é p que sou. Como não abri os olhos antes?

Eu desconfiava de Ryan, mas com ela?

— Por quê? — Limpo as lágrimas e pergunto, encarando minha irmã. A babaca aqui só consegue falar isso.

— Marianne, eu contar para você, não dava mais para guardar isso... — diz atrás de mim. Eu me viro e dou uma bofetada no rosto dele. Foi tão forte que minha mão doeu.

— Maldito! — Dou um grito. — Por que não terminou tudo comigo? Por que ficou se fazendo de bonzinho e fazendo eu me sentir culpada? — Minha bolsa cai e eu grito muito alto: — Por que ficou comigo?

— Não sei! — grita bem bravo. — Pena, talvez. Pena, Marianne! Você não consegue transar, é cheia de paranoias, tem tempo que quero acabar

tudo, mas Candice sempre me implorou para não te fazer sofrer. Como acha que algum homem vai ficar mais de uma semana ao seu lado, sendo frígida do jeito que é?

Eu poderia gritar que eu tenho o melhor sexo de todos, que um homem com H maiúsculo quer exclusividade comigo, que eu já chupei um pau e que é muito maior que o dele. Mas fiquei sem palavras. Me senti como no dia que Charles me jogou as palavras iguais na minha cara.

— Marianne. — Ele segura a face atingida pelo meu tapa. — Você sempre... Você nunca me deu atenção. — Ele se revolta e recomeça a me acusar. — Sempre voltada a seus próprios interesses, sempre com medo e...

— Cale-se! — Tento bater de novo nele, mas Ryan me empurra. — Filho da puta! Eu podia suportar se você tivesse vindo falar comigo, se tivesse ido atrás de qualquer outra vadia. Mas minha irmã?

Limpo as lágrimas com fúria. Não estou chorando assim por causa dele e sim por ter sido enganada por Alice. Viro-me e olho para a descarada sem-vergonha. Ela está petrificada,



segurando com firmeza o lençol contra o peito. Os lábios tremem tentando falar algo.

— Mary...

Eu me aproximo dela.

— Eu quero bater tanto em você, Alice. Dar a surra que papai e mamãe não deram. Mas não vou fazer isso, você tirou um grande peso das minhas costas. Ainda bem que não me casei com esse desgraçado. Aproveite agora, mas aproveite bem longe da minha casa.

Tiro o anel que Ryan me deu, e seguro a mão de Alice.

— Use essa porcaria, acho que ele sempre quis dar a você. — Eu o coloco sobre a palma da mão dela e viro-me, ele ainda está calado. Pego a bolsa no chão, arrumo-a no ombro e encaro Ryan. Estou trêmula, mas tento parecer calma.

— Quer saber? Pouco me importo com você, acho que tinha pena também de deixar você. O último mês foi o melhor da minha vida. Eu trepei tanto com Sawyer Graham, ele me fez ter muitos orgasmos, ele me acha gostosa e tem um pau muito maior que esses centímetros na sua calça. Já vai tarde, Ryan. — Olho para minha irmã, depois para

ele e saio.

Minha vista volta a ficar turva. Nem pego o elevador, desço as escadas mesmo, sem perceber quando chego lá embaixo.

A imagem de Ryan fazendo sexo com minha irmã vem à minha cabeça. O que mais dói é a traição de Alice. Tudo que eu fiz por ela, convenci meus pais a deixarem ela morar comigo, dei um emprego e iria pagar o curso que ela vai fazer.

Continuou comigo por pena? Nossa, isso me deixa humilhada ao limite. Entro no carro, mas não o ligo. Preciso de apoio. Candice. Pego o celular com as mãos trêmulas e aflitas. Disco o número dela, mas, antes de apertar para chamar, paro e fico pensando. Candice sempre foi muito afeita a Ryan. Sei que ela vai me dizer que eu também o traí. Preciso de alguém que fique 100% do meu lado. E essa pessoa é Graham. Apago o número de dela e digito o de Sawyer. Chama, chama e ninguém atente.

Desligo e tento mais uma vez. Ninguém atende. Desisto. É com Candice mesmo que tenho que desabafar, mas também não atente. Ligo três

vezes para ela e desisto. Ligo o carro e dirijo com a intenção de ir para o prédio onde fica a *Cooper & Monroe associados*.

No caminho, o celular toca, é Sawyer. Atendo imediatamente, apertando um botão no painel.

— Oi, Mary, desculpe. O celular estava no silencioso e não o ouvi chamar. — A voz dele enche todo carro e todo meu peito apunhalado. Paro o carro, é inevitável o pranto. Estou parada no meio da rua chorando copiosamente.

— Marianne, o que houve? Onde você está?  
— A voz dele sai preocupada.

Não consigo falar, apenas chorar com a cabeça baixa no volante. Queria que ele passasse pelo telefone para eu poder ser consolada, para eu me enfiar nos braços dele e esquecer de tudo ao redor.

— Marianne, fale comigo. O que está acontecendo?

Tento me recompor e entre as lágrimas consigo balbuciar:

— Ah, Sawyer... Eu estou destruída.

— Mary, me diga onde está para que eu  
NACIONAIS - ACHERON

possa ir até aí.

Engulo o choro por segundos, para poder responder.

— Estou na rua, dentro do carro.

— Está dirigindo? Pare o carro agora. Digame em que lugar! — grita Sawyer no meu ouvido.

— Estava a caminho do meu escritório quando você ligou.

— Não vá. Pare o carro e espere eu chegar. Não pode dirigir nesse estado — diz totalmente preocupado.

— Sawyer... o que eu vou fazer da minha vida? Estou reduzida a pó. — Soluço, fungando, tentando conter o choro.

— Escute, estou saindo de casa agora. Sabe que rua está?

Olho ao redor e descubro o nome da rua. Vejo que Candice tenta me ligar.

— Há uma ligação. — Eu fungo. — Ligo daqui a pouco.

— Me deixe na espera. — Ele pede meio fatigado.

— Tudo bem.

Eu o coloco em espera e atendo Candice.

— Marianne, o que houve? Vi três ligações suas.

— Candice, minha amiga. Estou acabada.  
— Desabo em mais um rio de lágrimas. Choro mais um bocado.

— Mary, o que houve? — pergunta Candice, aturdida. Imagino-a levantando-se esbaforida da cadeira. Também não consigo falar com ela, apenas choro.

— Marianne, onde você está? O que aconteceu? Pelo amor de Deus, fale comigo!

— Estou no meu carro na rua. — Torno a chorar. — Amiga, Ryan... Meu noivo é um crápula. Estou destruída.

— Calma. — Ela me pede. A voz de Candice tem uma ponta de raiva. — Me diga onde está, vou sair daqui agora.

Eu informo o nome da rua e desligo a ligação. Atendo a de Sawyer.

— Sawyer...

— Estou escutando — responde.

— Desculpa por ter ligado para você.

Candice não atendia minhas ligações.

Mentira. Liguei para ele primeiro.

— Estou chegando. Você me conta tudo quando eu chegar aí. Enquanto isso, não saia do carro, não tente dirigir. Fique comigo no celular. — A voz dele tem um tom urgente. Imagino-o costurando entre os carros a toda velocidade para chegar logo.

Eu me debruço sobre o volante, esperando minutos a fio. Meu carro está encostado. Aos poucos eu vou me acalmando, sei que Sawyer está me ouvindo, isso me tranquiliza um pouco e quando a sensatez retorna aos poucos, limpando minha mente, eu percebo que estou trazendo para cá duas pessoas que não se dão bem. Sei que vai haver briga entre Candice e Sawyer para ver quem me consola. E sinceramente, não estou a fim de escolher entre nenhum dos dois. Decido que é melhor interromper a vinda de algum deles. Como Graham está na linha...

— Sawyer... Está aí?

— Sim — responde. Eu ouço barulho de trânsito ao fundo. Ele está a caminho.

— Escuta, você pode ir para casa. Acho

melhor assim, eu estou melhor. Candice está chegando e eu não...

— Marianne, eu não vou voltar.

Droga! Lembro que estou lidando com um homem teimoso. Muito teimoso.

— Sawyer, eu preciso ficar sozinha e pensar um pouco...

— Não posso te dar esse benefício, sinto muito. E não ouse sair daí. Vou atrás de você de qualquer forma.

Ele desligou. Passo minutos chocada sem saber o que fazer. Ele é tão... inflexível. Custava ter ouvido meu pedido?

Me olho no espelho, paro de chorar. Respiro fundo e meio inerte, fico no carro revivendo a cena que vi e as palavras de Ryan.

Meus pensamentos acabam, e minhas defesas caem no momento que vejo o carro de Sawyer parando a frente. Não consigo me manter sentada.

Desafivelo o cinto e abro a porta. Ele também sai do carro. Andando depressa ao meu encontro. Quase correndo vou para cima de Sawyer e o abraço no meio do caminho. Mais uma vez caio

NACIONAIS - ACHERON

no choro, agora usando o peito dele. Ele fica calado me abraçando forte. Sua mão acaricia meu cabelo. Acho que não faz ideia do que acabou de acontecer comigo. Qual será a reação dele quando eu contar? "Eu te avisei" certamente é o que me dirá. Se Candice não estivesse chegando, eu pediria ele para me levar daqui. Quero sumir no mundo.

Fico abraçada a ele e algum tempo depois levanto meu rosto, ele me ajuda a limpar as lágrimas.

— Está melhor? — pergunta baixinho. A voz fazendo uma carícia gostosa dentro de mim. Sabe aqueles sons e cheiros de lembrança que nos remetem a algo bom? Isso acontece quando aspiro o cheiro dele e ouço a voz rouca. Me sinto confortada, protegida.

— Sim, desculpe pelo meu descontrole. — Afasto-me dele.

— Está tudo bem. Quer me contar o que aconteceu?

Eu dou um suspiro que parece o último da minha vida. Gentilmente Sawyer tira uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— Você tinha razão sobre Ryan. — Levanto



meus olhos tristes para ele.

— Alguém te contou alguma coisa?

Ele me pergunta.

— Não, foi pior. Eu o peguei no flagra com...

Não consigo terminar de falar. Ao lembrar da cachorrada que Alice me fez, fico possessa e choro mais uma vez.

— Mary... sinto muito. — Sawyer murmura, me abraçando de novo.

Aos prantos eu revelo:

— Com minha irmã. Ela que me traiu.

Ele não fala nada e fico agarrada ao corpo dele. Quero que me leve daqui, quero ir para a casa dele e ficar lá até a raiva, tristeza e frustração acabar.

Estou absorta e não vejo Candice chegar. Apenas ouço gritos dela me chamando. Olho e Candice vem praticamente correndo.

Ela não me consola como pensei, vai em direção a Sawyer e começa a bater nele com a bolsa.

— Seu desgraçado! Você contou a ela. Você

não podia ter feito isso. Não podia!

O que eu ouvi de Candice fez eu me afastar. Sempre penso que meu raciocínio não é tão rápido, mas é impressão minha ou Candice está sabendo de alguma coisa? Olho aterrorizada para a cena dos dois lutando. Candice revoltada tentando bater nele, e Sawyer a segurando com facilidade.

— Chega! — grito. Estou a ponto de explodir, minha mente gira confusa. Coloco as mãos na cabeça e jogo meus cabelos para trás. Os dois se afastam e olham receosos para mim. Candice dá um passo para frente, olha com cuidado para mim. Ela se aproxima como se eu fosse perigosa.

— Mary, não escute o que ele diz. Esse homem não sabe nada, ele quer te separar de Ryan e enganar você...

— Cale-se, Candice! — Eu grito. Não vou permitir que ela venha defender aquele crápula. — Sawyer não me contou nada, eu vi. Fui à casa de Ryan e o peguei com minha irmã. — Pronto, mais lágrimas. Só de tocar no assunto, o choro vem.

Ela fica estatelada. Sawyer me olhava apreensivo. As engrenagens da minha mente giram

desesperadas e em velocidade máxima, todas minhas Mariannes estão trabalhando em pesquisas para que eu consiga chegar a uma conclusão. E então uma delas exhibe um papel na mão como um troféu. É a resposta que eu preciso.

*"Desgraçado! Você contou a ela."*

A frase de Candice pulsou forte na minha mente. É uma suposição forte, mais lágrimas descem dos meus olhos. Eu já estou destruída demais para aguentar mais essa. Limpo as lágrimas depressa, enfurecida.

— Vocês dois... sabiam o tempo todo? — Minha pergunta é um murmúrio doloroso. Meus olhos chocados. Candice está pálida, ela própria se entregou. Fixo meu olhar apenas nela.

— Sabia que Alice estava se encontrando com Ryan?

Talvez ela não tenha entendido minha pergunta. Eu a refaço com mais clareza e mais lágrimas nos olhos. Candice está parecendo aquelas pessoas que passam mal em viagem marítimas.

— Sim, ela sabia — responde Sawyer.

— Cale a boca, seu cretino! — grita Candice apontando o dedo para ele. Depois vira-se

para mim. — Sim, eu sabia porque ele foi até mim. Sawyer colocou um detetive na cola de Ryan e tirou fotos. Ele me ameaçou, Mary. — Acusa aos gritos.

Ela está nervosa, mas eu não consigo prestar atenção. Apenas olho para ele, meu olhar pede uma explicação. Quero saber por que ele escondeu isso de mim, por que Candice e Sawyer não me alertaram e preferiram, de um modo tão sádico, me ver feito uma tola morrendo de contradição.

Porra! Graham sabia que amanhã eu terminaria com ele. Candice não sabia que eu terminaria com Ryan e achava mesmo que eu iria me casar com um calhorda?

Depois de não encontrar negação nos olhos do meu terapeuta, minha ferida feita por Ryan e Alice se abre mais, agora esses dois enfiam um punhal maior.

Eu me viro com as mãos enfiadas nos cabelos. Jesus! Estou aqui sozinha. Sem namorado, irmã, amiga ou... o que Sawyer é para mim? Nada. Se eu representasse algo para ele, teria tentado me livrar e não teria ido coagir Candice. Se é que isso era verdade.

— Marianne, entenda que eu não podia contar para você — diz Sawyer com a voz compassada. — Eu vi as fotos de Ryan com sua irmã, até me encontrei com ela quando fui procurá-la, tive raiva dela por fazer isso com você, mas não podia fazer nada.

— Não? — pergunto em meio uma gargalhada histérica. — Claro que não podia, não é mesmo, Graham? Afinal você me queria apenas para saciar seu tesão.

— Não, Marianne, não pense bobagem. Deixei para Candice falar, pois vocês têm laços mais íntimos, eu fiquei com um puta medo de você não acreditar em mim e se distanciar com raiva. — Ele dá um passo em minha direção e eu dou dois me afastando dele.

— Fique longe de mim, por favor.

— Mary, esse homem me fez chantagens terríveis, ele me disse coisas horríveis.

Candice acusa abertamente.

Não consigo parar de olhar para ele. Apesar de tudo, tenho mais raiva de Candice, ela que tinha que ter a responsabilidade de vir me contar. Que droga! Há poucas horas eu estive com ela, contei

sobre meu jantar com Ryan, ela me aconselhou a dormir com ele antes que outra fizesse isso, ou seja, a vaca cretina já sabia de tudo e queria empurrar a tola aqui para um cafajeste.

— Por que não me contou, Candice?

— Amiga, eu ia te contar, estava apenas tentando livrar você desse idiota. — Ela aponta para Sawyer que está tenso, furioso e abalado.

— Ele não tem nada a ver com isso, Candice! — grito neuroticamente às lágrimas. — Sawyer é meu terapeuta, Alice é minha irmã, droga. Você não pode tentar comandar minha vida. — Nem ligo mais de estar na rua, fazendo escândalo. Amanhã deve sair nas revistas, pois há uma celebridade envolvida.

Candice cruza os braços, agora com um olhar petulante.

— Terapeuta? — Ela dá uma gargalhada. — Ele não é nada, Marianne. Esse patife enganou a mim, você e todas as mulheres. Um impostor, um dissimulado, isso que ele é. — Candice expressa sua raiva na voz entredentes. Ela dá um passo e olha com desprezo para Sawyer. Ele está todo tenso, os olhos parados no rosto dela, frios como de

um assassino. Um nervo pulsa rígido no maxilar e Candice tem uma expressão de vingança no rosto.

— Era isso que eu queria contar para você. Eu falei do nosso ilustríssimo terapeuta para um amigo do meu marido. Marianne, você não faz ideia do que os advogados ficaram sabendo.

Ela deixa de olhar para ele e vira-se para mim.

— Sawyer Graham nunca fez uma faculdade. É um charlatão e está respondendo processo por enganar tantas mulheres por tanto tempo, por ostentar um título que não lhe pertence. Ele pode acabar atrás das grades.

Candice fala comigo, mas meus olhos aterrorizados estão fixos em Sawyer.

— Na verdade, não está de férias. Foi obrigado pela justiça a fechar o consultório. Então veja se pode mesmo confiar em um homem que mente para tantas mulheres com uma única intenção: levá-las para cama.

Sem reação alguma, fico apenas calada, olhando pateticamente de um para o outro. Graham ignora Candice, tratando-a com frieza, sua atenção toda em mim. Nós três calados, mas os olhares

diziam tudo. O meu, chocado, o de Candice, petulante e vitorioso e o dele... temeroso. É como se ele estivesse esperando uma mínima reação minha para agir e eu esperando ele desmentir, gritar com Candice, tentar me explicar alguma coisa. Mas ainda está parado feito uma estátua. Apenas parado me olhando.

*Reaja, Sawyer, por favor. — Uma lágrima desce dos meus olhos. — Fale comigo, diga que é mentira.*

Ele não fala. Caio na realidade de que fui enganada cruelmente pelas pessoas mais próximas a mim. É tanta mentira, tanta falsidade. Tudo descoberto em um único dia. Minha amiga que me traiu, meu "sexo perfeito", que, na verdade, é um canalha safado e meu namorado que come minha irmã. Viro as costas para os dois e vou andando rápido para meu carro. Então ele reage.

— Marianne. — Sawyer e Candice me chamam juntos. Eu viro com o rosto banhado em lágrimas. Nunca chorei tanto, nem mesmo aos doze anos quando meu gato morreu ou aos 20 quando meu sexo com Charles foi um fracasso. Viro-me depressa, com hostilidade estampada nos olhos.



— Se têm ainda um pingo de dignidade e se me respeitam ao menos um pouquinho, me deixem ir. Eu não posso mais... Não venham atrás de mim. — Andando trôpega, vou para meu carro. Graham me alcança e segura no meu braço me fazendo olhar para ele.

— Me perdoa, Mary — ele implora com desespero nos olhos —, por favor, me perdoa. Eu...

Se Sawyer sentisse por mim ao menos consideração, ele teria me alertado, sem falar que me coagiu a me tratar com ele sabendo que não passava de um impostor devasso. Puxo meu braço.

— Não tente se explicar. Vai ficar muito pior.

— Marianne, não dirija nesse estado, por favor. Eu vou chamar um táxi e depois levo o seu carro.

— Para, Graham! — grito. — Olha como estou, não quero mais ver você, não preciso de sua ajuda. Se é que tudo foi ajuda. Você me enganou, me ludibriou e ainda me escondeu uma coisa dessas! Droga! O que você é? Um sádico? Viu como eu me sentia, como eu estava me sentindo culpada e não me contou. Não me obrigue a olhar

para você novamente.

Antes entrar no carro, olho para Candice parada no mesmo lugar.

— Eu sou sua amiga, Candice, e se eu estivesse em seu lugar, não iria proteger nenhum homem canalha. Eu não pensaria duas vezes antes de contar para você. Essa é a pior decepção.

Olho para meu ex terapeuta e entro no meu carro. Ambos ficaram parados me olhando partir.

# CINQUENTA E SEIS

MARIANNE

Quando eu era criança, ficava intrigada me perguntando de onde vinha tanta água que sai dos olhos. Acho que hoje ainda não tenho essa resposta. Mas sei que ainda posso chorar na mesma intensidade de quando era criança. Porém, em determinado momento, elas simplesmente acabam. Fico olhando para a água passar embaixo do casco do imenso navio O majestoso *Royal Caribbean*. Em um lapso, me sinto a Rose do Titanic, entretanto não penso em me matar.

Essa é uma viagem que Candice e eu planejamos muito antes de ela cismar em se casar da noite para o dia. Nosso destino seria ir dias antes para Miami, curtir uma boa praia, olhar os caras lindos e fazer compras. Depois, na sexta-feira,

NACIONAIS - ACHERON

embarcaríamos no luxuoso cruzeiro para uma viagem de quatro noites até as Bahamas.

Não estou com Candice, viajei antes para Miami, mas não peguei uma praia nem olhei para homens lindos. Muito menos fiz compras. Antecipei a viagem depois do que aconteceu na segunda e desde terça-feira, quando viajei, apenas me enclausurei no hotel e sofri.

A lembrança de Alice quase nua na sala de Ryan ainda me perturba a todo instante. Como eu pude ser tão sonsa de não perceber? E como Candice pôde saber de tudo e não me contar? Ao contrário, tentou esconder tudo só para me afastar de Graham. É tão bizarro e desumano que não acredito ainda que minha melhor amiga fez isso.

No dia da embarcação, eu tive uma pitada de esperança de alguém me impedir, ainda olhei para trás, não queria admitir, mas meu coração queria que Sawyer viesse e tentasse me impedir, como clichês de filmes. Porém não aconteceu.

Hoje acabamos de sair da ilha *CocoCay*, a primeira parada do cruzeiro. Quando aportamos fiquei olhando a felicidade dos outros passageiros. A maioria casais apaixonados. Eu andei sozinha,

tirei algumas fotos para mostrar não sei para quem e corri de pássaros famintos que tentaram me devorar. Jerry, um passageiro, chegou perto de mim e disse que elas queriam minha comida e não me devorar viva. Fiquei mais tranquila.

Agora, olhando para a água, estou mais calma. Amanhã se completam dois dias de viagem, logo chegaremos a Nassau e voltaremos. Me debruço na grade branca e olho para o alto. O vento em meus cabelos soltos é quase um remédio.

Juntando com os outros dias que fiquei confinada em um quarto de hotel em Miami para que ninguém me incomodasse, se completam hoje cinco dias longe de tudo e todos que conheço.

Meus pais já sabem do que Alice aprontou. Ela teve a decência de ligar e contar tudo. Minha mãe me ligou, mas mesmo implorando para dizer onde estava, eu não falei. Fui muito evasiva e disse que estava bem, precisava apenas de um tempo sozinha.

Candice também me ligou trilhões de vezes. Eu deixei claro em uma curta conversa que não queria conversar com ela nem com ninguém. Antes preciso fazer uma limpeza pesada na minha mente.

As pessoas mais próximas de mim me traíram sem reservas ou pudor. Não tenho que ficar ouvindo eles se desculparem.

Sawyer também me ligou, acho que mais do que com Candice. Atendi apenas uma ligação. A última antes de ir para alto-mar. Estou mais frustrada do que com raiva de Sawyer, não me importo de ele ter investigado Ryan mas me importo de ele saber todo esse tempo e nada dizer. Não me importo com a vida pessoal dele, mas me importo de ser uma das milhares de mulheres que ele enganou. Nunca frequentou a faculdade? E toda a história que me contou? O que de fato foi real?

Queria poder ficar em Bahamas para sempre. Não quero precisar ver nenhuma das pessoas que me magoou, principalmente Candice e Alice. Ryan, eu não preciso mais encarar, e Sawyer, eu acabei tudo na última vez que nos falamos pelo celular. Um ciclo foi fechado, voltei para minha simples vidinha e deixei claro no telefonema na sexta-feira à tarde.

Eu tinha terminado de arrumar minhas coisas no hotel em Miami. Fui para casa na segunda, peguei tudo que era necessário e viajei.

Não encontrei Alice, devia estar com Ryan, aquela safada. Foi até bom mesmo ela não estar em casa. Acho que eu não teria tanto sangue-frio. Acabaria metendo a mão na cara dela.

Agora eu não me importo mais. Que faça bom proveito.

Na sexta-feira, com a viagem marcada para o fim da tarde, eu deixei tudo preparado, liguei para Alan e pedi para ele falar com Candice somente no sábado. Ele sabe mais ou menos, mas não quero dar maiores detalhes.

Na tarde daquele dia, Sawyer me ligou como tinha feito desde que tudo aconteceu na segunda-feira. Ele me ligava, mandava e-mails e mensagens de texto, que eu apagava sem nem ler.

Fiquei olhando para o visor com o nome dele piscando. Não tinha mais por que ignorá-lo, ficaria alguns dias fora e já estava em outra cidade há quatro dias. Eu podia atender e falar tudo para ele. Juntando coragem, eu apertei em atender.

— Diga logo o que quer e me deixe em paz.  
— Minha voz saiu congelante, altamente hostil.

— Mary, que bom que atendeu. — Ele suspirou aliviado. A voz era baixa e meio temerosa.

— É, eu atendi. Agora me diga o que quer.  
— Ignorei o arrepio que a voz dele causa no meu corpo.

— Não podemos nos encontrar para conversar?

— Não, Graham, não podemos.

— Onde está? Eu posso ir até aí — pergunta bem mansinho.

— Estou bem longe e não quero ver você. Por favor, preciso ficar sozinha. — De olhos fechados, acariciei minha testa em um gesto de impaciência. Não posso ficar falando com um homem pelo qual estou nutrindo grande fúria, mas que ainda tem o poder de me fazer fraquejar.

— Sozinha por quantos dias? Porra! Já se passaram quatros dias, você não atende minhas ligações e ainda não quer me ouvir. Será que não mereço uma chance de me explicar? — Ele deixou a postura reservada e se exaltou.

— Não, não merece. Por que eu devo te ouvir? Não temos nada, não vamos mais nos encontrar, eu já deposei seu dinheiro, fechamos um ciclo, Sawyer. Você pode me dizer o que quiser agora mesmo, no celular, e depois cada um segue



seu caminho.

— Então para você é isso? Damos um adeus pelo telefone, a porra do dinheiro no banco e pronto? Acabou? — Definitivamente ele devia estar se descabelando em alguma parte daquele apartamento super chique.

— Como você gostaria que fosse?

— Que a gente pudesse se ver novamente e...

— Não, Sawyer. — Interrompo. — Eu não quero te ver. Estou revoltada com tudo que fez por ter mentido para mim.

— Omitido.

— Que seja. Olha o que aconteceu comigo, estou destruída e o principal motivo que eu tinha para continuar meus encontros com você não existe mais. Primeiro que você não é um terapeuta, é um charlatão. E segundo que eu não tenho mais um noivo que precise dos meus treinamentos para conseguir transar com ele. Não preciso mais dos seus ensinamentos, Graham, não acha que é o fim do ciclo?

Ele fez uma pausa. Fiquei ouvindo a respiração dele e me pergunto onde ele está. No

hotel? Em casa? Por que ficava tentando imaginá-lo andando descontrolado em algum lugar dos quais eu tive os melhores dias da minha vida?

— Agora você está livre para ficar comigo — diz com a voz mansa, quase implorando. — Sabe que somos bons juntos, não será nada escondido, podemos sair juntos e você pode ir dormir na minha casa quando quiser. — Agora notei um pingo de euforia na voz dele, como se tentasse me mostrar uma porta bem linda do paraíso.

— Dispensando sua proposta, Sawyer. Eu sinto muito, ou melhor, não sinto nada. O que tivemos foi suficiente.

— Suficiente para quê? Você não vai conseguir esquecer.

— Vou tentar.

— Por que não tenta dar uma chance para um relacionamento comigo? Posso te mostrar que não sou tão terrível como Candice prega.

— Não é sobre Candice! — grito. — É sobre você ter me enganado, me ludibriado todo esse tempo. Eu não quero, Sawyer. Vou desligar, respeite minha vontade.

— Como pode querer simplesmente se afastar? Não temos nada resolvido, nosso ciclo nunca será fechado se você continuar se retesando e fugindo. Todo esse tempo você fugiu. Sempre por causa das outras pessoas e, agora que está livre, quer simplesmente viver presa em si mesma?

— A vida é minha, eu vivo como quero, droga! Já disse que não quero te ver. Me deixa em paz! — gritei aos prantos, com a voz meio enrolada e rouca. Pronto, já estava acabada, destruída e reduzida a uma cachoeira ambulante.

— Estou com raiva de você. Seja sensato e respeite o que eu decidi.

— E quer ficar sofrendo sozinha remoendo lembranças sem dar uma única chance de tentar concertar tudo? Semana passada a gente viveu um bom momento... Não pode ser tão fria e indiferente.

— Para, Sawyer! — imploro entre lágrimas. Sei que ele vai começar a chantagem psicológica.

— Você precisa crescer, Marianne. Encarar seus problemas, lutar e tentar. O que adianta você se proclamar independente e nada submissa se é uma covarde? Submissas são mais corajosas que você.

— Chega... por favor.

E ele não para.

— Tudo na sua vida sempre foi para terceiros, seu altruísmo não tinha limites e quando se permitiu viver bons momentos comigo deu para trás. Você está com todas as cartas na mão, mas é medrosa demais para jogar uma sequer...

— Cala essa maldita boca! — grito bem alto e imediatamente emendei com voz de *poltergeist*: — Eu me apaixonei por você, porra! Eu não queria, resisti, fui forte, mas não consegui controlar meu tolo coração. Você sabia que era perigoso para mim e mesmo assim me cercou, me fez querer você. Sabe que pode fazer isso com as mulheres, não sou a primeira a ter que viver com uma paixão reprimida por um homem de coração de pedra. Se fugir disso é ser medrosa, então eu sou medrosa. Apenas quero proteger de você os pedacinhos que sobraram da minha autoestima. Me esqueça Sawyer, você não pode me dar o que eu preciso. Já estou destruída demais, não tente alimentar o que sinto por você. Adeus.

Desliguei e caí chorando na cama. A cabeça enterrada no travesseiro, ou melhor, sob o

travesseiro.

Agora caminho pelo convés. Acho que vou ler um pouco, trouxe alguns romances para o navio. Chorei quando terminei de ler um ontem.

Hoje resolvi sair para ver o sol, o vento, as pessoas. No café, tornei a encontrar com Jerry, um ruivo muito bonito. Ele está sozinho, diz que é para descansar, mas eu sei porque um homem bonito e rico vem sozinho a um cruzeiro: pegar mulheres.

Ele está vindo agora em minha direção. Usa apenas calção de banho, a camiseta jogada no ombro e óculos escuros. Os cabelos lisos e vermelhos mexendo contra o vento. Tem um corpo bacana.

— Oi. Precisando de um guia? — pergunta todo charmoso. Lembro-me de Sawyer no mesmo instante. Tudo que eu faço sempre me lembra dele. Não consigo impedir minha mente de fazer isso.

Sorrio para ele.

— Oi, Jerry. Não nos vemos desde...

— Desde cedo. — Ele chega perto e me dá um beijinho na bochecha.

Respiro fundo e caminho pelo convés ao lado de Jerry.

NACIONAIS - ACHERON

Eu não sei o que será de mim quando voltar para Nova York. Sei que não pretendo mais olhar o passado, nem sei como vou perdoar Candice e Alice. Sei que Graham vai me cercar, mas, até lá, ele não vai ter mais poder sobre mim.

O dia está quente e ensolarado. Sinto a mão de Jerry tocar na minha. Eu olho e ele sorri para mim, aperta meus dedos na sua mão, eu puxo e cruzo meus braços. Seguimos caminhando e conversando pelo navio. Dentro de mim, apenas o que sobrou de Marianne Cooper.

# EPÍLOGO

“Isso é mais que um sentimento, (mais que  
um sentimento)

quando eu ouço aquela velha canção que  
eles costumavam tocar

(mais que um sentimento)

eu começo a sonhar

Até que eu veja Marianne ir embora

Eu veja minha Marianne ir embora”

Boston – More Than a Feeling

Sozinho em minha casa eu ouço, repito e  
torno a repetir uma música, “More Than a  
Feeling”. A música que deu origem ao nome de

NACIONAIS - ACHERON

Marianne. Algo que se parece com derrota se apossa de mim e não consigo respirar. Nada à minha volta me seduz, meu hotel está seguindo firme mas não graças a mim. Tenho funcionários competentes.

Estou só o caco: barbudo, de cueca e sem dormir direito. À minha volta, a sala está uma catástrofe: caixas de comida, latas de cerveja, almofadas espalhadas, um fedor de comida e homem sujo, no caso, eu.

Ela escapou das minhas mãos como areia fina. Quando abri os olhos, ela já não estava mais comigo. E assim como na música que canta repetidamente, eu percebo também que estou parado apenas vendo minha Marianne se afastar.

E agora eu me pergunto: quem é o covarde? Eu a acusei de não lutar, mas eu estou lutando? Eu a quero, Marianne é minha e tem que aceitar isso. Nem sei o que fazer, como proceder para trazê-la de volta. Sempre fui bom em seduzir, em trepar, mas quando o assunto é reconquistar, eu não consigo usar nada do arsenal que possuo.

Jill apareceu. Voltou para me pedir perdão, sentou comigo e tentou me convencer a deixar



Marianne em paz. contei para ela que estávamos tendo encontros muito íntimos. Jill disse que sabia desde o início e que se Marianne fugiu só de saber do consultório, imagina depois que descobrir o resto?

Jill me implorou para fazer a barba e ir com ela e os rapazes para uma festinha particular, eu me sentiria melhor e vigoroso. E eu devia ter aceitado, mas a única coisa que fiz foi mandar ela embora.

Nunca achei que eu pudesse ser tão bunda mole, como ela me chamou antes de bater a porta e ir embora.

Agora eu me pergunto se vou aceitar esse título de bunda mole e ficar por isso mesmo. Cadê o Tyler que era a sensação das noites de Amanda? Cadê o Sawyer que podia qualquer coisa e era admirado por onde passava? Estou cagando para o que Jill acha. Que se dane o desejo de Marianne de ficar afastada. Eu me levanto em um rompante e corro para o telefone.

Eu sempre pensei que era invencível, nunca achei que pudesse me ver nesse estado. Jill me alertou quanto a Marianne e o que ela previu aconteceu. Marianne apaixonou-se por mim, e eu,

que não dei ouvidos a Jill, me aproximei dela e não enxerguei o perigo que eu corria. Me apaixonei também.

Ontem quando eu liguei e ela me confessou que está apaixonada, não me afastei com medo como quando percebi que Candice queria ir além do consultório, ou quando milhares de pacientes quiseram me convencer a ter um caso.

Quando ouvi de Marianne que ela está apaixonada, senti algo diferente, uma vontade de satisfazer essa paixão.

Depois de ter dado o telefonema, aparado a barba e tomado um banho, saio com roupas limpas. Mais tarde volto bem mais animado. Comecei a jogar minhas cartas, já que Marianne se recusou a jogar as dela.



## CONTINUA EM:

# O TERAPEUTA 2

Ouçá os meus segredos

## SINOPSE:

Depois de ter descoberto que fora enganada por tanta gente próxima incluindo sua mais nova paixão, o terapeuta, Marianne decide passar um tempo longe de tudo e todos em um cruzeiro nas Bahamas.

Sawyer está rendido à enorme atração que sente por sua ex-paciente e vai atrás dela.

Mas ele sabe que tem muito ainda a vencer para ter ela por completo em sua vida. Mary é diferente de todas as mulheres que já passaram por sua vida e consultório. Ele sabe que, assim que a trouxer de volta, terá que enfrentar os empecilhos e confrontar seu passado pervertido, mas, por enquanto, ele vai jogar para não deixar sua amada

PERIGOSAS

saber de suas escolhas passadas.

É hora do terapeuta se deitar no divã e contar todos os seus segredos.

NACIONAIS - ACHERON

## CONTATO

Entre em contato com a autora em suas  
redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu  
comentário nas redes sociais e  
na **Amazon** indicando-o para futuros  
leitores. Obrigada.